



EMILY
BRONTË

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

Edição comentada

CLÁSSICOS  ZAHAR

Emily Brontë

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

EDIÇÃO COMENTADA

Apresentação:

Rodrigo Lacerda

Tradução do romance:

Adriana Lisboa

Tradução dos anexos:

Maria Luiza X. de A. Borges

Notas:

Bruno Gambarotto



SUMÁRIO

[Apresentação:](#)

[Emily e sua obra-prima, por Rodrigo Lacerda](#)

[O MORRO DOS VENTOS UIVANTES](#)

[Anexos, por Charlotte Brontë](#)

[Nota biográfica sobre Ellis e Acton Bell](#)

[Prefácio do organizador à nova edição de *O morro dos ventos uivantes*](#)

[Cronologia: vida e obra de Emily Brontë](#)

EMILY E SUA OBRA-PRIMA

NÃO É COMUM HAVER, na mesma família, grande concentração de talentos literários. Ainda mais raro, sobretudo na Inglaterra do século XIX, achar três irmãs escritoras. A raridade vira quase milagre quando as três são ótimas no que fazem. Mas esse é o caso das irmãs Brontë.

Seus pais, Patrick Brontë e Maria Branwell, vinham de meios muito diferentes. Ele, de origem humilde, era filho de camponeses pobres da Irlanda, cujo sobrenome gaélico Proinntigh foi inicialmente anglicizado para Prunty, ou Brunty. Educou-se com dificuldade, logrando porém frequentar o St. John's College, em Cambridge, onde finalmente adotou o mais elegante e afrancesado Brontë. Tornou-se um homem culto, autor de poemas filosóficos e religiosos. Foi ordenado padre em 1807, serviu como cura em Essex e depois em Wellington, no condado de Shropshire, publicou um livro de poemas em 1811 e, no mesmo ano, tornou-se vigário em Hartshead, no condado de Yorkshire.

Maria Branwell, inteligente e muito lida, era neta de um bem-sucedido proprietário rural e mercador de chás. Vivia na pequena cidade de Penzance, no condado da Cornualha, onde fazia parte da elite local. A morte dos pais, com apenas um ano de intervalo entre um e outro, presumivelmente atrapalhou suas finanças, pois empregou-se como auxiliar de uma tia no gerenciamento dos serviços domésticos de uma escola – cozinha, arrumação, faxina etc.

Ambos muito religiosos, de confissão metodista, Patrick e Maria conheceram-se em Hartshead, em 1812, e casaram-se três meses depois. O casal Brontë teve ao todo seis filhos. Às duas mais velhas, Maria e Elizabeth, que morreriam ainda crianças, seguiram-se: Charlotte (1816-55), Patrick Branwell (1817-48), Emily Jane (1818-48) e Anne (1820-49) – todas elas poetisas e romancistas, ele pintor e escritor.

Em 1818, quando Emily nasceu, a família já morava na vila de Thornton, também em Yorkshire. Dois anos depois, ao nascer a caçula Anne, o pai conquistou a posição de cura perpétuo, uma espécie de funcionário eclesiástico superior, da igreja de St. Michael and All Angels, na vila de Haworth, a aproximadamente doze quilômetros de distância. Para lá, então, mudaram-se os Brontë. A felicidade não durou muito. Em 1821, quando Emily tinha apenas três

anos, a família foi abalada pela morte da mãe, de câncer.

As três irmãs mais velhas foram prontamente matriculadas num colégio interno, onde durante três anos sofreram abusos e passaram por privações. Aos seis anos, em 1824, Emily juntou-se a elas. Seu curto período na escola foi interrompido por um surto de febre tifoide – ou de tuberculose, as fontes divergem –, que mandaria todas elas para casa. Maria e Elizabeth não resistiram e morreram em pouco tempo. Emily, por sorte, não contraiu a doença.

A partir daí, as irmãs Brontë e o menino Branwell foram educados em casa, pelo pai e por uma tia, Elizabeth Branwell, irmã da falecida mãe. Reza a lenda que Emily, durante três anos, falou apenas com os familiares e os empregados, mais ninguém de fora. Talvez tenha puxado do pai e da tia uma certa inclinação antissocial. Patrick Brontë era um homem severo, de hábitos austeros e recolhido, que passava dias fechado no escritório, onde as crianças jamais podiam incomodá-lo, e jantava sozinho em seu quarto. Também a tia costumava fazer as refeições isolada, sem a companhia dos sobrinhos. Num cômodo à parte, entre uma lição e outra, inclusive de piano e prendas domésticas, as meninas e o irmão faziam companhia uns aos outros, arrumando maneiras alternativas de passar o tempo, entre as quais a leitura dos expoentes do romantismo inglês, como Walter Scott, Lord Byron e Percy B. Shelley, a elaboração de jogos, a composição de poemas e as representações teatrais.

Dessa fase de suas vidas surgiram dois “ciclos” de histórias, escritas e encenadas pelas quatro crianças. O primeiro reúne enredos que se passavam num reino imaginário chamado Angria, concebidos a partir de uma caixa de soldadinhos que o irmão ganhara de presente. As narrativas, “todas muito estranhas”, como escreveria Charlotte mais tarde, tratavam das aventuras daqueles soldados junto ao exército do duque de Wellington, elevado à condição de herói nacional após vencer Napoleão na batalha de Waterloo, em 1815.

O segundo ciclo teve início quando Emily completou treze anos. Ao que parece, ela e a caçula Anne insurgiram-se contra a predominância da vontade de Branwell e Charlotte na condução dos acontecimentos em Angria, e criaram para suas histórias uma ilha fictícia chamada Gondal. Da brincadeira literária propriamente dita sobraram os poemas escritos por Emily e uma lista de personagens e locais em que se passavam os episódios, feita por Anne. Mas a coisa foi muito além de uma simples brincadeira. Os mitos e lendas de Gondal continuaram presentes na trajetória das irmãs Brontë até a vida adulta, como provam trechos do diário de Emily escritos em 1841 e 1845, aos 23 e aos 27 anos, que tornam a mencionar episódios ocorridos na ilha imaginária.

Aos dezessete anos, Emily frequentaria outra vez uma escola, a mesma

onde sua irmã Charlotte agora dava aulas, mas logo foi tomada de saudades de casa e preferiu voltar, sendo substituída pela irmã Anne. Aparentemente, a família não tinha dinheiro para pagar pela educação de todas as crianças ao mesmo tempo, ou então não podia dispensar sua ajuda no trabalho doméstico. Apesar da desistência de Emily e desses obstáculos práticos, já nessa época as três irmãs estavam determinadas a absorver toda a cultura e educação que pudessem, para futuramente abrir sua própria escola.

Aos vinte anos, em 1838, Emily teve também uma experiência como professora, na cidade de Halifax, no mesmo condado de Yorkshire. Sua saúde, contudo, revelou-se frágil pela primeira vez, não resistindo a uma carga de trabalho de dezessete horas por dia, e ela voltou à casa paterna logo no ano seguinte. Tempos depois, em 1842, ela e Charlotte frequentaram o Pensionato Héger, em Bruxelas, na Bélgica, onde cursaram a academia dirigida pelo respeitado Constantin Héger. Nessa época, Emily dedicou-se a escrever ensaios, nove dos quais são conhecidos hoje. Como pagamento por sua estadia, as duas irmãs chegaram a integrar o corpo docente da instituição, Charlotte como professora de inglês e Emily, de música. Foram mesmo convidadas a permanecer na função após o término do período. Contudo, mais uma vez a volta para casa se fez necessária, após a morte da tia Elizabeth.

Emily deixou uma forte impressão no famoso pedagogo belga. Embora contaminado pelo preconceito da época contra o potencial das mulheres como escritoras e intelectuais, sua admiração pela futura autora de *O morro dos ventos uivantes* fica evidente no depoimento que deixou sobre a jovem:

Ela deveria ter nascido homem – um grande navegador. Sua inteligência poderosa teria produzido novas esferas de descoberta a partir do conhecimento acumulado pelas antigas; e sua vontade férrea jamais teria se acovardado por qualquer oposição ou dificuldade, nunca teria desistido, a não ser em caso de morte. Tinha cabeça para a lógica e uma capacidade de argumentação pouco usual em um homem, que dirá numa mulher. Contrabalançando esse dom, havia sua teimosa tenacidade, que a tornava impermeável a qualquer contra-argumentação, sempre que seus próprios desejos e senso de justiça estavam em jogo.

Esse depoimento em primeira mão de Constantin Héger é um dos poucos que restaram sobre Emily Brontë. Isso, claro, afóra os escritos de Charlotte sobre a irmã, que constituem a principal fonte para um perfil de Emily, ainda que obviamente não se proponham a fazer uma análise imparcial de seu caráter. Segundo uma estudiosa contemporânea, Charlotte foi a primeira “mitógrafa” sobre a irmã.¹

Sabe-se que Emily era extremamente tímida, reclusa e apreciadora da solidão. Tinha poucos amigos fora da família, beirando a misantropia, e não gostava de viajar. Sabe-se ainda que seu espírito afetuoso e gentil se manifestava sobretudo no amor pela natureza e pelos animais, com especial carinho pela paisagem úmida e verdejante das charnecas de sua terra natal. Afora a imensidão verde dos campos, seu lugar preferido era a cozinha de sua casa, onde, diz-se, aprendeu alemão enquanto cozinhava, o que revela também sua grande inteligência e disciplina.

Fisicamente, era esguia e a mais alta das irmãs Brontë. Costumava comer pouco e, quando contrariada ou infeliz, não comia de todo. Uma amiga da família deixou o seguinte retrato da jovem escritora:

Emily Brontë, a essa altura da vida, adquirira um perfil longilíneo e gracioso. Era a pessoa mais alta da casa depois do pai. Seu cabelo, naturalmente tão belo quanto o de Charlotte, tinha os mesmos caracóis bem crespos e não muito penteados, e ela possuía a mesma palidez no rosto. Tinha olhos muito bonitos – olhos doces, vivos, úmidos; mas raramente fixava-os em alguém, pois era muito tímida. Eles tinham uma cor que se poderia definir como cinza-escuro ou, em outros momentos, azul-escuro, variando assim. Falava muito pouco. Ela e Anne eram como gêmeas – companheiras inseparáveis e tomadas pela mais completa identificação mútua, jamais interrompida.²

Em *Rainhas da literatura vitoriana*, balanço publicado quase quarenta anos após a morte de Emily, seu retrato não é muito distante:

[Seu caráter possuía] uma peculiar combinação de timidez e coragem espartana. ... Era dolorosamente introspectiva, mas no aspecto físico surpreendia por sua coragem. Amava poucas pessoas, mas a essas poucas dedicava um amor capaz de grandes sacrifícios, terno e devotado. Em relação às fraquezas alheias, era compreensiva e pródiga no perdão, mas sobre si mesma mantinha uma vigília contínua e austera, nunca se permitindo desviar por um instante do que julgava ser sua obrigação.³

De volta a Yorkshire, ao regressar da Bélgica entre 1843 e 1844, as irmãs Brontë tentaram realizar o sonho de abrir sua própria escola, mas o empreendimento fracassou devido à dificuldade de atrair alunos em um ponto tão remoto do condado. Ainda em 1844, Emily começou a organizar e rever todos os poemas que havia escrito, passando-os a limpo em dois cadernos. Um intitulava-se “Poemas de Gondal”, o outro não recebeu um nome específico. No ano seguinte, descobrindo os cadernos da irmã, Charlotte insistiu para que Emily publicasse seus versos. Furiosa com a intromissão, ela resistiu a princípio, mas decidiu embarcar no projeto quando Anne confessou que também estaria

disposta a tornar pública sua obra poética.

Finalmente, em maio de 1846, as três irmãs lançaram juntas um livro de poemas, numa edição custeada por elas próprias. Charlotte contribuiu com vinte poesias, Emily e Anne com 21 cada. Para isso, inventaram pseudônimos que não as identificavam indiscutivelmente nem como homens nem como mulheres, e todos com um mesmo sobrenome, igualmente fictício, Bell. Este era um dos sobrenomes do funcionário do pai, o cura de Haworth Arthur Bell Nicholls, com quem Charlotte acabaria se casando muito depois, em 1854. Na escolha dos novos prenomes, elas preservaram suas iniciais: Charlotte adotou o nome Currer, enquanto Emily e Anne tornaram-se respectivamente Ellis e Acton Bell.

O senso comum da época trataria de garantir a impressão de que eram três escritores, e não escritoras. É evidente que o recurso aos pseudônimos visava assegurar para o livro uma avaliação imparcial, e as três irmãs levaram muito a sério tal anonimato, a ponto de não revelarem suas verdadeiras identidades nem mesmo a seus futuros editores. Emily, mais que todas, parece ter sido extremamente ciosa desse segredo. Ao falar sobre essa escolha, Charlotte/Currer escreveu:

Avesas à publicidade pessoal, cobrimos nossos verdadeiros nomes sob Currer, Ellis e Acton Bell; a escolha ambígua foi ditada por uma espécie de escrúpulo de consciência em assumir nomes cristãos positivamente masculinos, enquanto, por outro lado, não queríamos nos assumir como mulheres, pois – sem suspeitarmos, na época, que nosso jeito de escrever e pensar não era o que se costuma chamar de “feminino” – tínhamos uma vaga impressão de que as escritoras estavam sujeitas a olhares preconceituosos; havíamos notado o quanto os críticos costumavam castigá-las usando a arma da identidade sexual, ou recompensá-las com a bajulação, que não é um elogio verdadeiro.⁴

Apesar do artifício calculado, o livro não alcançou maiores repercussões. A bem da verdade, após um ano disponível no mercado, vendera apenas dois exemplares. Contudo, as importantes revistas literárias *The Athenæum* e *The Critic* destacaram os poemas de Emily. A primeira julgou-os poderosos e musicais, e seu “autor”, um espírito fino e perspicaz. A segunda louvou o surgimento de um escritor com mais força criativa do que a “época utilitarista devotava a exercícios pedantes do intelecto”. Anne também abriu mercado para a publicação de suas poesias em jornais e revistas.

Antes e depois da publicação do romance

Ainda enquanto seu livro de poemas dormia nas prateleiras das livrarias, sem

atrair grandes atenções, as irmãs Brontë testaram-se como romancistas. Charlotte, entre 1845 e 1847, produziu logo dois romances, *O professor* e *Jane Eyre*; Emily, entre 1845 e 1846, escreveu seu único, *O morro dos ventos uivantes*; e Anne, também nesse intervalo, criou seu primeiro, *Agnes Grey*, mais tarde seguido por *A inquilina de Wildfell Hall*, de 1848.

Em julho de 1846 as editoras já estavam analisando *O professor* e os romances de Ellis e Acton Bell. Após algumas recusas, *O morro dos ventos uivantes* e *Agnes Grey* foram aceitos pela casa editorial Thomas Cautley Newby Publisher, de Londres, mas o romance de Currer Bell foi novamente recusado. O editor londrino, entretanto, demorou alguns meses a colocar na rua os dois livros e, relutante, pediu que os autores financiassem parte da edição. Ao que se sabe, isso não ocorreu.

Charlotte, a única que não conseguira um contrato, recebeu em vez disso uma carta de incentivo do editor da Smith, Elder & Co., de Cornhill, cidade da Nortúmbria, outro condado inglês. Na carta, embora também recusasse *O professor*, ele dizia estar interessado em trabalhos mais longos que o sr. Currer Bell se dignasse a submeter para avaliação. Charlotte apressou-se a terminar *Jane Eyre*, que enviou em agosto de 1847. Seis vertiginosas semanas depois, ultrapassando as irmãs, teve seu romance publicado com estrondoso e imediato sucesso.

Finalmente, em dezembro de 1847, instada pelo sucesso do outro “escritor” da família, a Thomas Cautley Newby Publisher lançou os romances contratados, reunidos num conjunto de três volumes, com *O morro dos ventos uivantes* ocupando os dois primeiros. Visando a aproveitar o embalo comercial de *Jane Eyre*, malandramente, a editora anunciou o lançamento como sendo “do mesmo autor de *Jane Eyre*”. A decisão de não revelar suas verdadeiras identidades e a escolha de pseudônimos com o mesmo sobrenome favoreciam tal confusão, o que não impediu os três “escritores” de protestarem por carta, exigindo que a falsa propaganda deixasse de circular.

A cronologia dos acontecimentos se embaralha nesse ponto, mas, para convencer o editor de Charlotte de que os romances não haviam sido escritos pelo mesmo homem, ela e Anne foram à editora, comprovando ser pessoas diferentes, e mulheres. Emily, que se recusou a ir, proibiu-as de revelarem seu sobrenome verdadeiro e grau de parentesco, o que inevitavelmente facilitaria a identificação de quem estava por trás do terceiro pseudônimo. Contudo, a uma dada altura da visita, Charlotte cometeu a indiscrição fatal, provocando a revolta de Emily quando esta soube do acontecido. Também há registro de que a polêmica sobre a identidade e o gênero dos escritores Bell teria se estendido até

1850, só terminando de uma vez por todas quando, no prefácio à segunda edição de *O morro dos ventos uivantes*, após a morte da autora, Charlotte abriu o segredo ao grande público.

Seja como for, o volume reunindo os romances de estreia de Emily e Anne vendeu razoavelmente bem, embora nada comparado ao sucesso obtido por Charlotte. Do ponto de vista da crítica, *Agnes Grey* teve uma acolhida morna, ofuscado pela dramaticidade mais intensa de *O morro dos ventos uivantes*. Ainda assim, a recepção ao romance de Emily também não foi unânime, ou mais do que isso, foi em geral ambígua. Os críticos ressaltavam que havia ali um material de grande força, mas incomodavam-se com certos elementos da composição.

Data dessa época uma carta do editor para Ellis/Emily, na qual é mencionada a existência de um segundo romance em produção, cujo manuscrito jamais foi encontrado. Impossível saber se ele simplesmente se perdeu, se foi abandonado e destruído, ou se, conforme suspeitam alguns estudiosos, a carta na verdade era dirigida a Acton/Anne, que de fato chegou a publicar um segundo romance em junho de 1848. Nesse caso, a troca de nomes na carta seria apenas mais uma confusão gerada pelos pseudônimos.

EMBORA EMILY BRONTË não possa ser considerada propriamente uma escritora pertencente ao período romântico da literatura inglesa, em geral circunscrito entre o final do século XVIII e os anos 1830, duas coisas ela tem em comum com os autores ligados ao movimento: uma vida cheia de passagens dolorosas e uma morte precoce.

Por volta de 1848, o irmão Branwell havia perdido completamente o controle de sua vida. Alcoolatra e drogado – viciado em ópio, talvez –, em seus ataques ameaçava se matar ou então matar o próprio pai. Para piorar, disfarçada pelo uso abusivo do álcool, sua saúde foi corroída pela tuberculose. Em setembro daquele ano, ele morreu.

Pouco depois de seus funerais, foi a vez de Emily contrair um forte resfriado e logo apresentar também sintomas de tuberculose. Assim como as irmãs, ela acreditava que a saúde de toda a família era frágil devido ao clima inóspito da região em que viviam e às deficientes condições sanitárias de sua casa, cujo subsolo, e consequentemente as minas de água utilizadas, estariam contaminados pelo chorume do cemitério junto à igreja onde o pai ainda trabalhava (ele morreria apenas em 1861).

Embora piorasse de saúde a cada semana, ela rejeitou qualquer atendimento médico e os remédios habituais, dizendo que não gostaria de ter ao seu lado

“nenhum doutor envenenador”. Na manhã de 19 de dezembro de 1848, Charlotte, já temendo pela vida da irmã e ainda abalada pela morte recente do irmão, escreveu:

Ela está a cada dia mais fraca. A opinião do médico foi expressa de maneira obscura demais para ter qualquer serventia – ele enviou alguns remédios que Emily se recusou a tomar. Horas tão lúgubres quanto essa eu jamais vivenciei. Rezo a Deus que ampare a todos nós.

Ao meio-dia, Emily se comunicava aos sussurros, com extrema dificuldade para respirar. Finalmente aceitou ser examinada por um médico, mas era tarde. Com apenas trinta anos, morreu naquele mesmo 19 de dezembro, por volta das 14h, num sofá da residência familiar em Haworth. Emagrecera tanto que seu caixão iria medir apenas 41 centímetros de largura. Foi enterrada no mausoléu dos Brontë na igreja de St. Michael and All Angels. Não viveu o bastante para conhecer a perpétua fama literária que *O morro dos ventos uivantes* lhe garante até hoje.

Sua morte deprimiu profundamente Anne. Quando chegou o Natal, também ela apresentou problemas pulmonares. O pai chamou um médico no início de janeiro. O diagnóstico, embora esperado, era terrível: mais um caso de tuberculose na família, com poucas chances de sobrevivência. Ao contrário de Emily, Anne tomou todos os remédios prescritos e logrou prolongar sua vida, com flutuações positivas e negativas do quadro clínico, até maio de 1849, quando morreu. Charlotte, em apenas nove meses, viu-se privada da companhia de seus três últimos irmãos. E a carreira literária das outras Brontë, muitíssimo promissora apesar da pouca idade de ambas, chegara ao fim.

Em 1850, Charlotte fixou definitivamente o texto dos poemas e romances que haviam deixado. Em *O morro dos ventos uivantes*, ela apenas refinou a pontuação e corrigiu erros tipográficos. A única alteração mais substancial diz respeito ao sotaque típico de Yorkshire de um dos personagens, o empregado Joseph, que Charlotte achou por bem abrandar, para melhor compreensão do público. *O morro dos ventos uivantes* teve então uma segunda edição, novamente acompanhado de *Agnes Grey*, além de um prefácio e uma nota biográfica escritos por Charlotte.⁵

Nessa nota biográfica sobre as duas irmãs já falecidas, ela assim definiu Emily: “Mais forte que um homem, mais simples que uma criança, sua natureza era única.”

Um romance de várias faces

O morro dos ventos uivantes pode ser lido como uma história de amor. Mas não de um conflito sentimental simples. Embora o romance gire em torno do triângulo formado pelos personagens Heathcliff, Catherine Earnshaw e Edgar Linton, a característica que distingue o livro é menos essa premissa básica e mais a transformação, para pior, do caráter humano – ou da psicologia, ou da alma, como se quiser chamar – quando exposto ao sofrimento. Os protagonistas e a maioria dos personagens da história, ao vivenciarem a dor, a rejeição, a morte dos entes queridos, têm suas virtudes atrofiadas e suas fraquezas de caráter amplificadas. *O morro dos ventos uivantes*, nesse sentido, pode ser lido como um estudo da degradação humana provocada pelas injustiças e inclemências do destino.

Heathcliff é um menino de rua, sem origem conhecida, posição social ou educação. De pele escura, cabelo escuro, é referido como “cigano” mais de uma vez no romance. Enfrenta um nítido preconceito racial na pequena e retrógrada sociedade rural onde passa a viver após ser adotado pelo sr. Earnshaw, proprietário da fazenda Wuthering Heights. Catherine, filha do sr. Earnshaw, identifica-se com o temperamento indômito do irmão posticho na infância, e se apaixona por ele mais tarde, embora tenha consciência do desnível social e cultural entre os dois. A terceira ponta do triângulo, Edgar Linton, é um jovem de boa família e educação esmerada. Ele irá precipitar os acontecimentos do enredo, fatos dolorosos e agressões mútuas, ao atrair Catherine justamente por ser o oposto de Heathcliff.

Outro eixo do romance é o enfrentamento entre Heathcliff e o irmão biológico de Catherine, Hindley. Este, ainda pequeno, é preterido pelo pai e pela irmã após a chegada do menino cigano em sua casa. Como vingança, sempre que pode agride-o, verbal ou fisicamente, difama-o e humilha-o. Heathcliff, de sua parte, aprende a odiar. O confronto entre os dois personagens atravessará sua infância e vida adulta.

O terceiro eixo do romance é, digamos assim, territorial. Consiste na tensão entre as duas maiores propriedades da região vizinha à cidade de Gimmerton, no norte da Inglaterra: Wuthering Heights, fazenda rústica nas terras altas das charnecas, e Thrushcross Grange, uma mansão cercada por um parque de amplitude descomunal. Oscilando entre esses dois espaços, são triturados os destinos de protagonistas, seus descendentes e agregados.

Outros personagens, igualmente sugados para o vórtice de (des)amor, ressentimento e fantasmagoria, são: o irmão de Catherine, Hindley, e a filha dela,

também chamada Cathy; sua cunhada Frances e o sobrinho Hareton; a irmã e o sobrinho de Edgar, Isabella e Linton; os empregados Nelly e Joseph.

O morro dos ventos uivantes adota uma estratégia narrativa bastante curiosa, e talvez incomum nos romances da primeira metade do século XIX. Aparentemente, tem um narrador tradicional, em primeira pessoa, o sr. Lockwood, homem rico, culto e locatário de Thrushcross Grange, que chega à região por volta de 1801. Essa ilusão de normalidade narrativa se mantém, com mais ou menos rigor, até o fim do terceiro capítulo, quando sua curiosidade é despertada pelo ambiente disfuncional que, por acaso, encontrara numa visita a Wuthering Heights, residência de seu vizinho e locador, o velho Heathcliff. Ele então busca informações com a fiel empregada Nelly. Servindo aos Earnshaw há três gerações, ela sabe por que os habitantes da propriedade são tão estranhos.

A partir daí Lockwood e Nelly conversam e é através de um diálogo, portanto, que ela se torna a segunda narradora. Quando narra, ela também o faz diretamente, usando a primeira pessoa. Se os acontecimentos descritos são remotos, Nelly ocupa a função de narrar; se contemporâneos ao diálogo, Lockwood assume a tarefa. Essa conversa se dá, portanto, entre dois personagens opostos e complementares: um homem culto, de fora da comunidade local, e uma mulher sem ensino formal, nascida na comunidade. Como ambos narram em primeira pessoa, alternam momentos de predominância e, sendo as duas metades da compreensão dos acontecimentos, o conjunto de sua narrativa faz o assombro e a insensatez do que é narrado parecer crível e verossímil.

Mas, detalhe: mesmo Nelly não participou de todos os episódios que narra, alguns sequer testemunhou. Sabe o que aconteceu por terceiros, integrantes do triângulo amoroso ou eventuais personagens secundários. Curiosamente, quando relata o que Nelly não poderia saber por si só, Emily Brontë expandiu a lógica do diálogo e concedeu também a esses terceiros o uso da primeira pessoa. Todos têm sua voz própria, até com eventuais diferenças de linguagem, por uma questão de classe ou por cacoetes individuais de fala. É como se Nelly, ao contar o que disseram, se lembrasse de cada palavra, de cada entonação, de cada vírgula de seus depoimentos. É como se “encarnassem” na empregada. Se admitirmos que essas testemunhas também narram, o livro passa a ter não mais um ou dois narradores, e sim vários.

Mas ainda falta a última face do amálgama literário criado por Emily Brontë. Aquilo que lemos não é, em si, o diálogo entre Lockwood e Nelly: é uma recapitulação do diálogo, feita por Lockwood. Os depoimentos de terceiros, para chegarem até nós, passaram por Nelly e, depois, por ele próprio. Então, ao fim

do livro, é como se o narrador original engolissem todos os outros narradores novamente.

Embora essas alternâncias de voz narrativa venham intermediadas por véus e filtros mais ou menos nítidos para o leitor, e embora ao explicá-los eles pareçam mais intrincados do que são na leitura, o uso da primeira pessoa por todos que contam a história disfarça muito bem a complexidade da estrutura. O leitor, ao invés de sentir-se distanciado da trama, é atraído praticamente para dentro dela. O calor das emoções nos chega sempre da boca de quem as viveu ou presenciou.

O fluxo da história também não é contínuo em *O morro dos ventos uivantes*. Ela começa em 1801, o presente da narrativa; então recua trinta anos, para 1771, quando Heathcliff foi trazido para a fazenda; depois avança uns 27 anos – conforme Nelly recapitula os acontecimentos na vida dos habitantes de Thrushcross Grange e Wuthering Heights –, até se encontrar com o presente outra vez; e por fim avança mais dois anos, chegando a 1802-03.

Tal organização temporal, pode-se supor, era incomum em romances vitorianos, mais tradicionalmente lineares, bem como a complexidade na estrutura narrativa. Esses dois recursos de construção literária se tornariam mais frequentes apenas no modernismo no século XX, seis ou sete décadas após a morte de Emily Brontë. Aliados à escabrosa violência psicológica que irrompe entre os personagens, são fatores que talvez expliquem a recepção ambígua a *O morro dos ventos uivantes* na época de seu lançamento. Embora os críticos louvassem a força da história e o poder de fabulação da escritora, o romance instaurava um mal-estar que os incomodava.

Um maço composto por cinco resenhas sobre o livro foi encontrado na mesa de Emily após sua morte. Uma delas, de fonte desconhecida (e referindo-se a Emily como homem), contém o seguinte trecho:

Esse é um trabalho que demonstra grande habilidade e muitos capítulos, para cuja produção um talento raro foi necessário. Ao mesmo tempo, os materiais que o autor colocou à sua disposição foram escassos. Nos recursos de sua própria mente e em suas evidentemente vívidas percepções das peculiaridades de caráter – em resumo, em seu conhecimento da natureza humana – ele encontrou tudo de que precisava.

Em outra resenha, publicada no *Jerrold's Weekly Newspaper*, em 1848, lê-se:

Intui-se um poder muito grande nesse livro, mas um poder sem propósito, que desejamos fortemente ver mais bem aplicado. Parece-nos muito provável que ao autor de *O morro dos ventos uivantes* falte apenas um talento mais bem treinado para formar um grande artista; talvez, um grande artista dramático. Suas qualidades são, no momento, excessivas; um defeito muito mais promissor, vale lembrar, do que se fossem escassas.

Outra resenha ainda, saída de um veículo chamado *Atlas*, parece efetivamente em choque diante da trama psicológica:

O morro dos ventos uivantes é uma história mais estranha que artística. Em todos os capítulos, há evidências de uma forma áspera de poder – do qual seu detentor aparentemente jamais cogita tirar o melhor dos proveitos. O efeito geral é indizivelmente doloroso. Não conhecemos, em todo o repertório de nossa literatura ficcional, algo que apresente imagens tão chocantes das piores formas de humanidade O trabalho de Currer Bell [Charlotte] é uma grande performance; o de Ellis Bell [Emily] é apenas uma promessa, mas uma promessa colossal.

Como se pode ver, há um misto de admiração e estranhamento em todas essas impressões de leitura. O conteúdo humano com que o romance trabalha, sem dúvida, era muito forte para os padrões de gosto da primeira metade do século XIX. No entanto, com o passar do tempo, as coisas foram mudando.

Talvez a pedra de toque na virada da crítica em relação ao romance tenha sido *Emily Brontë: uma biografia*, publicada em 1883 pela escritora e estudiosa de literatura inglesa Mary F. Robinson:

Emily Brontë é de uma categoria diferente. Sua imaginação é mais restrita, porém mais intensa; ela vê menos, mas o que vê é absolutamente presente: nenhum escritor jamais descreveu as charnecas, o vento e os céus com sua fidelidade apaixonada, mas isso não é tudo que ela descreve da Natureza. ... Apenas uma imaginação da mais fina e rara sensibilidade caminharia com tão absoluta segurança pela trilha, estreita como um fio de cabelo, que conecta nosso mundo à terra dos sonhos. Poucos percorreram essa ponte perigosa com o destemor de Emily Brontë: este é seu território e nele merece os maiores elogios.

Dado o primeiro passo para a glória póstuma, em 1926 foi a vez de o crítico Charles Percy Sanger, num famoso ensaio intitulado “A estrutura em *O morro dos ventos uivantes*”,⁵ contribuir para a reputação de Emily. Ele recusa a imagem de escritora instintiva e incapaz de dominar seu talento criativo, que Charlotte transmitira da irmã, e deixa evidente o meticuloso planejamento da cronologia do romance, valorizando suas alternâncias temporais. Além disso, desvenda as simetrias entre as famílias das duas grandes mansões senhoriais, que permeiam

todo o enredo.

Finalmente, em 1934, coube a Lord David Cecil firmar de vez a reputação da escritora, numa palestra que fez na universidade de Oxford (posteriormente reunida a outras e publicada), na qual ressaltava a força poética e filosófica da tensão subjacente a todo o enredo.⁷ Segundo ele, Emily investigava o lugar que seus personagens ocupam no cosmo, onde tudo – vivo ou não, intelectual ou físico – é animado por um de dois princípios espirituais: o da tempestade, que é áspero, impiedoso, dinâmico e selvagem; e o da calma, que é gentil, capaz de perdoar, passivo e domesticado.

A distinção que costumamos fazer entre o homem e a natureza, ainda de acordo com Lord David, não existia para Emily Brontë. Ao invés disso, em sua obra, esses dois planos são igualmente dotados de vida; um homem furioso e um céu de borrasca manifestam ambos, literalmente, o princípio da tempestade. Disso resulta uma visão de mundo compreensiva e totalizante.

Para Emily Brontë, diz Lord David, a calma e a tempestade, apesar de estarem em aparente oposição, não se excluem. Funcionam como as duas metades do real ou as duas metades de uma harmonia superior. Se nossa percepção vê conflito entre elas, é porque no mundo terreno tais princípios são desviados de seu curso natural e impedem o avanço um do outro. Forças positivas, assim, transformam-se em negativas. A calma torna-se uma fonte de fraqueza, não de harmonia, enquanto a tempestade perde seu poder criativo, tornando-se apenas um distúrbio. Mas quando fluem livremente, no cosmo ou no espírito humano, elas convivem, e mesmo no mundo terreno seus embates são transitórios, caminhando para um princípio unificador, o do equilíbrio. Tais princípios, conclui o grande crítico dos vitorianos, não são nem bons nem maus, apenas existem, e portanto *O morro dos ventos uivantes* não é um romance preocupado com questões moralizantes e julgamentos simples. Ele trata de um mundo pré-moral.

Daí em diante, estava aberto o caminho para a elevação de Emily Brontë à condição de uma autora clássica e incontornável, e também para que inúmeras vertentes críticas se debruçassem sobre o livro. Seus temas principais – o choque das forças naturais, as diferenças socioeconômicas, a ânsia por alguma forma de transcendência, o abuso do poder patriarcal, a vida familiar e a infância, os efeitos do sofrimento intenso, o confinamento e a fuga autoimpostos, o sentimento de se estar deslocado, despossuído ou em exílio, os problemas de comunicação e entendimento entre as pessoas – geraram interpretações marxistas, feministas, freudianas, junguianas, psicanalíticas, religiosas, metafísicas e místicas.

Não faltaram, é claro, as indefectíveis tentativas de localizar no enredo marcas autobiográficas de Emily Brontë: a misantropia de Heathcliff equivaleria à do pai da escritora; as mortes precoces de vários personagens diante da tristeza e da doença, como as de sua mãe e irmãs mais velhas; a paisagem das charnecas que ela amava; a vida isolada do norte da Inglaterra, como a que escolheu viver etc.

Embora todas essas leituras tenham uma dose de verdade, do ponto de vista da história da literatura o romance liga-se mesmo é às escolas romântica e gótica da literatura inglesa. São elementos comuns com a escola romântica, entre outros, a consciência libertada por experiências radicais; o amor pela natureza dirigindo-se não apenas a seus aspectos bucólicos, mas também a suas convulsões; a natureza como refúgio às convenções sociais; os amores e paixões exacerbados entre as pessoas; o foco nas reações individuais de cada personagem. Tipicamente góticos, por outro lado, são castelos ou residências antigas usados como cenário; a aparição de assombrações; um clima de melancolia e dor; eventos terrivelmente cruéis ou a ameaça deles; cenas sombrias e paisagens naturais extremas; um herói também vilão.

Como todo bom clássico, *O morro dos ventos uivantes* tem várias portas, cabendo ao leitor escolher por qual delas prefere entrar. O difícil é sair, pois o efeito da leitura ficará, sem dúvida, entranhado em sua lembrança.

RODRIGO LACERDA⁸

¹. Lucasta Miller, *The Brontë Myth*. Nova York, Vintage, 2002.

². Ellen Nussey, *Reminiscences of Charlotte Brontë*, 1871.

³. Eva Hope, *Queens of Literature of the Victorian Era*, 1886.

⁴. Elizabeth Cleghorn Gaskell, *The Life of Charlotte Brontë*, 1870.

⁵. Os textos estão incluídos neste volume, às p.361-72.

⁶. Londres, Hogarth Press, 1926.

⁷. *Early Victorian Novelists: Essays in Revaluation*. Londres, Constable & Co., 1934.

⁸. Rodrigo Lacerda é escritor, autor de *O fazedor de velhos*, *Vista do Rio e Hamlet ou Amleto?*, entre outros. Tradutor de autores como William Faulkner, Raymond Carver e Alexandre Dumas (Prêmio Jabuti de tradução por *O conde de Monte Cristo* e *Os três mosqueteiros*, ambas em parceria com André Telles), dirige a coleção Clássicos Zahar.

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

CAPÍTULO 1

1801. Acabo de regressar de uma visita a meu senhorio – o único vizinho com o qual terei de me preocupar. Que bela região, esta! Não acredito que, em toda a Inglaterra, eu pudesse ter me estabelecido num lugar tão completamente afastado da agitação da sociedade. O paraíso dos misantropos – e o sr. Heathcliff e eu somos um par bem adequado para dividir entre nós a desolação. Um ótimo sujeito! Ele mal poderia imaginar como simpatizei com ele quando vi seus olhos negros se recolherem, desconfiados, sob as sobancelhas enquanto eu me aproximava, e quando seus dedos buscaram abrigo, ainda mais fundo dentro do colete, com uma determinação hostil, quando anunciei meu nome.

– Sr. Heathcliff? – perguntei.

Um aceno da cabeça foi a resposta.

– Sr. Lockwood, seu novo inquilino. Tenho a honra de fazer esta visita logo após minha chegada para lhe dizer que espero não lhe ter causado nenhum inconveniente com minha insistência em solicitar a ocupação de Thrushcross Grange.¹ Ouvi dizer, ontem, que o senhor pensava em...

– Thrushcross Grange é minha propriedade, meu senhor – me interrompeu ele, secamente. – Não permitiria que alguém me causasse qualquer inconveniente, se pudesse impedi-lo. Entre!

O “Entre!” foi pronunciado entre os dentes e expressava o sentimento “Vá para o inferno!”. O próprio portão no qual ele se apoiava não manifestava qualquer movimento condizente com a palavra, e acho que as circunstâncias me obrigaram a aceitar o convite: eu estava interessado naquele homem, que parecia mais exageradamente reservado do que eu próprio.

Quando viu meu cavalo pressionando o portão, ele estendeu a mão para destrancá-lo. Precedendo-me taciturno pelo caminho, ordenou, ao entrarmos no pátio:

– Joseph, leve o cavalo do sr. Lockwood e traga-nos vinho.

“Deve ser essa toda a criadagem”, foi minha reflexão, sugerida pela dupla ordem. “Não é de se admirar que haja mato crescendo entre as pedras do caminho, e que podar as cercas vivas seja responsabilidade do gado.”

Joseph era um homem de idade – não, um velho, talvez muito velho, embora robusto e vigoroso.

– Que o Senhor nos ajude! – disse para si mesmo, num tom de mau humor e descontentamento, enquanto tomava-me o meu cavalo e me fitava com tal azedume que conjecturei, caridosamente, que devia estar necessitando de ajuda divina para digerir o almoço, e que aquela pia exclamação não tinha qualquer vínculo com minha chegada imprevista.

A residência do sr. Heathcliff chama-se Wuthering Heights, sendo “wuthering”² um regionalismo que descreve bem a atmosfera tumultuosa à qual a localidade está sujeita, quando das tempestades. Eles devem ter de fato uma ventilação contínua, pura e tonificante, lá em cima: pode-se adivinhar a força do vento norte soprando sobre a propriedade, pela inclinação de alguns abetos mirrados na extremidade da casa e por uma fileira de espinheiros esqueléticos que estendem seus galhos numa única direção, como se mendigassem esmolas ao sol. Felizmente o arquiteto teve o bom senso de construí-la robusta: as janelas estreitas estão bem embutidas na parede, e as quinas são protegidas por grandes pedras salientes.³

Antes de passar pela soleira, fiz uma pausa para admirar uma série de entalhes grotescos na fachada, sobretudo ao redor da porta principal, sobre a qual, entre uma confusão de grifos já se desfazendo e menininhos impudentes, divisei a data de 1500⁴ e o nome de Hareton Earnshaw. Teria comentado qualquer coisa e solicitado uma breve história do local ao seu mal-humorado proprietário, mas sua atitude à porta parecia exigir que eu entrasse sem demora ou fosse embora de uma vez, e eu não tencionava aumentar sua irritação antes de inspecionar o interior da construção.

Um passo, e nos encontramos na sala, sem qualquer vestíbulo ou corredor introdutório: chamam a sala, aqui, de “casa”. Ela inclui, geralmente, cozinha e sala de estar, mas acho que em Wuthering Heights a cozinha se viu obrigada a recuar por completo para outra área; pelo menos ouvi o retinir de tenazes e o entrecostar de utensílios culinários vindo de dentro. Não notei o menor sinal de comida assando ou fervendo na imensa lareira, tampouco o reluzir de panelas de cobre e coadores de lata nas paredes. Numa das extremidades, porém, tanto a luz quanto o calor refletiam-se esplendidamente em fileiras de imensos pratos de estanho que, alinhados num grande aparador de carvalho e entremeados de canecas e jarros de prata, chegavam ao teto. Este último nunca recebera forro, sua anatomia oferecia-se ao olhar curioso, exceto num ponto em que era encoberta por uma estrutura de madeira repleta de panquecas de aveia postas para secar e pernis de boi, carneiro e presunto. Sobre a lareira havia diversas

armas de fogo antigas, de aspecto vil, e um par de pistolas grandes, além de três latinhas de cores vivas postas a título de decoração no console. O chão era de pedra branca e lisa; as cadeiras, de costas altas, eram estruturas primitivas pintadas de verde – uma ou duas mais pesadas, negras, espreitavam das sombras. Num arco sob o aparador descansava uma imensa cadela pointer marrom-escura, cercada por vários filhotes barulhentos. Outros cães se entocavam noutros recessos.

O aposento e a mobília não teriam nada de extraordinário se pertencessem a um rústico fazendeiro do norte, de semblante cismado e braços e pernas robustos realçados por bombachas e polainas. Um indivíduo desses, sentado em sua poltrona, uma caneca de cerveja espumando sobre a mesa redonda à sua frente, é fácil de encontrar em qualquer passeio de nove ou dez quilômetros por entre estas colinas, desde que a visita seja feita na hora certa, logo após o almoço. Mas o sr. Heathcliff contrasta de modo singular com sua morada e o estilo de vida. Na aparência, é um cigano de pele escura; nos trajes e nas maneiras, um cavalheiro⁵ – isto é, tão cavalheiro quanto o são muitos fidalgos do interior: desalinhado, talvez, mas sem que a negligência cause desagrado, já que tem o porte ereto e é bem-apessoado, e bastante taciturno. Algumas pessoas talvez suspeitem nele certo orgulho rústico; em mim, desperta uma afinidade que me faz crer não ser nada disso. Sei, por instinto, que sua maneira reservada advém de uma aversão a demonstrações ostensivas de sentimento, a manifestações de gentileza mútua. Ele ama e odeia em silêncio, e julga uma espécie de impertinência ser amado ou odiado. Mas estou me precipitando. Imputo a ele, livremente, meus próprios atributos. O sr. Heathcliff talvez tenha razões inteiramente distintas das minhas para não estender a mão quando trava novo conhecimento. Estimo que meu temperamento seja quase peculiar: minha querida mãe costumava dizer que eu nunca teria um verdadeiro lar, e, no verão passado, provei ser cem por cento indigno de um.

Enquanto desfrutava de um mês de bom tempo na costa, vi-me em companhia de uma criatura fascinante – uma verdadeira deusa aos meus olhos, já que não notava que eu existia. Jamais “confessei meu amor” verbalmente; ainda assim, se olhares falam, qualquer idiota teria adivinhado que eu estava perdidamente apaixonado. Ela me entendeu, por fim, e me dirigiu um olhar em retorno – o mais doce dos olhares. E o que foi que eu fiz? Confesso-o envergonhado: encolhi-me em mim mesmo feito um caramujo; a cada olhar seu recolhia-me mais e maior frieza demonstrava, até que, por fim, a pobre inocente foi levada a duvidar de seus próprios sentidos e, sobrepujada pela confusão ante seu suposto engano, persuadiu a mãe a partir. Graças a essa curiosa mudança de

atitude, ganhei a reputação de ser deliberadamente impiedoso; o quanto o julgamento é imerecido, só eu sei.

Sentei numa das extremidades da lareira, diante do assento ao qual meu senhorio se dirigia, e preenchi um intervalo de silêncio tentando acariciar a cadela, que deixara sua ninhada e se esgueirava por trás das minhas pernas, a boca arreganhada e as presas brancas salivando.

Minha carícia provocou um rosnar longo e gutural.

– É melhor deixar a cadela em paz – rosnou em uníssono o sr. Heathcliff, evitando, com um pontapé, demonstrações mais ferozes. – Não está acostumada a ser mimada. Não a tratamos como animal de estimação.

Então, dirigindo-se com passos largos até uma porta lateral, gritou outra vez:

– Joseph!

Da adega, Joseph resmungou qualquer coisa incompreensível, mas não deu indicação de que iria subir; seu amo foi, assim, ter com ele lá embaixo, deixando-me vis-à-vis com a terrível cadela e um par de cães pastores carrancudos e de pelo desgrehado, que se juntaram a ela na guarda zelosa de meus menores movimentos.

Sem vontade de fazer contato com suas presas, fiquei sentado, imóvel – mas, imaginando que não entenderiam insultos implícitos, tive a triste ideia de piscar o olho e fazer caretas ao trio; algum trejeito da minha fisionomia irritou madame a tal ponto que, num súbito ataque de fúria, ela saltou nos meus joelhos. Repeli-a, e me apressei em colocar uma mesa entre nós. O gesto despertou a matilha inteira: surgiram de seus esconderijos meia dúzia de demônios de quatro patas, de tamanhos e idades diversos. Meus calcanhares e as abas de meu casaco pareciam ser os alvos preferidos. Desviando da melhor forma possível os combatentes maiores com o atizador da lareira, fui obrigado a pedir ajuda em voz alta a alguém da casa, para restabelecer a paz.

O sr. Heathcliff e seu criado subiram os degraus da adega com uma calma irritante. Não acho que tenham feito isso um segundo mais depressa do que o usual, embora a sala fosse agora um verdadeiro pandemônio de gritos e latidos.

Felizmente, alguém que se encontrava na cozinha agiu com mais prontidão: uma senhora robusta, com o vestido arregaçado sobre as anáguas, os braços nus e as faces avermelhadas pelo fogo correu até nós, brandindo uma frigideira. Fez tal uso dessa arma e da própria língua que a confusão se dispersou como num passe de mágica, e quando seu amo retornou somente ela se encontrava ali, ofegante como o mar depois de um vendaval.

– O que diabos está acontecendo por aqui? – ele perguntou, fitando-me de um modo difícil de aturar após aquele tratamento tão pouco hospitaleiro.

– De fato, o que diabos está acontecendo por aqui! – murmurei. – Uma vara de porcos possessos não poderia ter piores instintos do que esses seus animais, meu senhor.⁶ É como deixar um estranho com um bando de tigres!

– Eles não se metem com quem não mexe em nada – observou ele, colocando a garrafa diante de mim e devolvendo a mesa ao seu lugar. – Os cães têm o direito de ser vigilantes. Aceita uma taça de vinho?

– Não, obrigado.

– Mordido?

– Se tivesse sido, deixaria o meu sinete no responsável.

A face de Heathcliff se abriu numa espécie de sorriso.

– Ora, vamos – disse ele –, o senhor está muito nervoso, sr. Lockwood. Tome um pouco de vinho. Visitas são tão raras nesta casa que eu e meus cães, admito-o, mal sabemos como recebê-las. À sua saúde, meu senhor.

Com uma medida, retribuí o brinde, começando a perceber que seria bobagem ficar emburrado por causa do mau comportamento de um bando de cachorros: além disso, não queria que o sujeito continuasse se divertindo à minha custa, já que era isso o que estava acontecendo.

Quanto a ele, provavelmente movido pela prudente lembrança da tolice de ofender um bom inquilino, relaxou um pouco, naquele estilo lacônico de podar pronomes e verbos auxiliares, e começou uma dissertação sobre as vantagens e as desvantagens de meu novo local de retiro, o que supunha ser assunto de interesse para mim.

Achei-o muito inteligente nos tópicos que abordamos; antes de me despedir, estava animado a ponto de dizer que voltaria amanhã.

Ele evidentemente não queria que minha intrusão se repetisse. Mesmo assim, irei. É espantoso como me sinto sociável, se comparado a ele.

1. Thrushcross Grange (“Granja Thrushcross”) é, como Wuthering Heights (“Morro dos Ventos Uivantes”), o nome de uma propriedade fictícia. Sabe-se, contudo, que para a figuração do espaço do romance Emily Brontë tomou por modelo a região da Inglaterra em que nasceu e viveu por toda a vida, os *moors* (charnecas, ver nota 11) do norte da Inglaterra, bem como sua estrutura social. Assim, nas cercanias do vilarejo de Haworth – inspiração para Gimmerton, a referência comercial para as personagens da narrativa – identificam-se propriedades cujas dimensões e organização seriam similares às retratadas por Brontë. Dentre todas, Ponden Hall – construção finalizada em 1634 e pertencente à família Heaton, originalmente de Lancashire e presente na região desde o séc.XVI – é a que mais semelhanças guarda com Thrushcross Grange, além de ter sido frequentada por Emily e suas irmãs; nenhuma delas, porém, é instalada em propriedade de tão amplas dimensões. Patrick Brontë, o patriarca da família, teria chegado a confirmar a inspiração de Emily durante uma conversa em 1858.

2. Traduzido por “vento uivante”, *wuthering* é termo próprio ao dialeto de Yorkshire, no norte da Inglaterra. O romance usa o inglês dialetal juntamente com o inglês padrão (cuja formalização se baseia nos falares do sul do país, que tem em Londres seu maior centro) para marcar diferenças de pertencimento social e educação entre personagens.

3. Como Thrushcross Grange, Wuthering Heights é ficcionalmente construída à luz dos modelos de propriedade que cercavam os Brontë. Como unidade produtiva – e, nesse sentido, fundamentalmente diversa da residência alugada por Lockwood –, Wuthering Heights encontra equivalente em Top Withins, cujas ruínas resistem na região de Haworth (*withins* vem de *wither*, variante dialetal de *wuther*); já como modelo de edificação, guarda similaridades com High Sunderland Hall, outra propriedade da região, da qual tomaria por inspiração a fachada em pedra, e mesmo com Ponden Hall, de cuja casa principal recupera as dimensões.

4. É significativo que a data inscrita na fachada remonte a um momento de particular transformação: por volta de 1500, a região de Yorkshire conheceu movimentos importantes para a consolidação de uma Inglaterra unificada em torno da realeza instalada em Londres. Região de ocupação bastante conflituosa, à qual concorrem bretões, dinamarqueses, noruegueses e, finalmente, normandos, Yorkshire

não só constitui limites culturalmente próprios, como se coloca em posição de resistência à Coroa inglesa. Ademais, a referência à história local parece replicada na relação entre o cidadão Lockwood – um homem do sul da Inglaterra e, portanto, relacionado ao estável centro político do reino – e a “atmosfera tumultuosa” e insubmissa da região. A data remonta também à época de ocupação da região pelos Heaton, de Ponden Hall.

5. Em sua caracterização de Heathcliff, Lockwood romantiza a imagem de seu senhorio. “Cigano de pele escura” parece uma imagem mais pautada por estereótipos literários (próprios às pretensões esclarecidas da personagem) do que por algum nível de objetividade, e reforça a percepção da origem indeterminada. Literariamente, da perspectiva de Lockwood, tal descrição acaba por alinhar Heathcliff a uma tradição de personagens marcadas pelo mistério e pelo exotismo (quando não pela *hybris* trágica), cujo melhor exemplo é o mouro Otelo, de Shakespeare – no qual se digladiam a civilidade dos modos e a natureza indomável representada pelo ciúme.

6. Os “porcos possessos” remetem ao episódio do Evangelho de Lucas em que Jesus, quando em visita à região dos gerasenos, apazigua um homem possuído por demônios. Diante de uma vara de porcos, os demônios pediram a Jesus para invadir os animais, o que prontamente lhes foi concedido: “E, tendo saído os demônios do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se de um despenhadeiro no lago, e afogou-se.” (Lucas 8:33)

CAPÍTULO 2

A TARDE DE ONTEM chegou fria e enevoadada. Eu planejava passá-la talvez junto à lareira em meu escritório, em vez de chapinhar pelo brejo e pela lama até Wuthering Heights.

Após o almoço, contudo (N.B.,⁷ eu almoço entre meio-dia e uma hora; a governanta, uma matrona que recebi junto com a casa, não consegue ou não quer compreender meu desejo de ser servido às cinco),⁸ subindo a escada com essa indolente intenção, vi uma criada de joelhos, cercada de escovas e baldes de carvão, levantando uma poeira dos infernos ao extinguir as chamas com montes de cinzas. O espetáculo fez com que eu recuasse de imediato. Peguei meu chapéu e, após uns seis quilômetros de caminhada, cheguei ao portão do jardim de Heathcliff bem a tempo de escapar aos primeiros e leves flocos de uma nevasca.

No topo desolado da colina, a terra estava dura, coberta por uma camada negra de geada, e o ar fazia cada membro do corpo tiritar. Como não conseguisse remover a corrente, pulei o portão, e, correndo pelo caminho de pedras bordejado por ocasionais groselheiras,⁹ bati em vão à porta até os nós dos dedos doerem e os cachorros começarem a uivar.

“Desgraçados!”, exclamei, mentalmente. “Merecem isolamento perpétuo de sua espécie por sua grosseira falta de hospitalidade. Eu, pelo menos, não trancaria minhas portas durante o dia. Não importa... vou entrar!”

Assim determinado, agarrei a tranca e sacudi-a veementemente. Numa janela redonda do celeiro, apareceu o rosto azedo de Joseph.

– O que é que o senhor quer? – gritou ele. – O patrão está lá embaixo no curral. O senhor contorne o barracão, se quiser falar com ele.

– Não há ninguém em casa para abrir a porta? – gritei também.

– Só a patroa, mas ela não vai abrir, nem que o senhor continue esmurando até de noite.

– Por quê? Não pode dizer a ela quem sou, Joseph?

– Eu não! Não quero me meter nisso – resmungou, desaparecendo.

A neve começou a aumentar. Agarrei a tranca para fazer mais uma tentativa quando um jovem sem casaco e com um ancinho apoiado no ombro apareceu no pátio lá atrás. Pedi que eu o acompanhasse e, após atravessarmos uma lavanderia e uma área pavimentada onde havia um depósito de carvão, uma bomba d'água e um pombal, entramos no vasto, quente e alegre aposento em que eu fora recebido da primeira vez.

A sala reluzia acolhedora com o fogo generoso que vinha da lareira, alimentado com carvão, turfa e lenha. Perto da mesa, posta para um farto chá, tive o prazer de ver a “patroa”, alguém de cuja existência nem sequer suspeitara previamente.

Cumprimentei-a inclinando a cabeça, imaginando que haveria de me convidar a sentar. Ela olhou para mim, reclinada em sua cadeira, e continuou imóvel e calada.

– Que tempo horrível! – observei. – Receio, sra. Heathcliff, que a porta tenha agora marcas do descaso dos seus criados. Penei até que eles me ouvissem!

Ela não abriu a boca. Eu a fitava – e ela me fitava também. Mantinha os olhos fixos em mim, de modo frio e indiferente, sobremaneira embaraçoso e desagradável.

– Sente-se – ordenou o jovem, com rispidez. – Ele não demora.

Obedeci; pigarreei e chamei a terrível Juno,¹⁰ que se dignou, naquele segundo encontro, a agitar a ponta da cauda em sinal de reconhecimento.

– Que belo animal! – recomecei. – Pretende doar os filhotes, senhora?

– Não são meus – respondeu a amável anfitriã, ainda mais cortante do que teria sido o próprio Heathcliff.

– Ah, seus favoritos são esses? – prossegui, indicando uma almofada cheia do que pareciam ser gatos.

– Estranho favoritismo – observou ela, com desdém.

Por azar, era uma pilha de coelhos mortos – pigarreei outra vez e me aproximei um pouco mais da lareira, repetindo meu comentário sobre o mau tempo que fazia aquela noite.

– O senhor não devia ter saído de casa – disse ela, levantando-se para pegar duas das latas pintadas de cima da lareira.

Antes, ela se encontrava na penumbra; agora tive uma visão nítida de seu corpo e de seu rosto. Era esbelta e mal parecia ter chegado à idade adulta; uma silhueta admirável, e o rostinho mais belo que eu jamais tivera o prazer de

contemplar: traços delicados e harmoniosos; cachos louros, ou, antes, dourados, caíam soltos sobre seu pescoço delgado, e olhos que seriam irresistíveis caso sua expressão fosse agradável. Felizmente, para meu coração suscetível, o único sentimento que transmitiam pairava entre o desdém e uma espécie de desespero, estranho e pouco natural.

As latas estavam quase fora do seu alcance; fiz um gesto no sentido de ajudá-la, e ela se esquivou de mim como um sovina faria se alguém tentasse auxiliá-lo a contar seu ouro.

– Não preciso da sua ajuda – disse, rispidamente. – Posso apanhá-las eu mesma.

– Peço desculpas – apressei-me em responder.

– O senhor foi convidado para o chá? – perguntou, amarrando um avental por cima do elegante vestido preto e segurando uma colher de folhas de chá sobre a chaleira.

– Gostaria de uma xícara – respondi.

– Foi convidado? – repetiu ela.

– Não – falei, num meio sorriso. – A senhora é a pessoa ideal para me convidar.

Ela pôs o chá de volta na lata, colher e tudo, e voltou para a sua cadeira com enfado, a testa franzida e o lábio inferior espichado, feito uma criança prestes a chorar.

Enquanto isso, o rapaz jogara sobre o corpo uma jaqueta em péssimo estado e, apurando-se diante do fogo, espiou-me com desdém pelo canto do olho, como se houvesse entre nós uma rivalidade mortal. Comecei a pensar que talvez não fosse um empregado; suas roupas e sua maneira de falar eram ambas grosseiras, sem traço algum da superioridade que se podia notar no sr. e na sra. Heathcliff; os cachos grossos e castanhos do cabelo eram ásperos e maltratados, as suíças invadiam desordenadamente as bochechas, e suas mãos eram encardidas como as de um criado. Mas sua atitude parecia independente, quase arrogante, e ele não demonstrava a menor subserviência perante a dona da casa.

Na ausência de provas claras a seu respeito, achei melhor abster-me de reparar em sua curiosa conduta; cinco minutos depois, a chegada de Heathcliff aliviou-me, de certo modo, da desconfortável posição em que me encontrava.

– Como vê, meu senhor, aqui estou, conforme prometido! – exclamei, adotando um ar animado. – E acho que devido ao mau tempo ficarei preso aqui por meia hora, se o senhor puder me abrigar.

– Meia hora? – repetiu ele, sacudindo os flocos de neve da roupa. – Não

entendo por que escolheu um dia de nevasca para sair por aí. Sabe que corre o risco de se perder no pântano? Em noites como esta, pessoas que conhecem bem essas charnecas^u muitas vezes se perdem. E posso lhe dizer com segurança que o tempo não vai mudar tão cedo.

– Talvez um de seus rapazes possa me servir de guia e pernoitar em Grange. Poderia me ceder alguém?

– Não, não poderia.

– Ah, sim! Bem, então vou ter de contar com minha própria sagacidade.

– Hm!

– Vai fazer o chá? – indagou o sujeito de casaco roto, desviando seu olhar feroz de mim para a jovem.

– *Ele* vai tomar chá? – perguntou ela, dirigindo-se a Heathcliff.

– Faça o chá logo – foi a resposta, dita de modo tão furioso que me sobressaltei. O tom em que as palavras foram pronunciadas revelava má índole genuína. Eu já não me sentia inclinado a chamar Heathcliff de ótimo sujeito.

Quando os preparativos foram concluídos, ele me chamou, dizendo:

– Venha, aproxime sua cadeira.

E todos nós, incluindo o jovem rústico, instalamo-nos ao redor da mesa, um silêncio austero prevalecendo enquanto fazíamos nossa refeição.

Pensei que, se eu causara aquele mal-estar, era minha obrigação dissipá-lo. Não deviam se sentar à mesa todos os dias de modo tão sombrio e taciturno, e era impossível, por pior que fosse o seu humor, que aquelas caras fechadas fossem as do seu cotidiano.

– É estranho – comecei a dizer, entre uma xícara de chá e outra –, é estranho como o hábito pode moldar nossos gostos e ideias: muita gente não haveria de supor a felicidade numa vida tão completamente exilada do mundo como a sua, sr. Heathcliff. Ainda assim, arrisco-me a dizer que, cercado por sua família, com sua encantadora senhora presidindo seu lar e seu coração...

– Minha encantadora senhora! – interrompeu ele, com uma expressão quase diabólica no rosto. – Onde está ela, a minha encantadora senhora?

– Refiro-me à sua esposa, a sra. Heathcliff.

– Ah, sim... pelo visto o senhor insinua que seu espírito assumiu o posto de anjo da guarda, velando pela felicidade em Wuthering Heights, mesmo depois que seu corpo já se foi. É isso?

Percebendo ter cometido uma gafe, tentei corrigi-la. Deveria ter notado que a diferença de idade entre os dois era grande demais para a probabilidade de se

tratar de marido e esposa. Ele tinha seus quarenta anos, idade de vigor mental na qual os homens raramente acalentam a ilusão de que moças jovens se casam com eles por amor – esse sonho é reservado ao consolo de nossos anos de declínio. Ela não parecia ter sequer seus dezessete.

Ocorreu-me, então: “Talvez o palhaço ao meu lado, que toma chá numa caneca e come pão sem ter lavado as mãos, seja o marido dela. Heathcliff Jr., é claro. Eis a consequência de ser enterrada viva: uma moça desperdiçada com esse rapaz horrível, por pura ignorância de que indivíduos melhores existiam! Uma pena – devo tomar cuidado para não a fazer se arrepender de sua escolha.”

Essa última reflexão talvez pareça convencimento meu, mas não era. Achava meu vizinho de mesa quase repulsivo e sabia, por experiência, que eu próprio era razoavelmente atraente.

– A sra. Heathcliff é minha nora – informou Heathcliff, corroborando minha suposição. Ao falar, lançou um olhar peculiar em sua direção: um olhar de ódio, a menos que tenha um conjunto perverso de músculos faciais que, ao contrário do que ocorre com outras pessoas, não reflete o que se passa em sua alma.

– Ah, certamente; agora entendo: o senhor é o feliz dono da bela fada – observei, voltando-me para meu vizinho.

Isso só fez piorar as coisas: o jovem ficou escarlate e cerrou o punho, dando a impressão de estar prestes a me esmurrar. Mas logo pareceu controlar o impulso e apenas proferiu um resmungo bestial, dirigido a mim, mas que procurei ignorar.

– Suas conjecturas não são muito felizes, meu senhor – observou meu anfitrião. – Nenhum de nós dois tem o privilégio de ser dono da sua bela fada, cujo marido está morto. Afirmar que era minha nora; pode deduzir, portanto, que se casou com meu filho.

– E este jovem não...

– Não é meu filho, obviamente!

Heathcliff voltou a sorrir, como se fosse uma piada por demais ousada atribuir-lhe a paternidade daquele urso.

– Meu nome é Hareton Earnshaw – grunhiu o outro –, e aconselho que o respeite!

– Não tencionei desrespeitá-lo – foi minha resposta, rindo por dentro ante a dignidade com que ele se apresentara.

Ele cravou os olhos em mim por mais tempo do que eu estava disposto a retribuir, temendo sentir-me tentado a esbofeteá-lo ou a tornar audível minha hilaridade. Comecei a me sentir positivamente deslocado naquele agradável

círculo familiar. A atmosfera deprimente sobrepujou o reluzente conforto físico ao meu redor, e neutralizou-o, e decidi tomar mais cuidado antes de me aventurar sob aquele teto uma terceira vez.

Terminada a refeição, como ninguém pronunciasse uma única palavra de conversa amigável, aproximei-me de uma janela para ver como estava o tempo.

O que vi me desanimou: a noite escura caindo prematuramente, o céu e as colinas confundidos num único redemoinho implacável de vento e neve sufocante.

– Acho que não vou ter como voltar para casa sem um guia – não pude evitar exclamar. – As estradas já devem estar cobertas de neve, e mesmo que não estivessem, eu mal conseguiria enxergar meio metro à minha frente.

– Hareton, leve aquelas ovelhas para o alpendre do estábulo. Vão ficar soterradas se deixadas no curral a noite toda. E ponha uma tábua na frente delas – ordenou Heathcliff.

– E eu, o que faço? – insisti, com crescente irritação.

Minha pergunta ficou sem resposta. Olhando ao redor, só o que vi foi Joseph trazendo um balde com mingau para os cachorros e a sra. Heathcliff inclinando-se para mais perto do fogo e queimando, por diversão, uns fósforos que tinham caído do console da lareira quando colocara a lata de chá de volta no lugar.

Após depositar o balde no chão, o criado olhou ao redor com expressão crítica e exclamou com sua voz rachada:

– Não sei como é que pode ficar aí sem fazer nada, com todo mundo lá fora! Não vale nada mesmo, e não adianta falar. Nunca vai se endireitar! Vai acabar no inferno, junto da sua mãe!

Imaginei, por um momento, que aquele eloquente discurso era endereçado a mim; furioso, avancei na direção do velho tratante com a intenção de chutá-lo porta afora.

A sra. Heathcliff, contudo, deteve-me com sua resposta:

– Velho hipócrita desgraçado! – replicou. – Não tem medo de que o diabo o carregue, de tanto que fala no inferno? Estou avisando, pare de me provocar, ou acabo pedindo que ele o faça, como um favor especial! Espere, olhe só, Joseph! – prosseguiu ela, tirando um livro comprido e escuro da estante. – Vou lhe mostrar como progredi na magia negra. Em breve, vou ter condições de me livrar de todos vocês. A vaca vermelha não morreu por acaso, e o seu reumatismo não é uma bênção dos céus!

– Ah, mas que malvada, que malvada – arquejou o velho. – Que o Senhor

nos livre de todo mal!

– Não, seu réprobo! Pária... saia daqui, ou vou lhe fazer muito mal! Tenho modelos de todos vocês em cera e argila! E, ao primeiro que ultrapassar os limites, vou... não digo o que vou fazer, mas verão! Fora daqui, vá logo!

A bruxinha pôs em seus belos olhos uma falsa expressão diabólica, e Joseph, tremendo de sincero pavor, saiu às pressas, rezando e murmurando “Malvada”.

Achei que a conduta da moça devia ser motivada por uma espécie de estranho senso de humor, e agora que estávamos sozinhos tentei fazer com que ela se interessasse pela minha desafortunada situação.

– Sra. Heathcliff – comecei, com toda honestidade –, deve me desculpar por incomodá-la. Tenho certeza de que, com esse rosto, a senhora também há de ter um bom coração. Fale-me por favor de algum ponto de referência de que eu possa me valer para encontrar meu caminho de volta para casa. Não tenho ideia de como chegar lá, não mais do que a senhora teria de como chegar a Londres!

– Pegue a mesma estrada pela qual veio – respondeu ela, aninhando-se numa poltrona, com uma vela e o livro comprido aberto à sua frente. – É um conselho breve, mas o melhor que posso dar.

– Então, se a senhora ficar sabendo que fui encontrado morto num pântano ou num poço cheio de neve, sua consciência não vai lhe sussurrar que foi em parte culpa sua?

– Por quê? Não posso acompanhá-lo. Eles não me deixam ir até a extremidade do muro do jardim.

– *A senhora!* Não pediria que pusesse os pés fora de casa, por mim, numa noite como esta – exclamei. – Quero que me *diga* qual o caminho, não que me *mostre*. Ou então que convença o sr. Heathcliff a me dar um guia.

– Quem? Aqui somos eu, ele, Earnshaw, Zillah e Joseph. Qual de nós serviria?

– Não há empregados na fazenda?

– Não. Somos só nós.

– Então vou ser obrigado a pernoitar aqui.

– Isso o senhor pode discutir com seu anfitrião. Não tenho nada com isso.

– Espero que isso o ensine a não se aventurar mais por essas colinas – exclamou, da entrada da cozinha, a voz severa de Heathcliff. – Quanto a pernoitar aqui, não mantenho acomodações para hóspedes: o senhor vai ter de partilhar a cama com Hareton ou Joseph, se quiser ficar.

– Posso dormir numa poltrona aqui na sala – repliquei.

– Não, não! Um estranho é um estranho, seja ele rico ou pobre! Não hei de permitir que tenha liberdade para andar pela casa enquanto estou dormindo – disse o desgraçado, grosseiro como de costume.

Com esse insulto, minha paciência chegou ao fim. Murmurei uma expressão de desagrado e me precipitei para o pátio, dando um encontrão em Earnshaw, em minha pressa. Estava tão escuro que não conseguia encontrar a saída, e, enquanto perambulava por ali, tive outra amostra da cordialidade que imperava entre eles.

A princípio, o jovem parecia a ponto de me apoiar.

– Vou com ele até o parque – disse.

– Vai com ele até o inferno! – exclamou seu patrão, ou fosse qual fosse a relação que tinham. – E quem vai cuidar dos cavalos, hein?

– A vida de um homem é mais importante do que deixar de cuidar dos cavalos por uma noite. Alguém tem de acompanhá-lo – murmurou a sra. Heathcliff, mais gentilmente do que eu esperava.

– Não é você quem dá as ordens – retrucou Hareton. – Se simpatizou com ele, é melhor ficar calada.

– Então espero que o fantasma dele o assombre, e que o sr. Heathcliff nunca mais consiga outro inquilino, até Grange se desfazer em ruínas – retorquiu ela, ácida.

– Escutem só, escutem só, está rogando praga! – murmurou Joseph, em cuja direção eu sem querer me encaminhara.

Ele estava sentado perto dali, ordenando as vacas à luz de um lampião, de que me apossei sem cerimônia e, dizendo-lhe que haveria de devolvê-lo no dia seguinte, encaminhei-me depressa à porteira mais próxima.

– Patrão, patrão, ele está roubando o lampião! – gritou o velho, correndo atrás de mim. – Venha aqui, Gnasher!¹² Venha, cachorro! Venha aqui, Lobo! Agarrem ele, agarrem ele!

Quando abri a porteira, dois monstros peludos pularam no meu pescoço, derrubando-me e apagando o lampião, enquanto a risada em uníssono de Heathcliff e Hareton marcava o ápice da minha raiva e da humilhação.

Felizmente, os animais pareciam mais propensos a esticar as patas, bocejar e abanar o rabo do que a me devorar vivo, mas não pareciam dispostos a aceitar minha ressurreição, de modo que fui obrigado a ficar deitado até que seus malévolos donos se dignassem a me libertar. Então, sem chapéu e tremendo de

raiva, com várias ameaças incoerentes de retaliação, que na profundidade indefinida de sua virulência faziam pensar no Rei Lear,¹³ ordenei que os canalhas me deixassem ir embora – ou que arcassem com as consequências se me mantivessem ali por mais um minuto.

A veemência de minha agitação fez com que meu nariz começasse a sangrar copiosamente, e mesmo assim Heathcliff ria, enquanto eu continuava me queixando. Não sei como aquela cena teria terminado se não houvesse uma pessoa ali mais racional do que eu e mais benevolente do que meu anfitrião: refiro-me a Zillah, a robusta governanta, que por fim apareceu para averiguar as causas do tumulto. Pensou que alguém ali tinha me tratado de forma violenta e, não ousando acusar o patrão, dirigiu sua artilharia vocal contra o patife mais jovem.

– Muito bem, sr. Earnshaw – exclamou ela –, imagino o que há de fazer da próxima vez! Será que vamos matar gente aqui, na porta de casa? Vejo que este lugar não é para mim... olhe só para o pobre rapaz, está quase sufocando! Espere, o senhor não pode ir embora desse jeito. Entre, vou dar um jeito nisso. Fique quietinho.

Com essas palavras, ela derramou de súbito uma vasilha de água gelada no meu pescoço e me puxou para dentro da cozinha. O sr. Heathcliff veio em seguida, o bom humor que acidentalmente o dominara se extinguindo sem demora e dando lugar à rabugice habitual.

Eu me sentia muito mal, bastante tonto e fraco. Vi-me, assim, obrigado a aceitar hospedagem para a noite. Ele mandou Zillah me servir uma taça de conhaque, e foi para a sala, enquanto ela se compadecia de minha má sorte e, após obedecer às ordens do patrão, indicava-me o quarto onde eu iria dormir.

7. *Nota bene*, expressão latina que significa literalmente “note bem”, “preste atenção”.

8. Marca-se, aqui, uma importante diferença entre hábitos urbanos e rurais, mas também entre regiões da Inglaterra. Originalmente, o termo *dinner* (do francês antigo *disner*, “encerrar o jejum”) se aplicava à principal refeição do dia, fosse ela feita logo após o despertar ou ingerida ao meio-dia. Foi a partir do séc.XVIII que a hegemonia cultural dos hábitos urbanos permitiu o atraso da refeição até o meio da tarde, avançando posteriormente ao fim do período vespertino. Na Grã-Bretanha, porém, algumas regiões – entre elas o norte da Inglaterra, onde se localiza Yorkshire – mantêm o costume de realizar o *dinner* ao meio-dia.

9. A groselheira é um arbusto de porte médio, galhos grossos e repleto de espinhos – o que, aqui, parece insinuar o aspecto intratável da propriedade, embora na Inglaterra seja bastante difundida para a produção de cercas vivas.

10. Juno é uma deusa romana, mulher de Júpiter e mãe de cinco filhos do maior dos deuses latinos, dentre os quais Marte (deus da guerra) e Vulcano (deus da metalurgia). Aos ouvidos de Lockwood, o nome soa irônico, por recorrer à cultura clássica para nomear um cão vulgar de terras ermas.

11. Trata-se de um tipo de ambiente encontrado em regiões elevadas, caracterizado por solos ácidos, altos índices pluviométricos e vegetação baixa, própria de clima temperado (relvado e arbustos). A *moorland* corresponde à maior parte da vegetação seminatural (isto é, cuja existência decorre da ocupação humana do solo, sobretudo da derrubada de florestas) das ilhas britânicas e é caracterizada pela presença de turfa, massa de tecido de várias plantas produzida por lenta decomposição associada à ação da água. No romance, os *moors* surgem como um espaço quase selvagem a contrapor-se à paisagem urbana.

12. Em português, “rilhador”, isto é, que range os dentes. Note-se a agressividade e a perfídia embutida nos nomes dos demais cães, que serão nomeados ao longo da narrativa: “Skulker” (ou “sorrateiro”, “malandro”, cf. Cap.6) e Throtler (“estrangulador”, cf. Cap.13).

13. O erudito Lockwood se refere a um momento específico da tragédia de Shakespeare, o da loucura do rei Lear. Depois de realizar a partilha de seu reino entre duas das três filhas – Regan e Goneril, excluindo Cordélia, cuja sinceridade não permitia o exercício de adulação que o pai exigira de todas as três em troca de porções de seu reino –, Lear decide viver ora nos domínios de uma, ora nos domínios de outra, acompanhado de um pequeno exército. Não tardam os conflitos entre o rei e as filhas, que desejam não só destituí-lo da dignidade de soberano como matá-lo, e Lear foge com seu bobo e seu conselheiro, o conde de Kent. Constatando a traição das filhas, Lear deixa o castelo de Regan rumo aos bosques (Ato II, Cena 4). No Ato III, sob forte tempestade, o rei lança imprecações aos céus; enlouquecido, põe-se nu e realiza um julgamento imaginário das filhas que o traíram. Publicada em 1608, *Rei Lear* figura ao lado de *Otelo*, *o mouro de Veneza*, *Macbeth* e *Hamlet* entre as principais tragédias de Shakespeare.

CAPÍTULO 3

PRECEDENDO-ME escada acima, Zillah recomendou que eu escondesse a vela e não fizesse barulho, pois seu patrão tinha uma cisma esquisita com o quarto no qual ela ia me colocar e nunca deixava de bom grado que alguém pernoitasse ali.

Indaguei o motivo.

Respondeu-me que não sabia: fazia apenas um ou dois anos que estava naquela casa, e aconteciam tantas coisas estranhas que ela já nem se dava mais ao trabalho de ficar curiosa.

Por demais estupefato para ficar curioso eu mesmo, tranquei a porta e olhei ao redor, à procura da cama. A mobília inteira se resumia a uma cadeira, um guarda-roupa e um imenso baú de carvalho, com aberturas quadradas junto ao topo, parecidas com janelas de uma carruagem.

Aproximando-me da estrutura, olhei para dentro e vi que era uma espécie de divã antiquado, convenientemente concebido para evitar a necessidade de cada membro da família ter seu próprio quarto. Na verdade formava um pequeno compartimento, e o peitoril da janela, que ele agregava, servia de mesa.

Afastei os painéis laterais, entrei com minha vela, fechei-os de novo e me senti a salvo da vigilância de Heathcliff – e dos outros.

O peitoril, onde coloquei minha vela, tinha alguns livros embolorados empilhados a um canto, e estava coberto de palavras talhadas na tinta. A escrita, porém, nada mais era do que um nome repetido em todos os tipos de letra, pequenas e grandes – “Catherine Earnshaw”, aqui e ali alterado para “Catherine Heathcliff” e depois para “Catherine Linton”.

Tomado pela letargia, apoiei a cabeça no peitoril e continuei a ler Catherine Earnshaw... Heathcliff... Linton... até meus olhos se fecharem. Mas não fazia cinco minutos que eles haviam descansado quando um brilho de letras brancas surgiu na escuridão, vívidas como espectros; o ar estava tomado por Catherines, e, erguendo-me para dissipar a imagem do nome inoportuno, percebi que o pavio da minha vela encostava num dos livros antigos, enchendo o lugar com um cheiro de couro queimado.

Soprei o pavio e, muito indisposto devido ao frio e à náusea, sentei-me e

abri sobre os joelhos o volume queimado. Era uma Bíblia, em tipo pequeno e cheirando horrivelmente a mofo; a folha de rosto trazia a inscrição “Pertence a Catherine Earnshaw”, e uma data, de um quarto de século antes ou coisa assim.

Fechei o livro e apanhei outro, e mais outro, até tê-los examinado a todos. A biblioteca de Catherine era seleta, e seu estado dilapidado provava que tinha sido bem usada, embora nem sempre com um propósito legítimo; poucos eram os capítulos que haviam escapado a um comentário – ou o que pareciam ser comentários – a tinta, cobrindo todo o espaço em branco deixado pelo tipógrafo.

Alguns eram frases soltas; outras partes assumiam a forma de diário regular, rabiscado com uma caligrafia infantil. No alto de uma página adicional (um tesouro e tanto, provavelmente, ao ser descoberta), diverti-me bastante ao contemplar uma excelente caricatura de meu amigo Joseph – não passava de um tosco esboço, mas realizado com talento.

Um interesse imediato pela desconhecida Catherine acendeu-se em mim, e comecei então a decifrar seus desbotados hieróglifos.

“Que domingo horrível”, começava o parágrafo abaixo.

Queria que meu pai estivesse aqui. Hindley é um substituto detestável... sua conduta para com Heathcliff é atroz... H. e eu vamos nos rebelar... demos os primeiros passos hoje à tarde.

Choveu sem parar o dia todo; não pudemos ir à igreja, de modo que Joseph teve de reunir uma congregação no sótão. Enquanto Hindley e sua esposa ficaram lá embaixo, confortavelmente instalados diante da lareira, fazendo qualquer coisa menos ler a Bíblia, posso jurar, Heathcliff, eu e o pobre rapaz do arado fomos obrigados a pegar nossos livros de oração e subir: dispostos numa fileira, sobre um saco de milho, resmungando e tiritando de frio, e esperando que Joseph também tiritasse, para que o sermão fosse mais curto. Vã esperança! O serviço durou exatas três horas, e ainda assim meu irmão teve a petulância de perguntar, quando nos viu descendo:

– O quê, já terminaram?

Nas tardes de domingo costumávamos ter permissão para brincar, se não fizéssemos muito barulho; agora, um ruído de nada é suficiente para que nos ponham de castigo!

– Esquece quem manda aqui – diz o tirano. – Acabo com o primeiro que me irritar! Faço questão de compostura e silêncio absolutos. Ah, foi você, menino? Frances, querida, aproveite que está passando e puxe o cabelo dele: ouvi-o estalar os dedos.

Frances puxou-lhe o cabelo com vontade, indo depois se sentar no colo do marido, e ali ficaram os dois, feito bebezinhos, beijando-se e falando bobagens, bobagens mesmo, coisas de que deveríamos nos envergonhar.

Instalamo-nos o mais confortavelmente possível sob o arco do aparador. Eu acabara de atar nossos aventais, pendurando-os como se fossem uma cortina, quando Joseph entrou, vindo da estrebaria. Arrancou fora meu trabalho, deu-me um tapa na orelha e grasnou:

– O patrão acabou de ser enterrado, o domingo ainda não acabou, e o som do Evangelho ainda está nos seus ouvidos, e os dois aí, de papo para o ar! Que vergonha! Sentados, agora mesmo, seus malcriados! Tanto livro bom para ler! Sentem aí, e pensem nas suas almas!

Ao dizer isso, ele nos obrigou a corrigir nossa posição de tal modo que recebêssemos do fogo distante um pouco de luz fraca, capaz de iluminar as páginas da porcaria que atirou sobre nós.

Eu não consegui suportar aquilo. Peguei meu volume surrado pela capa e joguei no canil, dizendo que odiava bons livros.

Heathcliff atirou o seu no mesmo lugar com um chute.

E aí, foi um escândalo!

– Sr. Hindley – gritou nosso capelão. – Patrão, venha cá! A srta. Cathy arrancou a capa do *Elmo da salvação*, e Heathcliff enfiou o pé na primeira parte de *O caminho para a destruição*!¹⁴ O senhor não pode deixar os dois se comportarem desse jeito. O velho patrão já teria dado uma boa surra neles, mas ele não está mais entre nós!

Hindley veio às pressas de seu paraíso junto à lareira e, agarrando-nos um pela gola e o outro pelo braço, atirou-nos a ambos na despensa, onde, assegurava Joseph, “o Capeta” iria sem dúvida nos buscar. Assim reconfortados, buscamos cada um de nós um canto separado onde aguardar sua vinda.

Peguei este livro e um tinteiro na prateleira, abri de leve a janela para obter um pouco de luz, e faz vinte minutos que estou escrevendo. Meu companheiro, porém, está impaciente e sugere que apanhemos a capa da empregada que cuidava do leite e corramos para a chameca, assim, disfarçados. Sugestão agradável... e então, se o velho rabugento voltar, talvez ache que sua profecia se confirmou... não há como sentir mais frio na chuva do que aqui.

Suponho que Catherine tenha levado a cabo seu projeto, pois a frase seguinte introduzia um novo assunto: o tom era lacrimoso.

Nunca imaginei que um dia Hindley fosse me fazer chorar assim! Minha cabeça dói tanto que mal consigo apoiá-la no travesseiro; mesmo assim, não consigo esquecer. Pobre Heathcliff! Hindley chama-o de vagabundo e não permite que se sente conosco, nem que coma junto conosco. Diz ainda que ele e eu não devemos brincar juntos, e ameaça expulsá-lo de casa se desobedecermos às suas ordens. Culpa nosso pai (como ousa?) por ter tratado H. com liberalidade excessiva, e jura que vai colocá-lo no seu devido lugar...

Comecei a cochilar sobre a página mal iluminada; meus olhos vagueavam do texto manuscrito às palavras impressas. Vi um título vermelho ornamentado – *Setenta vezes sete, e o primeiro do septuagésimo primeiro. Sermão feito pelo reverendo Jabez Branderham,*¹⁵ *na capela de Gimmerden Sough.*¹⁶ E enquanto eu tentava, semiconsciente, adivinhar o que Jabez Branderham teria a dizer sobre o assunto, afundei na cama e adormeci.

Ai de mim! Terríveis os efeitos de um chá ruim e de uma companhia ruim! O que mais poderia ter causado uma noite tão terrível? Não me lembro de outra pior desde que passei a ter a capacidade de sofrer.

Comecei a sonhar, quase que antes de perder a consciência do local onde me encontrava. Achei que tinha amanhecido, e eu estava a caminho de casa, com Joseph como guia. A neve se acumulara numa grossa camada na estrada e, conforme avançávamos, com grande dificuldade, o velho me enfadava com censuras constantes por eu não ter trazido um cajado de peregrino. Dizia-me que sem um eu não conseguiria voltar para casa, e brandia com orgulho um pesado bastão que supus ser assim denominado.

Por um momento achei absurdo precisar de uma arma daquelas para ser admitido em minha própria residência. Então, um pensamento me ocorreu. Não era para lá que eu me encaminhava; estávamos indo ouvir o sermão do famoso Jabez Branderham sobre o texto *Setenta vezes sete*; e um de nós, Joseph, o pastor ou eu, cometera o “primeiro do septuagésimo primeiro”, pelo que seria publicamente denunciado e excomungado.¹⁷

Chegamos à capela. Já passei por ela duas ou três vezes, creio, em minhas caminhadas. Fica num vale entre dois morros – um vale elevado –, perto de um pântano, cuja turfa úmida serve para embalsamar, dizem, os poucos cadáveres ali depositados.¹⁸ O telhado vem resistindo, até aqui; mas como o pagamento do pastor é de apenas vinte libras por ano e uma casa com dois cômodos que ameaçam se transformar num só, não há quem esteja disposto a assumir a função de pastor ali, principalmente quando é sabido que o rebanho preferiria vê-lo morrer de fome a aumentar-lhe a receita com um único centavo do próprio bolso.¹⁹ No meu sonho, contudo, Jabez tinha uma congregação vasta e atenta; e pregava – meu Deus, que sermão! Dividido em *quatrocentas e noventa* partes, cada uma do tamanho de um sermão comum feito do púlpito, e cada uma discutindo um pecado diferente! Onde ele encontrara tantos assim, não sei. Tinha seu modo particular de interpretar o texto, e parecia necessário que o irmão cometesse pecados diferentes a cada ocasião.

Havia-os de todo tipo: transgressões curiosas que eu jamais imaginara até ali.

Ah, como estava ficando cansado. Como me contorcia e bocejava e cabeceava e despertava em sobressaltos! Eu me beliscava e esfregava os olhos e me levantava e voltava a me sentar, e dava cotoveladas em Joseph para que ele me informasse se aquilo *algum dia* teria fim!

Estava condenado a ouvir tudo. Finalmente, ele chegou ao “primeiro do septuagésimo primeiro”. Nesse ponto crítico, uma súbita inspiração desceu sobre mim; levantei-me e denunciei Jabez Branderham como culpado daquele pecado que cristão algum precisa perdoar.²⁰

– Senhor – exclamei –, sentado aqui entre estas quatro paredes, suportei e perdoei as quatrocentas e noventa partes do seu sermão. Setenta vezes sete vezes peguei meu chapéu e estive a ponto de ir embora... Setenta vezes sete vezes o senhor me obrigou a retornar ao meu assento. Quatrocentas e noventa e uma partes já são demais. Companheiros de martírio, ao ataque! Vamos arrastá-lo para fora do púlpito e reduzi-lo a um punhado de átomos, para que ele suma para sempre!

– *És tu o homem!*²¹ – clamou Jabez após pausa solene, debruçando-se no

púlpito. – Setenta vezes sete vezes contorceste teu rosto, setenta vezes sete vezes consultei minha alma... Eis a fraqueza humana; é preciso absolvê-la também! Chegamos ao primeiro do septuagésimo primeiro. Irmãos, executai a sentença a ele prescrita. Honrai todos os santos do Senhor!²²

Ante essas palavras, a congregação inteira, brandindo seus bastões de peregrino, cercou-me rapidamente, e eu, não possuindo uma arma com que me defender, comecei a lutar com Joseph, meu agressor mais próximo e feroz, para me apoderar da sua. Na confluência da multidão, vários bastões se entrechocaram; golpes destinados a mim caíram sobre outras cabeças. Em pouco tempo, a capela ressoava com pancadas de ataque e defesa: cada um se voltava contra o vizinho,²³ e Branderham, não querendo ficar parado, despejava seu zelo numa chuva de batidas fortes nas tábuas do púlpito, que respondiam tão prontamente a ponto de, para meu indizível alívio, acabar me acordando.

E o que sugerira o tumulto tremendo? O que fizera o papel de Jabez? Nada mais do que o galho de um pinheiro que tocava minha janela incitado pelo vento e batia com suas pinhas secas contra a vidraça!²⁴

Escutei, hesitante, por um momento. Após descobrir o que perturbava meu sono, virei-me e adormeci, sonhando de novo – um sonho ainda pior do que o anterior, se é que isso era possível.

Dessa vez, eu me lembrava de que estava deitado no compartimento de carvalho e ouvia claramente a ventania e a neve açoitando o telhado; também ouvia o galho do pinheiro repetir seu ruído incômodo, e sabia de onde vinha o barulho – mas me incomodava de tal modo que resolvi silenciá-lo. Levantei-me e tentei abrir a janela. A lingueta estava soldada na armela – fato que eu notara quando acordado, mas logo esquecera.

– Tenho que acabar com isso, de qualquer maneira! – murmurei, atravessando a vidraça com o punho fechado e esticando o braço a fim de agarrar o galho inoportuno. Em vez disso, meus dedos se fecharam sobre os de uma pequenina e gélida mão!

O horror intenso do pesadelo me invadiu: tentei puxar de volta o braço, mas a mão se apoderara dele, e uma voz extremamente melancólica soluçou:

– Deixe-me entrar... deixe-me entrar!

– Quem é você? – perguntei, enquanto lutava para me soltar.

– Catherine Linton – respondeu a voz, trêmula (por que pensei em *Linton*? Tinha lido o nome *Earnshaw* vinte vezes mais). – Voltei para casa. Estava perdida na charneca!

Enquanto ela falava, discerni na escuridão um rosto de criança olhando pela

janela. O terror tornou-me cruel; vendo que era inútil tentar me livrar da criatura, puxei-lhe o punho através da vidraça quebrada, roçando-o para dentro e para fora até que o sangue começou a escorrer e encharcou os lençóis. Ainda assim, ela choramingava:

– Deixe-me entrar! – E seguia me apertando firmemente, quase me enlouquecendo de medo.

– Como posso fazer isso? – perguntei, por fim. – *Solte-me*, se quer que eu a deixe entrar!

Os dedos relaxaram, puxei os meus para dentro pelo buraco, empilhei depressa os livros numa pirâmide a fim de tapá-lo e cobri os ouvidos para não ouvir o pedido choroso.

Acho que fiquei assim por uns quinze minutos; no momento em que os destapei, contudo, lá estava o triste gemido outra vez!

– Vá embora! – gritei. – Jamais vou deixá-la entrar, nem que fique aí pedindo por vinte anos.

– Já faz vinte anos – a voz se lamuriou –, vinte anos. Estou perdida faz vinte anos!

Com isso, comecei a ouvi-la arranhar de leve a vidraça, e a pilha de livros se moveu, como se alguém a empurrasse de fora.

Tentei me levantar, mas não conseguia me mexer... então dei um grito, num frenesi de pavor.

Para meu espanto, descobri que o grito não foi imaginário: passos rápidos se aproximaram da porta do meu quarto e alguém a abriu com força; uma luz brilhou nos quadrados no alto do compartimento. Sentei-me, trêmulo, e enxuguei o suor da testa. O intruso pareceu hesitar, e murmurou qualquer coisa para si mesmo.

Por fim, perguntou, quase que num sussurro, e obviamente sem esperar ouvir uma resposta:

– Tem alguém aí?

Achei melhor confessar minha presença, pois reconheci a voz de Heath-cliff e temi que ele continuasse a busca, se ficasse quieto.

Com essa intenção, abri os painéis da porta. Tão cedo não hei de esquecer o efeito que minha ação produziu.

Heathcliff estava parado junto à entrada, de camisa e calça, uma vela escorrendo em seus dedos e o rosto tão branco quanto a parede atrás dele. O primeiro estalido do carvalho sobressaltou-o como se fosse um choque elétrico.²⁵

A vela saltou de sua mão e foi parar a alguns metros de distância; sua agitação era tal que ele mal conseguiu apanhá-la de volta.

– Sou eu, o seu hóspede, senhor – exclamei, querendo poupar-lhe a humilhação de expor ainda mais sua covardia. – Tive a infelicidade de gritar enquanto dormia, devido a um terrível pesadelo. Peço desculpas se o incomodei.

– Ah, diabos o carreguem, sr. Lockwood! Que o senhor vá para o... – começou a dizer meu senhorio, colocando a vela sobre uma cadeira, porque não conseguia segurá-la com firmeza. – E quem foi que o trouxe até este quarto? – continuou ele, enterrando as unhas na palma das mãos e rangendo os dentes para controlar o tremor do queixo. – Quem foi? Penso seriamente em expulsar de casa agora mesmo quem fez isso!

– Foi sua criada Zillah – respondi, pulando da cama e vestindo-me depressa. – E eu não haveria de me incomodar se fizesse isso, sr. Heathcliff; ela bem o merece. Suponho que queria ter, à minha custa, mais uma prova de que este lugar é mal-assombrado. Pois bem, é mesmo! Está infestado de fantasmas e goblins!²⁶ O senhor tem todos os motivos para deixá-lo trancado, eu lhe garanto. Ninguém há de lhe agradecer pela oportunidade de dormir neste antro!

– O que quer dizer com isso? – perguntou Heathcliff. – E o que está fazendo? Deite-se e durma o restante da noite, uma vez que *já está* aqui. Mas, pelos céus!, não repita aquele grito horrível: não haveria razão para ele, a menos que alguém o estivesse degolando!

– Se aquele demônio tivesse entrado pela janela, provavelmente teria me estrangulado! – retorqui. – Não vou mais tolerar as perseguições de seus hospitaleiros ancestrais. Não era o reverendo Jabez Branderham parente seu, pelo lado materno? E esse diabo de Catherine Linton, ou Earnshaw, ou fosse qual fosse o nome dela... deve ter sido trocada no berço.²⁷ Que alminha perversa! Disse-me que andava penando pela terra fazia vinte anos: punição justa por suas transgressões morais, não tenho dúvidas!

Mal pronunciei essas palavras, lembrei-me da associação dos nomes de Heathcliff e Catherine no livro, detalhe que me escapara por completo da memória até ser assim despertado. Corei diante de minha falta de consideração; sem demonstrar, porém, maior consciência da ofensa, apressei-me em acrescentar:

– A verdade, senhor, é que passei a primeira parte da noite... – detive-me outra vez. Estava prestes a dizer “folheando aqueles livros antigos”, o que teria revelado meu conhecimento de seu conteúdo manuscrito, bem como do impresso. Corrigindo-me, então, prossegui – ...a repetir o nome escavado no

peitoril da janela. Uma ocupação monótona, calculada para me fazer dormir, como contar carneirinhos ou...

– Quais são as suas intenções ao falar *comigo* dessa maneira? – rugiu Heathcliff, com arrebatada veemência. – Como *ousa*, na minha própria casa? Meu Deus! Só pode ser louco, para falar assim! – E bateu na própria testa, furioso.

Eu não sabia se me ofendia com as palavras ou se prosseguia com minha explicação, mas ele parecia tão terrivelmente perturbado que me apiedei e continuei lhe contando meus sonhos, afirmando que jamais ouvira o nome Catherine Linton até então, mas o fato de tê-lo lido tantas vezes produzira uma impressão que se personificara quando minha imaginação já não estava mais sob controle.

À medida que eu falava, Heathcliff foi se deixando cair na cama até se sentar e ficar quase escondido atrás dela. Adivinhei, contudo, por sua respiração irregular e entrecortada, que lutava para vencer um acesso de violenta emoção.

Não querendo revelar-lhe que notara o conflito, continuei com minha toalete, fazendo razoável barulho, consultei meu relógio e comentei o quanto a noite custava a passar:

– Ainda não são três horas! Poderia jurar que eram seis. O tempo parece estagnar, aqui: devemos ter ido dormir às oito!

– Sempre às nove, no inverno, e nos levantamos às quatro – comentou meu anfitrião, suprimindo um gemido e, a julgar pelo movimento da sombra de seu braço, enxugando uma lágrima dos olhos. – Sr. Lockwood – acrescentou –, pode ir para o meu quarto; só faria atrapalhar, descendo assim tão cedo. E seu grito infantil mandou meu sono para o inferno.

– O meu também – repliquei. – Vou caminhar no pátio até o dia raiar, e então vou embora. E não precisa recear que eu volte. Já estou curado do vício de procurar prazer na companhia de outras pessoas, no campo ou na cidade. Um homem sensato deve se contentar com sua própria companhia.

– Ótima companhia! – murmurou Heathcliff. – Pegue a vela e vá para onde quiser. Vou me juntar ao senhor daqui a pouco. Mas não vá para o pátio; os cachorros estão soltos. E a sala... Juno está de guarda lá, e... não, o senhor só vai poder andar pelas escadas e pelos corredores. Mas vá logo! Vou daqui a dois minutos!

Obedeci, ansioso para sair daquele quarto. Ignorando, porém, aonde levavam os estreitos corredores, fiquei parado e testemunhei, involuntariamente, uma demonstração de superstição por parte de meu senhorio que, estranhamente,

contradizia sua aparente sensatez.

Ele subiu na cama e abriu a gelosia, irrompendo, ao fazê-lo, num incontrolável acesso de choro.

– Entre! Entre! – soluçava. – Cathy, entre. Ah, por favor... *uma vez mais!* Ah, minha adorada! Ouça-me *desta vez*, Catherine, por fim!

O espectro mostrou um capricho digno dos espectros: não deu sinais de existência. A neve e o vento, porém, entraram rodopiando freneticamente, chegando até onde eu estava e apagando a vela.

Havia tanta angústia na torrente de dor que acompanhava aquele delírio que a compaixão me fez esquecer sua loucura e me afastei, um pouco zangado comigo mesmo por ter escutado tudo aquilo, e envergonhado por ter relatado meu ridículo pesadelo, já que causara tanta agonia – embora o *porquê* estivesse além da minha compreensão.

Desci cautelosamente e me vi nos fundos da cozinha, onde um resquício de fogo, num monte compacto, permitiu-me acender de novo a vela.

Nada se mexia, exceto um gato malhado, que saiu do meio das cinzas e me saudou com um miado lamuriento.

Dois bancos de formato arredondado cercavam quase que por completo a lareira. Estendi-me sobre um deles, e o gato mal-encarado subiu no outro. Estávamos ambos cochilando quando alguém invadiu nosso retiro. Era Joseph, descendo por uma escada de madeira que desaparecia através de uma abertura no teto – a entrada para o sótão, suponho.

Lançou um olhar sinistro para a chama que eu reavivara, espantou o gato do seu lugar e foi ocupá-lo ele próprio, iniciando então a operação de encher de fumo um cachimbo. Minha presença em seu santuário era, obviamente, considerada por demais impertinente para merecer qualquer comentário. Ele levou o cachimbo silenciosamente aos lábios, cruzou os braços e se pôs a fumar.

Deixei-o desfrutar de seu prazer sem incomodá-lo; depois de expelir a última baforada e dar um suspiro profundo, Joseph se levantou e saiu tão solenemente quanto entrara.

Ouvi em seguida passos mais elásticos e abri a boca para dar bom-dia, mas fechei-a de novo, sem pronunciar o cumprimento, pois Hareton Earnshaw dizia suas orações *sotto voce*,²⁸ numa série de pragas dirigidas a cada objeto que tocava, enquanto procurava num canto uma pá para remover a neve. Olhou por cima do encosto do banco, dilatando as narinas, e fez tanta questão de trocar cortesias comigo quanto com meu companheiro, o gato.

Imaginei, por seus preparativos, que já me era permitido sair, e, deixando

meu sofá duro, fiz um gesto no sentido de segui-lo. Ele notou e apontou para uma porta interna com o cabo da pá, indicando, com um som inarticulado, que era por ali que eu deveria sair, se fosse deixar a cozinha.

A porta se abria para a sala, onde as mulheres já estavam de pé: Zillah avivando o fogo com um fole imenso que lançava faíscas chaminé acima, e a sra. Heathcliff ajoelhada diante da lareira, lendo um livro à luz das chamas.

Tinha a mão interposta entre o calor do fogo e os olhos e parecia absorvida em sua ocupação, pondo-a de lado somente para repreender a criada por cobri-la de faíscas ou para afastar um cachorro que de quando em quando metia o focinho em seu rosto.

Fiquei surpreso ao ver Heathcliff ali também. Estava de pé junto à lareira, de costas para mim, e acabava de esbravejar com a pobre Zillah, que de tempos em tempos interrompia o trabalho para erguer a ponta do avental e dar um gemido indignado.

– E você, sua... imprestável – irrompeu ele, quando entrei, voltando-se para a nora e usando um epíteto tão inofensivo quanto “pata” ou “ovelha”, mas geralmente representado por reticências. – Aí está você, à toa, como sempre! Os outros trabalham para ganhar o pão, e você vive da minha caridade! Ponha de lado esse lixo e vá procurar algo para fazer. Há de me pagar pela maldição de tê-la eternamente diante de mim... Está me ouvindo, mulher dos diabos?

– Vou colocar este lixo de lado porque o senhor pode me obrigar se eu recusar – respondeu a moça, fechando o livro e jogando-o numa cadeira. – Mas não faço mais nada exceto o que eu tiver vontade de fazer, ainda que o senhor fique mudo de tanto praguejar!

Heathcliff ergueu a mão, e a moça recuou a uma distância mais segura, obviamente familiarizada com seu peso.

Sem o menor desejo de assistir a uma briga, avancei energicamente, como se quisesse compartilhar do calor da lareira e ignorasse por completo a discussão interrompida. Ambos tiveram decoro suficiente para suspender ulteriores hostilidades: Heathcliff colocou as mãos nos bolsos, para resistir à tentação; a sra. Heathcliff franziu os lábios e foi se sentar longe dali, onde manteve sua promessa fazendo as vezes de estátua durante o restante da minha estada.

Que não se alongou muito mais. Recusei o convite para acompanhá-los no café da manhã e, à primeira luz da aurora, aproveitei para sair ao ar livre, agora límpido, calmo e frio como gelo impalpável.

Antes que eu chegasse ao final do jardim, meu senhorio gritou-me que parasse e se ofereceu para me acompanhar na travessia da charneca. Ainda bem

que o fez, pois o outro lado do morro era todo ele um verdadeiro oceano ondulado e branco; as ondulações não indicavam, porém, elevações e depressões correspondentes no chão. Muitos poços estavam cheios até a borda, e montes inteiros, refugio das pedreiras, tinham desaparecido do mapa que a caminhada da véspera imprimira em minha memória.

Eu notara, num dos lados da estrada, a intervalos de cinco ou seis metros, uma fileira de pedras, marco que continuava por toda a extensão do pântano: tinham sido colocadas ali e caídas, com o propósito de servir de guia no escuro e também para quando uma nevasca como aquela confundia as profundezas do pântano de ambos os lados da estrada com a terra firme do caminho. Exceto por um ponto surgindo aqui e ali, porém, quaisquer traços de sua existência haviam desaparecido, e meu companheiro a toda hora via-se obrigado a me dizer para virar à direita ou à esquerda, quando eu imaginava que seguia corretamente as curvas da estrada.

Conversamos pouco, e ele parou na entrada de Thrushcross Park, dizendo que dali por diante eu não teria como errar. Nossa despedida se limitou a um breve meneio da cabeça, e então pus-me a caminho, confiando em minhas próprias habilidades, pois a guarita ainda se encontra desocupada.

A distância do portão até Grange é de três quilômetros;²⁹ acho que consegui transformá-los em seis, perdendo-me entre as árvores e afundando até o pescoço na neve, algo que só quem experimentou pode saber o que é. De todo modo, por maiores que fossem meus desvios, o relógio batia doze horas quando entrei em casa. Isso dava pouco mais de meia hora por quilômetro do caminho habitual até Wuthering Heights.

Minha criada e seus satélites correram para me dar as boas-vindas, exclamando, num tumulto, que já tinham me dado por perdido. Todos presumiam que eu perecera naquela noite e se perguntavam como fariam para procurar pelo meu corpo.

Pedi que se acalmassem, agora que me viam de volta, e, entorpecido, arrastei-me escada acima. Depois de vestir roupas secas e andar de um lado para outro por quarenta minutos a fim de restaurar o calor ao corpo, dirigi-me ao meu escritório, fraco feito um gatinho: na verdade, quase que me faltavam forças até mesmo para desfrutar do fogo reconfortante e do café fumegante que a criada preparara para me reanimar.

¹⁴ Os títulos não constam da literatura moral e religiosa da época e foram, ao que tudo indica, inventados pela autora. Ao menos o título “O elmo da salvação” (*The Helmet of Salvation*) parece ecoar uma obra teológica mais antiga, seiscentista: “O cristão em armadura completa” (*Christian in Compleat Armour*), de William Gurnall, livro de sermões e palestras baseadas na Epístola aos Efésios, do apóstolo Paulo. Já “O caminho para a destruição” (*The Broad Way to Destruction*) tem inspiração no Sermão da Montanha: “Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e amplo o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela.” (Mateus 7:13)

15. Supõe-se (a partir de pesquisa de Marianne Thormählen, *The Brontës and Religion*, 1999) que Jabez Branderham seria inspirado por duas figuras históricas de mesmo nome, contemporâneas de Brontë: Jabez Bunting, pregador conhecido e um dos fundadores do Metodismo, e Jabez Burns, pregador batista e autor de volumes bastante populares à época da autora.

16. No sonho de Lockwood, a capela de Gimmerton (espaço de culto da região, depois que a igreja de Gimmerton perdeu seu pastor, à época em que a narrativa tem início) transforma-se na capela de Gimmerden Sough. *Gimmer* é palavra dialetal que designa a ovelha jovem – *Gimmerden*, portanto, é “Vale da Jovem Ovelha”. *Sough*, por sua vez, pode significar, em uma de suas acepções, “lugar pantanoso”, espécie de turfeira.

17. A passagem do sermão de Branderham trata do perdão e está no evangelho segundo Mateus: “Então Pedro, aproximando-se Dele, perguntou: ‘Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu o perdooarei? Até sete?’ Respondeu-lhe Jesus: ‘Não te digo que até sete; mas até setenta vezes sete.’” (Mateus 18:21-22) Como se lê em Janet Gezari (*The Annotated Wuthering Heights*, 2014), a sátira recai sobre o tratamento literal que o pastor dá ao texto bíblico – afinal, Jesus teria autorizado o perdão de um número limitado de pecados (“setenta vezes sete”), a partir do qual qualquer excesso deverá ser tratado à margem das virtudes cristãs. Porém o sonho terá a função de introduzir temas – a vingança e o perdão – que terão ressonância ao longo da narrativa.

18. As condições de pH do solo próximo às turfeiras, locais com bastante acúmulo de matéria orgânica vegetal, permitem a maior conservação de cadáveres, num processo natural de mumificação.

19. As condições de vida dos clérigos na Inglaterra dos sécs.XVIII e XIX podiam ser materialmente bastante severas, mas, por meio de Lockwood, Emily Brontë tece comentários sobre uma realidade mais difícil do que a conhecida de sua família, também sustentada por um clérigo. Consta que Patrick Brontë, reverendo da paróquia de Haworth, tinha ganhos anuais de duzentas libras, além de viver com a família na casa da igreja. Os rendimentos do pastor do sonho de Lockwood são compatíveis com os das irmãs de Emily, Anne e Charlotte, como preceptoras de famílias da região, ou mesmo de Bramwell, que se estabeleceu como tutor.

20. Lockwood pretende denunciar Branderham valendo-se de citação do mesmo livro bíblico: “Portanto, eu vos digo: todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens. E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro.” (Mateus 12:31-32)

21. Lockwood alude à passagem: “Assim como a nuvem se desfaz e passa, assim aquele que desce à sepultura nunca tornará a subir. Nunca mais tornará à sua casa, nem o seu lugar jamais o conhecerá.” (Jó 7:9-10) Jabez, por sua vez, cita o Segundo Livro de Samuel, 12. Nele, o profeta Natã é enviado por Deus a Davi para expressar reprovação quanto à morte de Urias, o heteu, e ao casamento de Davi com a viúva, Betsabá. Natã narra a parábola de um homem cruel a Davi, que se mostra indignado e sugere que tal homem seja morto. Com “Tu és o homem”, Natã revela a Davi que ele próprio é o homem da parábola. Deus lhe poupa a vida, mas não o filho que teria com Betsabá. Embora a culpa seja tematizada no romance, a batalha de citações bíblicas parece, sim, reforçar a leitura esvaziada do texto bíblico, satirizada pela autora.

22. Como no Salmo 149, versículos 6 e 9: “Estejam na sua garganta os altos louvores de Deus, e espada de dois fios nas suas mãos ... Para fazerem neles o juízo escrito; esta será a honra de todos os seus santos. Louvai ao Senhor.”

23. A frase tem forte ressonância bíblica, presente, em diferentes versões, em Gênesis 16:12 (“E ele será homem feroz, e a sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele; e habitará diante da face de todos os seus irmãos”) e Isaías 19:2 (“Porque farei com que os egípcios se levantem contra egípcios, e cada um pelejará contra o seu irmão, e cada um contra o seu próximo, cidade contra cidade, reino contra reino”).

24. O caráter cômico do pesadelo de Lockwood se relaciona a um contexto maior de comentários dos Brontë à vida e à doutrina religiosa. Janet Gezari (ver nota 17) observa que a prosa de Charlotte Brontë cultiva uma perspectiva mais dura da organização religiosa, assinalando a hipocrisia do clero; já Anne procura dar resposta a questões de fundo teológico e doutrinário. É comum relacionar o sermão de Jabez Branderham ao material literário de Bramwell Brontë, único filho de Patrick Brontë. Entre seus vários e inconclusos projetos literários, Bramwell lançara-se em 1845 à produção de um romance, *And the Weary Are at Rest* (“E ali repousam os cansados”, frase extraída de Jó 3:17). Os dois fragmentos que dele restaram – nos quais Bramwell recupera personagens desenvolvidas juntamente com Charlotte em torno de seu jogo narrativo de juventude, o universo de Angria (ver a Apresentação a este volume) – sugerem um forte veio satírico.

25. As experiências científicas com eletricidade na primeira metade do séc.XIX, no sentido de transmiti-la e armazená-la, foram decisivas para invenções como o telégrafo e a bateria; segundo Janet Gezari, porém, a presença da descarga elétrica do raio remonta a uma possível referência literária de Brontë: *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley (ver nota 79).

26. O goblin é uma espécie de demônio de formas grotescas, assemelhadas às do duende. Como figura folclórica, aparece em toda a Europa, sobretudo a anglo-saxã.

27. A referência no original é a *changelling*, figura lendária, presente em diferentes culturas europeias: uma criança deixada por fadas, trolls e demônios em lugar de recém-nascidos humanos. As razões para a troca variam de cultura a cultura. Para os escandinavos, ocorria pois os trolls (figura do folclore nórdico) desejavam uma educação humana para seus próprios filhos; já no folclore irlandês, as fadas eram atraídas pela beleza das crianças humanas, e a crença nos poderes malignos do *changelling* não raro levou bebês à morte. No norte da Inglaterra, acreditava-se que elfos ou fadas poderiam trocar um neném de colo por uma imitação de bebê, geralmente um elfo adulto, que futuramente se revelaria uma criança difícil. As verdadeiras crianças eram, por sua vez, levadas para a Colina dos Elfos. Ao lado da questão dialetal, Emily Brontë inclui em sua narrativa elementos de uma cultura popular de forte fundo nórdico, a contrastar com a erudição cosmopolita.

28. Em italiano no original: em voz baixa.

29. Thrushcross Park corresponde à área verde que cerca Thrushcross Grange. Pela distância entre o portão da propriedade e a casa principal, tratava-se de um vasto domínio, mais apropriado, no contexto inglês, à posse de famílias com título de nobreza (o que não era o caso dos Linton). Sobre as distinções sociais entre as famílias Linton e Earnshaw, ver notas 44, 46 e 63.

CAPÍTULO 4

COMO SOMOS VOLÚVEIS! Eu, que estava determinado a me manter afastado de todo convívio social e que agradecia às estrelas por ter enfim encontrado um lugar onde ele era quase impraticável, eu, um fraco imprestável, após lutar até o anoitecer com o desânimo e a solidão, fui por fim compelido a pedir trégua. Sob o pretexto de me informar acerca das necessidades da casa, solicitei à sra. Dean, quando ela me trouxe o jantar, que se sentasse enquanto eu comia, na esperança de que fosse do tipo que gosta de falar e conseguisse me animar ou embalar meu sono com sua conversa.

– Faz bastante tempo que a senhora vive aqui – comecei. – Dezesseis anos, não foi o que disse?

– Dezoito, senhor. Vim trabalhar para a patroa quando ela se casou. Depois que morreu, o patrão quis que eu ficasse como governanta.

– Ah, é mesmo?

Seguiu-se uma pausa. Ela não era, afinal, de muita conversa, a menos que fosse sobre seus próprios assuntos, que não me interessavam nem um pouco.

Após refletir por um instante, porém, e com os punhos fechados sobre os joelhos e uma expressão pensativa no rosto corado, exclamou:

– Ah, as coisas mudaram muito, desde então!

– Sim – comentei –, a senhora sem dúvida testemunhou muitas alterações, suponho?

– De fato. E problemas também – disse ela.

“Ah, vou encaminhar a conversa para a família do meu senhorio!”, pensei, com meus botões. “Bom assunto para começar! E aquela bela viuvinha, eu gostaria de saber qual a sua história, se é daqui ou, o mais provável, uma estrangeira que os rudes nativos não reconhecem como igual.”

Com essa intenção, indaguei à sra. Dean por que Heathcliff deixara Thrushcross Grange e preferira viver numa situação e residência tão inferiores.

– Ele não tem dinheiro suficiente para manter a propriedade em boas condições? – perguntei.

– Dinheiro, meu senhor? – retrucou ela. – Ele tem muito dinheiro, sabe Deus quanto, e tem mais a cada ano. Sim, sim, é rico o bastante para viver numa casa melhor do que esta, mas é muito... avarento. E mesmo que pensasse em se mudar para Thrushcross Grange, assim que soubesse de um bom inquilino não suportaria perder a oportunidade de ganhar umas centenas mais. É estranho que certas pessoas sejam tão gananciosas, quando não têm ninguém no mundo!

– Ele teve um filho, não?

– Sim, teve... mas esse filho morreu.

– E aquela jovem, a sra. Heathcliff, é a viúva?

– É.

– De onde ela veio?

– Ora, senhor, é filha do meu falecido patrão: seu nome de solteira era Catherine Linton. Cuidei dela quando criança, pobrezinha! Gostaria que o sr. Heathcliff se mudasse para cá e pudéssemos viver juntas de novo.

– O quê! Catherine Linton? – exclamei, surpreso. Mas um minuto de reflexão convenceu-me de que a jovem viúva não era a minha fantasmagórica Catherine. – Então – continuei –, o nome de meu predecessor era Linton?

– Era.

– E quem é aquele Earnshaw, Hareton Earnshaw, que mora com o sr. Heathcliff? São parentes?

– Não. É sobrinho da falecida sra. Linton.

– Primo da mocinha, então?

– Isso mesmo. E o marido dela também era um primo. O primeiro por parte de mãe, o segundo por parte de pai. Heathcliff se casou com a irmã do sr. Linton.

– Notei que a casa de Wuthering Heights tem o nome de Earnshaw entalhado sobre a porta da frente. É uma família antiga?

– Muito antiga, senhor. E Hareton é o último deles, assim como a nossa srta. Cathy é a última da nossa família... isto é, dos Linton. O senhor esteve em Wuthering Heights? Desculpe perguntar, mas gostaria de saber como ela está.

– A sra. Heathcliff? Pareceu-me muito bem, e muito bonita, mas não muito feliz, acho.

– Ah, céus. Isso não me espanta! E o que o senhor achou do patrão?

– Um sujeito duro, sra. Dean. Não é mesmo?

– Duro feito pedra! Quanto menos o senhor se meter com ele, melhor.

– Deve ter tido muitos altos e baixos na vida para ficar assim. A senhora

sabe alguma coisa acerca de sua história?

– É a história de um cuco...³⁰ sei tudo, exceto onde nasceu e quem eram seus pais e como conseguiu ficar rico. E Hareton foi banido como um pardalzinho sem plumas! O pobre rapaz é a única pessoa, em toda esta paróquia, que não desconfia de como foi enganado.

– Bem, sra. Dean, seria um ato de caridade me contar alguma coisa de meus vizinhos. Sinto que não vou conseguir dormir se for me deitar, então seja gentil e fique aqui conversando comigo por mais uma hora.

– Ah, claro que sim, meu senhor! Vou buscar minha costura, depois fico pelo tempo que o senhor quiser. Mas vejo que pegou um resfriado. Notei que tremia. Precisa tomar um bom mingau para se curar.

A boa mulher saiu apressada, e me aproximei um pouco mais do fogo. Sentia a cabeça quente, e o restante do corpo gelado. Além disso, meus nervos e meu cérebro estavam tomados por uma excitação quase delirante. Mais do que desconfortável, isso me deixava temeroso (como ainda estou) de que os incidentes daqueles dois dias tivessem sérios efeitos.

Ela regressou sem demora, trazendo uma vasilha fumegante e um cesto de costura. Colocando a primeira na beirada da lareira, puxou a cadeira para a frente, visivelmente contente por me ver tão sociável.

ANTES DE VIR MORAR AQUI – ela começou, sem esperar outro convite para iniciar sua história –,³¹ eu estava quase sempre em Wuthering Heights. Minha mãe criara o sr. Hindley Earnshaw, o pai de Hareton, e eu me acostumara a brincar com as crianças. Fazia uma tarefa ou outra, também, e ajudava a preparar o feno; ficava por ali, na fazenda, pronta para qualquer serviço que quisessem me dar.

Uma bela manhã de verão, lembro que era no princípio da colheita, o velho patrão, o sr. Earnshaw, desceu vestido para viajar. Depois de dizer a Joseph o que tinha de ser feito naquele dia, virou-se para Hindley, Cathy e para mim, que tomava meu mingau com eles, e disse, dirigindo-se ao filho:

– Muito bem, meu caro rapaz, vou a Liverpool³² hoje... O que quer que eu lhe traga? Pode escolher o que quiser, desde que seja algo pequeno, pois vou e volto a pé: noventa e tantos quilômetros para ir e o mesmo para voltar, isso é bastante coisa!

Hindley disse que queria uma rabeca, e então o patrão fez a mesma pergunta à srta. Cathy. Ela mal completara seis anos, mas montava qualquer cavalo da estrebaria, e pediu um chicote.

Ele não se esqueceu de mim, pois tinha bom coração, embora fosse às vezes bastante severo. Prometeu me trazer um saco de peras e maçãs, e então deu um beijo de despedida nos filhos e partiu.

Os três dias em que esteve ausente pareceram-nos muito tempo, e com frequência a pequena Cathy perguntava quando ele voltaria. A sra. Earnshaw o esperava para o jantar do terceiro dia e, hora após hora, atrasava a refeição, mas nada de ele chegar. Por fim as crianças se cansaram de correr até o portão para ver. Escureceu; ela queria colocar os filhos na cama, mas eles suplicaram tristemente que lhes deixasse esperar o pai acordados. Eram quase onze horas quando o trinco da porta se abriu sem ruído e o patrão entrou. Jogou-se numa cadeira, rindo e gemendo, e pediu que o deixassem, pois estava mais morto do que vivo – jamais voltaria a fazer uma caminhada daquelas, nem mesmo pelos três reinos.³³

– Ainda por cima, quase morrer de medo! – disse ele, abrindo o casaco, que trazia embalado como um fardo nos braços. – Veja, mulher! Nunca fui tão castigado por algo em toda a minha vida; mas você deve considerá-lo um presente de Deus, mesmo sendo tão escuro que mais parece ter vindo do Diabo.³⁴

Juntamo-nos ao redor dele, e por cima da cabeça da srta. Cathy vi de relance uma criança suja, maltrapilha, de cabelos pretos. Era grande o suficiente para andar e falar; pelo rosto, parecia na verdade mais velho do que Catherine. Mas quando o puseram de pé só o que fez foi ficar olhando ao redor e repetir umas palavras sem nexos que ninguém conseguia entender. Fiquei com medo, e a sra. Earnshaw estava a ponto de atirá-lo porta afora. Ficou furiosa, perguntando ao marido o que tinha dado nele para trazer aquele cigano para dentro de casa, quando já tinham filhos seus para alimentar e cuidar. O que ele pretendia fazer com a criança? Teria enlouquecido?

O patrão tentou explicar o que havia acontecido, mas estava mesmo quase morto de cansaço, e, em meio às broncas dela, tudo o que consegui entender foi que o havia encontrado faminto e sem casa, perambulando mudo pelas ruas de Liverpool; apanhara-o no colo e perguntara de quem era. Ninguém soubera dizer, explicou o patrão, que, tendo tempo e dinheiro limitados, achou melhor levá-lo de imediato para casa consigo do que gastar com ele recursos inúteis ali – pois estava determinado a não deixar o menino como o havia encontrado.

Bem, por fim minha patroa resmungou até se acalmar, e o sr. Earnshaw me disse que lavasse o menino, lhe desse roupas limpas e o deixasse dormir com seus filhos.

Hindley e Cathy contentaram-se com olhar e ouvir até a paz ser restabelecida. Em seguida, ambos começaram a procurar nos bolsos do pai os

presentes que ele lhes prometera. Hindley era um menino de quatorze anos, mas quando tirou dali o que havia sido uma rabeca, esmagada em pedaços dentro do casaco, abriu o berreiro. E Cathy, ao ficar sabendo que o patrão perdera seu chicote enquanto cuidava do estranho, exibiu seu humor arreganhando os dentes para a criança e cuspiando nela – o que lhe valeu uma sonora bofetada do pai, destinada a lhe ensinar bons modos.

Recusaram-se terminantemente a partilhar a cama – ou mesmo o quarto – com a criança. De minha parte, nada mais me ocorreu fazer além de colocá-lo no patamar da escada, torcendo para que já não estivesse ali no dia seguinte. Por acaso, ou atraída por sua voz, a criança rastejou até a porta do sr. Earnshaw, que o encontrou ali ao sair do quarto de manhã. Perguntou como ele chegara ali; fui obrigada a confessar, e, como recompensa por minha covardia e desumanidade, expulsaram-me da casa.

Assim foi a apresentação de Heathcliff à família. Quando voltei, alguns dias depois (não considerava definitivo meu banimento), fiquei sabendo que o haviam batizado de “Heathcliff”: era o nome de um filho morto ainda na infância, e lhe tem servido desde então, como nome e sobrenome.³⁵

A srta. Cathy e ele já eram bons amigos, mas Hindley o odiava. Para ser honesta, eu também. Nós o atormentávamos vergonhosamente, pois eu ainda não tinha entendimento bastante para perceber a maldade que cometia, e a patroa nunca o defendia ou interferia em favor dele quando o via injustiçado.

Heathcliff parecia uma criança taciturna e paciente, endurecida, talvez, pelos maus-tratos: tolerava as bofetadas de Hindley sem pestanejar ou derramar uma lágrima, e meus beliscões só o faziam respirar fundo e abrir os olhos, como se tivesse se machucado por acaso e ninguém fosse culpado.

Essa resistência deixava o velho Earnshaw furioso quando descobria o filho perseguindo o pobre menino sem pai, como o chamava. Afeiçoou-se estranhamente a Heathcliff, acreditando em que tudo o que ele dizia (o que era bem pouco, aliás, e em geral a verdade), e mimava-o muito mais do que a Cathy, que era por demais levada e desobediente para ocupar o posto de favorita.

Assim, desde o começo, Heathcliff granjeou antipatia na casa. Quando a sra. Earnshaw morreu, menos de dois anos depois, o jovem patrão já aprendera a considerar o pai um opressor mais do que um amigo, e Heathcliff como um usurpador do afeto do pai e de seus próprios privilégios.³⁶ Tudo isso o tornou um jovem amargo.

Eu me condoía dele, num certo sentido; mas quando as crianças tiveram sarampo e precisei cuidar delas, assumindo de repente a função de uma mulher

adulta, mudei de ideia. Heathcliff ficou muito doente, entre a vida e a morte, e, nos piores momentos, não queria que eu me afastasse da sua cabeceira. Acho que sentia que eu cuidava dele com muita dedicação, e não tinha sagacidade suficiente para perceber que era compelida a fazê-lo. A bem da verdade, porém, devo dizer que ele era a criança mais quieta do mundo. A diferença entre ele e os outros me forçou a ser menos parcial. Cathy e seu irmão importunavam-me o tempo todo, e *ele* era dócil como um cordeiro, ainda que por estoicismo, e não por mansidão.

Heathcliff se recuperou, o que o médico afirmou ter acontecido em grande parte graças a mim, elogiando minha dedicação. Senti-me lisonjeada, e meu coração amoleceu pela criatura que me fizera receber tais elogios, de modo que Hindley perdeu sua última aliada. Ainda assim, não me era possível simpatizar com Heathcliff, e, com frequência, me perguntei o que meu patrão tanto via no menino taciturno que nunca, ao que me lembre, recompensou sua bondade com o menor sinal de gratidão. Não que fosse insolente com seu benfeitor; era simplesmente insensível, embora tivesse plena consciência do lugar especial que ocupava em seu coração, e de que bastava dizer uma palavra e a casa inteira seria obrigada a se curvar aos seus desejos.

Lembro-me de uma vez, por exemplo, em que o sr. Earnshaw havia comprado um par de potros na feira local, dando um a cada um dos rapazes. Heathcliff escolheu o mais bonito, mas pouco depois ele começou a mancar; ao descobrir isso, Heathcliff disse a Hindley:

– Você tem que trocar de cavalo comigo, não gosto do meu. E se não fizer isso falo ao seu pai das três surras que me deu esta semana, e mostro a ele o meu braço, que está todo roxo, até o ombro.

Hindley mostrou-lhe a língua e lhe deu uma bofetada nas orelhas.

– É melhor fazer logo o que estou dizendo – insistiu Heathcliff, fugindo para a varanda (estavam na estrebaria). – Vai ter que obedecer mesmo. E se eu falar das surras, vai recebê-las de volta com juros.

– Fora, cachorro! – gritou Hindley, ameaçando-o com um padrão de ferro usado para pesar batatas e feno.

– Jogue isso em mim – replicou ele, imóvel –, e conto como você disse que vai me expulsar de casa assim que ele morrer; veremos se não é você que vai se ver na rua na mesma hora!

Hindley jogou o peso, acertando-o no peito; Heathcliff caiu, mas se pôs de pé no mesmo instante, cambaleando, pálido e sem fôlego. Se eu não o tivesse impedido, teria ido ter com o patrão naquele mesmo instante e obtido sua

vingança deixando sua situação falar por ele e revelando quem fora o responsável.

– Fique com o meu potro, então, cigano! – exclamou o jovem Earnshaw. – E torço para que ele lhe parta o pescoço. Fique com ele, seu intrometido, e vá para o inferno! E tire do meu pai tudo o que ele tem, para que só então ele saiba quem você é, filho do Diabo! Leve o cavalo, tomara que ele arrebente seus miolos com um coice!

Heathcliff tinha ido soltar o animal e levá-lo para sua própria baia. Estava passando atrás do potro quando Hindley concluiu a fala empurrando-o para baixo das patas e, sem parar para ver se sua esperança tinha se concretizado, fugiu o mais depressa que pôde.

Fiquei espantada ao ver a calma com que o garoto se levantou e continuou o que estava fazendo. Trocou as selas, depois se sentou num feixe de feno até passar a vertigem que o golpe violento causara, antes de entrar em casa.

Conseguí persuadi-lo com facilidade a pôr a culpa dos machucados no cavalo. Agora que já conseguira o que desejava, ele não se importava com a história que seria contada. Reclamava tão pouco de eventos como aquele, na verdade, que cheguei a pensar que não era vingativo. Estava completamente enganada, como vai ver.

³⁰. Algumas espécies de cuco do Velho Mundo são parasitárias. A fêmea do cuco deposita os ovos em ninhos de outra espécie (geralmente de pequenos pássaros que se alimentem de insetos, como o rouxinol), cuja fêmea os trata como fossem seus. Não identificada a diferença, o cuco nasce e expulsa os demais ovos e recém-nascidos do ninho, sendo alimentado como se fosse a própria cria da mãe.

³¹. Sobre a estrutura narrativa do livro, ver a Apresentação a este volume.

³². Importante cidade portuária localizada na região leste da ilha da Grã-Bretanha, Liverpool fica a cerca de cem quilômetros do vilarejo de Haworth, terra natal dos Brontë. A distância descrita entre a propriedade dos Earnshaw e a referência à cidade real serve de argumento para a identificação da mais que provável inspiração de Emily Brontë para a Gimmerton do romance.

³³. Os três reinos são Escócia, Inglaterra e Irlanda. Trata-se de um pequeno anacronismo de Nelly Dean, pois sua narrativa remonta a um tempo em que ainda não se havia celebrado o Ato de União entre Inglaterra e Irlanda, de 1800. O acordo entre os reinos formou o Reino Unido e completou um processo iniciado em 1707 com o Tratado de União assinado entre Inglaterra e Escócia, constituindo a Grã-Bretanha.

³⁴. Embora fundada no séc.XIII, a vocação portuária e comercial de Liverpool só se realizaria em fins do séc.XVII, com seu ingresso no tráfico negreiro. À época da viagem do sr. Earnshaw (1771), Liverpool não só era o mais importante porto de escravos da Inglaterra, como se destacava na condição de centro comercial internacional, recebendo navios, mercadorias e indivíduos dos quatro continentes. O estranhamento étnico diante de Heathcliff integra os comentários de diferentes personagens do romance; porém, à medida que se indetermina sob diferentes rubricas a origem do protagonista, reforça-se sua caracterização como a de um “estranho” ou “intruso”, sujeito cujas origens (foi encontrado numa cidade com padrões modernos de socialização) refletem um espaço de regras, relações e valores bastante diversos dos consagrados pelas tradições populares pré-modernas.

³⁵. Os termos que formam o nome Heathcliff – “heath”, urzal + “cliff”, penhasco; “urzal no/do penhasco” – estão diretamente associados à natureza da região da charneca (e à essência da personagem, como se verá).

³⁶. Os termos de Nelly Dean para estabelecer a primeira perspectiva de Hindley sobre Heathcliff estão calcados em relações hierárquicas de poder e posse e marcam a ilegitimidade do protagonista, não só forasteiro como estranho e externo às leis da família e sua propriedade.

CAPÍTULO 5

COM O PASSAR do tempo, a saúde do sr. Earnshaw começou a declinar. Ele fora um homem ativo e saudável, mas as forças o abandonaram repentinamente; ao se ver confinado ao canto da lareira, foi ficando atrozmente irritável. Qualquer coisa o incomodava, e a mera suspeita de que sua autoridade estivesse sendo questionada quase o fazia perder a cabeça.

Isso acontecia em especial se alguém tentasse se impor ao seu preferido ou tiranizá-lo. Não tolerava que se dissesse uma única palavra contra ele e parecia ter metido na cabeça a ideia de que, pelo fato de gostar de Heathcliff, todos os outros o odiavam e desejavam lhe fazer mal.

Isso era uma desvantagem para o rapaz, pois os mais sensíveis de nós não queriam aborrecer o patrão, então éramos complacentes com sua parcialidade; e essa complacência alimentava o orgulho e o temperamento voluntarioso do garoto. Era, ainda assim, necessária; em duas ou três ocasiões, as manifestações de desprezo por parte de Hindley, diante do pai, provocaram no velho uma explosão de fúria. Ele agarrou a bengala para bater no filho, tremendo de raiva por não conseguir fazê-lo.

Por fim, nosso pároco (tínhamos então um pároco, que complementava a renda dando aulas aos jovens Linton e Earnshaw e cultivando ele próprio seu pedaço de terra) aconselhou mandar o rapaz para a universidade, e o sr. Earnshaw concordou, embora cheio de pessimismo, dizendo que “Hindley não servia para nada e jamais prosperaria, não importava aonde fosse”.

Esperei sinceramente que fôssemos ter paz. Afligia-me pensar que o patrão devesse sofrer por sua própria boa ação. Minha impressão era a de que os problemas da idade e as doenças advinham dos conflitos familiares, conforme ele mesmo sempre dizia; ele de fato estava definhando, meu senhor.

As coisas poderiam ter seguido de forma mais ou menos tolerável, porém, se não fosse por duas pessoas – a srta. Cathy e Joseph, o criado; o senhor o conheceu, imagino, lá em cima. Joseph era, e provavelmente ainda é, o mais aborrecido e presunçoso fariseu que já pôs as mãos numa Bíblia a fim de catar promessas para si mesmo e atirar maldições aos seus semelhantes. Conseguiu,

com sua mania de fazer sermões e citações religiosas, causar forte impressão no sr. Earnshaw, e quanto mais fraco este ficava, maior a influência que Joseph ganhava sobre ele.

Não parava de afligi-lo com o destino de sua alma e com a necessidade de uma educação rígida para os filhos. Encorajava-o a considerar Hindley um réprobo e, noite após noite, desfiava um comprido rosário de histórias contra Heathcliff e Catherine – tomando sempre o cuidado de respeitar o preferido de Earnshaw e colocar a maior parte da culpa na garota.

Ela era, de fato, a criança mais difícil que eu já vira, e nos fazia perder a paciência cinquenta vezes por dia, no mínimo. Desde o momento em que descia do quarto até a hora em que ia se deitar, não tínhamos certeza nem por um minuto de que não estaria metida em alguma travessura. Parecia sempre pronta para isso, e nunca fechava a boca; estava sempre cantando, rindo e atazanando quem não estivesse disposto a fazer o mesmo. Um diabinho, mas tinha os olhos mais lindos, o sorriso mais encantador e os pés mais ágeis da paróquia. Não creio, ademais, que fosse mal-intencionada, pois quando fazia alguém chorar de verdade raramente deixava de lhe fazer companhia e obrigar a pessoa a se acalmar para que ela própria pudesse então ser reconfortada.

Adorava Heathcliff. O maior castigo que podíamos inventar para ela era separá-la dele, mas por sua causa era mais repreendida do que qualquer um de nós.

Nas brincadeiras, gostava de ficar no comando, usando as mãos livremente e dando ordens aos companheiros. Fazia o mesmo comigo, mas eu não tolerava bofetadas e ordens, e deixei isso bem claro.

Ora, o sr. Earnshaw não entendia as brincadeiras de seus filhos; sempre fora severo e muito sério com eles. Catherine, por sua vez, não compreendia por que seu pai estava mais irritado e menos paciente agora que estava doente do que quando se encontrava em plena saúde.

As rabugentas repreensões dele despertavam nela uma satisfação maliciosa em provocá-lo. Nunca parecia mais contente do que quando a censurávamos todos ao mesmo tempo, e Cathy nos desafiava com seu olhar impertinente e atrevido, e com as palavras que tinha sempre na ponta da língua. Ridicularizava as maldições religiosas de Joseph, ataçava-me e fazia exatamente o que seu pai mais detestava, mostrando que sua falsa insolência, que ele acreditava ser verdadeira, tinha mais poder sobre Heathcliff do que a bondade dele; que o garoto fazia o que *ela* queria, em qualquer situação, e o que *ele* queria apenas quando era conveniente.

Depois de se comportar da pior maneira possível o dia inteiro, ela às vezes vinha carinhosa se reconciliar com ele, à noite.

– Não, Cathy – dizia o velho –, não posso gostar de você. É ainda pior do que o seu irmão. Vá fazer suas orações e pedir perdão a Deus. Sua mãe e eu ainda vamos lamentar o fato de você ter nascido!

Isso a princípio a fazia chorar; depois, o fato de ser continuamente repelida acabou por endurecê-la, e ela ria se eu a aconselhava a dizer que sentia muito por algo que tivesse feito de errado e pedir desculpas.

Por fim, contudo, chegou a hora em que o sr. Earnshaw haveria de descansar de suas preocupações terrenas. Ele morreu tranquilo, em sua poltrona, certa noite de outubro, sentado junto à lareira.

Um vento forte soprava ao redor da casa e rugia na chaminé: parecia uma tempestade, mas não fazia frio, e estávamos todos reunidos – eu, um pouco distante da lareira, ocupada com meu tricô, e Joseph lendo a Bíblia perto da mesa (pois os criados, naquela época, vinham se sentar na sala depois de terminado o trabalho). A srta. Cathy andara doente, e isso a deixava mais calma; estava apoiada no joelho do pai, e Heathcliff estava deitado no chão, com a cabeça no colo dela.

Lembro que antes de pegar no sono o patrão acariciou o belo cabelo da filha – gostava de vê-la assim tranquila – e disse:

– Por que não pode ser sempre uma boa menina, Cathy?

E ela virou o rosto para ele, rindo, e respondeu:

– Por que não pode ser sempre um bom homem, pai?

Mas assim que notou que o irritara, beijou-lhe a mão e disse que ia cantar para ele dormir. Começou a cantar bem baixinho, até que os dedos dele se soltaram dos seus, e a cabeça caiu-lhe sobre o peito. Eu disse a ela, então, que ficasse quieta e não se mexesse, para não o acordar. Ficamos todos ali calados durante uma meia hora, e teríamos ficado mais tempo se não fosse Joseph, que terminara o capítulo, levantar-se e dizer que tinha que acordar o patrão para que fizesse as orações e fosse para a cama. Aproximou-se e o chamou pelo nome, tocando-lhe o ombro, mas o patrão não se mexeu. Joseph então pegou a vela e fitou-o.

Percebi que havia algo de errado quando ele pousou a vela e, segurando as crianças cada uma por um braço, sussurrou-lhes que subissem e não fizessem muito barulho; podiam rezar sozinhas aquela noite, ele tinha algo a fazer.

– Quero primeiro dar boa-noite ao meu pai – disse Catherine, passando os braços em torno de seu pescoço antes que pudéssemos impedi-la. A pobrezinha

percebeu logo o que acontecera e exclamou: – Ah, ele morreu, Heathcliff! Ele morreu! – E os dois caíram num choro de cortar o coração.

Juntei meu pranto ao deles, chorando muito e amargamente, mas Joseph perguntou por que aquele alvoroço todo se um santo estava chegando ao céu.

Disse-me para vestir minha capa e correr a Gimmerton buscar o médico e o vigário. Eu não sabia por que eram necessários, mas parti mesmo assim, debaixo de chuva e vento, e, ao regressar, trouxe comigo um deles, o médico; o vigário disse que viria pela manhã.

Deixando a Joseph a tarefa de explicar a situação, corri para o quarto das crianças. A porta estava entreaberta, e vi que ainda não tinham ido se deitar, embora passasse da meia-noite. Mas estavam mais calmos e não precisavam do meu consolo. As duas alminhas reconfortavam-se uma à outra melhor do que eu teria feito. Nenhum vigário do mundo jamais descreveu o céu de modo tão bonito quanto eles, em sua conversa inocente. Enquanto eu ouvia, aos soluços, não pude deixar de desejar que estivéssemos todos lá, juntos e a salvo.

CAPÍTULO 6

O ^{SR.} HINDLEY VOLTOU para casa para o enterro e – coisa que nos surpreendeu e provocou fofocas dos vizinhos a torto e a direito – trouxe consigo uma esposa.

De que família era e onde tinha nascido, nunca nos informou: provavelmente não tinha dinheiro nem nome que falassem a favor dela, do contrário não teria escondido o casamento de seu pai.

Não seria ela a perturbar a tranquilidade da casa. Cada objeto que via, desde o momento em que cruzara a soleira da porta, parecia encantá-la, bem como tudo que acontecia à sua volta, à exceção dos preparativos para o enterro e da presença das pessoas de luto.

Achei-a um tanto boba, pelo modo como se comportou enquanto aquilo tudo acontecia. Correu para o quarto e me fez ir com ela, embora eu devesse vestir as crianças, e lá ficou, tremendo, torcendo as mãos e perguntando, repetidamente:

– Já foram?

Então começou a descrever com histérica emoção o efeito que a visão das pessoas enlutadas produzia nela. Sobressaltou-se, voltou a tremer e começou por fim a chorar. Quando perguntei qual era o problema, respondeu que não sabia; tinha tanto medo de morrer!

Parecia-me tão provável ela morrer quanto eu própria. Era magrinha, mas jovem, de pele viçosa e olhos que brilhavam feito diamantes. Reparei, é verdade, que subir as escadas deixava sua respiração acelerada, que o menor ruído súbito a fazia estremecer e que às vezes tossia de modo inquietante; mas eu não sabia o que esses sintomas significavam, e não havia em mim o impulso de simpatizar com ela. Não costumamos nos apegar aos forasteiros por aqui, sr. Lockwood, a menos que eles se apeguem a nós primeiro.

O jovem Earnshaw mudara consideravelmente durante os três anos de sua ausência. Estava mais magro, a pele perdera a cor, e se vestia de modo bem diferente. No mesmo dia em que voltou, disse a Joseph que dali por diante devíamos nos retirar para os fundos da cozinha, deixando a sala para ele. Com efeito, pretendia mandar acarpetar e forrar com papel de parede uma saleta, mas

sua esposa se mostrou tão encantada com o piso branco e a imensa lareira, com os pratos de estanho e a porcelana, com o canil e a amplidão da sala de estar, que ele achou desnecessário efetuar mudanças para que ela se sentisse mais confortável, desistindo do projeto.

Ela também se deleitou em encontrar uma irmã ali; tagarelava com Catherine, no começo, beijava-a, corria com ela de um lado a outro e a enchia de presentes. Seu afeto logo se cansou, porém, e com o seu fastio crescia a tirania de Hindley. Algumas palavras dela indicando um desagrado por Heathcliff foram suficientes para despertar nele todo o antigo ódio pelo rapaz. Afastou-o da companhia da família, fazendo-o se juntar aos criados, privou-o das aulas ministradas pelo pároco e insistiu que passasse a trabalhar no campo, dando duro assim como os outros empregados da fazenda.

Inicialmente, Heathcliff lidou bastante bem com essa degradação, porque Cathy lhe ensinava o que aprendia e trabalhava ou brincava com ele no campo. Ambos prometiam crescer como dois selvagens; o jovem patrão negligenciava por completo o comportamento e as atitudes dos dois, desde que não o importunassem. Não teria nem mesmo feito questão de que fossem à igreja aos domingos – mas Joseph e o pároco censuravam seu descaso quando as crianças se ausentavam; isso o lembrava de mandar dar uma surra em Heathcliff e privar Catherine do almoço ou do jantar.

Mas era um dos maiores prazeres dos dois correr para a charneca de manhã e passar o dia inteiro ali, e a punição que se seguia era motivo de risada. O pároco podia mandar Catherine decorar quantos capítulos quisesse, e Joseph podia surrar Heathcliff até ficar com o braço doendo: no instante em que se viam juntos de novo, esqueciam tudo. Logo concebiam algum perverso plano de vingança, e muitas vezes chorei às escondidas ao vê-los cada dia mais imprudentes, e não ousava dizer uma palavra, por medo de perder a pouca ascendência que ainda tinha sobre aquelas duas criaturas sem amigos.

Numa noite de domingo, por acaso, eles tinham sido banidos da sala, por terem feito barulho ou alguma pequena transgressão; quando fui chamá-los para jantar, não os encontrei em canto algum.

Procuramos por toda a casa, em cima e embaixo, no pátio e na estrebaria – pareciam ter se tornado invisíveis. Por fim, Hindley, num acesso de nervos, disse-nos para passar a tranca nas portas e jurar que nenhum de nós ia deixá-los entrar, naquela noite.

Foram todos para a cama, mas eu, por demais aflita para me deitar, abri a janela, coloquei a cabeça para fora e me pus a escutar atentamente, embora chovesse, determinada a deixá-los entrar apesar da proibição, caso regressassem.

Pouco depois, ouvi passos se aproximando pela estrada, e a luz de uma lamparina bruxuleava atrás do portão.

Joguei um xale sobre a cabeça e corri, para impedi-los de bater na porta e acordar o sr. Earnshaw. Ali estava Heathcliff; alarmou-me vê-lo sozinho.

– Onde está a srta. Catherine? – exclamei, apressadamente. – Não houve nenhum acidente, houve?

– Está em Thrushcross Grange – ele respondeu –, e eu também estaria lá, mas não tiveram a gentileza de me convidar para ficar.

– Bem, isso é para você aprender! – afirmei. – Só fica satisfeito quando é mandado embora. Que ideia foi essa de ir até Thrushcross Grange?

– Deixe-me tirar estas roupas molhadas e eu conto, Nelly.

Pedi que tomasse cuidado para não acordar o patrão, e enquanto ele se despia e eu esperava para apagar a vela, ele prosseguiu:

– Cathy e eu fugimos da lavanderia em busca de um pouco de liberdade. Vendo ao longe as luzes de Grange, pensamos em ir até lá ver se os Linton passavam as noites de domingo de pé, tremendo de frio nos cantos, enquanto seus pais comiam e bebiam, riam e cantavam, diante do conforto da lareira. Acha que é assim, com eles? Ou então lendo sermões e sendo catequisados pelo criado, e obrigados a decorar uma coluna de nomes das Escrituras se não responderem tudo certo.

– Provavelmente não – respondi. – São crianças bem-comportadas, sem dúvida, e não merecem o tratamento que você e a senhorita recebem por serem tão desobedientes.

– Ora, não me venha com bobagens, Nelly – retrucou. – Nós corremos do alto do morro até o parque, sem parar... Catherine perdeu a corrida, porque estava descalça. Você vai ter que procurar os sapatos dela na chameca amanhã. Entramos por uma abertura na cerca, encontramos o caminho e nos plantamos num vaso debaixo da janela da sala de estar. A luz vinha dali: não tinham fechado as gelosias, e as cortinas estavam entreabertas. Nós nos seguramos no peitoril e olhamos lá para dentro... ah, que beleza! Uma sala esplêndida, acarpetada de carimim, com poltronas e mesas cobertas também de carimim, e o teto branco debruado de ouro, e uma cascata de gotas de cristal pendendo de argolas de prata do centro, brilhando com velas pequeninas. O sr. e a sra. Linton não estavam; Edgar e a irmã tinham a sala só para eles. Deviam estar felizes, não acha? Teríamos nos sentido no paraíso! Mas imagine o que as crianças bem-comportadas estavam fazendo... Isabella, que deve ter uns onze anos, um a menos do que Cathy, estava deitada no chão, no outro canto da sala, gritando

como se bruxas a estivessem espetando com agulhas em brasa. Edgar estava de pé junto à lareira, chorando baixinho, e no meio da mesa havia um cachorrinho ganindo, a pata tremendo. Pelas acusações que um fazia ao outro, deduzimos que quase tinham rasgado o bicho ao meio, puxando um de cada lado. Que idiotas! Esse era o seu prazer: brigar para ver quem ia segurar uma bola de pelo, e começar a chorar depois da briga, recusando-se então a pegá-lo. Rimos muito deles, crianças mimadas! Como os desprezamos! Quando é que você já me viu desejando alguma coisa que Catherine quisesse? Ou nos encontrou sozinhos gritando e soluçando e rolando pelo chão, um de cada lado da sala? Eu jamais trocaria minha vida aqui pela de Edgar Linton em Thrushcross Grange... nem mesmo se tivesse o privilégio de jogar Joseph do telhado mais alto e pintar a fachada da casa com o sangue de Hindley!

– Pssst! – interrompi. – Mas ainda não me disse, Heathcliff, por que foi que Catherine não voltou com você.

– Eu disse que rimos – respondeu ele. – Os Linton ouviram e correram ambos para a porta como flechas; primeiro fez-se silêncio, depois começaram a gritar: “Ah, mamãe, mamãe! Ah, papai! Ah, mamãe, venha cá! Ah, papai!” Berravam desse jeito, feito dois loucos. Fizemos barulhos horríveis, tentando assustá-los ainda mais, e depois largamos o peitoril da janela, porque alguém estava abrindo a porta, e achamos melhor fugir. Eu segurava Cathy pela mão e tentava apressá-la, quando de repente ela caiu.

“– Corra, Heathcliff, corra! – ela sussurrou. – Soltaram o buldogue, e ele está me segurando!

“O diabo do cachorro tinha agarrado seu tornozelo, Nelly. Ouvi seus grunhidos abomináveis. Mas ela não gritou! Não teria gritado nem mesmo se estivesse sendo atravessada pelos chifres de uma vaca louca. Eu gritei, contudo; xinguei o suficiente para aniquilar qualquer demônio da cristandade; peguei uma pedra e meti entre os dentes do bicho, tentando enfiá-la por sua goela abaixo. Uma besta de criado apareceu com um lampião, esbravejando:

“– Segure firme, Skulker, segure firme!

“Mas mudou de tom quando viu a presa capturada por Skulker. O cachorro foi agarrado pela goela, a língua roxa e imensa a meio palmo para fora da boca e o beíço caído, babando sangue.

“O homem pegou Cathy no colo, estava pálida, não de medo, tenho certeza, mas de dor. Levou-a para dentro, e fui atrás, resmungando pragas e fazendo juras de vingança.

“– O que foi que ele pegou, Robert? – perguntou Linton, da entrada.

“– Uma menininha, senhor – respondeu ele –, e tem um rapaz aqui – acrescentou, puxando-me pelo braço – que parece um tipo bem esquisito! Os ladrões deviam estar botando os dois pela janela para que abrissem a porta para a quadrilha, depois que tivessem todos ido dormir, e eles poderiam então matar todo mundo aqui à vontade. Fique quieto, seu ladrão desbocado! Vai acabar na forca por causa disto. Sr. Linton, não baixe a arma.

“– Não, não, Robert – disse o velho tolo. – Os safados sabiam que ontem foi o dia de receber o pagamento e acharam que era uma boa ocasião para me assaltar. Entre; vou preparar uma recepção para eles. John, tranque a porta. Dê um pouco d’água ao Skulker, Jenny. Assaltar um magistrado em sua casa, e no domingo, ainda por cima! Até onde chega o atrevimento dessa gente? Ah, minha cara Mary, veja só! Não tenha medo, é somente um garoto... mas pela cara já se vê que é um bandido. Não seria prestar um serviço ao país mandá-lo para a forca agora mesmo, antes que revele sua natureza não apenas nas feições do rosto, mas também em suas ações?

“Puxou-me para perto do candelabro, e a sra. Linton pôs os óculos sobre o nariz e ergueu as mãos no ar, horrorizada. As duas crianças covardes também se aproximaram, Isabella balbuciando:

“– Que coisa mais pavorosa! Ponha ele no porão, papai. É igualzinho ao filho da cigana que roubou meu faisão domesticado. Não é, Edgar?

“Enquanto me examinavam, Cathy se aproximou; ouviu a última frase e riu. Edgar Linton, após fitá-la de modo inquisitivo, por fim conseguiu reconhecê-la. Ele nos vê na igreja, você sabe, embora raramente os encontremos noutro lugar.

“– É a srta. Earnshaw! – sussurrou para a mãe. – Veja como Skulker a mordeu... seu pé está sangrando!

“– A srta. Earnshaw? Não diga bobagem! – exclamou a senhora. – A srta. Earnshaw perambulando pelos campos com um cigano! Mas, meu querido, a menina está machucada... é evidente... e talvez fique aleijada para sempre!

“– Que negligência terrível, a do irmão dela! – exclamou o sr. Linton. E, voltando-se para Catherine: – Parece, pelo que Shielders disse (Shielders era o pároco, senhor), que ele permite que a menina cresça no mais absoluto paganismo. Mas quem é esse garoto? Onde foi que ela arranjou esse companheiro? Ah! Suponho se tratar daquela estranha aquisição que meu finado vizinho fez, em sua viagem a Liverpool... um mestiço qualquer, um americano ou espanhol rejeitado.

“– Um garoto horrível, de todo modo – observou a senhora –, e muito inadequado a uma casa decente! Reparou no vocabulário dele, Linton? É uma

vergonha que meus filhos tenham tido que ouvir!

“Comecei a praguejar de novo... não fique zangada, Nelly... então deram a Robert ordens para me levar embora dali. Recusei-me a ir sem Cathy; ele me arrastou até o jardim, pôs a lamparina em minha mão, garantiu-me que o sr. Earnshaw seria informado do meu comportamento e, mandando que eu fosse embora logo de uma vez, trancou a porta de novo.

“As cortinas ainda estavam abertas num canto, e retomei meu posto de espião; se Catherine quisesse voltar, eu tencionava quebrar as vidraças em mil pedaços, caso eles não a deixassem sair.

“Estava sentada no sofá, em silêncio. A sra. Linton tirou a capa cinza da moça do leite que tínhamos apanhado para nossa excursão, meneando a cabeça e censurando-a, suponho. Era ainda jovem, e eles faziam grande diferença no tratamento dispensado a ela e a mim. Então a criada trouxe uma bacia de água morna e lavou-lhe os pés, e o sr. Linton preparou-lhe uma dose de *negus*.³⁷ Isabella esvaziou em seu colo um prato de doces, e Edgar ficou olhando de longe, boquiaberto. Em seguida, secaram e pentearam seu lindo cabelo, trouxeram-lhe um par de chinelos enormes e a levaram para perto do fogo. Quando a deixei, Cathy estava feliz da vida, compartilhando a comida com o cachorrinho e Skulker, cujo focinho acariciava enquanto ele comia, e acendendo uma centelha de ânimo nos olhos azuis e vazios dos Linton, um pálido reflexo de seu próprio rosto encantador. Vi que estavam todos com um ar de estúpida admiração; ela é tão imensamente superior a eles... a qualquer um, não é mesmo, Nelly?”

– Isso que me contou ainda vai ter consequências – respondi, cobrindo-o e apagando a lamparina. – Você é incurável, Heathcliff, e o sr. Hindley vai ser obrigado a tomar medidas extremas, vai ver só.

Minhas palavras provaram-se mais corretas do que eu desejava. A desafortunada aventura deixou Earnshaw furioso. E o sr. Linton, a fim de reparar a situação, fez-nos ele próprio uma visita no dia seguinte e dispensou um tal sermão ao jovem patrão sobre o modo como educava a família, que este se viu obrigado a tomar uma atitude.

Heathcliff não levou surra nenhuma, mas disseram-lhe que com a primeira palavra que dirigisse à srta. Catherine seria posto na rua; a sra. Earnshaw, por sua vez, encarregou-se de manter a cunhada sob controle depois que esta voltasse para casa – empregando astúcia, e não força, pois pela força seria impossível.

³⁷. Bebida, espécie de sangria quente (ou quentão) feita à base de vinho do porto, açúcar, limão e especiarias.

CAPÍTULO 7

CATHY FICOU EM Thrushcross Grange por cinco semanas, até o Natal. A essa altura, seu tornozelo já estava cem por cento curado, e seus modos haviam melhorado muito. A patroa visitava-a com frequência durante esse tempo e começou seu plano de reforma tentando apelar para sua vaidade, por meio de roupas elegantes e lisonjas; a resposta de Cathy foi imediata. Então, em vez de vermos uma pequena selvagem descabelada entrar correndo em casa e nos abraçar com tanta força a ponto de nos tirar o fôlego, vimos saltar de um belo pônei negro uma pessoa de aspecto bastante digno, com cachinhos castanhos escapando de um chapéu com plumas e um longo traje de montaria que foi obrigada a segurar com as duas mãos para poder caminhar.

Hindley ergueu-a do cavalo, exclamando, encantado:

– Cathy, como está linda! Quase não consegui reconhecê-la; está parecendo uma dama agora. Isabella Linton nem se compara a ela, não é mesmo, Frances?

– Isabella não tem tantos encantos naturais – respondeu sua esposa –, mas Cathy precisa tomar cuidado para não voltar a ser aquela menininha selvagem. Ellen, ajude a srta. Catherine com suas coisas... fique quieta, meu bem, vai estragar o penteado... deixe-me desamarrar seu chapéu.

Tirei sua roupa de montaria e por baixo apareceu um deslumbrante vestido de seda xadrez, acompanhado de culotes brancos e sapatos de verniz. Embora seus olhos brilhassem de alegria quando os cães vieram saudá-la, mal tocou neles, com medo de que pulassem sobre sua esplêndida toalete.

Beijou-me muito de leve: eu preparava o bolo de Natal³⁸ e estava coberta de farinha, e não convinha abraçar-me. Ela então olhou ao redor em busca de Heathcliff. O sr. e a sra. Earnshaw observavam, ansiosos, o encontro, acreditando que lhes permitiria avaliar se poderiam cultivar esperanças de separar os dois amigos.

Foi difícil encontrar Heathcliff, no início. Se já era desleixado e desconsiderado antes da ausência de Catherine, desde então a situação piorara dez vezes.

Ninguém além de mim sequer fazia a gentileza de chamar sua atenção para

a própria sujeira e lhe pedir que fosse se lavar uma vez por semana, e as crianças da sua idade raramente encontram prazer natural no uso do sabão e da água. Portanto, e sem mencionar suas roupas, que já traziam três meses de lama e poeira acumuladas, nem o cabelo grosso e desgrenhado, a superfície do rosto e das mãos estava desanimadoramente encardida. Era compreensível que tivesse ido se esconder atrás do sofá ao ver entrar em casa uma dama tão radiante e graciosa, em vez de uma contrapartida feminina sua, como esperava.

– Heathcliff não está? – perguntou ela, tirando as luvas e exibindo dedos maravilhosamente brancos de não fazer nada e ficar dentro de casa o tempo todo.

– Heathcliff, pode sair daí – chamou o sr. Hindley, divertindo-se com o desconforto do rapaz e satisfeito com a péssima impressão que seria obrigado a causar. – Venha dar as boas-vindas à srta. Catherine, assim como os outros criados.

Cathy, vendo de relance o amigo em seu esconderijo, correu para abraçá-lo, deu sete ou oito beijos em seu rosto em menos de um segundo, então parou, recuando e irrompendo numa risada, até que exclamou:

– Nossa, mas como você está tão preto e zangado! E que ar... engraçado e carrancudo! Mas isso é porque estou habituada a Edgar e Isabella Linton. E então, Heathcliff, se esqueceu de mim?

Tinha certa razão em fazer a pergunta, pois a vergonha e o orgulho redobram o ar sombrio da expressão dele, que continuou imóvel.

– Aperte a mão dela, Heathcliff – ordenou o sr. Earnshaw, condescendente. – Uma vez ou outra é permitido.

– Não! – respondeu o rapaz, recuperando por fim a fala. – Não vou tolerar que riam de mim. Não vou suportar isso!

E ele teria corrido dali se a srta. Cathy não o tivesse segurado de novo.

– Não quis rir de você – disse ela. – Não pude evitar. Heathcliff, aperte a minha mão, pelo menos! Por que está tão carrancudo? Só o achei engraçado, mas se lavar o rosto e pentear o cabelo vai ficar normal de novo. É que está tão sujo!

Preocupada, ela baixou os olhos para os dedos sujos que segurava entre os seus, e também para o vestido, que temia haver sofrido com o contato.

– Não precisava ter me tocado! – respondeu ele, seguindo o olhar dela e puxando a mão para se soltar. – Fico sujo porque é o que quero; gosto de ficar sujo, e pronto.

Com isso, saiu impetuosamente da sala, em meio aos olhares divertidos do patrão e da patroa, e da consternação de Catherine, que não conseguia entender

por que suas observações tinham resultado numa tal demonstração de fúria por parte dele.

Depois de fazer o papel de dama de companhia junto à recém-chegada, de colocar meus bolos no forno e de deixar a casa e a cozinha alegres com um fogo alto queimando na lareira, como apropriado à noite de Natal, preparei-me para sentar e divertir-me cantando sozinha minhas canções natalinas, apesar das afirmações de Joseph, que considerava as alegres músicas quase profanas.

Ele se retirara para rezar em seu quarto, e o sr. e a sra. Earnshaw estavam entretenendo a senhorita com os diversos presentes comprados para que ela desse aos jovens Linton, em agradecimento à sua gentileza.

Tinham sido chamados para passar o dia de Natal em Wuthering Heights, e o convite fora aceito, com uma condição: a sra. Linton pedira que seus queridos filhos não tivessem qualquer contato com aquele “rapazinho malvado, de boca suja”.

Nessas circunstâncias, fiquei sozinha. Sentia o rico aroma dos temperos no forno e admirava os reluzentes utensílios da cozinha, o relógio enfeitado com azevinho, as taças de prata dispostas na bandeja e prontas para serem servidas com cerveja temperada e aquecida³⁹ para a ceia; admirava, sobretudo, a pureza impecável do chão desengordurado e varrido, ao qual eu dispensara cuidado especial.

Aplaudi silenciosamente cada objeto, então me lembrei de como o velho Earnshaw costumava entrar quando estava tudo arrumado, elogiar meus esforços e colocar um xelim⁴⁰ em minha mão à guisa de caixinha de Natal. A lembrança me fez recordar seu carinho por Heathcliff e o temor de que viesse a ser maltratado depois que a morte levasse seu benfeitor; o que, por sua vez, fez-me pensar na atual situação do pobre rapaz, e das canções eu passei às lágrimas. Logo me ocorreu, porém, que seria mais sensato tentar remediar suas falhas do que chorar. Levantei-me e fui para o pátio, à procura dele.

Não estava longe; encontrei-o alisando o pelo lustroso do pônei novo na estrebaria e alimentando os outros animais, como de costume.

– Venha logo, Heathcliff! – chamei. – Está tão agradável lá na cozinha, e Joseph foi para o quarto; venha logo e deixe-me arrumá-lo antes que a srta. Cathy apareça. Vocês então vão poder se sentar juntos, a lareira toda ao seu dispor, e conversar bastante até a hora de dormir.

Ele continuou o que estava fazendo, sem em nenhum momento voltar a cabeça em minha direção.

– Mas então... você não vem? – continuei. – Fiz um bolinho para cada um, e

você vai precisar de meia hora para se arrumar.

Esperei cinco minutos, mas, sem receber resposta, acabei indo embora. Catherine ceou com o irmão e a cunhada; Joseph e eu fizemos uma refeição pouco sociável, temperada com censuras de um lado e atrevimento do outro. O bolo e o queijo de Heathcliff ficaram a noite toda na mesa, para as fadas. Ele deu um jeito de continuar trabalhando até as nove, depois marchou, calado e sisudo, para o quarto.

Cathy ficou acordada até tarde, tendo mil coisas a preparar para a visita dos novos amigos. Foi à cozinha uma vez, falar com seu velho amigo, mas ele não estava, e foi embora depois de perguntar qual era o problema com ele.

Pela manhã, Heathcliff se levantou cedo e, como era feriado, carregou seu mau humor para a chareca, só voltando depois que a família já tinha ido para a igreja. O jejum e a reflexão pareciam ter melhorado seu estado de espírito. Ficou algum tempo à minha volta e, depois de reunir coragem, exclamou abruptamente:

– Nelly, dê um jeito na minha aparência. Quero agir direito.

– Já não era sem tempo – respondi. – Você magoou Catherine. Acho que ela está arrependida de ter voltado para casa! Parece que você está com inveja, porque ela recebe mais atenção.

A ideia de invejar Catherine era incompreensível para Heathcliff, mas a de magoá-la ele compreendeu bastante bem.

– Ela disse que estava magoada? – perguntou, com um ar muito sério.

– Ela chorou quando eu lhe disse que você tinha saído outra vez, hoje de manhã.

– Bem, eu chorei ontem à noite – retrucou ele –, e tinha mais motivos do que ela.

– Sim, seu motivo foi ir para a cama com o coração cheio de orgulho e o estômago vazio – comentei. – As pessoas orgulhosas trazem sofrimento para si mesmas. Mas se estiver envergonhado de sua suscetibilidade, deve pedir perdão quando ela voltar. Deve se aproximar dela e beijá-la e dizer... você sabe o que deve dizer. Mas faça-o com sinceridade, e não como se achasse que ela se tornou uma estranha só porque anda bem-vestida. E agora, embora eu tenha que aprontar o almoço, vou arranjar um tempo para arrumá-lo e fazer com que Edgar Linton pareça um rapazinho sem graça ao seu lado... o que ele de fato parece. Você é mais novo mas apesar disso é mais alto e tem os ombros muito mais largos; poderia derrubá-lo num piscar de olhos, não acha?

O rosto de Heathcliff se iluminou um instante, mas logo voltou a se toldar, e

ele suspirou.

– Mas, Nelly, mesmo que eu o derrubasse vinte vezes isso não o tornaria mais feio ou a mim mais bonito. Queria ter cabelo louro e pele clara, me vestir bem e ser bem-educado, e ter a chance de ser tão rico quanto ele vai ser!

– E chamar a mamãe a toda hora – acrescentei –, e tremer se um garoto do campo erguesse o punho contra você, e ficar em casa o dia inteiro quando chovesse. Ah, Heathcliff, está sendo um bobo! Venha até o espelho, vou lhe mostrar como deveria querer ser. Está vendo essas duas linhas entre os seus olhos, e essas sobrancelhas espessas que em vez de se levantar num arco afundam no centro, e esses dois demônios negros, enterrados tão fundo que nunca abrem de todo suas janelas, mas brilham à espreita atrás delas, como espiões do Diabo? Deveria aprender a desfazer essas rugas, a abrir as pálpebras com segurança e transformar os demônios em anjos confiantes e inocentes, que de nada suspeitam e de nada duvidam e sempre buscam amigos onde não têm certeza de que vão encontrar inimigos. Não fique com essa expressão de cachorro danado que parece saber que os pontapés que recebe são merecidos, embora odeie o mundo, bem como quem o chuta, pelo sofrimento que lhe causam.

– Em outras palavras, devo desejar ter os grandes olhos azuis e a testa lisa de Edgar Linton – respondeu ele. – E desejo, mas isso não vai adiantar de nada.

– Um bom coração poderia ajudá-lo a ter um rosto bonito, meu rapaz – prossegui –, ainda que você fosse um negro comum. E um mau coração transformaria a pessoa mais bela em algo horrendo. E agora que acabou de se lavar, e de se pentear, e desmanchou essa cara feia, diga-me se não se acha bem bonito? Eu acho. Parece um príncipe disfarçado. Quem sabe seu pai foi imperador da China, e sua mãe uma rainha indiana, cada um deles em condições de comprar, com a renda de uma semana, Wuthering Heights e Thrushcross Grange juntos, e você foi raptado por marinheiros perversos e trazido para a Inglaterra? Se eu fosse você, acreditaria na possibilidade de ter tido um nascimento nobre, e isso me daria coragem e dignidade para tolerar a opressão de um fazendeirozinho de nada!

Continuei falando, e Heathcliff foi aos poucos perdendo o ar carrancudo e começando a ficar encantador. De repente, porém, nossa conversa foi interrompida pelo barulho de rodas se aproximando pela estrada e entrando no pátio. Ele correu para a janela, e eu para a porta, bem a tempo de ver os dois Linton descendo da carruagem da família, sufocados por capotes e peles, e os Earnshaw desmontando de seus cavalos: frequentemente cavalgavam até a igreja, no inverno. Catherine deu a mão a cada uma das crianças, levou-as para

dentro de casa e as instalou diante da lareira, que logo devolveu a cor aos seus rostos pálidos.

Insisti com meu companheiro que se apressasse e se mostrasse simpático, ao que ele obedeceu de bom grado. Mas quis o azar que, no mesmo instante em que ele abria de um lado a porta da cozinha para a sala, Hindley a abrisse do outro. Encontraram-se, e o patrão, irritado ao vê-lo limpo e alegre, ou talvez ansioso em manter a promessa feita à sra. Linton, empurrou-o de volta com uma súbita estocada, ordenando, irritado, a Joseph:

– Não o deixe aparecer na sala. Mande-o para o sótão até o almoço acabar. Vai enfiar os dedos nas tortas e roubar as frutas, se tiver a oportunidade.

– Não, senhor – não pude evitar responder –, ele não tocaria em nada; não ele. Embora ache que mereça provar de tudo, tanto quanto nós.

– Ele vai provar é a força da minha mão, se eu o apanhar aqui embaixo antes de escurecer – gritou Hindley. – Fora daqui, seu vagabundo! O quê, está tentando bancar o elegante, é isso? Espere só até eu agarrar esses cachos do seu cabelo... veja se ele não vai ficar mais comprido!

– Já está comprido o suficiente – observou o jovem Linton, que espiava da porta. – Não sei como não lhe dá dor de cabeça. Mais parece a crina de um cavalo caindo por cima dos seus olhos!

O comentário não tinha a intenção de insultar, mas a natureza violenta de Heathcliff não estava preparada para tolerar a mais leve impertinência por parte de alguém que parecia odiar, mesmo então, como um rival. Pegou uma terrina cheia de purê de maçã quente (a primeira coisa que encontrou) e atirou contra o rosto e o pescoço de Edgar – que imediatamente se pôs a gritar, fazendo com que Isabella e Catherine viessem correndo.

O sr. Earnshaw pegou o culpado e o levou para o quarto, onde sem dúvida administrou-lhe um remédio para acalmar os nervos, pois voltou ruborizado e ofegante. Peguei o pano de prato e esfreguei, com rancor, o nariz e a boca de Edgar, afirmando que tinha sido bem feito, por ter se metido onde não era chamado. Sua irmã começou a chorar, pedindo para ir para casa, e Cathy ficou ali parada, atônita, o rosto afogueado.

– Você não devia ter falado com ele! – ela censurou o jovem Linton. – Ele estava de mau humor, e agora você estragou sua visita. Ele vai levar uma surra, e não posso suportar isso! Não vou conseguir almoçar. Por que falou com ele, Edgar?

– Não falei – soluçou o garoto, escapando das minhas mãos e acabando de se limpar com seu lenço de cambraia. – Prometi à mamãe que não iria dizer uma

palavra a ele, e não disse.

– Ora, não chore! – continuou Catherine, com desdém. – Você não vai morrer. Não piore ainda mais as coisas; meu irmão está voltando. Fique quieto. Psst, Isabella! Alguém a machucou?

– Vamos, vamos, crianças... todos para a mesa! – exclamou Hindley, irrompendo na cozinha. – Aquele garoto estúpido fez meu sangue ferver. Da próxima vez, Edgar, faça a justiça você mesmo, usando o muque. Vai ver como abre o apetite!

O grupo recobrou a serenidade à vista do perfumado banquete. Estavam com fome após a viagem, e foram consolados com facilidade, pois nada de verdadeiramente mau lhes acontecera.

O sr. Earnshaw serviu pratos generosos, e sua esposa alegrou-os com uma conversa animada. Eu aguardava atrás de sua cadeira e fiquei triste ao ver Catherine, os olhos secos e um ar indiferente, começando a cortar uma asa de ganso à sua frente.

“Garota insensível”, pensei. “Com que facilidade se esquece do sofrimento do velho amigo. Eu não teria imaginado que fosse tão egoísta.”

Levou uma garfada à boca, mas voltou a pousá-la no prato: suas faces coraram e as lágrimas correram. Deixou o garfo cair no chão e se abaixou depressa, escondendo-se sob a toalha para disfarçar a emoção. Não a chamei mais de insensível, pois percebi que passava o dia no purgatório, ansiosa por uma oportunidade de sair da sala ou de visitar Heathcliff, que fora trancado pelo patrão, conforme descobri ao tentar levar um pouco de comida para ele.

À noite, houve um baile. Cathy implorou que o libertassem então, pois Isabella Linton não tinha par, mas suas súplicas foram em vão, e fui designada para suprir a deficiência.

Toda a tristeza se dissipou na alegria da dança, e nosso prazer aumentou com a chegada da banda de Gimmerton, que contava com quinze instrumentos: um trompete, um trombone, clarinetes, fagotes, trompas e uma viola de gamba, além de cantores. Eles percorrem as casas importantes e recebem contribuições todo Natal, e foi para nós um prazer imenso ouvi-los.

Depois das costumeiras canções de Natal, pedimos que interpretassem canções populares.⁴¹ A sra. Earnshaw adorou a música, então eles tocaram bastante.

Catherine também adorou, mas disse que era melhor ouvir do alto da escada, e subiu, no escuro. Fui atrás. Fecharam a porta lá embaixo sem dar pela nossa ausência, de tanta gente que havia. Ela não parou no alto da escada, mas

continuou subindo até a mansarda onde Heathcliff estava confinado e chamou-o. Ele se recusou obstinadamente a responder, durante um tempo. Cathy insistiu, e por fim persuadiu-o a conversar através das tábuas.

Deixei os pobrezinhos à vontade, até me parecer que as canções iriam chegar ao fim e os cantores iriam querer comer e beber; então subi a escada para adverti-la.

Em vez de encontrá-la do lado de fora, ouvi sua voz lá dentro. A diabinha subira pela claraboia de uma mansarda, saíra para o telhado e entrara pela claraboia da outra, e foi com uma dificuldade imensa que consegui convencê-la a sair de novo.

Quando veio, por fim, Heathcliff vinha junto, e ela insistiu que eu o levasse para a cozinha, já que o outro criado fora para a casa de um vizinho a fim de não ouvir nossos “salmos demoníacos”,⁴² como gostava de chamá-los. Disse a eles que não pretendia de modo algum encorajar suas travessuras, mas como o prisioneiro estava em jejum desde o jantar da véspera, não iria me opor a que desobedecesse somente daquela vez às ordens do sr. Hindley.

Ele desceu; coloquei um banco perto do fogo e lhe ofereci várias coisas gostosas, mas ele se sentia mal e quase não comeu. Todos os meus esforços no sentido de alegrá-lo foram por água abaixo. Ele apoiou os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos e permaneceu mergulhado em meditação profunda. Quando perguntei em que pensava, respondeu, de modo grave:

– Estou tentando imaginar como me vingar de Hindley. Não me importo quanto tempo tenha de esperar, desde que no fim consiga o que quero. Espero que ele não morra antes disso!

– Que horror, Heathcliff! – exclamei. – Cabe a Deus castigar os maus. Quanto a nós, devemos aprender a perdoar.

– Não, Deus não vai ter essa satisfação. Ela vai ser minha – retrucou ele. – Só queria saber qual a melhor maneira! Deixe-me sozinho, e vou planejar tudo... enquanto penso nisso, não sofro.

Mas, sr. Lockwood, esqueço-me de que essas histórias talvez não lhe interessem. Que ideia a minha ficar aqui falando sem parar quando seu mingau já está frio, e o senhor cabeceando de sono! Eu poderia ter contado a história de Heathcliff, tudo de que o senhor precisa saber, em meia dúzia de palavras.

COM ISSO, a governanta se levantou e começou a guardar sua costura, mas eu não tinha coragem de me afastar da lareira, e estava muito longe de sentir sono.

– Fique um pouco mais, sra. Dean – solicitei –, fique mais uma meia hora. Fez a coisa certa ao contar a história sem pressa. É o método de que gosto, e deve terminá-la no mesmo estilo. Estou interessado em cada um dos personagens que mencionou, alguns um pouco mais, outros um pouco menos.

– O relógio vai dar onze horas, meu senhor.

– Não faz mal, não estou acostumado a me deitar cedo. Uma ou duas da manhã é o suficiente para quem só se levanta às dez.

– O senhor não deveria acordar tão tarde. A melhor parte da manhã já passou antes disso. Quem não fez até as dez horas a metade do trabalho que deve fazer no dia corre o risco de também não terminar a segunda metade.

– Mesmo assim, sra. Dean, volte para a sua cadeira, porque amanhã pretendo esticar a noite até de tarde. Estou prevendo uma gripe obstinada, no mínimo.

– Espero que não. Bem, o senhor vai me permitir pular uns três anos. Durante esse tempo, a sra. Earnshaw...

– Não, não vou permitir nada do tipo! A senhora sabe como é o estado de espírito quando estamos sentados sozinhos observando tão atentamente uma gata lambendo seu filhote no tapete aos nossos pés que ela se esquecer de uma orelha é motivo suficiente para nos deixar furiosos?

– Um estado de espírito bastante preguiçoso, eu diria.

– Ao contrário, é exaustivamente ativo. É o meu, no momento. Portanto, continue, conte todos os detalhes. Vejo que a gente desta região adquire sobre as pessoas nas cidades o valor que a aranha de uma masmorra tem em comparação com a aranha de uma cabana, aos olhos de seus ocupantes; a maior atração, contudo, não se deve inteiramente à situação do espectador. Aqui as pessoas vivem de fato com mais autenticidade, mais voltadas para si, e se preocupam menos com as mudanças superficiais e os frívolos aspectos externos.⁴³ Parece-me que amar a vida é quase possível, aqui, e sempre fui descrente de que qualquer amor pudesse durar mais de um ano. Uma coisa é como pôr um homem faminto diante de um único prato, no qual ele pode concentrar todo o seu apetite e lhe fazer justiça; a outra é como apresentar-lhe uma mesa posta por cozinheiros franceses: ele talvez possa extrair o mesmo prazer do todo, mas cada parte é um mero átomo aos seus olhos e à sua memória.

– Ah! Aqui somos iguais à gente em qualquer outra parte, o senhor vai ver – observou a sra. Dean, algo aturdida por minhas palavras.

– Perdão – respondi –, a senhora, minha cara amiga, é uma ótima prova contra essa afirmação. À exceção de uns poucos provincianismos sem maior

importância, a senhora não tem qualquer marca do modo de agir que me habituei a considerar peculiar à sua classe. Tenho certeza de que a senhora passou muito mais tempo pensando do que a maior parte dos criados. Sentiu-se compelida a cultivar suas faculdades de reflexão por não ter ocasiões de desperdiçar a vida com ninharias.

A sra. Dean riu.

– Sem dúvida me considero uma pessoa estável e sensata – disse ela –, mas não exatamente por viver entre as montanhas e ver sempre os mesmos rostos e os mesmos acontecimentos ano após ano. Sempre vivi na mais estrita disciplina, o que me deu sabedoria, e li mais do que o senhor imagina, sr. Lockwood. Não há um único livro nesta biblioteca⁴⁴ que eu não tenha lido, e do qual não tenha também tirado algo, a menos que esteja em grego ou latim, ou então em francês... e sei distinguir um idioma do outro, o que é o máximo que se pode esperar da filha de um homem pobre. Porém, se devo continuar contando minha história nos menores detalhes, é melhor não perder tempo. E em vez de dar um pulo de três anos, vou apenas passar ao verão seguinte: o verão de 1778. Ou seja, há quase vinte e três anos.

³⁸. O bolo inglês é típico do país, mormente produzido em época natalina. De massa compacta, contendo manteiga e açúcar, frutas cristalizadas, passas e frutos secos, é o equivalente do bolo-rei português, do panetone italiano e do *Stollen* alemão.

³⁹. No original, *mulled ale*. Trata-se de outra bebida quente típica do inverno britânico. Segundo a receita tradicional, mistura-se a cerveja de tipo *ale* com açúcar, cravo, noz-moscada, gengibre, canela e limão. Pode receber o acréscimo de algum destilado, como conhaque, uísque ou rum.

⁴⁰. O xelim era a moeda que representava a vigésima parte da libra esterlina britânica. Desde 1971, quando a Inglaterra adotou o sistema decimal, está fora de circulação, substituída pela moeda de cinco *pence*.

⁴¹. A partir de uma viagem a Yorkshire, o escritor norte-americano Washington Irving escreve sobre o que os locais chamavam de *merry night* em relação a suas “rústicas” festividades natalinas: “Há abundância de comida caseira, chá, bolos, frutas, cerveja e diversos tipos de brincadeiras, jogos, dança e beijos. É comum que terminem à meia-noite” (*Bracebridge Hall, or The Humorists*, 1822). Atribui-se a Irving – ao lado de Fenimore Cooper, autor de *O último dos moicanos* (1826), um dos mais importantes literatos norte-americanos da primeira metade do séc.XIX – o dito: “Em nenhum lugar as tradições de Natal são mantidas com tanto esplendor quanto em Yorkshire.”

⁴². Por “salmos demoníacos” Joseph entende o cancionário secular. O rigor religioso de Joseph decorre de sua confissão calvinista, já antevista pela biblioteca teológica consultada por Lockwood. Como seita protestante, o calvinismo surge na esteira de questionamentos teológicos lançados à Igreja católica por líderes religiosos europeus a partir do séc.XVI, a chamada Reforma. De origem suíça, João Calvino foi contemporâneo de Martinho Lutero, iniciador do movimento na Alemanha, e estabeleceu em relação a este uma perspectiva própria de importantes questões teológicas, como a fé (única condição para a salvação da alma), a relação entre as leis de Deus e o homem (marcada pela expurgação do pecado original inerente à condição humana) e a predestinação (estipulada por Deus, diante da Queda da Criatura, à revelia dos atos dos homens). A leitura da Bíblia tem papel central no calvinismo, sendo o único caminho para a revelação de Deus ao homem comum.

⁴³. Sobre os contrastes entre campo e cidade, ver nota 2.

⁴⁴. A biblioteca de Thrushcross Grange é índice do refinamento de seus proprietários e das diferenças sociais que separam os Linton e os Earnshaw. Sabe-se que Ponden Hall, provável modelo para essa casa (ver nota 1), dispunha de boa biblioteca, a melhor da região, da qual as irmãs Brontë fizeram grande proveito durante suas visitas aos Heaton.

CAPÍTULO 8

NUMA BELA MANHÃ de junho, nasceu o primeiro bebezinho de quem cuidei, e o último do velho galho dos Earnshaw.

Estávamos ocupados juntando feno, num campo distante, quando a garota que habitualmente levava nosso desjejum veio às pressas pelos prados e estrada acima, uma hora mais cedo, chamando por mim enquanto corria.

– Um bebezão! – exclamou, ofegante. – O menino mais bonito que já vi! Mas o doutor diz que a patroa não vai sobreviver, faz meses que está tísica. Ouvi-o falar com o sr. Hindley, agora que ela não tem mais um motivo para viver, vai morrer antes da chegada do inverno. Vá já para casa. Você vai ter que cuidar do bebê, Nelly. Dar-lhe açúcar e leite, e cuidar dele noite e dia. Queria estar no seu lugar, porque ele vai ser todo seu quando a patroa se for!⁴⁵

– Mas ela está tão doente assim? – perguntei, largando o ancinho e amarrando minha touca.

– Acho que está, mas não parece – respondeu a garota. – Fala como se fosse viver para vê-lo se tornar um homem. Está fora de si de alegria, é um bebê tão lindo! Se eu fosse ela, tenho certeza de que não morreria; ficaria melhor só de olhar para ele, apesar de Kenneth. Fiquei furiosa com ele. A sra. Archer levou o querubim para o patrão, na casa, e o rosto dele começou a se iluminar quando o velho corvo deu um passo à frente e disse: “Earnshaw, é um milagre que sua esposa tenha sido poupada para lhe deixar este filho. Quando ela chegou, eu estava convencido de que não duraria muito. Mas devo preveni-lo: o inverno provavelmente a levará. Não se deixe abalar demais: não há o que fazer a respeito. Além disso, o senhor devia ter sido mais cuidadoso na hora de escolher uma mulher de saúde tão fraca!”

– E o que foi que o patrão respondeu? – perguntei.

– Acho que praguejou qualquer coisa, mas não lhe dei ouvidos, estava tentando ver o bebê. – E começou a descrevê-lo, entusiasmada.

Ansiosa como ela, corri para casa a fim de admirá-lo eu mesma, embora estivesse muito triste por Hindley. Em seu coração só havia lugar para dois ídolos: a esposa e ele próprio. Amava-os cegamente, e adorava-a, e eu não podia

imaginar como suportaria a perda.

Quando chegamos a Wuthering Heights, lá estava ele, à porta da frente. Ao entrar, perguntei-lhe como estava o bebê.

– Daqui a pouco já vai estar correndo por aí, Nell! – respondeu, com um sorriso.

– E a patroa? – atrevi-me a perguntar. – O doutor diz que ela...

– Ao diabo com o médico! – interrompeu ele, ficando rubro. – Frances está passando bem; dentro de uma semana, vai estar ótima. Você vai lá para cima? Diga a ela que subo se ela prometer não falar. Tive que deixá-la porque não queria ficar calada. O dr. Kenneth disse que ela precisa de repouso.

Dei o recado à sra. Earnshaw, que parecia muito animada e respondeu, alegremente:

– Mal disse uma palavra, Ellen, e ele saiu do quarto duas vezes, chorando. Bem, prometo que não vou falar, mas isso não me impede de rir dele!

Pobrezinha! Até a semana de sua morte, seu coração alegre nunca a abandonou, e seu marido continuava, obstinadamente – não: furiosamente –, a afirmar que sua saúde melhorava a cada dia. Quando Kenneth o avisou que os remédios já eram inúteis naquele estágio da doença e que não queria que ele gastasse mais dinheiro com suas visitas a ela, o patrão retrucou:

– Sei que o senhor não precisa mais vir... ela está bem... não tem mais necessidade dos seus cuidados! Nunca esteve tísica. Era uma febre, e já passou. Seu pulso está como o meu, agora, e seu rosto igualmente fresco.

Contou a mesma história à esposa, e ela pareceu crer. Certa noite, porém, apoiada no ombro dele, enquanto dizia acreditar que poderia se levantar no dia seguinte, um acesso de tosse bem leve a sacudiu. Hindley a ergueu nos braços; ela enlaçou-lhe o pescoço, seu rosto mudou de expressão, e ela morreu.

Conforme a garota adivinhara, o menino, Hareton, foi inteiramente entregue aos meus cuidados. O sr. Earnshaw, contanto que o visse com saúde e nunca o ouvisse chorar, estava satisfeito com o que dizia respeito ao filho. Quanto a si próprio, estava desesperado; seu sofrimento era do tipo que não transparece. Não chorava nem rezava; despejava insultos e desprezo, execrando Deus e os homens, e entregando-se às piores devassidões.

Os criados não suportaram a conduta tirânica e malévola por muito tempo; Joseph e eu fomos os únicos a ficar. Eu não tinha coragem de abandonar a criança – e além disso, como sabe, tinha sido criada com Hindley, e perdoava seu comportamento mais do que um estranho seria capaz.

Joseph ficou para mandar nos arrendatários e nos trabalhadores,⁴⁶ já que era

sua vocação estar onde quer que houvesse bastante ruindade a censurar.

Os maus hábitos e as más companhias do patrão eram um exemplo e tanto para Catherine e Heathcliff. O tratamento que ele dispensava a este último era o bastante para transformar um santo num demônio. E, na verdade, parecia que o garoto estava mesmo possuído por algo diabólico naquele período. Ele se comprazia em ver Hindley degradando-se irremediavelmente, e seu mau gênio e ferocidade eram a cada dia mais notáveis.

Não tenho nem como tentar lhe descrever a casa infernal em que vivíamos. O pároco deixou de nos visitar, e por fim ninguém decente se aproximava de nós – a menos que as visitas de Edgar Linton à srta. Cathy possam ser consideradas uma exceção. Aos quinze anos, ela era a rainha da região; ninguém se comparava a ela, e se tornou uma criatura convencida e voluntariosa! Confesso que não gostava dela, agora que já não era mais criança; censurava-a com frequência, tentando dar um jeito em sua arrogância. Mas Catherine nunca demonstrou antipatia por mim. Era maravilhosamente fiel às antigas amizades. Até Heathcliff ocupava o mesmo lugar entre os seus afetos, e o jovem Linton, apesar de toda a superioridade, teve dificuldades para causar uma impressão semelhante.

Ele foi meu último patrão; ali está o seu retrato, sobre a lareira. Antes ficava pendurado ao lado do de sua esposa, mas o dela foi removido, do contrário o senhor poderia ter uma ideia de como era. Pode vê-lo?

A sra. Dean ergueu a vela e distingui um rosto de feições suaves, por demais parecido com a jovem de Heights, mas de expressão mais pensativa e agradável. Era um homem de boa aparência. O cabelo longo e claro encaracolava-se levemente nas têmporas; os olhos eram grandes e curiosos; o rosto, de modo geral, quase que gracioso demais. Não me surpreendia que Catherine Earnshaw tivesse esquecido seu primeiro amigo por um rapaz como aquele. O que me surpreendia, e muito, era que ele, com uma mente que correspondia à sua pessoa, pudesse ter gostado de Catherine Earnshaw, tal como eu imaginava que ela fosse.

– Belo retrato – comentei com a governanta. – É fiel?

– É – respondeu ela –, mas ele tinha melhor aparência quando estava animado. Essa é a sua expressão do dia a dia; faltava-lhe ânimo, em geral.

Catherine mantivera contato com os Linton desde aquelas cinco semanas na casa deles. E como não tinha intenção de mostrar seu lado selvagem em sua presença, e tinha o bom senso de se envergonhar de ser rude quando invariavelmente só recebia gentilezas, foi aos poucos impondo sua presença aos

velhos com uma cordialidade engenhosa. Conquistava, ao mesmo tempo, a admiração de Isabella e o coração do irmão. As conquistas a lisonjearam desde o início, pois era muito ambiciosa, e a levaram a adotar uma dupla personalidade, sem que pretendesse exatamente enganar a ninguém.

Onde ouvia Heathcliff ser chamado de “jovem vulgar e delinquente” e “pior do que uma besta”, tinha o cuidado de não agir como ele; em casa, porém, sentia-se pouco inclinada a se comportar com uma polidez que só faria provocar risos e a controlar uma natureza desregrada quando isso não lhe traria crédito nem elogios.

O sr. Edgar raramente reunia coragem para visitar Wuthering Heights abertamente. Tinha pavor da reputação de Earnshaw e não queria encontrá-lo. Ainda assim, era sempre recebido com nossas melhores tentativas de cordialidade. O próprio patrão evitava ofendê-lo, sabendo o porquê de suas visitas, e se não conseguia ser amável, pelo menos não se intrometia. Acho que as visitas não agradavam a Catherine; ela não era ardilosa, nunca era coquete e, obviamente, era contrária a qualquer encontro entre seus dois amigos; pois quando Heathcliff demonstrava desprezo por Linton na presença deste, ela não concordava, como fazia em sua ausência, e quando Linton revelava sua repugnância e antipatia por Heathcliff, ela não ousava tratar seus sentimentos com indiferença, como se a depreciação de seu companheiro de infância não tivesse qualquer consequência para ela própria.

Ri muito de suas perplexidades e problemas secretos, que ela em vão tentava esconder de meu escárnio. Parece cruel da minha parte, mas Cathy era tão orgulhosa que se tornava impossível apiedar-me de suas aflições, enquanto não aprendesse a ser um pouco mais humilde.

Por fim, ela passou a confiar em mim e se abrir. Não havia mais ninguém a quem pudesse pedir conselhos.

Certa tarde, o sr. Hindley tinha saído de casa, e Heathcliff aproveitou para dar a si mesmo uma folga. Já estava com dezesseis anos a essa altura, acho, e mesmo sem ter feições desagradáveis nem ser intelectualmente deficiente conseguia suscitar uma repugnância física e mental de que seu atual aspecto não guarda qualquer traço.

Em primeiro lugar, já não se viam mais os bons resultados da educação que recebera: o trabalho árduo e contínuo, que começava cedo e terminava tarde, extinguiu qualquer curiosidade que um dia tivera pelo conhecimento e qualquer amor pelos livros ou pelo aprendizado. O senso de superioridade que demonstrava na infância, advindo da predileção do velho sr. Earnshaw, desvanecera. Durante muito tempo lutou para se manter no mesmo nível de

Catherine com relação aos estudos, e acabou cedendo com um pesar profundo, ainda que silencioso. Cedeu por completo, porém, e não havia como convencê-lo a dar um passo na direção do progresso quando sentia que devia, necessariamente, rebaixar-se ainda mais. A aparência pessoal casava, então, com a deterioração mental. Adquiriu um andar desleixado e um aspecto ignóbil; sua predisposição naturalmente reservada se tornou um excesso quase aparvalhado de morosidade antissocial, e ele aparentemente encontrava um estranho prazer em despertar a aversão, e não a estima, de seus poucos conhecidos.

Catherine e ele ainda eram companheiros constantes, sempre que ele tinha algum descanso do trabalho, mas Heathcliff deixara de expressar com palavras o quanto gostava dela e recuava, com uma raivosa desconfiança, de seus carinhos infantis, como se tivesse consciência de que não podia haver satisfação em tanta demonstração de afeto. Na ocasião que acabo de mencionar, Heathcliff veio até a sala e anunciou sua intenção de não fazer nada, enquanto eu ajudava a srta. Cathy a arrumar o vestido. Ela não contara com essa ideia dele de não trabalhar; imaginando que teria a casa só para si, conseguiu, de algum modo, informar o sr. Edgar da ausência do irmão e estava se preparando para recebê-lo.

– Cathy, está ocupada hoje à tarde? – perguntou Heathcliff. – Vai a algum lugar?

– Não, está chovendo – respondeu ela.

– Então por que está usando esse vestido de seda? – indagou ele. – Não vem ninguém aqui, vem?

– Não que eu saiba – gaguejou a moça. – Mas você deveria estar no campo, Heathcliff. Já passou uma hora do almoço, achei que já tivesse ido.

– Hindley não nos livra com frequência da sua presença maldita – observou o rapaz. – Não vou mais trabalhar hoje, vou ficar com você.

– Ah, mas Joseph vai contar a ele – disse ela. – É melhor você ir!

– Joseph está carregando lodo no outro extremo de Penistone Crag.⁴⁷ Vai ficar lá até escurecer e nem vai saber.⁴⁷

Assim dizendo, ele se aproximou da lareira e se sentou. Catherine refletiu por um instante, as sobranceiras franzidas; achava necessário aplinar o terreno para uma intrusão.

– Isabella e Edgar Linton comentaram que talvez viessem aqui hoje à tarde – disse, após um minuto de silêncio. – Como está chovendo, acho que não vêm, mas pode ser que apareçam; se isso acontecer, você corre o risco de levar uma bronca sem motivo.

– Diga a Ellen para avisar que está ocupada, Cathy – insistiu ele. – Não me

troque por esses seus amigos idiotas! Às vezes, quase chego ao ponto de reclamar que eles... mas não vou...

– Que eles o quê? – exclamou Catherine, fitando-o com uma expressão aflita. – Ah, Nelly! – acrescentou, petulante, tirando a cabeça das minhas mãos. – Você penteou tanto meu cabelo que desmanchou os cachos! Já chega, deixe-me em paz! Do que você está a ponto de reclamar, Heathcliff?

– Nada. Só olhe para o calendário naquela parede. – E apontou para uma folha emoldurada perto da janela, prosseguindo: – As cruzes marcam as tardes e as noites que você passou com os Linton, os pontos marcam as que passou comigo. Está vendo? Marquei todos os dias.

– Sim... que tolice; como se eu reparasse nisso! – replicou Catherine, num tom enfasiado. – E qual o propósito disso?

– Mostrar que *eu* reparo – disse Heathcliff.

– E por acaso eu deveria passar todo o meu tempo com você? – indagou ela, cada vez mais irritada. – Que benefício isso ia me trazer? Sobre o que você fala? Até parece que é burro, ou um bebê, a julgar pelas coisas que diz para me divertir ou pelas coisas que faz!

– Você nunca me disse que eu falava pouco ou que minha companhia não lhe agradava, Cathy! – exclamou Heathcliff, muito agitado.

– Não chega a ser companhia quando a pessoa não sabe nada e não diz nada – murmurou ela.

Ele se pôs de pé, mas não teve tempo de continuar expressando seus sentimentos, pois ouviram-se as patas de um cavalo no pátio; após bater de leve na porta, o jovem Linton entrou, o rosto radiante de satisfação ante o inesperado convite que recebera.

Sem dúvida, Catherine notou a diferença entre seus amigos, enquanto um entrava e o outro saía. O contraste lembrava o que existe entre uma região montanhosa e desolada de minas de carvão e um vale bonito e fértil; a voz dele e a maneira como a cumprimentou acentuavam a diferença. Tinha um tom de voz doce e suave e pronunciava as palavras como o senhor faz, ou seja, de modo menos áspero do que a gente daqui.

– Não cheguei cedo demais, cheguei? – indagou ele, lançando-me um olhar. Eu tinha começado a limpar e a arrumar umas gavetas na extremidade do aparador.

– Não – respondeu Catherine. – O que está fazendo aí, Nelly?

– Meu trabalho, senhorita – respondi. (O sr. Hindley me dera ordens de sempre estar presente durante as visitas que Linton resolvesse fazer.)

Ela se aproximou de mim e sussurrou irritada, às minhas costas:

– Saia já daqui, você e os seus espanadores! Quando temos visitas na sala, os criados não ficam esfregando e limpando o mesmo cômodo!

– É uma boa oportunidade, agora que o patrão não está – respondi, em voz alta. – Ele detesta que eu fique mexendo nestas coisas em sua presença. Tenho certeza de que o sr. Edgar vai me desculpar.

– Detesto que você fique mexendo nessas coisas na *minha* presença – exclamou, imperiosa, a mocinha, sem dar ao convidado tempo de responder. Cathy ainda não recobrava a calma após a breve discussão com Heathcliff.

– Lamento muito, senhorita – foi minha resposta, e prossegui, dedicada, com a tarefa.

Supondo que Edgar não pudesse vê-la, Catherine arrancou o pano de minha mão e me beliscou, com toda força, no braço.

Já lhe disse que não gostava dela e sentia satisfação em frustrar sua vaidade, de vez em quando; além disso, o beliscão tinha doído muito, então levantei-me e gritei:

– Ah, senhorita, onde já se viu? Não tem o direito de me beliscar e não vou tolerar isso!

– Não toquei em você, sua mentirosa! – exclamou ela, os dedos prontos para repetir o beliscão e as orelhas rubras de raiva. Nunca conseguia esconder sua ira, que sempre deixava seu rosto em brasa.

– O que é isto, então? – retorqui, mostrando uma marca roxa bastante nítida como prova do que fizera.

Cathy bateu o pé, hesitou por um momento e então, impelida de modo irresistível por seu espírito malcriado, deu-me um tapa na cara, uma bofetada que fez com que meus olhos se enchessem de lágrimas.

– Catherine, querida! Catherine! – intercedeu Linton, bastante chocado com a dupla demonstração de falsidade e violência por parte de seu ídolo.

– Saia da sala, Ellen! – repetiu ela, tremendo dos pés à cabeça.

Ao ver minhas lágrimas, o pequeno Hareton, que me seguia por toda parte e estava sentado perto de mim no chão, começou a chorar ele próprio e a reclamar, entre soluços, da “tia Cathy malvada”, o que dirigiu ao coitado sua fúria: segurou-o pelos ombros e o sacudiu até que o pobrezinho ficasse lívido. Edgar, impensadamente, segurou as mãos dela para soltá-lo. Num instante, uma das duas mãos se soltou, e o jovem, estupefato, sentiu-a pesar sobre sua orelha com uma força que não poderia ser confundida com brincadeira.

Ele recuou, consternado. Tomei Hareton nos braços e fui para a cozinha com ele, deixando a porta entre os dois cômodos aberta, pois estava curiosa para ver como resolveriam aquela desavença.

O visitante insultado foi até o lugar onde havia deixado o chapéu, pálido e com o lábio trêmulo.

“Isso!”, pensei comigo mesma. “Aceite a advertência e vá embora! Que sorte a sua ter tido a oportunidade de ver um lampejo de como ela realmente é.”

– Aonde é que você vai? – indagou Catherine, avançando na direção da porta.

Ele desviou e tentou passar.

– Não pode ir embora! – exclamou ela, com energia.

– Posso sim, e vou! – respondeu ele, num tom de voz triste.

– Não – insisti Cathy, agarrando a maçaneta –, ainda não, Edgar Linton. Sente-se. Não vai me deixar num estado destes. Eu teria uma noite terrível, e não quero ter uma noite terrível por sua causa!

– Como posso ficar depois que me agrediu? – indagou Linton.

Catherine não respondeu.

– Você me deixou com medo e com vergonha de você – prosseguiu ele. – Não volto mais aqui!

Os olhos da mocinha começaram a brilhar e suas pálpebras a tremer.

– E mentiu deliberadamente! – acrescentou ele.

– Não! – exclamou ela, recobrando a fala. – Não fiz nada deliberadamente. Bem, vá, se quiser... vá embora logo! Deixe-me aqui, chorando... e vou chorar até adoecer!

Catherine se deixou cair de joelhos junto a uma cadeira e começou a chorar com vontade. Edgar se manteve firme em sua decisão até chegar ao pátio; ali, hesitou. Resolvi encorajá-lo.

– Ela é terrivelmente caprichosa, senhor – disse-lhe. – Pior do que uma criança mimada. É melhor ir para casa, do contrário, é capaz de adoecer só para nos deixar preocupados.

O pobre rapaz olhou de soslaio pela janela... tinha tanta força de vontade para ir embora quanto um gato teria para deixar um rato semimorto ou um passarinho comido pela metade.

“Ah”, pensei, “não há salvação possível para ele, está condenado, e se atira ao seu destino!”

E assim foi. Virou-se abruptamente, correu de volta para a casa e fechou a

porta atrás de si. Quando entrei um pouco depois para avisá-los de que Earnshaw voltara completamente bêbado, disposto a brigar com todo mundo (seu estado de espírito habitual nessas condições), vi que a altercação só resultara numa intimidade maior. Rompera a casca da timidez infantil e lhes permitira deixar de lado o disfarce da amizade, confessando-se enamorados.

A notícia da chegada do Sr. Hindley fez Linton correr para o cavalo, e Catherine para o quarto. Fui esconder o pequeno Hareton, e tirar as balas da espingarda do patrão, com a qual ele gostava de brincar em tais momentos de agitação insana, pondo em risco a vida de qualquer um que se metesse na sua frente ou mesmo atraísse por demais sua atenção. Eu tivera a ideia de tirar as balas para que ele causasse menos danos se resolvesse atirar.

45. A naturalidade com que Nelly Dean transforma-se em ama de leite e, no limite, mãe postiça do órfão Hareton sinaliza um aspecto da vida na propriedade dos Earnshaw observado por Terry Eagleton em *Myths of Power* (1975): a organização familiar como estrutura a um só tempo econômica e natural, com a consequente naturalização das relações de propriedade e a instrumentalização dos laços de sangue. Desse modo, a perspectiva dos fatos, administrada pela própria criada dos Earnshaw, ganha o horizonte de um indivíduo que encarna a ambiguidade desse ambiente: uma mulher que, ao assumir o lugar funcional da “patroa”, vê seu trabalho se naturalizar a ponto de se tornar parte da propriedade em que vive. Enquanto figura estranha à família Earnshaw – chegada à propriedade com a mãe, ama de Hindley e Catherine, e nela permanecendo após sua morte como irmã adotiva do casal –, Nelly guarda similaridade de origem com a figura de Heathcliff.

46. Entre os sécs.XVII e XIX, a Inglaterra assistiu a um forte processo de concentração da propriedade de terras. Em decorrência desse movimento (que seria decisivo para a expulsão dos grandes contingentes populacionais que, nas cidades, formariam a base trabalhadora da Revolução Industrial), praticamente a totalidade (90%) das terras produtivas inglesas estava sob contrato de arrendamento. *Wuthering Heights* e *Thrushcross Grange* refletem essa realidade de formas diferentes. Os Earnshaw faziam parte da chamada *yeomanry* – isto é, da classe de pequenos proprietários de terras, sem título de nobreza, principais responsáveis pela produção do solo que possuíam; já os Linton compunham a chamada *gentry*, também destituída de nobreza, porém detentora de maiores porções de terra, das quais dispunham como propriedade, sem qualquer relação concreta e direta com o trabalho nela produzido.

47. A exemplo de outras localidades do romance, Penistone Crag (“Penhascos de Penistone”) conhece similar na geografia das imediações de Haworth – mais especificamente, Ponden Kirk. Apesar de o termo *kirk* significar “igreja” em escocês, não existe notícia de que Ponden Kirk – um penhasco cindido por uma caverna – tenha dado lugar a quaisquer formas de culto religioso em um passado cristão ou pré-cristão; não obstante, no séc.XIX são registrados na região diversos costumes que associavam a visita à caverna a casamentos. Segundo autores dedicados às tradições locais, como James Whalley (*The Wild Moor*, 1869), Horsfall Turner (*Haworth, Past and Present*, 1879) e Halliwell Sutcliffe (*By Moor and Fell*, 1899), a mulher solteira que atravessasse a reentrância das rochas do local ao subir ou descer o penhasco conheceria o matrimônio em pouco tempo.

CAPÍTULO 9

HINDLEY ENTROU, vociferando pragas terríveis de se ouvir, e me surpreendeu no ato de esconder seu filho no armário da cozinha. Hareton tinha verdadeiro terror tanto dos carinhos animais quanto da fúria de louco de seu pai. Os primeiros faziam-no correr o risco de morrer esmagado por abraços e beijos, e a segunda, o de ser atirado no fogo ou arremessado contra a parede. O pobrezinho ficava completamente quieto onde quer que eu o colocasse.

– Ah, mas até que enfim o encontrei! – gritou Hindley, puxando-me pela nuca, feito um cachorro. – Por todos os diabos, estão tramando matar essa criança! Agora sei por que é que nunca o vejo. Mas com a ajuda de Satã, vou fazê-la engolir o facão, Nelly! Não ria, acabo de atirar Kenneth de cabeça no pântano de Blackhorse... e matar uma pessoa ou duas dá no mesmo. Quero matar vários de vocês, e não vou descansar enquanto não tiver feito isso!

– Mas não gosto do facão, sr. Hindley – respondi. – Ele andou cortando arenque defumado. Prefiro levar um tiro, se não se incomodar.

– Vá para o inferno! – disse ele. – Aliás, é para onde vai, mesmo. Nenhuma lei na Inglaterra pode proibir um homem de manter a decência em sua casa, e a minha é abominável! Abra a boca.

Segurando o facão, ele inseriu a ponta entre meus dentes, mas eu nunca sentia medo genuíno de suas maluquices. Cuspi fora e afirmei que o gosto era terrível; não ia de jeito algum engolir aquilo.

– Ah – disse ele, soltando-me –, vejo que esse infeliz não é Hareton. Perdão, Nell; se for, merece ser esfolado vivo por não ter vindo correndo me receber e por gritar como se eu fosse um goblin. Filho desnaturado, venha cá! Vou ensiná-lo a se aproveitar de um pai iludido e bem-intencionado. Não acha, Nelly, que o garoto ficaria melhor de cabelo curto? Deixa os cachorros mais ferozes, e adoro ferocidade... Traga uma tesoura... Ferocidade e cabelo curto! Além do mais, é de uma afetação infernal... uma vaidade dos diabos estimarmos nossas orelhas... já somos burros de sobra sem elas. Quietos, menino, quietos! Ora, ora, é o meu querido! Seque os olhos... pronto; venha me dar um beijo. O quê? Não vai me dar um beijo? Faça o que estou dizendo, Hareton! Diabos, me dê um

beijo! Por Deus, como fui gerar tal monstro? Juro que acabo por lhe partir o pescoço.

O pobre Hareton gritava e esperneava com toda força nos braços do pai, e redobrou o volume dos berros quando se viu carregado escada acima e suspenso sobre o corrimão. Exclamei que ele acabaria matando o menino de medo, e corri ao seu socorro.

Quando os alcancei, Hindley se debruçou no corrimão para ouvir um barulho que vinha de baixo, quase esquecendo o que tinha nas mãos.

– Quem é? – indagou, ouvindo que alguém se aproximava do pé da escada.

Também me debrucei, com a intenção de fazer um sinal a Heathcliff, cujos passos reconheci, para que não avançasse mais. No instante em que tirei os olhos de Hareton, ele deu um pulo, soltou-se das mãos desatentas do pai e caiu.

Uma onda de horror nos invadiu por um breve instante, até vermos que o menino estava a salvo. Heathcliff chegara lá embaixo no momento exato; movido por um impulso natural, segurou a criança, colocou-a no chão e olhou para cima a fim de descobrir o autor do acidente.

Um avaro que tivesse deixado de comprar um bilhete de loteria por cinco xelins e descoberto no dia seguinte que com isso perdera cinco mil libras não teria ficado mais pálido do que ele ao dar com o sr. Earnshaw lá em cima. Expressava, melhor do que qualquer palavra, a mais intensa angústia por ter sido ele próprio o instrumento que frustrara sua vingança. Se estivesse escuro, acho que teria tentado remediar o erro esmagando a cabeça de Hareton nos degraus, mas tínhamos testemunhado sua salvação, e num piscar de olhos eu estava lá embaixo com o menino querido aninhado contra o peito.

Hindley desceu mais devagar, sério e envergonhado.

– É culpa sua, Ellen – afirmou. – Não devia ter permitido que eu pusesse os olhos nele, devia ter escondido o menino de mim! Ele se machucou?

– Se ele se machucou! – exclamei, furiosa. – Se não morrer, é capaz de ficar apatetado. Ah! Eu me pergunto como é que a mãe dele não se ergue do túmulo para ver como o senhor o trata. É pior do que um selvagem por se comportar dessa maneira com uma criança do seu próprio sangue!

Ele tentou tocar o menino, que, vendo-se no meu colo, parara de soluçar. Quando o primeiro dedo do pai encostou nele, porém, pôs-se a berrar de novo, mais alto do que antes, e a se debater como se estivesse tendo uma convulsão.

– Não mexa mais nele! – prossegui. – Ele o detesta, todos o detestam... essa é a verdade! Que família feliz o senhor tem, e a que belo estado o senhor chegou!

– Vai ficar mais belo ainda, Nelly. – O homem desorientado riu, recobrando a dureza. – Por ora, sumam os dois. E preste atenção, Heathcliff! Fique você também longe do meu alcance e dos meus ouvidos. Não vou matá-los esta noite... a menos, talvez, que decida pôr fogo na casa; vejamos se isso vai me passar pela cabeça...

Enquanto falava, ele pegou uma garrafa de conhaque no aparador e encheu um copo.

– Não faça isso! – pedi. – Sr. Hindley, ouça. Tenha pena deste pobre menino, ainda que não ligue para si próprio!

– Qualquer um vai ser melhor para ele do que eu – respondeu o patrão.

– Tenha piedade da sua alma! – exclamei, tentando arrancar-lhe o copo da mão.

– Não, não eu! Pelo contrário, terei grande prazer em condenar minha alma à perdição, a fim de punir seu Criador – retorquiu o blasfemo. – Um brinde à sua danação!

Bebeu o conhaque e mandou-nos embora, impaciente, arrematando a ordem com uma sequência de imprecações horríveis demais para se repetir ou sequer lembrar.

– É uma pena que não possa se matar de tanto beber – observou Heathcliff, murmurando de volta um rosário de pragas assim que a porta se fechou. – Está fazendo o que pode, mas seu organismo é resistente. O dr. Kenneth diz que apostaria sua égua que ele vai viver mais do que qualquer homem neste lado de Gimmerton, e vai para o túmulo carregado de pecados, a menos que por sorte alguma tragédia lhe aconteça.

Fui para a cozinha e me sentei, a fim de embalar meu menininho. Heathcliff, pensei, dirigia-se para o celeiro. Mas ele só atravessara a sala, deixando-se cair num banco junto à parede, longe da lareira, onde permaneceu em silêncio.

Eu ninava Hareton sobre o joelho e cantarolava uma canção que começava: “Tarde da noite, a criança chorava... Sob a terra, sua mãezinha escutava”,⁴⁸ quando a srta. Cathy, que ouvira toda a cena de seu quarto, meteu a cabeça pela porta e sussurrou:

– Está sozinha, Nelly?

– Sim, senhorita – respondi.

Ela entrou e se aproximou da lareira. Supondo que fosse dizer alguma coisa, ergui os olhos. A expressão em seu rosto parecia perturbada e ansiosa. Seus lábios estavam entreabertos, como se fosse falar, e inspirou, mas deixou

sair um suspiro em vez de uma frase.

Retomei minha cantiga; não esquecera seu comportamento recente.

– Onde está Heathcliff? – perguntou, interrompendo-me.

– Cuidando do trabalho, no estábulo – foi minha resposta.

Ele não me contradisse; talvez estivesse cochilando.

Seguiu-se mais uma pausa longa, durante a qual notei uma lágrima ou duas pingando do queixo de Catherine sobre o chão.

“Será que está arrependida pela conduta vergonhosa?”, perguntei-me. “Seria novidade. Mas ela que se vire, não vou ajudá-la!”

Não, Cathy não sentia o menor remorso; estava preocupada com seus próprios problemas.

– Ah, céus! – exclamou, por fim. – Estou tão infeliz!

– Que pena – observei. – É difícil satisfazê-la; tem tantos amigos e tão poucas preocupações, e não consegue ficar satisfeita!

– Nelly, pode guardar um segredo? – prosseguiu, ajoelhando-se ao meu lado e erguendo para mim aqueles olhos encantadores, com aquela expressão capaz de pôr fim a qualquer ressentimento, até o mais justificado do mundo.

– É um segredo que vale a pena guardar? – perguntei, já menos aborrecida.

– É, e ele me preocupa, preciso desabafar! Quero saber o que devo fazer. Hoje, Edgar Linton me pediu em casamento, e lhe dei uma resposta. Antes que lhe conte se foi afirmativa ou negativa, diga-me você qual deveria ter sido.

– Ora, srta. Catherine, como posso saber? – retruquei. – Certamente, considerando-se o espetáculo que a senhorita apresentou em presença dele hoje à tarde, eu diria que seria mais sábio recusá-lo. Deve ser ou um completo idiota ou um tolo aventureiro, para ter feito o pedido depois de tudo.

– Se vai falar desse jeito, não conto mais nada – replicou ela, impertinente, pondo-se de pé. – Eu aceitei, Nelly. Agora me diga, depressa, se errei!

– A senhorita aceitou! Então de que adianta discutir o assunto? Já deu sua palavra e não pode mais voltar atrás.

– Mas diga-me se eu devia ter feito isso, diga logo! – exclamou ela, num tom irritado, torcendo as mãos, a testa franzida.

– Há muitas coisas a considerar antes que eu possa dar uma resposta apropriada à sua pergunta – falei, sentenciosamente. – Antes de mais nada, ama o sr. Edgar?

– Quem não ama? É claro que sim – respondeu ela.

Então, a fiz passar pelo seguinte interrogatório – para uma moça de vinte e dois anos, era mais do que razoável:

- Por que o ama, srta. Cathy?
- Não faça perguntas tolas. Amo, e basta.
- De jeito nenhum. Precisa me dizer por quê.
- Bem, porque é bonito, e é uma companhia agradável.
- Não basta! – foi meu comentário.
- E porque é jovem e alegre.
- Ainda não basta.
- E porque me ama.
- Isso não vem ao caso.
- E vai ser rico. Vou gostar de ser a mulher mais importante da região, e vou sentir orgulho de ter um marido como ele.
- Pior ainda. Agora me diga, de que maneira o ama?
- Como todo mundo ama... você parece boba, Nelly.
- Não sou, não. Responda.
- Amo o chão que ele pisa, e o ar sobre sua cabeça, e tudo o que ele toca, e cada palavra que pronuncia. Amo sua aparência, e todas as suas atitudes, e ele todo, por completo. Pronto!
- E por quê?
- Não, você está zombando de mim, e isso é muito mau. A situação não é uma brincadeira para mim! – exclamou a jovem, franzindo o cenho e se voltando para a lareira.
- Estou longe de estar zombando, srta. Catherine – repliquei. – A senhorita ama o sr. Edgar porque ele é bonito, jovem, alegre e rico, e porque a ama. Essa última razão, porém, não vale nada: provavelmente haveria de amá-lo mesmo que não fosse o caso, mas não o amaria se ele não possuísse os quatro atrativos anteriores.
- Não, com certeza não. Só teria pena dele... ou iria detestá-lo, talvez, se fosse feio e um grosseirão.
- Mas há muitos outros rapazes bonitos e ricos no mundo. Mais bonitos, talvez, e mais ricos do que ele. O que a impede de amá-los?
- Se há, não conheço. Nunca vi ninguém como Edgar.
- Mas talvez ainda veja. E ele não vai ser belo e jovem para sempre, e talvez não seja sempre rico.

– Ele é agora, e o presente é só o que me interessa. Gostaria que você falasse mais racionalmente.

– Bem, isso resolve a questão. Se só o presente lhe interessa, case-se com o sr. Linton.

– Não estou pedindo sua permissão... *vou* me casar com ele. Mas você ainda não me disse se isso é a coisa certa.

– Certíssima, se é que está certo as pessoas se casarem pensando apenas no presente. E agora gostaria de saber o que a está deixando infeliz. Seu irmão vai ficar satisfeito; os pais do rapaz não vão se opor, acho; a senhorita vai escapar de uma casa desordenada e desconfortável e ir para uma casa rica e respeitável. Ama Edgar, e ele a ama. Tudo parece perfeito... onde está o obstáculo?

– *Aqui, e aqui!* – respondeu Catherine, batendo com uma das mãos na testa e com a outra no peito. – Seja onde for que a alma reside. No fundo da minha alma e do meu coração, estou convencida de que estou errada!

– Isso é muito estranho! Não consigo entender.

– É o meu segredo. Mas se não debochar de mim, eu explico. Não tenho como explicar de modo coerente, mas vou lhe dar uma ideia de como me sinto.

Ela se sentou ao meu lado outra vez. Seu rosto ficou mais triste e circunspecto, e as mãos unidas tremiam.

– Nelly, você nunca tem sonhos esquisitos? – perguntou, de repente, após alguns minutos de reflexão.

– Sim, vez por outra – respondi.

– Eu também. Ao longo da vida, já tive sonhos que permaneceram comigo, depois que acordei, e mudaram minha forma de pensar. Afetaram-me demais e passaram por mim como vinho derramado na água, alterando a cor da minha mente. Vou lhe contar um desses sonhos, mas tenha o cuidado de não rir em nenhuma passagem.

– Ah, não faça isso, srta. Catherine! – exclamei. – A vida já é triste o bastante sem conjurar fantasmas e visões. Vamos, fique alegre como é o seu habitual! Olhe para o pequeno Hareton! *Ele* não está sonhando nada assustador. Veja a doçura de seu sorriso, enquanto dorme!

– Sim, e a doçura com que o pai dele pragueja, em sua solidão! Você se lembra dele, imagino, quando era mais ou menos assim, um bebezinho gorducho, quase tão pequeno e inocente. Mas exijo que escute meu sonho, Nelly. Não é comprido, e não tenho condições de me sentir alegre esta noite.

– Não vou ouvir, não vou ouvir! – repeti, apressadamente.

Eu era supersticiosa a respeito de sonhos, e ainda sou. Além disso, Catherine tinha um aspecto sombrio que não era comum, e me fazia temer algo em que pudesse adivinhar uma profecia e antever uma catástrofe terrível.

Ela ficou irritada, mas não prosseguiu. Aparentemente mudando de assunto, continuou, logo a seguir:

– Se eu estivesse no céu, Nelly, estaria me sentindo muito infeliz.

– É porque lá não é o seu lugar – respondi. – Todos os pecadores ficariam infelizes no céu.

– Mas não é por causa disso. Uma vez sonhei que estava lá.

– Já lhe disse que não quero saber dos seus sonhos, srta. Catherine! Vou me deitar – interrompi novamente.

Ela riu e me segurou, pois fiz menção de me levantar.

– Não é nada – exclamou. – Só ia dizer que o céu não parecia ser para mim, e eu sofria muito, chorando desesperadamente e querendo voltar para a terra. Os anjos ficaram tão zangados que me jogaram de volta bem no meio da charneca, aqui em Wuthering Heights, onde acordei soluçando de alegria. Isso serve para explicar meu segredo, bem como o outro sonho. Não tenho mais motivos para me casar com Edgar Linton do que para estar no céu, e se aquele homem perverso lá dentro não tivesse feito Heathcliff descer tanto, eu não teria pensado nisso. Mas agora eu iria me degradar se me casasse com Heathcliff, de modo que ele nunca vai saber o quanto o amo... e isso não porque ele é bonito, Nelly, mas porque é mais eu mesma do que eu. Qualquer que seja a substância das almas, a minha e a dele são feitas da mesma coisa, e a de Linton é tão diferente quanto um raio de luar de um relâmpago, ou o fogo da geada.

Antes que ela acabasse de falar, dei-me conta da presença de Heathcliff. Notando um ligeiro movimento, virei a cabeça e o vi levantar-se do banco e sair sem fazer barulho. Ele ouvira até Catherine dizer que ia se degradar se por acaso se casasse com ele, e não ficara para escutar mais.

O encosto do banco impedira que a mocinha, sentada no chão, reparasse em sua presença ou em sua partida, mas me sobressaltei e fiz um sinal para que se calasse.

– Por quê? – indagou, olhando nervosa ao redor.

– Joseph chegou – respondi, ouvindo o rolar oportuno das rodas de sua carroça subindo a estrada –, e Heathcliff deve estar com ele. Não sei nem mesmo se não está à porta, neste momento.

– Ah, da porta ele não conseguiria ouvir nada – disse ela. – Dê-me Hareton enquanto prepara o jantar e, quando estiver pronto, deixe-me jantar com você.

Quero fazer as pazes com minha consciência e me convencer de que Heathcliff não faz ideia de nada disso. Ele não faz, não é mesmo? Não sabe o que é estar apaixonado!

– Não vejo razão para que ele não saiba tão bem quanto a senhorita – respondi. – E se for a escolhida dele, ele vai ser a criatura mais infeliz que já veio ao mundo! Assim que se tornar sra. Linton, ele há de perder a amiga, a amada, tudo! Já se perguntou como ele vai suportar a separação, e como vai suportar estar abandonado no mundo? Porque, srta. Catherine...

– Ele, abandonado! Nós dois, separados! – exclamou ela, num tom de indignação. – Quem vai nos separar, diga-me? Terão o destino de Mílon!⁴⁹ Ninguém vai ousar fazer isso enquanto eu viver, Ellen. Todos os Linton do mundo podem desaparecer no nada antes que eu consinta em esquecer Heathcliff. Não, não é isso que pretendo... não é o que quero dizer! Não me tornaria a sra. Linton se o preço a pagar fosse tão alto! Ele vai ser para mim tudo o que sempre foi, a vida toda. Edgar vai ter de colocar de lado a antipatia que sente por ele e, no mínimo, tolerá-lo. Quando perceber meus reais sentimentos por ele, vai fazer isso. Nelly, vejo que você me considera uma egoísta miserável, mas nunca lhe ocorreu que se Heathcliff e eu nos casássemos seríamos uns pobretões? Por outro lado, se eu me casar com Linton posso ajudar Heathcliff a melhorar de vida e tirá-lo do jugo do meu irmão.

– Com o dinheiro do seu marido, srta. Catherine? – perguntei. – Vai ver que ele não é tão flexível quanto imagina. Embora não me caiba julgar, acho que esse é o pior motivo que me deu até o momento para se casar com o jovem Linton.

– Não é, não – retrucou ela. – É o melhor! Os outros dizem respeito à satisfação dos meus caprichos, e são por Edgar também, para satisfazê-lo. Este é pelo bem de alguém que abrange, em sua própria pessoa, meus sentimentos por Edgar e por mim mesma. Não tenho condições de expressá-lo, mas com certeza você e todo mundo têm a noção de que há ou deveria haver uma existência para além de nós. De que valeria eu ter sido criada se estivesse inteiramente contida aqui? Meus maiores sofrimentos neste mundo foram os sofrimentos de Heathcliff, e observei e senti cada um deles desde o início; o maior pensamento que tenho na vida é ele. Se tudo mais percesse e ele permanecesse, eu continuaria a existir; e se tudo mais permanecesse e ele fosse aniquilado, o universo passaria a ser estranho, eu não mais faria parte dele. Meu amor por Linton é como a folhagem do bosque, o tempo há de transformá-lo, não tenho dúvidas, como o inverno transforma as árvores. Meu amor por Heathcliff se assemelha às rochas eternas sob o bosque, uma fonte de alegria pouco visível, mas necessária. Nelly, eu *sou* Heathcliff! Ele está sempre, sempre em minha

mente. Não como fonte de prazer, não mais do que sou uma fonte de prazer para mim mesma, mas como meu próprio ser. Então, não volte a falar da nossa separação... é impossível, e...

Ela fez uma pausa e escondeu o rosto nas dobras do meu vestido, que puxei, contudo, com força. Não tinha mais paciência para sua falta de juízo!

– Se bem consigo compreender todo o absurdo que me diz, senhorita – comecei –, isso só me deixa convencida de que ignora os deveres que vai assumir ao se casar. Ou então que é uma moça perversa e sem princípios. Mas não me venha com mais segredos. Não prometo guardá-los.

– Mas vai guardar este? – indagou ela, ansiosa.

– Não prometo – repeti.

Ela ia insistir, quando a entrada de Joseph pôs fim à nossa conversa. Catherine afastou a cadeira para um canto, a fim de ninar Hareton, enquanto eu preparava o jantar.

Quando a comida ficou pronta, o outro criado e eu começamos a discutir sobre quem levaria o jantar ao sr. Hindley; quando chegamos a um acordo, a comida já estava quase fria. Então combinamos esperar que ele pedisse, se tivesse fome; temíamos particularmente chegar perto dele depois que tinha ficado algum tempo sozinho.

– E como é que aquele zero à esquerda ainda não chegou do campo, a esta altura? Onde é que se meteu o imprestável? – indagou o velho, olhando ao redor em busca de Heathcliff.

– Vou chamar – respondi. – Está no celeiro, com certeza.

Fui chamá-lo, mas não obtive resposta. Ao voltar, sussurrei a Catherine que, sem dúvida, ele ouvira boa parte do que ela dissera. Contei-lhe também que vira o rapaz deixando a cozinha no momento em que ela se queixava da conduta do irmão com relação a ele.

A menina pulou de susto, largou Hareton no banco e correu ela própria à procura do amigo, sem parar para se perguntar por que estava tão agitada ou o quanto suas palavras o teriam afetado.

Demorou tanto a voltar que Joseph propôs que não esperássemos mais. Conjecturou, arditamente, que estavam fora para não ter de ouvir os seus sermões. Eram “malcomportados o bastante para isso”, afirmou. E, em nome dos dois, acrescentou uma prece especial ao costumeiro quarto de hora de orações antes do jantar. Teria acrescentado ainda mais uma prece ao fim, não fosse a jovem patroa interrompê-lo com a ordem de ir depressa à estrada e encontrar Heathcliff onde quer que pudesse ter se metido, e trazê-lo imediatamente de

volta!

– Quero falar com ele. Tenho que falar, antes de me deitar – disse ela. – O portão está aberto. Deve ter ido longe, porque não respondeu quando chamei, embora gritasse com toda a força dos meus pulmões.

Joseph a princípio objetou, mas ela falava a sério demais para ser contrariada; por fim, ele pôs o chapéu na cabeça e saiu, resmungando. Enquanto isso, Catherine andava de um lado para outro, exclamando:

– Onde será que está... onde poderia estar? O que foi que eu disse, Nelly? Já esqueci. Será que ficou zangado com meu mau humor esta tarde? Diga-me, o que foi que fiz para magoá-lo? Queria tanto que voltasse. Queria muito!

– Tanto barulho por nada! – exclamei, embora eu mesma estivesse inquieta. – Qualquer coisinha a deixa fora de si! Certamente não é motivo de preocupação se Heathcliff decidiu dar um passeio na charneca à luz da lua, ou mesmo ficar deitado sobre o feno no palheiro, ofendido demais para aparecer. Aposto que é lá que está escondido. Vou ver se não o descubro!

Saí para fazer nova busca, mas o resultado foi desapontamento, e a missão de Joseph terminou do mesmo modo.

– Esse rapaz vai de mal a pior! – observou ele, ao voltar. – Deixou o portão escancarado, e o pônei da senhorita saiu pisando na plantação de milho, até o prado! Mas amanhã de manhã o patrão vai ficar furioso, e isso vai ser bem feito. Ele é a paciência em pessoa com gente que não merece... a paciência em pessoa! Mas não vai ser sempre assim. Vocês vão ver, todos vocês! Vão aprender que não vale a pena aborrecer o patrão!

– Encontrou Heathcliff, sua mula? – indagou Catherine. – Procurou por ele, como mandei?

– Teria sido muito melhor procurar o cavalo – respondeu ele. – Teria feito mais sentido. Mas não se pode procurar nem cavalo nem homem numa noite como esta... preta feito breu! E Heathcliff não é o tipo de rapaz que vem quando eu assobio... vai ouvir melhor se vocês chamarem!

Estava mesmo escuro demais para uma noite de verão. Parecia que ia começar a trovejar, e sugeri que nos sentássemos e esperássemos; a chuva que estava para cair com certeza ia trazê-lo de volta para casa.

Catherine, contudo, não se deixou tranquilizar. Continuava andando de um lado para o outro, do portão até a porta, num estado de agitação que não a deixava sossegar; por fim, parou num lado do muro, perto da estrada. Apesar de minhas repreensões, dos trovões que aumentavam e das gotas grandes da chuva que tinha começado a cair ao seu redor, continuou ali, chamando de tempos em

tempos, depois aguçando os ouvidos e finalmente irrompendo em lágrimas. Seus acessos de choro eram mais arrebatados que os de Hareton ou qualquer outra criança.

Perto da meia-noite, quando ainda estávamos acordados, a tempestade desabou sobre Heights com toda fúria. Ventava muito e trovejava, e, fosse por um ou pelo outro, uma árvore num canto da casa foi rachada ao meio. Um galho enorme desabou sobre o telhado, derrubando uma parte do cano da chaminé que ficava a leste e lançando um monte de pedras e fuligem na lareira da cozinha.

Pensamos que um raio nos havia atingido, e Joseph caiu de joelhos, implorando ao Senhor que se lembrasse dos patriarcas Noé e Ló e que, como fizera na antiguidade, poupasse os justos, ainda que fulminasse os pecadores.⁵⁰ Senti que isso não deixava de ser um julgamento da nossa atitude, também. Jonas,⁵¹ para mim, era o sr. Earnshaw; e sacudi a maçaneta de seu quarto para me certificar de que ainda estava vivo. Ele respondeu de forma suficientemente audível, o que fez o criado vociferar, de modo ainda mais clamoroso, que uma distinção nítida deveria ser feita entre os santos, como ele, e os pecadores, como seu patrão. Mas a tempestade passou vinte minutos depois, deixando-nos a todos ilesos – à exceção de Cathy, que ficou ensopada, graças à sua obstinação em não se abrigar, em ficar lá fora sem uma touca ou um xale, cabelo e roupas expostos ao aguaceiro.

Ela entrou e se deitou no banco, encharcada como estava, virando o rosto para a parede e escondendo-o nas mãos.

– Bem, senhorita! – exclamei, tocando-lhe o ombro. – Não está pretendendo morrer, está? Sabe que horas são? Meia-noite e meia. Vá se deitar! De nada adianta continuar esperando por aquele rapaz insensato. Ele deve ter ido para Gimmerton e agora vai ficar por lá. Certamente não imagina que estejamos esperando por ele a esta hora; no mínimo, imagina que só o sr. Hindley esteja de pé, e acha mais prudente evitar que seja o patrão a lhe abrir a porta.

– Não, não, ele não está em Gimmerton – disse Joseph. – Não ficaria surpreso se estivesse no fundo de um pântano. Essa tempestade não aconteceu por acaso, e acho melhor ter cuidado, senhorita... talvez seja a próxima! Que os céus sejam louvados! Tudo dá certo para os escolhidos e os selecionados em meio ao lixo! Vocês sabem o que as escrituras dizem... – E começou a citar vários textos, indicando também o capítulo e o versículo onde poderiam ser encontrados.

Tendo em vão implorado à moça voluntariosa que se levantasse e fosse tirar aquelas roupas molhadas, deixei-os ali, ele pregando e ela tremendo de frio, e fui para a cama com o pequeno Hareton, que dormia a sono solto, como se todos ao

seu redor estivessem dormindo também.

Ouvi Joseph ler ainda durante um tempo, depois percebi seus passos lentos na escada, e por fim adormeci.

Acordando no dia seguinte mais tarde do que o habitual, vi, sob os raios de sol que entravam pelas frestas das gelosias, que a srta. Catherine ainda se encontrava sentada perto da lareira. A porta da sala também estava entreaberta, e a luz entrava pelas janelas escancaradas. Hindley aparecera e estava parado junto à lareira da cozinha, abatido e sonolento.

– O que é que você tem, Cathy? – perguntava, quando cheguei. – Está pior do que um cachorrinho afogado. Por que está tão molhada e tão pálida?

– Eu me molhei – respondeu ela, com relutância – e estou com frio, é tudo.

– Ah, mas que impertinente – exclamei, notando que o patrão estava razoavelmente sóbrio. – Ela ficou ensopada por causa da tempestade de ontem. Ficou sentada aí a noite inteira, e não consegui fazer com que se mexesse.

O sr. Earnshaw fitou-nos, espantado.

– A noite inteira – repetiu. – E por quê? Não foi por medo das trovoadas, imagino. Já faz horas que terminaram.

Nenhuma de nós queria mencionar a ausência de Heathcliff enquanto fosse possível escondê-la. Então respondi que não sabia o que lhe metera na cabeça a ideia de não ir se deitar, e ela nada disse.

A manhã estava fresca e aprazível. Abri a gelosia, e de imediato a cozinha foi tomada pelos perfumes doces do jardim. Mas Catherine disse, voluntariosa:

– Ellen, feche a janela. Estou morrendo de frio! – E seus dentes tremiam enquanto ela se aproximava das brasas quase extintas.

– Está doente... – disse Hindley, tomando-lhe o pulso. – Imagino que seja essa a razão de não ter ido se deitar. Diabos! Não quero mais me ver às voltas com doenças por aqui. Por que é que você saiu para a chuva?

– Estava correndo atrás dos rapazes, como sempre! – resmungou Joseph, aproveitando a oportunidade para instilar seu veneno. – Se eu fosse o senhor, patrão, bateria a porta na cara deles, de todos eles, e pronto! Não se passa um dia, quando o senhor está fora, sem que aquele tal do filho do Linton apareça. E a srta. Nelly, veja só!, fica aqui na cozinha vigiando se o senhor está chegando. Assim que entra por uma porta, o rapaz sai pela outra, e a própria patroa sai de sassaricos por aí. Que comportamento, esse, ficar pelos campos depois da meia-noite com aquele cigano maldito, aquele demônio do Heathcliff! Acham que sou cego, mas não sou: longe disso! Vi o jovem Linton chegando e indo embora, e vi você – dirigindo a mim seu discurso –, você, sua bruxa imprestável, correr para

dentro de casa no instante em que ouviu o cavalo do patrão se aproximando!

– Cale a boca, velho bisbilhoteiro! – exclamou Catherine. – Não admito essa insolência na minha frente! Edgar Linton veio ontem por acaso, Hindley, e fui eu quem o mandou embora, porque sabia que você não ia querer encontrá-lo naquele estado.

– Está mentindo, Cathy, não tenho dúvidas – respondeu o irmão –, e é uma tola! Mas deixe Linton para lá, por enquanto, e me diga: esteve ou não com Heathcliff ontem à noite? Fale a verdade. Não precisa ter medo de prejudicá-lo; embora eu continue a odiá-lo, a boa ação que me fez há tão pouco tempo me deixa com a consciência pesada ante o desejo de partir seu pescoço. Para evitar que isso aconteça, vou expulsá-lo de casa agora mesmo pela manhã, e, depois que ele se for, é melhor andarem nos eixos, do contrário vão sofrer as consequências, ainda mais do que antes.

– Não vi Heathcliff ontem à noite – respondeu Catherine, começando a soluçar amargamente. – E se o expulsar de casa, vou junto. Mas talvez você não venha a ter essa oportunidade... talvez ele tenha ido embora. – E irrompeu num pranto incontrolável, entremeado de palavras desarticuladas.

Hindley despejou sobre ela uma torrente de impropérios irônicos e lhe ordenou que fosse imediatamente para o seu quarto, ou ia lhe dar motivos para chorar! Forcei-a a obedecer; nunca vou esquecer a cena que ela fez ao chegar no quarto: aterrorizou-me. Pensei que estivesse enlouquecendo e implorei a Joseph que fosse correndo chamar o médico.

Era o começo do delírio. O dr. Kenneth, assim que a viu, disse que estava seriamente enferma; tinha febre.

Sangrou-a, orientou-me a dar a ela uma dieta de soro de leite e mingau, e a tomar cuidado para que não se atirasse do alto da escada ou da janela. Com isso, partiu, tendo muito o que fazer na paróquia, onde três ou quatro quilômetros eram a distância comum entre as casas.

Embora não possa me gabar de ter sido uma enfermeira muito calma – e Joseph e o patrão não foram melhores do que eu –, e apesar de nossa paciente ser extremamente fastidiosa e teimosa, o fato é que se recuperou.

A velha sra. Linton veio nos visitar em várias ocasiões, para supervisionar o processo e botar regra nas coisas, dando ordens e distribuindo reprimendas. Quando Catherine estava já convalescendo, insistiu em levá-la para Thrushcross Grange – e ficamos gratos por nos vermos livres do fardo. A pobre dama, porém, teve razões para se arrepender da gentileza: tanto ela quanto o marido contraíram a febre e morreram num intervalo de poucos dias um do outro.

Nossa mocinha voltou para nós ainda mais cheia de caprichos e impertinente. De Heathcliff não tínhamos notícias desde a noite da tempestade; um dia, quando ela me provocou demais, tive a má ideia de culpá-la pelo desaparecimento do rapaz – o que não era mais do que a pura verdade, como ela bem sabia. A partir desse momento, passou vários meses sem me dirigir a palavra, a não ser como mera criada. Joseph também foi banido. Ele dizia o que pensava e fazia sermões do mesmo jeito, como se ela fosse uma menininha; Catherine, porém, considerava-se uma mulher e nossa patroa, e achava que sua recente enfermidade lhe dava o direito de ser tratada com consideração. Além disso, o médico disse não ser recomendável contrariá-la; as coisas tinham que ser feitas ao seu jeito, e seria crime, aos olhos dela, se alguém tentasse se opor a ela ou contradizê-la.

Mantinha distância do sr. Earnshaw e de seus amigos. Seu irmão, instruído por Kenneth e para não lhe provocar ataques de nervos, concedia-lhe tudo o que lhe dava na ideia exigir e evitava de todos os modos exasperá-la. Era por demais indulgente ao lhe satisfazer todos os caprichos; não por afeto, mas por orgulho: desejava muito vê-la honrar a família por meio de uma aliança com os Linton, e, contanto que ela o deixasse em paz, podia nos tratar a todos como escravos, ele não dava a mínima!

Edgar Linton, como tantos antes dele e tantos depois, estava apaixonado e se sentiu o homem mais feliz do mundo ao levá-la para a capela de Gimmerton, três anos depois da morte do pai.

Muito contra a minha vontade, fui persuadida a deixar Wuthering Heights e vir para cá com ela. O pequeno Hareton estava com quase cinco anos, e eu começara a alfabetizá-lo. Nossa despedida foi triste, mas as lágrimas de Catherine foram mais poderosas do que as nossas. Quando me recusei a acompanhá-la, e ela viu que suas súplicas não me comoviam, foi se queixar com o marido e com o irmão. O primeiro me ofereceu um salário magnífico; o segundo ordenou-me que fizesse as malas: não queria mulheres em casa, agora que já não havia uma patroa; quanto a Hareton, o pároco cuidaria de orientá-lo. Assim, não tive outra escolha além de obedecer às ordens. Falei ao patrão que ele se desfazia de todas as pessoas decentes só para se arruinar um pouco mais depressa; beijei Hareton e disse adeus. Desde então, ele tem sido um estranho para mim. É curioso pensar assim, mas não tenho dúvidas de que se esqueceu por completo de Ellen Dean, ele que já foi tudo no mundo para ela, e vice-versa!

NESSE PONTO DA HISTÓRIA, a governanta olhou de relance para o relógio acima da chaminé;

ficou espantada ao ver os ponteiros marcando uma e meia. Não quis ficar nem mais um segundo. Na verdade, eu próprio já queria deixar o restante da narrativa para outra ocasião. E agora que ela foi descansar e fiquei imerso ainda em reflexões por mais uma hora ou duas, devo criar coragem para fazer o mesmo, apesar do torpor que toma conta do meu corpo.

[48.](#) Nelly canta os versos de uma balada dinamarquesa, “Svend Dyring”. O tema da balada se alinha à derrocada de Hindley e aos maus-tratos que dedica a seu filho, Hareton, depois da morte da mãe.

[49.](#) Oriundo da Magna Grécia (séc.VI a.C.), Milon foi exímio lutador, vencedor de inúmeros festivais atléticos gregos e, segundo comentadores, líder militar. A passagem faz menção à sua morte. Consta, em Estrabão e Pausânias, que Milon encontrara num bosque um tronco cuja rachadura estava preenchida por cunhas. Numa demonstração de força, quis enfiar as mãos no lugar das cunhas para rachar a madeira usando apenas os braços; no entanto, ao tirá-las, a rachadura cedeu, e suas mãos ficaram presas na fenda da árvore. Sem conseguir se soltar, Milon morreu devorado por lobos.

[50.](#) Segundo o Livro do Gênesis (19:24), Ló, sobrinho de Abraão, era visto por Deus como um homem justo. A ele foi permitido escapar de Sodoma, onde vivia, antes que Deus a destruísse com fogo e enxofre para punir a depravação de seus habitantes. Já Noé (Gênesis 6-9), o décimo dos patriarcas antediluvianos, foi orientado por Deus a construir uma arca que, povoada de animais, sobreviveria ao dilúvio com que o Todo-Poderoso pretendia limpar a terra dos erros de sua criação.

[51.](#) Jonas é a personagem principal do Livro de Jonas, do Velho Testamento. Depois de receber ordens de Deus para ir a Nínive, a fim de profetizar contra a depravação da cidade, ele decide fugir da presença divina, indo a Jafa e seguindo, de navio, em direção oposta à pedida por Deus. Uma imensa tempestade cai em alto-mar, e os marinheiros a bordo, suspeitando não se tratar de uma tempestade comum, decidem investigá-la. Descobrem ser Jonas a razão da procela lançada por Deus e, depois de o flagrarem em atitude suspeita, deixam-no à deriva. No mar, Jonas é engolido por uma baleia, dentro da qual se arrepende de sua fuga e aceita fazer a vontade divina.

CAPÍTULO 10

QUE BELO COMEÇO para uma vida de eremita! Quatro semanas de tortura, inquietude e doença! Ah, estes ventos gélidos e estes céus fechados do norte, estas estradas intransitáveis e estes médicos de aldeia que demoram tanto a chegar! E, ah, esta ausência de semblantes humanos! E, o pior de tudo, a terrível recomendação feita por Kenneth de que eu não tenha esperanças de sair de casa antes da primavera!

O sr. Heathcliff acaba de me conceder a honra de uma visita. Há cerca de uma semana ele me mandou um par de perdizes – as últimas da estação. Canalha! Não está totalmente isento de culpa por esta minha doença, e eu pretendia lhe dizer isso. Mas, ai de mim!, como poderia ofender um homem que teve a caridade de se sentar à minha cabeceira durante uma hora e conversar sobre outros assuntos que não fossem comprimidos e poções, ampolas e sanguessugas?

Foi um alívio. Estou fraco demais para ler, mas sinto que preciso de distração. Por que não chamar a sra. Dean e pedir que termine sua história? Lembro-me dos incidentes principais, até onde ela chegou. Sim, lembro-me de que o herói fugira, e dele não se ouvira mais falar durante três anos, e a heroína se casara. Vou tocar a campainha, ela vai ficar contente ao me ver disposto a ter uma conversa animada.

A sra. Dean veio.

– Faltam vinte minutos ainda para o senhor tomar o remédio – começou a dizer.

– Chega, chega disso! – repliquei. – Eu gostaria de...

– O doutor disse que o senhor não precisa mais tomar nenhum pó.

– De bom grado! Não me interrompa. Venha e sente aqui. Tire as mãos desse implacável exército de frascos. Tire o tricô do bolso... isso... agora, continue a história do sr. Heathcliff de onde parou, até o presente. Ele terminou seus estudos no continente e regressou transformado num cavalheiro? Ou conseguiu auxílio para os estudos?⁵² Ou fugiu para a América e fez fortuna sangrando o novo país? Ou ganhou dinheiro de forma mais rápida, nas estradas

inglesas?

– Talvez tenha feito um pouco de tudo isso, sr. Lockwood, mas eu não poderia jurar. Disse-lhe, anteriormente, que não sabia como ele tinha ganhado o dinheiro que tem; tampouco sei como fez para elevar sua mente daquela ignorância selvagem na qual afundara. Mas, com sua licença, vou prosseguir ao meu modo, se o senhor achar que assim vai se distrair e não se cansar. Sente-se melhor, esta manhã?

– Muito melhor.

– Ótimo.

VIM JUNTO COM a srta. Catherine para Thrushcross Grange, e, para minha agradável frustração, ela se comportou infinitamente melhor do que eu ousava esperar. Parecia gostar quase em demasia do sr. Linton, e até à irmã dele demonstrava muito afeto. Naturalmente, ambos se preocupavam em agradá-la. Não era o espinheiro cedendo às madressilvas, mas as madressilvas abraçando o espinheiro. Não havia concessões mútuas; o espinheiro se mantinha de pé, as madressilvas se curvavam. Quem pode se mostrar mal-humorado e carrancudo quando não encontra nem oposição nem indiferença?

Observei que o sr. Edgar tinha um medo profundo de fazê-la perder a calma. Ocultava dela esse pavor, mas, se me ouvisse responder asperamente ou visse qualquer outro criado fechando a cara ante alguma ordem imperiosa da esposa, víamos sua contrariedade num franzir de testa que nunca acontecia por motivos próprios. Muitas vezes ele me repreendeu por meu atrevimento, e confessou que uma punhalada não causaria uma dor mais aguda do que ver sua esposa contrariada.

A fim de não aborrecer um patrão gentil, aprendi a ser menos suscetível; durante meio ano, a pólvora permaneceu inofensiva como areia, já que não havia fogo para fazê-la explodir. Catherine tinha temporadas de melancolia e mudez, respeitadas com silêncio solidário pelo marido, que as atribuía a uma alteração no seu temperamento produzida pela perigosa doença, já que nunca fora sujeita a depressões anteriormente. Quando o sol voltava a brilhar para ela, o sr. Linton correspondia. Creio poder afirmar que eles partilhavam uma felicidade profunda e crescente.

Que terminou. Bem, no fim das contas, *precisamos* zelar por nós mesmos; os mansos e os generosos só parecem demonstrar um egoísmo mais justificável do que os autoritários. Tudo acabou quando as circunstâncias fizeram com que ambos sentissem que os interesses de um não eram a preocupação principal nos

pensamentos do outro.

Numa tarde agradável de setembro, eu vinha do jardim com um cesto pesado de maçãs que estava colhendo. Escurecia, e a lua espiava por cima do muro alto do pátio, projetando sombras indefinidas nos vários cantos proeminentes da casa. Pus o cesto nos degraus da porta da cozinha e parei para descansar, respirando um pouco mais daquele ar suave e perfumado; estava com os olhos fixos na lua e de costas para a porta, quando ouvi uma voz atrás de mim perguntar:

– Nelly, é você?

Era uma voz profunda, e não pude reconhecê-la, mas havia algo na forma de pronunciar meu nome que a fazia soar familiar. Virei-me para ver quem falava, apreensiva, pois as portas estavam fechadas e eu não vira ninguém se aproximar dos degraus.

Algo se moveu no alpendre. Ao me aproximar, distingi um homem alto vestindo roupas escuras, rosto e cabelos também escuros. Ele se apoiava na moldura da porta e tinha os dedos na tranca, como se pretendesse abri-la.

“Quem será?”, pensei. “O sr. Earnshaw? Não! A voz não se parece em nada com a dele.”

– Faz uma hora que estou esperando – prosseguiu ele, enquanto eu o fitava –, e, durante esse tempo, nada por aqui se moveu, como se todos tivessem morrido. Não tive coragem de entrar. Não me reconhece? Olhe bem, não sou um estranho!

O luar iluminou seu rosto. As faces eram pálidas e meio cobertas por um bigode preto, a testa carregada, os olhos fundos e muito singulares. Eu me lembrava daqueles olhos.

– O quê! – exclamei, sem saber se devia considerá-lo um visitante deste mundo, e ergui as mãos, espantada. – O quê! Você voltou? É mesmo você?

– Sim, sou eu, Heathcliff – respondeu ele, desviando os olhos de mim e fitando as janelas, que refletiam uma série de luas brilhantes, mas não revelavam nenhuma luz vinda de dentro. – Eles estão em casa? Onde está ela? Nelly, você não está contente! Não precisa ficar tão perturbada. Ela está aqui? Diga-me! Quero ter uma palavrinha com ela, a sua patroa. Vá e diga que alguém de Gimmerton deseja vê-la.

– Como ela há de reagir? – exclamei. – O que vai fazer? Se a surpresa me desnorteia, vai deixá-la fora de si! E você é Heathcliff! Mas tão mudado! Não, não posso compreender. Por acaso esteve servindo como soldado?

– Vá transmitir meu recado – interrompeu ele, impaciente. – Não vou ter

paz até que faça isso.

Levantou a tranca e eu entrei, mas quando cheguei à sala onde estavam o sr. e a sra. Linton, não consegui ir adiante.

Por fim decidi, como pretexto, perguntar se queriam que eu acendesse as velas, e abri a porta.

Os dois estavam sentados junto a uma janela cuja gelosia aberta deixava ver, para além das árvores do jardim e do parque verdejante, o vale de Gimmerton, com uma longa faixa de neblina chegando-lhe quase ao topo (pois logo depois de passar a capela, como deve ter notado, o canal que corre da charneca se une a um riacho, que por sua vez acompanha a curva do vale). Wuthering Heights erguia-se acima daquele vapor prateado, mas nossa antiga casa não era visível; na verdade debruça-se mais sobre o outro lado.

Tanto a sala quanto seus ocupantes e a paisagem que contemplavam pareciam maravilhosamente serenos. Eu relutava muito em transmitir o recado e estava a ponto de ir-me dali sem fazê-lo, depois de perguntar sobre as velas, quando um desvario qualquer me fez voltar e murmurar:

– Uma pessoa de Gimmerton deseja vê-la, senhora.

– A respeito do quê? – perguntou a sra. Linton.

– Não perguntei – respondi.

– Bem, feche as cortinas, Nelly – disse ela –, e traga o chá. Já volto.

Saiu da sala, e o sr. Edgar perguntou, com indiferença, quem era.

– Alguém que a patroa não espera – respondi. – Aquele Heathcliff... o senhor se lembra dele, o rapaz que morava na casa do sr. Earnshaw.

– O quê? O cigano... o moço do arado? – exclamou. – Por que não avisou a Catherine?

– Psiu! O senhor não devia chamá-lo por esses nomes – disse. – Ela ficaria muito triste se escutasse. Ficou inconsolável quando ele sumiu. Acho que seu regresso vai deixá-la radiante.

O sr. Linton foi até o outro lado da sala, abriu uma janela que dava para o pátio e se debruçou. Acho que estavam ali embaixo, pois ele exclamou, depressa:

– Não fique aí, meu bem! Convide o visitante para entrar, se for algum conhecido.

Pouco depois, ouvi a tranca batendo e Catherine correndo escada acima, ofegante e arrebatada, excitada demais para mostrar alegria. Na verdade, a julgar pela expressão em seu rosto, seria de se supor uma terrível calamidade.

– Ah, Edgar, Edgar! – disse, arquejando e atirando os braços em torno de seu pescoço. – Ah, Edgar, querido! Heathcliff voltou... ele voltou! – E o abraçou com mais força ainda.

– Ora, ora – exclamou o marido, irritado –, não precisa me estrangular por causa disso! Ele nunca me pareceu tão maravilhoso assim. Não há necessidade de tanto arroubo!

– Sei que não gosta dele – continuou ela, reprimindo um pouco a intensidade de sua satisfação. – Mesmo assim, por mim, vocês vão ter de se tornar amigos. Digo a ele que suba?

– Aqui? – indagou ele. – Para a sala?

– Aonde mais? – perguntou ela.

O patrão pareceu contrariado e sugeriu que a cozinha seria um local mais apropriado a ele.

A sra. Linton fitou-o com uma expressão divertida – em parte zangada, em parte deliciando-se com a má vontade dele.

– Não – acrescentou, depois de um momento. – Não posso recebê-lo na cozinha. Ponha duas mesas aqui, Ellen; uma para o patrão e a srta. Isabella, que são da pequena nobreza, e outra para mim e para Heathcliff, que somos de classes inferiores. Assim você fica satisfeito, meu bem? Ou devo mandar acender a lareira noutro lugar? Nesse caso, diga onde. Vou descer e mandar que meu convidado fique. Temo que esta alegria seja grande demais para ser verdadeira!

Ela já ia correr escada abaixo outra vez quando Edgar a deteve.

– Você o convide a subir – ordenou, dirigindo-se a mim. – E, Catherine, tente ficar alegre sem ser absurda! Não há necessidade de que a casa inteira veja-a recebendo um criado fujão como se fosse um irmão.

Desci e encontrei Heathcliff aguardando no alpendre, evidentemente contando com um convite para entrar. Acompanhou-me sem dizer palavra, e eu o conduzi até onde estavam o patrão e a patroa, cujos rostos afogueados traíam sinais de discussão acalorada. Mas o dela brilhou com outro sentimento quando seu amigo surgiu à porta. Correu até ele, segurou-lhe as mãos e o levou até Linton; pegou então os dedos relutantes do marido e fez com que cumprimentasse o outro.

Eu estava ainda mais impressionada ao ver, agora inteiramente revelada pelo fogo da lareira e pela luz das velas, a transformação de Heathcliff. Ele se tornara um homem alto, atlético e bem formado; ao seu lado, meu patrão parecia muito magro e com jeito de garoto. A postura bem ereta sugeria uma passagem

pelo Exército.⁵³ A expressão de seu rosto era a de um homem mais velho e mais firme que a do sr. Linton. Parecia inteligente e não guardava marcas da antiga degradação. Uma ferocidade um tanto animalesca espreitava, contudo, nos olhos fundos, queimando com um fogo negro, mas estava controlada. Seus gestos tinham dignidade; não havia neles nada de grosseiro, embora tampouco exibissem graça.

A surpresa de meu patrão era igual ou maior que a minha. Ele passou um minuto sem saber como se dirigir ao moço do arado, como o chamara. Heathcliff largou sua mão fina e ficou olhando calmamente para ele.

– Sente-se – disse Linton, por fim. – A sra. Linton, em memória dos velhos tempos, deseja que eu lhe ofereça uma recepção cordial; e eu, claro, fico satisfeito quando acontece algo que lhe dá prazer.

– Eu também – respondeu Heathcliff –, sobretudo quando se trata de algo de que participo. Fico uma hora ou duas, com prazer.

Sentou-se diante de Catherine, que não desgrudava os olhos dele, como se temesse que ele viesse a desaparecer se ela o fizesse. Heathcliff não erguia o olhar para ela com frequência; uma olhadela de relance vez por outra era suficiente. Mas seu olhar refletia, com confiança crescente, a alegria incontida que bebia no dela.

Estavam por demais absorvidos em seu mútuo contentamento para se sentir constrangidos. Quanto ao sr. Edgar, o mesmo não acontecia com ele, estava cada vez mais lívido de aborrecimento, o qual chegou ao clímax quando sua esposa se levantou e, cruzando o tapete da sala, segurou as mãos de Heathcliff mais uma vez e riu como se estivesse fora de si.

– Amanhã vou achar que tudo isso foi um sonho! – exclamou. – Não vou acreditar que pude vê-lo, tocá-lo e falar com você mais uma vez. Ainda que você não mereça ser tão bem recebido, Heathcliff, você foi cruel! Ficar ausente, sem mandar notícias, durante três anos, sem nunca pensar em mim!

– Pensei um pouco mais do que você em mim – murmurou ele. – Ouvi falar do seu casamento, Cathy, não faz muito; e, enquanto esperava no pátio lá embaixo, tracei o seguinte plano: vislumbrar seu rosto brevemente, uma expressão de surpresa, talvez, e prazer fingido; em seguida acertar contas com Hindley e então antecipar-me à lei, dando cabo de mim mesmo. A sua boa acolhida afastou essas ideias de minha cabeça; mas cuidado para não me receber de modo diferente da próxima vez! Não, você não vai mais me afastar. Sentiu mesmo pena de mim, não foi? Bem, com razão. Lutei muito e tive uma vida difícil desde que ouvi sua voz pela última vez. E deve me perdoar, pois lutei só

por você!

– Catherine, a menos que você queira tomar chá frio, venha para a mesa, por favor – interrompeu Linton, tentando manter o tom de voz habitual e um mínimo de cordialidade. – O sr. Heathcliff tem uma longa caminhada pela frente, onde quer que vá se hospedar hoje à noite, e estou com sede.

Ela tomou seu lugar diante do bule de chá, e a srta. Isabella entrou, chamada pelo sino; então, depois de ajudá-los a se sentar, deixei a sala.

O chá mal demorou dez minutos. A xícara de Catherine permaneceu vazia; não conseguia comer nem beber coisa alguma. Edgar fez uma poça em seu pires e mal tocou na comida.

Seu convidado não ficou mais do que uma hora. Perguntei-lhe, à saída, se ia para Gimmerton.

– Não, vou para Wuthering Heights – respondeu. – O sr. Earnshaw me convidou, quando fui visitá-lo hoje pela manhã.

O sr. Earnshaw convidando *a ele*! E *ele* visitando o sr. Earnshaw! Refleti muito sobre aquilo, depois que Heathcliff se foi. “Será que está se tornando um hipócrita, voltando para cá a fim de fazer o mal sob um disfarce de cordialidade?”, perguntei-me. Tinha um pressentimento, no fundo do coração, de que teria sido melhor se não tivesse voltado.

No meio da noite, fui acordada pela sra. Linton, que se esgueirou para dentro do meu quarto, sentou-se à beira da minha cama e puxou meu cabelo, a fim de me despertar.

– Não consigo dormir, Ellen – disse, à guisa de desculpas. – E preciso que alguma criatura viva me faça companhia na felicidade! Edgar está mal-humorado, porque o que me deixa contente é algo que não lhe interessa. Recusa-se a abrir a boca, a não ser para fazer uns discursos rabugentos e tolos. E imagine que me acusou de ser cruel e egoísta por querer conversar quando ele estava se sentindo enfermo e cheio de sono. Sempre inventa uma doença quando qualquer coisinha o aborrece! Fiz alguns elogios a Heathcliff, e ele, não sei se de dor de cabeça ou de inveja, começou a chorar. Então me levantei e o deixei sozinho.

– Para que elogiar Heathcliff diante dele? – ponderei. – Quando eram garotos tinham aversão um pelo outro, e Heathcliff detestaria, do mesmo modo, ouvi-la elogiando o sr. Linton: assim é a natureza humana. Não fale mais dele ao sr. Linton, a menos que queira provocar uma briga entre os dois.

– Mas não acha que isso revela uma grande fraqueza? – insistiu ela. – Não sou invejosa... nunca me sinto melindrada por causa dos cabelos louros de Isabella e de sua pele clara, de sua elegância e graça, e do carinho que toda a

família demonstra por ela. Até mesmo você, Nelly, às vezes, quando discutimos, coloca-se logo ao lado de Isabella, e cedo como uma mãe tola... chamo-a de querida e faço-lhe mil agrados até seu bom humor voltar. O irmão gosta de nos ver em bons termos, e isso me deixa contente. Mas os dois são muito parecidos: crianças mimadas, pensam que o mundo foi feito para agradá-los. Por isso, muito embora eu mime a ambos, acho que um castigo bem aplicado poderia lhes fazer bem.

– Engana-se, sra. Linton – respondi. – Eles é que mimam a senhora... sei o que aconteceria se não mimassem! A senhora tolera os caprichos passageiros dos dois contanto que tratem de adivinhar todos os seus desejos. Mas pode ser que algo venha a acontecer com consequências para os dois lados, e então aqueles que acusa de fraqueza são bem capazes de se mostrar tão obstinados quanto a senhora.

– E então combateremos até a morte, não é mesmo, Nelly? – devolveu ela, rindo. – Não, tenho tanta confiança no amor de Linton que acho que mesmo que o matasse ele não teria vontade de retaliar.

Aconselhei-a a apreciá-lo mais por seu afeto.

– Aprecio – respondeu ela –, mas ele não precisava ficar choramingando por qualquer coisinha. Isso é infantil. Em vez de se desmanchar em lágrimas porque eu disse que Heathcliff é agora digno da consideração de todos, e que seria uma honra para ele ser o primeiro homem por aqui a se tornar seu amigo, ele deveria ter dito isso em meu lugar e ter demonstrado alegria por mim. Deve se acostumar à presença dele e pode acabar por vir a estimá-lo. Considerando quantos motivos Heathcliff tem para não gostar dele, acho que se comportou de forma excelente!

– O que pensa da ida dele a Wuthering Heights? – indaguei. – Sua transformação foi completa, pelo visto... um autêntico cristão, oferecendo a mão direita da amizade aos inimigos!

– Ele explicou – respondeu ela. – Estava curiosa, assim como você. Disse que fez uma visita a fim de se informar sobre mim, supondo que você ainda morasse lá. Joseph contou a Hindley, que saiu e começou a lhe perguntar o que andara fazendo e como tinha vivido; por fim, convidou-o a entrar. Havia algumas pessoas reunidas em torno de um jogo de cartas; Heathcliff se juntou a elas. Meu irmão perdeu algum dinheiro para ele, e, vendo que isso era o que não lhe faltava, pediu que voltasse à noite. Ele consentiu. Hindley é descuidado demais para escolher com prudência sua companhia; não se dá ao trabalho de refletir sobre os motivos para desconfiar de alguém que prejudicou imensamente. Mas Heathcliff afirma que o principal motivo para retomar contato

com o antigo opressor é um desejo de se instalar em algum lugar perto de Thrushcross Grange e um apego à casa em que vivemos juntos. Além disso, tem também a esperança de que eu e ele venhamos a ter mais oportunidades de nos ver desse modo do que se ele se instalasse em Gimmerton. Pretende pagar regamente pela permissão de se hospedar em Wuthering Heights; com certeza a cobiça de meu irmão há de levá-lo a aceitar seus termos. Sempre foi ganancioso, embora o que agarra com uma das mãos jogue fora com a outra.

– Belo lugar para um jovem estabelecer residência! – comentei. – Não teme as consequências, sra. Linton?

– No que diz respeito ao meu amigo, não – respondeu. – Seu discernimento vai mantê-lo fora de perigo. Tenho certo medo das consequências para Hindley, mas ele não pode ficar pior moralmente do que já é, e vou evitar que qualquer coisa mais séria lhe ocorra. Os acontecimentos desta noite me reconciliaram com Deus e com a humanidade! Estava revoltada contra a Providência. Ah, sofri demais, demais mesmo, Nelly! Se aquela criatura soubesse o quanto, teria vergonha de macular com sua petulância o momento em que esse sofrimento acabou. Foi só bondade para com ele que me fez suportar o sofrimento sozinha. Se eu expressasse a agonia em que frequentemente me encontrava, ele teria passado a desejar tanto quanto eu que terminasse. Mas chegou ao fim, e não vou me vingar de sua tolice. Daqui por diante, vou ser capaz de aguentar tudo! Se a pessoa mais vil sobre a terra me esbofeteasse na face, não apenas eu daria a outra,⁵⁴ mas pediria perdão por tê-la provocado. E, como prova disso, vou fazer as pazes com Edgar agora mesmo. Boa noite! Sou um anjo!

Nessa convicção autocomplacente, ela se foi, e o sucesso de sua resolução cumprida estava óbvio pela manhã: o sr. Linton não apenas deixara de lado a irritação (embora o humor ainda parecesse algo sombrio ante a exuberância da vivacidade de Catherine) como não fez objeção a que ela levasse Isabella consigo numa visita a Wuthering Heights, pela tarde. Catherine recompensou-o com tanto afeto e ternura que transformou a casa num paraíso durante vários dias, tanto o patrão quanto a criadagem desfrutando daquele sol que brilhava incessantemente.

Heathcliff – sr. Heathcliff, eu deveria dizer, daqui por diante – usou com cautela a liberdade de visitar Thrushcross Grange, a princípio. Catherine também julgou prudente moderar suas manifestações de prazer ao recebê-lo, e ele aos poucos foi estabelecendo seu direito de ser acolhido.

Conservava boa parte daquela reserva que marcara sua meninice, e isso servia para reprimir quaisquer demonstrações mais alarmantes de sentimento. O desconforto de meu patrão teve um período de bonança e acabou sendo desviado

para outro setor.

Sua nova fonte de preocupação advinha do imprevisto infortúnio que era o fato de Isabella Linton demonstrar súbita e irresistível atração pelo tolerado visitante. Ela era, à época, uma moça encantadora de dezoito anos de idade; seu comportamento ainda era infantil, mas dotado de viva sagacidade. Vivos eram também seus sentimentos e seu temperamento, quando ela se irritava. Seu irmão, que muito a amava, ficou atônito ante aquela preferência extravagante demonstrada pela moça. Sem levar em conta a degradação de uma aliança com um homem sem sobrenome e a possibilidade de que sua propriedade, na falta de herdeiros do sexo masculino, viesse a passar para as mãos de alguém assim, ele tinha sensibilidade suficiente para compreender as intenções de Heathcliff e saber que, embora o exterior estivesse diferente, a mente continuava inalterada e inalterável. E temia aquela mente, causava-lhe revolta; ele estremecia ante a ideia de confiar Isabella aos seus cuidados.

Teria estremecido ainda mais se tivesse consciência de que o afeto dela nascera espontaneamente e não encontrava reciprocidade; pois, no instante em que descobriu sua existência, pôs a culpa em Heathcliff, como se este o houvesse deliberadamente provocado.

Todos já havíamos notado, a essa altura, que algo trazia aflição e ansiedade à srta. Linton. Ela se tornara irritadiça e fastidiosa, dando respostas ásperas a Catherine e provocando-a sem cessar, sob o risco iminente de esgotar sua limitada paciência. Perdoávamos, até certo ponto, atribuindo seu humor à saúde fraca: emagrecia e murchava a olhos vistos. Um dia, porém, quando estava particularmente indócil, rejeitando o café da manhã, reclamando que os criados não faziam o que mandava, que a patroa não lhe dava voz ativa na casa e que Edgar a negligenciava, que ficara resfriada graças às portas abertas e que deixávamos a lareira da sala apagar de propósito para aborrecê-la, mais uma centena de outras acusações ainda mais frívolas, a sra. Linton insistiu peremptoriamente que Isabella fosse para a cama e, dando-lhe uma bronca, ameaçou mandar chamar o médico.

Ante a menção do dr. Kenneth, ela exclamou no mesmo instante que sua saúde estava perfeita e que era somente a aspereza de Catherine que a tornava infeliz.

– Como pode dizer que sou áspera, sua malcriada? – exclamou a patroa, espantada com a afirmação nada razoável. – Deve estar perdendo o juízo. Quando é que fui áspera, diga-me?

– Ontem – soluçou Isabella. – E agora!

– Ontem! – disse a cunhada. – Em que ocasião?

– Quando fomos caminhar na charneca. Você me disse para ir aonde quisesse, enquanto passeava com o sr. Heathcliff!

– E é a isso que chama ser áspera? – indagou Catherine, rindo. – Não foi uma sugestão de que sua companhia era dispensável. Não nos importava que viesse conosco ou não; apenas achei que a conversa de Heathcliff não teria interesse algum para você.

– Ah, não – chorou a jovem –, você quis me afastar, porque sabia que eu queria ir também!

– Ela perdeu o juízo? – perguntou a sra. Linton, dirigindo-se a mim. – Vou repetir nossa conversa, palavra por palavra, Isabella, e você me diga que interesse poderia ter para você.

– Não me interessa a conversa – respondeu ela. – Eu queria estar com...

– Sim? – incitou Catherine, percebendo que a outra hesitava em completar a frase.

– Com ele; e não vou mais tolerar ser mandada embora! – prosseguiu ela, mais exaltada. – Você é uma egoísta, Cathy, e não quer que ninguém mais seja amado além de você mesma!

– Que garota impertinente! – exclamou a sra. Linton, surpresa. – Mas não vou acreditar nesse disparate! É impossível que deseje a admiração de Heathcliff... que o considere uma pessoa agradável. Acho que não entendi bem, Isabella.

– Entendeu sim, muito bem – disse a jovem enamorada. – Eu o amo mais do que você jamais amou Edgar, e ele poderia vir a me amar, se você deixasse!

– Pois por nada deste mundo eu gostaria de estar na sua pele! – declarou Catherine, enfaticamente, e com aparente sinceridade. – Nelly, ajude-me a convencê-la de sua insensatez. Diga-lhe quem é Heathcliff, uma criatura bruta, sem refinamento, sem cultura; um árido matagal de tojo e pedra dura. Há tanta chance de eu colocar aquele canarinho no parque num dia de inverno quanto de recomendar que entregue seu coração a ele! Foi uma ignorância deplorável da personalidade dele, mocinha, e nada mais, o que meteu esse sonho na sua cabeça. Eu lhe peço, não imagine que ele esconde um interior de benevolência e afeição sob uma aparência severa! Ele não é um diamante bruto ou uma ostra que contém uma pérola. É um homem feroz e implacável. Nunca digo a ele, “Deixe este ou aquele inimigo em paz, porque seria mesquinho ou cruel fazer-lhe mal”; digo, “Deixe-o em paz porque *eu* detestaria vê-lo ser prejudicado”. E ele haveria de esmagá-la como ao ovo de um pardal, Isabella, se achasse

incômoda sua presença. Sei que ele não tem condições de amar um Linton; ainda assim, seria capaz de desposar sua fortuna e suas expectativas... a avareza está se tornando um pecado constante na atitude dele. Isto é o que penso, e sou amiga dele... tanto que, se ele tivesse tentado seriamente conquistá-la, eu teria talvez ficado calada e permitido que você caísse em sua armadilha.

A srta. Linton fitava a cunhada com indignação.

– Que vergonha! Que vergonha! – repetiu, furiosa. – Você é pior do que vinte inimigos, amiga venenosa!

– Ah, então não quer acreditar em mim? – desafiou Catherine. – Acha que disse tudo isso por puro egoísmo?

– Tenho certeza de que sim – retrucou Isabella –, e estremeço de horror!

– Muito bem! – exclamou a outra. – Então veja por conta própria, se assim desejar. Já disse o que queria e não desejo mais tolerar sua insolência e seu atrevimento.

– E devo sofrer pelo egoísmo dela! – A jovem soluçou, quando a sra. Linton deixou a sala. – Tudo, está tudo contra mim. Ela estragou meu consolo, o único que eu tinha. Mas só disse falsidades, não foi? O sr. Heathcliff não é um demônio, tem uma alma generosa e fiel, do contrário como haveria de se lembrar dela?

– Tire-o da cabeça, senhorita – respondi. – Ele é uma ave de mau agouro. Não é um bom companheiro para a senhorita. A sra. Linton disse palavras fortes, e no entanto não posso contradizê-la. Ela conhece o coração dele melhor do que eu ou qualquer outra pessoa e nunca haveria de fazer dele um retrato pior do que é. Pessoas honestas não escondem o que fazem. Como é que ele tem vivido? Como ficou rico? Por que está hospedado em Wuthering Heights, a casa de um homem que abomina? Dizem que o sr. Earnshaw está piorando cada vez mais, desde que ele chegou. Ficam acordados a noite inteira, juntos, e Hindley hipotecou suas terras e não faz outra coisa além de jogar e beber. Ouvi dizer, faz só uma semana, foi Joseph quem me contou, quando o encontrei em Gimmerton: “Nelly”, ele me disse, “qualquer hora dessas vamos ter um inquérito lá em casa. Um deles quase teve o dedo cortado fora quando tentou impedir o outro de se degolar como se fosse um bezerro. É o patrão, sabe?, que vai acabar no tribunal. Não está preocupado com os juízes, nem com Paulo, Pedro, João ou Mateus, com nenhum deles!”⁵⁵ Não se importa, quer mesmo é mostrar-lhes a cara em desafio! E aquele Heathcliff, vou lhe dizer. Ri como ninguém da desgraça dos outros. Quando vai a Grange diz alguma coisa sobre a boa vida que leva? É mais ou menos assim: levanta-se quando o sol se põe, e daí são dados, conhaque,

gelosias fechadas e luz de velas até o dia seguinte ao meio-dia. Em seguida, o malandro vai para o quarto, praguejando e gritando tanto que a gente decente é obrigada a tapar os ouvidos, e conta o dinheiro que ganhou, come, dorme e vai para a casa do vizinho fofocar com a esposa dele. Conta para a dona Catherine como o ouro do pai dela está passando para o bolso dele, e como o filho do pai dela está indo a galope na estrada da perdição, enquanto ele vai na frente para abrir as porteiras?” Ora, srta. Linton, Joseph é um velho patife, mas não é mentiroso; se o que diz da conduta de Heathcliff for verdade, a senhorita jamais haveria de querê-lo para marido, não é mesmo?

– Você está mancomunada com os outros, Ellen! – respondeu ela. – Não vou dar ouvidos à suas calúnias. Que maldade a sua querer me convencer de que não há felicidade neste mundo!

Não sei dizer se ela esqueceria aquela fantasia com o tempo ou se haveria de preservá-la perpetuamente; não teve muito tempo para refletir. No dia seguinte, houve um julgamento na cidade vizinha, e meu patrão foi obrigado a comparecer. O sr. Heathcliff, sabendo de sua ausência, apareceu bem mais cedo do que o habitual.

Catherine e Isabella estavam na biblioteca, num silêncio hostil. A segunda, alarmada com sua recente indiscrição e a confissão que fizera de seus sentimentos secretos num arroubo temporário de paixão; a primeira, após refletir sobre o assunto, realmente ofendida com a cunhada; e, se ainda achava graça em seu atrevimento, fazia questão de não deixar transparecer.

Riu ao ver Heathcliff passar pela janela. Eu varria a lareira e notei um sorriso malicioso em seus lábios. Isabella, absorta em seus pensamentos ou num livro, assim permaneceu até que a porta se abriu, quando já era tarde demais para ensaiar uma fuga – o que ela teria feito de bom grado, se houvesse como.

– Entre, e seja bem-vindo! – exclamou a patroa alegremente, puxando uma cadeira para junto do fogo. – Estamos mesmo precisando que uma terceira pessoa venha derreter o gelo entre nós duas, e você é justamente quem ambas escolheríamos. Heathcliff, é com prazer que lhe apresento finalmente alguém que gosta mais de você do que eu. Imagino que vá se sentir lisonjeado. Não, não se trata de Nelly, não olhe para ela! Minha pobre cunhada está se consumindo à simples contemplação de sua beleza física e moral. Está em seu poder tornar-se irmão de Edgar! Não, não, Isabella, você não vai fugir – continuou ela, detendo, com um fingido ar brincalhão, a jovem que se erguera desconcertada e indignada. – Estávamos brigando feito cão e gato por sua causa, Heathcliff, e acabei sendo vencida nas declarações de devoção e admiração. Além do mais, fui informada de que, se eu tivesse o tato de me afastar um pouco, a minha rival,

como ela se proclama, cravará uma seta em seu coração que haveria de prendê-lo para todo o sempre, lançando minha imagem no esquecimento eterno!

– Catherine! – disse Isabella, apelando para sua dignidade, sem tentar mais se soltar das mãos firmes da outra. – Ficaria grata se você se ativesse à verdade e não me caluniasse, nem mesmo de brincadeira! Sr. Heathcliff, tenha a bondade de pedir à sua amiga que me solte. Ela se esquece de que o senhor e eu não somos amigos íntimos, e o que a diverte é para mim mais doloroso do que consigo expressar.

Como ele nada respondesse e, ao contrário, se sentasse, demonstrando a mais completa indiferença aos sentimentos que ela pudesse nutrir por ele, Isabella se virou e sussurrou à cunhada um pedido honesto de que a soltasse.

– De jeito nenhum! – exclamou em resposta a sra. Linton. – Não quero mais ser chamada de egoísta. Você vai *ficar*. Mas então, Heathcliff, por que não mostra satisfação com a notícia agradável que lhe dei? Isabella jura que o amor que Edgar tem por mim não é nada perto do que ela sente por você. Tenho certeza de que foi mais ou menos isso o que disse, não foi, Ellen? E não comeu nada desde a caminhada de anteontem, de tristeza e de raiva por eu tê-la despachado para longe de você.

– Acho que a está caluniando – disse Heathcliff, virando a cadeira e se voltando para as duas. – Ela agora parece estar louca para fugir para longe de mim!

E olhou fixamente para o objeto da conversa, como se estivesse diante de um animal repugnante – uma centopeia das Índias, por exemplo, que a curiosidade leva o observador a examinar, apesar da aversão que suscita.

A pobrezinha não podia suportar isso; empalideceu e enrubescceu numa rápida sucessão e, enquanto as lágrimas se avolumavam entre seus cílios, usou de toda força de seus dedos pequeninos para soltar o aperto forte de Catherine. Percebendo que assim que soltava um dedo outro apertava ainda mais, de modo que não conseguia escapar, começou a fazer uso das unhas, que logo decoravam as mãos de sua torturadora com crescentes vermelhos.

– Parece um tigre! – exclamou a sra. Linton, soltando-a e sacudindo a mão de dor. – Vá embora, pelo amor de Deus, e esconda essa cara de megera! Que tolice revelar essas garras a *ele*. Será que não pode imaginar as conclusões que vai tirar? Olhe, Heathcliff! Esses instrumentos podem causar a morte... você precisa tomar cuidado com seus olhos.

– Eu as arrancaria dos dedos, se por acaso me ameaçassem – respondeu ele brutalmente, quando a porta se fechou atrás de Isabella. – Mas o que deu em

você para implicar desse jeito com a criatura, Cathy? Você não falava a verdade, falava?

– Asseguro-lhe que sim – replicou ela. – Faz várias semanas que vem se consumindo por sua causa, e hoje de manhã estava se rasgando de elogios a você, e despejou sobre mim uma torrente de insultos só porque revelei seus defeitos, a fim de mitigar toda aquela adoração. Mas não ligue: só queria puni-la por sua impertinência, só isso. Gosto demais dela, meu caro Heath-cliff, para permitir que você a agarre e a devore.

– E detesto-a demais para tentar – disse ele –, exceto talvez à maneira de um *ghoul*.⁵⁶ Você ouviria histórias estranhas se eu vivesse com aquela cara insípida de cera. As mais triviais seriam pintar nela as cores do arco-íris e deixar aqueles olhos azuis roxos a cada dois dias; eles me lembram por demais os de Linton.

– Deliciosamente! – observou Catherine. – São olhos de uma pomba, olhos de anjo!

– Ela é a herdeira do irmão, não é? – perguntou ele, depois de um breve silêncio.

– Pensar isso não me agrada em nada – foi a resposta. – Meia dúzia de sobrinhos hão de tirar dela esse direito, se Deus quiser! Mas não comece a ter ideias a esse respeito, você é por demais inclinado a cobiçar os bens do próximo. Lembre-se de que os bens *desse* próximo são meus!

– Se fossem *meus*, seriam igualmente seus – retorquiu Heathcliff. – Mas embora Isabella Linton seja tola, não acho que seja louca, de modo que não se fala mais nisso, como você sugeriu.

E não falaram mesmo. Catherine provavelmente tirou o assunto da cabeça. O outro, tenho certeza, lembrou-se dele com frequência naquela noite. Pude vê-lo sorrindo consigo mesmo – era um sorriso largo e irônico –, entregando-se a um devaneio inquietante a cada vez que a sra. Linton se ausentava da sala.

Decidi vigiar seus movimentos. Meu coração pendia invariavelmente para o lado do patrão, em vez do de Catherine. E com razão, eu achava, pois ele era gentil, honesto e honrado, e ela – embora não se pudesse dizer que era o seu *oposto*, parecia se permitir tanta coisa que eu tinha pouca fé nos seus princípios, e ainda menos simpatia por seus sentimentos. Queria que acontecesse algo para livrar, sem alarde, tanto Wuthering Heights quanto Thrushcross Grange da presença do sr. Heathcliff, deixando-nos como estávamos antes de ele aparecer. Suas visitas eram um pesadelo contínuo para mim; e, suspeitava, para o meu patrão também. O fato de ele estar vivendo em Heights era uma opressão

impossível de explicar. Eu sentia que Deus deixara ali sua ovelha negra entregue à própria sorte, e uma fera rondava entre ela e o rebanho, aguardando a hora certa de atacar e destruir.

⁵² No original, literalmente “ou conseguiu um *sizar*’s place?”, sendo *sizar* o estudante que, na Universidades de Cambridge e no Trinity College, de Dublin, recebe auxílios de moradia e alimentação durante o período de estudos em troca de algum tipo de trabalho. No passado, o *sizar* era responsável por servir aos colegas de curso os *sizes* ou *sizings* – a ração diária de comida e bebida fixada aos estudantes.

⁵³ O Exército britânico no séc.XVIII era comumente visto como espaço de provações, orga-nização e dura disciplina; no entanto, muitos se voluntariavam para escapar à miséria nas cidades (destino que se abria a Heathcliff depois de sua fuga de Wuthering Heights) e granjear rendimentos estáveis. Embora, à época, a Inglaterra estivesse envolvida em alguns conflitos – dentre os quais a Guerra de Independência norte-americana (1776-83) –, a maioria dos homens não servia no exterior, formando uma força policial (*constabulary force*) cuja ação, quando necessária, se dava nos próprios limites das ilhas britânicas.

⁵⁴ Referência à célebre passagem do Sermão da Montanha, oferecido por Jesus Cristo e citado por Mateus e Lucas em seus respectivos Evangelhos. Em Mateus (5:39), leem-se as seguintes palavras atribuídas a Cristo: “Eu, porém, vos digo que não resistais ao mau; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra.”

⁵⁵ Paulo, Pedro, João e Mateus são apóstolos de Jesus Cristo. Pedro, João e Mateus constam do rol dos doze presentes à Santa Ceia; Paulo, pregador entre os não judeus, encontrou-se pessoalmente com Jesus uma única vez, dele recebendo a missão apostólica.

⁵⁶ Nas tradições árabes, das quais se origina, o *ghoul* é um espírito maligno, também figurado como monstro, que se relaciona a cemitérios e ao consumo de carne humana. A figura entra na literatura inglesa por meio do romance gótico de ambiência oriental *Vathek*, de William Beckford (1786), que o descreve segundo a tradição de que provém; no entanto, em inglês, o termo ganhou conotação mais geral, relacionada a indivíduos de gosto macabro ou, de forma depreciativa, a coveiros ou ladrões de túmulos. À medida que a história avança, tornam-se mais evidentes os elementos da narrativa gótica empregados por Emily Brontë. A caracterização inicial de Heathcliff como “estranho” se tinge gradativamente de uma aura sinistra, reforçada pela combinação de irracionalidade vingativa e cálculo maquiavélico – traço particularmente desenvolvido na construção dos antagonistas do gênero – que passa a governar seus atos.

CAPÍTULO 11

ÀS VEZES, quando me via sozinha e refletia sobre tudo isso, eu me levantava com um terror súbito e punha a touca para ir ver como iam as coisas na fazenda. Persuadira minha consciência de que era meu dever avisá-lo do que as pessoas falavam a respeito de sua atitude, mas logo me lembrava de seus maus hábitos e, sem esperança de conseguir ajudá-lo, desistia de voltar àquela casa sombria, duvidando de que ele fosse me dar ouvidos.

Certa vez, ao ir a Gimmerton, passei diante do velho portão, desviando-me do meu caminho. Isso foi mais ou menos no período a que já cheguei na minha narrativa: uma tarde clara e gelada, o chão nu, a estrada dura e seca.

Cheguei a um ponto do caminho em que uma pedra marca uma encruzilhada, com a estrada que leva para a charneca à esquerda. É um marco simples, com as letras W.H. gravadas na face norte; G., a leste; e T.G., a sudoeste. Indica as direções para Grange, Heights e a aldeia.

O sol amarelava o topo acinzentado do velho marco, fazendo com que eu me lembrasse do verão. Não sei dizer por quê, mas de súbito uma onda de sensações infantis invadiu meu coração. Vinte anos antes, aquele era um dos lugares da nossa predileção, minha e de Hindley.

Fitei demoradamente o bloco de pedra gasto pelo tempo; inclinando-me, notei um buraco perto do chão ainda cheio das conchas de caracol e pedrinhas que tanto gostávamos de guardar ali, com outras coisas mais perecíveis. Com a nitidez da realidade, pareceu-me ver meu companheiro de brincadeiras sentado na grama ressecada – a cabeça morena e quadrada curvada para a frente, a mãozinha escavando a terra com um pedaço de ardósia.

– Pobre Hindley! – exclamei, involuntariamente.

Sobressaltei-me. Por um momento, acreditei ver a criança levantar o rosto e me olhar bem nos olhos! A visão se desfez num instante, mas imediatamente senti um desejo irresistível de ir até Heights. A superstição me impeliu a respeitar o impulso – “E se ele tivesse morrido”, pensei, “ou estivesse prestes a morrer?” –, aquele poderia ser um sinal da morte!

Quanto mais me aproximava da casa, mais inquieta ia ficando; ao vê-la,

meu corpo inteiro começou a tremer. A aparição fora mais rápida do que eu, estava ali, olhando através do portão. Foi a primeira coisa que me ocorreu ao ver um menino de cabelos cacheados como os de um elfo e olhos castanhos, com o rosto corado de encontro à grade. Refletindo melhor, entendi que devia ser Hareton, o meu Hareton, em nada diferente de quando eu o deixara, dez meses antes.

– Deus o abençoe, meu querido! – exclamei, esquecendo no mesmo instante os meus temores insensatos. – Hareton, é Nelly! Nelly, sua babá.

Ele recuou, saindo do meu alcance, e apanhou uma grande pedra.

– Vim ver seu pai, Hareton – acrescentei, imaginando pelo gesto dele que Nelly, se ainda estivesse presente em sua memória, não fora reconhecida como sendo eu.

Ele ergueu a pedra para atirá-la; comecei a dizer algumas palavras para tranquilizá-lo, mas não consegui deter sua mão. A pedra acertou minha touca. Dos lábios balbuciantes do menino saiu uma torrente de insultos; quer ele os entendesse, quer não, foram pronunciados com grande ênfase e distorciam suas feições de criança, transformando-as numa expressão chocante de malignidade.

Esteja certo de que isso mais me entristeceu do que irritou. Quase chorando, tirei do bolso uma laranja e a ofereci a ele, a fim de apaziguá-lo.

Ele hesitou, mas logo a arrancou da minha mão, como se imaginasse que só pretendia atraí-lo e depois frustrá-lo.

Mostrei uma segunda, mantendo-a fora do seu alcance.

– Quem lhe ensinou a falar assim, menino? – perguntei. – Foi o pároco?

– Quero mais é que o pároco vá para o inferno, e você também! Me dê logo isso! – replicou ele.

– Diga quem foi que lhe ensinou isso, e eu dou – repeti. – Quem é o seu professor?

– O diabo do meu pai – foi a resposta.

– E o que você aprende com seu pai? – continuei.

Ele deu um pulo para tentar pegar a fruta; ergui-a mais alto.

– O que é que ele lhe ensina? – perguntei.

– Nada – disse ele –, só que é para eu sair da frente dele. Papai não pode comigo. Xingo ele.

– Ah, e o diabo lhe ensina a xingar seu pai? – observei.

– É... não – disse, devagar.

– Quem ensina, então?

– Heathcliff.

Perguntei se gostava do sr. Heathcliff.

– Gosto! – respondeu.

Desejando saber por que razão gostava dele, só consegui entender o seguinte:

– Não sei... ele se vinga do papai por mim... xinga o papai quando o papai me xinga. Diz que é para eu fazer o que quiser.

– E o pároco então não o ensina a ler e a escrever? – insisti.

– Não, me disseram que o pároco ia... engolir os próprios dentes... se entrasse pela porta. Heathcliff disse isso a ele!

Pus a laranja em sua mão e lhe pedi para avisar ao pai que Nelly Dean estava esperando para falar com ele junto ao portão do jardim.

Ele correu até a casa, mas em vez de Hindley quem apareceu à porta foi Heathcliff; dei meia-volta e disparei a toda a pressa pela estrada até chegar à encruzilhada, assustada como se houvesse um goblin nos meus calcanhares.

Isso não teve uma relação direta com a história da srta. Isabella, a não ser pelo fato de que me decidi a redobrar a vigilância e fazer o que pudesse para evitar que aquela má influência atingisse Grange – mesmo que assim eu desencadeasse uma tempestade doméstica, ao contrariar os desejos da sra. Linton.

Na visita seguinte de Heathcliff, a senhorita estava no pátio alimentando os pombos. Fazia três dias que não dirigia a palavra à cunhada, mas também tinha parado com todas aquelas irritantes reclamações, o que já era um alívio e tanto.

Heathcliff não tinha o hábito de fazer um único gesto desnecessário de cortesia para com a srta. Linton, eu sabia. Dessa vez, assim que a avistou, sua primeira precaução foi dar uma olhada na direção da frente da casa. Eu estava de pé junto à janela da cozinha, mas me escondi. Ele então atravessou o pátio e foi até onde ela estava, dizendo-lhe alguma coisa. Isabella pareceu encabulada, querendo sair dali, o que ele impediu, segurando-lhe o braço. Ela desviou o rosto: aparentemente, ele fizera alguma pergunta à qual ela não queria responder. Mais uma olhadela na direção da casa e, supondo que ninguém o estava vendo, o canalha teve o descaramento de abraçá-la.

– Judas! Traidor! – exclamei. – Como é hipócrita! Um mentiroso.

– Quem, Nelly? – indagou a voz de Catherine atrás de mim; eu prestara atenção demasiada ao casal lá fora e não notara sua chegada.

– O imprestável do seu amigo! – respondi, indignada. – O patife

dissimulado lá fora. Ah, ele já nos viu. Está entrando! Será que vai conseguir encontrar uma desculpa plausível para estar cortejando a srta. Isabella, depois de ter dito à senhora que a detestava?

A sra. Linton viu Isabella se soltar e correr para o jardim. No instante seguinte, Heathcliff abriu a porta.

Não pude ocultar minha indignação, mas Catherine insistiu, zangada, que eu me calasse e ameaçou me expulsar da cozinha, caso eu fosse insolente a ponto de soltar a língua.

– A julgar pelo modo como fala, as pessoas achariam que é a dona da casa! – exclamou ela. – Está precisando que a coloquem no seu lugar! Heathcliff, o que é que você pretende, causando esta comoção toda? Disse-lhe para deixar Isabella em paz! Imploro-lhe que faça isso, a menos que esteja farto de vir aqui e queira que Linton tranque as portas para não o deixar entrar!

– Que Deus o impeça de tentar! – retrucou o canalha. Nesse momento, eu o detestei. – Que Deus o conserve manso e paciente! A cada dia que passa, tenho mais vontade de mandá-lo para o céu!

– Pssst! – disse Catherine, fechando a porta interna. – Não me aborreça. Esqueceu meu pedido? Ela se pôs no seu caminho de propósito?

– O que é que você tem a ver com isso? – rosnou ele. – Tenho o direito de beijá-la, se ela quiser, e você não tem o direito de se opor. Não sou seu marido, não precisa ter ciúme de mim!

– Não tenho ciúme de você – replicou a patroa. – É somente zelo. Desanuvie essa cara, não consinto que me venha com sobrancelhas franzidas! Se gosta de Isabella, case-se com ela. Mas gosta mesmo? Diga a verdade, Heathcliff! Está vendo? Não responde. Tenho certeza de que não gosta!

– E o sr. Linton aprovaria o casamento da irmã com esse homem? – indaguei.

– O sr. Linton aprovaria – respondeu a patroa, decidida.

– Ele talvez não tenha que se dar ao trabalho – argumentou Heathcliff. – Posso muito bem fazer isso sem sua aprovação. E quanto a você, Catherine, quero lhe dizer algumas palavras, aproveitando a ocasião. Quero que fique ciente de que sei que me tratou de modo intolerável. Intolerável! Está me ouvindo? É uma tola, se acha que não percebo, e uma idiota, se acha que posso ser consolado com palavras doces. E se pensa que vou sofrer sem me vingar, vou convencê-la do contrário, muito em breve! Enquanto isso, obrigado por ter me contado o segredo da sua cunhada. Juro que vou fazer bom uso dele. E não se meta!

– Que nova fase do seu caráter é essa? – exclamou a sra. Linton, atônita. –

Eu o tratei de modo intolerável... e você há de se vingar! E como vai fazer isso, seu mal-agradecido? Como foi que o tratei de modo intolerável?

– Não quero me vingar de você – replicou Heathcliff, com menos veemência. – Não é esse o plano. O tirano esmaga seus escravos, mas eles não se voltam contra o tirano; em vez disso, esmagam os que estão por baixo. Você pode me torturar até a morte para a sua diversão, só permita que eu me divirta um pouco da mesma maneira. E não me insulte. Tendo derrubado meu palácio, não construa para mim um casebre e admire complacente sua própria caridade. Se eu imaginasse que você realmente gostaria que eu me casasse com Isabella, cortaria minha própria garganta!

– Ah, então o problema está em eu não ter ciúme, é isso? – exclamou Catherine. – Bem, não vou repetir minha oferta de uma esposa: é o mesmo que oferecer a Satã uma alma condenada. Seu júbilo, assim como o dele, reside em causar sofrimento. Edgar já se recuperou do mau humor causado pela sua chegada; eu começo a me sentir segura e tranquila; e você, incapaz de nos ver em paz, aparece, decidido a provocar uma briga. Brigue com Edgar, se quiser, Heathcliff, e engane a irmã dele; vai ter encontrado o método mais eficiente de se vingar de mim.

A conversa terminou. A sra. Linton sentou-se junto ao fogo, exaltada e taciturna. Seu humor estava ficando intratável: não conseguia aplacá-lo nem o controlar. Heathcliff ficou parado junto à lareira, braços cruzados, ruminando seus pensamentos maléficos; foi assim que os deixei para atender à chamada do patrão, que se perguntava por que Catherine demorava tanto tempo lá embaixo.

– Ellen – disse ele, quando entrei –, por acaso viu sua patroa?

– Sim, está na cozinha, meu senhor – respondi. – Está muito transtornada pelo comportamento de Heathcliff. Na verdade, penso que seja o momento de repensar as visitas dele. A tolerância demasiada está tendo más consequências, e agora se chegou a este ponto... – Com o que relatei a cena no pátio e, com o máximo de fidelidade que ousei, a discussão subsequente. Achei que não poderia ser tão prejudicial à sra. Linton, a menos que ela provocasse isso mais tarde, saindo em defesa do convidado.

Edgar Linton teve dificuldade em me ouvir até o fim. Suas primeiras palavras revelaram que não isentava a esposa de culpa.

– Isso é inadmissível! – exclamou. – É vergonhoso que ela o considere um amigo e me imponha sua presença! Vá me chamar dois homens, Ellen. Catherine não vai mais ficar discutindo com aquele vil rufião. Já fiz por demais suas vontades.

Desceu e, mandando os criados aguardarem no corredor, encaminhou-se, seguido por mim, à cozinha. Os ocupantes haviam recomeçado a discussão acalorada. A sra. Linton, pelo menos, repreendia-o com renovado vigor; Heathcliff fora até a janela e tinha a cabeça baixa, aparentemente um tanto intimidado pelas reprimendas furiosas.

Foi o primeiro a ver o patrão e fez um gesto para que ela se calasse; ela obedeceu, abruptamente, ao descobrir a razão.

– O que está acontecendo? – perguntou Linton, dirigindo-se a ela. – Que falta de decência é a sua para ficar aqui e ouvir esse canalha se dirigir a você do modo como se dirigiu?! Imagino que, por ser a forma usual como ele fala, já esteja acostumada... habituou-se à sua baixeza e talvez imagine que eu também possa me habituar!

– Estava escutando atrás da porta, Edgar? – indagou a patroa, num tom particularmente calculado para provocar o marido, sugerindo indiferença e desprezo ante sua irritação.

Heathcliff, que erguera os olhos enquanto o sr. Linton falava, soltou uma risada de escárnio; o propósito, ao que parecia, era atrair para si a atenção dele.

Conseguiu, mas Edgar não pretendia se deixar levar pela emoção.

– Tenho sido até aqui tolerante com o senhor – disse, em tom calmo. – Não que ignore o seu caráter miserável e degradado, mas sentia que o senhor era apenas parcialmente responsável por ele. Como Catherine queria manter a amizade que lhe tinha, aquiesci... e foi uma tolice. Sua presença é um veneno moral capaz de contaminar os mais virtuosos. Por esse motivo, e a fim de evitar piores consequências, vou lhe negar daqui por diante licença para entrar nesta casa, e comunico-lhe agora que exijo sua partida imediata. Uma demora de três minutos há de torná-la involuntária e ignominiosa.

Heathcliff mediu-o de alto a baixo, com uma expressão cheia de escárnio.

– Cathy, esse seu cordeirinho está me ameaçando como se fosse um touro! – esnobou. – Corre o risco de partir o crânio contra os nós dos meus dedos. Por Deus, sr. Linton, lamento imensamente que o senhor não seja digno de levar um murro!

Meu patrão olhou na direção do corredor e fez um sinal para que eu trouxesse os homens – não tinha qualquer intenção de arriscar ele próprio uma briga.

Obedeci, mas a sra. Linton, suspeitando de algo, seguiu-me. Quando tentei chamá-los, ela me puxou de volta, bateu a porta e trancou-a.

– Como você é justo! – disse, em resposta à expressão de raiva e surpresa

do marido. – Se não tem coragem de atacá-lo, peça desculpas ou deixe que ele bata em você. Isso vai ensiná-lo a não fingir mais coragem do que possui. Não, eu engulo a chave mas você não há de apanhá-la! Estou sendo muito bem recompensada por minha gentileza para com os dois! Depois de tolerar constantemente a natureza fraca de um e a natureza ruim do outro, quero agradecer essas duas amostras de cega ingratidão, absurdamente estúpidas! Edgar, eu estava defendendo a você e aos seus, mas tomara que Heathcliff lhe dê uma surra, por ousar pensar mal de mim!

As palavras tiveram o mesmo efeito de uma surra. Ele tentou arrancar a chave da mão de Catherine, que com isso a jogou no fogo. O sr. Edgar foi então tomado por uma tremedeira, e sua face ficou mortalmente pálida. Não tinha como evitar aquele excesso de emoção – uma mistura de angústia e humilhação se apoderou dele por completo. Apoiou-se nas costas de uma cadeira e cobriu o rosto.

– Ah, céus! Nos velhos tempos, você seria nomeado cavaleiro! – exclamou a sra. Linton. – Fomos vencidos! Fomos vencidos! Seria mais fácil o rei marchar com seu exército contra uma colônia de ratos do que Heathcliff erguer um dedo contra você. Anime-se! Nada vai lhe acontecer. Homens como você não são cordeiros, são uma lebrezinha que ainda não foi desmamada.

– Desejo-lhe felicidades com esse covarde com sangue de barata, Cathy! – disse seu amigo. – Felicito-a pela escolha. E essa é a coisa trêmula e babosa que preferiu a mim! Jamais o acertaria com meu punho, mas poderia chutá-lo, com o que teria grande satisfação. Está chorando ou será que vai desmaiar de medo?

O sujeito se aproximou e deu um empurrão na cadeira em que Linton se apoiava. Era melhor que não tivesse feito nada: meu patrão se pôs de pé num salto e lhe deu um soco na garganta que teria derrubado um homem menos corpulento.

O outro ficou sem ar por um minuto, e, enquanto sufocava, o sr. Linton saiu para o pátio pela porta dos fundos e dali para a entrada principal.

– Pronto! Agora você não vai mais poder vir aqui – exclamou Catherine. – Vá embora! Ele há de voltar com um monte de pistolas e meia dúzia de assistentes. Se ouviu o que dizíamos, jamais há de perdoá-lo. Você agiu mal comigo, Heathcliff! Mas vá, depressa! Prefiro ver Edgar em maus lençóis do que você.

– Acha que vou embora com esse soco me queimando a garganta? – trovejou ele. – Com todos os diabos, não! Vou esmagar as costelas dele como uma noz podre antes de cruzar a soleira da porta! Se não fizer isso agora, hei de

matá-lo noutro momento. Então, se tem apreço à existência desse homem, deixe-me botar as mãos nele!

– Ele não vai vir – intervim, mentindo. – O cocheiro e os dois jardineiros estão lá fora; o senhor com certeza não vai querer ser atirado por eles na estrada! Cada um tem um porrete na mão, e o patrão já deve estar espiando da janela da sala, a fim de ver se cumprem as ordens.

Os jardineiros e o cocheiro estavam lá fora, mas Linton estava com eles. Já tinham chegado ao pátio. Heathcliff, pensando melhor, resolveu evitar uma briga com três criados; pegou o atizador, arrebentou o trinco da porta e fugiu no momento em que entravam.

A sra. Linton, muito agitada, mandou que eu subisse com ela. Não sabia que eu tinha contribuído para todo aquele transtorno, e eu desejava com todas as forças que não descobrisse.

– Estou quase enlouquecendo, Nelly! – exclamou, atirando-se no sofá. – É como se mil martelos batessem na minha cabeça! Diga a Isabella que não chegue perto de mim; é a ela que esta confusão se deve, e se ela ou qualquer outra pessoa me deixar ainda mais furiosa, vou perder a cabeça. E, Nelly, diga a Edgar, se ainda o vir esta noite, que corro o risco de adoecer gravemente. Gostaria que isso acontecesse. Ele me causou uma aflição indescritível! Quero assustá-lo. Além disso, ele bem pode aparecer e começar a dizer uma série de insultos e reclamações; tenho certeza de que não ficaria calada, e sabe Deus onde acabaríamos! Você pode fazer isso, querida Nelly? Bem sabe que não tenho qualquer parcela de culpa nesta história. O que deu nele para escutar atrás da porta? Heathcliff disse coisas infames, depois que você nos deixou. Mas eu poderia tê-lo afastado de Isabella, e o restante nada significaria. Agora, foi tudo por água abaixo, graças a esse desejo de ouvir falar mal de si próprias que persegue certas pessoas! Se Edgar não tivesse ouvido nossa conversa, teria sido melhor para ele. Realmente, quando começou a me censurar com aquele tom despropositado depois de eu ter repreendido Heathcliff até ficar rouca por causa *dele*, já não me importava o que pudessem fazer um ao outro. Sobretudo porque sentia que, fosse qual fosse a maneira como aquilo ia terminar, acabaríamos todos separados, sabe-se lá por quanto tempo! Bem, se não posso conservar Heathcliff como amigo, se Edgar vai se mostrar mesquinho e ciumento, vou tentar fazê-los sofrer através do meu sofrimento. Vai ser uma forma rápida de acabar com tudo, se for obrigada a chegar a esse extremo! Mas é um ato que deve ser reservado como último recurso; não pegaria Linton de surpresa. Até aqui, ele tem tentado de todo modo não me provocar; você precisa lhe mostrar o perigo que corre se mudar de atitude e lhe recordar meu temperamento

impetuoso, que pode, quando provocado, beirar o delírio. Gostaria que você varresse do rosto essa apatia e se mostrasse um pouco mais preocupada comigo.

A impassibilidade com que recebi aquelas instruções era, sem dúvida, bastante exasperante, pois me foram dadas com total sinceridade; mas eu achava que uma pessoa capaz de planejar o uso de seus acessos de emoção descontrolada em benefício próprio, premeditadamente, bem poderia, valendo-se de sua força de vontade, controlar-se um pouco, mesmo quando sob a influência deles. Além disso, eu não desejava “assustar” seu marido, como ela dissera, e aumentar seus sofrimentos com o intuito de satisfazer o egoísmo dela.

Portanto, nada disse ao ver o patrão se dirigindo à sala, mas tomei a liberdade de voltar, a fim de ouvir se recomeçariam a discussão.

Ele falou primeiro.

– Fique onde está, Catherine – disse, sem sombra de raiva na voz, mas com um tom de imensa tristeza. – Não vou me demorar. Não vim discutir nem me reconciliar; só queria saber se, após os eventos desta noite, você pretende dar prosseguimento à sua amizade com...

– Ah, pelo amor de Deus! – interrompeu a patroa, batendo com o pé no chão. – Pelo amor de Deus, não vamos mais falar nisso! Seu sangue-frio não se torna febril, nas suas veias corre água gelada. Mas meu sangue está fervendo, e não posso ver tamanha frieza.

– Se quer se livrar de mim, responda à minha pergunta – insistiu o sr. Linton. – *Precisa* responder, e essa violência não me assusta. Já descobri que você pode ser tão estoica quanto qualquer outra pessoa, se assim desejar. Vai abrir mão de Heathcliff, daqui por diante, ou vai abrir mão de mim? É impossível ser *minha* amiga e amiga *dele* ao mesmo tempo. *Exijo* saber qual dos dois é a sua escolha.

– E exijo que me deixem em paz! – exclamou Catherine, furiosa. – Ordeno! Não vê que mal estou me aguentando de pé? Edgar, você... me deixe em paz!

Ela tocou a campainha até arrebentar o fio; entrei como se não fosse nada demais. Aqueles acessos disparatados de fúria eram para acabar com a paciência de um santo! Ali estava ela, batendo com a cabeça contra o braço do sofá e rangendo tanto os dentes que seria de se imaginar que acabaria por fazê-los em pedaços!

O sr. Linton estava parado, olhando, tomado de súbito remorso e medo. Disse-me para ir buscar um pouco d'água. Catherine não tinha fôlego suficiente para falar.

Eu trouxe um copo cheio. Como ela se recusava a beber, salpiquei-lhe um

pouco no rosto. Em poucos segundos, ela esticou o corpo, rígida, e revirou os olhos, enquanto sua face, agora lívida, assumia o aspecto da morte.

Linton estava aterrorizado.

– Isso não é nada – sussurrei. Não queria que ele cedesse, embora não pudesse evitar um receio no fundo do meu próprio coração.

– Ela tem sangue nos lábios! – disse ele, estremecendo.

– Não ligue! – respondi, acidamente. E lhe contei como ela decidira, antes da chegada dele, encenar um ataque de nervos.

Não tive a prudência de dizer isso em voz baixa. A patroa me ouviu, levantou num salto, o cabelo esvoaçando sobre os ombros, os olhos dardejando, os músculos do pescoço e dos braços anormalmente protuberantes. Eu me preparei para ter os ossos partidos, no mínimo, mas ela só olhou ao redor por um momento e saiu depressa da sala.

O patrão me mandou segui-la; obedeci, até a porta do seu quarto. Ela não me deixou entrar, trancando-se ali.

Como não desceu para o café da manhã, no dia seguinte, fui lhe perguntar se queria que eu o servisse no quarto.

– Não! – respondeu, peremptória.

A mesma pergunta foi repetida à hora do almoço e do chá, e novamente na manhã seguinte, e recebeu a mesma resposta.

O sr. Linton, por sua vez, passava o tempo na biblioteca e não perguntava pela esposa. Isabella e ele tinham tido uma conversa de uma hora de duração, durante a qual ele tentou extrair dela algum sentimento de aversão aos avanços de Heathcliff, mas nada pôde concluir de suas respostas evasivas e foi obrigado a encerrar a investigação de modo insatisfatório. Acrescentou, porém, a advertência solene de que, se ela cometesse a insanidade de encorajar aquele indigno pretendente, isso dissolveria as relações entre os dois.

CAPÍTULO 12

ENQUANTO A SRA. LINTON perambulava pelo parque e pelo jardim, sempre silenciosa e quase sempre chorando, e seu irmão se trancava entre livros que nunca abria, nutrindo, eu imaginava, uma esperança vaga de que Catherine, arrependida de sua conduta, viesse espontaneamente lhe pedir perdão e fazer as pazes, e ela se recusava obstinadamente a comer, imaginando quem sabe que a cada refeição Edgar perdia o apetite devido à sua ausência, e somente o orgulho o impedia de ir se atirar aos seus pés – enquanto isso, eu cumpria minhas tarefas domésticas, convencida de que entre as paredes de Grange só havia uma única alma sensata, e que essa alma se alojava no meu corpo.

Não desperdiçava meu sentimento de piedade com a senhorita, tampouco repreendia minha patroa. Também não prestava muita atenção aos suspiros do patrão, que ansiava por ouvir pronunciar o nome da esposa, já que não podia ouvir sua voz.

Concluí que, por mim, eles que se arranjassem como melhor lhes conviesse; embora fosse um processo extremamente demorado, comecei a me alegrar com um leve sinal de progresso – foi o que pensei que acontecia, a princípio.

No terceiro dia, a sra. Linton destrancou a porta e, como não tinha mais água no jarro nem na garrafa, pediu um novo suprimento e uma tigela de mingau, pois acreditava estar morrendo. Ouvi isso como algo dirigido aos ouvidos de Edgar; não dei crédito, então guardei para mim suas palavras e levei-lhe um pouco de chá com torradas.

Ela comeu e bebeu avidamente, depois afundou outra vez no travesseiro, retorcendo as mãos e gemendo.

– Ah, vou morrer! – exclamou. – Já que ninguém se importa comigo. Não devia ter comido.

Então, um bom tempo depois, ouvi murmurar:

– Não, não vou morrer... isso vai deixá-lo contente... ele não me ama... jamais sentiria minha falta!

– Deseja alguma coisa, senhora? – indaguei, mantendo minha compostura externa, apesar de seu rosto cadavérico e de seu jeito estranho e exagerado.

– O que aquela criatura patética está fazendo? – perguntou, afastando a cabeleira farta e emaranhada do rosto encovado. – Foi tomado pela letargia ou morreu?

– Nenhum dos dois – respondi –, se a senhora se refere ao sr. Linton. Está razoavelmente bem, acho, embora seus estudos o ocupem bem mais do que deveriam. Está sempre entre os livros, já que não tem outra companhia.

Não deveria ter dito isso se soubesse de sua verdadeira condição, mas não conseguia me livrar da ideia de que ela fingia parte daquele sofrimento.

– Entre os livros! – exclamou, desconcertada. – E eu aqui, morrendo! Eu aqui, na beira do túmulo! Deus! Será que não sabe como estou? – continuou, fitando o próprio reflexo no espelho pendurado na parede oposta. – Aquela é Catherine Linton? Ele imagina talvez que eu esteja representando. Você não pode lhe dizer que é assustadoramente sério? Nelly, se não for tarde demais, assim que eu souber como ele se sente vou fazer minha opção: ou passo fome até morrer, o que não seria um castigo, a menos que ele tivesse um coração, ou me recupero e vou-me embora daqui. Está dizendo a verdade sobre ele? Cuidado. Ele está mesmo tão indiferente à minha vida?

– Bem, minha senhora – respondi –, o patrão não tem ideia de que está tão perturbada e é claro que não teme que venha a se deixar morrer de fome.

– Acha que não? Será que não pode lhe dizer que vou fazer isso? – retrucou ela. – Convença-o! Diga-lhe qual a sua opinião: a de que tem certeza de que é isso que farei!

– Não. Está se esquecendo, sra. Linton – argumentei –, que esta noite comeu um pouco, com prazer, e amanhã vai sentir os bons efeitos disso.

– Se tivesse certeza de que isso o mataria – interrompeu ela –, eu morreria imediatamente! Essas três noites terríveis em que não cheguei a fechar os olhos... Ah, por que tormentos passei! Fui perseguida por fantasmas, Nelly! Mas começo a achar que você não gosta de mim. Que estranho! Pensei que, embora todos se odiassem e desprezassem uns aos outros, não poderiam deixar de me amar. Em poucas horas, porém, todos se transformaram em inimigos. Foi isso o que aconteceu, estou certa; *todas* as pessoas nesta casa. Que tenebroso ir ao encontro da morte rodeada por rostos frios! Isabella, horrorizada e cheia de repulsa, com medo de entrar no quarto, pois seria terrível assistir à partida de Catherine. E Edgar de pé, solene, para assistir ao fim, depois rezando a Deus, em agradecimento por ter restituído a paz à sua casa, e voltando aos seus *livros*! Por que diabos tem que estar metido com *livros* quando estou morrendo?

Ela não podia tolerar a ideia, que eu lhe pusera na cabeça, da resignação

filosófica do sr. Linton. Revirando-se na cama, aumentou seu desnorteamento febril às raias da loucura, rasgando o travesseiro com os dentes; depois, levantando-se, ardendo, pediu que eu abrisse a janela. Estávamos no meio do inverno, o vento nordeste soprava com força, e objetei.

As expressões cambiantes de seu rosto e as mudanças de humor começaram a me alarmar terrivelmente, trazendo-me à memória sua enfermidade anterior e a recomendação do médico de que não a contrariassem.

Um minuto antes, Cathy estava violenta; agora, apoiada num dos braços e sem notar minha recusa em lhe obedecer, parecia encontrar um prazer infantil em puxar as penas do travesseiro através dos rasgões que acabara de fazer e arrumá-las sobre o lençol de acordo com as diferentes espécies: sua mente se desviara para outras associações.

– Esta é uma pena de peru – murmurou consigo mesma –, esta é de pato-selvagem, e esta é de pombo.⁵⁷ Ah, eles colocam penas de pombo nos travesseiros... não me admira que eu não pudesse morrer!⁵⁸ Preciso me lembrar de jogá-lo no chão quando me deitar. E esta é de galinhola; e esta... seria capaz de reconhecê-la entre mil outras... é de ave-fria. Belo pássaro, esvoaçando sobre nossas cabeças no meio da charneca. Queria ir para o ninho, pois as nuvens já tinham tocado o topo dos morros, e a ave-fria sentia a chuva chegando. Esta pena foi apanhada no brejo, o pássaro não foi morto: vimos seu ninho no inverno, cheio de pequeninos esqueletos. Heathcliff colocou uma armadilha por cima, e os pais não ousaram se aproximar. Eu o fiz prometer que nunca atiraria numa ave-fria depois disso, e ele cumpriu a promessa. Há mais penas aqui! Ele atirou nas minhas aves-frias, Nelly? Há alguma pena vermelha? Deixe-me ver.

– Pare com essa brincadeira de criança! – interrompi, puxando dela o travesseiro e virando os buracos para o lado do colchão, pois ela tirava o recheio aos punhados. – Deite-se e feche os olhos, a senhora está delirando. Que bagunça! As penas estão caindo feito neve.

Pus-me a recolhê-las pelo chão.

– Vejo em você, Nelly – prosseguiu ela, sonhadora –, uma mulher de idade: seus cabelos estão grisalhos, e seus ombros, encurvados. Esta cama é a Caverna das Fadas sob o penhasco de Penistone Crag, e você está juntando flechas⁵⁹ para ferir as nossas novilhas, fingindo, quando estou por perto, que são apenas punhados de lã. É o que você vai ser daqui a cinquenta anos; sei que não é assim agora. Não estou delirando, você está enganada, do contrário eu haveria de acreditar que você realmente *era* uma bruxa velha, e que eu de fato *estava* em Penistone Crag. Tenho consciência de que é de noite e que há duas velas sobre a mesa, fazendo o armário preto brilhar feito azeviche.

– Armário preto? Onde? – indaguei. – A senhora está sonhando em voz alta!

– Encostado na parede, como sempre – respondeu ela. – Mas parece mesmo estranho... vejo um rosto nele!

– Não há armário algum no quarto, nem nunca houve – disse, indo me sentar de novo e abrindo o cortinado, para poder observá-la.

– Não está *vendo* aquele rosto? – indagou ela, fitando, séria, o espelho.

E não importava o que eu fizesse, não conseguia convencê-la de que era seu próprio rosto, então me levantei e cobri-o com um xale.

– Ainda está ali atrás – insistiu Catherine, angustiada. – E se mexeu. Quem é? Espero que não saia dali quando você for embora! Ah, Nelly, o quarto está mal-assombrado! Estou com medo de ficar sozinha!

Tomei sua mão na minha e pedi que se controlasse, pois uma série de estremecimentos sacudiu seu corpo, e ela *não parava* de olhar na direção do espelho.

– Não há ninguém ali! – reiterei. – Era *a senhora mesma*, bem sabe disso.

– Eu mesma! – Ela arquejou. – E o relógio está batendo meia-noite! É verdade, então! Isso é terrível!

Seus dedos agarraram as roupas e taparam os olhos com elas. Tentei correr até a porta a fim de chamar seu marido, porém um grito agudo me obrigou a voltar – o xale caíra de cima do espelho.

– Ora, mas o que foi? – exclamei. – Quem é que está sendo covarde, agora? Acorde! Aquilo é o espelho, sra. Linton, e a senhora está vendo a si mesma nele, e ali estou eu também, ao seu lado.

Trêmula e confusa, ela se agarrou a mim, mas o terror foi aos poucos deixando seu semblante e dando lugar a um rubor de vergonha.

– Ah, céus! Pensei que estava em casa. – Ela suspirou. – Pensei que estava deitada no meu quarto em Wuthering Heights. Como estou fraca, meu cérebro ficou confuso, e gritei, inconscientemente. Não diga nada, mas fique aqui comigo. Tenho medo de dormir, meus sonhos me apavoram.

– Um sono profundo lhe faria bem, senhora – respondi. – E espero que todo este sofrimento a faça desistir de tentar ficar outra vez em jejum.

– Ah, quem me dera estar na minha própria cama, na velha casa! – prosseguiu, amarga, retorcendo as mãos. – E aquele vento soprando entre os abetos, junto à janela. Deixe-me senti-lo... ele vem diretamente da charneca... deixe-me respirar um pouco do vento!

Para acalmá-la, abri a janela por alguns segundos. Uma rajada fria entrou; fechei-a e voltei a me sentar.

Ela agora estava quieta, o rosto banhado em lágrimas. A exaustão do corpo subjugara o espírito; nossa feroz Catherine não passava, agora, de uma criança chorosa.

– Quanto tempo faz que me fechei aqui? – perguntou, subitamente revigorada.

– Era segunda-feira à noite – respondi –, e agora é quinta à noite, ou melhor, sexta de manhã.

– O quê? Da mesma semana? – exclamou. – Tão pouco assim?

– Foi bastante para quem passou a água e mau humor – observei.

– Bem, parecem-me horas desgastantes – murmurou ela, desconfiada. – Deve ter sido mais. Lembro-me de que estava na sala, depois que eles discutiram, Edgar me provocou de forma cruel, e corri aqui para o quarto, desesperada. Assim que passei a tranca na porta, vi tudo escuro e caí no chão. Não pude explicar a Edgar que tinha certeza de que acabaria tendo um acesso, ou enlouquecendo, se ele continuasse me provocando! Não conseguia falar nem pensar direito, e ele talvez não adivinhasse meu sofrimento... mal tive forças para fugir dele e de sua voz. Antes que me recuperasse o bastante para conseguir ver e ouvir, o dia já raiava... Nelly, vou lhe dizer o que pensei, e o que me tem voltado à mente sem cessar, a ponto de me fazer temer pela minha sanidade. Pensei, enquanto estava deitada ali, a cabeça de encontro ao pé da mesa, e meus olhos mal distinguindo o quadrado cinza da janela, que estava fechada dentro da cama de painéis de carvalho, lá em casa; e meu coração estava aflito com um pesar imenso do qual não consegui me lembrar ao acordar. Refleti muito, a fim de descobrir o que poderia ser; estranhamente, os últimos sete anos da minha vida pareceram em branco! Não me lembrava em absoluto de como tinham sido. Eu era criança, meu pai acabara de ser enterrado, e meu sofrimento advinha da separação imposta por Hindley entre mim e Heathcliff. Estava sozinha, pela primeira vez. Despertando de um sono breve e triste, depois de ter passado a noite inteira chorando, ergui a mão para abrir os painéis, e ela tocou o tampo da mesa! Deslizei-a pelo tapete, e a memória voltou de súbito: minha angústia submergiu num paroxismo de desespero. Não sei dizer por que me sentia tão absurdamente infeliz. Deve ter sido uma perturbação temporária, pois não havia, na verdade, motivo para isso. Mas suponha que, aos doze anos, tivesse sido arrancada de Wuthering Heights e de tudo o que me era mais querido, que era o que Heathcliff representava naquela época, e transformada num passe de mágica na sra. Linton, senhora de Thrushcross Grange e esposa de um estranho: uma

exilada, uma pária, dali em diante, expulsa daquilo que tinha sido o meu mundo. Você pode fazer uma ideia do abismo em que eu rastejava! Sacuda a cabeça o quanto quiser, Nelly, você contribuiu para o meu transtorno! Devia ter falado com Edgar, realmente devia, e feito com que ele me deixasse em paz! Ah, estou ardendo! Queria estar lá fora! Queria ser outra vez uma menina, meio selvagem e destemida, e livre, rindo das injúrias que sofria, e não enlouquecendo ao peso delas! Por que foi que mudei tanto? Por que meu sangue ferve com umas poucas palavras? Tenho certeza de que voltaria a ser eu mesma se estivesse outra vez entre as urzes, naquelas colinas. Abra de novo a janela: deixe-a bem aberta! Depressa, por que é que não se mexe?

– Porque não quero que pegue um resfriado e morra – respondi.

– Você não quer é me dar uma oportunidade de viver – devolveu ela, taciturna. – Mas ainda não estou inválida; vou abri-la eu mesma.

E, deslizando para fora da cama antes que eu pudesse impedi-la, Catherine atravessou o quarto, cambaleante, escancarou a janela e se debruçou lá para fora, sem se importar com o ar gélido que açoitava seus ombros, afiado como faca.

Insisti que saísse dali e, por fim, tentei tirá-la à força. Mas logo percebi que o delírio lhe dava um vigor que ultrapassava em muito o meu (pois ela *estava* de fato delirante, convenci-me disso em vista de suas atitudes e desvarios seguintes).

Não havia lua, e tudo lá embaixo jazia em nebulosa escuridão. Nem uma única luz brilhava nas casas; perto ou longe, todas haviam sido apagadas já fazia muito. E as luzes de Wuthering Heights nunca eram visíveis – mas ainda assim ela assegurava que as tinha visto brilhar.

– Olhe! – disse, excitada. – Lá está o meu quarto com a vela, e as árvores oscilando diante dele; e a outra vela está no sótão, com Joseph. Joseph fica acordado até tarde, não é mesmo? Está esperando eu voltar para trancar o portão. Bem, ainda vai ter que esperar um bocado. É uma viagem difícil, e o coração que a empreende é um coração triste; precisamos passar pela igreja de Gimmerton no caminho! Muitas vezes enfrentamos juntos os seus fantasmas, desafiando um ao outro a ir para o meio dos túmulos e chamá-los. Mas se eu o desafiar agora, Heathcliff, você vai aceitar? Se aceitar, vou ficar com você. Senão, hei de jazer lá sozinha: podem me enterrar a quatro metros de profundidade e derrubar a igreja por cima de mim, mas jamais vou descansar enquanto não estiver comigo. Jamais!

Ela fez uma pausa antes de prosseguir com um sorriso estranho.

– Ele está pensando no assunto... preferiria que eu fosse ao seu encontro!

Ache um caminho, então! Mas não através daquele cemitério, junto à igreja. Como você é demorado! Não reclame, você sempre me seguiu!

Percebendo que não adiantava argumentar com aquela insanidade, eu agora pensava em arranjar qualquer coisa com que pudesse envolver minha patroa, sem largá-la (pois não achava seguro deixá-la sozinha junto à janela aberta), quando, para minha consternação, ouvi girar a maçaneta, e o sr. Linton entrou. Até então, estivera na biblioteca; ao passar pelo corredor, notara que conversávamos e fora atraído, por curiosidade ou medo, a ir ver o que significava a discussão àquela hora da noite.

– Ah, meu senhor! – exclamei, antes que ele próprio pudesse dizer qualquer coisa diante da cena que a ele se apresentava e do frio do quarto. – Minha pobre senhora está doente e está levando a melhor sobre mim; não posso com ela. Peço-lhe, por favor, que venha persuadi-la a voltar para a cama. Esqueça sua raiva, pois é difícil fazê-la respeitar qualquer vontade que não seja a sua própria.

– Catherine, doente? – perguntou ele, apressando-se em entrar. – Feche a janela, Ellen! Catherine! O que...

Com isso, se calou. O aspecto abatido da sra. Linton o deixou sem fala, e ele só conseguia olhar de uma para a outra, perplexo e horrorizado.

– Estava trancada aqui, atormentada – prossegui –, praticamente sem comer e sem reclamar. Não quis admitir nada disso até esta noite, de modo que não pudemos informar-lhe qual o seu estado, já que nós também de nada sabíamos. Mas não é grave.

Senti que as explicações não soavam muito convincentes. O patrão franziu a testa.

– Não é grave, não é mesmo, Ellen Dean? – perguntou, severo. – Você vai ter de me explicar com mais clareza por que me manteve na ignorância, enquanto tudo isto acontecia! – E tomou a esposa nos braços, fitando-a angustiada.

A princípio, ela não demonstrou reconhecê-lo... o marido era invisível ao seu olhar distraído. O delírio, porém, ia e vinha. Afastando os olhos da escuridão lá fora, aos poucos, ela fixou a atenção nele e descobriu quem a abraçava.

– Ah, então você veio, não é, Edgar Linton? – disse, num ímpeto furioso. – Você é uma dessas coisas que encontramos quando menos desejamos, e quando desejamos, nunca! Imagino que agora teremos muitas lamúrias, vejo que sim, mas elas não vão me impedir de ir para a minha estreita morada, lá adiante... meu lugar de descanso, para onde irei antes que a primavera chegue ao fim! Lá está ele, não entre os Linton, veja bem, sob o teto da capela, mas ao ar livre, com

uma lápide simples. E você pode fazer o que quiser, ficar com eles ou comigo!

– Catherine, o que foi que você fez? – começou a dizer o meu patrão. – Já não sou mais nada para você? Ama aquele desgraçado do Heath...

– Cale-se! – exclamou a sra. Linton. – Cale-se, agora mesmo! Pronuncie esse nome, e encerro o assunto no mesmo instante, pulando da janela! Pode possuir o que agora toca, mas minha alma vai estar no alto daquele morro antes que consiga pôr as mãos em mim outra vez. Não quero mais você, Edgar. Isso já ficou para trás. Volte para os seus livros. Ainda bem que tem onde encontrar consolo, pois o que podia buscar em mim já acabou.

– Ela está delirando, senhor – intervim. – Está a noite inteira dizendo coisas sem sentido. Mas é só deixá-la sossegada e dar a ela os cuidados necessários que vai logo se recuperar. Daqui por diante, temos que tomar muito cuidado para não a aborrecer.

– Não quero mais seus conselhos – replicou o sr. Linton. – Você conhecia o temperamento da sua patroa e me encorajou a provocá-la. E não me dizer uma única palavra sobre o estado dela durante esses três dias! Foi desumano! Uma doença que se estendesse por meses não a teria afetado tanto!

Comecei a me defender, achando que era demasiado levar a culpa pelos caprichos de outra pessoa.

– Eu sabia que a sra. Linton era teimosa e dominadora – exclamei –, mas não que o senhor desejava estimular esse temperamento feroz! Não sabia que, para lhe fazer a vontade, deveria tolerar o sr. Heathcliff. Cumpri o dever de uma criada fiel ao lhe contar o que se passava e recebi o pagamento devido! Bem, isso há de me ensinar a ser mais cuidadosa da próxima vez. O senhor que descubra as coisas por conta própria, então!

– Da próxima vez que vier me contar alguma história, Ellen Dean, vai ser demitida – respondeu ele.

– O senhor, então, prefere não saber de nada a esse respeito, imagino, sr. Linton? – indaguei. – Heathcliff tem sua permissão para vir fazer a corte à senhorita, e aparecer a cada oportunidade que sua ausência oferece, com a intenção de envenenar a patroa contra o senhor?

Mesmo confusa como estava, Catherine ainda mantinha os ouvidos atentos à nossa conversa.

– Ah! Então Nelly foi a traidora! – exclamou, arrebatada. – Nelly é minha inimiga oculta. Bruxa! Então você anda mesmo à cata de flechas mágicas para nos ferir! Solte-me, e vou fazer com que ela se arrependa! Vou fazê-la berrar uma retratação!

Uma fúria louca brilhava sob suas sobrancelhas; ela lutava desesperadamente para se soltar dos braços de Linton. Eu não sentia a menor inclinação a prolongar aquela cena; decidida a procurar eu mesma ajuda médica, saí do quarto.

Ao passar pelo jardim, a caminho da estrada, num lugar onde há um gancho na parede para amarrar as rédeas dos cavalos, vi algo branco movendo-se de forma irregular, evidentemente impelido por outra força que não o vento. Apesar da pressa, parei para ver o que era, de modo a não carregar para sempre a convicção impressa em minha mente, a de que era uma criatura do outro mundo.

Minha surpresa e perplexidade foram grandes ao descobrir, mais pelo tato do que pelo olhar, a cadela de caça da srta. Isabella, Fanny, suspensa por um lenço e quase estrangulada.

Libertei depressa o animal e o levei para o jardim. Vira-a seguir sua dona lá para cima, quando esta fora se deitar. Perguntava-me como teria ido parar ali e que pessoa malvada a tratara daquele modo.

Enquanto desatava o nó em torno do gancho, pareceu-me ouvir o barulho de cascos de cavalo galopando a certa distância, mas havia tanta coisa ocupando minhas reflexões que mal pensei no assunto, embora fosse estranho ouvir aquele barulho ali, às duas horas da manhã.

Por sorte, encontrei o dr. Kenneth saindo de casa para ir ver um paciente na aldeia; meu relato da enfermidade de Catherine Linton fez com que me acompanhasse imediatamente.

Era um homem simples e rude, não teve escrúpulos em revelar suas dúvidas de que ela sobrevivesse àquele segundo ataque, a menos que obedecesse às suas orientações mais do que no passado.

– Nelly Dean – afirmou –, não posso deixar de pensar que deve haver outro motivo para isso. O que tem se passado em Grange? Ouvimos histórias estranhas por aqui. Uma moça forte e vigorosa como Catherine não adoece à toa. E pessoas como ela não deveriam mesmo adoecer, é um trabalho fazê-las obedecer para se recuperarem de febres e coisas do tipo. Como foi que tudo começou?

– Meu patrão vai lhe dizer – respondi. – Mas o senhor conhece bem a índole violenta dos Earnshaw, e a sra. Linton é a pior de todos. Posso lhe dizer que tudo começou com uma discussão. Ela sofreu uma espécie de desmaio, num momento de grande arrebatamento. Pelo menos é esse o seu relato, pois saiu correndo no calor da discussão e se trancou no quarto. Depois disso, recusou-se a comer, e agora alterna momentos de fúria com outros em que age como se

estivesse sonhando; reconhece as pessoas ao seu redor, mas sua mente está tomada por todo tipo de estranhas ideias e ilusões.

– Será que o sr. Linton vai ficar triste? – observou o dr. Kenneth, interrogativamente.

– Triste? Se algo acontecer, ficará devastado! – respondi. – Não o deixe mais alarmado do que o necessário.

– Bem, falei para ter cuidado – disse ele –, e agora vai ter de sofrer as consequências por não ter dado ouvidos à minha advertência! Ele tem falado com o sr. Heathcliff ultimamente?

– Heathcliff visita Grange com frequência – respondi –, embora mais por ter conhecido a patroa na infância do que porque o patrão aprecie sua companhia. No momento, não precisa nem se dar ao trabalho de aparecer, devido às presunçosas intenções que demonstrou para com a srta. Linton. Duvido muito que voltem a recebê-lo.

– E a srta. Linton é indiferente a ele? – foi a pergunta que o médico fez a seguir.

– Ela não me faz confidências – respondi, relutando em levar o assunto adiante.

– Não, ela é bem astuta – observou ele, sacudindo a cabeça. – Faz o que bem entende! Mas é uma tola. Ouvi dizer, de fonte confiável, que ontem à noite (e que bela noite!), ela e Heathcliff estiveram caminhando pela plantação atrás da casa por mais de duas horas, e ele insistiu que ela não voltasse para casa, que, em vez disso, montasse em seu cavalo e fosse embora com ele! Meu informante disse que ela só conseguiu dissuadi-lo dando sua palavra de honra de que estaria preparada no encontro seguinte. Quando seria ele não ouviu, mas diga ao sr. Linton para ficar de olhos bem abertos!

As palavras me encheram de redobrada apreensão. Deixei o dr. Kenneth para trás e corri pela maior parte do caminho de volta. A cachorrinha ainda estava latindo no jardim. Parei um minuto e abri o portão para ela, que, em vez de ir até a porta de casa, pôs-se a correr para cima e para baixo, farejando a grama, e teria fugido para a estrada se eu não a tivesse segurado e levado para dentro comigo.

Ao subir até o quarto de Isabella, minhas suspeitas se confirmaram: estava vazio. Se tivesse chegado algumas horas mais cedo, a enfermidade da sra. Linton talvez tivesse freado aquela atitude irrefletida. Mas o que poderia ser feito agora? Havia uma chance remota de alcançá-los, se alguém se lançasse ao seu encalço no mesmo instante. *Eu*, no entanto, não tinha como persegui-los e não

ousava inflamar a família e semear a confusão dentro de casa. Sentia-me ainda menos inclinada a contar tudo ao meu patrão, absorto como ele estava em sua presente calamidade, sem condições de suportar um segundo golpe!

Não via outra alternativa além de ficar calada e deixar que as coisas seguissem seu rumo. Quando Kenneth voltou, fui lhe anunciar o que ocorrera, mal conseguindo pôr no rosto uma expressão controlada.

Catherine dormia um sono agitado; o marido conseguira acalmar um pouco seu frenesi e se debruçava sobre o travesseiro, atento a cada mínima mudança dos traços dolorosamente transtornados.

O médico, ao examinar o caso, conversou com ele, demonstrando esperanças de que ela se recuperasse, contanto que preservássemos tranquilidade perfeita e constante ao seu redor. Para mim, o que queria dizer era que o perigo não era tanto a morte quanto uma permanente alienação mental.

Não preguei os olhos naquela noite, e nem o sr. Linton. Na verdade, nem chegamos a nos deitar, e os criados se levantaram muito antes da hora habitual, andando pela casa na ponta dos pés e sussurrando quando se encontravam, aqui ou ali. Estavam todos de pé, exceto a srta. Isabella, e logo comentavam como o sono dela estava pesado. Seu irmão também perguntou se já se levantara e parecia impaciente em vê-la, além de magoado por ela demonstrar tão pouca preocupação pela cunhada.

Temia que ele me mandasse chamá-la, mas fui poupada do sofrimento de ser a primeira a proclamar sua fuga. Uma das criadas, uma mocinha avoadada que fora bem cedo fazer qualquer coisa em Gimmerton, subiu a escada ofegante, o queixo caído, e entrou correndo no quarto, gritando:

– Oh, céus! O que ainda falta acontecer? Senhor, a nossa jovem senhorita...

– Não grite! – exclamei depressa, furiosa por ela estar fazendo todo aquele barulho.

– Fale mais baixo, Mary. O que houve? – indagou o sr. Linton. – Qual o problema com a senhorita?

– Ela foi embora! Foi embora! O sr. Heathcliff fugiu com ela! – arquejou a moça.

– Não é verdade! – exclamou Linton, levantando-se, agitado. – Não pode ser. De onde foi que você tirou essa ideia? Ellen Dean, vá chamá-la. Isso é inacreditável, não pode ser verdade.

Ao falar, ia levando a criada até a porta e repetindo que queria saber os motivos de tal afirmativa.

– Bem, encontrei na estrada um rapaz que vem aqui buscar leite – gaguejou

a moça –, e ele me perguntou se não estávamos aflitos em Grange. Achei que estava falando da doença da madame, por isso respondi que sim. Então ele perguntou: “Alguém deve ter ido atrás deles, não é?” Fiquei parada olhando para ele. O rapaz viu que eu não estava sabendo de nada e me contou que um cavaleiro e uma moça tinham parado para consertar a ferradura de um cavalo num ferrador, a uns três quilômetros de Gimmerton, pouco depois da meia-noite! E que a filha do ferreiro se levantou para espiar quem era e reconheceu os dois. E notou que o homem (Heathcliff, ela não tinha dúvidas, e não é possível confundi-lo) botou um soberano⁶⁰ na mão do outro como pagamento. A moça estava usando uma capa que tapava o rosto, mas, quando pediu um copo d’água e foi beber, a capa caiu, e a filha do ferrador viu bem quem era. Heathcliff segurava as duas rédeas quando partiram, em direção oposta à da aldeia, e tomaram a estrada tão velozmente quanto possível. A moça não disse nada ao pai, mas espalhou a notícia por Gimmerton inteira hoje de manhã.

Corri para espiar o quarto de Isabella, só para manter as aparências. Ao retornar, confirmei o que dissera a criada. O sr. Linton voltara a se sentar junto à cama; ao me ver entrar, ergueu os olhos, leu no meu rosto lívido o que ele significava e baixou a cabeça sem dar uma única ordem ou pronunciar uma palavra.

– Devemos tentar alcançá-los e trazê-la de volta? – indaguei. – O que devemos fazer?

– Ela foi porque quis – respondeu o patrão. – Tinha o direito de fazer isso, se quisesse. Não me aborreça mais com esse assunto. Daqui por diante ela só é minha irmã no nome; não porque eu a esteja renegando, mas porque ela me renegou.

E isso foi tudo o que disse sobre o assunto. Não procurou se informar melhor, nem a mencionou mais, exceto para me instruir que mandasse tudo o que era dela para sua nova moradia, quando soubesse onde ficava.

⁵⁷. Catherine separa as penas dos pássaros como, em *Hamlet*, a enlouquecida Ofélia distribui flores (Ato IV, Cena 5). Filha de Polônio e irmã de Laertes, Ofélia perde a razão depois de ser recusada pelo príncipe – interessado unicamente em sua vingança contra o rei e sua mãe – e ter seu pai morto, acidentalmente assassinado por seu antigo pretendente.

⁵⁸. Lê-se em *Wit, Character, Folklore and Customs of the North Riding of Yorkshire* (1911), de Richard Blakeborough: “A alma não conhece libertação se o moribundo estiver deitado numa cama que contenha penas de pombo ... Há registros de que penas de pombo tenham sido depositadas numa pequena bolsa e colocadas sob aqueles que estão prestes a morrer para mantê-los vivos até a chegada de algum ente querido; com a chegada destes, porém, as penas são retiradas, e a morte tem permissão para entrar.”

⁵⁹. A referência original é a *elf-bolts*, pedras pontudas como flechas cujas origens remontam à ocupação paleolítica da ilha. Ganham o nome pois se supunha que tinham origem em fadas que as lançavam contra o gado. Samuel Johnson as menciona em seu *A Journey to the Western Lands of Scotland* (1775) como “prova muito maior de quão distante vai, em relação ao presente, o tempo em que os primeiros ocupantes da ilha [de Raasey] nela viveram”. Sobre a Caverna das Fadas (Ponden Kirk) e as tradições que a cercam, ver nota 47.

⁶⁰. Moeda de uma libra cunhada em ouro. Foi produzida pela primeira vez em 1489, durante o reinado de Henrique VII. Era a maior moeda em ouro e correspondia a vinte xelins. Foi cunhada até 1603 e posta novamente em circulação em 1817. Atualmente, não é usada como moeda de troca, mas como reserva de valor.

CAPÍTULO 13

POR DOIS MESES os fugitivos permaneceram ausentes. Durante esses dois meses, a sra. Linton atravessou e venceu a pior crise do que se chamava febre cerebral.⁶¹ Uma mãe não teria cuidado com mais devoção de seu filho único do que Edgar cuidou dela. Dia e noite, acompanhava-a e tolerava pacientemente todas as perturbações que nervos sensíveis e uma razão abalada poderiam infligir. E, embora Kenneth alertasse que quem ele salvava do túmulo só haveria de pagar pelos seus cuidados sendo fonte de constante ansiedade futura – na verdade, que a saúde e a força de Edgar estavam sendo sacrificadas para preservar uma mera ruína humana –, ele era pura gratidão e alegria quando Catherine foi considerada fora de perigo. Hora após hora, permanecia sentado ao seu lado, acompanhando a volta gradual da saúde ao seu corpo e alimentando esperanças por demais otimistas com a ilusão de que sua mente também recobriria o equilíbrio e ela logo voltaria a ser o que era antes.

A primeira vez que a patroa saiu do quarto foi no começo do mês de março seguinte. O sr. Linton colocara no seu travesseiro, pela manhã, um ramo de flores douradas de açafão. Seus olhos, em que há muito não se via qualquer lampejo de prazer, depararam-se com elas ao acordar e brilharam, deliciados, quando as apanhou.

– As primeiras flores da primavera em Heights! – exclamou. – Recordam-me a brisa suave do degelo, o sol quente e a neve quase derretida. Edgar, não está soprando um vento do sul, e a neve já não se foi quase por completo?

– A neve já desapareceu por aqui, querida – respondeu seu marido –, e só vejo dois pontos brancos em toda a extensão da charneca. O céu está azul, as cotovias cantam, e os córregos e riachos estão transbordando. Catherine, na última primavera, ano passado, queria muito que você continuasse debaixo deste teto; agora, gostaria que estivesse lá no alto daquelas colinas: a brisa é tão suave que acho que poderia curá-la.

– Só vou voltar lá uma única vez – disse a enferma –, e então você vai me deixar, e vou permanecer lá para sempre. Na próxima primavera, você vai voltar a me querer aqui, debaixo deste teto, e vai olhar com saudade para trás e saber

que era feliz.

Linton cobriu-a dos mais gentis carinhos e tentou animá-la com as mais amáveis palavras, mas, olhando vagamente as flores, ela deixou as lágrimas engordarem em seus cílios e correrem pelas faces livremente.

Sabíamos que estava melhor, de fato, e por isso concluímos que o longo confinamento àquele quarto devia ser o responsável por parte daquele abatimento e que talvez ela melhorasse com uma mudança de ambiente.

O patrão me mandou acender a lareira na sala, desabitada fazia tantas semanas, e colocar uma poltrona no sol, junto à janela. Em seguida, levou-a até lá, e ela ficou sentada por um bom tempo, desfrutando do calor agradável, reavivada, como esperávamos, pelos objetos ao seu redor, que, embora familiares, não lhe traziam as temidas associações de seu odiado quarto de enferma. Ao cair da noite, Catherine parecia exausta, mas nenhum argumento era capaz de convencê-la a voltar aos seus aposentos. Tive que arrumar sua cama no sofá da sala até que outro quarto pudesse ser preparado.

A fim de lhe poupar o cansaço de subir e descer a escada, aprontamos este quarto, onde o senhor agora se encontra, no mesmo andar da sala. Logo ela estava forte o suficiente para ir de um cômodo ao outro, apoiando-se no braço de Edgar.

“Ah”, pensei, “é bem possível que se recupere, tão bem cuidada como está sendo.” E havia uma dupla razão para desejar que isso acontecesse, pois da sua existência dependia uma outra: acalentávamos a esperança de que em pouco tempo o coração do sr. Linton fosse se alegrar, e suas terras viessem a ser salvas de cair nas mãos de um estranho, com o nascimento de um herdeiro.

Devo mencionar que Isabella mandou, cerca de seis semanas após sua partida, uma breve nota ao irmão, anunciando o casamento com Heathcliff. Parecia seca e fria, mas acrescentara no final, a lápis, um obscuro pedido de desculpas e uma súplica para que pensasse nela com carinho e que não recusasse uma reconciliação, caso sua atitude o tivesse ofendido. Afirmava que não pudera evitá-la, na ocasião, e, depois de consumado o fato, já não tinha como voltar atrás.

Linton não respondeu, acredito. Duas semanas depois, recebi uma longa carta, o que considerei estranho, vindo da pena de uma noiva recém-saída da lua de mel. Vou lê-la, pois ainda a tenho comigo. Todas as relíquias dos mortos são preciosas, se eles foram estimados em vida.

“Querida Ellen”, começa a carta:

Cheguei ontem à noite a Wuthering Heights e fiquei sabendo, pela primeira vez, que Catherine esteve e ainda está muito doente. Não devo escrever a ela, imagino, e meu irmão está zangado ou aflito demais para responder ao que lhe mandei. Ainda assim, preciso escrever a alguém, e a única pessoa que me resta é você.

Diga a Edgar que eu daria a vida para voltar a ver seu rosto, que meu coração regressou a Thrushcross Grange vinte e quatro horas depois que fui embora e aí está neste exato momento, cheio de sentimentos afetuosos por ele e por Catherine! *Não posso, porém, segui-lo* (essas palavras estão sublinhadas), não precisam esperar por mim, e podem tirar as conclusões que desejarem, desde que não culpem minha falta de determinação ou meu pouco afeto.

O restante da carta é só para você. Quero lhe fazer duas perguntas. A primeira: como conseguiu preservar os sentimentos comuns à natureza humana quando vivia aqui? Não consigo reconhecer nenhum sentimento que aqueles ao meu redor compartilham comigo.

A segunda pergunta, que me interessa bastante, é a seguinte: o sr. Heathcliff é um homem? Se é, estará louco? E se não é, será um demônio? Não vou lhe dizer quais as minhas razões para fazer tais perguntas, mas lhe peço que me explique, se puder, o que é isto com que me casei, isto é, quando vier me visitar, e tem de vir logo, Ellen. Não escreva, venha, e me traga algo de Edgar.

Agora, vou lhe contar como fui recebida no meu novo lar, o que sou levada a imaginar que Heights virá a ser. É só para me distrair que menciono assuntos como a carência de conforto material; eles nunca ocupam meus pensamentos, exceto nos momentos em que sinto sua falta. Mas ria e dançaria de puro júbilo se sua ausência fosse o único de meus infortúnios, e o restante apenas um pesadelo!

O sol se punha por trás de Grange quando partimos na direção da charneca; estimei, por isso, serem seis horas. Meu companheiro se deteve por meia hora, inspecionando o parque, os jardins e provavelmente a própria casa o melhor que podia, de modo que estava escuro quando desmontamos no pátio da casa e seu velho colega, Joseph, saiu para nos receber, à luz de uma lamparina. Fez isso com uma cortesia que honrava sua reputação. A primeira atitude foi erguer a lamparina à altura do meu rosto, apertar os olhos de forma maligna, projetar o lábio inferior e virar as costas.

Então pegou os dois cavalos e os levou ao estábulo, voltando para trancar o portão, como se vivêssemos num antigo castelo.

Heathcliff ficou para falar com ele, e entrei na cozinha – um buraco sujo e escuro; aposto que você não conseguiria reconhecê-la, de tanto que mudou desde que deixou de estar sob seu encargo.

Junto à lareira estava uma criança de péssimo aspecto, o corpo forte mas a aparência suja, com algo de Catherine nos olhos e na boca.

“É o sobrinho de Edgar”, refleti. “E meu, num certo sentido. Devo apertar sua mão e, sim, devo beijá-lo. É preciso estabelecer um bom entendimento logo de início.”

Aproximei-me e, tentando segurar seu punho gorducho, perguntei:

– Como vai, querido?

Ele respondeu num linguajar que não compreendi.

– Vamos ser amigos, você e eu, Hareton? – foi minha segunda tentativa de iniciar uma conversa.

Uma imprecação e uma ameaça de soltar Throtter em cima de mim se eu não “arredasse” dali foram a recompensa de minha perseverança.

– Ei, Throtter! – sussurrou o diabinho, despertando um buldogue mestiço que estava entocado num canto. – Então, vai embora ou não vai? – perguntou ele, autoritário.

O apreço pela vida me fez obedecer logo. Recuei até a porta, a fim de esperar que os outros entrassem. Heathcliff não estava à vista; e Joseph, a quem segui até o estábulo e pedi que me acompanhasse, depois de me fitar por um tempo e murmurar qualquer coisa consigo mesmo, torceu o nariz e respondeu:

– Ora, ora, ora! Quando foi que um cristão ouviu uma coisa dessas? Desse jeito todo esquisito como a senhora fala, como é que vou entender?

– Disse que gostaria que me acompanhasse até a casa! – gritei, julgando-o meio surdo, mas ainda assim bastante aborrecida com a descortesia.

– Eu não! Tenho mais o que fazer – devolveu ele, e prosseguiu com seu trabalho, examinando

enquanto isso, com soberano desprezo, minhas roupas e meu rosto (as primeiras, demasiado finas, mas o segundo, tenho certeza, tão triste quanto ele poderia desejar).

Dei a volta no pátio, passei por uma cancela e cheguei a outra porta, à qual tomei a liberdade de bater, na esperança de que algum criado mais cortês aparecesse.

Após um breve momento de suspense, ela foi aberta por um homem alto e esquelético, sem lenço amarrado no pescoço e muito desmazelado; as feições estavam perdidas em grumos de cabelo desganhado que lhe pendiam até os ombros; e os olhos também eram como os de uma fantasmagórica Catherine, com toda a sua beleza aniquilada.

– O que está fazendo aqui? – perguntou, sombrio. – Quem é você?

– Meu nome era Isabella Linton – respondi. – O senhor me conhece. Casei-me faz pouco tempo com o sr. Heathcliff, que me trouxe para cá... com a sua permissão, suponho.

– Ele voltou, então? – perguntou o eremita, os olhos brilhando como os de um lobo faminto.

– Sim, acabamos de chegar – respondi. – Mas ele me deixou na porta da cozinha, e, quando tentei entrar, seu filho fez as vezes de sentinela e me obrigou a sair, com a ajuda de um buldogue.

– Ainda bem que aquele desgraçado dos diabos manteve a palavra! – grunhiu meu futuro anfitrião, procurando ver, na escuridão atrás de mim, se conseguia descobrir Heathcliff, e então enveredando por um solilóquio de execrações e ameaças do que teria feito se o “demônio” o tivesse enganado.

Arrependi-me de ter tentado aquela segunda entrada e estava quase inclinada a ir embora sem esperar que ele acabasse de praguejar, mas, antes que pudesse levar a cabo minhas intenções, ele me mandou entrar, fechando e trancando em seguida a porta.

O fogo ardia alto na lareira, e essa era toda a luz que havia no aposento, cujo chão ganhara um tom uniforme de cinza. Os pratos de estanho, outrora brilhantes e que costumavam atrair meu olhar quando eu era menina, compartilhavam da mesma opacidade, criada pelo azinhavre e pela poeira.

Perguntei se poderia chamar a criada e ser levada a um quarto! O sr. Earnshaw não respondeu. Andava de um lado a outro, as mãos nos bolsos, aparentemente esquecido da minha presença. Sua abstração era evidentemente tão profunda, e o aspecto geral tão misantrópico, que não quis mais incomodá-lo.

Você não há de ficar surpresa, Ellen, diante de minha falta de ânimo, ali sentada naquele lugar tão pouco acolhedor, sentindo-me pior do que se estivesse sozinha e me lembrando de que a seis quilômetros dali estava o meu lar tão querido, com as únicas pessoas que eu amava sobre a terra; e bem poderia ser o Atlântico a nos separar, em vez daqueles seis quilômetros: eu não tinha como transpor aquela distância!

Perguntei a mim mesma: onde procurar um pouco de conforto? E (por favor, não diga nada a Edgar ou a Catherine) acima de todos os outros pesares erguia-se um: o desespero por não encontrar ninguém que quisesse ou pudesse se aliar a mim contra Heathcliff!

Eu aceitara quase que de bom grado ir viver em Wuthering Heights, porque assim não teria de viver sozinha com ele; mas Heathcliff conhecia as pessoas com quem agora residiríamos e não temia que fossem se intrometer.

Fiquei por um tempo longo e infeliz sentada ali, pensando. O relógio bateu oito horas, depois nove, e meu anfitrião continuava andando de um lado para outro, a cabeça inclinada sobre o peito e em silêncio absoluto, exceto por um grunhido ou uma exclamação amarga que escapava de quando em quando.

Prestei atenção para ver se ouvia alguma voz de mulher na casa, enquanto era assolada por um arrependimento imenso e perspectivas sombrias – sentimentos que por fim se tornaram audíveis em suspiros e num choro incontrolável.

Não tinha consciência de que chorava até que Earnshaw parou, interrompendo aqueles passos calculados, e me lançou um olhar de surpresa. Aproveitando que tinha outra vez sua atenção, exclamei:

– Estou cansada da viagem e quero ir me deitar! Onde está a criada? Diga-me onde posso encontrá-la, já que ela própria não vem falar comigo!

– Não temos criada – respondeu ele. – Vai ter que se arranjar sozinha!

– E onde é que vou dormir, então? – solucei; já tinha posto a dignidade de lado, vencida pelo cansaço e pela infelicidade.

– Joseph vai lhe mostrar onde é o quarto de Heathcliff – disse ele. – Abra aquela porta, ele está ali dentro.

Eu ia obedecer, quando ele me deteve de súbito, acrescentando, num tom de voz estranho:

– Faça o favor de trancar a porta e passar o ferrolho. Não se esqueça!

– Está bem! – assenti. – Mas por quê, sr. Earnshaw?

Não me agradava a ideia de me trancar deliberadamente no quarto com Heathcliff.

– Olhe aqui! – respondeu ele, tirando do colete uma pistola de curiosa fabricação, com uma faca de dois gumes presa ao cano. – É uma tentação imensa para um homem desesperado, não acha? Não resisto a subir com isto aqui toda noite e tentar abrir a porta dele. Se em algum momento encontrá-la aberta, vai ser o fim dele. Faço isso invariavelmente, mesmo que no minuto anterior estivesse me lembrando de uma centena de motivos para me conter. É algum demônio que me impele a frustrar meus próprios planos e matá-lo. Você pode lutar contra esse demônio, por amor, pelo tempo que quiser; quando o momento chegar, nem todos os anjos do céu haverão de salvá-lo!

Observei, curiosa, a arma. Uma ideia terrível me ocorreu: como eu seria poderosa se possuísse um instrumento como aquele! Tirei-a de sua mão e toquei a lâmina. Ele pareceu atônito diante da expressão que meu rosto assumiu durante um breve segundo. Não era horror, mas sim cobiça. Tomou a pistola de volta, enciumado, fechou a faca e guardou a arma no colete.

– Não me importo se contar a ele – disse-me. – Que seja precavido, e você também, por ele. Pelo que vejo, sabe em que termos estamos. O perigo que ele corre não a espanta.

– O que Heathcliff lhe fez? – perguntei. – Que mal lhe causou, a fim de provocar esse ódio terrível? Não seria melhor ordenar que ele saia de casa?

– Não! – esbravejou Earnshaw. – Se ele oferecer me deixar, é um homem morto. Se o persuadir a tentar, vai ser uma assassina! Devo perder *tudo*, sem uma chance de recuperar o que perdi? Hareton deve se tornar um mendigo? Ah, por todos os infernos! *Vou* recuperar tudo, e vou ganhar o ouro *dele* também, e depois o seu sangue, e o inferno vai ficar com sua alma! Vai ser dez vezes mais negro com esse novo hóspede!

Você já tinha me falado, Ellen, dos hábitos do seu antigo patrão. Ele está visivelmente à beira da loucura – assim estava ontem à noite, pelo menos. Ficar perto dele me causava arrepios, e a morosidade grosseira do criado me pareceu agradável, em comparação.

Ele recomeçou a andar, pensativo, e ergui a tranca e fugi para a cozinha.

Joseph estava curvado sobre o fogo, espiando o conteúdo de uma grande panela pendurada sobre as chamas; no banco próximo, havia uma tigela de madeira com aveia. O conteúdo da panela começou a ferver, e ele se virou e mergulhou a mão na tigela. Imaginei que aqueles preparativos fossem provavelmente para o nosso jantar e, faminta como estava, achei melhor me assegurar de que fosse comível. Com um grito agudo, exclamei:

– Faça *eu mesma* o mingau! – E puxei a vasilha do seu alcance, começando em seguida a tirar meu chapéu e a capa de viagem. – O sr. Earnshaw disse que tenho que cuidar de mim mesma: é o que vou fazer. Não vou agir como uma dama por aqui, pois temo que acabaria morrendo de fome.

– Deus do céu! – murmurou ele, sentando-se e alisando as meias caneladas desde o joelho até o tornozelo. – Se vai ter mais gente mandando aqui... E logo agora que eu estava me acostumando a ter dois patrões... se é para ter também uma *patroa* me dizendo o que fazer, acho que está na hora de pedir as contas. Não imaginei que ia ver chegar o dia de ir embora desta casa, mas acho que agora não vai demorar!

Não dei ouvidos às suas lamentações e pus mãos à obra, suspirando ao me lembrar de um tempo em que aquilo teria sido divertido; mas cuidei de afastar depressa as recordações. Era um tormento a felicidade passada, e, quanto maior era o perigo de conjurar as memórias, mais depressa a colher de pau mexia na panela e os punhados de aveia caíam na água.

Joseph observava meu estilo de cozinhar com indignação crescente.

– Pronto! – exclamou. – Hareton, esse mingau aí não vai dar para beber, não vai ser mais do que um monte de caroços do tamanho do meu punho. Lá se vai mais um bocado! Eu, se fosse a senhora,

jogava tudo aí dentro de uma vez, tigela e tudo! Agora é só tirar a nata do leite e está pronto. E tome de paulada. Não sei como o fundo da panela ainda não soltou!

Estava *mesmo* com um aspecto horrível, reconheço, quando o servi nas tigelas; quatro haviam sido dispostas, e um jarro de leite fresco trazido da leiteria. Hareton agarrou-o e começou a beber do próprio jarro, derramando tudo.

Censurei-o, dizendo que devia beber na caneca e que eu não teria condições de pôr na boca um líquido tratado com tão pouca higiene. O velho cínico optou por ficar extremamente ofendido com tais escrúpulos, reassegurando-me, repetidamente, que “o garoto era tão bom” quanto eu, e “tão saudável” quanto eu também, e perguntando por que é que eu tinha de ser tão afetada. Enquanto isso, o pequeno facínora continuava bebendo do jarro, babando-se todo e me encarando com uma expressão desafiadora.

– Vou jantar noutro lugar – avisei. – Vocês não têm um cômodo que chamem de sala de estar?

– *Sala de estar!* – repetiu ele, com desdém. – *Sala de estar!* Não, a gente não tem uma *sala de estar* por aqui. Se não gosta da nossa companhia, tem a do patrão; se não gosta da do patrão, tem a gente.

– Então vou subir – respondi. – Leve-me até um quarto.

Coloquei minha tigela numa bandeja e fui eu mesma buscar um pouco de leite.

Resmungando muito, o sujeito se levantou e foi na minha frente escada acima. Subimos até as águas-furtadas; de vez em quando ele abria uma porta e olhava para dentro dos cômodos pelos quais passávamos.

– Tem um quarto aqui – disse, por fim, e escancarou uma porta rangendo nas dobradiças. – Está muito bom para se tomar mingau. Tem um saco de milho no canto, ali, para se sentar; se está com medo de sujar essas roupas finas de seda, estenda um lenço por cima.

O “quarto” era uma espécie de despensa, com forte cheiro de malte e cereais e vários sacos empilhados ao redor, deixando um espaço amplo e vazio no meio.

– Ora, homem! – exclamei, voltando-me furiosa para ele. – Isto não é lugar para se dormir. Quero ir para os meus aposentos.

– Os seus *aposentos!* – repetiu ele, num tom zombeteiro. – Já viu todos os *aposentos* que há por aqui. Aquele ali é o meu.

Ele apontou para a outra água-furtada, que diferia da primeira apenas por ter menos coisas encostadas nas paredes, e por ter num canto uma cama grande e baixa, sem cortinado, com uma colcha azul-escura.

– De que me interessa o seu quarto? – retruquei. – Imagino que o sr. Heathcliff não durma no topo da casa, não é mesmo?

– Ah! É o quarto do sr. *Heathcliff* que a senhora está procurando? – exclamou ele, como se fizesse uma nova descoberta. – Não podia ter falado logo de uma vez? Assim eu teria dito, sem precisar dessa confusão toda, que é o único quarto aonde não pode ir. Fica sempre trancado, e ninguém entra a não ser ele próprio.

– Você mora numa bela casa, Joseph – não consegui evitar o comentário –, e os outros moradores são muito agradáveis. Acho que a essência concentrada da loucura que há no mundo veio se alojar na minha mente no dia em que uni meu destino ao deles! Mas isso não importa, agora. Há outros quartos. Pelo amor de Deus, apresse-se e deixe eu me instalar em algum lugar!

Ele não respondeu à súplica. Só desceu moroso os degraus de madeira e se deteve diante de um cômodo que, pela atitude do criado e pela qualidade superior da mobília, julguei ser o melhor.

Tinha um tapete de boa qualidade, mas cujo padrão fora apagado pela poeira; uma lareira protegida por um papel caindo aos pedaços; uma bela cama de carvalho com amplos cortinados carmim, de tecido caro e corte moderno, mas que evidentemente tinham sido maltratados – os babados pendiam em grinaldas, arrancados das argolas, e a haste de ferro a que estavam presos estava arqueada num dos lados, fazendo com que o pano se arrastasse pelo chão. As cadeiras também estavam danificadas, muitas delas seriamente; e mossas profundas deformavam os painéis das paredes.

Estava tentando reunir coragem para entrar no quarto e tomar posse dele quando o tolo do meu

guia anunciou:

– Este aqui é o quarto do patrão.

Meu jantar a essa altura estava frio, meu apetite acabara e minha paciência se exaurira. Insisti que providenciasse imediatamente um lugar onde eu pudesse me recolher e descansar.

– Onde, com todos os diabos? – começou a dizer o velho religioso. – Que Deus nos abençoe! Que Deus nos perdoe! Onde diabos é que eu vou meter você, mulher? Já viu todos os quartos menos o de Hareton. Não tem mais nenhum buraco onde possa dormir nesta casa!

Fiquei tão zangada que joguei a bandeja e seu conteúdo no chão; sentando-me então no alto da escada, escondi o rosto entre as mãos e comecei a chorar.

– Ai! Ai! – exclamou Joseph. – Muito bem, srta. Cathy! Muito bem, srta. Cathy!⁶² Mas o patrão vai tropeçar nesses cacos e o barulho não vai ser pequeno. Sua imprestável! Bem merece passar fome até o Natal por jogar a preciosa dádiva de Deus no chão com seus ataques de raiva! Mas acho que não vai agir desse jeito por muito tempo, não. Pensa que Heathcliff vai tolerar esses caprichos, é? Só queria que ele tivesse visto essa cena. Quem dera ele tivesse visto.

E assim ele se foi, reclamando, para seu antro lá embaixo, levando a vela; e fiquei no escuro.

O período de reflexão que se seguiu a essa atitude ridícula impeliu-me a admitir a necessidade de domar o orgulho e engolir a raiva, bem como fazer um esforço físico para dar um jeito no estrago que causara.

Uma ajuda inesperada apareceu na figura de Throtter, que agora eu percebia ser o filho do nosso velho Skulker: quando filhote, vivera em Grange e fora dado pelo meu pai ao sr. Hindley. Acho que me reconheceu: encostou o focinho no meu nariz a título de saudação e se pôs depressa a devorar o mingau, enquanto eu tateava de degrau em degrau, catando a louça quebrada e enxugando com meu lenço os respingos de leite no corrimão.

Nossa tarefa mal tinha terminado quando ouvi os passos de Earnshaw no corredor; meu assistente pôs o rabo entre as pernas e se encostou na parede; eu entrei pela porta mais próxima. Os esforços do cachorro em evitá-lo foram malsucedidos, como adivinhei pelos passinhos apressados lá para baixo e por um ganido prolongado e desolador. Eu tive mais sorte: ele passou sem me ver, entrou em seu quarto e fechou a porta.

Logo em seguida, Joseph subiu com Hareton, a fim de colocá-lo na cama. Eu me abrigara no quarto de Hareton, e o velho, ao me ver, disse:

– Agora, tem lugar para você e para o seu orgulho na casa. Está vazia, pode ficar com ela toda para você e para Aquele que está sempre presente em companhia tão ruim!

Aceitei de bom grado a oferta e, no instante em que desabei numa poltrona, junto à lareira, adormeci.

Meu sono foi profundo e agradável, mas durou muito pouco. O sr. Heathcliff me acordou; acabava de entrar e me perguntava, daquele seu modo tão gentil, o que eu estava fazendo ali.

Eu lhe disse qual a causa de ter ficado acordada até tão tarde: ele tinha a chave do nosso quarto no bolso.

A palavra “nosso” foi como uma ofensa mortal. Ele jurou que o quarto não era nem jamais seria meu; e ele... mas não vou repetir seu linguajar, nem descrever sua conduta habitual; ele se empenha muito, e constantemente, em conquistar o meu ódio! Às vezes me esforço tanto em compreendê-lo que isso arrefece meu medo, mas lhe asseguro que um tigre ou uma serpente venenosa não haveriam de despertar em mim um pavor igual ao que ele desperta. Contou-me da doença de Catherine e acusou meu irmão de provocá-la, prometendo que eu seria o alvo de sua vingança até que conseguisse pôr as mãos em Edgar.

Eu o odeio... Sou uma desventurada... Que tola eu fui! Mas não diga uma palavra sobre nada disso a ninguém em Grange. Todos os dias vou esperar pela sua visita – não me decepcione!

Isabella

⁶¹. Bastante presente na literatura vitoriana, a febre cerebral corresponde a um quadro clínico marcado por febre intensa e devaneios, geralmente disparados por algum trauma emocional. Como patologia propriamente dita, a expressão pode corresponder a diferentes doenças, como encefalite, meningite, cerebrite ou febre escarlate.

62. Aqui, Joseph troca o nome das personagens: trata-se de Isabella, não de Catherine. A confusão é mencionada na fortuna crítica do romance, que salienta o destino paralelo das personagens femininas: Isabella Linton deixa Thrushcross Grange para viver em Wuthering Heights ao lado de Heathcliff, enquanto Catherine Earnshaw antes seguira para a propriedade dos Linton. Para Joseph, portanto, ambas as mulheres ocupavam um só e mesmo lugar, destinado a seu gênero.

CAPÍTULO 14

ASSIM QUE TERMINEI de ler a carta fui falar com o patrão, e informá-lo de que sua irmã chegara a Wuthering Heights e me escrevera expressando seu pesar pela situação da sra. Linton, bem como seu desejo ardente de vê-lo – esperando que ele lhe transmitisse o quanto antes algum sinal de perdão, através de mim.

– Perdão! – exclamou Linton. – Nada tenho a lhe perdoar, Ellen. Você pode ir visitá-la em Wuthering Heights hoje à tarde, se quiser, e dizer que não estou zangado, mas lamento que a tenhamos perdido, sobretudo porque não tenho como me convencer de que ela um dia venha a ser feliz. Eu ir vê-la, porém, está fora de questão: estamos separados para sempre, e se ela quiser realmente me fazer um favor, que tente então convencer o patife com quem se casou a ir embora daqui.

– E o senhor não vai lhe escrever nem um bilhete? – perguntei, quase implorando.

– Não – respondeu ele. – É desnecessário. Minha comunicação com a família de Heathcliff haverá de ser tão esparsa quando a dele com a minha. Não vai existir!

A frieza do sr. Edgar me entristeceu muito, e ao longo de todo o caminho desde Grange fui me perguntando como repetir o que ele dissera de modo a fazer suas palavras soarem mais afetuosas, e como suavizar sua recusa em escrever ao menos umas poucas linhas para consolar Isabella.

Imagino que ela estivesse me esperando desde cedo: pude vê-la espiando pela gelosia, enquanto me aproximava pelo caminho do jardim, e acenei para ela com a cabeça; ela recuou, porém, como se temesse ser descoberta.

Entrei sem bater. Nunca tinha visto um cenário tão lúgubre quanto o que agora apresentava aquela casa outrora tão alegre! Devo confessar que se estivesse no lugar da jovem senhora teria pelo menos varrido a lareira e espanado as mesas. Mas ela já compartilhava do espírito de desleixo que reinava ali. O belo rosto estava macilento e apático, o cabelo, despenteado, alguns cachos pendiam frouxos, outros se enroscavam de qualquer maneira em volta da cabeça. Provavelmente não mudara o vestido desde a véspera.

Hindley não estava. O sr. Heathcliff estava sentado à mesa, revirando uns papéis em sua carteira, mas se levantou quando entrei, perguntou-me como estava, de modo bastante amigável, e me ofereceu uma cadeira.

Ele era a única coisa de aparência decente por ali; na verdade, nunca o tinha visto tão bem. As circunstâncias tinham se alterado de tal forma que ele certamente teria parecido, a um estranho, um perfeito cavalheiro, nascido e educado como tal – e sua esposa, uma desmazelada!

Ela veio ansiosa me cumprimentar e estendeu a mão para receber a esperada carta.

Sacudi a cabeça. Ela não compreendeu o gesto e me acompanhou até o aparador, onde fui colocar minha touca, pedindo num sussurro que eu lhe entregasse logo o que trouxera.

Heathcliff adivinhou o significado dessas manobras e disse:

– Se tiver algo para entregar a Isabella, como certamente tem, entregue logo, Nelly. Não precisa fazer segredo; não existe isso entre nós.

– Ah, mas eu não trouxe nada – respondi, achando melhor dizer a verdade logo de uma vez. – Meu patrão mandou-me dizer à irmã que ela não espere nem carta nem visita sua, por ora. Pediu-me que lhe transmitisse seu carinho, senhora, e votos de felicidade, bem como seu perdão pela tristeza que causou; mas acha que daqui por diante não deve haver mais comunicação entre as duas casas, pois isso de nada serviria.

O lábio da sra. Heathcliff tremeu ligeiramente, e ela voltou a se sentar à janela. Seu marido postou-se junto à lareira, perto de mim, e começou a fazer perguntas acerca de Catherine.

Contei-lhe o que julguei apropriado acerca da enfermidade, e ele arrancou de mim, através de um interrogatório, a maior parte dos detalhes relativos à origem da doença.

Eu a culpei, como ela merecia, por ter sido ela própria a causadora de tudo, e concluí declarando esperar que ele seguisse o exemplo do sr. Linton e evitasse futuro contato com a família dele, pelo motivo que fosse.

– A sra. Linton está começando a se recuperar – disse-lhe. – Nunca vai ser a mesma, mas sua vida foi poupada, e se o senhor de fato se preocupa com ela, há de evitar futuros encontros. Na verdade, há de se mudar daqui, e para que não se arrependa disso informo-lhe que Catherine Linton está tão diferente agora de sua velha amiga Catherine Earnshaw quanto a sua esposa é diferente de mim! Sua aparência mudou muito, o temperamento ainda mais, e aquele que é obrigado por necessidade a ser seu companheiro só mantém a afeição por ela graças à

lembrança do que ela foi um dia, ao sentimento de humanidade e ao senso de dever!

– É bem possível – observou Heathcliff, fazendo força para aparentar calma –, é bem possível que seu patrão não tenha outra motivação além do sentimento de humanidade e do senso de dever. Mas acha que vou abandonar Catherine ao senso de *dever* e *humanidade* dele? E como pode comparar meus sentimentos por Catherine aos dele? Antes que deixe esta casa, quero que me prometa que vai me ajudar a encontrá-la. Concorde ou não com isso, *hei* de vê-la! O que me diz?

– Digo, sr. Heathcliff – repliquei –, que o senhor não deve fazer isso. Se depender de mim, nunca vai voltar a vê-la. Um outro encontro entre o senhor e o patrão haveria de matá-la, sem dúvida!

– Com a sua ajuda isso talvez possa ser evitado – prosseguiu ele. – E se houvesse algum risco de que isso acontecesse, se ele fosse a causa de mais um único sofrimento na vida dela... bem, eu acharia justificável chegar a extremos! Gostaria que me dissesse, com sinceridade, se acha que Catherine sofreria muito se o perdesse. O que me detém é o receio de que sim. E você veja, então, a diferença entre os meus sentimentos e os dele: se ele estivesse no meu lugar e eu no dele, mesmo que o odiasse com uma intensidade doentia, jamais ergueria um dedo contra ele. Pode se mostrar incrédula à vontade! Jamais o teria proibido de vê-la, se fosse isso o que ela desejava. No momento em que ela mudasse de ideia, arrancaria o coração dele do peito e beberia seu sangue! Mas até esse dia, e se não acredita em mim é porque não me conhece, até esse dia preferiria morrer uma morte lenta do que tocar num único fio de cabelo dele!

– E no entanto – interrompi – o senhor não tem escrúpulos quando se trata de arruinar toda a esperança de que ela se recupere inteiramente, ao se intrometer em seus pensamentos agora que ela já quase o esqueceu, e envolvendo-a em novo tumulto de discórdia e aflição.

– Acha que ela já quase me esqueceu? – duvidou ele. – Ah, Nelly! Sabe muito bem que não! Sabe tão bem quanto eu que para cada vez que ela pensa em Linton, pensa outras mil vezes em mim! Num período muito infeliz da minha vida também nutri esse pensamento; a ideia me torturava quando regresssei, no verão passado, mas só se ela mesma a confessasse eu voltaria a admiti-la. E nesse caso Linton nada significaria, nem Hindley, nem todos os sonhos que jamais tive. Duas palavras dariam conta de resumir meu futuro: *morte* e *inferno*. A existência, depois de perdê-la, seria um inferno. Mas fui um tolo ao imaginar por um momento que fosse que ela dava mais valor ao afeto de Linton do que ao meu. Se ele a amasse com todas as forças do seu insignificante ser, ainda assim

não poderia amá-la em oitenta anos o mesmo que eu num único dia. E o coração de Catherine é tão profundo quanto o meu: seria mais fácil o mar inteiro caber naquele cocho do que todo o seu afeto ser monopolizado por ele. Pff! Ele mal chega a lhe ser mais caro do que seu cachorro, ou seu cavalo. Não é possível, para ele, ser amado como eu. Como ela poderia amar nele o que ele não tem?

– Catherine e Edgar gostam tanto um do outro quanto duas pessoas podem gostar – exclamou Isabella, com súbita vivacidade. – Ninguém tem o direito de falar dessa maneira, e não vou ouvir meu irmão ser depreciado em silêncio!

– Seu irmão também gosta muito de você, não é mesmo? – observou Heathcliff, sarcástico. – Abandona-a no mundo com surpreendente facilidade!

– Ele não sabe o quanto sofro – respondeu ela. – Isso eu não lhe contei.

– Então andou contando a ele alguma coisa? Escreveu-lhe uma carta, foi isso?

– Escrevi para avisar que estava casada, sim. Você viu o bilhete.

– E mais nada desde então?

– Mais nada.

– Está mudada, e tristemente para pior, desde que se casou – observei. – Está faltando amor no seu caso, isso é evidente; de quem, eu imagino, mas talvez não deva dizer.

– Eu diria que é o amor dela mesma – disse Heathcliff. – Ela se degenerou numa mera desmazelada! Cansou-se cedo demais de tentar me agradar. Parece mentira, mas, no dia seguinte ao nosso casamento, já estava chorando e querendo voltar para casa. Neste estado, porém, é até mais adequada a esta casa, e vou cuidar para que não me desonre andando por aí.

– Bem, senhor – retruquei –, espero que leve em conta que a sra. Heathcliff está acostumada a ser cuidada e servida; foi criada como filha única, e todos estavam prontos a atender seus pedidos. Deve permitir que tenha uma criada para cuidar dela, e o senhor deve tratá-la com carinho. Seja qual for sua opinião sobre o sr. Edgar, não pode duvidar de que ela é capaz de se afeiçoar com intensidade, do contrário não teria abandonado a elegância, o conforto e o carinho de sua antiga casa para vir se instalar voluntariamente com o senhor num lugar destes.

– Ela abandonou tudo isso porque estava completamente iludida – respondeu ele –, imaginando que eu era um herói de romance e esperando favores ilimitados da minha devoção cavalheiresca. Mal posso considerá-la uma criatura racional, tal a obstinação com que teimou em formar uma ideia irreal da minha personalidade e agir de acordo com as falsas impressões que alimentava.

Mas acho que por fim começou a me conhecer: não vejo mais os sorrisos e as caretas tolas que me provocavam, no início, nem a insensata incapacidade de discernir que eu estava sendo honesto ao lhe dar minha opinião sobre ela própria e sua paixão excessiva. Foi preciso uma dose e tanto de perspicácia para perceber que eu não a amava. Houve uma época em que achei que lição alguma seria capaz de lhe ensinar isso! E ainda assim ela não entendeu tudo, pois hoje de manhã anunciou, como se tivesse feito uma descoberta surpreendente, que eu fora bem-sucedido ao fazer com que me odiasse! Um verdadeiro trabalho de Hércules, eu lhe asseguro! Se for verdade, terei motivos para ficar grato. Posso acreditar na sua afirmação, Isabella? Tem certeza de que me odeia? Se eu a deixar sozinha durante meio dia, não vai vir de novo suspirando, adúladora, atrás de mim? Acho que ela gostaria que eu tivesse fingido afeto diante de você; fere a sua vaidade ter a verdade exposta. Mas não me importa quem saiba que a paixão era inteiramente unilateral, nunca disse a ela uma única mentira sobre isso. Não pode me acusar de demonstrar um grama de ternura falsa. A primeira coisa que me viu fazer, ao sair de Grange, foi enforcar sua cachorrinha; e quando ela intercedeu, suplicando, as primeiras palavras que eu disse foram para manifestar meu desejo de enforcar todos os seres relacionados a ela, menos um: provavelmente acreditou ser ela a exceção. Mas nenhuma brutalidade a repugnava... acho que tem uma inata admiração pela brutalidade, desde que sua preciosa pessoa seja poupada! Ora, não foi o cúmulo do absurdo, uma genuína idiotice, aquela fedelha servil e desprezível sonhar que eu poderia amá-la? Diga ao seu patrão, Nelly, que eu nunca, em toda a minha vida, vi coisa mais abjeta do que ela. Chega a desonrar o nome Linton. Às vezes abrandei um pouco, por pura falta de criatividade, as minhas experiências sobre o que ela consegue suportar e ainda assim se arrastar de volta para mim! Mas diga também a ele, para acalmar seu coração de irmão e magistrado: mantenho-me estritamente dentro dos limites da lei. Evitei, até o momento, dar a ela o mínimo direito de pedir a separação; e, além disso, ela não agradecerá a ninguém que nos separasse. Se quisesse ir embora, poderia. O aborrecimento que sua presença me causa é maior que o prazer que encontro em atormentá-la!

– Sr. Heathcliff – ponderei –, o senhor fala como se estivesse louco; sua esposa deve estar convencida disso, e por essa razão tolerou-o até aqui: mas agora que diz que pode ir embora, ela sem dúvida irá aproveitar a permissão. A senhora está tão enfeitiçada a ponto de ficar aqui por vontade própria?

– Cuidado, Ellen! – respondeu Isabella, os olhos cintilantes de ira; sua expressão não deixava dúvidas sobre o sucesso cabal das tentativas do marido de se fazer detestar. – Não acredite numa única palavra do que ele diz. É um

demônio mentiroso! É um monstro, não um ser humano! Já me disse, no passado, que eu podia deixá-lo; e eu tentei, mas não ousou tentar de novo! Só me prometa, Ellen, que não vai mencionar uma sílaba desta conversa infame ao meu irmão ou a Catherine. Mesmo que finja serem outras as suas intenções, o que ele quer é levar Edgar ao desespero. Diz que se casou comigo de propósito, a fim de obter poder sobre ele, mas não vai obtê-lo, hei de morrer antes disso! Só espero e peço a Deus que ele esqueça sua diabólica prudência e me mate! O único prazer que consigo imaginar é morrer, ou vê-lo morto!

– Muito bem, por ora já basta! – exclamou Heathcliff. – Se for chamada a depor num tribunal, há de se lembrar das palavras dela, Nelly! E dê uma boa olhada para o seu rosto: ela está chegando no ponto que eu quero. Não, você não tem condições de tomar conta de si mesma, Isabella; e eu, como seu protetor legal, tenho de mantê-la sob minha custódia, por mais que essa obrigação me desagrade. Vá lá para cima; tenho algo a dizer a Ellen Dean em particular. Não é esse o caminho. Lá para cima, já lhe disse! É por aqui que se vai!

Ele a agarrou e empurrou para fora da sala; ao regressar, murmurava:

– Não tenho piedade! Não tenho piedade! Quanto mais os vermes se contorcem, mais anseio por esmagar suas entranhas! É uma compulsão moral; quanto mais a dor aumenta, mais energia tenho.

– O senhor compreende o que significa a palavra “piedade”? – indaguei, indo depressa pegar minha touca. – Já sentiu uma gota que fosse de piedade em toda a sua vida?

– Largue isso! – interrompeu ele, percebendo minha intenção de sair. – Você ainda não vai embora. Veja, Nelly, preciso convencê-la ou obrigá-la a me ajudar em minha determinação de ver Catherine, e sem demora. Juro que não tenho más intenções. Não desejo causar transtorno, nem exasperar ou insultar o sr. Linton; só quero ouvir da própria Catherine como ela está e por que esteve doente, e perguntar se há algo que eu possa fazer para ajudá-la. Ontem à noite passei seis horas no jardim de Grange, e vou voltar esta noite; vou voltar diariamente até encontrar uma oportunidade de entrar. Se Edgar Linton topar comigo, não hesitarei em derrubá-lo e garantir que fique bem quieto enquanto eu lá estiver. Se seus criados me enfrentarem, vou ameaçá-los com estas pistolas. Mas não seria melhor evitar que eu topasse com eles ou com seu patrão? E você poderia fazer isso tão facilmente! Eu avisaria quando fosse, e você me deixaria entrar sem que ninguém visse, tão logo ela estivesse sozinha, ficando de sentinela até que eu partisse, a consciência tranquila por estar evitando maiores aborrecimentos.

Protestei contra a ideia de desempenhar aquele papel traiçoeiro na casa do

meu patrão; além disso, aleguei que era cruel e egoísta da parte dele querer destruir o sossego da sra. Linton em nome de sua satisfação pessoal.

– O mais corriqueiro dos eventos a transtorna muito – argumentei. – Está com os nervos à flor da pele e não teria condições de aguentar a surpresa, estou certa disso. Não insista, meu senhor! Do contrário, serei obrigada a informar meu patrão de suas intenções, e ele tomará as medidas necessárias para proteger a casa e seus moradores contra qualquer intrusão indesejada!

– Nesse caso, vou ter que tomar medidas contra você, mulher! – exclamou Heathcliff. – Não vai deixar Wuthering Heights até amanhã de manhã. É uma tolice afirmar que Catherine não toleraria me ver; e quanto a surpreendê-la, não é o que desejo: você deve prepará-la, perguntar-lhe se posso ir vê-la. Diz que ela nunca menciona meu nome e que nunca lhe sou mencionado. A quem ela haveria de falar de mim, se sou assunto proibido na casa? Ela acha que vocês são todos espiões do marido. Ah, não tenho dúvidas de que se encontra no inferno com vocês! Pelo seu silêncio imagino o que ela sente, tanto quanto se me tivesse contado tudo. Você diz que ela se mostra com frequência inquieta e parece ansiosa... isso é prova de tranquilidade? Fala de sua mente estar perturbada. Como diabos poderia ser diferente, naquele isolamento medonho? E aquela criatura insípida e desprezível cuidando dela por *dever* e *humanidade*! Por *pena* e por *caridade*! Seria tão absurdo ele plantar um carvalho num vaso de flores e esperar que cresça quanto imaginar que pode restaurar o vigor de Catherine no solo de seus cuidados mesquinhos. Vamos decidir logo de uma vez: você fica aqui, e vou ter de abrir caminho até Catherine, lutando contra Linton e seus criados? Ou vai ser minha amiga, como tem sido até agora, e fazer o que lhe peço? Decida! Pois não há razão para que eu espere mais um minuto que seja, se insistir nessa sua má vontade e teimosia!

Bem, sr. Lockwood, eu discuti e reclamei, e me recusei categoricamente cinquenta vezes, mas no fim ele me obrigou a chegar a um acordo. Comprometi-me a levar uma carta sua para minha patroa e, se ela consentisse, prometi que informaria a ele da próxima ocasião em que Linton fosse se ausentar de Grange, quando Heathcliff poderia vir e entrar na casa. Eu não estaria lá, e os outros criados também não.

Isso foi certo ou errado? Temo que tenha sido errado, embora conveniente. Achei que poderia evitar, com minha condescendência, uma nova explosão, e também imaginei que o evento poderia provocar uma mudança favorável na doença mental de Catherine. Lembrei-me então da severa repreensão que sofrera do sr. Edgar por causa do meu leva e traz e tentei apaziguar minha inquietação sobre o assunto afirmando, reiteradamente, que aquela quebra de confiança, se é

que meu gesto merecia ser descrito com palavras tão severas, seria a última.

Não obstante, meu caminho de volta para casa foi mais triste que o de ida. Tive muitos receios antes de me decidir a colocar a carta nas mãos da sra. Linton.

Mas aqui está Kenneth. Vou descer e dizer que o senhor está muito melhor. Minha história é sombria, e é melhor esperar para continuar amanhã de manhã.

“SOMBRIA É POUCO!”, pensei, enquanto a boa mulher descia para receber o médico, e não exatamente do tipo que eu teria escolhido para me distrair. Mas não importa! Vou extrair bons remédios das ervas amargas da sra. Dean; sobretudo, vou tomar cuidado com o fascínio que espreita nos olhos brilhantes de Catherine Heathcliff! Em que situação eu não estaria se entregasse meu coração àquela jovem, e a filha se revelasse uma segunda edição da mãe!

CAPÍTULO 15

MAIS UMA SEMANA se passou – e estou mais próximo não só da saúde como da primavera! Já ouvi toda a história do meu vizinho, em sessões diferentes, quando a governanta encontrava tempo entre seus afazeres mais importantes. Vou continuar usando suas próprias palavras, apenas um pouco mais condensadas. Ela é, de modo geral, uma ótima contadora de histórias, e não acho que poderia melhorar seu estilo.

À NOITE – disse ela –, no mesmo dia de minha visita a Heights, eu soube, com tanta certeza quanto se o tivesse visto, que o sr. Heathcliff estava por ali. Evitei sair, pois ainda tinha sua carta no bolso, e não queria voltar a ser ameaçada ou importunada.

Decidira não a entregar até que meu patrão se ausentasse, pois não podia prever quais seriam seus efeitos sobre Catherine. As consequências foram que três dias se passaram sem que ela a recebesse. O quarto dia era um domingo, e levei a carta ao seu quarto depois que a família saiu para a igreja.

Um criado ficara para tomar conta da casa junto comigo, e habitualmente trancávamos as portas durante a missa; nessa ocasião, porém, o tempo estava tão quente e agradável que as deixei abertas, e, para completar, como sabia quem viria, disse ao criado que a patroa queria muito comer laranjas e que ele deveria correr à aldeia para comprar algumas, a serem pagas no dia seguinte. Ele partiu, e eu subi.

A sra. Linton estava sentada junto à janela aberta, como de costume, e usava um vestido branco e solto, com um xale leve sobre os ombros. Os cabelos longos e cheios tinham sido parcialmente cortados quando ela adoecera, e agora usava-os num penteado simples, os cachos caindo sobre as têmporas e a nuca. Sua aparência estava modificada, como eu dissera a Heathcliff, mas, quando estava calma, parecia haver nessa mudança uma beleza etérea.

O brilho de seus olhos fora substituído por uma suavidade sonhadora e melancólica; eles já não davam mais a impressão de estar fitando os objetos ao seu redor, pareciam antes mirar sempre para longe e mais longe ainda – para fora

deste mundo, poderíamos dizer. Além disso, a palidez do rosto – o aspecto encovado tendo desaparecido, conforme ela ganhava peso – e a expressão peculiar que advinha de seu estado mental, embora dolorosamente sugestivas de suas causas, aumentavam o comovente interesse que ela despertava e – invariavelmente para mim, eu sei, e para qualquer pessoa que a visse, imagino – refutavam provas mais tangíveis de convalescença, decretando-a condenada a perecer.

Havia um livro aberto sobre o peitoril da janela diante dela, e o vento quase imperceptível agitava suas folhas de quando em quando. Acredito que Linton o tivesse deixado ali, pois ela nunca tentava se distrair com a leitura, ou com qualquer outro tipo de ocupação, e ele passava horas a fio tentando fazê-la se interessar por algo que antes lhe dava prazer.

Catherine estava consciente desses esforços e, quando mais bem-disposta, tolerava placidamente, apenas demonstrando vez por outra sua inutilidade ao suprimir um suspiro, ou recompensando-o com os sorrisos e beijos mais tristes do mundo. Em outros momentos, virava as costas, petulante, e escondia o rosto entre as mãos, ou até mesmo o empurrava para longe, irritada; ele então tratava de deixá-la sozinha, pois tinha certeza de que não lhe fazia bem algum.

Os sinos da capela de Gimmerton ainda soavam, e o sussurro do rio correndo cheio no vale acalmava os ouvidos. Era um doce substituto ao murmúrio ainda ausente das folhagens de verão, que se sobrepunha a todos os outros sons em volta de Grange quando as árvores estavam em sua plenitude. Em Wuthering Heights, o ruído sempre se fazia ouvir em dias silenciosos, que se seguiam ao degelo ou a uma temporada de chuva constante. E era em Wuthering Heights que Catherine pensava enquanto escutava, se é que pensava ou escutava; mas tinha no rosto aquele olhar distante que mencionei anteriormente e que não expressava reconhecimento do mundo material, fosse pelos olhos ou pelos ouvidos.

– Chegou uma carta para a senhora, sra. Linton – disse, depositando-a delicadamente na mão apoiada sobre seu joelho. – Deve ler imediatamente, porque requer uma resposta. Quer que eu quebre o lacre?

– Sim – respondeu ela, sem alterar a direção dos olhos.

Abri; era bastante curta.

– Pronto – prossegui. – Pode ler.

Ela retirou a mão e deixou a carta cair. Voltei a colocá-la sobre seu colo e fiquei esperando até que ela decidisse baixar os olhos, mas o movimento tardava tanto que por fim perguntei:

– Quer que eu leia? É do sr. Heathcliff.

Houve um sobressalto, um brilho confuso de reconhecimento em seus olhos e o esforço de colocar as ideias em ordem. Catherine ergueu a carta e pareceu examiná-la; ao chegar à assinatura, suspirou. Percebi, porém, que não compreendera bem o seu teor, pois, quando lhe perguntei qual era sua resposta, ela se limitou a apontar o nome, fitando-me com uma ansiedade questionadora e cheia de tristeza.

– Bem, ele deseja vê-la – expliquei, adivinhando que ela precisava de um intérprete. – Está no jardim, aguardando impaciente para saber que resposta hei de levar.

Enquanto falava, notei um cachorro imenso deitado na relva ensolarada lá embaixo erguer as orelhas, como se prestes a latir, depois voltar a abaixá-las, anunciando, ao abanar a cauda, a aproximação de alguém que não considerava um estranho.

A sra. Linton inclinou o corpo para a frente e se pôs a escutar, a respiração suspensa. No minuto seguinte, ouviram-se passos no vestíbulo; a casa aberta era tentação demais para Heathcliff: provavelmente supôs que eu estava inclinada a descumprir minha promessa e resolveu confiar na própria audácia.

Com ânsia crescente, Catherine voltou os olhos para a porta do quarto. Ele não entrou ali de imediato. Ela fez um sinal para que eu o admitisse, mas Heathcliff encontrou o quarto antes que eu chegasse à porta, e com uma ou duas largas passadas estava ao lado dela, apertando-a nos braços.

Ele nada disse, nem afrouxou o abraço, durante uns cinco minutos, mas, por todo esse tempo cobriu-a de mais beijos do que jamais dera em toda a sua vida, suponho. Minha patroa beijara-o primeiro, e vi claramente que ele mal suportava, de pura agonia, fitá-la no rosto! No instante em que a viu, a mesma convicção que eu tinha também se apoderou dele – a de que não havia perspectiva de recuperação, ela estava fadada a morrer.

– Ah, Cathy! Ah, minha vida! Como posso suportar? – foi a primeira frase que pronunciou, num tom que não tentava disfarçar seu desespero.

E agora fitava-a com tamanho ardor que achei que a própria intensidade do seu olhar seria suficiente para trazer lágrimas aos seus olhos; mas eles ardiam de angústia e não derreteram.

– O que foi? – perguntou Catherine, reclinando-se e devolvendo seu olhar com o cenho subitamente carregado. Seu humor apenas refletia caprichos constantemente cambiáveis. – Você e Edgar partiram meu coração, Heath-cliff! E os dois vêm se lamentar comigo, como se fossem vocês que merecessem

piedade! Não vou me apiedar de vocês, não vou. Vocês me mataram... e floresceram com isso, parece. Como são fortes! Quantos anos pretendem viver depois que eu me for?

Heathcliff, que caíra sobre um dos joelhos para abraçá-la, tentou se levantar, mas ela segurou seu cabelo e o manteve abaixado.

– Gostaria de poder abraçá-lo – prosseguiu ela, com amargura –, até que estivéssemos os dois mortos! Não ia me importar com o seu sofrimento. Não ligo para as suas dores. Por que você não haveria de sofrer? Eu sofro! Vai se esquecer de mim? Vai ser feliz quando eu estiver debaixo da terra? Vai dizer, daqui a vinte anos, “Esse é o túmulo de Catherine Earnshaw. Eu a amei há muitos anos e fiquei muito infeliz ao perdê-la, mas isso faz parte do passado. Já amei várias outras desde então. Meus filhos me são mais caros do que ela era, e, quando eu morrer, não hei de me alegrar por estar indo ao seu encontro, hei de lamentar deixá-los!” É isso o que vai dizer, Heathcliff?

– Não me torture até eu ficar tão louco quanto você – exclamou ele, soltando a cabeça e trincando os dentes.

Para um observador frio, os dois formavam um quadro estranho e assustador. Catherine bem poderia pensar que o céu seria para ela um exílio, se com seu corpo mortal também se livrasse do seu caráter. Seu rosto, naquele momento, exibia um arrebatado desejo de vingança nas faces pálidas, nos lábios descorados e nos olhos cintilantes; e ela retinha nos dedos cerrados uma parte dos cachos que antes agarrava. Quanto a Heathcliff, ao se erguer com a ajuda de uma das mãos, segurara o braço dela com a outra; e tão inadequadas eram as gentilezas que tinha disponíveis diante do que a condição dela requeria que, quando a soltou, distingui quatro marcas azuladas impressas na pele descolorida.

– Por acaso está possuída pelo demônio para falar comigo dessa maneira, à beira da morte? – prosseguiu ele, arrebatado. – Não percebe que todas essas palavras ficarão gravadas na minha memória, corroendo-a fundo e eternamente, depois que você tiver me deixado? Sabe que está mentindo quando diz que a matei; e sabe, Catherine, que esquecê-la seria o mesmo que esquecer minha própria existência! Não é bastante para o seu egoísmo infernal o fato de que quando estiver em paz eu vou estar me contorcendo nos tormentos do inferno?

– Não vou estar em paz – gemeu Catherine, consciente mais uma vez de sua fraqueza física pelo palpitar violento e irregular de seu coração, que se deixava ver e ouvir naquele seu excesso de agitação.

Ela não disse nada até o paroxismo passar; então continuou, num tom mais suave:

– Não desejo a você um tormento maior do que o meu, Heathcliff. Só gostaria que nunca tivéssemos nos separado. E se uma única palavra minha o fizer sofrer daqui por diante, saiba que vou estar sentindo o mesmo sob a terra, e, por mim, me perdoe! Venha aqui e se ajoelhe de novo! Você nunca me fez mal em toda a sua vida. Se alimentar a raiva, vai ser pior lembrar-se disso do que de minhas palavras duras! Não vem outra vez para perto de mim? Venha!

Heathcliff se aproximou das costas da poltrona dela e se debruçou, mas não de modo a deixá-la ver seu rosto, lívido de emoção. Ela se voltou para olhá-lo; ele não deixou. Virando-se abruptamente, foi até a lareira, onde ficou parado, em silêncio, de costas para nós.

O olhar da sra. Linton acompanhou-o, desconfiado. Cada gesto dele despertava nela um novo sentimento. Depois de uma pausa e de um olhar prolongado, Catherine voltou a falar, dirigindo-se a mim num tom de indignado desapontamento:

– Ah, veja só, Nelly, ele não pretende fazer um gesto para evitar minha morte. É *assim* que sou amada! Bem, não importa. Esse não é o *meu* Heath-cliff. Vou continuar a amar o meu e vou levá-lo comigo... está na minha alma. E o que mais me aborrece, no final das contas – prosseguiu –, é esta prisão. Estou cansada de ficar trancada aqui dentro. Anseio fugir para o mundo glorioso lá fora e ficar lá para sempre, sem ter que enxergá-lo vagamente por entre as lágrimas e ansiar por ele atrás das paredes de um coração sofredor, mas estando realmente nele, com ele. Nelly, você pensa que é melhor e mais afortunada do que eu, cheia de saúde e força, tem pena de mim... logo isso há de mudar. Eu é que vou ter pena de *você*. Vou estar incomparavelmente acima de todos vocês. Por que *será* que ele não quer ficar perto de mim? – continuou, para si mesma. – Pensei que quisesse. Heathcliff, meu querido! Não fique zangado. Venha, Heathcliff.

Em sua ansiedade, ela se levantou, apoiando-se no braço da poltrona. Diante do pedido sincero, ele se virou, uma expressão do mais absoluto desespero no rosto. Seus olhos, úmidos e arregalados, por fim se fixaram nela; seu peito arquejava convulsivamente. Por um instante ainda ficaram afastados; mal entendi como se uniram, mas Catherine se atirou para ele, que a segurou, e os dois ficaram entrelaçados num abraço do qual julguei que minha patroa não sairia viva. Aos meus olhos, ela parecia ter perdido os sentidos. Heathcliff se jogou na poltrona mais próxima e, quando me aproximei para ver se ela desmaiara, rangeu os dentes para mim, espumando feito um cão danado, estreitando-a ainda mais, louco de ciúme. Era como se eu não estivesse diante de alguém da minha própria espécie, tinha a impressão de que ele não compreendia, mesmo eu lhe falando; então me afastei e fiquei calada, completamente perplexa.

Pouco depois, um movimento de Catherine aliviou minha preocupação: dentro daquele abraço, ela estendeu a mão para segurar-lhe o pescoço e trazer o rosto dele para junto do seu; enquanto isso, cobrindo-a de carícias frenéticas, ele disse, fora de si:

– Você agora me mostra como tem sido cruel... cruel e falsa. *Por que* me despreza? *Por que* traiu seu próprio coração, Cathy? Não tenho uma única palavra de consolo para oferecer. Você merece tudo isso. Matou a si mesma. Sim, pode me beijar e chorar e arrancar beijos e lágrimas de mim: eles serão para você como uma doença, e não de condená-la. Você me amava... então que *direito* tinha de me deixar? Que direito, responda-me, pela fantasia de um interesse por Linton? Porque nem a tristeza, nem a degradação, nem a morte, nem nada que Deus ou Satã pudessem nos infligir haveria de nos separar; *você*, de livre e espontânea vontade, fez isso. Não parti o seu coração, foi *você* quem o partiu, e, ao fazer isso, partiu o meu também. Pior para mim, ser forte. Se quero continuar vivo? Que tipo de vida vou ter quando... Ah, meu Deus! Você gostaria de viver com a alma no túmulo?

– Deixe-me em paz. Deixe-me em paz – soluçou Catherine. – Se agi mal, estou morrendo em consequência disso. Basta! Você também me deixou, mas não vou repreendê-lo! Eu o perdoo. Perdoe-me também!

– É difícil perdoar e olhar para esses olhos e sentir essas mãos murchas – respondeu ele. – Beije-me outra vez e não me deixe ver seus olhos! Perdoo o que fez comigo. Amo a *minha* assassina... mas a *sua*! Como eu poderia?

Calaram-se, seus rostos escondidos um no do outro, banhados pelas lágrimas de ambos. Pelo menos suponho que ambos choravam; aparentemente, Heathcliff era capaz de chorar numa ocasião como aquela.

Enquanto isso, eu me sentia cada vez mais desconfortável. A tarde escoava depressa, o criado que eu mandara à aldeia já regressara, e eu podia distinguir, ao brilho do sol oeste no vale, um grupo de pessoas se avolumando à porta da capela de Gimmerton.

– A missa acabou – anunciei. – Meu patrão vai estar aqui em meia hora.

Heathcliff praguejou em voz baixa e apertou Catherine ainda mais; ela não se mexeu.

Não demorou até que eu visse um grupo de criados se aproximando pela estrada, na direção da cozinha. O sr. Linton não estava muito atrás deles; abriu ele mesmo o portão e veio caminhando devagar, provavelmente desfrutando daquela tarde agradável, com ares de verão. – Aí está ele! – exclamei. – Pelo amor de Deus, desça depressa! Não vai encontrar ninguém na escada principal.

Vá depressa e fique escondido entre as árvores até ele ter entrado.

– Preciso ir, Cathy – disse Heathcliff, tentando se soltar dos braços dela. – Mas prometo vê-la de novo antes que você adormeça. Não vou me afastar cinco metros da sua janela.

– Não vá! – retrucou ela, segurando-o com toda a sua força. – Você não vai sair daqui, é uma ordem.

– Por uma hora apenas – suplicou ele, fervorosamente.

– Nem por um minuto – replicou ela.

– *Preciso* ir... Linton vai chegar a qualquer momento – insistiu o alarmado intruso.

Ele teria se levantado, e soltado os dedos dela ao fazê-lo, mas ela o segurou com mais força, arquejando, uma determinação louca no rosto.

– Não! – deu um grito penetrante. – Ah, não, não vá. É a última vez! Edgar não vai nos fazer mal. Heathcliff, eu vou morrer! Vou morrer!

– Dane-se aquele idiota! Aqui está ele – exclamou Heathcliff, afundando de novo na poltrona. – Calma, minha querida. Calma, calma, Catherine! Vou ficar. Se ele me der um tiro por causa disso, vou morrer com uma bênção nos lábios.

E eles se abraçaram de novo. Ouvi meu patrão subindo a escada, o suor frio escorria da minha testa, eu estava aterrorizada.

– Vai dar ouvidos aos delírios dela? – perguntei, arrebatada. – Ela não sabe o que diz. Vai arruiná-la, porque ela não tem juízo? Levante-se! Pode se soltar quando quiser. Esta é a atitude mais diabólica que já tomou. Estamos todos perdidos: patrão, patroa e empregada.

Torci as mãos e soltei uma exclamação; o sr. Linton apressou os passos ao ouvi-la. No meio da minha agitação, fiquei sinceramente aliviada ao ver os braços de Catherine pendendo relaxados, e sua cabeça também.

“Ou desmaiou, ou morreu”, pensei. “Antes assim. Melhor seria se estivesse morta do que continuar a ser um fardo e uma fonte de sofrimento para todos os que a rodeiam.”

Edgar precipitou-se sobre o visitante indesejado, pálido de surpresa e raiva. O que pretendia fazer, não sei; o outro, porém, interrompeu todas as suas demonstrações ao colocar o corpo inerte em seus braços.

– Veja! – disse. – A menos que seja um demônio, ajude-a primeiro, e depois pode falar comigo.

Ele foi para a sala de visitas e se sentou. O sr. Linton me chamou; com grande dificuldade, e depois de muitas tentativas, conseguimos fazer com que

ela voltasse a si. Mas estava desnorteada: suspirava, gemia e não reconhecia ninguém. Em sua ansiedade, Edgar esqueceu-se do amigo detestado da esposa. Eu não. Fui falar com ele na primeira oportunidade, pedindo-lhe que se fosse; afirmei que Catherine estava melhor, e que eu mandaria notícias pela manhã, dizendo-lhe como passara a noite.

– Não me recuso a deixar a casa – respondeu ele –, mas vou ficar no jardim; e, Nelly, trate de cumprir sua palavra amanhã. Vou ficar debaixo daqueles pinheiros. Cumpra sua palavra! Do contrário, hei de fazer outra visita, esteja Linton em casa ou não.

Ele olhou de relance pela porta entreaberta do quarto e, certificando-se de que o que eu dissera era aparentemente verdade, livrou a casa de sua presença infeliz.

CAPÍTULO 16

POR VOLTA DA MEIA-NOITE nasceu a Catherine que o senhor viu em Wuthering Heights: um bebê franzino, prematuro de sete meses. Duas horas depois, a mãe morreu, não chegando a recobrar a consciência a ponto de dar pela falta de Heathcliff ou de reconhecer Edgar.

O pesar deste último diante da perda é assunto doloroso demais para ser recordado; seus efeitos mostraram quão profundo era o sofrimento.

A aumentá-lo, na minha opinião, vinha o fato de ter sido deixado sem herdeiro do sexo masculino.⁶³ Eu lamentava isso, ao fitar a pequenina órfã, e mentalmente amaldiçoei o velho Linton por ter deixado (devido somente a uma natural parcialidade) sua propriedade para a própria filha, em vez de para a filha do filho.

Que bebê mal recebido, a pobrezinha! Poderia ter se esgoelado de chorar até a morte, e ninguém teria dado a menor importância, durante aquelas primeiras horas de existência. Compensamos mais tarde o descaso, mas o começo de sua vida foi tão solitário quanto o fim provavelmente há de ser.

A manhã que se seguiu – bela e alegre lá fora – penetrava no quarto silencioso filtrada pelas persianas e banhava a cama e sua ocupante com uma luz branda e delicada.

Edgar Linton deitara a cabeça no travesseiro e tinha os olhos fechados. Suas jovens e belas feições estavam quase tão cadavéricas quanto as do vulto ao seu lado, e quase igualmente fixas; mas no caso *dele* tratava-se da quietude causada pela angústia exaurida, e no caso *dela* de perfeita paz. A fronte lisa, as pálpebras fechadas, os lábios com a expressão de um sorriso – um anjo no céu não teria parecido mais belo do que Catherine. E eu compartilhava da calma infinita em que ela jazia. Minha mente nunca esteve mais próxima do sagrado do que ao contemplar aquela imagem imperturbada do repouso divino. Ecoei, instintivamente, as palavras que ela pronunciara algumas horas antes: “Incomparavelmente acima de todos nós! Quer ainda esteja na terra ou, agora, no céu, seu espírito está unido a Deus!”

Não sei se é uma peculiaridade minha, mas raramente deixo de me sentir

feliz velando um morto, se nenhum dos presentes, delirante ou desesperado, vier a dividir comigo seu fardo. Vejo um repouso que nem a terra nem o inferno podem interromper, e sinto uma reafirmação da outra vida, que há de ser infinita e imaculada – a Eternidade em que ingressaram –, onde a existência é ilimitada em sua duração, e o amor em sua compaixão, e a alegria em sua completude. Notei, nessa ocasião, quanto egoísmo está presente até mesmo num amor como o do sr. Linton, quando ele tanto lamentava a abençoada liberação de Catherine!

Claro, podia-se duvidar, após a existência instável e inquieta que ela levara, se merecia por fim a paz celestial. Podia-se duvidar em momentos de fria reflexão, mas não ali, diante do seu cadáver. Ele transmitia uma tranquilidade própria, que parecia um sinal de igual tranquilidade de quem antes o habitara.

Acredita que tais pessoas *sejam* felizes no outro mundo, senhor? O que eu não daria para saber!

Recusei-me a responder à pergunta da sra. Dean, que me pareceu um tanto heterodoxa. Ela prosseguiu:

– Recordando a vida de Catherine Linton, temo não ter o direito de achar que sim; mas vamos deixá-la com o seu Criador.

O patrão parecia ter adormecido, e me aventurei, assim que o sol nasceu, a sair do quarto e respirar um pouco de ar puro. Os criados acharam que eu tinha ido repousar um pouco após a prolongada vigília; na verdade, meu principal motivo era falar com o sr. Heathcliff. Se tivesse passado a noite toda em meio aos pinheiros, nada teria ouvido da agitação em Grange; a menos, talvez, que tivesse escutado o galope do mensageiro a caminho de Gimmerton. Se tivesse se aproximado, provavelmente teria se dado conta, pelo movimento das luzes de um lado a outro, e pelo abrir e fechar das portas da casa, de que algo de anormal transcorria.

Desejava e temia encontrá-lo. Sentia que devia lhe transmitir a terrível notícia, e ansiava terminar logo com aquilo; *como* fazê-lo, porém, eu não sabia.

Lá estava ele – a alguns metros de distância, no parque; recostado contra o tronco de um velho freixo, o chapéu na mão e o cabelo ensopado com o orvalho que se acumulara nos galhos cheios de brotos e pingara sobre ele. Fazia muito tempo que estava naquela posição, pois vi um casal de melros voando de um lado a outro a menos de um metro dele, ocupado na construção de um ninho, considerando sua proximidade não mais perigosa que a de um pedaço de madeira. Voaram quando me aproximei, e ele ergueu os olhos e exclamou:

– Ela morreu! Não esperei aqui para ouvir isso. Guarde o lenço, não choramingue diante de mim. Malditos sejam todos vocês! Ela não quer as *suas*

lágrimas!

Eu chorava tanto por ele quanto por ela: às vezes nos apiedamos de criaturas que não sabem o que é se apiedar delas mesmas ou dos outros. Quando olhei para o rosto dele, percebi de imediato que já sabia o que acontecera; uma ideia tola me ocorreu: a de que seu coração se acalmara e ele rezava, porque seus lábios se moviam e seu olhar estava voltado para o chão.

– Sim, ela morreu! – respondi, contendo os soluços e enxugando o rosto. – Foi para o céu, espero; onde poderemos, todos nós, nos juntar a ela, se tomarmos o cuidado de abandonar o caminho do mal e seguir o do bem!

– Quer dizer que *ela* tomou esse cuidado, então? – perguntou Heathcliff, tentando ironizar. – Morreu como santa? Vamos, conte-me como aconteceu. Como foi que...?

Ele tentou pronunciar o nome, mas não conseguiu. Comprimindo os lábios, lutava silenciosamente contra a agonia íntima, enquanto desafiava a minha simpatia com um olhar firme e feroz.

– Como foi? – prosseguiu, por fim, grato por ter um apoio às suas costas, apesar da aparente firmeza; pois, após tanto esforço, ele tremia, contra sua vontade, até as pontas dos dedos.

“Pobre infeliz!”, pensei. “Tem coração e nervos, assim como seus semelhantes! Por que tanta agonia para escondê-los? Seu orgulho não tem como iludir a Deus! Você O desafia a dobrá-lo, e Ele vai acabar fazendo-o soltar um grito de humilhação.”

– Mansa como um cordeirinho! – respondi, em voz alta. – Suspirou e esticou o corpo, como uma criança acordando e voltando a pegar no sono; cinco minutos depois, senti uma última batida débil de seu coração, e nada mais!

– E... ela por acaso mencionou meu nome? – indagou, hesitante, como se temesse que a resposta trouxesse consigo detalhes que não toleraria ouvir.

– Não recuperou os sentidos... não reconheceu mais ninguém desde o instante em que o senhor a deixou – falei. – Jaz com um sorriso tranquilo no rosto, e seus últimos pensamentos foram visitas aos dias prazerosos do passado. Sua vida se encerrou num sonho suave... que ela desperte com a mesma doçura do outro lado!

– Que ela desperte em meio ao tormento! – exclamou ele, com assustadora veemência, batendo o pé e grunhindo num ataque súbito de paixão irrefreável. – Ora, ela mentiu até o fim! Onde está? Não está *lá*... não no céu... não se foi... onde? Ah, você disse que não se importava com meus sofrimentos! E rezo uma única oração, que hei de repetir até perder o fôlego: Catherine Earnshaw, que

você não encontre descanso enquanto eu viver. Disse que a matei... venha me assombrar, então! As vítimas assombram até mesmo seus assassinos. Acredito... sei que *há* fantasmas perambulando pela terra. Fique comigo sempre, assuma a forma que quiser, faça-me enlouquecer! Só não me deixe neste abismo onde não posso encontrá-la! Ah, meu Deus! É indizível! *Não posso* viver sem a minha vida! *Não posso* viver sem a minha alma!

E bateu com a cabeça contra o tronco nodoso. Ao erguer os olhos, uivou: não como um homem, mas como um animal selvagem sendo transpassado até a morte por facas e lanças.

Notei o sangue salpicado no tronco da árvore, e sua mão e sua testa estavam ambas ensanguentadas; a cena que eu testemunhara devia ser uma repetição de outras ocorridas durante a noite. Não que eu sentisse compaixão – estava horrorizada. Ainda assim, relutei em deixá-lo naquele estado. Mas, assim que ele se recobrou o bastante para notar que eu o observava, esbravejou a ordem de que eu fosse embora, e obedeci. Não tinha como acalmá-lo ou consolá-lo!

O enterro da sra. Linton foi marcado para a sexta-feira seguinte ao seu falecimento. Até a data, o caixão permaneceu aberto, na sala principal, ornado de flores e folhas fragrantas. Linton passava os dias e as noites ali, um guardião insone; e – coisa que todos menos eu ignoravam – Heathcliff passava ao menos as noites lá fora, igualmente sem repouso.

Eu não me comunicava com ele; ainda assim, sabia de seu desejo de entrar, se pudesse. Na terça-feira, pouco depois de escurecer, quando meu patrão, vencido pelo esgotamento, fora obrigado a descansar um par de horas, abri uma das janelas, comovida por sua perseverança e decidida a lhe dar uma oportunidade de se despedir para sempre da imagem desvanecida de seu ídolo.

Ele não perdeu tempo em se valer da oportunidade, rápida e cautelosamente; tão cautelosamente que nem o mais leve ruído traiu sua presença. Na verdade eu nem teria descoberto que ele tinha estado ali, não fosse pelo véu desarrumado sobre o rosto do cadáver e por ter notado no chão uma mecha de cabelo louro presa com fita prateada. Examinando mais de perto, vi ter sido tirada de um medalhão pendurado no pescoço de Catherine. Heathcliff abriu o objeto e removeu seu conteúdo, que substituiu por uma mecha do próprio cabelo preto. Enrosquei as duas, uma na outra, e fechei-as juntas ali dentro.

O sr. Earnshaw foi, é claro, convidado a acompanhar o corpo de sua irmã no enterro. Ele não mandou desculpas, mas não apareceu, de modo que, além do marido, a assistência era composta integralmente de arrendatários e criados. Isabella não foi convidada.⁶⁴

O local do enterro, para surpresa da gente do vilarejo, não foi a capela no jazigo dos Linton, nem junto aos túmulos de sua própria família, mas sim numa encosta verde num canto do cemitério, onde o muro é tão baixo que a urze e o mirtilo taparam a sepultura, e o musgo a escondeu quase que por completo. Seu marido está no mesmo lugar agora, e ambos têm, a marcar seu jazigo, uma lápide simples, e um bloco de pedra cinza aos pés.

⁶³. A questão da herança é central no romance. No que se refere à propriedade dos Linton – um bem de gerações e devidamente registrado em testamento –, está implícita uma importante regra, reconhecida então, de transmissão dos chamados bens de raiz, ou imóveis: a primazia do primogênito homem na linhagem direta do patriarca. Como Edgar Linton era pai de uma menina, seu sucessor era o sobrinho, Linton Heathcliff, filho da irmã, Isabella. Àquele que recebia a propriedade – um descendente direto da linhagem de senhores – era vedada sua venda ou desmembramento. A situação de Thrushcross Grange é diferente da de Wuthering Heights, propriedade não contemplada por testamento e sujeita a transações pecuniárias.

⁶⁴. Embora não haja uma descrição pormenorizada do velório e do enterro de Cathy, é possível identificar costumes funerários próprios ao período. O uso de flores no caixão tinha o objetivo de disfarçar ou anular os odores do morto ao longo dos dias. A extensão dos velórios visava não apenas à espera de parentes e amigos que precisassem realizar longas viagens para prestar suas últimas homenagens, mas a que a família se certificasse da morte de seu ente; no entanto, o ato de velar o cadáver não era necessariamente realizado por familiares – havia a possibilidade, para os cidadãos mais abastados, de contratar gente que os substituísse durante os cansativos dias de velório, caso fosse desejado. O serviço em Thrushcross Grange, ao que parece, não teve a impessoalidade que as empresas funerárias começavam então a conferir às cerimônias nas principais cidades inglesas.

CAPÍTULO 17

AQUELA SEXTA-FEIRA foi o último dia de clima bom do mês. À noite, o tempo virou: o vento mudou de sul para nordeste e trouxe primeiro chuva, depois granizo e neve.

No dia seguinte, mal se podia imaginar ter havido três semanas de verão: as primulas e as flores de açafrão estavam escondidas sob a nevasca invernal; as cotovias ficaram silenciosas, as folhas novas das árvores apareceram machucadas e escurecidas. Como aquele dia se arrastou frio, lúgubre e funesto! Meu patrão não saiu do quarto; apossei-me da sala de estar vazia, convertendo-a em berçário; e ali estava, sentada com aquela bonequinha chorando no colo, embalando-a e vendo, enquanto isso, os flocos de neve se acumulando na janela nua, quando a porta abriu e alguém entrou, sem fôlego e rindo!

Por um momento, minha raiva foi maior do que minha surpresa. Supondo que fosse uma das criadas, exclamei:

– Fora daqui! Como se atreve a entrar nesta casa rindo desse jeito? O que diria o sr. Linton, se ouvisse?

– Peço desculpas! – disse uma voz familiar. – Mas sei que Edgar está na cama, e não consigo me controlar.

Com isso, a pessoa se aproximou da lareira, ofegando e levando a mão ao peito.

– Vim correndo desde Wuthering Heights! – prosseguiu ela, depois de uma pausa. – Exceto nos momentos em que deslizei. Perdi a conta da quantidade de vezes que caí. Ah, meu corpo inteiro dói! Não fique assustada! Explico tudo assim que puder; agora, tenha a bondade de pedir uma carruagem para me levar a Gimmerton, e diga a uma criada que apanhe algumas roupas no meu guarda-roupa.

A intrusa era a sra. Heathcliff. Não parecia ter muitos motivos para rir: o cabelo lhe caía sobre os ombros, escorrendo neve e chuva; usava o vestido infantil de sempre, mais apropriado à sua idade do que à sua posição – um traje decotado, de mangas curtas, sem nada a lhe tapar a cabeça ou o pescoço. O tecido era uma seda leve e, molhado como estava, colava-se ao seu corpo. Seus

pés estavam protegidos por chinelos finos. Acrescente-se a isso um corte profundo sob a orelha, que apenas o frio impedia de sangrar em profusão, o rosto pálido, arranhado e machucado, e o corpo mal capaz de se manter de pé devido à fadiga – pode imaginar que meu susto inicial não diminuiu muito quando pude examiná-la melhor.

– Minha jovem senhora – exclamei –, não vou a lugar nenhum, nem vou ouvir mais uma única palavra, até que a senhora tenha tirado toda essa roupa e vestido um traje seco; com certeza não irá a Gimmerton esta noite, de modo que é inútil pedir a carruagem.

– Irei, com certeza – insistiu ela. – Caminhando, se preciso. Mas não tenho nada contra me vestir de forma decente. Ah, veja como o sangue agora me escorre pelo pescoço! O fogo faz o corte arder.

Isabella insistiu que eu cumprisse suas ordens, antes de me deixar tocar nela; só me deu consentimento para cuidar do ferimento e ajudá-la a se trocar depois que o cocheiro recebera instruções de se aprontar e uma criada fora enviada para preparar uma valise com suas roupas.

– Agora, Ellen – disse, quando minha tarefa estava concluída e ela se encontrava sentada numa poltrona junto à lareira, com uma xícara de chá –, sente-se aqui perto de mim, mas não traga o bebê de Catherine. Não quero vê-lo! Não pense, a julgar pela minha atitude ao entrar aqui, que não me importo com Catherine. Também chorei, amargamente... Sim, tenho mais razões para chorar do que qualquer outra pessoa. Nós nos separamos sem uma reconciliação, você se lembra, e não hei de me perdoar por isso. Mas, apesar de tudo, não haveria de me solidarizar com ele... com aquele selvagem! Ah, dê-me o atizador da lareira! É a última coisa dele que tenho comigo. – Ela tirou a aliança de ouro do dedo anular e atirou no chão. – Vou esmagá-la! – continuou, golpeando-a com ódio infantil. – Depois vou atirá-la no fogo! – E pegou a aliança amassada, jogando-a entre as brasas. – Pronto! Se ele me levar de volta, que compre outra. É bem capaz de vir atrás de mim, só para irritar Edgar. Não posso ficar aqui, quem sabe a ideia não ocorre àquela mente perversa? E além disso, Edgar não tem sido gentil comigo, tem? Não quero lhe pedir ajuda, nem lhe trazer mais problemas. A necessidade me forçou a buscar abrigo aqui, mas se eu não soubesse que ele estava deitado teria ficado na cozinha, lavado o rosto, me aquecido um pouco, pedido que você me trouxesse as coisas de que precisava e partido novamente para qualquer lugar fora do alcance daquele maldito... daquele goblin encarnado! Ah, e como estava furioso! Se tivesse me alcançado! É uma pena que Earnshaw não possa com ele, em termos de força física. Eu teria ficado até vê-lo aniquilado, se Hindley tivesse condições de fazer isso!

– Não fale tão depressa! – interrompi. – Vai acabar fazendo cair o lenço que amarrei em volta do seu rosto, e a ferida vai voltar a sangrar. Beba seu chá, acalme-se e pare de rir: o riso não é adequado sob este teto, nem na sua condição!

– Verdade inquestionável – replicou ela. – Escute só essa criança! Não para de chorar... mande-a para longe de mim por uma hora, não vou me demorar mais do que isso.

Toquei a sineta e entreguei o bebê aos cuidados de uma criada. Perguntei-lhe o que a impelira a fugir de Wuthering Heights em tal estado e aonde ela pretendia ir, já que se recusava a ficar conosco.

– Eu deveria ficar – respondeu –, e gostaria de fazer isso para alegrar Edgar e cuidar do bebê, pelo menos, mas também porque Grange é o meu verdadeiro lar. Mas estou lhe dizendo que ele não deixaria! Acha que toleraria me ver feliz e ganhando peso, que toleraria pensar que estamos tranquilos e não fazer tudo para envenenar nosso bem-estar? Agora tenho a satisfação de estar convencida de que ele me detesta a ponto de se sentir seriamente incomodado se eu estiver ao alcance de seus ouvidos ou de sua vista. Noto, quando me aproximo dele, que os músculos de seu rosto se contraem involuntariamente numa expressão de ódio, em parte por saber que tenho bons motivos para sentir isso por ele, em parte por sua aversão original. É um ódio forte o suficiente para me convencer de que ele não haveria de me perseguir Inglaterra afora, supondo que eu conseguisse escapar; portanto, preciso ir.⁶⁵ Venci o meu desejo inicial de que ele me matasse: preferiria que matasse a si mesmo! Ele foi eficiente em destruir o meu amor, então estou livre. Ainda me lembro, porém, de como o amei, e posso imaginar que ainda poderia amá-lo se... não, não! Mesmo que ele me tivesse amado cegamente, sua natureza demoníaca teria se revelado de algum modo. Catherine tinha um gosto terrivelmente pervertido para estimá-lo tanto, ela que o conhecia tão bem. Monstro! Quem dera ele sumisse do universo e da minha memória!⁶⁶

– Não fale assim! Ele é um ser humano – objetei. – Seja mais caridosa; há homens ainda piores do que ele!

– Ele não é um ser humano – retrucou Isabella – e não merece a minha caridade. Dei-lhe meu coração, que ele apanhou e esmagou até a morte, jogando-o de volta para mim em seguida. As pessoas sentem com o coração, Ellen, e como ele destruiu o meu, não tenho mais como sentir nada por ele... e nem sentiria, ainda que ele sofresse até o último dos seus dias e chorasse lágrimas de sangue por Catherine! Não, juro a você, não sentiria nada!

Isabella desatou a chorar. Mas logo em seguida, enxugando as lágrimas, recomeçou:

– Você me perguntou o que me levou a finalmente fugir. Fui compelida a tentá-lo porque conseguira despertar nele uma fúria acima de sua malignidade. Puxar os nervos com pinças em brasa requer mais frieza do que golpear a cabeça. Ele foi provocado a ponto de esquecer a prudência diabólica de que se gabava e passar à violência assassina. Tive prazer em conseguir exasperá-lo: esse prazer despertou meu instinto de autopreservação, então fugi; se ele algum dia voltar a pôr as mãos em mim, a vingança vai ser cruel!

“Ontem, como sabe, o sr. Earnshaw deveria ter ido ao enterro. Manteve-se sóbrio com esse propósito... razoavelmente sóbrio, sem ir para a cama enfurecido às seis e se levantar bêbado ao meio-dia. Consequentemente, acordou num terrível estado de depressão, tão adequado à igreja quanto a um baile, e, em vez de ir ao enterro, sentou-se junto à lareira e começou a beber gim e conhaque, um cálice após o outro.

“Heathcliff (estremeço só em dizer o nome!) mal aparecia em casa desde domingo. Se foram os anjos que o alimentaram ou os parentes dele lá embaixo, não sei dizer, mas passou quase uma semana sem fazer uma refeição conosco. Simplesmente entrava em casa, ao raiar do dia, e subia para o seu quarto, onde se trancava. Como se alguém sonhasse em desejar a sua companhia! Ali ficava, rezando como um metodista, mas a divindade à qual se dirigia era feita de pó e cinzas, e quando se dirigia a Deus confundia-o curiosamente com seu demoníaco pai! Depois de concluir essas preciosas orações, que duravam mais ou menos até ele ficar rouco e sua voz soar como que estrangulada na garganta, saía de novo, sempre direto para Grange! Não sei como Edgar não mandou chamar um policial para metê-lo na cadeia! Para mim, triste como estava por Catherine, era impossível não considerar aqueles dias de libertação de minha degradante opressão como umas férias.

“Recobrei o ânimo o bastante para tolerar os eternos sermões de Joseph sem chorar e para andar pela casa sem me esgueirar como um ladrão apavorado. Pode ser difícil de acreditar que eu chorasse por qualquer coisa que Joseph pudesse dizer, mas ele e Hareton são uma companhia detestável. Prefiro sentar-me com Hindley e ouvir seu horrível falatório, do que com o ‘patrãozinho’ e seu fiel criado, aquele velho odioso!

“Quando Heathcliff está em casa, sou com frequência obrigada a ir para a cozinha, onde eles costumam ficar, ou a morrer de fome naqueles quartos úmidos e desabitados. Quando não está, como foi o caso esta semana, ponho uma mesa e uma cadeira ao lado da lareira e não me importo com o que o sr. Earnshaw possa estar fazendo, e ele não interfere em minhas ocupações. Tem estado mais silencioso do que antes, se ninguém o provoca, mais taciturno e

deprimido, e menos furioso. Joseph afirma ter certeza de que é um homem mudado, que o Senhor tocou seu coração e que ele está salvo ‘como alguém que escapa através do fogo’.⁶⁷ Não detecto sinais dessa mudança favorável, mas isso não me diz respeito.

“Ontem à noite, fiquei sentada no meu canto lendo alguns livros antigos até quase a meia-noite. A ideia de subir era tão desanimadora, com a neve soprando lá fora e meus pensamentos voltando sem cessar para o cemitério e para a sepultura recente! Mal ousava erguer os olhos da página à minha frente, de tal modo aquele cenário melancólico instantaneamente ocupava seu lugar.

“Hindley estava sentado diante de mim, a cabeça apoiada na mão, talvez pensando no mesmo assunto. Parara de beber um ponto antes da irracionalidade, e fazia duas ou três horas que não se mexia nem dizia uma palavra. Não se ouvia outro som na casa além do uivar do vento, que sacudia as janelas de quando em quando, o débil estalar das brasas e o clique da tesoura que eu usava para aparar, a intervalos, o pavio comprido da vela. Hareton e Joseph deviam estar dormindo profundamente. Era tudo muito, muito triste, e, enquanto lia, eu suspirava, pois me parecia que toda a alegria tinha desaparecido do mundo, para jamais regressar.

“O lúgubre silêncio foi por fim quebrado pelo som da tranca da cozinha: Heathcliff retornara de sua vigília mais cedo do que o habitual, imagino que por causa da súbita tempestade.

“A porta estava trancada, e pudemos ouvi-lo dando a volta para tentar a outra. Levantei-me, soltando uma expressão irreprimível do que sentia, o que levou meu companheiro, até então com os olhos fixos na porta, a se virar e me fitar.

“– Vou deixá-lo lá fora por cinco minutos – exclamou ele. – Você se importa?

“– Não, por mim pode deixá-lo lá fora a noite inteira – respondi. – Faça isso! Ponha a chave na fechadura, e passe os ferrolhos.

“Foi o que Earnshaw fez, antes que seu hóspede alcançasse a porta da frente. Em seguida, trouxe sua cadeira para junto da minha mesa, curvando-se sobre ela e procurando nos meus olhos solidariedade ao ódio intenso que brilhava nos seus. Como sua aparência e seus sentimentos eram os de um assassino, não pôde encontrar exatamente a mesma coisa, mas descobriu o bastante para encorajá-lo a falar.

“– Eu e você – disse – temos ambos uma grande dívida a acertar com aquele homem lá fora! Se não fôssemos covardes, poderíamos combinar um

modo de nos livrarmos dele. Será que você é tão pouco firme quanto seu irmão? Está disposta a tolerar até o fim, sem tentar nem uma vez se vingar?

“– Estou cansada de tolerar, nesse momento – respondi. – E ficaria feliz com uma retaliação que não acabasse se voltando contra mim, mas a traição e a violência são facas de dois gumes: ferem mais aqueles que as manejam do que seus inimigos.

“– A traição e a violência são apenas um pagamento justo pela traição e pela violência! – exclamou Hindley. – Sra. Heathcliff, não vou lhe pedir que faça nada além de ficar sentada, quieta. Diga-me, tem condições de fazer isso? Tenho certeza de que vai encontrar tanto prazer quanto eu no fim da existência daquele demônio. Ele vai ser a *sua* morte, a menos que aja antes, e vai ser a *minha* ruína. Maldito seja aquele canalha! Bate à porta como se já fosse o dono da casa! Prometa que vai ficar em silêncio, e antes que o relógio volte a bater... só faltam três minutos para a uma... vai ser uma mulher livre!

“Puxou do peito as armas que lhe descrevi em minha carta e queria apagar a vela. Eu a arranquei dele, porém, e segurei seu braço.

“– Não vou ficar calada! – avisei. – O senhor não vai tocar nele. Deixe a porta fechada e fique em silêncio!

“– Não! Já tomei minha decisão, e por Deus, hei de executá-la! – gritou a criatura desesperada. – Vou fazer um favor a você, mesmo que não queira, e justiça a Hareton! E não precisa se preocupar comigo; Catherine se foi. Já não resta mais ninguém para chorar por mim, ou se envergonhar, se eu cortar minha garganta neste minuto... e está na hora de pôr um fim a tudo isto!

“Teria dado no mesmo lutar contra um urso, ou argumentar com um louco. Só o que me restava era correr até uma gelosia e advertir a vítima do destino que a aguardava.

“– É melhor procurar abrigo em outro lugar esta noite! – exclamei, num tom triunfante. – O sr. Earnshaw pretende atirar em você, se continuar tentando entrar.

“– É melhor abrir a porta, sua... – disse ele, dirigindo-se a mim com um termo elegante que não me dou ao trabalho de repetir.

“– Não vou me meter nisso – voltei a dizer. – Entre e leve um tiro, se quiser. Fiz o que era o meu dever.

“Com isso, fechei a janela e voltei ao meu lugar junto à lareira; minhas reservas de hipocrisia era pequeno demais para fingir ansiedade ante o perigo que o ameaçava.

“Earnshaw me xingou com fúria. Afirmou que eu ainda amava o patife e

me chamou de todos os nomes que julgou apropriados ao tipo de pessoa que, segundo ele, eu demonstrava ser. Quanto a mim, pensava secretamente (e a consciência não me censurava) que bênção seria para *ele* se Heathcliff pusesse um fim à sua vida miserável, e que bênção seria para *mim* se ele mandasse Heathcliff à moradia que lhe era de direito! Enquanto refletia sobre essas coisas, a vidraça atrás de mim foi estilhaçada por um golpe de Heathcliff, e seu rosto sinistro assomou à janela. A abertura era estreita demais para permitir que seus ombros passassem, e sorri, exultante em minha suposta segurança. Seu cabelo e suas roupas estavam brancos de neve, e os afiados dentes de canibal, revelados pelo frio e pela ira, brilhavam no escuro.

“– Isabella, deixe-me entrar, ou vou fazer com que se arrependa. – E ‘reganhou’ os dentes, como diz Joseph.

“– Não posso cometer um assassinato – respondi. – O sr. Hindley está a postos, com uma faca e uma pistola carregada.

“– Deixe-me entrar pela porta da cozinha – continuou ele.

“– Hindley vai chegar antes de mim – respondi –, e esse seu amor é mesmo bem fraco, se não pode suportar um pouco de neve! Ficamos em paz nas nossas camas enquanto a lua de verão brilhava, mas quando o inverno regressa você aparece em busca de abrigo! Heathcliff, se eu fosse você ia me estender sobre o túmulo dela e morrer como um cachorro fiel. Já não vale mais a pena viver neste mundo, não é mesmo? Você deixou vividamente impressa em mim a ideia de que Catherine era a única alegria de sua existência. Não imagino como possa pensar em sobreviver à perda dela.

“– Ele está aí, não está? – perguntou o meu companheiro, correndo até a abertura na janela. – Se eu conseguir passar o braço, posso acertá-lo!

“Temo, Ellen, que você há de me considerar realmente perversa; mas ainda não sabe de tudo, então não faça julgamentos! Por nada deste mundo eu teria auxiliado ou instigado uma tentativa de assassinato, nem mesmo contra *ele*. Mas desejava vê-lo morto; por isso, fiquei terrivelmente decepcionada e aterrorizada diante das consequências de minhas palavras sarcásticas quando ele se jogou sobre a arma de Earnshaw e a arrancou dele.

“A arma disparou, e a faca, ao cair, cravou-se no punho de seu dono. Heathcliff puxou-a dali, rasgando a carne e colocando a faca ensanguentada no bolso. Em seguida, pegou uma pedra, quebrou a divisória entre duas janelas e entrou. Seu adversário caíra, sem sentidos, com a dor e a perda de sangue, que jorrava de uma artéria ou veia principal.

“O facínora cobriu-o de pontapés, pisoteou-o e bateu com sua cabeça

repetidas vezes no chão, enquanto me segurava com a outra mão para impedir que eu fosse chamar Joseph.

“Exerceu um autocontrole sobre-humano ao não liquidar com ele por completo; mas, ao ficar sem fôlego, finalmente desistiu e arrastou o corpo aparentemente inerte até o sofá.

“Ali, rasgou a manga do casaco de Earnshaw e atou o ferimento com brutalidade, cuspendo e praguejando durante toda a operação tão energicamente quanto o havia chutado antes.

“Vendo-me em liberdade, não perdi tempo em ir procurar o velho criado, que, percebendo gradualmente o sentido de minha apressada narrativa, correu lá para baixo, arquejando e descendo os degraus de dois em dois.

“– O que é que eu faço, agora? O que é que eu faço?

“– O seguinte – esbravejou Heathcliff –, convença-se de que o seu patrão enlouqueceu, e que se ele durar mais um mês vou mandá-lo para um hospício. E por que diabos você me trancou do lado de fora, velho cachorro desdentado? Não fique parado aí resmungando. Venha, não vou tratar dele. Limpe aquela sujeira e cuidado com as fagulhas da sua vela... mais da metade dele é conhaque!

“– Então você o matou? – exclamou Joseph, erguendo as mãos e os olhos, horrorizado. – Nunca achei que fosse viver para ver uma coisa dessas! Que o Senhor...

“Heathcliff deu-lhe um empurrão e fez com que caísse de joelhos no meio do sangue, atirando-lhe uma toalha em seguida; mas, em vez de se pôr a limpar, ele juntou as mãos e começou uma oração que despertou minha risada com sua estranha fraseologia. Eu já estava numa condição de espírito tal que nada me chocava. Na verdade, meu comportamento era tão imprudente quanto o de certos malfeitores ao pé da forca.

“– Ah, estava me esquecendo de você – disse o tirano. – Você é que vai limpar. De joelhos. E conspira com ele contra mim, não é, víbora? Muito bem, esse é um trabalho apropriado para você!

“Ele me sacudiu até meus dentes baterem uns contra os outros, e me empurrou para o chão ao lado de Joseph, que logo concluiu sua súplica e se ergueu, jurando que partiria de imediato para Grange. O sr. Linton era juiz e, mesmo que cinquenta esposas suas tivessem morrido, tinha de investigar o fato.

“Estava tão obstinado em sua resolução que Heathcliff achou conveniente me obrigar a recapitular o que tinha ocorrido – de pé diante de mim, arquejando de maldade, enquanto eu narrava com relutância, respondendo às suas perguntas.

“Deu trabalho convencer o velho de que Heathcliff não era o agressor,

sobretudo com as minhas respostas, que eram como que arrancadas à força. Logo, porém, o sr. Earnshaw convenceu-o de que ainda estava vivo; Joseph correu a lhe dar uma dose de licor, que fez seu patrão recobrar os movimentos e a consciência.

“Heathcliff, percebendo que seu oponente ignorava o tratamento recebido enquanto estivera inconsciente, declarou-o bêbado delirante; disse que não haveria de se importar mais com sua conduta atroz, mas aconselhou-o a ir para a cama. Para minha alegria, ele nos deixou após essa sensata recomendação, e Hindley esticou o corpo nas lajes da lareira. Fui para o meu quarto, maravilhada com o fato de ter escapado tão facilmente.

“Hoje de manhã, quando desci, cerca de meia hora antes do meio-dia, o sr. Earnshaw estava sentado junto à lareira, em péssimo estado; seu inimigo, quase tão pálido e abatido, recostava-se contra a chaminé. Nenhum dos dois parecia inclinado a tocar a comida; e, após ter esperado até ficar tudo frio sobre a mesa, comecei a comer sozinha.

“Nada me impedia de fazê-lo com vontade, e senti uma espécie de satisfação e superioridade quando, em intervalos, lançava um olhar aos meus mudos companheiros e experimentava o conforto de uma consciência silenciosa dentro de mim.

“Depois de terminar, tomei a rara liberdade de me aproximar do fogo, contornando a poltrona de Earnshaw e me ajoelhando no canto ao lado dele.

“Heathcliff não olhou para mim, e ergui o rosto, contemplando suas feições com tanta confiança que era como se tivessem virado pedra. Sua testa, que um dia eu achara tão máscula e agora considero tão diabólica, estava coberta por uma nuvem pesada; os olhos de basilisco⁶⁸ estavam opacos pela falta de sono, e pelo choro, talvez, pois os cílios estavam úmidos; os lábios, sem o feroz esgar de escárnio e selados numa expressão de indizível tristeza. Se fosse outra pessoa, eu teria coberto o rosto diante de tamanha dor. No caso *dele*, fiquei satisfeita; por mais ignóbil que possa parecer insultar um inimigo caído, não pude perder a chance de dar uma estocada. Sua fraqueza era minha única oportunidade de saborear a vingança.”

– Que vergonha, senhorita! – interrompi. – Seria de se supor que nunca abriu uma Bíblia na vida. Se Deus castiga seus inimigos, isso deveria lhe bastar. É vil e presunçoso somar sua tortura à dele!

– De modo geral, concordo com isso, Ellen – prosseguiu ela –, mas que satisfação hei de tirar do sofrimento de Heathcliff se não tomar parte nele? Preferia que ele sofresse *menos*, se pudesse ser eu a fazê-lo sofrer e ele tivesse

consciência disso. Ah, isso eu lhe devo. Só posso esperar perdoá-lo sob uma única condição: a do olho por olho, dente por dente; pagar a agonia com agonia e reduzi-lo ao meu nível. Como ele foi o primeiro a infligir sofrimento, fazer com que seja o primeiro a implorar perdão; e então... e então, Ellen, eu poderia mostrar alguma generosidade. Mas me vingar é simplesmente impossível, e portanto não posso perdoá-lo. Hindley queria um pouco d'água; eu lhe dei um copo e perguntei como ele estava.

“– Não tão mal quanto gostaria – respondeu. – Mas fora o meu braço cada centímetro do meu corpo dói como se eu tivesse lutado contra uma legião de demônios!

“– Sim, não é de se admirar – foi o meu comentário. – Catherine costumava se gabar de se interpor entre você e a agressão física a que certas pessoas haveriam de submetê-lo se não fosse o medo de ofendê-la. É bom que as pessoas não se levantem *mesmo* do túmulo, do contrário ela teria testemunhado uma cena repulsiva ontem à noite! Não está machucado e cheio de cortes no peito e nos ombros?

“– Não sei dizer – respondeu ele –, mas por que pergunta? Ele ousou me agredir quando eu estava inconsciente?

“– Ele o pisoteou, chutou e bateu com sua cabeça contra o chão – sussurrei. – E sua boca espumava de vontade de rasgá-lo com os dentes, porque ele é só metade homem, ou talvez nem isso, e o restante é um demônio.

“O sr. Earnshaw ergueu os olhos, como eu, para o rosto de nosso inimigo comum, que, absorto em sua angústia, parecia insensível ao que acontecia à sua volta. Quanto mais tempo passava ali, de pé, mais evidentes em seu rosto eram as trevas de suas reflexões.

“– Ah, se Deus me desse forças para estrangulá-lo nos meus últimos momentos de vida, iria para o inferno feliz – gemeu o homem impaciente, esforçando-se para se levantar e afundando de novo em desespero, convencido de sua inadequação para a contenda.

“– Não, basta ele já ter matado um de vocês – observei, em voz alta. – Em Thrushcross Grange, todos sabem que sua irmã estaria viva agora se não fosse pelo sr. Heathcliff. Afinal, é preferível ser odiado do que ser amado por ele. Quando me lembro de como éramos felizes, de como Catherine era feliz antes que ele aparecesse... tenho vontade de amaldiçoar aquele dia.

“Heathcliff provavelmente reparou mais na verdade do que era dito do que no espírito da pessoa que falava. Sua atenção foi despertada, pude ver, pois lágrimas choveram de seus olhos sobre as cinzas, e ele respirava entre suspiros

sufocantes.

“Fitei-o nos olhos e ri com escárnio. As janelas turvas do inferno reluziram por um instante diante de mim; o demônio que em geral mostrava a cara ali estava, porém tão enfraquecido que não temi arriscar mais uma risada de deboche.

“– Levante-se e suma da minha vista – disse ele.

“Pelo menos acho que foi o que disse, embora sua voz fosse quase ininteligível.

“– Perdão – repliquei –, mas eu também amava Catherine, e o irmão dela precisa de cuidados, o que, em memória dela, hei de lhe dispensar. Agora que ela está morta, vejo-a em Hindley: ele tem exatamente os mesmos olhos, ou teria, se você não tivesse tentado arrancá-los, e os deixado vermelhos e roxos; e sua...

“– Levante-se, sua idiota desgraçada, antes que eu a pisoteie até dar cabo de você! – exclamou ele, fazendo um gesto que me obrigou a fazer outro.

“– Mas – continuei, pronta para fugir dali –, se a pobre Catherine tivesse confiado em você e assumido o título ridículo, desprezível e degradante de sra. Heathcliff, logo teria apresentado um quadro semelhante! *Ela* não teria suportado em silêncio o seu comportamento abominável, teria manifestado sua repulsa e seu ódio.

“As costas do sofá e a pessoa de Earnshaw se interpunham entre mim e ele; então, em vez de tentar me agarrar, ele pegou uma faca de cima da mesa e atirou-a na minha cabeça. Acertou-me logo abaixo da orelha e interrompeu minha frase. Tirando-a, porém, corri até a porta e lancei outra frase, que espero tê-lo atingido mais fundo.

“A última visão que tive foi ele partindo para cima de mim, furioso; foi interceptado por seu anfitrião, e os dois caíram embolados perto da lareira.

“Ao atravessar a cozinha em minha fuga, pedi a Joseph que corresse para junto de seu patrão; derrubei Hareton, que estava na entrada, enforcando uma ninhada de cachorrinhos nas costas de uma cadeira, e, feliz como uma alma que escapa do purgatório, corri, aos saltos, pela estrada íngreme; em seguida, abandonando-a, segui diretamente pela charneca, rolando ribanceiras e vadeando pântanos; precipitando-me, na verdade, na direção da luz que vinha de Grange. E preferiria ser condenada pela eternidade às chamas do inferno do que morar por mais uma noite que fosse em Wuthering Heights.”

Isabella se calou e bebeu um gole de chá. Depois levantou e, pedindo-me que a ajudasse a pôr a touca e um grande xale que eu lhe trouxera, sem dar ouvidos às minhas súplicas de que ficasse por mais uma hora, subiu numa

cadeira, beijou os retratos de Edgar e de Catherine, despediu-se de forma similar de mim e desceu para a carruagem, acompanhada por Fanny, que latia de contentamento ao reencontrar a dona. Foi embora, para nunca mais voltar, mas uma correspondência regular se estabeleceu entre ela e o meu patrão assim que as coisas se acalmaram um pouco.

Acho que foi morar no sul, perto de Londres; lá teve um filho, nascido alguns meses depois de sua fuga. Foi batizado com o nome de Linton, e desde o princípio ela relatava tratar-se de uma criatura enfermiça e rabugenta.

O sr. Heathcliff, ao me encontrar certo dia no vilarejo, perguntou-me onde ela morava. Recusei-me a dizer, e ele observou que isso não lhe interessava, mas que ela tivesse o cuidado de não voltar à casa do irmão: não haveria de ficar com ele, ainda que o próprio Heathcliff tivesse que impedi-la.

Embora eu não lhe desse informação alguma, ele descobriu, por meio de algum dos outros criados, onde ela vivia, bem como a existência da criança. Ainda assim, não a incomodou. Essa indulgência ela poderia agradecer, imagino, à aversão que ele lhe tinha.

Perguntava com frequência pela criança, quando me via. Ao ficar sabendo seu nome, deu um sorriso sombrio e observou:

- Querem que eu o deteste também, é isso?
- Acho que não querem que o senhor saiba nada sobre ele – respondi.
- Mas ele vai ser meu – disse ele –, quando eu quiser. Podem ter certeza disso!

Felizmente, a mãe do bebê morreu antes que esse dia chegasse – uns treze anos após o falecimento de Catherine, quando Linton estava com doze anos, ou pouco mais.

No dia seguinte à visita inesperada de Isabella, não tive oportunidade de falar com meu patrão: ele não queria conversar, e não estava em condições de entrar numa discussão. Quando consegui fazer com que me escutasse, vi que ficou satisfeito ao saber que a irmã deixara o marido, alguém que ele execrava com uma intensidade que a suavidade de sua natureza não deixaria suspeitar. Tão profunda era sua aversão que ele se absteve de ir a qualquer lugar onde pudesse ver Heathcliff, ou ouvir falar dele. Isso e a dor transformaram-no num eremita completo: deixou o cargo de magistrado, parou até mesmo de ir à igreja e evitava o vilarejo em todas as ocasiões, levando uma vida de total reclusão, dentro dos limites do parque e de suas terras; as exceções eram somente as caminhadas solitárias na charneca e as visitas ao túmulo da esposa, em geral à noite ou cedo pela manhã, quando era improvável que fosse encontrar alguém.

Mas ele era bom demais para se sentir tão completamente infeliz por muito tempo. *Ele* não rezara para que a alma de Catherine o assombrasse. O tempo trouxe resignação e uma melancolia mais doce do que a alegria comum. Recordava-a com amor ardente e terno, esperando reencontrá-la num mundo melhor, para o qual não duvidava que ela tivesse ido.

Tinha consolo e afeto terrenos também. Por alguns dias, como eu disse, pareceu ignorar por completo a franzina sucessora da falecida: essa frieza derreteu tão rapidamente quanto a neve em abril, e, antes que aquela coisinha miúda pudesse balbuciar uma palavra ou ensaiar um passo, já cravara um cetro de déspota em seu coração.

Fora batizada Catherine, mas ele nunca a chamava pelo nome, como nunca chamara a primeira Catherine pelo apelido, provavelmente porque Heathcliff tinha o hábito de fazê-lo. A pequenina era sempre Cathy; isso a diferenciava, para ele, da mãe, mas ao mesmo tempo estabelecia com ela uma conexão. A dedicação do pai vinha mais da relação que o bebê tinha com a mãe que do fato de ser sua filha também.

Eu costumava fazer uma comparação entre ele e Hindley Earnshaw, e não conseguia explicar satisfatoriamente por que a conduta dos dois era tão oposta em circunstâncias tão similares. Ambos tinham sido maridos apaixonados e eram afeiçoados aos filhos; não conseguia entender por que não tinham seguido o mesmo caminho, para o bem ou para o mal. Em vez disso, eu pensava comigo, Hindley, que parecia ser emocionalmente mais forte, mostrara-se o pior e mais fraco dos dois. Quando seu navio começou a afundar, o capitão abandonou o posto; a tripulação, em vez de tentar salvar a embarcação, entregou-se ao tumulto, e foi tudo posto a perder. Linton, ao contrário, demonstrou a coragem genuína de uma alma leal e fiel: confiou em Deus, e Deus o reconfortou. Um tinha esperança; o outro, desespero. Escolheram sua sorte, e foram assim condenados a aceitá-la.

Mas o senhor não deve estar interessado nos meus sermões, sr. Lockwood; é capaz de julgar essas coisas tão bem quanto eu. Pelo menos deve achar que sim, o que dá no mesmo.

O fim de Earnshaw foi o que se podia esperar, e seguiu rápido o de sua irmã: mal se passaram seis meses entre um e outro. Nós, em Thrushcross Grange, nunca soubemos muito bem o que o precedeu; tudo o que fiquei sabendo foi na ocasião em que fui ajudar na preparação do enterro. O dr. Kenneth veio dar a notícia ao meu patrão.

– Bem, Nelly – disse ele, chegando no pátio certa manhã, cedo demais para que eu não me alarmasse com um pressentimento instantâneo de más notícias –,

agora é a sua vez, e a minha, de vestir luto. Quem acha que nos deixou?

– Quem? – perguntei, alarmada.

– Ora, adivinhe! – Ele se virou, desmontando e pendurando a rédea num gancho junto à porta. – E pegue a ponta do avental: tenho certeza de que vai precisar.

– Não foi o sr. Heathcliff, imagino? – exclamei.

– O quê? E você derramaria lágrimas por ele? – indagou o médico. – Não, Heathcliff é um jovem resistente. Está radiante, hoje. Acabo de vê-lo. Está recuperando peso depressa, desde que perdeu a cara-metade.

– Quem foi então, dr. Kenneth? – repeti, impaciente.

– Hindley Earnshaw! Seu velho amigo Hindley! – respondeu ele. – E aqui vai um comentário algo perverso, entre nós: fazia muito tempo, na minha opinião, que ele andava por demais desregrado. Pronto! Eu disse que você ia chorar. Mas alegre-se! Ele morreu como queria: bêbado feito um gambá. Pobre rapaz! Também sinto muito. Não se pode evitar sentir falta de um velho companheiro, embora ele guardasse na manga os piores truques imagináveis e tenha aprontado poucas e boas comigo. Parece que só tinha vinte e sete anos, a sua idade: quem diria que vocês dois nasceram no mesmo ano?⁶⁹

Confesso que esse golpe foi maior para mim do que o choque da morte da sra. Linton: velhas recordações rodeavam-me o coração. Sentei-me na varanda e chorei como se ele fosse meu parente, desejando que o dr. Kenneth fosse pedir a outro criado que o levasse até a presença do meu patrão.

Não podia evitar me fazer a pergunta: “Será que fora tratado com justiça?” Por mais que a afastasse, a ideia me perseguia; era tão exaustivamente pertinaz que decidi pedir licença para ir até Wuthering Heights e ajudar nos últimos cuidados com o falecido. O sr. Linton estava muito reticente em consentir, mas argumentei eloquentemente que o morto não tinha amigos e disse que meu antigo patrão e irmão de criação tinha tanto direito aos meus serviços quanto ele.⁷⁰ Além disso, recordei-lhe que o pequeno Hareton era sobrinho de sua esposa, e, na ausência de um parente mais próximo, ele deveria agir como seu guardião; deveria também se informar a respeito da propriedade, e se ocupar dos interesses do cunhado.

Ele não estava em condições de cuidar desses assuntos na época, mas me pediu que falasse com seu advogado e, por fim, deixou-me ir. Seu advogado também fora advogado de Earnshaw; fui procurá-lo no vilarejo e pedi que me acompanhasse. Ele sacudiu a cabeça e me aconselhou a deixar Heathcliff em paz; afirmou que se a verdade viesse à tona Hareton ficaria reduzido a pouco

mais do que um mendigo.

– O pai dele morreu endividado – explicou. – A propriedade inteira está hipotecada, e a única chance que resta ao herdeiro natural é lhe dar a oportunidade de criar algum interesse por si no coração do credor, de modo que este se sinta inclinado a tratá-lo com leniência.

Quando cheguei a Heights, expliquei que tinha ido ver se tudo estava sendo feito da maneira adequada; Joseph, que parecia bastante aflito, expressou satisfação com a minha presença. O sr. Heathcliff disse não entender por que razão eu era necessária ali, mas poderia ficar e cuidar dos preparativos para o enterro, se quisesse.

– O certo – observou – seria enterrar o corpo desse idiota numa encruzilhada, sem qualquer tipo de cerimônia.²¹ Saí de casa ontem por dez minutos, e nesse intervalo ele trancou as duas portas da casa, impedindo a minha entrada, e passou a noite deliberadamente bebendo até morrer! Arrombamos a porta hoje pela manhã, pois o ouvimos resfolegar feito um cavalo, e lá estava ele, caído no sofá; nem se o esfolássemos ou o escarpelássemos teria acordado. Mandeí chamar Kenneth, e ele veio, mas não antes que a besta já tivesse se transformado em carniça. Estava morto e frio, rígido, e você há de convir que já não adiantava criar um alvoroço por causa dele!

O velho criado confirmou a declaração, mas murmurou:

– Era melhor que ele tivesse ido chamar o médico! Eu com certeza teria tomado conta do patrão melhor... e ele não estava morto quando saí, não mesmo!

Fiz questão de que o enterro fosse respeitável. O sr. Heathcliff disse que eu podia fazer como bem entendesse, desde que me recordasse de que o dinheiro que pagaria por tudo aquilo vinha do seu bolso.

Sua atitude era dura e indiferente, não revelando alegria ou pesar; expressava, no máximo, uma desumana satisfação como a que se encontra num trabalho difícil executado com sucesso. De fato, numa ocasião notei que havia algo como exultação no seu semblante. Foi no momento em que levaram o caixão. Ele teve a hipocrisia de fingir o luto, e antes de seguir com Hareton o cortejo fúnebre, ergueu a infeliz criança sobre a mesa e murmurou, com prazer peculiar:

– Agora, rapazinho, você é *meu*! E vamos ver se uma árvore não cresce tão torta quanto a outra, com o mesmo vento a torcê-la!

Inocente, a criança ficou feliz com as palavras. Brincava com o bigode de Heathcliff e lhe acariciou o rosto; mas adivinhei o significado do que o outro dissera, e observei, mordaz:

– O garoto deve voltar comigo para Thrushcross Grange, senhor. Nada neste mundo é menos seu do que ele!

– É o que Linton diz?

– Claro! Ele me deu ordens de levá-lo – respondi.

– Bem – disse o patife –, não vamos discutir o assunto agora. Mas ando com vontade de educar um menino. Diga ao seu patrão que vou ter de fazer isso com o meu próprio, se ele quiser levar este aqui. Não me importo em permitir que Hareton se vá, mas vou fazer com que o outro venha! Não se esqueça de dizer isso a ele.

A ameaça foi suficiente para nos deixar de mãos atadas. Repeti seu conteúdo ao regressar, e Edgar Linton, pouco interessado já de saída, não falou mais em interferir. Não acho que teria conseguido nada, mesmo se estivesse disposto a tentar.

O hóspede era agora o dono de Wuthering Heights: provou ao advogado – que por sua vez provou ao sr. Linton – que Earnshaw hipotecara cada metro quadrado da terra que possuía em troca de dinheiro para alimentar o vício do jogo; ele, Heathcliff, era o seu credor.

Desse modo, Hareton, que agora deveria ser o rapaz mais rico das redondezas, foi reduzido a um estado de completa dependência do inimigo inveterado de seu pai. Vive na casa como criado, destituído do direito de receber um salário. Não tem como corrigir a situação, pois não tem amigos e ignora que foi lesado.

⁶⁵. Sobre as ressonâncias literárias do comentário de Isabella, ver nota 79.

⁶⁶. Dentro do horizonte gótico que modela a narrativa de Nelly Dean, Isabella é a personagem que mais radicalmente testemunha o contraste entre o ambiente solar de Thrushcross Grange – do qual é representante – e a atmosfera lúgubre de Wuthering Heights, cujo reflexo se vê nas personagens que dela se originam. A gradativa exposição da “natureza demoníaca” de Heathcliff, combinada ao fim trágico de Hindley, à religiosidade severa de Joseph, ao embrutecimento de Hareton e à perversão de Catherine Linton, é responsável, pouco a pouco, pelos contornos do espaço fantasmagórico que Lockwood terá diante de si em sua primeira visita a seu senhorio.

⁶⁷. A referência é a 1 Coríntios 3:15.

⁶⁸. Segundo diferentes fontes literárias e filosóficas que remontam à Grécia antiga, o basilisco era uma serpente fantástica que dispunha do poder de trazer a morte com um simples olhar. A única forma de matá-la seria colocá-la ante um espelho. “Olhos de basilisco” é uma figura literária clássica.

⁶⁹. Considerando que Hindley nasceu no verão de 1757, Nelly narra eventos relacionados ao ano de 1784.

⁷⁰. Sobre a situação familiar e profissional de Nelly Dean, ver nota 45.

⁷¹. Com este comentário, Heathcliff sugere que Hindley tenha se matado. Havia na Inglaterra a tradição de enterrar criminosos e suicidas nas encruzilhadas. No caso dos últimos, era costume arrastar o cadáver pelas ruas com uma estaca enfiada no coração, para a vergonha pública, e então o enterrar à luz da lua. Registros dessa prática chegam à década de 1820.

CAPÍTULO 18

Os DOZE ANOS que se seguiram a esse período tão triste – continuou a sra. Dean – foram os mais felizes da minha vida: minhas maiores preocupações vinham das doenças sem importância que a nossa menina apanhava de tempos em tempos, doenças comuns a todas as crianças, ricas ou pobres.

Fora isso, depois dos primeiros seis meses ela cresceu com saúde, e já sabia andar e falar também, à sua maneira, antes que a urze florisse uma segunda vez sobre o pó da sra. Linton.

Era a coisinha mais encantadora que já iluminou uma casa desolada: um rosto lindo, com os belos olhos escuros dos Earnshaw, mas a tez clara e as feições delicadas dos Linton, e o cabelo louro e encaracolado. Tinha um temperamento arrebatado, embora não rude; um coração sensível e alegre a fazia viver seus afetos intensamente. A capacidade de estabelecer vínculos apaixonados recordava-me sua mãe; ainda assim, a menina não se parecia com ela: podia ser suave como uma pomba, e tinha a voz branda e uma expressão pensativa. Quando ficava zangada, nunca se enfurecia, e seu amor nunca era ardente, mas sim profundo e terno.

Deve ser dito, porém, que tinha defeitos fazendo par a essas qualidades. Um deles era a tendência a ser insolente, e também uma certa perversidade, que as crianças mimadas invariavelmente adquirem, tenham elas temperamento fácil ou difícil. Se um criado por acaso a contrariava, era sempre “Vou contar ao papai!”. E se ele a reprovava, por um olhar que fosse, parecia o fim do mundo. Acho que o patrão nunca disse a ela uma palavra mais dura.

Assumi integralmente a tarefa de educá-la, e fez disso uma distração. Felizmente, a curiosidade e um intelecto ágil tornaram-na uma boa aluna: aprendia rápido e com avidez, honrando a dedicação do pai como professor.

Até chegar aos treze anos, nunca estivera fora dos limites do parque sozinha. Em raras ocasiões, o sr. Linton levava-a com ele por um quilômetro ou dois, mas não a deixava aos cuidados de mais ninguém. Gimmerton era um nome que nada evocava aos seus ouvidos; a capela, o único lugar do qual se aproximava ou no qual entrava, à exceção de sua própria casa. Wuthering

Heights e o sr. Heathcliff não existiam para ela. Tratava-se de uma perfeita reclusa – e parecia muitíssimo contente com isso. Às vezes, contudo, enquanto observava a região da janela do seu quarto, comentava:

– Ellen, quando é que vou poder andar até o alto daqueles morros? O que há do outro lado... é o mar?

– Não, srta. Cathy – eu respondia –, são outros morros, iguais a esses.

– E como são aquelas rochas douradas quando a gente fica debaixo delas? – perguntou, certa vez.

O abrupto declive de Penistone Crag atraía particularmente sua atenção, sobretudo quando o sol poente brilhava nos seus pontos mais altos e todo o resto da paisagem ficava imerso em sombras.

Expliquei que eram rochas nuas e que mal tinham terra suficiente em suas fendas para permitir o crescimento de árvores mirradas.

– E por que é que continuam tão iluminadas muito depois de ter escurecido aqui? – insistiu.

– Porque estão a uma altura bem maior do que a nossa – respondi. – A senhorita não poderia subir nelas, são altas e íngremes demais. No inverno, a geada chega lá antes de chegar aqui, e no auge do verão já vi neve debaixo daquele buraco preto, do lado nordeste!

– Ah, você já esteve lá! – exclamou ela, entusiasmada. – Então também vou poder ir, quando crescer. Papai já esteve lá, Ellen?

– O seu pai lhe diria, senhorita – respondi, apressadamente –, que não vale a pena visitar aquele lugar. A charneca, por onde caminha com ele, é muito mais interessante; e Thrushcross Park é o lugar mais lindo do mundo.

– Mas eu conheço o parque, e não conheço aqueles penhascos – murmurou ela, consigo mesma. – Adoraria olhar ao meu redor do ponto mais alto. Meu pônei, Minny, vai me levar lá, um dia.

Quando uma das criadas mencionou a Caverna das Fadas, ela ficou obcecada pelo desejo de realizar esse projeto. Atormentava o sr. Linton, e ele prometeu que poderia fazer o passeio quando fosse mais velha. Mas a srta. Catherine calculava sua idade em meses, e a pergunta constante em seus lábios era:

– Já tenho idade para ir a Penistone Crag?

A estrada que levava até lá passava perto de Wuthering Heights. Edgar não tinha coragem de caminhar por ali, de modo que ela recebia sempre a mesma resposta:

– Ainda não, meu bem; ainda não.

Eu disse que a sra. Heathcliff viveu pouco mais de doze anos depois de deixar o marido. Sua família tinha a saúde frágil; faltavam, tanto a ela quanto a Edgar, a saúde e o vigor que normalmente se veem nessa região. Não sei ao certo qual foi sua última doença; suponho que tenham morrido da mesma coisa, uma espécie de febre, a princípio lenta, mas incurável, consumindo depressa a vida até o fim.

Ela escreveu para informar ao irmão a provável conclusão de uma indisposição que durava quatro meses e pediu que ele fosse vê-la, se possível. Tinha muitas coisas a pôr em ordem e queria se despedir dele, confiando-lhe Linton. Sua esperança era a de que Linton fosse deixado com ele, assim como fora com ela. Convencera-se de bom grado que o pai do menino não tinha qualquer desejo de assumir o fardo do seu sustento ou de sua educação.

Meu patrão não hesitou um momento em satisfazer-lhe o pedido. Relutante como era em sair de casa em situações comuns, foi correndo ao encontro dela, entregando Catherine à minha especial vigilância, com ordens reiteradas de que não devia se afastar para além do parque, nem mesmo na minha companhia. Ele não imaginava que ela fosse sair desacompanhada.

Esteve ausente por três semanas. Nos primeiros dois dias, a menina ficou sentada num canto da biblioteca, triste demais para ler ou brincar. Naquele estado de espírito, ela não me preocupava; mas seguiu-se um período de tédio impaciente e irascível. Como eu estava por demais ocupada e já era muito velha para correr de um lado a outro entretendo-a, descobri um método pelo qual ela pudesse se distrair sozinha.

Mandava-a em excursões pela propriedade – ora a pé, ora montada num pônei –, e dedicava paciente atenção ao relato de suas aventuras reais e imaginárias, quando ela regressava.

O verão estava no auge, e ela passou a gostar tanto daqueles passeios solitários que, com frequência, dava um jeito de ficar fora desde o café da manhã até a hora do chá; as noites, então, eram passadas contando suas histórias fantasiosas. Eu não temia que ultrapassasse os limites estabelecidos, pois os portões estavam sempre trancados, e não imaginava que ela fosse se aventurar para além deles, mesmo que estivessem abertos.

Infelizmente, minha confiança se mostrou equivocada. Catherine veio falar comigo certa manhã, às oito horas, dizendo que naquele dia ela era um mercador árabe, e que ia atravessar o deserto com sua caravana. Eu devia lhe dar uma quantidade suficiente de provisões para ela própria e os animais: um cavalo e

três camelos, personificados por um galgo e dois perdigueiros.

Juntei num cesto uma boa quantidade de guloseimas, que pendurei na lateral da sela. Ela montou, alegre como uma fada, protegida do sol de julho pelas abas largas do chapéu, e saiu trotando com uma risada feliz, debochando dos meus conselhos de que evitasse galopar e voltasse cedo.

A danadinha não apareceu à hora do chá. Um dos viajantes, o galgo, já velho e amante do conforto, voltou, mas nem Cathy, nem o pônei ou os dois perdigueiros eram visíveis onde quer que eu olhasse. Enviei criados à sua procura, nesta e naquela direção, indo por fim eu mesma.

Havia um trabalhador consertando uma cerca ao redor de uma plantação, nos limites da propriedade. Perguntei-lhe se vira a senhorita.

– Vi de manhã – disse ele. – Pediu para eu cortar para ela um galho de aveleira, depois saltou com o pônei a sebe, que é mais baixa ali adiante, e saiu galopando até sumir de vista.

O senhor há de imaginar o que senti ao ouvir aquilo. Ocorreu-me de imediato que devia ter ido a Penistone Crag.

– O que há de ser dela? – exclamei, passando por uma abertura que o homem consertava, e me dirigi diretamente à estrada principal.

Caminhei como se disputasse uma corrida, quilômetro após quilômetro, até uma curva de onde se via Wuthering Heights; mas nada de Catherine, perto ou longe.

Penistone Crag fica a menos de três quilômetros depois da propriedade do sr. Heathcliff – ou seja, a pouco mais de seis quilômetros de Grange, então comecei a temer que a noite caísse antes que eu conseguisse chegar aos penhascos.

“E se ela escorregou ao tentar escalá-los”, pensei, “e morreu, ou quebrou alguma coisa?”

Minha aflição era verdadeiramente dolorosa; foi a princípio com grande alívio que vi, ao passar pela casa, Charlie, o mais feroz dos perdigueiros, deitado debaixo de uma janela, a cabeça inchada e uma orelha sangrando. Abri a porteira e corri até a porta, batendo insistentemente para que me deixassem entrar. Uma mulher que eu conhecia, e que antes vivia em Gimmerton, veio abrir: trabalhava como criada ali desde a morte do sr. Earnshaw.

– Ah – disse ela –, veio em busca da patroazinha! Não se preocupe. Está segura aqui; mas ainda bem que não é o patrão.

– Ele não está em casa, então? – perguntei, ofegante devido à caminhada rápida e à preocupação.

– Não, não – disse ela –, tanto ele quanto Joseph saíram, e acho que só voltam dentro de uma hora ou mais. Entre e descanse um pouco.

Entrei e vi minha pequena ovelha negra sentada junto à lareira, balançando-se numa cadeirinha que tinha sido de sua mãe, quando criança. Seu chapéu estava pendurado na parede, e ela parecia perfeitamente à vontade, rindo e tagarelando no melhor humor imaginável com Hareton – agora um rapaz alto e forte de dezoito anos de idade –, que a fitava com bastante curiosidade e espanto, compreendendo muito pouco da fluente sequência de observações e perguntas que ela despejava sem cessar.

– Muito bem, senhorita! – ralhei, escondendo minha alegria por trás de uma expressão zangada. – Foi seu último passeio até seu pai voltar. Não vou mais confiar e deixá-la sair de casa, menina desobediente!

– Ah, Ellen! – exclamou ela, pondo-se de pé num salto e correndo para junto de mim. – Vou ter uma bela história para contar hoje à noite; e então você me encontrou. Alguma vez na vida já esteve aqui?

– Ponha esse chapéu, e já para casa – falei. – Estou muito triste, srta. Cathy, agiu muito mal! Não adianta fazer beicinho e chorar. Isso não vai compensar o trabalho que tive procurando-a em toda parte. E pensar que o sr. Linton me encarregou de mantê-la dentro de casa, e a senhorita fugindo desse jeito! Mostra que é uma raposinha astuciosa, e ninguém mais vai confiar na sua palavra.

– O que foi que eu fiz? – soluçou ela, sob o efeito da bronca. – O papai não me proibiu de fazer nada. Não vai se zangar comigo, Ellen... ele nunca fica irritado como você!

– Venha logo! – repeti. – Eu amarro o laço. Agora chega de petulância. Ah, que vergonha! Treze anos de idade, e que bebê a senhorita é!

Essa última exclamação foi causada pelo fato de ela arrancar o chapéu da cabeça e ir para junto da chaminé, fora do meu alcance.

– Não seja severa com a menina, sra. Dean – disse a criada. – Fomos nós que a fizemos entrar. Queria seguir caminho, com medo de que a senhora ficasse preocupada. Hareton se ofereceu para ir com ela, e achei que devia mesmo, a estrada é perigosa por esses morros.

Durante a conversa, Hareton ficara parado, de pé, as mãos nos bolsos, acanhado demais para falar, embora não parecesse feliz com a minha intromissão.

– Quanto tempo vou ter que esperar? – prossegui, ignorando a interferência da mulher. – Em dez minutos já vai estar escuro. Onde está o pônei, srta. Cathy? E onde está Phoenix? Deixo-a aqui se não se apressar, então faça como quiser.

– O pônei está no pátio – respondeu ela –, e Phoenix está fechado ali dentro. Foi mordido... Charlie também. Eu ia contar tudo isso, mas você está de mau humor e não merece ouvir.

Peguei seu chapéu e me aproximei para colocá-lo de volta, mas, percebendo que as pessoas da casa estavam do seu lado, ela começou a correr em volta da sala; quando fui atrás dela, esgueirou-se como um camundongo por cima, por baixo e por trás dos móveis, tornando a minha tarefa ridícula.

Hareton e a mulher riam, e ela se uniu a eles, ainda mais impertinente, até que gritei, irritadíssima:

– Bem, srta. Cathy, se soubesse de quem é essa casa, trataria de ir logo embora.

– É do *seu* pai, não é? – indagou ela, voltando-se para Hareton.

– Não – respondeu ele, abaixando o rosto e corando, acanhado.

Ele não era capaz de sustentar os olhos dela, embora fossem iguais aos seus.

– De quem é, então? Do seu patrão? – perguntou ela.

Ele corou ainda mais, com um sentimento diferente, praguejou qualquer coisa e virou-lhe as costas.

– Quem é o patrão dele? – continuou a menina incansável, recorrendo a mim. – Ele falava da “nossa casa” e da “nossa gente”. Achei que era filho do dono. E não me tratou por senhorita. Deveria ter tratado, não deveria, já que é um criado?

Diante das palavras infantis, o semblante de Hareton ficou sombrio como uma nuvem. Sacudi silenciosamente a menina, e por fim consegui prepará-la para partir.

– Agora vá buscar meu cavalo – disse ela, dirigindo-se ao seu parente como teria se dirigido a um dos rapazes que trabalhavam no estábulo em Grange. – E pode vir comigo. Quero ver onde é que o caçador de goblins aparece, na charneca, e ouvir mais sobre as fadas, mas ande depressa! Qual o problema? Vá logo buscar meu cavalo.

– Vá para o inferno. Não sou *seu* criado! – grunhiu o rapaz.

– Vá para *onde*? – indagou Catherine, surpresa.

– Para o inferno... sua bruxa atrevida! – respondeu ele.

– Muito bem, srta. Cathy! Está vendo agora em que companhia se meteu? – interrompi. – Bela maneira de se dirigir a uma senhorita! Por favor, não discuta com ele. Venha, vamos nós mesmas buscar Minny e voltar para casa.

– Mas, Ellen – queixou-se ela, encarando-me muito surpresa –, como é que ele ousa falar desse jeito comigo? Não acha que tem que me obedecer? Sua criatura detestável, vou contar ao papai o que você disse. Pronto!

Hareton não pareceu se sentir ameaçado, de modo que lágrimas de indignação brotaram dos olhos dela.

– Traga você o meu pônei – ordenou, dirigindo-se à mulher –, e solte meu cachorro agora mesmo!

– Calma, senhorita – respondeu a criada –, não perde nada com boas maneiras. Embora o sr. Hareton não seja filho do patrão, é seu primo. Quanto a mim, não fui contratada para servi-la.

– *Ele*, meu primo! – exclamou Cathy, com uma risada de escárnio.

– É isso mesmo – retrucou a mulher.

– Ah, Ellen! Não os deixe dizer essas coisas – prosseguiu ela, angustiada. – Papai foi buscar meu primo em Londres... meu primo é filho de um cavalheiro... que... – ela se interrompeu, e começou a chorar abertamente, consternada ante a mera ideia de ser parente de um bronco como aquele.

– Calma, calma – sussurrei –, as pessoas podem ter muitos primos, e de todo tipo, srta. Cathy, sem que isso as torne piores. Só não precisam se dar com eles, se forem gente desagradável e ruim.

– Ele não é... ele não é meu primo, Ellen! – continuou ela, mais triste à medida que refletia sobre o assunto e atirando-se nos meus braços, como se buscasse refúgio daquela ideia.

Eu estava muito aborrecida com a menina e com a criada pelas revelações que acabavam de fazer. Não duvidava que a chegada iminente de Linton, mencionada por Cathy, seria relatada ao sr. Heathcliff, e tinha certeza de que a primeira coisa que a senhorita faria quando o pai voltasse seria buscar uma explicação à afirmação relativa ao parente malcriado.

Hareton, recobrando-se de sua indignação por ter sido tomado por um criado, pareceu comovido pela aflição dela. Trazendo o pônei até a porta, pegou também um belo cachorrinho terrier no canil, colocou-o em suas mãos e pediu-lhe que parasse de chorar, pois não tivera a intenção.

Interrompendo as lamúrias, ela o fitou com um misto de surpresa e horror, e voltou a chorar em seguida.

Eu mal conseguia conter um sorriso diante da antipatia que ela demonstrava pelo pobre rapaz – um jovem atlético, de traços bonitos, robusto e saudável, mas vestindo roupas apropriadas às suas ocupações diárias no trabalho na fazenda e para perambular pela charneca, à caça de coelhos e outros animais. Ainda assim,

acreditei entrever em sua fisionomia uma mente dotada de melhores qualidades do que seu pai jamais possuía. Sem dúvida, boas qualidades perdidas em meio a um emaranhado de ervas daninhas cuja exuberância ultrapassava em muito o crescimento desordenado; prova, contudo, de um solo fértil, que bem poderia produzir colheitas abundantes, sob circunstâncias distintas e mais favoráveis. O sr. Heathcliff, acredito, não o tinha maltratado fisicamente – graças à sua natureza destemida, que não despertava esse tipo de opressão, pois ele não tinha a suscetibilidade tímida que teria provocado maus-tratos, na opinião de Heathcliff. Ele parecia ter usado sua malevolência de modo a embrutecer o rapaz, que não aprendera a ler ou a escrever; nunca fora repreendido por qualquer mau hábito que não incomodasse seu guardião; nunca dera um único passo na direção da virtude ou fora resguardado, por um único preceito, contra os maus hábitos. E, pelo que ouvi, Joseph contribuiu em muito para sua deterioração, através de uma parcialidade estúpida que o levava a bajulá-lo e a mimá-lo, quando era menino, por ser o chefe da velha família. E, da mesma forma que tivera o hábito de acusar Catherine Earnshaw e Heathcliff, quando crianças, de testar a paciência do patrão com o que chamava de “péssimos modos”, obrigando-o a buscar consolo na bebida, agora punha toda a culpa dos defeitos de Hareton no usurpador de sua propriedade.

Se o rapaz xingava, ele não o repreendia, tampouco quando se comportava mal. Aparentemente, vê-lo agir assim dava satisfação a Joseph. Ele dizia que o rapaz estava arruinado, que sua alma estava abandonada à perdição, mas acrescentava que Heathcliff deveria pagar por isso. O sangue de Hareton estava nas suas mãos; e esse pensamento parecia lhe dar um imenso consolo.

Joseph instilara nele o orgulho de seu nome e de sua linhagem. Teria, se ousasse, alimentado o ódio entre ele e o atual proprietário de Heights, mas o medo que sentia deste último chegava às raías da superstição. Assim, limitava seus sentimentos por ele a insinuações feitas entre os dentes e ameaças privadas.

Não afirmo estar intimamente a par do modo de vida que se levava naqueles tempos em Wuthering Heights. Falo de ouvir dizer, pois pouco era o que via. No vilarejo, as pessoas afirmavam que o sr. Heathcliff era um senhorio duro e cruel para com os seus arrendatários; mas a casa, por dentro, recuperara seu antigo aspecto de conforto sob os cuidados de uma criada, e não se viam mais entre aquelas paredes as cenas de tumulto comuns nos tempos de Hindley. O patrão era demasiado taciturno para buscar a companhia de outras pessoas, boas ou más; e ainda é...

Mas não estou avançando na minha história. A srta. Cathy rejeitou a oferta de paz do terrier e exigiu que lhe trouxessem seus próprios cachorros, Charlie e

Phoenix. Os dois vieram mancando e de cabeça baixa, e nos pusemos a caminho de casa, amuados, todos nós.

Não consegui convencer a senhorita a me contar como tinha passado o dia, exceto que, como eu havia suposto, o objetivo de sua peregrinação era Penistone Crag, e que ela chegara sem maiores aventuras ao portão da casa principal, justamente quando Hareton estava saindo em companhia de alguns cachorros, que atacaram os seus animais.

Seguiu-se uma breve batalha, antes que os respectivos donos conseguissem separá-los: essa foi a apresentação. Catherine disse a Hareton quem era e para onde ia, e pediu a ele que lhe mostrasse o caminho; por fim, fez com que a acompanhasse.

Ele lhe desvendou os segredos da Caverna das Fadas e de vinte outros lugares mágicos. Mas, como eu caíra em desgraça, não ganhei uma descrição das coisas interessantes que ela viu.

Pude deduzir, porém, que seu guia fora muito apreciado até ela magoá-lo ao se dirigir a ele como um criado; e a governanta de Heathcliff a magoara ao tratá-lo como seu primo.

Depois, o linguajar dele doía-lhe no fundo do coração – ela, que era sempre “amor” e “querida” e “rainha” e “anjo” para todos em Grange, ser insultada de forma tão chocante por um desconhecido! Não compreendia, e tive um trabalho enorme para fazê-la prometer que não contaria nada ao pai.

Expliquei como ele queria manter distância de todos em Heights, e o quão triste ficaria se soubesse que ela estivera lá; mas insisti sobretudo no fato de que, se ela revelasse a minha negligência no cumprimento das ordens dele, seu pai talvez ficasse tão zangado que eu teria de ir embora, e Cathy não podia tolerar essa perspectiva: empenhou a palavra e cumpriu a promessa, por mim. No fundo, era um amor de menina.

CAPÍTULO 19

UMA CARTA COM uma tarja negra anunciou a data de chegada do meu patrão. Isabella tinha morrido, e ele escreveu dizendo-me que providenciasse roupas de luto para sua filha e preparasse um quarto e outras acomodações para o jovem sobrinho.

Catherine ficou louca de alegria ao saber que o pai voltaria logo, e se pôs a adivinhar, muito entusiasmada, as inúmeras qualidades de seu “verdadeiro” primo.

Veio a noite da tão esperada chegada. Desde cedo, ela estivera ocupada arrumando suas coisas; agora, usando um vestido preto novo – pobrezinha!, a morte da tia não lhe causara muita dor –, obrigou-me, de tanto insistir, a ir com ela recebê-los no caminho.

– Linton é só seis meses mais novo do que eu – tagarelava, enquanto andávamos pelas ondulações do relvado coberto de musgo, sob a sombra das árvores. – Que bom vai ser poder brincar com ele! A tia Isabella mandou para o papai um lindo cacho do cabelo dele; era mais claro do que o meu... mais louro, e igualmente fino. Guardei com todo cuidado numa caixinha de vidro e pensei muitas vezes como seria maravilhoso conhecer seu dono. Ah! Como estou feliz... E o meu pai, meu paizinho tão querido! Venha, Ellen, vamos correr! Vamos, corra!

Ela correu e voltou e correu de novo muitas vezes antes que meus passos sóbrios chegassem ao portão; então sentou-se na grama à beira do caminho e tentou esperar pacientemente. Mas era impossível, não conseguia ficar um único minuto parada.

– Como estão demorando! – exclamou. – Ah, estou vendo poeira na estrada... são eles! Não! Quando é que vão chegar? Não podemos andar mais um pouco, só um quilômetro, Ellen? Só um quilômetro? Diga que sim, só até aquelas árvores ali na curva!

Recusei-me firmemente. Por fim o suspense acabou: surgiu à vista a carruagem com os viajantes.

A srta. Cathy deu um gritinho agudo e estendeu os braços assim que divisou o rosto do pai olhando pela janela. Ele desceu, quase tão ansioso quanto ela; um

intervalo considerável se passou até que prestassem atenção em mais alguém além de si próprios.

Enquanto trocavam carinhos, dei uma espiada lá dentro, à procura de Linton. Estava adormecido num canto, embrulhado num capote quente, forrado de pele, como se fosse inverno. Um menino pálido, efeminado, que poderia passar por irmão mais novo do meu patrão, tão grande era a semelhança. Mas havia um ar insalubre de fastio nele que Edgar Linton jamais tivera.

Este último percebeu que eu olhava e, depois de um aperto de mãos, recomendou que eu fechasse a porta e deixasse o menino quieto, pois a viagem o exaurira.

Cathy gostaria de ter dado uma espiada, mas seu pai a chamou e os dois foram caminhando juntos pelo parque, enquanto eu me apressei para preparar os criados.

– Agora, querida – disse o sr. Linton, dirigindo-se à filha, quando pararam junto aos degraus da frente –, seu primo não é tão forte e alegre quanto você, e perdeu a mãe faz muito pouco tempo, lembre-se; não espere, portanto, que ele comece de imediato a brincar e correr por aí com você. E não o importune falando demais com ele, deixe-o quieto esta noite, pelo menos, está bem?

– Sim, sim, papai – respondeu Catherine. – Mas quero vê-lo, e ele não olhou para fora da carruagem nem uma vez.

A carruagem parou, o menino despertou, e seu tio o pegou e colocou no chão.

– Linton, esta é sua prima Cathy – apresentou ele, juntando as mãozinhas dos dois. – Ela já gosta muito de você. Por favor, não a aflija chorando esta noite. Tente se alegrar, agora; a viagem terminou, e só o que tem a fazer é descansar e se divertir o quanto quiser.

– Então me deixe ir para a cama – pediu o menino, recuando diante do cumprimento de Catherine e levando os dedos aos olhos para enxugar lágrimas que começavam a brotar.

– Vamos, vamos, seja bonzinho – sussurrei, fazendo-o entrar. – Você vai fazê-la chorar também... veja como está triste por sua causa.

Não sei se era por isso, mas a prima botou no rosto uma expressão tão triste quanto a dele, e voltou para junto do pai. Os três entraram em casa e foram para a biblioteca, onde o chá tinha sido servido.

Tirei o gorro e o capote de Linton e o levei até uma cadeira junto à mesa; assim que se sentou, porém, o menino recomeçou a chorar. Meu patrão perguntou qual era o problema.

– Não posso me sentar numa cadeira – soluçou o menino.

– Vá para o sofá, então, e Ellen vai lhe servir um pouco de chá – respondeu pacientemente o tio.

Ele devia ter feito uma viagem muito cansativa, pude ver, com aquele menino rabugento e enfermiço.

Linton se arrastou lentamente da cadeira até o sofá, deitando-se ali. Cathy levou um banquinho e a xícara para junto dele.

A princípio, ficou sentada em silêncio, mas aquilo não tinha como durar: estava decidida a cobrir o primo de mimos, e começou a acariciar seu cabelo, beijar suas bochechas e lhe oferecer chá em seu pires, como se ele fosse um bebê, o que agradou a ele, já que não era muito mais do que isso. Linton enxugou os olhos e abriu o esboço de um sorriso.

– Ah, ele vai ficar ótimo – disse-me o patrão, após observá-los por um instante. – Vai ficar ótimo, se pudermos ficar com ele, Ellen. A companhia de uma criança da sua idade vai lhe dar novo ânimo em breve, e de tanto desejar recobrar as forças vai acabar conseguindo.

“Sim, se pudermos ficar com ele!”, pensei com meus botões; pressentia, contudo, que não havia muitas esperanças de que isso fosse acontecer. Em seguida, perguntei-me como aquela criança fraca iria viver em Wuthering Heights? Entre seu pai e Hareton, que chances teria de brincar e receber uma boa educação?

Nossas dúvidas logo tiveram um fim – ainda mais cedo do que eu esperava. Eu acabara de levar as crianças para o segundo andar, depois do chá, e de botar Linton para dormir (ele não quis que eu o deixasse antes disso); voltara então lá para baixo e estava junto à mesa no vestíbulo, acendendo uma vela para o sr. Edgar levar para o quarto, quando veio da cozinha uma criada e me informou que Joseph, o criado do sr. Heathcliff, estava à porta e desejava falar com o patrão.

– Vou primeiro perguntar o que ele quer – falei, consideravelmente agitada. – Isto não são horas de incomodar as pessoas, e logo quando acabaram de chegar de uma longa viagem. Não creio que o patrão vá poder recebê-lo.

Joseph entrara pela cozinha enquanto eu falava e agora aparecia no vestíbulo. Usava suas roupas de domingo, e a expressão do rosto era a mais pífida e azeda. Segurando o chapéu numa das mãos e a bengala na outra, pôs-se a limpar os pés no capacho.

– Boa noite, Joseph – cumprimentei, friamente. – O que o traz aqui esta noite?

– É com o sr. Linton que preciso falar – respondeu ele, com um gesto desdenhoso para que eu saísse do caminho.

– O sr. Linton está indo se deitar; a menos que você tenha algo de especial para lhe dizer, tenho certeza de que não vai querer ouvir a esta hora – continuei.
– É melhor se sentar aqui e me transmitir o recado.

– Onde é que é o quarto dele? – insistiu o criado, olhando para a fileira de portas fechadas.

Compreendi que não estava querendo aceitar minha mediação, de modo que, muito relutante, fui até a biblioteca e anunciei o inconveniente visitante, aconselhando meu patrão a mandar que voltasse no dia seguinte.

Mas o sr. Linton não teve tempo de me transmitir essas ordens, pois Joseph estava bem nos meus calcanhares, e, entrando na biblioteca, plantou-se na extremidade da mesa, com os dois punhos cerrados em torno da bengala, e começou a dizer num tom exaltado, como se adivinhasse oposição:

– Heathcliff me mandou buscar o menino, e não vou voltar sem ele.

Edgar Linton ficou em silêncio durante um minuto; uma expressão de imensa tristeza se abateu sobre seu rosto. Teria sentido pena da criança por motivos próprios; ao se lembrar, porém, das esperanças e dos temores de Isabella, de tudo o que ela desejava, com grande ansiedade, para o filho, e do fato de tê-lo deixado aos cuidados do tio, sofria terrivelmente ante a ideia de ter que entregá-lo ao pai, e examinava seu coração em busca de uma forma de evitá-lo. Nenhum plano se apresentou: a simples manifestação do menor desejo de ficar com ele teria tornado a intimação ainda mais peremptória. Mas ele não ia acordá-lo.

– Diga ao sr. Heathcliff – respondeu, com toda calma – que seu filho vai para Wuthering Heights amanhã. Está deitado e cansado demais para ir agora. Pode lhe dizer também que a mãe de Linton desejava que ele ficasse sob minha guarda e que, no momento, sua saúde é muito precária.

– Não! – contestou Joseph, batendo com a bengala no chão e assumindo um ar autoritário. – Não! Isso não quer dizer nada. Heathcliff não quer saber qual era a vontade da mãe, nem a sua. Quer o menino, e tenho que levar para ele, o senhor fique sabendo!

– Esta noite não vai levar! – respondeu Linton, com firmeza. – Desça imediatamente e repita ao seu patrão o que eu lhe disse. Ellen, acompanhe-o. Vá...

E, segurando o velho indignado pelo braço, levou-o para fora da biblioteca e fechou a porta.

– Muito bem! – gritou Joseph, enquanto se retirava, devagar. – Amanhã ele mesmo vem, e quero só ver se o senhor vai ter coragem de botar *ele* para fora daqui!

CAPÍTULO 20

COM O PROPÓSITO de evitar que essa ameaça fosse cumprida, o sr. Linton me encarregou de levar o menino para casa cedo, no pônei de Catherine; e acrescentou:

– Como não teremos mais qualquer influência sobre seu destino, para o bem ou para o mal, não deve dizer à minha filha para onde ele foi. Daqui por diante, ela não vai poder mais se dar com ele, e é melhor que não saiba de sua proximidade, do contrário poderia ficar inquieta e ansiosa para visitar Heights. Apenas diga que o pai dele mandou buscá-lo, e que ele foi obrigado a nos deixar.

Linton relutou muito a ser acordado às cinco da manhã e ficou bastante surpreso ao saber que devia se preparar para mais uma viagem; mas suavizei as coisas dizendo que ele ia passar algum tempo com o pai, o sr. Heathcliff, que desejava tanto a sua presença a ponto de não querer adiar esse prazer até ele ter descansado da viagem recente.

– Meu pai! – exclamou, com estranha perplexidade. – A mamãe nunca me disse que eu tinha um pai. Onde ele mora? Eu preferia ficar com meu tio.

– Ele mora a pouca distância de Grange – respondi –, logo atrás desses morros. Não é longe, e talvez possa vir caminhando até aqui quando estiver mais forte. Deveria ficar feliz por ir para casa e por conhecê-lo. Deve tentar amá-lo, como amava a sua mãe, e então ele há de amá-lo também.

– Mas por que nunca me falaram dele? – perguntou Linton. – Por que a mamãe e ele não viviam juntos, como as outras pessoas?

– Ele tinha seus negócios aqui no norte – respondi –, e a saúde de sua mãe obrigava-a a viver no sul.

– E por que a mamãe não me falou dele? – insistiu o menino. – Ela falava com frequência do meu tio, que aprendi a amar há muito tempo. Como é que vou amar o meu pai? Não o conheço.

– Ah, todas as crianças amam seus pais – falei. – Sua mãe talvez achasse que iria querer ficar com ele, se o mencionasse. Vamos nos apressar. Um passeio a cavalo numa manhã linda como esta é muito melhor do que mais uma hora de sono.

– *Ela* vai conosco? – perguntou Linton. – A menininha que vi ontem?

- Agora não – respondi.
- E meu tio? – prosseguiu.
- Não, vou ser sua companheira de viagem.

Linton afundou no travesseiro, pensativo.

– Sem meu tio, não vou – exclamou, por fim. – Não sei para onde é que você está querendo me levar.

Tentei convencê-lo de que mostrar relutância em conhecer o pai era sinônimo de mau comportamento; ainda assim, Linton resistia obstinadamente a se vestir, e tive que pedir ajuda do meu patrão para persuadi-lo a sair da cama. O pobrezinho por fim se deixou levar, com várias afirmativas mentirosas de que sua ausência seria breve, de que o sr. Edgar e Cathy iriam visitá-lo e outras promessas igualmente falsas, que eu inventava e repetia de quando em quando, no caminho.

O ar puro, cheirando a urze, o sol brilhante e o passo suave de Minny logo aliviaram seu desânimo. Ele começou a fazer perguntas acerca de seu novo lar e de seus moradores com mais interesse e vivacidade.

– Wuthering Heights é um lugar tão agradável quanto Thrushcross Grange? – indagou, virando-se para dar uma última olhada na direção do vale, de onde uma névoa leve subia e formava uma nuvem macia no azul do céu.

– Não é tão rodeado de árvores – respondi –, nem tão grande, mas a vista da região é bonita para onde quer que olhe, e o ar é mais benéfico para a sua saúde, mais fresco e seco. Vai talvez achar a casa velha e escura, no início, mas é uma casa respeitável, a segunda melhor nas redondezas. E vai dar tantos passeios agradáveis pela charneca! Hareton Earnshaw, o outro primo da srta. Cathy, portanto seu primo também, de certo modo, vai lhe mostrar os lugares mais bonitos. Nos dias de tempo bom, pode levar um livro para ler ao ar livre, e de vez em quando talvez seu tio o acompanhe num passeio: ele muitas vezes caminha por esses morros.

– E como é o meu pai? – perguntou. – Jovem e bonito como o meu tio?

– É jovem como ele – respondi –, mas tem cabelo e olhos negros, e um ar mais severo; é mais alto e mais forte. Talvez não lhe pareça tão gentil e afetuoso, a princípio, porque não é o jeito dele. Ainda assim, seja sincero e cordial com ele, e, naturalmente, ele vai amá-lo mais do que qualquer tio, afinal é seu pai.

– Cabelo e olhos negros! – refletiu Linton. – Não consigo imaginá-lo. Então eu não sou parecido com ele, não é?

– Não muito – respondi. “Nem um pouco”, pensei, observando com pena a tez branca e o aspecto delgado de meu companheiro, bem como seus grandes

olhos lânguidos... os olhos da mãe, só que, a menos quando acesos um instante por uma mórbida suscetibilidade, sem um único vestígio do reluzente espírito dos dela.

– Que estranho ele nunca ter ido visitar a mamãe e a mim! – murmurou. – Alguma vez me viu? Se tiver visto, eu devia ser um bebê. Não me lembro de absolutamente nada sobre ele!

– Bem, *master* Linton – falei –, quinhentos quilômetros é uma grande distância, e dez anos parecem um intervalo de tempo diferente para um adulto se comparados ao que parecem a alguém da sua idade. É provável que o sr. Heathcliff tenha proposto ir num verão, depois no seguinte, mas nunca tenha encontrado uma oportunidade conveniente, e agora já é tarde demais. Não o importune fazendo perguntas a esse respeito: vão aborrecê-lo, e de nada vai adiantar.

O menino passou o restante do trajeto absorto em seus próprios pensamentos, até chegarmos ao portão do jardim, diante da casa. Observei-o na tentativa de ler em seu rosto as suas impressões. Ele examinou a fachada esculpida e as gelosias baixas, as groselheiras dispersas e os abetos retorcidos com uma intensidade solene, sacudindo então a cabeça: seus sentimentos mais íntimos reprovavam por completo o exterior de sua nova moradia. Mas teve a sensatez de adiar a reclamação, talvez lá dentro houvesse alguma recompensa.

Antes que Linton desmontasse, aproximei-me e abri a porta. Eram seis e meia; a família acabara de tomar o café da manhã, e a criada limpava a mesa. Joseph estava de pé junto à cadeira do patrão contando-lhe alguma história sobre um cavalo manco, e Hareton se preparava para ir trabalhar no campo de feno.

– Olá, Nelly! – disse o sr. Heathcliff, quando me viu. – Estava com medo de ter que descer eu mesmo para ir buscar o que me pertence. Você o trouxe, não trouxe? Vamos ver que tal ele é.

Ele se levantou e caminhou com passos largos até a porta. Hareton e Joseph seguiram-no, boquiabertos de curiosidade. O pobre Linton percorreu com olhos assustados os rostos daqueles três.

– Não tem dúvida, patrão, de que ele trocou com o senhor, e essa daí é a menina dele! – disse Joseph, após solene inspeção.

Heathcliff, fitando o menino até deixá-lo confuso, deu uma risada de escárnio.

– Céus, que beleza! Que coisinha mais encantadora! – exclamou. – Aposto que foi criado à base de caramujo e leite azedo, não é mesmo, Nelly?²² Ah, com todos os diabos! É pior do que eu esperava... e sabe Deus que eu não estava

muito entusiasmado!

Pedi ao menino, trêmulo e confuso, que desmontasse e entrasse em casa. Ele não compreendera por completo o significado das palavras do pai, nem se eram dirigidas a ele: na verdade, ainda não sabia ao certo se aquele estranho de aspecto ameaçador e sarcástico era seu pai. Mas se agarrou a mim com crescente agitação; quando o sr. Heathcliff se sentou e lhe disse que se aproximasse, ele escondeu o rosto no meu ombro e se pôs a chorar.

– Calma, calma! – disse Heathcliff, estendendo a mão e puxando-o rudemente para seus joelhos, para então segurar-lhe a cabeça pelo queixo. – Nada de bobagens! Não vamos machucá-lo, Linton... não é esse o seu nome? Você é filho da sua mãe, inteiramente. Onde é que está a minha marca em você, menino chorão?

Tirou o gorro do menino e pôs para trás os grossos cachos louros, apalpou seus braços finos e os dedos pequeninos. Durante esse exame, Linton parou de chorar e ergueu os grandes olhos azuis para inspecionar o inspetor.

– Você me conhece? – perguntou Heathcliff, constatando que os braços e pernas eram frágeis e fracos.

– Não! – disse Linton, com um olhar de medo vago.

– Mas ouviu falar de mim, suponho?

– Não – respondeu novamente o menino.

– Não? Que vergonha sua mãe nunca ter despertado em você sentimentos pelo pai! Pois fique sabendo que você é meu filho, e que sua mãe era uma cadela imprestável por tê-lo deixado ignorante do tipo de pai que possuía. Não precisa se encolher nem ficar vermelho desse jeito! Embora seja ótimo saber que seu sangue não é branco. Seja bonzinho e vai ter de mim o que quiser. Nelly, pode se sentar se estiver cansada; se não estiver, volte para casa. Imagino que vai contar o que viu e ouviu àquela pessoa insignificante lá em Grange, e esta coisinha não vai sossegar enquanto você estiver por aqui.

– Bem – retruquei –, espero que o senhor trate bem o menino, sr. Heathcliff, ou não há de tê-lo por muito tempo; ele é tudo o que o senhor tem no mundo em termos de família, lembre-se disso.

– Vou tratá-lo muito bem, não precisa se preocupar – rebateu ele, rindo. – O problema é que ninguém mais vai poder fazer isso... quero monopolizar todo o seu afeto. E para começar a minha demonstração de bondade, Joseph, traga ao menino o café da manhã. Hareton, seu vagabundo, vá logo para o trabalho. Sim, Nell – acrescentou, depois que os dois saíram –, meu filho é o herdeiro da propriedade onde você mora, e eu não haveria de querer que ele morresse até ter

certeza de que vou ser seu sucessor. Além disso, ele é *meu*, e quero ter o triunfo de ver o *meu* descendente senhor das propriedades deles; meu filho contratando os filhos deles para cultivar as terras dos pais deles, em troca de pagamento. Esse é o único pensamento capaz de me fazer suportar este animalzinho. Desprezo-o pelo que é e odeio-o pelas memórias que reaviva! Mas esse pensamento é suficiente, ele está a salvo comigo e vai ser tratado tão bem quanto seu patrão trata a filha. Tenho um quarto lá em cima lindamente mobiliado para ele. Também contratei um tutor que virá três vezes por semana, de uma distância de trinta quilômetros, para lhe ensinar o que ele quiser aprender. Dei a Hareton ordens de obedecer a ele, e organizei tudo de modo a fazer com que ele se sinta superior, um cavalheiro e senhor, acima dos outros. Lamento, contudo, que ele mereça tão pouco esse cuidado todo. Se havia algo que eu desejava neste mundo era considerá-lo digno de orgulho, e estou amargamente decepcionado ao vê-lo assim, branquelo e chorão!

Enquanto ele falava, Joseph regressou trazendo uma tigela de mingau, que colocou diante de Linton. O menino espiou a comida caseira com ar de aversão e afirmou que não tinha condições de comê-la.

Notei que o velho compartilhava o desprezo do patrão, embora fosse obrigado a guardar o sentimento em seu coração, já que estava claro que Heathcliff esperava que seus criados o respeitassem.

– Não tem condições de comer? – repetiu ele, perscrutando o rosto de Linton e abaixando a voz a um sussurro, com medo de ser ouvido. – Mas *master* Hareton nunca comia outra coisa quando era pequeno, e o que era bom para ele também lhe serve, acho!

– Não vou comer! – respondeu Linton, irritado. – Leve isso daqui.

Joseph apanhou indignado a comida e trouxe até nós.

– Tem alguma coisa errada neste mingau? – indagou, colocando a bandeja debaixo do nariz de Heathcliff.

– O que é que haveria de ter? – devolveu o outro.

– Ora – respondeu Joseph –, seu menininho grã-fino diz que não tem condições de comer. Mas isso já era de se esperar! A mãe dele era igualzinha... era quase como se a gente fosse sujo demais para semear o milho do pão que ela ia comer.

– Não mencione a mãe dele perto de mim – disse o patrão, furioso. – Traga alguma coisa que ele queira comer e pronto. O que é que ele costuma comer, Nelly?

Sugeri leite fervido ou chá, e a governanta recebeu instruções para prepará-

los.

“Afinal de contas”, refleti, “o egoísmo do pai talvez contribua para o seu bem-estar. Percebe que ele é de constituição delicada e que é preciso tratá-lo de um modo especial. Vou consolar o sr. Edgar informando-lhe o desvio que o humor de Heathcliff tomou.”

Não tendo mais motivos para me demorar ali, saí sem que notassem, enquanto Linton se empenhava em repelir timidamente os avanços de um amistoso cão pastor. Mas ele estava por demais alerta para ser enganado: quando fechei a porta, ouvi um grito, e a frenética repetição dessas palavras:

– Não me deixe! Não vou ficar aqui! Não vou ficar aqui!

Passaram então o ferrolho na porta: não queriam correr o risco de que ele saísse. Montei em Minny e logo a incitei a seguir num trote, concluindo assim minha breve tutela.

⁷². Remonta aos gregos a utilização de leite azedo e caramujos esmagados para o tratamento de algumas enfermidades. Assim, Heathcliff sugere o aspecto doentio do filho.

CAPÍTULO 21

A PEQUENA CATHY nos deu um bocado de trabalho naquele dia. Acordou animadíssima, ansiosa para ver o primo, e à notícia de sua partida seguiram-se tão arrebatadas lágrimas e lamentações que o próprio Edgar foi obrigado a consolá-la, afirmando que o menino voltaria logo. Ele acrescentou, contudo, “se eu conseguir trazê-lo”; não havia esperanças de que isso viesse a acontecer.

A promessa não conseguiu acalmá-la muito, mas o tempo foi mais eficaz; embora de quando em quando ainda tenha perguntado ao pai quando Linton voltaria, antes que tornasse a vê-lo o rosto dele já tinha se apagado de tal maneira na memória de Cathy que ela não o reconheceu.

Quando por acaso eu encontrava a governanta de Wuthering Heights, nas minhas idas a Gimmerton, perguntava-lhe como estava o patrãozinho, que vivia quase tão recluso quando a própria Catherine, sem nunca ser visto. Nesses encontros, fiquei sabendo que continuava com a saúde fraca, e que era maçante cuidar dele. Disse-me que o sr. Heathcliff parecia detestá-lo cada vez mais, embora se esforçasse por ocultá-lo. Antipatizava com o som da sua voz e não conseguia ficar sentado no mesmo cômodo que o filho por mais do que alguns minutos.

Raramente os dois conversavam. Linton estudava suas lições e passava as noites numa saleta, ou então ficava na cama o dia todo, pois estava sempre com tosses e resfriados, e se queixando de todo tipo de dor.

– Nunca vi criatura tão fraca – acrescentou a mulher –, nem tão cheia de cuidados consigo mesma. Como *reclama*, se deixa a janela um pouco aberta à noite. Ah, parece que vai morrer com um arzinho noturno! E a lareira tem que ser acesa em pleno verão; e o cachimbo de Joseph é veneno, e tem sempre de ter doces e guloseimas, e sempre leite, leite a toda hora... no inverno, não se preocupa com ninguém mais, fica sentado, embrulhado em sua capa forrada de pele, junto à lareira, com torradas e água ou outra bebida quente para ir tomando devagarinho. E se Hareton, por pena, vem tentar distraí-lo (Hareton não é má pessoa, embora seja bruto), a coisa termina com um xingando e o outro chorando. Acho que o patrão adoraria ver Earnshaw dando-lhe uma boa surra, se

não fosse seu filho. E tenho certeza de que ia colocá-lo para fora de casa, se soubesse da metade dos seus caprichos. Mas não quer se arriscar e foge à tentação: nunca entra na saleta, e se Linton começa a aprontar em algum lugar da casa onde ele esteja, manda-o logo subir.

Adivinhei, por esse relato, que a completa falta de compaixão tornara o jovem Heathcliff egoísta e desagradável, se ele já não o era por natureza. Meu interesse consequentemente diminuiu, embora ainda me compadecesse de sua sorte, e desejasse que tivesse sido deixado conosco.

O sr. Edgar me incentivava a obter informações: pensava um bocado no sobrinho, creio, e teria corrido riscos para vê-lo. Certa vez, me disse para perguntar à governanta se Linton nunca ia ao vilarejo.

Ela respondeu que ele só estivera lá duas vezes, a cavalo, acompanhando o pai – e em ambas as vezes alegou estar exausto durante os três ou quatro dias subsequentes.

Aquela governanta foi embora, se me lembro bem, dois anos depois da chegada dele; uma outra, que eu não conhecia, foi a sucessora, e ainda vive lá.

O tempo correu em Grange tão agradável quanto antes, até a srta. Cathy completar dezesseis anos. Nunca festejávamos seu aniversário, porque era também o aniversário da morte da minha falecida patroa. Seu pai passava o dia sozinho na biblioteca, invariavelmente. Ao entardecer, caminhava até o cemitério de Gimmerton, onde com frequência se demorava até depois da meia-noite. Catherine, assim, só podia contar consigo mesma para se divertir.

Aquele vinte de março era um belo dia de primavera, e quando seu pai foi para a biblioteca, minha jovem patroa desceu vestida para sair e me disse que pedira permissão para dar um passeio na charneca comigo. O sr. Linton autorizara-a, se não fôssemos longe e estivéssemos de volta dentro de uma hora.

– Então se apresse, Ellen! – exclamou a jovem. – Sei aonde quero ir... é onde há um bando de galinhas. Quero ver se já fizeram os seus ninhos.

– Isso deve ser bem longe – respondi. – Elas não fazem ninhos na beira da charneca.

– Não é longe, não – disse ela. – Já estive bem perto delas com o papai.

Pus o gorro e fui, sem pensar nada demais sobre o assunto. Ela saltitava à minha frente, voltava para junto de mim e se afastava de novo como um jovem galgo; no início, entretive-me ouvindo as cotovias cantando em toda parte, e sentindo o gostoso calor do sol, vendo-a, minha menina querida, os cachos louros esvoaçando, o rosto corado, suave e puro como uma rosa-silvestre, e os olhos radiantes, com um prazer imaculado. Era uma criatura feliz, e um anjo,

naqueles dias. Pena que nunca ficasse satisfeita.

– Bem – perguntei –, onde é que estão as suas galinhas, srta. Cathy? Já devíamos ter chegado... a cerca de Grange está bem distante.

– Ah, só mais um pouco... só mais um pouco, Ellen – respondia, sempre. – Basta subir aquela colina, atravessar aquele baixio, e quando chegar do outro lado já vou ter descoberto os pássaros.

Mas havia tantas colinas a subir e baixios a atravessar que por fim comecei a ficar cansada e disse a ela que tínhamos de parar e voltar.

Tive de gritar, pois Cathy já me ultrapassara em muito; mas ela ou não ouviu ou fingiu não ouvir, pois continuava correndo, e fui obrigada a segui-la. Por fim, sumiu num declive, e quando pude vê-la de novo estava três quilômetros mais próxima de Wuthering Heights do que de sua própria casa; vi duas pessoas agarrando-a, uma das quais eu estava convencida de ser o próprio sr. Heathcliff.

Cathy fora surpreendida roubando ninhos de galinhola, ou pelo menos procurando por eles.

Heights era propriedade de Heathcliff, e ele estava passando uma descompostura na larápia.

– Não cheguei a pegar nem a encontrar ninho algum – dizia ela, gesticulando com as mãos para corroborar as palavras, enquanto eu a custo me aproximava deles. – Minha intenção não era capturar as aves, mas o papai me disse haver muitas aqui; só queria ver os ovos.

Heathcliff me fitou de relance com um sorriso malévolo, expressando que sabia com quem falava e, conseqüentemente, sua má vontade para com ela, e indagou quem era “o papai”.

– O sr. Linton, de Thrushcross Grange – respondeu a moça. – Logo vi que não me conhecia, ou não teria falado desse jeito.

– Supõe então que o seu pai seja muito estimado e respeitado? – indagou ele, com sarcasmo.

– E quem é o senhor? – perguntou Catherine, fitando com curiosidade seu interlocutor. – Esse rapaz eu já vi antes. É seu filho?

Apontou para Hareton, o outro presente ali, que, com dois anos somados à sua idade, em nada progredira a não ser em tamanho e força. Parecia tão desajeitado e bruto quanto antes.

– Srta. Cathy – interrompi –, já faz quase três horas, em vez de uma, que saímos. Precisamos mesmo voltar.

– Não, este rapaz não é meu filho – respondeu Heathcliff, empurrando-me para o lado. – Mas tenho um filho, e a senhorita também já o viu antes. Embora sua governanta esteja com pressa, acho que tanto a senhorita quanto ela deveriam descansar. Não gostaria de caminhar só mais um pouco e vir até a minha casa? Depois que tiverem descansado, o caminho de volta vai ser mais fácil; e vão ser bem recebidas.

Sussurrei a Catherine que ela não deveria, de modo algum, aceitar o convite, estava completamente fora de questão.

– Por quê? – indagou ela, em voz alta. – Estou cansada de correr, e o chão está úmido de orvalho... Não posso me sentar aqui. Vamos, Ellen. Além disso, ele está dizendo que já vi seu filho antes. Está enganado, suponho; mas acho que sei onde mora... na casa que visitei quando voltava de Penistone Crag. Não é lá?

– É sim. Venha, Nelly, e não reclame... ela vai gostar muito de nos fazer uma visita. Hareton, vá na frente com a menina. E você venha comigo, Nelly.

– Não, ela não vai a lugar nenhum! – exclamei, debatendo-me para soltar o braço que ele agarrara. Mas ela já estava quase à porta da casa, correndo a toda para o alto do morro. O companheiro que lhe fora designado nem sequer fingiu que ia junto: entrou por um atalho na beira da estrada e desapareceu.

– Sr. Heathcliff, isso está errado – continuei –, e o senhor sabe que suas intenções não são boas. Ela vai ver Linton em sua casa, e contar tudo assim que voltarmos, e a culpa vai ser minha.

– Quero que ela veja Linton – respondeu ele. – Está com melhor aspecto, esses dias... Nem sempre está em condições de ser visto. E vamos convencê-la a guardar segredo sobre a visita; que mal há nela?

– O mal é que o pai dela vai me odiar se descobrir que a deixei entrar na sua casa, e estou convencida de que o senhor, ao encorajá-la a fazer isso, não tem boas intenções – retruquei.

– Minhas intenções são as melhores do mundo. Vou lhe dizer exatamente quais são – prosseguiu. – Que os dois primos se apaixonem e se casem. Estou sendo generoso com seu patrão; a filha dele não tem perspectivas, e se agir conforme meu desejo vai passar a ser herdeira, conjuntamente com Linton.

– Se Linton morresse – respondi –, e sua vida parece bem precária, Catherine seria a herdeira.

– Não seria, não – respondeu ele. – Não há nenhuma cláusula no testamento que determine isso. A propriedade dele passaria para mim,²³ mas, para evitar brigas, desejo a união dos dois, e estou decidido a fazê-la se tornar realidade.

– E estou decidida a impedir que ela volte a se aproximar da sua casa

comigo – retruquei, quando chegamos ao portão, onde a srta. Cathy nos aguardava.

Heathcliff mandou que eu me calasse, e, seguindo na nossa frente, foi logo abrir a porta. Minha jovem patroa olhava de quando em quando para ele, como se não conseguisse chegar a uma conclusão sobre o que pensar a seu respeito. Mas ele sorria quando seus olhares se encontravam, e amaciava a voz para falar com ela. Fui tola o suficiente para achar que a memória da mãe dela pudesse fazê-lo desistir de lhe desejar mal.

Linton se encontrava de pé junto à lareira. Estivera andando pelos campos, pois estava de chapéu, e chamava Joseph para que lhe trouxesse sapatos secos. Era alto para a idade; ia completar dezesseis anos dentro de alguns meses. Suas feições ainda eram bonitas, e os olhos e a cor da pele mais claros do que eu me lembrava, embora houvesse neles um brilho meramente temporário, adquirido com a atmosfera saudável e o sol brando.

– Muito bem, quem é aquele ali? – perguntou Heathcliff, voltando-se para Cathy. – Você sabe?

– Seu filho? – arriscou ela, após examinar, desconfiada, primeiro um, depois o outro.

– Sim, sim – respondeu ele. – Mas esta é a primeira vez que o vê? Pense! Ah, que memória curta a senhorita tem! Linton, não se lembra da sua prima, que antes tanto nos pedia para ir ver?

– O quê, Linton? – exclamou Cathy, tomada de alegre surpresa ao ouvir o nome. – Esse é o pequeno Linton? Está mais alto do que eu! Você é Linton?

O jovem se aproximou e confirmou. Ela o beijou fervorosamente, e os dois se fitaram maravilhados com o que o passar do tempo fizera à aparência de ambos.

Catherine já alcançara sua estatura de adulta; era ao mesmo tempo roliça e esbelta, elástica e firme, e sua aparência geral resplandecia de saúde e animação. O aspecto e os movimentos de Linton eram bastante lânguidos, e seu corpo extremamente franzino, mas havia uma graça em seu modo de agir que mitigava esses defeitos e o tornava alguém não de todo desagradável.

Depois de trocar várias demonstrações de afeto com ele, sua prima foi até onde estava o sr. Heathcliff, que se demorava junto à porta, dividindo sua atenção entre o que se passava dentro de casa e lá fora – isto é, fingindo observar o exterior, quando na verdade só notava o que transcorria lá dentro.

– E o senhor é meu tio, então! – exclamou ela, esticando o corpo para beijá-lo. – Achei mesmo que simpatizava com o senhor, embora estivesse muito

aborrecido, a princípio. Por que não vem nos visitar em Thrushcross Grange, com Linton? Viverem todos esses anos como vizinhos tão próximos e nunca irem nos ver é estranho. Por que isso?

– Visitei Grange vezes demais, antes que a senhorita nascesse – comentou ele. – Vamos, pare com isso! Se tem beijos de sobra, vá dá-los em Linton. Desperdiça-os comigo.

– Ellen, sua malvada! – exclamou Catherine, correndo para me atacar com seus carinhos desmedidos. – Sua perversa! E tentar me impedir de entrar. Mas vou fazer esta caminhada todas as manhãs, daqui por diante. Posso, tio? E vou trazer o papai algumas vezes. O senhor não ficaria feliz em nos ver?

– Claro – respondeu o tio, com uma mal contida careta, resultante da profunda aversão por ambos os possíveis visitantes. – Mas ouça – prosseguiu, virando-se para a jovem. – Pensando bem, é melhor que eu lhe conte. O sr. Linton não gosta de mim; brigamos em certo momento de nossas vidas, com encarniçada ferocidade. Se mencionar que deseja trazê-lo, ele vai proibir por completo as suas visitas. De modo que não deve dizer nada sobre isso, a menos que não queira nunca mais ver seu primo. Pode vir, se quiser, mas não deve dizer nada.

– Por que brigaram? – indagou Catherine, consideravelmente desanimada.

– Ele me achava pobre demais para me casar com a irmã – explicou Heathcliff – e ficou aborrecido quando eu a conquistei, com o orgulho ferido. Nunca há de me perdoar.

– Isso está errado! – contestou a jovem. – Em algum momento vou dizer a ele. Mas Linton e eu nada temos com a sua briga. Não virei aqui, então; ele virá me ver em Grange.

– É longe demais para mim – murmurou o primo. – Eu morreria se caminhasse seis quilômetros. Não, venha a senhorita aqui, srta. Catherine, de tempos em tempos; não todas as manhãs, mas uma ou duas vezes por semana.

O pai lançou ao filho um olhar de puro desprezo.

– Receio, Nelly, estar perdendo meu tempo – sussurrou para mim. – A srta. Catherine, como o pateta a chama, vai acabar descobrindo que ele não vale nada e mandando-o aos quintos dos infernos. Se fosse Hareton, em vez dele! Sabe que vinte vezes por dia desejo que Hareton, com toda a sua degradação, fosse meu filho? Amaria o rapaz, se fosse outra pessoa. Mas acho que ele está a salvo do amor *dela*. Vou colocá-lo contra aquela criatura insignificante, se ela não tomar jeito logo. Calculamos que mal vai chegar aos dezoito anos. Ah, veja que sujeito insípido! Está absorto em secar os pés e nem olha para ela... Linton!

– Sim, pai – respondeu o rapaz.

– Não tem nada para mostrar à sua prima, por aí, nem mesmo um ninho de coelhos ou de fuinha? Leve-a para o jardim, antes de trocar os sapatos; vá até a estrebaria ver seu cavalo.

– Será que a senhorita não prefere ficar aqui e se sentar? – perguntou Linton, dirigindo-se a Cathy num tom que expressava relutância em voltar a fazer esforço físico.

– Não sei – considerou ela, lançando um olhar na direção da porta, evidentemente ansiosa para sair.

Ele continuou sentado e se encolheu mais para perto do fogo. Heathcliff se levantou, foi até a cozinha e dali até o pátio, chamando Hareton. Este respondeu, e logo os dois regressaram. O jovem estivera se lavando, o que era evidente pelo brilho em sua face e pelos cabelos molhados.

– Ah, quero lhe fazer uma pergunta, tio – começou a srta. Cathy, lembrando-se do que lhe dissera a governanta. – Esse aí não é meu primo, é?

– É sim – respondeu ele –, é o sobrinho da sua mãe. Não gosta dele?

Catherine tinha uma expressão estranha no rosto.

– Não é um rapaz bonito? – prosseguiu Heathcliff.

A rude criatura se pôs nas pontas dos pés e sussurrou algo ao ouvido de Heathcliff. Este riu, e Hareton pareceu aborrecido. Percebi que era muito sensível a supostas desfeitas e obviamente tinha alguma noção de sua inferioridade. Mas seu patrão ou guardião fez com que ele desfranzisse a testa ao exclamar:

– Você parece ser o favorito entre nós, Hareton! Ela diz que é um... O que foi que ela disse? Bem, algo bastante lisonjeiro. Muito bem, vá você mostrar a ela a fazenda. E se comporte como um cavalheiro, ouviu bem? Não diga palavrões e não olhe para a jovem se ela não estiver olhando para você, e esconda o rosto quando estiver; quando falar, pronuncie as palavras com calma, e não fique com as mãos nos bolsos. Vá logo, e seja gentil com ela.

Ficou observando o par que passava diante da janela. Earnshaw desviava completamente o rosto de sua companheira. Parecia estudar a paisagem familiar com o interesse de um forasteiro e de um artista.

Catherine olhou de relance para ele, expressando pouca admiração. Voltou então a atenção para outras coisas que pudessem distraí-la, passeando alegremente e cantarolando uma melodia qualquer a fim de suprir a falta de conversa.

– Eu o tornei incapaz de falar – observou Heathcliff. – Não vai arriscar uma única sílaba! Nelly, você se lembra de mim na idade dele... não, alguns anos mais novo. Eu por acaso parecia tão idiota, tão “bronco”, como diz Joseph?

– Pior – respondi –, porque era mais mal-humorado.

– Sinto prazer em vê-lo – prosseguiu ele, pensando em voz alta. – Satisfezo minhas expectativas. Se fosse um idiota de nascença, eu não gostaria tanto. Mas ele não é tolo, e posso me solidarizar com seus sentimentos, já que os senti eu mesmo. Sei exatamente o que está sofrendo agora, mas é apenas o começo do que irá sofrer. E nunca vai conseguir emergir do seu pântano de rudeza e ignorância. Mantenho-o com pulso mais firme do que o canalha do seu pai manteve a mim, e mais baixo, pois ele sente orgulho de sua bestialidade. Ensinei-lhe a desprezar tudo o que não é meramente animal como sendo tolo e fraco. Não acha que Hindley ficaria orgulhoso do filho, se pudesse vê-lo? Quase tão orgulhoso quanto eu do meu. Mas há uma diferença: um deles é ouro usado como pedra de calçamento, e o outro é latão polido para imitar um serviço de prata. O *meu* não tem valor algum, mas vou ter o mérito de fazê-lo ir tão longe quanto sua mediocridade permitir. O *dele* tinha qualidades de primeira, que se perderam: transformei-as em algo inútil. Não tenho nada a lamentar; ele teria, só eu sei o quanto. E a melhor parte da história é que Hareton gosta muito de mim! Você há de reconhecer que superei Hindley. Se o patife se erguesse do túmulo para me agredir pelos males causados ao filho, eu teria o prazer de ver o dito filho voltar-se contra ele, indignado por vê-lo cometer a ousadia de atacar o único amigo que tem no mundo!

Heathcliff deu uma risada diabólica ante a ideia. Nada respondi, por ver que ele não esperava uma resposta.

Enquanto isso, nosso jovem companheiro, sentado longe demais para ouvir o que era dito, começou a demonstrar sintomas de desconforto, provavelmente arrependido por ter se privado da presença de Catherine pelo simples medo de se cansar.

Seu pai notou os olhares ansiosos que dirigia à janela, e a mão irresolutamente estendida para o chapéu.

– Levante-se, seu preguiçoso! – exclamou, com fingido entusiasmo. – Vá atrás deles! Estão logo ali no canto, junto às colmeias.

Linton reuniu suas forças e saiu de perto da lareira. A gelosia estava aberta, e enquanto ele saía ouvi Cathy perguntando ao seu insociável acompanhante o que era aquela inscrição acima da porta. Hareton olhou para cima e coçou a cabeça como um verdadeiro bronco.

– É uma porcaria qualquer – respondeu. – Não consigo ler.

– Não consegue ler? – exclamou Catherine. – Eu consigo, está em inglês... Mas quero saber por que está ali.

Linton riu; sua primeira demonstração de contentamento.

– Ele não sabe ler – informou à prima. – Pode acreditar na existência de um burro de tamanho calibre?

– Ele é normal? – perguntou a srta. Cathy, com ar sério. – Ou é *simples*, não funciona bem da cabeça? Já lhe perguntei duas vezes, e em ambas ele fez uma cara tão idiota que acho que não me entende. Eu com certeza mal consigo entendê-lo!

Linton riu de novo e olhou com ar provocador para Hareton, que de fato não parecia capaz de compreender direito o que estava acontecendo naquele momento.

– Não há nada de errado com ele, a não ser preguiça, não é, Earnshaw? – disse ele. – Minha prima acha que você é um idiota. E agora você vê no que dá desprezar quem “toma lição”, como você diria. Já notou, Catherine, o horrível sotaque dele?

– Que diabo há de errado com você? – rosnou Hareton, mais habituado a responder ao companheiro de todos os dias. Estava prestes a acrescentar mais alguma coisa, mas os dois jovens irromperam num acesso de riso, minha jovem patroa encantada ao descobrir que podia transformar aquele jeito esquisito de falar em fonte de diversão.

– Qual o motivo de dizer “diabo” nessa frase? – perguntou Linton, com um riso abafado. – Papai lhe avisou que não dissesse palavras dessa natureza, mas você não consegue abrir a boca sem praguejar! Tente se comportar como um cavalheiro, vamos!

– Se você não fosse mais uma mocinha do que um rapaz, eu arrebatava sua cara agora mesmo, seu desgraçado! – respondeu, furioso, o rústico camponês, retirando-se com o rosto pegando fogo num misto de raiva e humilhação, pois tinha consciência de que fora insultado e vergonha de não saber como reagir.

Tendo, assim como eu, ouvido a conversa, o sr. Heathcliff sorriu ao ver o rapaz indo embora, mas logo em seguida lançou um olhar de singular aversão para o frívolo par, que continuava conversando junto à porta – o rapaz todo animado comentando os defeitos e as deficiências de Hareton, contando piadas sobre ele; a moça deleitando-se com aquelas palavras atrevidas e rancorosas, sem considerar a má índole que deixavam patente. Comecei a sentir mais

aversão do que compaixão por Linton, e a perdoar seu pai, em certa medida, por desprezá-lo.

Ficamos até de tarde: não consegui arrancar a srta. Cathy dali antes disso. Mas felizmente meu patrão ainda não saíra do quarto, e não notara nossa prolongada ausência.

Enquanto caminhávamos para casa, eu bem gostaria de ter falado a Cathy da verdadeira natureza das pessoas que acabávamos de deixar, mas ela metera na cabeça que eu tinha alguma coisa contra elas.

– Ahá! – exclamou –, você está do lado do papai, Ellen. É parcial, eu sei, do contrário nunca teria me enganado durante tantos anos, dizendo que Linton morava muito longe daqui. Estou bastante zangada, mas por outro lado estou tão contente que nem tenho como demonstrar minha zanga! Você só não deve dizer nada contra o *meu* tio... ele é meu tio, lembre-se, e vou repreender papai por ter brigado com ele.

E continuou dizendo coisas dessa ordem até eu desistir de qualquer tentativa de convencê-la de seu erro.

Não mencionou a visita naquela noite, porque não esteve com o sr. Linton. No dia seguinte, para minha tristeza, foi tudo relatado; de todo modo, não lamentei por completo: achava que a tarefa de a orientar e advertir seria desempenhada com mais eficiência por ele do que por mim. Mas o pai não quis se abrir e dar à filha motivos satisfatórios para seu desejo de que evitasse qualquer contato com a casa de Heights, e Catherine gostava de ter boas razões para qualquer limitação às suas vontades de garota mimada.

– Papai! – exclamou ela, após os cumprimentos matinais. – Imagine quem vi ontem, enquanto passeava pela charneca? Ah, papai, esse sobressalto seu... está com a consciência pesada, não é? Eu vi... mas ouça, e vou lhe contar como descobri. E Ellen, que está mancomunada com você, fingia sentir tanta pena de mim quando eu esperava que Linton voltasse, e ficava decepcionada porque isso não acontecia!

Cathy contou, nos mínimos detalhes, o passeio e suas consequências. Embora não me lançasse mais do que um olhar de reprovação, meu patrão nada disse até que ela tivesse concluído. Então a puxou para si e lhe perguntou se sabia por que ele escondera dela a proximidade de Linton. Poderia ela pensar que era para lhe negar um prazer inocente?

– Foi porque você não gosta do sr. Heathcliff – respondeu a jovem.

– Então acha que me importo mais com os meus próprios sentimentos do que com os seus, Cathy? – argumentou ele. – Não, não foi porque não gosto do

sr. Heathcliff, mas porque o sr. Heathcliff não gosta de mim... e é um homem diabólico, que se compraz em desgraçar e arruinar aqueles que odeia, se lhe derem a menor oportunidade. Eu sabia que você não teria como manter relações com seu primo sem ter contato com ele, e sabia que ele haveria de odiá-la por minha causa; portanto, e apenas pelo seu próprio bem, tomei precauções para que você não voltasse a ver Linton. Pretendia explicar tudo em algum momento, quando você fosse mais velha, e lamento não tê-lo feito antes.

– Mas o sr. Heathcliff foi bastante gentil, papai – observou Catherine, sem se deixar convencer –, e não se opôs que voltássemos a nos ver. Disse que eu poderia ir à sua casa sempre que quisesse, mas não deveria dizer nada a você, porque você brigou com ele e não quer perdoá-lo por ter se casado com a tia Isabella. E é verdade, você não quer perdoá-lo. O culpado é você: ele pelo menos permite que sejamos amigos, Linton e eu; você, não.

Meu patrão, percebendo que ela não queria acreditar no que lhe dizia sobre a perversidade do tio, descreveu em linhas gerais a conduta dele para com Isabella e a forma como Wuthering Heights se tornara sua propriedade. Ele não aguentava falar muito do assunto; embora raramente tocasse nele, ainda sentia por seu antigo inimigo o mesmo horror e a mesma repulsa que ocupavam seu coração desde a morte da sra. Linton. “Ela ainda poderia estar viva, se não fosse por ele!”, era sua constante e amarga reflexão. A seus olhos, Heathcliff parecia um assassino.

A srta. Cathy – que não conhecia más ações exceto as suas próprias pequenas desobediências, injustiças e demonstrações de cólera, frutos de seu temperamento impetuoso e irrefletido, das quais se arrependia no dia mesmo em que as cometia – ficou espantada com a perversidade que levaria alguém a tramar vingança durante anos e a seguir adiante com seus planos deliberadamente, sem um traço de remorso. Parecia tão profundamente impressionada e chocada com essa nova faceta da natureza humana – excluída de todos os seus estudos e de todas as suas ideias até então – que o sr. Edgar achou desnecessário prolongar o assunto. Apenas acrescentou:

– Agora já sabe, minha querida, por que desejo que você evite a casa e a família dele. Volte então às suas antigas ocupações e distrações, e não pense mais neles!

Catherine beijou o pai e se sentou em silêncio, dedicando-se às lições por algumas horas, como era seu hábito; depois acompanhou-o em seu passeio, e o dia transcorreu como de costume. À noite, porém, quando subiu para o quarto e fui ajudá-la a se despir, encontrei-a chorando, de joelhos ao lado da cama.

– Ah, deixe disso, sua bobinha! – exclamei. – Se tivesse sofrimentos reais,

ficaria envergonhada por gastar uma única lágrima nessa pequena contrariedade. A senhorita nunca teve nem sombra de um sofrimento grande. Imagine, por um minuto, que meu patrão e eu tivéssemos morrido, e a senhorita estivesse sozinha no mundo, como haveria de se sentir, então? Compare a presente ocasião com uma aflição como essa, e sinta-se grata pelos amigos que tem, srta. Catherine, em vez de ambicionar mais.

– Não estou chorando por mim, Ellen – respondeu Cathy. – É por ele, que imaginava me ver de novo amanhã e vai ficar tão desapontado... há de esperar por mim, e eu não irei!

– Bobagem! – retruquei. – Imagina que ele tem pensado na senhorita tanto quanto pensa nele? Por acaso ele não tem Hareton para lhe fazer companhia? Ninguém chora por ter perdido uma relação com alguém que só viu duas vezes, em duas tardes. Linton há de imaginar o que aconteceu, e não vai perder mais tempo pensando na senhorita.

– Mas será que não posso escrever um bilhete dizendo a ele por que não poderei ir? – perguntou ela, pondo-se de pé. – E mandar aqueles livros que prometi emprestar? Os livros dele não são tão bons quanto os meus, e ele ficou muito empolgado quando lhe falei como eram interessantes. Não posso, Ellen?

– Não, não pode! De jeito nenhum – neguei, categoricamente. – Ele depois ia lhe escrever em resposta, e isso nunca mais teria fim. Não, srta. Catherine, as relações entre a senhorita e esse menino têm de acabar por completo. É o que seu pai espera, e hei de garantir que aconteça.

– Mas como é que um simples bilhetinho...? – recomeçou ela, colocando no rosto uma expressão de súplica.

– Silêncio! – interrompi. – Não vamos começar com essa história de bilhetinhos. Vá para a cama.

Catherine me lançou um olhar furioso, tão furioso que a princípio me recusei a lhe dar um beijo de boa-noite: cobri-a e fechei a porta, bastante aborrecida. No meio do caminho me arrependi, voltei silenciosamente ao quarto, e eis que dei com a mocinha de pé junto à escrivaninha, com uma folha de papel em branco à sua frente e um lápis na mão, que tratou de esconder, culpada, quando entrei.

– Não vai conseguir ninguém para levar esse bilhete, Catherine, se o escrever. E agora vou apagar sua vela.

Coloquei o apagador sobre a chama, recebendo, ao fazê-lo, um tapa na mão e um petulante “mulher horrível!”. Fui-me dali novamente, e ela passou o ferrolho, num de seus piores acessos de irritação e capricho.

A carta foi concluída e levada ao seu destinatário por um leiteiro que vinha do vilarejo, mas só vim a saber disso muito tempo depois. As semanas se passaram, e o humor de Cathy melhorou, embora agora desse para se esconder nos cantos sozinha, e com frequência, se eu me aproximasse de repente enquanto estava lendo, sobressaltava-se e se debruçava sobre o livro, obviamente tentando escondê-lo; e eu notava folhas soltas em meio às páginas.

Também passou a descer bem cedo de manhã e a ficar ali pela cozinha, como se esperasse a chegada de alguma coisa. E tinha uma gavetinha num armário da biblioteca na qual remexia por horas a fio, e cuja chave sempre tomava o cuidado de remover quando se afastava.

Um dia, enquanto ela examinava a gaveta, observei que os brinquedos e bugigangas que anteriormente a ocupavam tinham se transformado em pedaços de papel.

Minha curiosidade e minha desconfiança foram despertadas. Decidi dar uma olhada em seus misteriosos tesouros; assim, à noite, logo que ela e meu patrão se retiraram aos seus aposentos, procurei, entre as chaves da casa, uma que coubesse na fechadura. Abrindo-a, derrubei todo o conteúdo em meu avental e levei-o para o meu quarto, a fim de examinar tudo com calma.

Embora só o que tivesse fossem suspeitas, fiquei surpresa ao descobrir que havia um grande volume de correspondência²⁴ – diária, ao que parecia – remetida por Linton Heathcliff; eram respostas a cartas dela. As mais antigas eram acanhadas e breves; gradualmente, porém, se expandiram e se tornaram copiosas cartas de amor – tolas, como era de se esperar dada a idade do remetente, mas com toques, aqui e ali, que me pareceram vir de fonte mais experiente.

Algumas me pareceram misturas estranhas de ardor e insipidez; começavam com um tom de sentimento forte e sincero, e terminavam do jeito afetado e palavroso com que um colegial poderia se dirigir a uma amada imaginada, incorpórea.

Se agradavam a Catherine, não sei dizer; a mim pareciam dignas de ir parar no lixo. Depois de ler um punhado, amarrei-as num lenço e as pus de lado, voltando a trancar a gaveta vazia.

Como era de hábito, minha jovem patroa desceu cedo e foi para a cozinha. Observei-a se dirigir para a porta, ao ver chegar um rapazinho; enquanto a encarregada pelo leite enchia sua lata, Catherine meteu algo no bolso do casaco dele e tirou outra coisa dali.

Dei a volta no jardim e fiquei à espera do mensageiro, que lutou corajosamente para defender a confiança que nele haviam depositado, e

derramamos o leite. Por fim, porém, consegui tirar dele a epístola; ameaçando-o com sérias consequências se não fosse direto para casa, fiquei ali e folheei a afetuosa carta escrita pela srta. Cathy. Era mais simples e mais eloquente que as de seu primo: muito bonita e muito tola.

Balancei a cabeça e voltei pensativa para casa. Como o dia estava chuvoso, ela não podia se divertir passeando pelo parque; assim, ao concluir os estudos da manhã, recorreu ao consolo da gaveta. Seu pai estava sentado à mesa, lendo; eu propositalmente me ocupava consertando umas franjas meio rotas na cortina da janela, observando com atenção o que ela fazia.

Nenhum pássaro que tenha regressado ao ninho onde deixara seus filhotes chilreando e o encontrado saqueado expressou desespero mais absoluto na angústia de seus pios e bater das asas do que ela, com um simples “oh!” e a mudança que transfigurou seu rosto, ultimamente não muito alegre. O sr. Linton ergueu os olhos.

– O que foi, querida? Você se machucou? – indagou.

Seu tom de voz e a expressão em seu olhar asseguraram a ela de que não fora *ele* o descobridor do tesouro escondido.

– Não, papai! – disse, sobressaltada. – Ellen! Ellen! Suba comigo... estou me sentindo mal!

Obedeci e a acompanhei.

– Ah, Ellen! Elas estão com você – começou a dizer, imediatamente, caindo de joelhos, quando nos vimos a sós. – Ah, devolva-me, e nunca mais volto a escrever, nunca mais! Não conte ao papai. Você não contou ao papai, Ellen, diga que não! Fui muito desobediente, mas não faço mais isso!

Com ar muito severo, mandei que ela se levantasse.

– Muito bem – exclamei. – Srta. Catherine, já vem trocando essas cartas faz tempo, ao que parece. Pode se envergonhar delas! É com certeza uma boa pilha de lixo que examina em suas horas de lazer. Merecia ser publicada! E o que acha que seu pai vai pensar quando eu as mostrar a ele? Ainda não fiz isso, mas não pense que vou guardar seus segredos ridículos. Que vergonha! E a iniciativa de escrever esses absurdos deve ter sido sua, ele não teria pensado em começar, tenho certeza.

– Não fui eu! Não fui eu! – soluçou Cathy, tristíssima. – Não pensei nem uma vez sequer em amá-lo até que...

– *Amá-lo!* – exclamei, pronunciando a palavra com desprezo absoluto. – *Amá-lo!* Onde já se viu! Daqui a pouco vou dizer que amo o moleiro que vem uma vez por ano comprar nosso milho. Que belo amor! Somando as duas vezes,

a senhorita mal chegou a ver Linton por quatro horas em toda a sua vida! Aqui está o seu lixo infantil. Vou levar tudo para a biblioteca, e veremos o que seu pai tem a dizer sobre esse *amor*.

Ela pulou para apanhar as preciosas epístolas, mas segurei-as acima da cabeça; Cathy então suplicou, transtornada, que eu as queimasse – que fizesse qualquer coisa menos mostrá-las ao seu pai. E eu, tão inclinada a rir dela quanto a ralar com ela – pois achava que era tudo bobagem de criança –, acabei cedendo, com uma condição. Perguntei-lhe:

– Se eu concordar em queimá-las, a senhorita me promete de pés juntos que nunca mais vai enviar nem receber uma única carta que seja, nem um livro, pois notei que lhe mandou livros, nem cachos de cabelo, nem anéis, nem brinquedinhos?

– Não trocamos brinquedinhos – exclamou Catherine, o orgulho vencendo a vergonha.

– Nada, então, senhorita? – repeti. – Se não prometer, vou descer agora mesmo.

– Prometo, Ellen! – exclamou ela, agarrando meu vestido. – Ah, jogue-as no fogo, jogue logo!

Mas quando fui abrir espaço na lareira com o atizador, o sacrifício se mostrou grande demais. Ela suplicou, com sinceridade, que eu poupasse uma ou duas.

– Uma ou duas, Ellen, só para me lembrar de Linton!

Desatei o lenço e comecei a jogá-las no canto da lareira, e a chama subiu numa espiral pela chaminé.

– Vou guardar uma, sua desgraçada! – gritou ela, metendo a mão no fogo e tirando dali alguns fragmentos parcialmente consumidos, à custa dos próprios dedos.

– Muito bem, e vou guardar algumas para mostrar ao seu pai! – respondi, separando o resto e me virando de novo para a porta.

Catherine jogou os pedaços enegrecidos de papel de volta nas chamas e fez um gesto para que eu concluísse a imolação. Assim fiz; agitei as cinzas e as enterrei debaixo de um punhado de carvões, enquanto ela se retirava aos seus aposentos, calada e aparentando estar muito ofendida. Desci para dizer ao patrão que o mal-estar da filha já tinha quase passado, mas que julgava melhor ela ficar deitada um pouco.

Ela não quis almoçar, porém reapareceu na hora do chá, pálida, os olhos vermelhos, mas com aparência externa de extraordinária tranquilidade.

Na manhã seguinte, respondi à carta com um bilhete que dizia: “Pede-se ao jovem sr. Heathcliff que não mande mais bilhetes à srta. Linton, pois não lhe serão entregues.” Daquele dia em diante, o rapazinho passou a vir de bolsos vazios.

⁷³ As intenções de Heathcliff estão permeadas de dificuldades. Em primeiro lugar, na época em que se passa a narrativa (entre as décadas de 1770 e 1800) uma herança não podia ser transmitida a ascendentes (caso da relação entre Heathcliff e seu filho); apenas com a entrada em vigor da Lei da Herança, de 1833, isso se torna possível. Além disso, dentro das leis em vigor era proibido a um herdeiro menor de idade – caso de Linton – produzir um testamento.

⁷⁴ A correspondência amorosa era uma importante etapa da corte entre casais. Manuais como *The New Lover's Instructor; or, The Whole Art of Courtship* (1780) traziam, inclusive, modelos de missiva amorosa, a serem adaptados a cada circunstância. O aspecto fortemente modelar do contato escrito entre jovens deriva de uma situação convencional mais ampla, em que o arranjo de um casamento envolvia interesses e vantagens familiares; daí a necessidade de uma discrição quase furtiva, no caso de desrespeito a tais convenções – o que, no limite, poderia custar a honra das partes.

CAPÍTULO 22

O VERÃO CHEGOU AO FIM, e o outono avançava. A festa de São Miguel²⁵ já tinha passado, mas a colheita estava atrasada naquele ano, e ainda havia trabalho a fazer em alguns dos nossos campos.

O sr. Linton e a filha iam muitas vezes caminhar entre os ceifadores. Quando os últimos fardos foram carregados, ficaram até a noitinha, e com o tempo frio e úmido meu patrão pegou um forte resfriado, que lhe atacou obstinadamente os pulmões e o deixou confinado dentro de casa por todo o inverno, quase sem poder sair.

A pobre Cathy, tendo seu primeiro romance frustrado, estava bem mais triste e abatida; seu pai insistia que lesse menos e fizesse mais exercício. Ela já não contava mais com a companhia dele; eu acreditava ser meu dever suprir essa falta tanto quanto possível. Mas eu era uma substituta ineficiente, pois só podia dispor de duas ou três horas para sair com ela, dadas minhas inúmeras ocupações diurnas, e minha companhia era obviamente menos desejável que a dele.

Certa tarde de outubro, ou do início de novembro – uma tarde fresca e úmida, em que a grama e os caminhos farfalhavam com folhas murchas e o frio céu azul estava parcialmente encoberto por grandes nuvens cinza-chumbo que corriam rapidamente do oeste e prenunciavam chuva abundante –, pedi à minha jovem patroa que desistisse do passeio, pois eu tinha certeza de que cairia um aguaceiro. Ela se recusou. Relutante, peguei uma capa e meu guarda-chuva para acompanhá-la numa caminhada até a extremidade do parque: um passeio formal, que ela normalmente fazia se estivesse deprimida – o que era sempre o caso quando o sr. Linton piorava, situação que ele nunca confessava mas que tanto eu quanto ela adivinhávamos pelo seu silêncio crescente e a melancolia estampada em seu rosto.

Catherine caminhava tristemente: agora não havia correrias nem saltos, embora o vento frio bem pudesse ter lhe dado vontade de sair em disparada. Além disso, eu podia ver com frequência, pelo canto do olho, que ela levantava a mão e limpava a face.

Olhei ao redor em busca de alguma coisa que pudesse distrair seus

pensamentos. Numa ribanceira alta e acidentada de um dos lados da estrada, aveleiras e carvalhos mirrados, com as raízes meio expostas, seguravam-se com dificuldade. O solo não era firme o bastante para os carvalhos; os ventos fortes tinham deixado alguns deles quase horizontais. No verão, a srta. Cathy deleitava-se em subir naqueles troncos e sentar-se nos galhos, balançando-se seis metros acima do chão; e eu, satisfeita em ver sua agilidade e seu coração alegre e infantil, ainda considerava apropriado repreendê-la todas as vezes que a via lá no alto, mas de modo que ela soubesse não haver necessidade de descer. Ficava deitada em seu berço embalado pela brisa, da hora do almoço até o chá, sem fazer nada a não ser cantar antigas canções para si mesma – as cantigas de ninar que aprendera comigo; ou observar os pássaros, inquilinos comuns, alimentando os filhotes e ensinando-os a voar; ou aninhar-se com os olhos fechados, meio sonhando, mais feliz do que as palavras poderiam expressar.

– Olhe, senhorita! – exclamei, apontando para um canto sob as raízes de uma árvore retorcida. – O inverno ainda não chegou. Há uma florzinha logo ali, o último broto daquela infinidade de campânulas que em julho cobriam com uma névoa lilás aqueles degraus na grama. Não quer subir ali e colhê-la, para mostrar ao seu pai?

Cathy ficou olhando por um bom tempo para a flor solitária tremulando em seu abrigo terreno, e respondeu, por fim:

– Não, não vou tocar nela. Mas tem um aspecto melancólico, não tem, Ellen?

– Sim – observei –, quase tanto quanto a senhorita. Suas faces estão sem cor, me dê a mão e vamos correr. Está tão fraquinha que aposto que consigo acompanhá-la.

– Não – repetiu ela, e continuou caminhando, parando de vez em quando para contemplar musgos, um tufo de relva ressecada ou um fungo espalhando seu tom de laranja em meio aos montes de folhagem marrom; de tempos em tempos levava a mão ao rosto.

– Catherine, por que está chorando, meu bem? – perguntei, aproximando-me e passando o braço sobre seus ombros. – Não chore só porque o papai está resfriado; dê graças a Deus por não ser algo pior.

Ela não refreou mais as lágrimas, e os soluços a sufocaram.

– Ah, mas vai piorar – disse. – E o que vou fazer quando você e o papai me deixarem e eu ficar sozinha? Não consigo esquecer suas palavras, Ellen; estão sempre ecoando nos meus ouvidos. Como a vida vai mudar, como o mundo vai ser quando o papai e você tiverem morrido.

– Ninguém pode garantir que a senhorita não venha a morrer antes de nós – repliquei. – É errado premeditar desgraças. Esperamos que muitos anos se passem antes que qualquer um de nós se vá. O patrão é jovem, e eu sou forte, mal completei quarenta e cinco anos. Minha mãe viveu até os oitenta, e foi uma mulher bem-disposta até o fim. Imagine que o sr. Linton vivesse até os sessenta, isso seria mais tempo do que os seus anos de vida. Não acha uma tolice lamentar uma calamidade vinte anos antes da hora?⁷⁶

– Mas a tia Isabella era mais nova do que o papai – observou ela, erguendo os olhos numa tímida esperança de obter mais consolo.

– A tia Isabella não tinha a senhorita e a mim para cuidar dela – argumentei. – Não era feliz como o patrão, e não tinha muito que a prendesse à vida. Tudo o que precisa fazer é cuidar bem do seu pai, alegrá-lo, mostrando-se alegre a senhorita mesma, e evitar lhe trazer qualquer tipo de preocupação: lembre-se bem disso, Cathy! Não duvido de que poderia matá-lo se fosse insensata e imprudente, alimentando um afeto bobo e imaginário pelo filho de uma pessoa que ficaria feliz em vê-lo no túmulo, e deixando transparecer que sofreu com a separação que ele achou necessário promover.

– Nada mais neste mundo me faz sofrer exceto a doença do papai – respondeu minha companheira. – Nada me importa, em comparação com o papai. E eu nunca, nunca, enquanto estiver de posse do meu juízo, vou fazer ou dizer algo que possa aborrecê-lo. Amo-o mais do que a mim mesma, Ellen, e sei disso porque todas as noites rezo para viver mais do que ele... pois prefiro sofrer do que fazê-lo sofrer. Isso prova que o amo mais do que a mim mesma.

– Belas palavras – retruquei. – Mas as ações também precisam prová-lo; e depois que ele estiver curado, não se esqueça das decisões tomadas num momento de apreensão.

Enquanto falávamos, aproximamo-nos de um portão que dava para a estrada. Minha jovem patroa, iluminando-se outra vez, subiu e sentou no alto do muro, estendendo os braços para colher uns frutos que sobressaíam, escarlata, nos ramos mais altos das roseiras-bravas que projetavam na estrada sua sombra. Os frutos mais baixos tinham desaparecido, mas aqueles só os pássaros conseguiam alcançar, ou então Cathy, de onde se encontrava.

Ao esticar o braço para apanhá-los, porém, seu chapéu caiu; como o portão estava trancado, ela resolveu descer para apanhá-lo. Pedi-lhe que tomasse cuidado para não cair, e ela agilmente desapareceu. Mas voltar não foi tão fácil: as pedras eram lisas e bem cimentadas, e os galhos das roseiras e das amoreiras não podiam ajudá-la. Não me dei conta disso, como uma boba, até ouvi-la rindo e exclamando:

– Ellen! Você vai ter que ir buscar a chave, ou vou ter de dar a volta até a guarita de entrada. Não dá para subir o muro do lado de cá!

– Fique onde está – respondi –, estou com meu molho de chaves aqui no bolso, talvez consiga abrir. Se não conseguir, vou buscar a chave.

Catherine ficou dançando de um lado para outro, divertindo-se, enquanto eu experimentava as chaves grandes, uma após a outra. Cheguei à última e vi que nenhuma servia. Repetindo que não saísse dali, estava prestes a ir correndo para casa a toda a pressa quando um ruído me deteve. Era um cavalo que se aproximava trotando. Cathy também parou de dançar.

– Quem é? – sussurrei.

– Ellen, gostaria que você abrisse a cancela – sussurrou, ansiosa, a jovem.

– Olá, srta. Linton! – exclamou uma voz profunda (a do cavaleiro). – Que bom encontrá-la. Não se apresse em entrar, pois quero pedir e receber uma explicação.

– Não hei de lhe falar, sr. Heathcliff – respondeu Catherine. – O papai diz que o senhor é um homem mau, e odeia tanto a ele quanto a mim; Ellen diz o mesmo.

– Isso não vem ao caso – rebateu Heathcliff (era ele). – Não odeio meu filho, certamente, e é a propósito dele que peço sua atenção. Sim, é mesmo o caso de ficar corada. Não é verdade que há coisa de dois ou três meses tinha o hábito de escrever para Linton? Cartinhas de amor, não é? Os dois mereciam uma boa surra por isso! Sobretudo a senhorita, que é a mais velha... e a menos sensível, ao que parece. Suas cartas estão em meu poder, e, se me vier com insolências, mando-as ao seu pai. Suponho que tenha se cansado da brincadeira e decidido interrompê-la, não foi? Bem, com isso precipitou Linton numa depressão profunda.^{zz} Ele estava sendo sincero, estava realmente apaixonado. Pode estar certa de que está morrendo por sua causa, o coração partido graças à sua leviandade. E isso não é maneira de dizer, é um fato. Piora a cada dia, embora Hareton venha debochando dele faz seis semanas e eu tenha tomado medidas mais drásticas, tentando lhe meter medo para que abandone essa estupidez. Vai estar debaixo da terra antes que chegue o verão, a menos que a senhorita faça alguma coisa!

– Como pode mentir tão descaradamente para a pobre menina? – exclamei, do outro lado. – Por favor, siga o seu caminho! Como pode inventar deliberadamente mentiras tão torpes? Srta. Cathy, vou quebrar a tranca com uma pedra. Não acredite nesses vis despropósitos. Pense bem, é impossível alguém morrer de amor por uma desconhecida.

– Não sabia que tínhamos bisbilhoteiros ouvindo – resmungou o canalha. – Cara Nelly Dean, gosto de você, mas não gosto de sua falsidade – acrescentou ele em voz alta. – Como pode você mentir tão descaradamente e afirmar que eu odiava a “pobre menina”, e inventar histórias a fim de aterrorizá-la e mantê-la distante da minha porta? Catherine Linton (o simples nome já me anima), minha menina bonita, vou passar a semana fora de casa; vá e veja a senhorita mesma se não estou dizendo a verdade. Seja boazinha e vá! Imagine o seu pai em meu lugar, e Linton no seu, então imagine o que haveria de pensar de seu amado insensível se, diante da ameaça do seu pai, ele se recusasse a dar um passo para reconfortá-la, e não caia no mesmo erro por pura estupidez. Juro pela salvação da minha alma que ele vai parar no túmulo, e a senhorita é a única que tem condições de salvá-lo!

A fechadura cedeu e eu saí.

– Juro que Linton está morrendo – repetiu Heathcliff, olhando firmemente para mim. – E o pesar e o desapontamento estão apressando sua morte. Nelly, se não quer deixá-la ir, pode ir você mesma. Mas só vou estar de volta daqui a uma semana, a esta mesma hora, e penso que seu patrão não haveria de se opor se ela fosse visitar o primo.

– Venha – chamei, pegando Cathy pelo braço e obrigando-a a entrar, pois demorava-se ali, observando com um olhar preocupado o rosto de seu interlocutor, duro demais para deixar transparecer a fraude.

Ele aproximou mais um pouco o cavalo e, inclinando-se, comentou:

– Srta. Catherine, confesso que tenho pouca paciência com Linton; Hareton e Joseph têm menos ainda. Reconheço que em nossa companhia ele está mal servido. Anseia por gentileza e também amor, e uma palavra gentil sua seria o melhor remédio. Não dê ouvidos às cruéis reprimendas da sra. Dean, seja generosa e arrume um modo de ir vê-lo. Ele sonha com a senhorita dia e noite, e não se convence de que não o odeia, já que não lhe escreve nem o visita.

Fechei o portão e rolei uma pedra para ajudar a mantê-lo assim. Abrindo o guarda-chuva, puxei a minha menina para baixo dele, pois a chuva começara a cair por entre os galhos murmurantes das árvores, advertindo-nos para que não nos demorássemos ali.

Nossa pressa fez com que não comentássemos o encontro com Heathcliff no caminho para casa, mas instintivamente adivinhei que o coração de Catherine estava agora toldado por um peso duplo. Os traços de seu rosto estavam tão tristes que não pareciam ser os seus: ela evidentemente acreditara em cada sílaba do que ouvira.

O patrão se recolhera para descansar. Cathy foi até seu quarto perguntar como estava; ele adormecera. Ela voltou e me pediu que lhe fizesse companhia na biblioteca. Tomamos o chá juntas e em seguida ela se deitou no tapete, pedindo-me que não falasse, pois estava cansada.

Peguei um livro e fingi ler. Assim que me julgou absorta naquela ocupação, Cathy começou a chorar em silêncio; parecia, no momento, seu passatempo favorito. Tolerei aquilo por algum tempo, depois expressei meu desagrado, ridicularizando todas as afirmativas do sr. Heathcliff a propósito do filho, como se estivesse certa de que ela concordaria. Ai de mim! Não tive a habilidade de neutralizar o efeito que o relato dele produzira: era exatamente o que ele tencionava.

– Talvez você tenha razão, Ellen – replicou ela –, mas não vou conseguir sossegar até saber com certeza. E tenho de dizer a Linton que não é por minha culpa que não lhe escrevo mais, e convencê-lo de que nada mudou de minha parte.

De que adiantava eu me zangar e protestar contra sua tola credulidade? Naquela noite despedimo-nos com hostilidade, mas no dia seguinte lá estava eu na estrada para Wuthering Heights, junto ao pônei da minha jovem e voluntariosa ama. Não podia suportar seu sofrimento, ver seu rosto pálido e abatido, e os olhos pesados. Por isso cedi, na vaga esperança de que Linton provasse, ao nos receber, que aquela história toda não tinha fundamento.

⁷⁵. Celebrado no dia 29 de setembro (isto é, no começo do outono no hemisfério Norte), o Michaelmas – ou Festa de São Miguel Arcanjo – é uma data do calendário litúrgico da cristandade do Ocidente. Na Inglaterra medieval, o Michaelmas passou a marcar o período de colheita e, assim, a virada do ano agrícola.

⁷⁶. É preciso colocar em perspectiva o comentário de Nelly Dean sobre a longevidade. Em fins do séc.XVIII, a expectativa de vida na Inglaterra (a exemplo de toda a Europa) não ultrapassava os quarenta anos. Assim, a criada não só conheceu uma mãe mais do que longeva para os padrões de seu tempo como, aos 45 anos, compreendia ter chegado a um ponto de virada de sua própria vida. Chegar aos sessenta anos em um ambiente desprovido dos avanços técnicos e científicos que, a partir de meados do séc.XIX, conferem melhores condições de saúde e saneamento às populações urbanas significava, então, um grande feito.

⁷⁷. No original, *Slough of Despond*, expressão que se cristalizou no inglês a partir da narrativa alegórica *O peregrino* (1678), de John Bunyan. No autor puritano, trata-se de um charco, no qual o protagonista (Cristiano) afunda sob o peso de seus pecados e de seu sentimento de culpa. A partir de Bunyan, a expressão veio a significar “depressão profunda”.

CAPÍTULO 23

À NOITE CHUVOSA sucedera-se uma manhã enevoadada – parte geada, parte chuvisco –, e riachos temporários cruzavam nosso caminho, gorgolejando desde as partes mais elevadas do terreno. Meus pés estavam completamente encharcados; eu estava irritada e desanimada, estado de espírito perfeito para tornar tudo ainda mais desagradável.

Entramos na casa pela porta da cozinha, a fim de nos certificarmos de que o sr. Heathcliff estava mesmo ausente – pois eu não me fiava muito na afirmativa dele.

Joseph parecia estar sozinho, numa espécie de paraíso, sentado diante de um fogo crepitante, uma caneca de cerveja e vários biscoitos de aveia na mesa ao seu lado, e o cachimbo preto e curto na boca.

Catherine correu até a lareira para se aquecer. Perguntei se o patrão estava. Minha pergunta ficou tanto tempo sem resposta que supus que o velho ficara surdo e a repeti, num tom de voz mais alto.

– Nã... ão! – rosnou ele, ou, antes, gritou pelo nariz. – Nã... ão! Vocês têm que voltar para o lugar de onde vieram.

– Joseph! – gritou uma voz impertinente, ao mesmo tempo que eu, vinda lá de dentro. – Quantas vezes vou ter que chamá-lo? Só restam umas poucas brasas. Joseph! Venha imediatamente.

As baforadas vigorosas e o olhar fixo na lareira deixavam evidente que ele não dera ouvidos ao chamado. A governanta e Hareton não estavam à vista; a primeira saíra para cumprir uma tarefa qualquer e o segundo provavelmente trabalhava. Reconhecemos a voz de Linton e entramos.

– Ah, espero que morra de fome lá na sua mansarda! – disse o rapaz, tomando nossa chegada pela de seu criado negligente.

Ao perceber o erro, interrompeu-se; a prima correu em sua direção.

– Ah, é a senhorita, srta. Linton? – perguntou, levantando a cabeça do braço da poltrona em que se encontrava reclinado. – Não... não me beije... fico sem ar. Pobre de mim! Papai disse que a senhorita viria me visitar – prosseguiu ele, depois de se recobrar um pouco do abraço de Catherine, enquanto ela, de pé ao

seu lado, parecia bastante contrita. – Querem por favor fechar a porta? Deixaram-na aberta, e essas... essas criaturas *detestáveis* não trazem carvões para a lareira. Está tão frio!

Aticei as cinzas e fui eu mesma buscar um balde de carvão. O inválido reclamou que ficou coberto de cinzas, mas tinha uma tosse cansativa e uma aparência febril e enfermicha, de modo que não repreendi seu mau humor.

– Bem, Linton – murmurou Catherine, quando sua testa franzida relaxou –, está feliz em me ver? Acha que posso lhe fazer bem?

– Por que não veio antes? – perguntou ele. – Devia ter vindo, em vez de mandar correspondências. Escrever aquelas cartas longas me deixava terrivelmente cansado. Eu teria preferido conversar com a senhorita. Agora já não consigo mais conversar, nem fazer qualquer outra coisa. Onde está Zillah? – E, dirigindo-se a mim, acrescentou: – Quer ir à cozinha dar uma olhada?

Eu não recebera o menor agradecimento por meu outro favor; como não tinha vontade de andar para cima e para baixo ao seu comando, respondi:

– Não há ninguém por lá além de Joseph.

– Tenho sede – exclamou ele, irascível, e virou o rosto. – Zillah está sempre indo a Gimmerton desde que o papai se foi: é terrível! E sou obrigado a descer... eles resolveram não me dar ouvidos quando estou lá em cima.

– Seu pai cuida bem do senhor, sr. Heathcliff? – perguntei, notando que Catherine agora continha seus avanços amistosos.

– Se cuida bem de mim? Ele pelo menos *os obriga* a cuidar um pouco melhor – exclamou. – Desgraçados! Sabia, srta. Linton, que aquele estúpido do Hareton ri de mim? Eu o odeio! Na verdade, odeio-os a todos, são criaturas detestáveis.

Cathy começou a procurar um pouco d'água; encontrou um jarro sobre a cômoda, encheu um copo e levou até ele, que lhe pediu que acrescentasse uma colher de vinho, de uma garrafa que havia sobre a mesa. Depois de beber um pouco, pareceu mais tranquilo e lhe disse que ela era muito gentil.

– Está contente em me ver? – indagou ela, reiterando a pergunta anterior, e satisfeita por vê-lo esboçar um leve sorriso.

– Sim, estou. Ouvir uma voz como a sua é algo incomum! – respondeu o jovem. – Mas andei mesmo zangado por não ter vindo. E o papai jurava que era minha culpa, disse que eu era uma criatura deplorável e inútil, e que a senhorita me desprezava; e que se estivesse no meu lugar, a esta altura, já seria mais senhor de Thrushcross Grange do que o seu pai. Mas a senhorita não me despreza, não é mesmo?

– Gostaria que me chamasse de Catherine ou Cathy! – interrompeu minha jovem ama. – Desprezá-lo? Não! Depois de papai e de Ellen, você é a pessoa que mais amo no mundo. Mas não gosto do sr. Heathcliff e não ousarei vir aqui depois que ele tiver voltado. Vai ficar muitos dias fora?

– Não muitos – respondeu Linton –, mas ele vai à charneca com frequência, já que a temporada de caça começou, e você pode passar uma hora ou duas comigo em sua ausência. Prometa que virá! Acho que em sua companhia eu não ficaria irritado: você não iria me provocar e estaria sempre pronta a me ajudar, não é?

– Claro – confirmou Catherine, afagando seus cabelos longos e macios. – Se o papai me desse permissão, passaria a metade do meu tempo com você. Belo Linton! Gostaria que fosse meu irmão.

– E então você gostaria de mim tanto quanto do seu pai? – observou ele, mais alegre. – Mas o papai diz que você ia me amar mais do que ama o seu pai e o mundo inteiro se fosse minha esposa; é o que eu gostaria que você fosse!

– Não, nunca amaria ninguém mais do que o papai – respondeu ela, com gravidade. – E as pessoas às vezes odeiam as esposas, mas não as irmãs e os irmãos. Se você fosse meu irmão, viveria conosco, e o papai gostaria de você tanto quanto gosta de mim.

Linton negou que as pessoas às vezes odiassem suas esposas, mas Cathy afirmou que era verdade e, como prova, mencionou a aversão do pai dele pela tia dela. Tentei deter sua língua imprudente. Não consegui até que já tivesse dito tudo o que sabia. O rapaz, muito irritado, declarou que tudo aquilo era falso.

– O papai me contou, e o papai não diz mentiras – respondeu ela, atrevida.

– O *meu* pai despreza o seu! – exclamou Linton. – Diz que é um tolo e um covarde.

– E o seu é um homem mau – retorquiu Catherine –, e você age muito mal ao repetir o que ele diz. Ele deve ser mesmo uma pessoa ruim para fazer com que a tia Isabella o abandonasse, como o fez.

– Ela não o abandonou – objetou o rapaz. – Não me contradiga!

– Abandonou sim! – exclamou minha jovem ama.

– Pois bem, vou lhe contar uma coisa! – prosseguiu Linton. – Sua mãe detestava o seu pai. E agora?

– Ah! – exclamou Catherine, furiosa demais para continuar.

– E amava o meu – acrescentou ele.

– Seu mentiroso desprezível! Agora odeio você! – arquejou ela, e seu rosto

ficou vermelho de raiva.

– Amava! Amava! – cantarolou Linton, afundando em sua poltrona e recostando a cabeça para desfrutar da agitação de sua opositora, de pé atrás dele.

– Cale-se, sr. Heathcliff! – falei. – Imagino que seja mais uma das histórias de seu pai.

– Não é, e dobre a língua! – respondeu ele. – Ela amava, amava sim, Catherine, amava sim!

Fora de si, Cathy deu um violento empurrão na poltrona, fazendo com que ele caísse sobre um dos braços. Imediatamente, um sufocante acesso de tosse tomou conta do rapaz, pondo um fim ao seu triunfo. Durou tanto tempo que até fiquei com medo. Quanto à sua prima, chorava copiosamente, horrorizada com o dano que causara, embora não dissesse nada. Segurei-o até o ataque terminar. Então ele me afastou e inclinou a cabeça em silêncio. Catherine também interrompeu suas lamentações, sentou-se diante do jovem e se pôs a fitar solenemente o fogo.

– Como se sente agora, sr. Heathcliff? – perguntei, após dez minutos.

– Gostaria que *ela* se sentisse como me sinto – respondeu ele –, criatura maldosa e cruel! Hareton nunca toca em mim, nunca me bateu, em toda a sua vida. E eu estava me sentindo melhor hoje; mas agora... – sua voz sumiu num choramingo.

– Eu não bati em você! – murmurou Cathy, mordendo o lábio para evitar uma nova explosão de choro.

Ele suspirou e gemeu como alguém que estivesse sofrendo muito, e isso continuou por uns quinze minutos. O propósito era afligir a prima, aparentemente, pois sempre que notava um soluço abafado seu ele redobrava as inflexões de dor e sofrimento na voz.

– Sinto muito se o machuquei, Linton – disse ela, por fim, já não aguentando mais de aflição. – Mas um empurrãozinho como aquele não teria me machucado, então não fazia ideia do que ia causar a você: é bem fraquinho, não é, Linton? Não me deixe ir embora pensando que lhe fiz mal. Responda! Fale comigo.

– Não posso falar com você – murmurou ele. – Você me machucou de tal modo que vou passar a noite acordado, sufocando com esta tosse. Se sofresse dela saberia como é, mas *você* vai passar a noite dormindo confortavelmente enquanto eu estiver nesta agonia, sem ninguém perto de mim. Imagino se gostaria de passar uma dessas noites tenebrosas! – E começou a chorar em voz alta, tomado de pena de si mesmo.

– Já que tem o hábito de passar noites tenebrosas – argumentei –, não vai ser por causa da senhorita que vai sofrer: daria no mesmo se ela não tivesse vindo. Contudo, ela não voltará a incomodá-lo, e talvez fique mais tranquilo depois que nos formos.

– Devo ir embora? – perguntou Catherine, tristemente, debruçando-se sobre ele. – Quer que eu vá embora, Linton?

– Você não pode alterar o que fez – respondeu ele, rabugento, afastando-se da prima –, a menos que piore tudo ainda mais, provocando-me até eu ficar com febre.

– Bem, então devo ir embora? – repetiu ela.

– Deixe-me quieto, pelo menos – disse ele. – Não suporto ouvi-la falar.

Cathy permaneceu ali e resistiu durante um bom tempo aos meus pedidos de que fôssemos embora; mas como ele nem erguia o rosto nem falava, por fim ela resolveu se dirigir à porta, e eu a acompanhei.

Um grito nos chamou de volta. Linton escorregara de sua poltrona para o chão em frente à lareira e se contorcia todo, com a perversidade de uma criança mimada, determinada a ser o mais impertinente possível.

Percebi, por seu comportamento, exatamente quais eram suas intenções, e logo vi que seria tolice tentar melhorar-lhe o ânimo. O mesmo não aconteceu com minha companheira. Ela correu de volta até ele, aterrorizada, ajoelhou-se e chorou, tentando acalmá-lo, até que ele se aquietou por falta de ar – e não por remorso de tê-la deixado tão aflita.

– Vou levá-lo para o sofá – falei –, e ele vai poder rolar o quanto quiser, não podemos ficar aqui para vigiá-lo. Espero que esteja satisfeita, srta. Cathy, e convencida de que não é a pessoa indicada para ajudá-lo; e de que o estado de saúde dele não é causado pelos sentimentos que tem pela senhorita. Pronto, aqui está ele! Agora vamos, assim que ele souber que não há ninguém aqui para ficar dando importância aos seus caprichos, vai ficar quietinho deitado.

Catherine colocou uma almofada debaixo de sua cabeça e lhe ofereceu um pouco d'água. Linton rejeitou a bebida e ficou se remexendo inquieto sobre a almofada, como se fosse uma pedra ou um bloco de madeira. Ela tentou ajeitá-la para que ficasse mais confortável.

– Isso não serve – disse ele –, não é alta o bastante.

Catherine trouxe outra, que colocou sobre a primeira.

– Está alto *demais*! – murmurou a criaturinha irritante.

– Como é que devo dispô-las, então? – perguntou ela, em desespero.

Ele virou o corpo para ela, que estava meio ajoelhada junto ao sofá, e converteu seu ombro em apoio.

– Não, assim não vai ser possível! – falei. – Contente-se com a almofada, sr. Heathcliff. A senhorita já perdeu tempo demais com o senhor. Não podemos ficar nem mais cinco minutos.

– Sim, podemos sim! – replicou Cathy. – Ele está calmo e paciente, agora. Está começando a pensar que vou sofrer muito mais do que ele hoje à noite, se eu achar que piorou por causa da minha visita; e não ousarei retornar. Diga a verdade, Linton, pois não devo voltar, se lhe fiz mal.

– Você precisa voltar, para me curar – respondeu ele. – Tem que vir, pois me fez piorar. Sabe que fez, e muito! Eu não estava tão mal quando chegou, estava?

– Mas foi você quem causou essa piora, chorando e se enfurecendo... não fui eu – argumentou sua prima. – Mas vamos fazer as pazes, agora. E você deseja a minha presença... gostaria mesmo de me ver, às vezes?

– Já lhe disse que sim – respondeu ele, impaciente. – Sente-se no sofá e me deixe apoiar a cabeça no seu joelho. É o que a mamãe costumava fazer, durante tardes inteiras, quando estávamos juntos. Fique bem quieta e não fale, mas se souber cantar pode cantar uma canção, ou pode recitar uma longa balada, que seja interessante... uma daquelas que prometeu me ensinar. Ou contar uma história. Mas prefiro uma balada. Pode começar.

Catherine repetiu a mais longa de que podia se lembrar. Aquilo agradou muito a ambos. Linton queria outra, e depois mais uma, apesar de minhas insistentes objeções; assim eles continuaram até o relógio bater o meio-dia e ouvirmos Hareton no pátio, voltando para almoçar.

– E amanhã, Catherine, você vem amanhã? – perguntou o jovem Heathcliff, segurando-lhe o vestido enquanto ela se levantava, relutante.

– Não! – respondi. – E nem no dia seguinte.

Mas Catherine, evidentemente, deu uma resposta diferente, pois o semblante dele clareou quando ela se inclinou e sussurrou algo em seu ouvido.

– Não vai voltar amanhã, preste bem atenção, senhorita! – comecei a dizer, assim que saímos. – Não está nem sonhando com isso, está?

Ela sorriu.

– Ah, vou cuidar disso – prossegui. – Vou mandar consertar a tranca, e a senhorita não vai poder escapar de nenhuma outra forma.

– Posso pular o muro – desafiou ela, rindo. – Grange não é uma prisão,

Ellen, e você não é minha carcereira. Além do mais, tenho quase dezessete anos, sou uma mulher adulta. E tenho certeza de que Linton ficaria bom logo se eu cuidasse dele. Sou mais velha do que ele, como você sabe, e mais madura, menos infantil, não sou? E, com um pouco de persuasão, ele logo vai estar me obedecendo. Ele é um amor de pessoa quando fica bonzinho. Se fosse meu, haveria de mimá-lo muito. Nunca brigaríamos, depois que estivéssemos habituados um ao outro, não é mesmo? Você não gosta dele, Ellen?

– Eu, gostar dele! – exclamei. – Nunca vi adolescente mais aborrecido e enjoado! Felizmente, como conjecturou o sr. Heathcliff, não vai chegar aos vinte anos. Na verdade, chego a duvidar de que venha a ver a primavera. E quando se for não vai ser uma grande perda para a família. Sorte a nossa o pai ter decidido levá-lo; quanto melhor fosse tratado, mais entediante e egoísta seria. Fico feliz que a senhorita não corra o risco de tê-lo para marido, srta. Catherine!

Minha companheira ficou séria ao ouvir essas palavras. Falar da morte dele de forma tão pouco cuidadosa feriu seus sentimentos.

– Ele é mais jovem do que eu – respondeu ela, depois de uma longa pausa para reflexão –, e deveria viver mais. E vai... tem que viver pelo menos tanto quanto eu. Está tão forte agora como estava quando veio para o norte; disso tenho certeza. É somente um resfriado o que ele tem, assim como o papai. Você diz que o papai vai melhorar, e por que ele não haveria de melhorar também?

– Muito bem – exclamei –, não precisamos nos preocupar, afinal de contas. Ouça, senhorita, e saiba que vou manter minha palavra: se tentar voltar a Wuthering Heights, com ou sem a minha presença, hei de informar o sr. Linton. A menos que ele permita, suas relações com seu primo não devem ser reatadas.

– Já foram reatadas! – resmungou Cathy, emburrada.

– Não devem ser continuadas, então! – falei.

– Veremos! – foi sua resposta, e se lançou num galope, deixando-me para trás.

Ambas chegamos em casa antes da hora do nosso almoço. Meu patrão supunha que estávamos passeando pelo parque, de modo que não pediu explicações sobre a nossa ausência. Assim que entrei, fui logo trocar meus sapatos e meias encharcados, mas ter ficado sentada por tanto tempo em Heights fizera o estrago. Na manhã seguinte não consegui me levantar, e por três semanas fiquei incapacitada de cumprir minhas tarefas: uma calamidade jamais ocorrida até aquele momento, e nunca mais depois, felizmente.

Minha jovem patroa portou-se como um anjo, vindo cuidar de mim e alegrar-me em minha solidão; o confinamento me deixava muito deprimida. É

algo enfadonho para uma pessoa ativa, mas poucos terão menos razões para se queixar do que eu. No instante em que Catherine deixava o quarto do sr. Linton, aparecia à cabeceira da minha cama. Dividia seus dias entre nós dois, e nenhuma diversão lhe tomava o tempo. Negligenciava as refeições, os estudos e qualquer divertimento que fosse; era a enfermeira mais devotada que já existiu. Devia ter um coração enorme, para amar tanto o pai e ainda se dedicar a mim!

Eu disse que seus dias eram divididos entre nós, mas o patrão se recolhia cedo, e eu em geral não precisava de nada depois das seis horas, de modo que as noites eram suas. Pobrezinha! Nunca me perguntei com o que se ocupava depois do chá. E, embora eu notasse um rubor na sua face e um tom róseo cobrindo seus dedos esguios quando vinha me dar boa-noite, em vez de supor uma cavalgada pela charneca fria eu os atribuía ao calor da lareira na biblioteca.

CAPÍTULO 24

AO FINAL DE TRÊS SEMANAS, tive condições de deixar meu quarto e andar pela casa. Na primeira oportunidade de me sentar com Catherine à noite, pedi a ela que lesse para mim, pois meus olhos estavam fracos. Estávamos na biblioteca, e o patrão fora se deitar. Ela consentiu, um tanto a contragosto, me pareceu. Imaginando que talvez não apreciasse o meu tipo de leitura, pedi-lhe que escolhesse algo entre os livros que costumava ler. Ela selecionou um de seus favoritos e leu sem interrupção durante cerca de uma hora, quando começou a fazer perguntas incessantes.

– Ellen, você não está cansada? Não é melhor ir se deitar? Vai ficar doente, acordada até tão tarde.

– Não, não, minha querida, não estou cansada – respondi, repetidas vezes.

Percebendo que eu estava impassível, tentou outra maneira de mostrar o quanto a atividade lhe desagradava. Pôs-se a bocejar e a se espreguiçar, e...

– Ellen, estou cansada.

– Pare de ler, então, e vamos conversar – retruquei.

Foi ainda pior, ela ficou irritada, suspirando o tempo todo e consultando o relógio até as oito horas. Por fim, foi para o seu quarto, morta de sono, a julgar pela expressão enfasiada e pesada e pelo esfregar constante que infligia aos seus olhos.

Na noite seguinte, parecia ainda mais impaciente; na terceira desde que voltara a ter minha companhia, queixou-se de uma dor de cabeça e me deixou.

Achei o comportamento estranho; fiquei sozinha por algum tempo e decidi ir perguntar se estava melhor e se não preferia se deitar no sofá, em vez de ficar em seu quarto, no escuro. Não achei Catherine no andar de cima nem no de baixo. Os criados afirmaram que não a tinham visto. Fiquei escutando atrás da porta do sr. Edgar: silêncio absoluto. Voltei aos aposentos dela, apaguei minha vela e me sentei junto à janela.

A lua brilhava, uma camada fina de neve cobria o chão, e imaginei que ela talvez tivesse tido a ideia de dar um passeio no jardim, para se revigorar um pouco. E de fato pude ver um vulto esgueirando-se ao longo da cerca interna do

parque, mas não era minha jovem ama. Quando o vulto saiu à luz, reconheci um dos cavaleiros.

Ele ficou parado ali por um tempo considerável, olhando para a estrada que cruzava o parque; começou em seguida a andar depressa, como se tivesse visto algo, e logo reapareceu, trazendo o pônei da jovem patroa. Lá estava ela, acabando de desmontar e caminhando junto ao animal.

O homem levou-o furtivamente pela grama até o estábulo. Cathy entrou pela janela da sala de visitas e subiu sem fazer ruído até o quarto, onde eu a aguardava. Fechou a porta com todo cuidado, tirou os sapatos cobertos de neve, desamarrou o chapéu e começava, sem dar pela minha presença, a pôr a capa de lado, quando subitamente me levantei e revelei que estava ali. A surpresa deixou-a petrificada por um instante; ela balbuciou uma exclamação indistinta e ficou ali parada.

– Minha querida srta. Catherine – comecei a dizer, por demais impressionada por suas recentes gentilezas para lhe dar uma bronca –, por onde andou, a esta hora, a cavalo? E por que tentar me enganar, contando uma mentira? Onde foi que esteve? Fale!

– Fui até o outro lado do parque – gaguejou ela. – Não lhe contei nenhuma mentira.

– E não foi a nenhum outro lugar? – indaguei.

– Não – resmungou em resposta.

– Ah, Catherine! – exclamei, tristemente. – Sabe que andou agindo mal, ou não se sentiria obrigada a me contar uma mentira. Isso me entristece. Preferiria ficar três meses doente do que ouvi-la mentir deliberadamente.

Ela se precipitou sobre mim num abraço, irrompendo em lágrimas.

– Ellen, tenho tanto medo de que fique zangada – disse. – Prometa que não vai se zangar, e lhe conto toda a verdade. Detesto ter de escondê-la.

Sentamo-nos junto à janela; assegurei-lhe que não ralharia com ela, fosse qual fosse o segredo – e já adivinhava qual era, é claro –, então ela começou a contar:

– Fui até Wuthering Heights, Ellen, e não deixei de ir nem um único dia desde que você adoeceu, exceto três vezes antes, e duas depois que você deixou seu quarto. Dei livros e gravuras a Michael em troca de ele aprontar Minny todas as noites e depois levá-la de volta ao estábulo: não vá brigar com *ele*, por favor. Chegava a Heights às seis e meia e em geral ficava até as oito e meia, voltando então a galope para casa. Não era para me divertir que ia até lá: com frequência me sentia infeliz o tempo todo. De vez em quando, me alegrava, uma vez por

semana, talvez. No começo achei que seria difícil persuadi-la a me deixar cumprir a promessa que fizera a Linton... pois eu dissera que ia visitá-lo no dia seguinte, quando o deixamos; mas você não desceu, facilitando as coisas. Enquanto Michael consertava a tranca do portão do parque à tarde, apossei-me da chave e disse a ele que meu primo desejava que eu fosse visitá-lo, porque estava doente e não podia vir até Grange; disse-lhe também que meu pai não me autorizaria a ir, então negocieei com ele acerca do pônei. Michael gosta de ler e pensa em deixar o serviço em breve para se casar; ele então propôs que eu lhe emprestasse livros da biblioteca, e faria o que eu desejava. Prefери em vez disso dar-lhe os meus próprios livros, o que o deixou ainda mais satisfeito.

“Na minha segunda visita, Linton parecia mais alegre, e Zillah, a governanta, preparou-nos um aposento limpo e um bom fogo; disse que Joseph estava na igreja e que Hareton Earnshaw saíra com os cachorros para roubar os faisões dos nossos bosques, como ouvi dizer mais tarde... de modo que ficássemos à vontade. Trouxe-me vinho quente e pão de mel, e pareceu extremamente solícita. Linton sentou-se na poltrona e eu, na cadeirinha de balanço junto à lareira, e rimos e conversamos tão alegremente, tínhamos tanto a dizer. Planejamos aonde iríamos e o que faríamos no verão. Não vou repetir o que dissemos, pois você acharia tudo uma tolice.

“Chegou um momento, porém, em que quase tivemos uma discussão. Ele disse que a maneira mais agradável de passar um dia quente de julho era ficar deitado da manhã até a noite numa moita de urzes no meio da charneca, as abelhas zumbindo como num sonho, de flor em flor, e as cotovias cantando lá no alto, e o céu azul e o sol brilhando firmemente e sem nuvens. Era sua mais perfeita ideia da felicidade do paraíso. A minha era me balançar numa árvore verde e farfalhante, com o vento oeste soprando, e nuvens brancas esvoaçando velozes lá no alto; e não apenas cotovias, mas também tordos e melros e pintarroxos e cucos derramando música por todos os lados, e a charneca vista à distância, entrecortada por pequenos vales frescos e sombreados, mas perto de mim a grama alta ondulando à brisa, os bosques e a água murmurante, o mundo inteiro desperto e louco de alegria. Ele queria repousar num êxtase de paz; eu queria que tudo cintilasse e dançasse num glorioso jubileu. Disse a ele que seu paraíso não teria vida suficiente; ele falou que o meu parecia embriagado. Afirmei que acabaria adormecendo, no seu; ele retrucou que no meu não conseguiria respirar, e começou a ficar bastante irritado. Por fim concordamos em tentar os dois, assim que chegasse o bom tempo; beijamo-nos e fizemos as pazes.

“Depois de termos ficado sentados por uma hora, contemplei o salão com

seu chão liso e sem tapetes, e pensei que seria ótimo brincar ali, se tirássemos a mesa do lugar; pedi a Linton que fosse chamar Zillah para nos ajudar, e poderíamos brincar de cabra-cega. Ela tentaria nos pegar, como você costumava fazer, Ellen. Ele não quis, não havia graça nenhuma naquilo, disse-me, mas consentiu em jogar bola comigo.

“Encontramos duas bolas num armário, em meio a um monte de brinquedos velhos, piões, arcos, raquetes e petecas. Uma delas tinha a letra c, e a outra, h; quis ficar com a c, por ser a inicial de Catherine, e o h poderia ser de Heathcliff, seu nome. Mas a bola h estava com o recheio saindo, e Linton não gostou dela. Eu o vencia todas as vezes. Ele foi ficando irritado de novo, tossiu e voltou para a sua poltrona. Naquela noite, porém, recobrou o bom humor com facilidade; ficou encantado com duas ou três belas canções... as *suas* canções, Ellen; e quando tive que ir embora me implorou que voltasse na noite seguinte, e prometi que voltaria.

“Minny e eu galopamos de volta para casa mais leves do que o ar, e sonhei com Wuthering Heights e com meu doce e querido primo até de manhã.

“No dia seguinte fiquei triste, em parte porque você estava doente, e em parte porque gostaria que meu pai soubesse das minhas visitas... e as aprovasse. Mas o luar estava lindo após o chá; no caminho, minha tristeza foi se dissolvendo. ‘Vou ter mais uma noite alegre’, pensei comigo mesma, ‘e o que me deixa ainda mais feliz, meu belo Linton também.’

“Trotei pelo jardim deles e estava me dirigindo à porta dos fundos quando aquele tal Earnshaw veio me receber, pegou a rédea e me convidou a entrar pela frente. Acariciou o pescoço de Minny, disse que era um lindo animal e deu a impressão de querer que eu falasse com ele. Só lhe disse que deixasse o cavalo em paz ou acabaria levando um coice.

“Ele respondeu, com seu sotaque vulgar, examinando as patas do animal com um sorriso:

“– Não ia fazer muito estrago.

“Eu estava inclinada a fazer um teste, mas ele se afastou para abrir a porta e, ao levantar a tranca, ergueu o rosto para a inscrição no alto, com uma mistura estúpida de inabilidade e orgulho:

“– Srta. Catherine! Já sei ler aquilo.

“– Ótimo! – exclamei. – Vamos ouvir, então. Você *está* mais inteligente!

“Ele soletrou, depois pronunciou, pausadamente, o nome ‘Hareton Earnshaw’.

“– E os números? – perguntei, encorajando-o, ao ver que tinha parado.

“– Isso eu ainda não sei – respondeu.

“– Ah, mas como é burro! – falei, rindo com vontade do seu fracasso.

“O pateta ficou me olhando com um sorriso pairando nos lábios e começando a franzir o cenho, como se não soubesse se deveria se juntar à minha alegria ruidosa: se era uma agradável intimidade ou, o que era de fato, desprezo. Acabei com suas dúvidas ao ficar novamente séria e dizer que ele se fosse, pois minha visita era para ver Linton, não ele.

“Hareton corou – pude notá-lo à luz da lua –, deixou cair a mão que segurava a tranca e se afastou, a imagem do orgulho ferido. Imaginava-se em pé de igualdade com Linton porque sabia ler o próprio nome, e ficou terrivelmente frustrado por eu não achar o mesmo.”

– Um momento, minha cara srta. Catherine! – interrompi. – Não vou repreendê-la, mas não estou gostando da sua conduta. Se tivesse se lembrado de que Hareton é seu primo tanto quanto o sr. Heathcliff, teria achado inapropriado agir dessa forma. Foi louvável da parte dele desejar estar no mesmo nível de Linton, e provavelmente ele não aprendeu o que aprendeu somente para se exhibir. A senhorita já fez com que ele se envergonhasse de sua ignorância antes, não tenho dúvidas, e ele desejava remediar isso para lhe agradar. Desdenhar de sua desajeitada tentativa foi muito rude. Se tivesse sido criada nas circunstâncias em que ele foi, teria sido mais gentil? Ele era uma criança tão sagaz e inteligente quanto a senhorita, e magoa-me ver que é desprezado agora, porque o vil Heathcliff o tratou de forma tão injusta.

– Ora, Ellen, você não vai chorar por causa disso, vai? – exclamou ela, surpresa diante do meu fervor. – Mas espere, e vai ouvir se ele aprendeu o abecê para me agradar, e se valeria a pena ter sido gentil com aquele estúpido. Entrei. Linton estava deitado no sofá e se ergueu um pouco para me receber.

“– Estou doente esta noite, Catherine, meu amor – disse. – É você quem deve falar, e me deixar ficar ouvindo. Venha e sente-se ao meu lado. Tinha certeza de que não deixaria de cumprir sua promessa, e vou fazê-la prometer de novo, antes que vá embora.

“Eu sabia que não devia importuná-lo, já que estava doente; falei com toda gentileza e não fiz perguntas, evitando irritá-lo. Tinha levado para ele alguns dos meus melhores livros. Ele me pediu que lesse um pouco um deles, e eu já ia começar quando Earnshaw abriu a porta num rompante; após refletir, ele destilara veneno suficiente. Avançou diretamente sobre nós, agarrou Linton pelo braço e o atirou para fora do sofá.

“– Vá para o seu quarto! – rugiu, e as palavras eram quase indistintas,

tamanha a sua ira; seu rosto estava inchado e furioso. – Leve-a para lá, se ela vier visitá-lo: vocês não vão me deixar de fora. Agora vão, os dois!

“Ele praguejou, e não deu a Linton tempo de responder, quase que o atirando na cozinha; e cerrou o punho quando o seguiu, aparentemente doido de vontade de me esmurrar. Por um instante tive medo, e deixei cair um dos livros. Ele chutou-o na minha direção e fechou a porta.

“Ouvi uma risada maligna, meio falhada, junto à lareira, e ao me virar deparei-me com o odioso Joseph, de pé, esfregando as mãos ossudas e tremendo.

“– Tinha certeza de que ele ia lhes ensinar uma lição! É um ótimo rapaz! Agora está se comportando como deveria! Ele sabe... isso mesmo, ele sabe, tanto quanto eu, quem é que deveria ser o patrão por lá... ha, ha, ha! Deu um jeito de botar os dois no devido lugar! Ha, ha, ha!

“– Para onde é que nós vamos? – perguntei ao meu primo, sem dar ouvidos ao deboche do velho desgraçado.

“Linton estava pálido e trêmulo. Nesse momento não estava bonito, Ellen... ah, não! Seu aspecto era assustador, pois o rosto magro e os grandes olhos compunham uma expressão de fúria desvairada e impotente. Ele agarrou a maçaneta da porta e sacudiu: estava trancada por dentro.

“– Se não me deixar entrar, vou matá-lo! Se não me deixar entrar, vou matá-lo! – guinchou, mais do que gritou. – Demônio! Demônio! Vou matá-lo! Vou matá-lo!

“Joseph deu aquela risada crocitante outra vez.

“– Veja só, é igual ao pai! – exclamou. – É igual ao pai! Todos nós temos um pouco do outro lado dentro de nós. Não se preocupe, Hareton, meu garoto. Não fique com medo, ele não tem como lhe encostar um dedo!

“Segurei as mãos de Linton e tentei levá-lo dali, mas ele deu um ganido tão agudo que não ousei continuar. Por fim seus gritos foram sufocados por um acesso terrível de tosse; o sangue jorrava de sua boca, e ele caiu no chão.

“Corri até o pátio, doente de terror, e chamei Zillah, o mais alto que pude. Ela logo me ouviu, estava ordenhando as vacas num telheiro atrás do celeiro; veio correndo e perguntou o que era. Não tive fôlego para explicar; arrastando-a para dentro de casa, procurei por Linton.

“Earnshaw saíra para examinar o mal que causara e estava levando o pobrezinho lá para cima. Zillah e eu subimos atrás dele, que, contudo, me deteve no alto da escada e disse que eu não podia entrar e que devia voltar para casa. Exclamei que ele havia matado Linton, e que eu *ia* entrar. Joseph trancou a porta e declarou que eu não faria nada daquilo, me perguntando se estava tão maluca

quanto ele.

“Fiquei ali parada, chorando, até a governanta reaparecer. Ela afirmou que logo ele estaria melhor, mas que não podia com toda aquela gritaria e todo aquele ruído. Levou-me para dentro de casa – na verdade, quase me carregou.

“Ellen, eu estava desesperada! Soluçava e chorava tanto que estava quase cega, e o bandido por quem você tem tanta simpatia continuava parado diante de mim. Atrevia-se, de vez em quando, a mandar que eu me calasse e a negar que era sua culpa; por fim, assustado por minhas promessas de contar tudo ao papai e garantir que ele fosse preso e enforcado, começou também a gaguejar e saiu dali, a fim de ocultar sua agitação covarde.

“Ainda assim, eu não estava livre dele. Quando por fim me convenceram a partir e eu já me afastara uns cem metros da propriedade, ele subitamente surgiu das sombras à beira da estrada, segurou Minny e me impediu de prosseguir.

“– Srta. Catherine, estou muito aflito – começou a dizer –, mas é uma pena que...

“Dei-lhe uma chicotada, achando que talvez fosse me matar. Ele me soltou, esbravejando um dos seus horríveis xingamentos, e galopei de volta para casa quase sem sentidos.

“Não vim dar boa-noite a você naquele dia, e no seguinte não fui até Wuthering Heights. Desejava ir, e muito, mas estava estranhamente perturbada... Às vezes temia ouvir a notícia de que Linton estivesse morto... às vezes estremecia ante a mera ideia de encontrar Hareton.

“No terceiro dia, tomei coragem: não podia mais aguentar o suspense, e lá fui eu, mais uma vez. Saí às cinco horas, caminhando; imaginei que conseguiria me esgueirar para dentro da casa e até o quarto de Linton sem que notassem. Mas os cachorros anunciaram minha aproximação. Zillah me recebeu e, dizendo que ‘o rapaz estava quase bom’, levou-me a uma salinha atapetada e bem-arrumada, onde para minha imensa alegria deparei-me com Linton deitado num pequeno sofá, lendo um de meus livros. Mas ele não quis falar comigo, nem olhar para mim, durante uma hora inteira, Ellen... seu temperamento é muito difícil. E o que mais me espantou foi que, quando por fim abriu a boca, foi para dizer uma mentira: a de que eu causara todo aquele transtorno, e Hareton não tinha culpa!

“Sem ter o que responder, a não ser de maneira muito exaltada, levantei-me e me fui dali. Ouvi um débil ‘Catherine!’ às minhas costas. Linton não contava com aquela reação. Mas não me voltei, e nos dois dias seguintes fiquei em casa, quase que determinada a não ir mais visitá-lo.

“Mas era tão terrível deitar e levantar sem qualquer notícia dele, que minha resolução se dissolveu antes mesmo de estar propriamente tomada. Antes parecera errado ir até lá; agora, parecia errado não ir. Michael veio me perguntar se deveria selar Minny, respondi que sim e achei que estava cumprindo um dever enquanto cavalgava morro acima. Fui obrigada a passar diante das janelas da frente para chegar ao pátio, de nada adiantaria tentar ocultar minha presença.

“– O patrãozinho está na casa – disse Zillah, ao ver que eu me dirigia à saleta.

“Entrei. Earnshaw também estava, mas saiu no mesmo instante. Linton encontrava-se na grande poltrona, semiadormecido. Caminhando até a lareira, comecei a dizer, num tom sério, no qual parcialmente acreditava:

“– Como não gosta de mim, Linton, e como pensa que venho até aqui com o propósito de prejudicá-lo, alegando que é o que faço todas as vezes, este vai ser o nosso último encontro: vamos nos despedir. E explique ao sr. Heathcliff que não deseja me ver, e que ele não deve inventar mais mentiras a esse respeito.

“– Sente-se e tire o chapéu, Catherine – respondeu ele. – Você é tão mais feliz do que eu, deveria também ser melhor. O papai fala tanto dos meus defeitos e demonstra tanto desprezo por mim que é natural que eu seja inseguro. Com frequência me pergunto se não sou mesmo tão completamente desprezível quanto ele diz que sou. Sinto-me, então, tão zangado e amargurado que odeio todo mundo! Sou desprezível e tenho um gênio ruim, e pensamentos ruins, quase sempre. Se quiser, pode me dizer adeus: vai se livrar de um aborrecimento. Só lhe peço, Catherine, para me fazer uma justiça: acredite que se eu pudesse ser tão amável, gentil e bom quanto você, eu seria. Tão bem-disposto, e tão feliz e saudável quanto você. E acredite que sua gentileza fez com que eu a amasse ainda mais do que se merecesse o seu amor. E embora eu não pudesse e não possa evitar lhe mostrar minha verdadeira natureza, lamento muito, e me arrependo de tudo, e hei de lamentar e de me arrepender até a morte!

“Senti que ele falava a verdade, e senti que devia perdoá-lo – e que, embora pudéssemos brigar no momento seguinte, deveria voltar a perdoá-lo. Fizemos as pazes, mas choramos, nós dois, durante todo o tempo em que ali fiquei; não inteiramente movida por pena, embora eu *tivesse* pena de Linton por ter aquela natureza tão deturpada. Ele nunca vai fazer com que seus amigos se sintam bem, e nunca há de se sentir bem ele próprio!

“A partir daquela noite, fui sempre para a sua pequena salinha, pois seu pai regressou no dia seguinte. Em três ocasiões, se não me engano, estivemos alegres e esperançosos como naquela primeira noite; minhas outras visitas foram tristes e aflitas, ora devido ao seu egoísmo e rancor, ora por causa dos seus

sofrimentos. Mas aprendi a tolerar os primeiros com quase tão pouco ressentimento quanto os segundos.

“O sr. Heathcliff me evita, deliberadamente. Mal voltei a vê-lo. Domingo passado, chegando mais cedo do que o habitual, ouvi-o insultando o pobre Linton por sua conduta na noite anterior. Não sei como foi que ele soube, a menos que tenha ficado escutando. Linton decerto se comportara mal, mas isso só dizia respeito a mim, e interrompi o sermão do sr. Heathcliff entrando e lhe dizendo isso. Ele irrompeu numa risada e se foi, afirmando que ficava feliz por eu pensar dessa maneira. Desde então, tenho dito a Linton que sussurre, quando quiser dizer coisas desagradáveis.

“Pronto, Ellen, você já está a par de tudo. Não posso ser impedida de ir a Wuthering Heights, sob pena de fazer sofrerem duas pessoas; por outro lado, se você não contar ao papai, as minhas visitas não precisam perturbar a tranquilidade de ninguém. Você não vai contar, vai? Vai ser muito impiedoso de sua parte se fizer isso.”

– Até amanhã decido o que fazer a esse respeito, srta. Catherine – respondi.
– Preciso refletir bem, então vou deixá-la agora e me retirar para pensar no assunto.

Pensei no assunto em voz alta, na presença do meu patrão. Fui direto do quarto dela ao dele e relatei a história toda, exceto as conversas que ela tivera com o primo. Também não fiz menção a Hareton.

O sr. Linton ficou alarmado e aflito, mais do que deixou transparecer. Pela manhã, Catherine ficou sabendo que eu traíra sua confiança e também descobriu que suas visitas deviam terminar.

Em vão chorou e fez uma cena diante da proibição, implorando ao pai que tivesse pena de Linton. Tudo o que conseguiu como consolo foi a promessa de que ele escreveria ao rapaz, dando-lhe permissão para vir até Grange sempre que quisesse, mas explicando-lhe que não esperasse mais ver Catherine em Wuthering Heights. Talvez, se ele estivesse a par do temperamento e do estado de saúde do sobrinho, viesse a achar prudente privá-los até mesmo desse pequeno consolo.

CAPÍTULO 25

— ESSAS COISAS ACONTECERAM no inverno passado — disse a sra. Dean —, faz pouco mais de um ano. No inverno passado, não poderia imaginar que ao cabo de doze meses eu as estaria contando para distrair uma pessoa estranha à família! Contudo, quem sabe dizer por quanto tempo o senhor vai permanecer um estranho? É jovem demais para se contentar em viver sozinho, e imagino que ninguém possa ver Catherine Linton e não a amar. O senhor sorri; mas por que se mostra sempre tão animado e interessado quando falo dela? E por que me pediu que pendurasse seu retrato sobre a lareira? E por que...

— Chega, minha amiga! — exclamei. — É bem possível que eu a ame, mas será que ela viria a me amar? A dúvida é grande demais para que eu arrisque minha tranquilidade e caia em tentação; além disso, não sou daqui. Pertencço a um mundo ativo, ocupado, e aos seus braços devo regressar. Mas prossiga. Catherine obedeceu às ordens do pai?

— Obedeceu — prosseguiu a governanta. — Seu afeto por ele ainda era o sentimento predominante em seu coração. E ele falou sem ira, com a profunda ternura de alguém prestes a deixar seu tesouro em meio a perigos e inimigos, onde as palavras que dissesse seriam a única ajuda que poderia lhe legar a fim de guiá-la. Disse-me, alguns dias depois:

— Gostaria que meu sobrinho escrevesse, Ellen, ou viesse nos visitar. Digame, com sinceridade: o que pensa dele? Mudou para melhor, ou há alguma possibilidade de que venha a mudar, à medida que se torna um homem?

— Ele tem a saúde muito delicada, senhor — respondi —, e não é muito provável que venha a chegar à idade adulta. Mas não se parece com o pai, isso posso dizer; se a srta. Catherine tivesse o infortúnio de se casar com ele, o rapaz não haveria de sair do controle da esposa, a menos que ela fosse de uma indulgência extrema e insensata. O senhor terá, contudo, tempo suficiente para conhecê-lo melhor e ver se seria adequado a ela: ainda faltam quatro anos ou mais até ele chegar à maioridade.

Edgar suspirou; caminhando até a janela, olhou na direção da igreja de Gimmerton. Era uma tarde enevoadada, e o sol de fevereiro brilhava suave; só o

que podíamos distinguir eram os dois abetos no cemitério, e as sepulturas aqui e ali.

– Tenho rezado com frequência – disse ele, como que para si mesmo – para que chegue logo o que vem se aproximando; e agora começo a ter dúvidas e temores. Pensava que a memória da hora em que desci aquele vale, na ocasião do meu casamento, seria menos doce do que a expectativa de que em breve, dentro de alguns meses ou mesmo algumas semanas, seria levado vale acima e depositado em seu solitário recôncavo! Ellen, tenho sido muito feliz com minha pequena Cathy. Nas noites de inverno e nos dias de verão, ela sempre foi uma esperança viva ao meu lado. Mas tenho sido igualmente feliz meditando sozinho por entre aquelas sepulturas, junto àquela velha igreja... deitado, nas longas noites de junho, no montinho verde do túmulo da mãe dela, e desejando... ansiando pelo momento em que vou poder me deitar ali debaixo. O que posso fazer por Cathy? Como devo deixá-la? Não me importaria por um só instante com o fato de Linton ser filho de Heathcliff, nem que ele venha a levá-la de mim, se ele pudesse consolá-la pela minha perda. Não me importaria que Heathcliff conseguisse o que quer e triunfasse ao me roubar a última bênção que me resta! Mas se Linton não for digno, se for apenas um débil instrumento nas mãos do pai, não posso abandoná-la a ele! E por mais que seja difícil frustrar seu espírito alegre, devo perseverar e fazê-la sofrer enquanto vivo, deixando-a solitária quando morrer. Minha querida! Preferia entregá-la a Deus e enterrá-la antes de mim.

– Entregue-a a Deus assim mesmo, senhor – respondi –, e se por acaso tivermos, que Deus não permita, de perdê-lo, com a ajuda divina vou ficar ao lado dela, como amiga e conselheira, até o fim. A srta. Catherine é uma boa moça, não temo que vá fazer algo intencionalmente errado. E as pessoas que cumprem com o seu dever sempre são, por fim, recompensadas.

Entramos na primavera, mas ainda assim meu patrão não recuperou as forças, ainda que tenha retomado as caminhadas no parque com a filha. Para a inexperiência dela, isso já era em si um sinal de convalescença; além do mais, ele tinha as faces coradas com frequência, e seus olhos brilhavam: ela estava certa de sua recuperação. No dia de seu décimo sétimo aniversário, ele não visitou o cemitério. Estava chovendo, e eu comentei:

– O senhor decerto não vai sair esta noite, não é?

– Não, este ano vou um pouco depois – respondeu ele.

Voltou a escrever a Linton, expressando grande desejo de vê-lo. Se o inválido estivesse apresentável, não tenho dúvidas de que o pai teria permitido que viesse. Não sendo esse o caso, ele respondeu, seguindo instruções, que o sr.

Heathcliff não concordava com sua visita a Thrushcross Grange, mas que a gentil lembrança do tio o alegrava muito, e ele esperava encontrá-lo em algum momento num de seus passeios e lhe pedir pessoalmente licença para que ele e a prima não permanecessem tanto tempo separados.

Essa parte da carta era simples, e provavelmente escrita por ele. Heathcliff sabia que ele tinha condições de suplicar com eloquência a companhia de Catherine, então, em seguida, dizia:

Não peço que ela venha me visitar; mas será que nunca mais hei de vê-la, porque meu pai me proíbe de ir à casa dela, e o senhor a proíbe de vir à minha? Por favor, venha passear com ela de vez em quando no caminho para Heights, e deixe-nos trocar algumas palavras em sua presença! Nada fizemos para merecer esta separação, e o senhor não está zangado comigo, não tem motivos para não gostar de mim, como diz o senhor mesmo. Querido tio! Mande-me por favor um bilhete amanhã e me dê permissão para ir encontrá-los onde o senhor quiser, exceto em Thrushcross Grange. Acredito que um encontro haveria de convencê-lo de que não tenho o temperamento do meu pai. Ele afirma que sou mais seu sobrinho do que filho dele. E embora eu tenha defeitos que me tornam indigno de Catherine, ela os perdoou; por ela, o senhor deveria perdô-los também. Pergunta pela minha saúde... Está melhor, mas se vivo sem qualquer esperança e condenado ou à solidão, ou à companhia daqueles que jamais gostaram e jamais virão a gostar de mim, como posso me sentir alegre e bem-disposto?

Embora se compadecesse do rapaz, Edgar não podia consentir no que lhe pedira, porque não podia acompanhar Catherine. Respondeu que no verão talvez pudessem se encontrar. Enquanto isso, desejava que ele continuasse escrevendo de quando em quando e prometeu lhe dar conselhos e reconfortá-lo no que pudesse, por meio das cartas; bem sabia como era difícil sua posição em sua família.

Linton aquiesceu. Se o tivessem deixado à vontade, provavelmente teria estragado tudo, enchendo as missivas de queixas e lamúrias, mas seu pai o vigiava de perto e, claro, insistia para que cada linha escrita pelo meu patrão lhe fosse mostrada. Assim, em vez de pôr nas cartas seus sofrimentos e aflições pessoais – os temas que ocupavam com maior frequência seus pensamentos –, insistia em falar da cruel obrigação de ficar separado de sua única amiga e amada, e repetia, de maneira gentil, que o sr. Linton devia permitir um encontro em breve, do contrário ele acabaria suspeitando que ele o iludia propositalmente com promessas vãs.

Cathy era uma poderosa aliada em casa; com esforços combinados, por fim persuadiram meu amo a deixá-los cavalgar ou caminhar juntos uma vez por semana, sob a minha guarda, na parte da charneca mais próxima de Grange, pois o mês de junho encontrou-o declinando ainda mais. Embora o sr. Linton tivesse

reservado, todos os anos, uma parte de sua renda para o futuro da filha, alimentava o desejo natural de que ela conservasse a casa de seus antepassados – ou pelo menos voltasse a ela dentro em breve. Achava que sua única perspectiva nesse sentido era uma união com seu herdeiro, e não sabia que este definhava quase tão depressa quanto ele próprio – ninguém sabia, acredito: os médicos não visitavam Wuthering Heights, e o jovem Heathcliff não recebia nenhum visitante que pudesse nos fazer um relato do seu estado de saúde.

Quanto a mim, comecei a achar que meus prognósticos eram falsos e que ele devia estar realmente bem melhor, para sugerir passeios pela charneca a cavalo e a pé, e por parecer tão entusiasmado em alcançar seu objetivo. Não podia imaginar um pai tratando um filho moribundo de modo tão tirânico e perverso como mais tarde soube que Heathcliff o tratara, a fim de forçá-lo a esse aparente entusiasmo. Seus esforços redobravam conforme seus planos avarentos e insensíveis eram ameaçados pela morte.

CAPÍTULO 26

O AUGE DO VERÃO já passara quando Edgar, relutantemente, cedeu às suas súplicas, e Catherine e eu partimos a cavalo pela primeira vez para encontrar seu primo. Era um dia quente e abafadiço; não havia sol, mas o céu estava esbranquiçado e nebuloso demais para conter qualquer ameaça de chuva. Tínhamos combinado, como ponto de encontro, o marco de pedra junto à encruzilhada. Quando chegamos, porém, um pastorzinho, enviado como mensageiro, disse-nos:

– O sr. Linton está logo ali, do lado de Heights, e pede que andem um pouco mais.

– Então o sr. Linton esqueceu a primeira condição de seu tio – observei. – Ele nos disse para ficarmos nos limites de Grange, e lá vamos nós transgredi-la.

– Bem, podemos virar as cabeças dos nossos cavalos quando chegarmos aonde ele está – retrucou minha ama –, assim estaremos na direção de casa.

Mas quando o encontramos, a menos de meio quilômetro da porta de sua casa, vimos que não saíra a cavalo e fomos obrigadas a desmontar, deixando os nossos pastando.

Ele estava deitado sobre a urze, aguardando que nos aproximássemos, e não se levantou até estarmos a poucos metros de distância. Veio então caminhando tão fraco e com um aspecto tão pálido que imediatamente exclamei:

– Ora, sr. Heathcliff, não acho que esteja em condições de sair para passear esta manhã. Parece muito doente!

Catherine fitou-o com pesar e espanto. A exclamação de alegria em seus lábios mudou para uma de alarme, e as comemorações daquele encontro tão longamente adiado, para uma pergunta aflita – tinha ele piorado?

– Não... melhorei... melhorei! – arquejou Linton, tremendo e segurando a mão dela como se precisasse de apoio, enquanto seus grandes olhos azuis erravam timidamente, o aspecto encovado ao redor deles transformando a languidez de antes em desamparo.

– Mas você está pior – insistiu a prima –, pior do que a última vez em que o vi; e está mais magro, e...

– Estou cansado – interrompeu ele, depressa. – Está quente demais para andar, vamos ficar descansando aqui mesmo. E de manhã eu com frequência me sinto enjoado... papai diz que estou crescendo rápido demais.

Não satisfeita, Cathy sentou-se, e ele se reclinou ao seu lado.

– Isto aqui até parece o seu paraíso – comentou ela, esforçando-se para alegrá-lo. – Lembra-se dos dois dias que concordamos em passar da forma e no lugar que cada um achava mais agradável? Aqui é quase o seu, só que há nuvens, mas são tão suaves que é até melhor do que se fizesse sol. Na próxima semana, se puder, vamos a cavalo até o parque de Grange, experimentar o meu paraíso.

Linton não parecia se lembrar do que ela falava e estava evidentemente tendo grande dificuldade para manter qualquer tipo de conversa. Sua falta de interesse nos assuntos que a prima mencionava e a incapacidade de contribuir para que ela se alegrasse um pouco eram tão óbvias que Cathy não pôde esconder o desapontamento. A pessoa e a atitude dele tinham sofrido uma alteração indefinida. Aquele temperamento caprichoso que podia ser transformado em afeto dera lugar a uma apatia absoluta; havia menos a atitude impertinente de uma criança que se queixa e provoca os outros com o propósito de ser consolada e mais a morosidade egoísta de um doente que repele qualquer consolo e está pronto a considerar a alegria dos outros um insulto.

Catherine percebia, tanto quanto eu, que ele considerava nossa companhia uma punição, mais do que uma gratificação, e não teve cerimônia em sugerir logo que nos fôssemos. A proposta despertou Linton inesperadamente de sua letargia, pondo-o num estranho estado de agitação. Ele lançava olhares apavorados na direção de Heights, implorando-lhe que ficasse mais meia hora, pelo menos.

– Mas eu acho – disse Cathy – que você vai se sentir mais confortável em casa do que sentado aqui; e vejo que hoje não tenho como alegrá-lo com minhas histórias e canções e com minha conversa. Você se tornou mais adulto do que eu, nesses seis meses, e já não liga mais para os meus assuntos. Do contrário, se estivesse interessado, eu ficaria, de bom grado.

– Fique e descanse um pouco – replicou ele. – E, Catherine, não pense nem diga que estou muito mal... é este tempo abafado, este calor, que me deixa abatido; e estava caminhando, antes de você chegar, bastante até, para mim. Diga ao meu tio que minha saúde está razoável, sim?

– Vou dizer a ele que isso é o que você diz, Linton. Não poderia afirmar que está – observou minha jovem ama, surpresa com a insistente afirmativa de algo

que evidentemente era falso.

– E volte na quinta-feira – prosseguiu ele, evitando o olhar aturdido da prima. – E agradeça a ele por permitir que você viesse... estou muito grato, Catherine. E... se por acaso encontrar meu pai e ele perguntar por mim, não o deixe supor que fiquei tão calado. Não fique com esse ar triste e desanimado, como agora... ele vai ficar furioso.

– Não me importo nem um pouco que ele fique furioso – exclamou Cathy, imaginando que seria ela o alvo da fúria.

– Mas eu me importo – contrapôs o primo, estremecendo. – *Não* provoque a fúria dele contra mim, Catherine, pois ele é muito severo.

– Ele o maltrata, sr. Heathcliff? – perguntei. – Cansou-se de ser indulgente e passou do ódio passivo ao ativo?

Linton olhou para mim, mas não respondeu. Após dez minutos sentada ao seu lado, durante os quais a cabeça de Linton caiu sonolenta sobre o próprio peito e ele não pronunciou mais nada além de gemidos mal contidos de exaustão ou dor, Cathy resolveu se levantar e procurar amoras, dividindo o que encontrou comigo: não as ofereceu a ele, pois viu que isso só haveria de deixá-lo mais cansado e aborrecido.

– Já se passou meia hora, Ellen? – sussurrou ela ao meu ouvido, por fim. – Não entendo por que ele tem que ficar aqui. Adormeceu, e o papai já deve estar à nossa espera.

– Bem, não podemos deixá-lo dormindo – respondi. – Seja paciente até que ele acorde. Você estava ansiosa para vir, mas parece que a sua saudade do pobre Linton evaporou depressa!

– Por que é que *ele* queria me ver? – indagou Catherine. – Antes, mesmo nos seus momentos de pior humor, eu gostava mais dele do que agora, nesse estado de ânimo tão esquisito. É como se este encontro fosse uma tarefa que ele foi obrigado a cumprir, com medo de que o pai brigasse com ele. Mas não virei até aqui só para dar esse prazer ao sr. Heathcliff, qualquer que seja o motivo que ele tenha para obrigar Linton a cumprir essa penitência. E embora eu esteja contente por ele estar melhor de saúde, lamento que seja agora uma companhia tão menos agradável e que demonstre tão menos afeto por mim.

– Então acha que ele está melhor de saúde? – indaguei.

– Sim – respondeu ela –, porque ele sempre se queixou muito dos seus sofrimentos, como sabe. Sua saúde não está razoável, como ele me pediu que dissesse ao papai; mas acho que está melhor.

– Discordamos nesse ponto, srta. Cathy – observei. – Na minha opinião, ele

está muito pior.

Nesse momento, Linton acordou de seu cochilo, confuso e aterrorizado, e perguntou se alguém chamara seu nome.

– Não – respondeu Catherine –, a menos que tenha sido nos seus sonhos. Não posso entender como você consegue cochilar no campo, de manhã.

– Pensei ter ouvido o meu pai – arquejou ele, olhando de relance para cima, o cenho franzido. – Tem certeza de que ninguém me chamou?

– Absoluta – confirmou sua prima. – Só eu e Ellen é que estávamos aqui, discutindo a propósito do seu estado de saúde. Você está mesmo melhor e mais forte do que quando nos despedimos, no inverno, Linton? Se estiver, parece-me que há uma coisa que não está mais forte... o seu afeto por mim. Diga-nos: está mesmo melhor?

As lágrimas brotaram nos olhos de Linton enquanto ele respondia:

– Sim, estou sim!

E, ainda sob o jugo daquela voz imaginária, seu olhar errava de um lado a outro, tentando localizar quem falara.

Cathy se levantou.

– Por hoje, temos de nos despedir – anunciou. – E não vou esconder que fiquei muito decepcionada com o nosso encontro, embora não vá mencioná-lo a ninguém além de você. Não que eu tenha medo do sr. Heathcliff!

– Fale baixo – murmurou Linton –, pelo amor de Deus, fale baixo! Aí vem ele. – E agarrou o braço de Catherine, tentando detê-la; mas ao ouvir aquilo ela se soltou depressa e assobiou, chamando Minny, que lhe obedecia como se fosse um cãozinho.

– Volto na próxima quinta-feira – exclamou ela, saltando sobre a sela. – Adeus. Depressa, Ellen!

E assim o deixamos, mal se dando conta da nossa partida, tão absorto estava em sua aflição ante a aproximação do pai.

Antes de chegarmos em casa, o desagrado de Catherine já amolecera, transformando-se num perplexo sentimento de pena e tristeza, misturado com grandes porções de incômoda e vaga incerteza sobre o real estado de Linton, tanto físico quanto social. Eu partilhava da mesma incerteza, mas a aconselhei a não dizer nada a respeito; uma segunda visita haveria de nos dar melhores condições de julgar.

Meu amo pediu que relatássemos o encontro. Os agradecimentos do primo foram devidamente transmitidos por Cathy, que pouco falou do restante. Eu

também não disse muita coisa, pois mal sabia o que esconder e o que revelar.

CAPÍTULO 27

SETE DIAS SE PASSARAM, cada um deles marcado pela agora rápida alteração do estado de saúde de Edgar Linton. O passar das horas reproduzia estragos que antes eram causados pelos meses.

Bem queríamos iludir Catherine, mas sua sagacidade se recusava a colaborar: adivinhava em segredo a terrível probabilidade que aos poucos se transformava em certeza, e a preocupação não a abandonava. Quando a quinta-feira chegou, não tivera coragem de mencionar o passeio; eu toquei no assunto em seu lugar, e obtive permissão de levá-la para fora de casa, pois a biblioteca, onde ele passava uma pequena parte do dia – o breve período em que encontrava forças para se sentar –, e o quarto dele tinham se tornado todo o mundo de Catherine. Ela lamentava cada momento que não a encontrava curvada sobre o travesseiro do pai, ou sentada ao seu lado. Seu rosto ficou abatido com a vigília e a tristeza, e meu amo lhe deu de bom grado licença para o que – ele se alegrava em pensar – seria uma feliz mudança de ambiente e companhia; ele se reconfortava com a esperança de que ela não fosse ficar inteiramente só depois da sua morte.

Tinha a ideia fixa, como pude deduzir pelas várias observações que deixou escapar, de que, tal como o sobrinho se assemelhava a ele fisicamente, também haveria de se assemelhar em espírito, pois as cartas de Linton nada ou quase nada revelavam dos defeitos de seu caráter. E eu, por uma fraqueza perdoável, não corrigia o equívoco; perguntava-me de que adiantaria perturbar seus últimos momentos com informações sobre as quais ele não tinha poder nem oportunidade de agir.

Deixamos nosso passeio para a tarde, uma tarde dourada de agosto. Cada sopro que vinha das colinas era tão cheio de vida que parecia que quem respirasse aquele ar, mesmo estando moribundo, poderia reviver.

O rosto de Catherine estava igual à paisagem – sombras e luz do sol se alternando em rápida sucessão; mas as sombras permaneciam por mais tempo, e o sol era mais efêmero, e seu pobre coraçãozinho se recriminava até mesmo por aquele passageiro esquecimento de suas inquietações.

Avistamos Linton nos aguardando no mesmo lugar que escolhera na semana anterior. Minha jovem ama desmontou e me disse que, como tinha decidido ficar muito pouco tempo, era melhor eu segurar o pônei e continuar em meu cavalo, mas não concordei: não queria, nem por um minuto, perder de vista a moça, que estava aos meus cuidados, então subimos juntas a encosta recoberta pela urze.

O jovem sr. Heathcliff nos recebeu, nessa ocasião, um pouco mais animado. Não era porém a animação de alguém que está entusiasmado ou alegre; parecia mais causada pelo medo.

– Está tarde! – disse ele, falando em frases curtas e com dificuldade. – É verdade que seu pai está muito doente? Pensei que você não viesse.

– *Por que* você não fala com sinceridade? – perguntou Catherine, engolindo as saudações. – Por que não pode dizer logo de uma vez que não quer me ver? É estranho, Linton, que pela segunda vez tenha me feito vir até aqui aparentemente com o propósito de nos aborrecer a ambos e sem qualquer outro motivo além desse!

Linton estremeceu e olhou para ela de relance, meio suplicante, meio envergonhado; mas a paciência da prima não era suficiente para tolerar aquele comportamento enigmático.

– Meu pai *está* muito doente – continuou ela. – E por que então me tirar de sua cabeceira? Por que não mandou recado liberando-me da minha promessa, quando você mesmo não queria que eu a cumprisse? Vamos! Desejo uma explicação: brincadeiras e trivialidades estão completamente fora dos meus pensamentos, e não posso perder tempo atendendo aos seus caprichos agora!

– Meus caprichos! – murmurou ele. – Quais são eles? Pelo amor de Deus, Catherine, não fique assim tão zangada! Despreze-me o quanto quiser; sou um desgraçado, um covarde e um inútil, e mereço todo o seu desprezo; mas sou insignificante demais para merecer sua raiva. Odeie o meu pai, e a mim reserve apenas o seu desprezo.

– Bobagem! – exclamou Catherine, transtornada. – Rapaz bobo, ridículo! Veja só! Treme como se eu fosse encostar um dedo nele! Não precisa pedir que o desprezem, Linton: qualquer um faria isso por livre e espontânea vontade. Vá embora! Vou voltar para casa... é uma tolice fazê-lo se arrastar para longe da sua lareira e fingir... o que é que estamos fingindo? Largue o meu vestido! Se eu tivesse pena de você por chorar e parecer tão assustado, deveria repelir desdenhosamente essa pena. Ellen, diga a ele quão vergonhosa é essa conduta. Levante-se, *pare* de se degradar até parecer um réptil abjeto!

Com o rosto banhado em lágrimas e uma expressão de agonia, Linton jogara seu corpo sem energia no chão: parecia convulsionar de intenso terror.

– Ah! – soluçou ele. – Não posso suportar isso! Catherine, Catherine, eu sou um traidor, também, e não ousou lhe dizer! Mas se você me abandonar, serei morto! Querida Catherine, minha vida está em suas mãos. Você disse que me amava, e se isso fosse verdade, não sofreria mal algum. Você fica, então? Minha boa, doce e gentil Catherine! E talvez você *de fato* consinta... e ele me deixe morrer com você!

Minha jovem ama, ao ver sua intensa angústia, inclinou-se para levantá-lo. O velho sentimento de indulgente ternura sobrepôs-se à sua irritação, e ela ficou bastante comovida e alarmada.

– Consentir em quê? – indagou ela. – Em ficar? Diga-me o que significam essas estranhas palavras, e eu fico. Você se contradiz, e me confunde! Fique calmo, seja franco e confesse de uma vez por todas qual é esse peso em seu coração. Você não me faria mal, faria, Linton? Não deixaria nenhum inimigo me prejudicar, se pudesse evitar, não é? Acho que você é covarde no que diz respeito a si mesmo, mas nunca seria um covarde traidor de sua melhor amiga.

– Mas o meu pai me ameaçou – arquejou o rapaz, torcendo os dedos finos –, e tenho muito medo dele... muito medo dele! Não *ousou* contar!

– Muito bem! – afirmou Catherine, com desdenhosa piedade. – Guarde o seu segredo. *Eu* não sou covarde. Proteja-se, eu não tenho medo.

Sua magnanimidade levou-o às lágrimas. Ele chorava copiosamente, beijando as mãos que o apoiavam, mas ainda assim não conseguia reunir coragem para falar. Eu me perguntava qual seria o mistério e estava determinada a evitar que Catherine viesse a sofrer por causa dele ou de qualquer outra pessoa. Nesse momento, ouvindo o ruído de passos na urze, ergui o rosto e vi o sr. Heathcliff já quase chegando onde estávamos, descendo de Heights. Não lançou um olhar na direção dos dois jovens, embora estivessem perto o suficiente para que os soluços de Linton fossem audíveis; mas, saudando-me no tom quase alegre que só assumia quando falava comigo, e de cuja sinceridade eu não podia evitar duvidar, disse:

– Que novidade vê-la tão perto da minha casa, Nelly. Como vão as coisas em Grange? Conte-nos. O rumor que corre – acrescentou, num tom de voz mais baixo – é que Edgar Linton está em seu leito de morte. Talvez estejam exagerando?

– Não; meu patrão está morrendo – respondi. – Essa é a verdade. Uma tristeza para todos nós, mas uma bênção para ele!

– Quanto tempo você acha que ainda vai durar? – perguntou Heathcliff.

– Não sei.

– Porque... – continuou, olhando para os dois jovens, imóveis diante dele; Linton parecia não ousar se mexer ou levantar a cabeça, e Catherine não podia se mover, por causa do primo – porque esse rapaz aí parece disposto a me derrotar, e eu ficaria grato se o seu tio se fosse logo, e antes dele! Ei! Esse idiota tem se comportado sempre desse jeito? E eu *já* lhe dei umas boas lições para que não choramingasse. Costuma se mostrar animado com a srta. Linton, normalmente?

– Animado? Não... tem é demonstrado grande aflição – repliquei. – A tomar por seu aspecto, eu diria que, em vez de passear com a namorada pelas colinas, ele deveria estar na cama, aos cuidados de um médico.

– E estará, dentro de um ou dois dias – murmurou Heathcliff. – Mas primeiro... Levante-se, Linton! Levante-se! – gritou ele. – Não fique se arrastando pelo chão; de pé, já!

Linton caíra de novo e se encontrava prostrado no chão, em outro paroxismo de medo, causado pelo olhar do pai, imagino. Nada mais era capaz de lhe causar tal humilhação. Fez vários esforços para obedecer, mas suas poucas forças já pareciam aniquiladas, e ele voltou a cair, com um gemido. O sr. Heathcliff se aproximou e o levantou, apoiando-o contra uma saliência coberta de grama.

– Muito bem – disse ele, com ferocidade contida –, estou ficando zangado, e se você não controlar esse seu espírito desprezível... *maldito seja!* Ponha-se de pé logo de uma vez!

– Já vou, pai – arquejou o rapaz. – Mas me deixe em paz, ou acabo desmaiando. Fiz o que me pediu, tenho certeza. Catherine pode lhe dizer que tenho... que tenho... estado animado. Ah! Fique perto de mim, Catherine; dê-me a sua mão.

– Pegue a minha – retrucou seu pai. – Levante-se. Muito bem... ela pode lhe dar o braço. Isso mesmo, olhe para ela. Deve estar pensando que sou o demônio encarnado, srta. Linton, para provocar tamanho horror. Faça a gentileza de acompanhá-lo até em casa, sim? Ele estremece se toco nele.

– Linton, meu querido! – sussurrou Catherine. – Não posso ir até Wuthering Heights... papai me proibiu... Ele não vai lhe fazer mal. Por que está com tanto medo?

– Não posso voltar para aquela casa – respondeu ele. – Não *vou* voltar para lá sem você!

– Basta! – exclamou seu pai. – Vamos respeitar os escrúpulos filiais de

Catherine. Nelly, leve-o lá para dentro, e vou seguir sem demora seu conselho de chamar o médico.

– É a coisa certa a fazer – respondi. – Mas devo ficar com a minha ama. Cuidar do seu filho não é responsabilidade minha.

– Você é muito severa! – reclamou Heathcliff. – Sei disso. Mas vai me obrigar a beliscar o bebê e fazê-lo chorar para despertar sua caridade. Venha, então, meu herói. Quer voltar para casa, acompanhado por mim?

E se aproximou mais uma vez, como se fosse apanhar a frágil criatura; recuando, porém, Linton se agarrou à prima e implorou-lhe que o acompanhasse com uma urgência frenética que não admitia recusa.

Por mais que eu desaprovasse, não podia impedi-la; na verdade, como poderia ela própria ter se recusado? Não tínhamos meio de descobrir o que o enchia de terror, mas ali estava ele, impotente sob as garras desse medo, que parecia capaz de levá-lo às raias da insanidade, caso aumentasse ainda mais.

Chegamos à porta da frente; Catherine entrou, e fiquei parada ali, esperando que ela conduzisse o inválido até uma poltrona, saindo então imediatamente. Foi quando o sr. Heathcliff, empurrando-me para que entrasse, exclamou:

– Minha casa não está assolada pela peste, Nelly, e hoje estou com vontade de ser hospitaleiro. Sente-se, e me permita fechar a porta.

Fechou-a, e a trancou também. Sobressaltei-me.

– Devem tomar o chá antes de ir embora – acrescentou ele. – Estou sozinho. Hareton foi levar umas cabeças de gado aos Lee, e Zillah e Joseph estão fora, de folga. Embora eu esteja acostumado a ficar sozinho, prefiro uma boa companhia, se possível. Srta. Linton, sente-se ao lado *dele*. Ofereço-lhe o que tenho, o presente não vale muito, mas é o que posso fazer. Refiro-me a Linton. Veja só como ela me olha! É curioso o sentimento de fúria que tenho contra tudo o que parece ter medo de mim! Se tivesse nascido num lugar onde as leis fossem menos rigorosas e os gostos menos delicados, ia me conceder o prazer de fazer uma lenta vivisseccção desses dois, para me divertir no fim do dia.

Respirou fundo, bateu na mesa e praguejou para si mesmo:

– Com todos os diabos, como os odeio!

– Não tenho medo do senhor! – exclamou Catherine, que não pôde ouvir a parte final da fala de Heathcliff. Aproximou-se, os olhos negros brilhantes de ardor e indignação. – Dê-me essa chave, preciso dela! – exigiu. – Não comeria nem beberia nada aqui, mesmo que estivesse morrendo de fome.

Heathcliff tinha a chave na mão que permanecia fechada sobre a mesa. Ele ergueu o rosto, tomado por uma espécie de surpresa ante a audácia; ou, talvez,

recordando, por sua voz e olhar, da pessoa de quem ela a herdara. Catherine estendeu a mão subitamente e quase conseguiu tirar a chave dos dedos dele, mas seu gesto o trouxe de volta ao presente; ele a recuperou depressa.

– Muito bem, Catherine Linton – disse ele –, afaste-se, ou vou acabar derrubando-a com um safanão, o que vai deixar a sra. Dean furiosa.

Sem dar ouvidos à advertência, ela agarrou outra vez o punho fechado dele e seu conteúdo.

– Nós *vamos* sair! – repetiu, fazendo grande esforço para obrigar os músculos de aço a relaxar; descobrindo que suas unhas não bastavam, apelou com vontade para os dentes.

Heathcliff me lançou um olhar que desencorajou por um momento a minha interferência. Catherine estava por demais concentrada em seus dedos para notar seu rosto. Ele abriu a mão de repente, revelando o objeto da disputa, mas antes que ela pudesse se apossar da chave, Heathcliff a agarrou com a mesma mão. Puxando-a contra seu joelho, aplicou-lhe com a outra mão uma torrente de fortes tapas nos dois lados da cabeça, cada um deles suficiente para cumprir sua ameaça, se ela pudesse cair.

Diante dessa violência diabólica, precipitei-me furiosa sobre ele.

– Seu canalha! – comecei a gritar. – Seu canalha!

Uma pancada no peito me silenciou. Sou robusta, e logo fiquei sem ar. Com isso e com a raiva, cambaleei para trás, prestes a sufocar ou a ter uma artéria rompida.

A cena acabou em dois minutos: assim que foi solta, Catherine levou as duas mãos às têmporas, parecendo não saber ao certo se suas orelhas ainda estavam no lugar. Tremia feito vara verde, a pobrezinha, e se apoiou na mesa, completamente desconcertada.

– Sei como castigar crianças, como podem ver – disse o patife, com um ar sombrio, enquanto se abaixava para apanhar a chave, que caíra no chão. – Vá para junto de Linton, agora, como mandei, e chore o quanto quiser! Amanhã, vou ser seu pai, e, em poucos dias, o único pai que há de ter... e não vai ser pouco. Sei que pode tolerar muita coisa; não é nada fraquinha... E vai provar uma dose diária, se eu voltar a ver nos seus olhos esse gênio dos diabos que vi há pouco!

Cathy correu para mim, em vez de para Linton, e se ajoelhou, colocando o rosto em brasa no meu colo e chorando alto. Seu primo se encolhera num canto do sofá, quieto como um rato, satisfeito, imagino, pelo fato de a punição ter recaído sobre outra pessoa, e não ele.

O sr. Heathcliff, vendo-nos a todos atônitos, levantou-se e foi preparar ele mesmo o chá. As xícaras e os pires foram postos na mesa. Ele serviu e me entregou uma xícara.

– Lave a sua bile – disse. – E sirva a esse seu bichinho malvado e ao meu. Não está envenenado, embora tenha sido preparado por mim. Vou sair para buscar os seus cavalos.

Nosso primeiro pensamento, assim que ele saiu, foi procurar uma forma de escapar. Tentamos a porta da cozinha, mas estava trancada por fora. Olhamos para as janelas – eram estreitas demais até mesmo para Cathy, esguia como era.

– *Master* Linton – exclamei, vendo que estávamos presas –, decerto sabe quais as intenções do seu diabólico pai, e vai nos dizer, do contrário encho suas orelhas de tabefes, como ele fez com as de sua prima.

– Sim, Linton, você precisa nos dizer – exigiu Catherine. – Vim por sua causa, e vai ser muito ingrato de sua parte se agora se recusar a nos contar.

– Dê-me um pouco de chá, estou com sede. Em seguida eu conto – respondeu ele. – Sra. Dean, afaste-se. Não gosto de vê-la assim de pé, ao meu lado. Ora, Catherine, você está deixando as lágrimas caírem na minha xícara. Não vou beber isso. Sirva-me outra.

Catherine lhe entregou outra xícara e enxugou o rosto. Eu me sentia enojada com a postura daquele desgraçado, agora não mais tomado pelo terror. A aflição que demonstrara na chameca desaparecera assim que chegara a Wuthering Heights. Imaginei, portanto, que tivesse sido ameaçado com uma terrível explosão de ira se não lograsse nos arrastar até lá. Tendo conseguido isso, não tinha mais nenhum receio imediato.

– Papai quer que nos casemos – prosseguiu ele, depois de tomar um pouco de chá. – E sabe que o seu pai não permitiria que nos casássemos agora. Tem medo de que eu morra se esperarmos, então devemos nos casar pela manhã, e você vai ficar aqui a noite toda. Se fizer o que ele quer, vai voltar para casa amanhã mesmo, e vai me levar com você.

– Levá-lo com ela, pobre miserável! – exclamei. – *Casarem-se?* Ora, o homem enlouqueceu! Ou pensa que somos todos idiotas. Imagina que essa bela jovem, essa moça alegre e saudável, há de se unir a um raquítico desenxabido feito o senhor? Por acaso nutre a esperança de que alguém, quanto mais a srta. Catherine Linton, iria querer tê-lo por marido? Merece é uma surra de chicote por nos trazer até aqui, com seus truques covardes... Não fique com essa cara de bobo! Estou com uma vontade imensa de sacudi-lo para valer, por sua desprezível traição e pelo seu egoísmo imbecil.

Sacudi-o um pouco, mas isso fez com que ele começasse a tossir. Linton recorreu ao costumeiro recurso de gemer e choramingar, e Catherine me censurou.

– Ficar aqui a noite inteira? Não – disse ela, olhando devagar ao redor. – Ellen, sou capaz de atear fogo àquela porta, mas hei de sair.

E ela teria posto mãos à obra imediatamente, se não fosse Linton se levantar, alarmado outra vez com sua própria e cara pessoa. Enlaçou-a com seus braços fracos, soluçando:

– Não quer se casar comigo, e me salvar? Não quer me deixar ir para Grange? Ah, querida Catherine! Não pode ir embora. *Tem* de obedecer ao meu pai... *tem* de obedecer!

– Tenho de obedecer é ao meu – replicou ela –, e evitar que fique em tão cruel suspense. A noite inteira! O que ele haveria de pensar? Já deve estar preocupado. Vou sair desta casa, nem que tenha que quebrar ou queimar alguma coisa para isso. Fique quieto! Você não corre nenhum risco, mas se tentar me impedir... Linton, eu amo o papai mais do que a você!

O terror mortal que ele sentia da ira do sr. Heathcliff devolveu ao rapaz sua covarde eloquência. Catherine quase se deixou distrair por ele, mas ainda assim persistiu em sua determinação de ir para casa, e tentou se valer da súplica ela também, persuadindo-o a esquecer por um momento de sua aflição egoísta. Estavam nisso quando nosso carcereiro voltou.

– Os seus cavalos se foram – anunciou ele –, e... Ora, Linton! Choramingando outra vez? O que foi que ela andou lhe fazendo? Vamos, vamos... chega disso, vá para a cama. Dentro de um mês ou dois, meu rapaz, você vai poder dar a ela o troco de suas atuais tiranias. Anseia por puro amor, não é mesmo? Mais nada no mundo... e ela há de ter você! Vamos, para a cama! Zillah não está aqui esta noite, você tem de se despir sozinho. Psiu, não faça barulho! Quando estiver em seu quarto, não vou chegar perto de você, não precisa ficar com medo. Por sorte, você agiu razoavelmente bem. Cuido do resto.

Disse essas palavras enquanto segurava a porta aberta para que o filho passasse, coisa que este fez exatamente como um cachorro que desconfiasse que a pessoa segurando a porta planejava fechá-la cruelmente sobre ele.

A porta voltou a ser trancada. Heathcliff aproximou-se da lareira, junto à qual minha ama e eu permanecíamos de pé, em silêncio. Catherine ergueu os olhos, e instintivamente levou a mão ao rosto: a proximidade dele revivia uma sensação dolorosa. Qualquer outra pessoa teria sido incapaz de reagir com severidade àquele gesto infantil, mas ele franziu o cenho para ela e resmungou:

– Ah, quer dizer que não tem medo de mim? Sua coragem está bem escondida; você parece *morta* de medo!

– E *estou* com medo agora – replicou ela –, porque, se ficar aqui, papai vai ficar muito preocupado. E como posso suportar a ideia de lhe causar qualquer preocupação, quando ele... quando ele... Sr. Heathcliff, deixe-me voltar para casa! Prometo me casar com Linton. Papai aprovaria, e eu o amo. Por que razão quer me forçar a fazer o que eu faria de bom grado?

– Ele que ouse forçá-la! – exclamei. – Há leis nestas terras, graças a Deus! Há mesmo, embora estejamos num lugar tão remoto. Eu haveria de denunciá-lo, mesmo que fosse meu filho. É um crime, sem a bênção da Igreja!

– Cale-se! – disse o canalha. – Vá para o diabo com os seus protestos! Não é com *você* que estou falando. Srta. Linton, terei um prazer singular com a ideia de que seu pai vai ficar preocupado: não vou nem conseguir dormir, de tanta satisfação. A senhorita não teria encontrado maneira mais segura de residir sob meu teto nas próximas vinte e quatro horas do que me informando que isso traria tais consequências. Quanto à sua promessa de se casar com Linton, vou cuidar para que a cumpra, pois não vai deixar esta casa enquanto isso não acontecer.

– Então mande Ellen avisar ao papai que estou bem! – exclamou Catherine, chorando amargamente. – Ou nos case agora. Pobre papai! Ellen, ele vai achar que nos perdemos. O que havemos de fazer?

– Não ele! Vai achar que se cansou de cuidar dele e saiu de casa para se divertir um pouco – respondeu Heathcliff. – Não pode negar que veio até a minha casa porque quis, contrariando as ordens que ele dera em contrário. E é natural que, na sua idade, queira se divertir, e que esteja cansada de cuidar de um doente que é *apenas* o seu pai. Catherine, os dias mais felizes dele terminaram quando os seus começaram. Ele a amaldiçoou, imagino, por ter vindo ao mundo (foi o que eu fiz, pelo menos), e faria sentido que a amaldiçoasse no momento em que *ele* deixa o mundo. Eu me juntaria a ele. Não tenho afeto pela senhorita! Como poderia? Chore o quanto quiser. Pelo que me diz respeito, chorar vai ser sua principal diversão daqui por diante, a menos que Linton compense outras perdas, e o seu previdente pai parece acreditar que ele tem condições de fazer isso. Suas cartas aconselhando-o e reconfortando-o me divertiram enormemente. Na última, ele recomendava que a minha joia cuidasse bem da dele, e a tratasse com gentileza quando ela lhe pertencesse. Cuidado e gentileza... isso é bem paternal. Mas Linton devota a si mesmo todo o seu estoque de cuidado e gentileza. Faz bem o papel de pequeno tirano. Tortura gatos que não têm dentes nem garras. Você vai poder contar ao tio dele belos relatos de sua *gentileza*, quando voltar para casa, eu lhe garanto.

– Nisso o senhor tem razão! – fiz coro. – Explique a ela como é o caráter de seu filho. Mostre-lhe como se parece com o senhor; e então espero que a srta. Cathy pense duas vezes antes de aceitar aquela víbora!

– Não me importa muito falar de suas boas qualidades agora – respondeu ele –, porque ela deve aceitá-lo ou seguir sendo prisioneira, e você com ela, até o seu amo morrer. Posso manter as duas detidas aqui, sem que ninguém saiba. Se duvida, encoraje-a a retirar sua palavra, e terá a oportunidade de julgar!

– Não retiro minha palavra – disse Catherine. – Caso-me com ele agora mesmo, se depois puder voltar para Thrushcross Grange. Sr. Heathcliff, o senhor é um homem cruel, mas não é um demônio; não vai, por *pura* maldade, destruir irremediavelmente a minha felicidade. Se o papai pensasse que o deixei de propósito e morresse antes do meu retorno, como eu poderia continuar viva? Já desisti de chorar, mas vou me ajoelhar aqui, diante do senhor, e não vou tirar os olhos do seu rosto até que olhe para mim também! Não, não vire o rosto! *Olhe!* Não vai ver nada capaz de provocá-lo. Não o odeio. E não estou zangada por ter batido em mim. Nunca amou *ninguém* em toda sua vida, tio? *Nunca?* Ah! Tem de olhar para mim. Estou tão desesperada que não pode deixar de se apiedar.

– Tire esses dedos de cima de mim e se afaste, ou lhe dou um chute! – exclamou Heathcliff, repelindo-a brutalmente. – Preferia ser abraçado por uma cobra. Como diabos pode sonhar em me adular? Eu a *detesto!*

Ele encolheu os ombros – na verdade, chegou a se sacudir, como se sua pele estivesse arrepiada por causa de uma repulsa física – e empurrou a cadeira para trás, enquanto eu me levantava, para começar a proferir uma torrente de insultos. Mas fui calada no meio da minha primeira frase, sob a ameaça de ser metida sozinha num quarto na próxima sílaba que pronunciasse.

Estava escurecendo – ouvimos o som de vozes junto ao portão. Nosso anfitrião correu de imediato lá para fora; *ele* tinha a cabeça fria, *nós* não. Seguiu-se uma conversa de dois ou três minutos, e ele regressou sozinho.

– Pensei que fosse seu primo Hareton – comentei com Catherine. – Gostaria que voltasse! Quem sabe não ficaria do nosso lado?

– Eram três criados, mandados de Thrushcross Grange para procurá-las – informou Heathcliff, tendo ouvido o que eu dissera. – Você devia ter aberto uma gelosia e gritado, mas posso jurar que essa fedelha aí está feliz que não tenha feito isso. Está contente por ser obrigada a ficar, tenho certeza.

Ao saber da oportunidade que acabávamos de perder, ambas demos vazão ao nosso pesar, e ele permitiu que chorássemos até as nove horas. Mandou que subíssemos, então, passando pela cozinha, para o quarto de Zillah. Sussurrei à

minha ama que obedecesse, talvez conseguíssemos dar um jeito de escapar pela janela, ali, ou passar para o sótão e sair pela claraboia. Mas a janela era estreita, como as do andar de baixo, e o alçapão que dava para o sótão de nada serviria, pois estava trancado.

Nenhuma de nós duas se deitou. Catherine sentou-se junto à janela e ficou aguardando, ansiosa, que a manhã chegasse – um profundo suspiro foi a única resposta que consegui obter de minhas frequentes sugestões de que tentássemos descansar. Sentei-me numa cadeira de balanço e, enquanto me embalava para a frente e para trás, passei em revista, com severidade, todas as muitas vezes em que descumprira com meu dever – disso resultavam, ocorreu-me então, todas as desventuras dos meus patrões. Na realidade, não era o caso, bem sei disso; mas era, na minha mente, ao longo daquela noite terrível – e achava que o próprio Heathcliff era menos culpado do que eu.

Às sete horas, ele subiu e perguntou se a srta. Catherine já tinha se levantado. Ela correu imediatamente para a porta e respondeu que sim.

– Muito bem, então – disse ele, abrindo a porta e puxando-a para fora.

Levantei-me para acompanhá-los, mas ele voltou a trancar a porta. Exigi que me soltasse.

– Seja paciente – replicou ele –, mando seu café da manhã daqui a pouco.

Bati na porta e sacudi com raiva a tranca; Catherine perguntou por que eu ainda estava trancada ali. Ele respondeu que eu teria de aguentar por mais uma hora, e se foi. Tive de aguentar por mais duas ou três, até ouvir passos, por fim. Não eram os de Heathcliff.

– Trouxe um pouco de comida para você – disse uma voz. – Abra a porta!

Obedecendo de bom grado, deparei-me com Hareton, trazendo comida o bastante para me sustentar por um dia inteiro.

– Tome – acrescentou ele, passando-me a bandeja.

– Fique um instante – comecei a dizer.

– Não – exclamou ele, e se foi, apesar de todas as minhas súplicas para que ficasse.

E ali permaneci, fechada o dia inteiro, e toda a noite seguinte; e mais um, e mais uma. No total, fiquei cinco dias e quatro noites, sem ver mais ninguém além de Hareton pela manhã; e ele era um modelo de carcereiro: ríspido, além de surdo e mudo a cada tentativa minha de despertar seu senso de justiça ou compaixão.

CAPÍTULO 28

NA MANHÃ, OU, antes, na tarde do quinto dia, passos diferentes se aproximaram – mais leves e curtos. Dessa vez, a pessoa entrou no quarto. Era Zillah, usando seu xale escarlate, com uma touca de seda preta e uma cesta de vime pendurada no braço.

– Ah, olá, sra. Dean – exclamou ela. – Andam falando muito da senhora em Gimmerton. Achei que tinha se afogado no pântano de Blackhorse, e a menina junto, até o patrão me dizer que tinham sido encontradas e que ele hospedara as duas aqui! Puxa! E devem ter subido para uma ilha, com certeza? Quanto tempo ficaram no buraco? Como foi que o patrão as salvou, sra. Dean? A senhora não está tão magrinha... não passou fome, passou?

– O seu patrão é um verdadeiro canalha! – repliquei. – Mas vai pagar por tudo. Não precisava ter inventado essa história... vai vir tudo à tona!

– O que a senhora está querendo dizer? – perguntou Zillah. – Ele não inventou história nenhuma... é o que todos estão contando na aldeia. Que vocês duas se perderam no pântano. Quando cheguei, chamei Earnshaw: “Parece que aconteceu uma desgraça, sr. Hareton, durante a minha folga. Pobre da menina e da boa Nelly Dean.” Ele ficou me olhando. Achei que não tinha ouvido falar de nada, então lhe contei qual era o boato. O patrão ouviu, sorriu consigo mesmo e disse: “Se estavam no pântano antes, Zillah, agora não estão mais. Nelly Dean está hospedada, neste exato minuto, no seu quarto. Pode lhe dizer para sair, quando subir; aqui está a chave. Engoliu muita água do pântano e teria voltado logo para casa, mas fiz questão de que ficasse aqui até recobrar a calma. Pode lhe dizer para ir de imediato a Grange, se puder, e levar uma mensagem minha: a de que a jovem vai chegar a tempo de comparecer ao enterro do magistrado.”

– O sr. Edgar não morreu? – perguntei, arquejando. – Ah! Zillah, Zillah!

– Não, não; sente-se, minha boa senhora – respondeu ela. – Agora sim está parecendo doente. Ele não morreu; o dr. Kenneth acha que talvez dure mais um dia. Encontrei-o na estrada e perguntei.

Em vez de me sentar, peguei minhas coisas e corri lá para baixo, pois o caminho estava desimpedido. Ao entrar na sala, olhei ao redor em busca de alguém que me pudesse dar informações sobre Catherine. O ambiente estava

ensolarado e a porta aberta, mas não parecia haver ninguém por ali. Enquanto eu hesitava entre sair logo ou voltar e tentar encontrar minha ama, uma tossezinha seca fez com que eu me virasse para a lareira. Linton estava no sofá, sozinho, chupando um doce e seguindo meus movimentos com um olhar apático.

– Onde está a srta. Catherine? – perguntei, num tom severo, supondo que, como o havia encontrado sozinho, poderia lhe meter medo e assim obrigá-lo a me responder.

Ele continuou chupando o doce, com ar inocente.

– Ela já foi? – perguntei.

– Não, está lá em cima, e não vai embora; não vamos deixar.

– Você não vai deixar, seu idiota! – exclamei. – Leve-me agora mesmo ao quarto dela, ou juro que vou fazê-lo dar uns bons gritos.

– Papai faria você dar uns bons gritos, se tentasse ir até lá – respondeu ele. – Diz que não devo ser mole com Catherine: ela é minha mulher, e é uma vergonha que queira me deixar. Ele diz que ela me odeia e quer que eu morra, para poder ficar com o meu dinheiro. Mas não vai ficar, e não vai para casa! Não vai para casa nunca mais! Pode chorar e ficar doente o quanto quiser!

Ele voltou à sua ocupação, fechando os olhos, como se estivesse querendo dormir.

– *Master* Heathcliff – insisti –, será que se esqueceu de toda a gentileza que Catherine demonstrou no inverno passado, quando afirmou que a amava, e ela lhe trouxe livros, lhe cantou canções e muitas vezes enfrentou o vento e a neve para vir vê-lo? Ela chorava quando era obrigada a faltar uma noite que fosse, pois não queria decepcioná-lo, e o senhor achava então que ela era demasiado boa. Agora acredita nas mentiras que seu pai conta, embora saiba que ele detesta a ambos. E se une a ele contra ela. Que bela demonstração de gratidão, não é?

Os cantos da boca de Linton caíram, e ele afastou o doce que tinha entre os lábios.

– Ela por acaso veio para *Wuthering Heights* porque o odiava? – prossegui. – Pense bem nisso! E quanto ao seu dinheiro, ela nem sabe que tem algum. Diz que ela está doente, mas deixa-a sozinha, lá em cima, numa casa estranha! Logo o *senhor*, que bem sabe o que é ser negligenciado! Compadecia-se dos seus próprios sofrimentos, e ela também, mas agora não se compadece dela! Eu chorei, como vê... uma mulher de idade e uma mera criada. E o senhor, depois de fingir tamanho afeto, e tendo razões para quase idolatrá-la, guarda para si todas as suas lágrimas e fica deitado aqui, bem confortável. Ah! É um rapaz sem coração, um egoísta!

– Não posso ficar com ela – respondeu ele, irritado. – Não consigo ficar sozinho com ela. Chora tanto que não posso aguentar. E não para, mesmo que eu faça menção de chamar meu pai. Uma vez chamei mesmo, e ele ameaçou estrangulá-la se ela não ficasse quieta, mas ela recomeçou no instante em que ele saiu do quarto, gemendo e chorando a noite inteira, embora eu gritasse que aquilo me incomodava muito e que não conseguia dormir.

– O sr. Heathcliff está em casa? – indaguei, percebendo que a infeliz criatura não tinha capacidade de se solidarizar com a prima pela tortura mental que esta sofria.

– Está no pátio – respondeu ele –, falando com o dr. Kenneth, que diz que meu tio está morrendo, por fim. Fico feliz, pois vou ser dono de Thrushcross Grange depois que ele se for. Catherine sempre se referiu a ela como sendo *sua* casa. Não é sua! É minha. Papai disse que tudo o que ela possui é meu.²⁸ Todos os seus belos livros são meus; ela se ofereceu para me dar todos de presente, e seus belos passarinhos, e seu pônei Minny, se eu pegasse a chave do quarto e a deixasse sair, mas lhe disse que ela não podia me dar nada, porque tudo aquilo já era meu. E então ela chorou, tirou um camafeu do pescoço e disse que me daria aquilo; dois retratos num camafeu de ouro, de um lado sua mãe, e do outro o meu tio, quando eram jovens. Isso foi ontem. Eu lhe disse que o *camafeu* era meu também e tentei tirá-lo dela. Aquela coisinha desprezível não deixou: empurrou-me e me machucou. Comecei a gritar, o que a assusta; ouviu papai se aproximando e quebrou o camafeu ao meio, dando-me o retrato de sua mãe. O outro ela tentou esconder, mas papai perguntou o que estava acontecendo, e expliquei. Ele pegou o retrato que estava comigo e obrigou-a a me entregar o que estava com ela. Ela se recusou, e ele... ele a derrubou no chão, arrancou o camafeu da corrente e o esmagou com o pé.

– E o senhor ficou feliz ao vê-lo derrubando-a? – perguntei, tendo meus motivos para encorajá-lo a falar.

– Estremeci – respondeu ele. – Estremeço sempre que meu pai bate num cachorro ou num cavalo, tamanha é a força que usa. Mas a princípio gostei: ela merecia ser punida por ter me empurrado. Mas quando papai se foi, ela fez com que eu me aproximasse da janela e me mostrou a boca ferida por dentro, onde batera contra os dentes, e se enchendo de sangue. Juntou então os pedaços do retrato, foi se sentar, voltada para a parede, e desde então não falou mais comigo. Às vezes acho que é a dor que a impede de falar. Não me agrada pensar que seja, mas é insuportável como chora sem parar, e seu aspecto é tão pálido e feroz que tenho medo dela.

– E o senhor pode pegar a chave, se quiser? – perguntei.

– Sim, quando estou no andar de cima – respondeu ele –, mas não posso ir para lá agora.

– Em que quarto ela está? – perguntei.

– Ora – exclamou ele –, não vou dizer *a* você qual o quarto! É o nosso segredo. Ninguém, nem Hareton ou Zillah, pode saber. Pronto, você me cansou... Vá embora, vá embora! – E apoiou o rosto no braço, voltando a fechar os olhos.

Achei melhor sair sem falar com o sr. Heathcliff e ir buscar socorro em Grange para a minha jovem ama. Quando cheguei aqui, foi intensa a surpresa dos outros criados ao me ver, e sua alegria também. Quando ficaram sabendo que sua jovem patroa estava bem, dois ou três estavam prestes a correr para o segundo andar e gritar a boa-nova junto à porta do sr. Edgar, mas eu própria me encarreguei de falar com ele.

Como estava mudado, mesmo ao cabo de alguns poucos dias! Era a imagem da tristeza e da resignação, à espera da morte. Parecia muito jovem – embora sua idade verdadeira fosse trinta e nove anos, dava a impressão de ser pelo menos dez anos mais novo. Pensava em Catherine, pois murmurou seu nome. Toquei-lhe a mão, e falei.

– Catherine está vindo, querido patrão! – sussurrei. – Ela está viva e bem, e vai estar aqui, espero, ainda esta noite.

Tremi ante a primeira reação dele à notícia: soergueu-se, olhou ansioso ao redor, depois desabou, desfalecido.

Assim que recobrou os sentidos, contei-lhe de nossa visita compulsória e de nosso cárcere em Heights. Disse que Heathcliff me forçara a entrar, o que não era inteiramente verdade. Falei o mínimo possível contra Linton, e não descrevi a conduta brutal do pai dele, pois não queria acrescentar ainda mais amargura, se pudesse evitar, ao seu cálice já transbordante.

Ele adivinhou que um dos propósitos do seu inimigo era garantir que a fortuna pessoal, bem como a propriedade, passaria para o filho – ou, antes, para si próprio. Por que não aguardou até depois de sua morte era um mistério para o meu amo, que ignorava estar o sobrinho tão próximo da morte quanto ele próprio.

Sentiu, porém, que seu testamento devia ser alterado: em vez de deixar a fortuna de Catherine à sua disposição, decidiu colocá-la a cargo de tutores, para seu usufruto enquanto estivesse viva, e para seus filhos, se viesse a ter algum, depois que morresse. Desse modo, a fortuna não iria para o sr. Heathcliff se Linton falecesse.

Tendo recebido essas ordens, mandei um criado ir buscar o advogado, e

mais quatro, todos armados, resgataram minha jovem ama de sua prisão. Todos demoraram muito a regressar.

O criado que partira sozinho voltou primeiro. Disse que, ao chegar à casa do sr. Green, em Gimmerton, o advogado estava fora, e ele tivera que esperar duas horas até que regressasse. O sr. Green lhe dissera então que precisava resolver um caso no povoado e que estaria em Thrushcross Grange antes que amanhecesse.

Os quatro homens também voltaram desacompanhados. Traziam a notícia de que Catherine estava doente – doente demais para sair do quarto, e Heathcliff não os deixara vê-la. Dei uma bronca nos quatro idiotas por terem acreditado naquela história, que não transmiti ao meu patrão. Estava decidida a levar um bando de gente até Wuthering Heights, ao romper do dia, e literalmente invadir a casa, a menos que a prisioneira nos fosse entregue.

“O pai *há* de vê-la”, repeti minha promessa, “ainda que aquele diabo venha a perecer na porta de sua própria casa tentando impedi-lo!”

Felizmente, fui poupada da jornada e das dificuldades. Descera às três horas para buscar um jarro de água. Ao passar pelo vestíbulo com o jarro nas mãos, uma batida forte à porta da frente me causou um sobressalto.

“Ah! Deve ser Green”, pensei, acalmando-me. “É só Green”, e segui meu caminho, com a intenção de mandar outra pessoa abrir a porta. A batida se repetiu, porém; não era forte, mas insistente. Coloquei o jarro sobre o balaústre e fui abrir eu mesma. A lua cheia brilhava lá fora. Não era o advogado. Minha jovem e querida ama pulou no meu pescoço, soluçando:

– Ellen, Ellen! Papai ainda está vivo?

– Está – exclamei –, está, meu anjo, ainda está. Graças a Deus a senhorita está a salvo conosco outra vez!

Ela queria correr, exausta como estava, escada acima, para o quarto do sr. Linton; mas insisti que se sentasse numa cadeira, bebesse um pouco d’água e lavasse o rosto pálido, esfregando-o com o avental para que adquirisse um pouco de cor. Disse-lhe então que eu tinha de ir primeiro e informá-lo de sua chegada. Implorei que dissesse que seria feliz com o jovem Heathcliff. Ela me olhou fixamente, mas logo compreendeu por que aquele conselho de dizer uma falsidade e me garantiu que não ia se queixar.

Não tive forças para estar presente ao encontro deles. Fiquei do lado de fora do quarto por uns quinze minutos, e em seguida aventurei-me a me aproximar um pouco da cama.

Tudo estava sereno, contudo. O desespero de Catherine era tão silencioso

quanto a alegria do pai. Ela tolerava o sentimento com aparente calma; e ele tinha fixos no rosto da filha um par de olhos que pareciam dilatados de êxtase.

Ele morreu feliz, sr. Lockwood; morreu feliz. Beijando-lhe a face, murmurou:

– Vou para junto dela, e você, minha querida, um dia irá para junto de nós!

Depois disso, não voltou a se mexer ou a falar, mas continuou a olhá-la daquela maneira extasiada e radiante, até que seu pulso cessou, imperceptivelmente, e sua alma partiu. Ninguém saberia dizer o momento exato da morte, pois aconteceu em meio a grande tranquilidade.

Se Catherine já gastara todas as suas lágrimas ou se a dor era demasiada para deixá-las correr, fato é que ficou sentada ali, os olhos secos, até o sol nascer... Então continuou sentada até o meio-dia, e mais tempo ainda teria passado junto à cama onde jazia o pai, mas insisti que fosse descansar um pouco.

Foi bom ter conseguido removê-la dali, pois à hora do almoço apareceu o advogado, após ter ido a Wuthering Heights pedir instruções de como proceder. Ele se vendera ao sr. Heathcliff – esse era o motivo de sua demora em atender ao chamado do meu patrão. Felizmente, nenhum assunto mundano capaz de perturbá-lo passara por sua mente após a chegada da filha.

O sr. Green assumiu a tarefa de dar ordens a tudo e a todos em Grange. Demitiu todos os criados menos eu. Teria levado sua autoridade ao ponto de insistir que Edgar Linton não fosse enterrado ao lado da esposa, mas sim na capela, com o restante da família. Mas havia o testamento orientando em contrário, e os meus veementes protestos contra qualquer infração dessa orientação.

O funeral aconteceu apressadamente; Catherine, agora sra. Linton Heathcliff, teve permissão para ficar em Grange até a saída do corpo do pai.

Ela me disse que seu sofrimento por fim levava Linton a arriscar-se a libertá-la. Catherine ouvira os homens que eu mandara discutindo à porta e deduzira o significado da resposta de Heathcliff. Aquilo a deixara desesperada. Linton, que fora chamado à saleta logo depois que fui embora, ficara aterrorizado e decidira apanhar a chave antes que o pai subisse.

Teve a esperteza de destrancar e depois voltar a trancar a porta, sem contudo fechá-la. Na hora de ir para a cama, implorou para dormir com Hareton, e dessa vez teve seu pedido atendido.

Catherine fugiu antes do raiar do dia. Não ousou tentar sair pela porta, com medo de que os cachorros latissem; entrou nos quartos vazios e examinou as janelas. Por sorte, ao chegar ao antigo quarto de sua mãe, passou facilmente pela

gelosia, e dali para o chão, descendo pelo abeto que ficava próximo. Seu cúmplice foi castigado por sua participação na fuga, apesar da modesta colaboração.

²⁸ A perspectiva de Linton Heathcliff é um tanto equivocada. Não obstante correta em relação à casa (ver nota 63), no que toca aos chamados bens móveis (*personalty*, objetos pessoais de toda a sorte, contas bancárias, cartas de crédito etc.), a transmissão considerava a descendência imediata do falecido, podendo ser utilizada como lhe aprouvesse. Assim, boa parte dos objetos mencionados pelo garoto não poderiam constar de suas posses por direito.

CAPÍTULO 29

Na noite após o enterro, minha ama e eu estávamos sentadas na biblioteca, ora refletindo tristemente – uma de nós desesperadamente – sobre a nossa perda, ora fazendo conjecturas quanto ao futuro sombrio que nos aguardava.

Tínhamos concordado que o melhor destino que Catherine poderia esperar seria ter permissão para continuar morando em Thrushcross Grange, pelo menos enquanto Linton vivesse – podendo ele vir se reunir com ela aqui, e eu permanecer como governanta. Parecia um arranjo demasiado favorável para termos esperanças de obtê-lo; ainda assim, eu as tinha, e comecei a me alegrar com a perspectiva de conservar meu lar, meu emprego e, acima de tudo, minha querida patroazinha, quando um criado – um dos que haviam sido despedidos e ainda não tinham ido embora – entrou apressadamente, dizendo que “aquele diabo do Heathcliff” estava vindo pelo pátio: deveria fechar-lhe a porta na cara?

Mesmo que tivéssemos decidido cometer a loucura de ordenar esse procedimento, não daria tempo. Ele não se deu ao trabalho de bater à porta ou anunciar seu nome: era o dono da casa e, concedendo-se privilégios de dono, entrou direto, sem dizer uma palavra. O som da voz do nosso informante dirigiu-o à biblioteca; ele entrou, fez um gesto para que o antigo criado saísse e fechou a porta.

Era o mesmo aposento ao qual fora trazido, como hóspede, dezoito anos antes: a mesma lua brilhava através da janela, a mesma paisagem outonal se descortinava lá fora. Não tínhamos acendido as velas ainda, mas todo o cômodo estava visível, até os retratos na parede: a esplêndida imagem da sra. Linton, e as elegantes feições de seu marido.

Heathcliff avançou até a lareira. O tempo também não alterara muito a sua pessoa. Era o mesmo homem, o rosto moreno um pouco mais pálido e mais calmo, seu físico um pouco mais pesado, talvez, e nada mais. Ao vê-lo, Catherine levantou-se num impulso de sair dali correndo.

– Pare! – ordenou ele, segurando-a pelo braço. – Acabaram-se as fugas! Para onde você iria? Vim levá-la para casa, e espero que seja uma filha obediente, e não encoraje meu filho a voltar a descumprir minhas ordens. Fiquei

sem saber como puni-lo quando descobri sua participação na fuga... está tão fraquinho que um beliscão poderia acabar com ele. Mas verá, pela sua aparência, que recebeu o que merecia! Só o levei lá para baixo à noite, anteontem, e o instalei numa poltrona. Não botei as mãos nele depois disso. Mandeí que Hareton saísse, e ficamos com o cômodo só para nós dois. Duas horas depois, chamei Joseph para que o carregasse de novo para o segundo andar e desde então minha presença é tão apavorante para os nervos dele quanto um fantasma. Imagino que me veja com frequência, mesmo quando não estou por perto. Hareton diz que ele acorda durante a noite aos gritos, quase que de hora em hora, chamando o seu nome para protegê-lo de mim. Quer goste de seu precioso consorte ou não, vai ter de vir: ele agora é problema seu; todo o interesse que eu tinha nele delego agora a você.

– Por que não permite que Catherine continue aqui e manda o sr. Linton vir ficar com ela? – supliquei. – Já que odeia a ambos, não sentiria sua falta. Vão ser um flagelo diário para o seu coração perverso.

– Estou procurando um inquilino para Grange – respondeu ele –, e quero meus filhos perto de mim, naturalmente. Além disso, essa moça vai ter de trabalhar em troca de sustento. Não vou mantê-la no luxo e no ócio depois que Linton se for. Apronte-se logo; não me obrigue a forçá-la.

– Farei isso – disse Catherine. – Linton é tudo o que tenho para amar no mundo, e embora o senhor tenha feito o possível para torná-lo odioso aos meus olhos, e eu aos dele, *não pode* fazer com que nos odiemos. E desafio-o a lhe fazer mal quando eu estiver por perto, e desafio-o a meter medo em mim!

– Você é a campeã da bravata! – replicou Heathcliff. – Mas não gosto de você o suficiente para fazer mal a ele; o privilégio do tormento vai ser integralmente seu, enquanto durar. Não sou eu quem vai torná-lo odioso aos seus olhos, e sim o próprio espírito de Linton. Ele anda numa amargura danada com a sua deserção e com as consequências. Não espere agradecimentos por essa nobre devoção. Ouvi-o fazendo uma deliciosa descrição a Zillah do que faria se fosse forte como eu. A inclinação existe, e sua própria fraqueza há de lhe afiar a perspicácia até encontrar um substituto para a força.

– Sei que ele tem uma natureza ruim – disse Catherine –, é seu filho, afinal. Mas felizmente a minha é melhor, e sou capaz de perdoá-lo. Sei que ele me ama, e por esse motivo amo-o também. Sr. Heathcliff, *o senhor* não tem *ninguém* para amá-lo, e, por mais infeliz que nos faça, ainda teremos a vingança de pensar que a sua crueldade advém de uma infelicidade ainda maior! O senhor *é* infeliz, não é? Solitário feito o diabo, e invejoso como ele também? *Ninguém* o ama... *ninguém* vai chorar pela sua morte! Eu não gostaria de estar no seu lugar!

Catherine falou com um sombrio ar de triunfo, parecia estar decidida a entrar no espírito de sua futura família e encontrar prazer no sofrimento dos inimigos.

– Não vai querer é estar no *seu* lugar – rebateu o sogro –, se ficar parada aqui por mais um minuto. Fora daqui, bruxa, e vá apanhar suas coisas!

Ela se retirou, com ar de desdém.

Em sua ausência, comecei a suplicar que ele me desse o lugar de Zillah em Wuthering Heights, oferecendo-me para ceder o meu a ela, mas ele não quis nem ouvir falar nisso. Mandou que eu me calasse e então, pela primeira vez, permitiu-se olhar um pouco ao redor e fitar os retratos. Tendo contemplado o da sra. Linton, disse:

– Vou levar isto para casa. Não porque precise, mas...

Virou-se abruptamente para o fogo e prosseguiu, com o que chamarei de sorriso por falta de uma palavra melhor:

– Vou lhe contar o que fiz ontem! Mandei o coveiro que cavava a sepultura de Linton remover a terra de cima do caixão dela e o abri. Por um momento, achei que ia ficar lá: quando voltei a ver o rosto dela, e é o rosto dela ainda, ele teve muito trabalho para me levar embora dali.⁷⁹ Mas disse-me que o rosto ia se alterar se o ar entrasse, então abri um dos lados do caixão e voltei a tampá-lo... não o lado que dá para Linton, diabos o carreguem! Gostaria que ele tivesse sido soldado com chumbo. E dei dinheiro ao coveiro para abrir aquela parte do caixão dela quando eu tiver sido colocado ali, e abrir o meu também. Vou deixar tudo preparado, e quando Linton chegar até nós, não vai saber mais quem é quem!

– O senhor é mesmo muito perverso, sr. Heathcliff! – exclamei. – Não tem vergonha de perturbar os mortos?

– Não perturbei ninguém, Nelly – replicou ele –, e dei um pouco de paz a mim mesmo. Vou ficar bem mais tranquilo agora, e vocês vão ter mais chance de me manter debaixo da terra, uma vez que eu tiver sido colocado ali. Perturbá-la? Não! Ela que me perturbou, dia e noite, por dezoito anos... incessantemente... sem remorso... até anteontem; anteontem à noite eu me tranquilizei. Sonhei que estava dormindo o último sono ao lado dela, com meu coração parado e a face gelada de encontro à sua.

– E se ela tivesse se dissolvido na terra, ou coisa pior, com o que o senhor teria sonhado? – indaguei.

– Teria sonhado em me dissolver com ela e ficaria ainda mais feliz! – respondeu ele. – Acha que tenho medo desse tipo de coisa? Eu esperava me deparar com uma transformação dessas ao abrir o caixão, mas prefiro que ainda

não tenha começado, até eu poder partilhar da mesma coisa. Além disso, a menos que eu houvesse tido uma impressão diferente de suas feições impassíveis, aquele estranho sentimento não teria sido alterado. Começou de maneira esquisita. Você sabe como fiquei transtornado depois que ela morreu... e eternamente, durante todas as horas do dia, pedia-lhe que ela me devolvesse seu espírito! Acredito piamente em fantasmas: estou convicto de que podem existir entre nós, e de que existem, de fato!

“No dia em que ela foi enterrada, nevou. À noite, fui até o cemitério. Soprava um vento gelado, como se fosse inverno; tudo em volta estava solitário. Eu não imaginava que o imbecil do marido dela fosse perambular pelo vale tão tarde, e ninguém mais tinha o que fazer ali.

“Sozinho, e consciente de que dois metros de terra solta eram a única barreira entre nós, disse a mim mesmo: ‘Hei de tê-la novamente nos braços! Se estiver fria, vou pensar que é este vento norte que me gela, e se estiver imóvel, será porque dorme.’

“Peguei uma pá no depósito de ferramentas e comecei a cavar com todas as minhas forças, até bater no caixão; pus-me então a cavar com as mãos. A madeira começou a estalar em torno dos parafusos, e eu estava a ponto de alcançar meu objetivo quando me pareceu ouvir alguém suspirando lá no alto, debruçado sobre a beira da cova. “Se conseguir tirar isto”, murmurei, “gostaria que nos cobrissem de terra, a nós dois!” E puxei ainda mais desesperadamente. Houve outro suspiro, junto ao meu ouvido. Pareceu-me poder sentir um hálito quente em meio à neve e à chuva que o vento trazia. Sabia que nenhum ser vivo de carne e osso estava por perto, mas, com a mesma certeza com que você percebe a aproximação de um corpo no escuro, embora não possa discerni-lo, senti que Cathy estava ali... não debaixo de mim, mas sobre a terra.

“Uma súbita sensação de alívio fluiu do meu coração para todos os membros do meu corpo. Desisti dos meus esforços desesperados e me senti imediatamente consolado... indescritivelmente consolado. A presença dela estava comigo; comigo permaneceu enquanto eu voltava a encher de terra a sepultura e me conduziu até a casa. Pode rir, se quiser, mas tive certeza de que ia vê-la ao chegar. Tinha certeza de que ela estava comigo, e não podia evitar falar com ela.

“Ao chegar a Wuthering Heights, corri ansioso para a porta. Estava trancada; e, lembro-me, aquele maldito Earnshaw e minha mulher não queriam deixar que eu entrasse. Lembro-me de chutá-lo até ele ficar sem fôlego, e então corri lá para cima, para o quarto que fora meu e dela. Olhei ao redor com impaciência... sentia-a junto a mim... *quase* podia vê-la, e contudo *não podia*! Devo ter suado sangue, naquele momento, tamanha era a angústia do meu

desejo... tamanho era o fervor de minhas súplicas de vê-la pelo menos uma vez! Mas não aconteceu. Ela se mostrou, como tantas vezes em vida, um demônio para comigo! E desde então, às vezes mais, às vezes menos, tenho sido vítima dessa intolerável tortura! Infernal! Isso me deixa os nervos tão à flor da pele que, se não parecessem feitos de aço, a esta altura já teriam relaxado e estariam tão fracos quanto os de Linton.

“Quando me sentava na sala com Hareton, parecia-me que ia vê-la se saísse; quando caminhava pela charneca, era como se fosse encontrá-la ao voltar. Quando saía de casa, apressava-me em regressar; ela *devia* estar em algum lugar em Heights, eu tinha certeza! E quando dormia em seu quarto... era um suplício. Não conseguia descansar ali; no instante em que fechava os olhos, ela estava ou do lado de fora da janela, ou abrindo os painéis de madeira, ou entrando no quarto, ou mesmo repousando a sua adorada cabeça no mesmo travesseiro que usava quando criança, e eu tinha que abrir os olhos para ver. Assim, abria-os e fechava-os uma centena de vezes por noite... e todas as vezes me decepcionava! Era uma tortura! Muitas vezes eu gemia em voz alta, até aquele velho patife do Joseph sem dúvida achar que minha consciência estava me atormentando.

“Agora, desde que a vi, fiquei em paz... pelo menos um pouco. Foi uma estranha maneira de matar: aos poucos, por frações de fios de cabelo, enganar-me com o espectro de uma esperança durante dezoito anos!”

O sr. Heathcliff fez uma pausa e enxugou a testa; o cabelo estava colado a ela, molhado de suor. Seus olhos estavam fixos nas brasas vermelhas do fogo; as sobrancelhas não estavam contraídas, mas levantadas junto às têmporas, o que diminuía o ar severo de seu rosto mas o deixava com um aspecto peculiar de perturbação e uma aparência de tensão mental provocada por um assunto que o absorvia. Mal se dirigia a mim, e eu permanecia em silêncio. Não gostava de ouvi-lo falar!

Após um breve período ele voltou a fitar pensativo o retrato, tirou-o da parede e o apoiou contra o sofá, para melhor contemplá-lo; enquanto isso, Catherine entrou, anunciando que estava pronta e que só faltava selar seu pônei.

– Mande-me isso amanhã – ordenou-me Heathcliff; voltando-se para ela, acrescentou: – Não vai precisar do pônei. Está uma noite agradável, e não vai precisar de pôneis em Wuthering Heights; para os passeios que fizer, seus próprios pés vão lhe bastar. Vamos.

– Adeus, Ellen! – murmurou minha querida patroazinha. Quando me beijou, seus lábios estavam frios como gelo. – Venha me visitar; não se esqueça.

– Cuidado para não fazer tal coisa, sra. Dean! – ameaçou-me seu novo pai.

– Quando quiser lhe falar, venho até aqui. Não quero nenhum de vocês bisbilhotando a minha casa!

Fez sinal para que ela fosse na frente; lançando-me um olhar que me cortou o coração, ela obedeceu.

Observei-os, da janela, enquanto desciam o jardim. Heathcliff prendeu o braço de Catherine debaixo do seu, embora ela tenha tentado se soltar; com passos rápidos, arrastou-a pela aleia, cujas árvores os ocultaram.

²⁹ O episódio da exumação do corpo de Catherine por Heathcliff é marcado de uma morbidez própria ao gênero gótico. Aqui, o protagonista revela-se o *ghoul* a que se refere ironicamente em diálogo com Catherine (ver nota 56); porém, no que toca a sua racionalidade mórbida, a construção de Heathcliff traz ecos de outro célebre profanador de túmulos da literatura gótica inglesa, Victor Frankenstein. Além da referência à ação de um choque elétrico sobre o corpo de Heathcliff, sugerida por Janet Gezari (*The Annotated "Wuthering Heights"*, 2014) como alusão de Brontë ao interesse científico que a eletricidade guarda na narrativa de Mary Shelley, e de episódios de profanação de túmulos, levados a cabo por ambos os protagonistas, poder-se-ia ainda mencionar o comentário de Isabella Linton (ver nota 65) acerca da possibilidade de Heathcliff persegui-la por toda a Inglaterra para se vingar. Ali, não só se faria leve menção à perseguição que Victor Frankenstein empreende contra sua criatura, como, a partir dela, poder-se-ia pensar a coincidência entre o caráter obcecado do cientista do romance de Mary Shelley e o do proprietário de Emily Brontë. Sobre a possibilidade de conservação de cadáveres na turfa das charneças, ver nota 18.

CAPÍTULO 30

FIZ UMA VISITA a Wuthering Heights, mas não a vi mais desde o dia em que foi embora! Joseph ficou segurando a porta quando pedi para vê-la, e não quis me deixar entrar. Disse que a sra. Linton estava ocupada e o patrão não estava em casa. Zillah me contou alguma coisa sobre a maneira como vivem, do contrário eu mal saberia quem está vivo e quem está morto.

Acha Catherine orgulhosa e não gosta dela, pude adivinhar pelo modo como falou. Minha jovem ama pediu-lhe ajuda ao chegar, mas o sr. Heathcliff disse-lhe que cuidasse de seus afazeres e deixasse sua nora se virar sozinha – com o que Zillah de bom grado concordou, sendo uma mulher mesquinha e egoísta. Catherine mostrou-se infantilmente aborrecida diante do descaso; pagou-o com desprezo, alistando assim minha informante entre seus inimigos, como se lhe tivesse feito um grande mal.

Tive uma longa conversa com Zillah há coisa de seis semanas, um pouco antes que o senhor chegasse, num dia em que nos encontramos na charneca, e ela me contou o seguinte:

– A primeira coisa que a sra. Linton fez ao chegar a Heights – disse ela – foi correr lá para cima, sem sequer dar boa-noite a mim e a Joseph. Fechou-se no quarto de Linton e ali ficou até o dia seguinte. Então, quando o patrão e Earnshaw estavam tomando o café da manhã, ela entrou na sala e perguntou, com a voz trêmula, se podiam mandar chamar o médico, pois seu primo estava muito doente.

“– Já sabemos disso! – respondeu Heathcliff. – Mas a vida dele não vale um centavo, e não vou gastar um centavo com ele.

“– Mas não sei o que fazer – argumentou ela –, e se ninguém me ajudar, ele vai morrer!

“– Saia da sala – exclamou o patrão – e nunca mais diga uma única palavra sobre ele! Ninguém se importa com o que possa lhe acontecer; se você se importa, pode cuidar dele; se não, tranque-o no quarto e o deixe lá.

“Então ela começou a me amolar, e eu disse que aquele menino aborrecido já tinha me dado bastante trabalho; todos tínhamos as nossas tarefas, e a dela era

cuidar de Linton; o sr. Heathcliff me mandara deixar isso a seu cargo.

“Como eles conseguiam viver juntos, não sei. Imagino que ele se queixasse muito e gemesse noite e dia, e ela não descansasse quase nada; a gente percebia pelo rosto pálido e os olhos pesados. Às vezes vinha até a cozinha com ar desorientado, como se quisesse pedir ajuda, mas eu não ia desobedecer ao patrão... nunca me atrevo a desobedecê-lo, sra. Dean. E embora achasse que não era correto não mandar chamar o dr. Kenneth, não era da minha conta dar conselhos nem reclamar, e sempre me recusei a me meter nos assuntos deles.

“Uma ou duas vezes, depois que tínhamos todos ido para a cama, abri a porta do meu quarto de novo e pude vê-la sentada chorando no alto da escada; voltei a fechar a porta depressa, com medo de acabar amolecendo e interferindo. Tinha pena dela, sem dúvida, mas não queria perder meu emprego, a senhora entende. Por fim, certa noite, ela entrou decidida no meu quarto, assustando-me muito ao dizer:

“– Vá avisar ao sr. Heathcliff que o filho dele está morrendo. Desta vez tenho certeza. Levante-se agora mesmo e vá avisá-lo!

“Disse essas palavras e sumiu de novo. Fiquei uns quinze minutos em silêncio, atenta e tremendo. Nada se movia. A casa estava quieta.

“‘Ela está enganada’, pensei. ‘Ele já melhorou. Não é preciso incomodá-los’; e com isso voltei a cochilar. Mas meu sono foi interrompido uma segunda vez pelo toque estridente da campainha – a única campainha que temos, instalada especialmente para Linton. O patrão me chamou para saber o que estava acontecendo e para informar a eles que não repetissem aquele barulho.

“Transmiti o recado de Catherine. Ele praguejou em voz baixa e dentro de poucos minutos saiu com uma vela acesa, encaminhando-se ao quarto deles. Fui atrás. A sra. Heathcliff estava sentada junto à cabeceira da cama, com as mãos entrelaçadas sobre os joelhos. Seu sogro foi até lá, aproximou a vela do rosto de Linton, olhou para ele e tocou-o; em seguida, virou-se para ela:

“– Como é que se sente agora, Catherine? – perguntou.

“Ela estava muda.

“– Como se sente, Catherine? – insistiu ele.

“– Ele está a salvo, e eu estou livre – respondeu ela. – Deveria me sentir bem... mas – prosseguiu, com uma amargura que não conseguia esconder – o senhor me deixou tanto tempo lutando sozinha contra a morte que só o que sinto e vejo é a morte! Sinto-me como se estivesse morta!

“E era o que parecia, mesmo! Dei-lhe um pouco de vinho. Hareton e Joseph, que tinham sido acordados pelo toque da campainha, o barulho dos

passos e o som das nossas vozes, entraram no quarto. Joseph estava ansioso, acho, para que o rapaz fosse removido; Hareton parecia um pouco transtornado, embora se ocupasse mais em olhar para Catherine do que em pensar em Linton. Mas o patrão mandou-o de volta para a cama: não precisávamos da sua ajuda. Em seguida, ordenou a Joseph que levasse o corpo para o quarto dele e me disse para voltar ao meu. E a sra. Heathcliff ficou sozinha.

“Pela manhã, ele me mandou dizer a ela que tinha que descer para tomar o café. Ela se despira e parecia estar indo dormir; disse que estava doente, do que eu não duvidava. Informei o sr. Heathcliff, que retrucou:

“– Bem, deixe-a em paz até depois do funeral. Suba de vez em quando para ver do que precisa. Assim que parecer melhor, avise-me.”

Cathy ficou no quarto por duas semanas, de acordo com Zillah, que a visitava duas vezes por dia – e teria se mostrado mais amigável, mas suas tentativas de ser gentil eram repelidas pronta e orgulhosamente.

Heathcliff subiu uma vez, para lhe mostrar o testamento de Linton. Ele deixara ao pai a totalidade de seus bens móveis, bem como os que antes pertenciam a ela. A pobre criatura fora ameaçada ou arditamente levada a fazer isso na semana em que Catherine estivera ausente, quando o tio dele morrera. Quanto às terras, sendo Linton menor de idade, não podia dispor delas. O sr. Heathcliff, contudo, reivindicara-as e conseguira se apossar delas, em nome de sua esposa e em seu próprio nome, creio que legalmente. Seja como for, Catherine, privada de dinheiro e de amigos, não podia fazer nada contra isso.

– Exceto por essa única ocasião – disse Zillah –, ninguém além de mim se aproximava do quarto dela; ninguém fazia qualquer pergunta sobre ela. A primeira vez em que desceu foi numa tarde de domingo.

“Queixara-se, quando fui levar o almoço, de que não podia mais suportar o frio. Eu lhe disse que o patrão iria para Thrushcross Grange, e que Earnshaw e eu não a impedíamos de descer. Assim, tão logo ouviu o cavalo de Heathcliff trotando para longe, apareceu, vestida de preto, os cachos louros penteados para trás, com a simplicidade de uma quacre;⁸⁰ não sabia penteá-los de outro jeito.

“Joseph e eu em geral vamos à capela aos domingos.” (A igreja, como o senhor sabe, não tem mais pastor – explicou a sra. Dean –, e eles chamam de capela o templo dos metodistas ou dos batistas,⁸¹ não sei ao certo qual, em Gimmerton). “Joseph se foi”, prosseguiu ela, “mas achei mais conveniente ficar em casa. Os jovens sempre precisam de alguém mais velho para ficar de olho neles, e Hareton, com toda a sua timidez, não é um modelo de bom comportamento. Disse a ele que sua prima provavelmente viria se sentar conosco

e que estava habituada a observar os domingos,⁸² de modo que era melhor ele deixar de lado suas espingardas e instrumentos de trabalho, enquanto ela estivesse ali.

“Ele corou diante da notícia e olhou para as mãos e para a roupa. O óleo para lubrificar as armas e a pólvora foram postos fora de vista num minuto. Vi que ele queria lhe fazer companhia, e adivinhei, pelo seu comportamento, que desejava estar apresentável; assim, rindo como não me atrevo a rir quando o patrão está por perto, ofereci-me para ajudá-lo, se quisesse, troçando de sua confusão. Ele se zangou e começou a praguejar.

“Ora, sra. Dean”, prosseguiu Zillah, vendo que eu não estava contente com sua atitude, “a senhora acha que sua jovem ama é fina demais para o sr. Hareton, e tem razão. Mas confesso que adoraria ver o orgulho dela diminuir um pouquinho. E de que vão lhe adiantar todos os seus conhecimentos e delicadezas, agora? É tão pobre quanto a senhora ou quanto eu; mais pobre ainda, acho. A senhora tem feito a sua poupança, e eu também, um pouquinho.”

Hareton permitiu que Zillah o ajudasse, e ela adulou-o até deixá-lo de bom humor. Assim, quando Catherine chegou, já meio esquecido dos insultos que recebera da moça no passado, ele tentou se mostrar agradável, segundo a narrativa da governanta.

– A senhora entrou – continuou ela –, fria como gelo, ativa como uma princesa. Levantei-me e ofereci o meu lugar na poltrona, mas ela torceu o nariz diante da gentileza. Earnshaw se levantou também e disse-lhe para ir se sentar no sofá, perto do fogo; tinha certeza de que estava com muito frio.

“– Faz um mês e meio que estou passando frio – respondeu ela, da maneira mais sobranceira possível.

“Puxou uma cadeira e colocou a certa distância de nós dois. Sentando-se ali imóvel até se aquecer, começou então a olhar ao redor e descobriu vários livros no aparador. Pôs-se imediatamente de pé outra vez, esticando os braços para apanhá-los; mas estavam altos demais. O primo, após observar suas tentativas por algum tempo, por fim reuniu coragem para ajudá-la. Ela segurou o vestido e ele colocou ali o primeiro livro que apanhou.

“Foi um grande avanço para o rapaz. Ela não lhe agradeceu, mas ainda assim Hareton se sentiu grato por ter aceitado sua ajuda, atreveu-se a ficar de pé atrás dela, enquanto a prima examinava os livros, e até se inclinou e apontou certas antigas imagens que apreciava nos volumes. Não se deixou intimidar pelo modo impertinente como ela virava a página com força sob o dedo dele, contentou-se em se afastar um pouco e olhar para ela em vez de para o livro.

“Ela continuou lendo ou procurando algo para ler. A atenção dele foi ficando, aos poucos, bastante concentrada em seus cachos louros e sedosos. Não podia ver seu rosto, nem ela o dele. E talvez, não totalmente consciente do que fazia, mas atraído feito uma criança por uma vela, passou por fim do olhar ao toque. Estendeu a mão e acariciou um cacho, tão gentilmente como se por acaso se tratasse de um passarinho. Ela reagiu como se ele tivesse enfiado uma faca em seu pescoço:

“– Saia daí agora mesmo! Como ousa me tocar? O que está fazendo parado aí? – exclamou ela, num tom de desgosto. – Não posso com você! Vou voltar lá para cima, se chegar perto de mim.

“O sr. Hareton recuou, com ar mais apatetado do que nunca. Sentou-se no sofá muito quieto, e ela continuou folheando os livros por mais meia hora. Por fim, Earnshaw veio até onde eu estava e sussurrou no meu ouvido:

“– Quer pedir a ela para ler para a gente, Zillah? Estou cansado de não fazer nada e gostaria... gostaria de ouvi-la lendo! Não diga que eu pedi, fale como se fosse ideia sua.

“– O sr. Hareton gostaria que a senhora lesse para nós – disse, imediatamente. – Gostaria muito... ficaria muito agradecido.

“Ela franziu a testa; erguendo o rosto, respondeu:

“– O sr. Hareton e todos vocês fiquem sabendo que rejeito essa gentileza fingida que têm a hipocrisia de me oferecer! Desprezo-os a todos e não tenho nada a dizer a nenhum de vocês! Quando eu teria dado a vida por uma palavra gentil, ou mesmo para ver o rosto de um de vocês, ninguém apareceu. Mas não vou reclamar! Foi o frio que me trouxe aqui, não foi para divertir vocês nem para desfrutar da sua companhia.

“– O que foi que eu fiz? – começou a dizer Earnshaw. – Que culpa eu tenho?

“– Ah, você é uma exceção – respondeu a sra. Heathcliff. – Nunca senti falta da sua atenção.

“– Mas eu me ofereci para ajudar mais de uma vez, e pedi – disse ele, enchendo-se de brio ante a petulância dela –, pedi ao sr. Heathcliff que me deixasse cuidar...

“– Cale-se! Prefiro ir lá para fora, ou para qualquer outro lugar, do que ter nos meus ouvidos a sua voz desagradável! – exclamou a minha ama.

“Hareton murmurou que por ele ela podia ir para o inferno. Pegando a espingarda, não mais se absteve de suas ocupações de domingo. Começou a falar com total liberdade, e ela logo achou melhor se retirar para a solidão de seu

quarto.

“Mas as baixas temperaturas tinham se instalado, e apesar do orgulho ela foi obrigada a condescender mais e mais com a nossa companhia. Cuidei, contudo, para que não voltasse a haver desdém pelas minhas boas intenções. Desde então, tenho sido tão dura quanto ela, e não há entre nós quem goste dela, nem a jovem ama merecer ter; volta-se, enfurecida, a quem quer que lhe dirija uma palavra, sem o menor respeito. Dá respostas ásperas até ao patrão, desafiando-o a lhe dar uma boa surra. Quanto mais sofre, mais venenosa se torna.”

A princípio, ao ouvir esse relato de Zillah, decidi deixar meu emprego, alugar uma casinha e fazer com que Catherine viesse viver comigo, mas o sr. Heathcliff não o permitiria, do mesmo modo como não instalava Hareton numa casa independente. No momento, não vejo solução, a menos que ela volte a se casar, e isso não está ao meu alcance providenciar.

A^{SSIM} TERMINOU a história da sra. Dean. Apesar do prognóstico do médico, estou recobrando as forças rapidamente. Embora ainda estejamos na segunda semana de janeiro, pretendo sair a cavalo dentro de um ou dois dias e ir até Wuthering Heights, informar meu senhorio de que vou passar os próximos seis meses em Londres. Se ele quiser, pode procurar outro inquilino para ocupar Grange a partir de outubro. Não passaria outro inverno aqui por nada neste mundo.

⁸⁰. Quacre (ou quaker) é a designação de diferentes grupos religiosos de origem comum. Surgido na Inglaterra no séc.XVII, o quakerismo se apresenta como uma restauração da fé cristã sobre os pilares da paz (são fundamentalmente pacifistas), da simplicidade (em contraposição aos hábitos do alto clero anglicano) e de uma ideia de relação direta com o Espírito Santo.

⁸¹. Batista e metodista são duas denominações cristãs surgidas respectivamente nos sécs.XVII e XVIII. Aos batistas (grupo formado por ingleses fugidos da perseguição religiosa e refugiados na Holanda) cabe uma postura reformista comunitária similar à quacre (ver nota anterior), na medida em que se coloca em posição de confronto com o anglicanismo inglês e seu modelo organizacional; aos metodistas (cuja base se encontra nos estudos de um grupo de intelectuais protestantes de inspiração iluminista) cabe uma dissidência mais intelectualizada e ritualizada, iniciada dentro da Igreja anglicana e só posteriormente dela desligada. As diferenças entre uma e outra, apagadas na memória de Nelly Dean, eram bastante sensíveis, em termos de doutrina, rito e estrutura. Mais fechados em estruturas comunitárias independentes umas das outras e internamente reguladas por seus membros, os batistas (que tinham na cerimônia do batismo um momento central da confissão religiosa e da experiência consciente da fé) preservavam a doutrina da “perseverança dos santos” e de uma salvação irrevogável; já os metodistas cultivavam maior abertura comunitária, uma ideia de salvação amparada por atos e conduta, uma hierarquia episcopal e uma ideia de fé à qual concorrem a razão e a experiência.

⁸². No original, *Sabbath*, ou sabá. Embora muitas passagens da Bíblia indiquem o sábado como dia sagrado (por exemplo Marcos 2:27, “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado”), guardar os domingos é um hábito cristão. Julga-se o domingo – dia da Ressurreição de Cristo e o primeiro da semana – como a apoteose do sábado, no Velho Testamento dedicado à celebração de Deus.

CAPÍTULO 31

ONTEM FOI UM dia límpido, calmo e bastante frio. Fui até Heights, conforme planejava. Minha governanta pediu-me que levasse um bilhete à sua jovem ama, e não recusei, pois a boa mulher nada via de errado no pedido.

A porta da frente estava aberta, mas o portão continuava fechado, como na minha visita anterior. Bati e chamei Earnshaw, que trabalhava nos canteiros do jardim. Ele destrancou o portão e eu entrei. O rapaz é rústico, mas bonito. Reparei bem nele, dessa vez; aparentemente faz o possível para não tirar proveito de suas qualidades.

Indaguei se o sr. Heathcliff estava em casa. Ele respondeu que não, mas que viria para o almoço. Eram onze horas, e anunciei minha intenção de entrar e esperar por ele. O rapaz imediatamente largou as ferramentas e me acompanhou – na função de cão de guarda, mais do que como substituto do dono da casa.

Entramos juntos. Catherine estava ali, ocupada com o preparo de alguns legumes e verduras para a refeição; parecia mais taciturna e menos animada que da primeira vez em que a vira. Mal ergueu os olhos para mim e continuou a se dedicar à sua tarefa com o mesmo descaso pelas normas comuns da cortesia que demonstrara antes, sem retribuir minimamente minha reverência e meu cumprimento.

“Não parece tão amável”, pensei, “quanto a sra. Dean quer me fazer crer. É muito bonita, sem dúvida, mas não é nenhum anjo.”

Earnshaw ordenou-lhe rispidamente que levasse suas coisas para a cozinha.

– Leve você mesmo – disse ela, empurrando-as para longe assim que terminou e indo se sentar num banco junto à janela, onde começou a recortar figuras de pássaros e animais nas cascas de nabo em seu colo.

Aproximei-me dela, fingindo querer ver o jardim, e deixei cair de maneira conveniente – ou pelo menos foi o que achei – o bilhete da sra. Dean em seu colo, sem que Hareton notasse. Mas ela perguntou em voz alta:

– O que é isto? – E empurrou o bilhete para o chão.

– Uma carta de sua velha amiga, a governanta de Grange – respondi, aborrecido por ela ter revelado minha gentileza e temeroso de que pensasse

tratar-se de uma missiva minha.

Ela teria de bom grado apanhado a carta, mas Hareton foi mais rápido; pegou-a do chão e colocou no bolso do colete, dizendo que o sr. Heathcliff tinha que dar uma olhada naquilo primeiro.

Com isso, Catherine voltou silenciosamente as costas para nós e, de maneira muito reservada, tirou do bolso o lenço e o levou aos olhos. Seu primo, após lutar por alguns instantes para dominar os bons sentimentos, tirou a carta do bolso e a atirou no chão ao lado dela, com o mínimo possível de cordialidade. Catherine apanhou-a e leu-a ansiosamente; depois me fez algumas perguntas sobre os habitantes, racionais e irracionais, de sua antiga casa. Olhando na direção das colinas, murmurou, num solilóquio:

– Gostaria de estar descendo aquela colina montada em Minny! Gostaria de estar subindo aquela outra! Ah, como estou cansada... estou *estagnada*, Hareton!
– E deitou a bonita cabeça no peitoral, com um misto de bocejo e suspiro, ganhando assim um aspecto de tristeza abstrata, sem se importar se a observávamos.

– Sra. Heathcliff – eu disse, após ter ficado sentado ali em silêncio durante algum tempo –, a senhora sabe que a conheço muito bem? Tão bem que acho estranho não conversar comigo. Minha governanta não para de falar da senhora e de elogiá-la. Vai ficar muito desapontada se eu voltar sem notícias suas, a não ser a de que recebeu a carta e não disse nada!

Ela pareceu refletir sobre as minhas palavras e perguntou:

– Ellen gosta do senhor?

– Sim, gosta muito – respondi, hesitante.

– Diga-lhe – continuou ela – que adoraria poder responder à carta, mas não tenho com o que escrever, nem mesmo um livro do qual pudesse arrancar uma folha.

– Não tem livros! – exclamei. – Como pode viver aqui sem livros, se me permite perguntar? Mesmo tendo ao meu dispor uma grande biblioteca, muitas vezes me sinto entediado em Grange; se tirassem meus livros de mim, ficaria desesperado!

– Eu lia sempre, quando tinha livros – disse Catherine. – Mas o sr. Heathcliff nunca lê, então meteu na cabeça a ideia de destruir os meus livros. Faz semanas que não vejo um único. Uma vez remexi entre os volumes de teologia de Joseph, o que o deixou muito irritado; e uma outra vez, Hareton, encontrei uma carga secreta no seu quarto... alguma coisa em latim e em grego, e uns contos e poesia... todos eles velhos amigos. Trouxe estes últimos para cá... e

você os juntou como uma pega coleciona colheres de prata,⁸³ só pelo prazer de roubar! Não têm utilidade para você. Ou então escondeu-os com a má intenção de, já que não pode desfrutar deles, impedir que alguém mais venha a fazê-lo. Talvez a *sua* inveja tenha induzido o sr. Heathcliff a me privar dos meus tesouros? Mas tenho a maior parte deles escrita no meu cérebro e impressa no meu coração, e disso vocês não podem me privar!

Earnshaw ficou escarlate ao ouvir a revelação da prima sobre seu secreto acervo literário e balbuciou uma indignada negação de suas acusações.

– O sr. Hareton deseja aumentar seu volume de conhecimento – intervim, indo em seu auxílio. – Não é questão de invejar, mas de querer seguir o exemplo de suas conquistas. Em poucos anos, será um homem culto!

– Enquanto isso quer me ver transformada numa burra – retrucou Catherine. – Sim, posso ouvi-lo tentando soletrar e ler sozinho, e quantas asneiras ele não diz! Gostaria que repetisse “Chevy Chase”⁸⁴ tal como o leu ontem: era de chorar de rir. Pude ouvi-lo... e o ouvi também folheando o dicionário para procurar as palavras difíceis, depois praguejando porque não conseguia ler as explicações!

O rapaz obviamente não gostou nada de ser objeto de escárnio por conta de sua ignorância, e depois voltar a sê-lo ao tentar acabar com ela. Eu me solidarizava com ele e, lembrando do relato da sra. Dean sobre sua primeira tentativa de clarear as trevas em que fora criado, observei:

– Mas, sra. Heathcliff, todos nós começamos do zero, e todos nós tropeçamos e vacilamos no início. Se os nossos professores nos tivessem ridicularizado em vez de nos ajudar, ainda estaríamos tropeçando e vacilando.

– Ah! – retrucou ela. – Não desejo limitar suas habilidades. Ainda assim, ele não tem o direito de se apropriar do que é meu e tornar tudo ridículo aos meus ouvidos com seus erros crassos e a pronúncia equivocada! Esses livros, tanto os em prosa quanto os de poesia, são para mim, por outras associações, sagrados; detesto vê-los degradados e profanados em sua boca! Além disso, ele selecionou os trechos de que mais gosto para repetir, como se deliberadamente mal-intencionado.

O peito de Hareton arquejou, por um momento, em silêncio. Lutava contra uma sensação de extrema humilhação e raiva, que não era tarefa simples suprimir. Levantei-me e, movido por um desejo de poupá-lo de seu constrangimento, fui até a porta e fiquei olhando lá para fora.

Ele seguiu meu exemplo e saiu da sala, mas logo regressou, trazendo meia dúzia de livros entre as mãos. Jogou-os no colo de Catherine, dizendo:

– Pegue! Nunca mais quero ouvir ou ler esses livros, nem pensar neles!

– Agora não quero mais – respondeu ela. – Vou associá-los a você e odiá-los.

Ela abriu um volume que fora obviamente muito manuseado, e leu um trecho, à maneira arrastada de um principiante; depois riu e o atirou longe.

– E ouça – prosseguiu, provocando, começando a ler da mesma maneira um verso de uma antiga balada.

Mas o amor-próprio do rapaz não tolerava mais tormentos. Ouvi, e não desaprovei de todo, o modo como refreou manualmente a língua atrevida da moça por meio de um tapa. A miserável tinha feito o possível para ferir a alma sensível, embora inculta, do primo, e uma ação física era a única forma de que ele dispunha para acertar as contas e pagar a ela os efeitos de suas palavras.

Em seguida, Hareton apanhou os livros e os atirou no fogo. Pude ver em seu rosto a angústia que era fazer tal sacrifício num momento de raiva. Imaginei que, enquanto eram consumidos, ele se lembrava do deleite que já lhe tinham proporcionado, e o triunfo e o prazer cada vez maior que esperara deles. Acho, também, que adivinhei o estímulo que tinha para seus estudos secretos. Ele se contentara com o trabalho diário e suas toscas diversões animais até Catherine surgir em seu caminho. A vergonha ao ser menosprezado por ela e a esperança de vir a ter sua aprovação foram seus primeiros impulsos para se dedicar a interesses mais nobres. Em vez de evitar o menosprezo e conquistar a aprovação, seus esforços de progredir tinham produzido o efeito contrário.

– Sim, isso é tudo o que um ignorante como você pode obter deles! – exclamou Catherine, sugando o lábio ferido e observando as chamas com olhos indignados.

– É *melhor* você calar a boca – respondeu ele, furioso.

E sua agitação pôs fim à conversa. Ele avançou a passos largos até a porta, e lhe dei passagem. Mas antes que cruzasse a soleira o sr. Heathcliff, que vinha pela calçada, encontrou-o e, segurando seu ombro, perguntou:

– O que houve, rapaz?

– Nada, nada – respondeu ele, e se afastou, para ruminar sozinho sua tristeza e sua raiva.

Heathcliff ficou olhando depois que ele se foi e suspirou.

– Estranho eu me contradizer – murmurou, sem notar que eu estava ali atrás. – Mas quando busco o pai dele em seu rosto, é *ela* que encontro, cada vez mais, a cada dia que passa! Como diabos é tão parecido? Mal suporto olhar para a criatura.

Abaixou o rosto e entrou, sombrio. Havia uma expressão de inquietude e

ansiedade em seu semblante. Nunca notara isso antes; e ele parecia mais magro. Sua nora, ao perceber pela janela que ele chegava, fugiu imediatamente para a cozinha, de modo que fiquei sozinho.

– Fico feliz em vê-lo de pé novamente, sr. Lockwood – disse, em resposta à minha saudação –, e parcialmente por razões egoístas. Não acho que poderia encontrar um novo inquilino tão cedo, neste lugar tão desolado. Mais de uma vez me perguntei o que o teria trazido até aqui.

– Uma mera extravagância, suponho, meu senhor – foi minha resposta –, ou então é uma mera extravagância que vai me levar embora. Parto para Londres na próxima semana, e devo avisá-lo de que não pretendo alugar Thrushcross Grange para além dos doze meses já acertados. Acho que não voltarei a morar lá.

– Ah, é mesmo? Está cansado de viver banido do mundo, não é? – comentou. – Mas se vem me pedir que perdoe a dívida do lugar que não vai ocupar, perdeu a viagem. Nunca perdoo dívidas a ninguém.

– Não vim pedir nada – exclamei, consideravelmente irritado. – Se desejar, acerto minhas contas agora mesmo. – E puxei a carteira do bolso.

– Não, não – replicou ele, friamente. – O senhor vai deixar o suficiente em depósito para cobrir as dívidas, se por acaso não voltar; não estou com tanta pressa. Sente-se e almoce conosco; um convidado que sabemos que não vai repetir a visita é geralmente bem-vindo. Catherine! Venha pôr a mesa. Onde você está?

Catherine reapareceu, trazendo uma bandeja com facas e garfos.

– Pode almoçar com Joseph – murmurou Heathcliff, à parte –, e ficar na cozinha até que nosso convidado tenha ido embora.

Ela obedeceu prontamente: talvez não tivesse vontade de transgredir. Vivendo entre rústicos e misantropos, talvez não saiba mais apreciar uma classe melhor de pessoas quando as encontra.

Com o sr. Heathcliff carrancudo e sombrio de um lado e Hareton absolutamente mudo do outro, fiz uma refeição bem pouco alegre e me despedi cedo. Teria saído pelos fundos, a fim de ver Catherine uma última vez e chatear o velho Joseph, mas Hareton recebeu ordens de levar meu cavalo, e meu anfitrião me acompanhou pessoalmente até a porta, de modo que não pude realizar o meu desejo.

“Como a vida é triste naquela casa!”, refleti, enquanto cavalgava pela estrada, descendo o morro. “Teria sido mais romântico do que um conto de fadas para a sra. Linton Heathcliff se eu e ela nos tivéssemos unido, como desejava sua boa governanta, e migrado juntos para a atmosfera viva da cidade!”

[83](#). Da mesma família do corvo, a pega é um pássaro de tamanho médio (50 a 60 centímetros) bastante difundido na Europa, na Ásia e no noroeste da África. É conhecido por sua inteligência, equivalente à dos hominídeos em termos de reconhecimento social, racionalidade causal e imaginação. No imaginário popular, a pega é símbolo de mau augúrio; ademais, é conhecida por sua predileção por objetos brilhantes, com os quais preenche o ninho.

[84](#). Em suas diversas versões, “The Ballad of Chevy Chase” é uma canção épica que remonta ao séc.XV. Basicamente, conta a história de um grupo de caçadores que, liderado por Percy, conde inglês de Northumberland, avança em um campo de caça (*chase*) pela fronteira escocesa das colinas de Cheviot (*Chevy*). Tal avanço é considerado pelo conde escocês de Douglas uma invasão ao solo de seu reino; ele então ataca os homens de Percy. Tratava-se de balada bastante popular na Inglaterra, mencionada no testemunho de autores célebres, como sir Philip Sidney (*Defesa da poesia*, 1595) e Joseph Addison (*The Spectator*, 1711-1712).

CAPÍTULO 32

1802. No mês de setembro passado, fui convidado a conhecer as terras de um amigo na charneca, ao norte, e na viagem vi-me inesperadamente a vinte e poucos quilômetros de Gimmerton. O moço da estalagem de beira de estrada segurava um balde de água para os meus cavalos quando uma carroça cheia de aveia verde, recém-ceifada, passou e ele observou:

– Aquela ali vem de Gimmerton. Estão sempre três semanas atrasados na colheita!

– Gimmerton? – repeti. Meu tempo de residência na região já estava nebuloso em minha memória. – Ah! Conheço. Fica longe daqui?

– Uns vinte e dois quilômetros para lá daqueles morros; mas a estrada é ruim – respondeu ele.

Tive o súbito impulso de visitar Thrushcross Grange. Ainda não era meio-dia, e achei que passaria a noite melhor sob meu próprio teto do que numa estalagem. Além disso, bem poderia aproveitar o dia para acertar tudo com meu senhorio, evitando assim o incômodo de voltar ali outra vez.

Depois de descansar um pouco, mandei meu criado perguntar qual o caminho para o povoado. Para grande cansaço dos nossos animais, conseguimos cobrir a distância em cerca de três horas.

Deixei-o ali, e segui sozinho vale abaixo. A igreja cinzenta parecia ainda mais cinzenta, e o solitário cemitério, ainda mais solitário. Divisei uma ovelha pastando na grama curta em meio às sepulturas. O tempo estava agradável e quente – quente demais para viajar, mas o calor não me impedia de desfrutar do belo cenário ao meu redor. Se o tivesse visto mais perto de agosto, tenho certeza de que teria me sentido tentado a passar um mês naquela solidão. No inverno, nada era mais inóspito; no verão, nada mais divino do que aqueles vales cercados de colinas e as ondulações da charneca, abruptas e íngremes.

Cheguei a Grange antes do pôr do sol e bati à porta, mas a família se recolhera aos fundos da casa – a julgar por uma espiral fina e azul que saía da chaminé da cozinha – e não ouviu.

Conduzi meu cavalo até o pátio. Sob o alpendre estava uma menina de nove

ou dez anos, tricotando, e uma mulher de idade reclinava-se sobre os degraus da casa, fumando um meditativo cachimbo.

– A sra. Dean está? – perguntei à mulher.

– A sra. Dean? Não! – respondeu. – Não mora mais aqui, está lá em cima em Heights.

– A senhora é a governanta, então? – prossegui.

– É, cuido da casa – esclareceu ela.

– Bem, sou o sr. Lockwood, o atual inquilino, e seu patrão. Há algum quarto onde eu possa ficar? Quero passar a noite.

– O patrão! – exclamou a mulher, atônita. – Ué, mas ninguém sabia que o senhor viria! Devia ter mandado avisar. Não tem nada pronto, nada pronto, não, senhor!

Ela tirou o cachimbo da boca e entrou em casa. A menina seguiu-a, e entrei também, logo percebendo que o que ela dissera era verdade e que, mais do que isso, ela ficara quase fora de si com a minha inesperada aparição. Disse-lhe que se acalmasse. Sairia para dar um passeio, e, enquanto isso, ela poderia tentar preparar um canto numa das salas onde eu pudesse jantar e um quarto onde pudesse dormir. Não havia necessidade de varrer ou espanar o pó, bastavam a lareira acesa e lençóis secos.

Ela parecia disposta a fazer o possível, embora usasse a vassoura da lareira para remexer as brasas, confundindo-a com o atizador, e fizesse uso incorreto de vários outros utensílios domésticos. Mesmo assim, saí de casa, confiando que seu empenho haveria de me garantir um lugar para descansar quando voltasse.

Wuthering Heights era o destino da minha excursão. Pensando melhor, voltei, depois de ter saído do pátio.

– Está tudo bem em Heights? – perguntei à mulher.

– Está, pelo que a gente sabe por aqui! – respondeu ela, levando apressada um balde com carvão em brasa.

Queria lhe perguntar por que a sra. Dean fora embora de Grange, mas era impossível detê-la no meio de uma tarefa urgente como aquela, então me virei e saí. Deixei o parque e subi o atalho pedregoso que ia dar na morada do sr. Heathcliff, caminhando num passo agradável, com o brilho do sol poente às minhas costas e o suave esplendor da lua surgindo à minha frente – o primeiro se extinguindo, o segundo cada vez mais intenso.

Antes que pudesse divisar a casa, tudo o que restava do dia era uma fraca luz âmbar a oeste, mas, graças ao esplêndido luar, eu conseguia ver cada

pedrinha no caminho e cada folha de grama. Não tive de pular a cancela nem bater – ela se abriu quando empurrei.

“Que progresso”, pensei. E notei outro, com as narinas: uma fragrância de goivos pairava no ar, vinda do meio das singelas árvores frutíferas.

As portas e as gelosias estavam abertas; ainda assim, como geralmente acontece nas regiões que produzem carvão,⁸⁵ um belo fogo vermelho iluminava a chaminé – o prazer que proporciona aos olhos torna o calor tolerável. Mas a casa de Wuthering Heights é tão grande que seus ocupantes têm espaço de sobra para fugir do calor. De fato, fossem quais fossem os ocupantes ali, tinham se colocado nas proximidades de uma das janelas. Podia vê-los e ouvir suas vozes antes de entrar, e foi o que fiz, movido por uma mistura de curiosidade e inveja, que crescia conforme eu me aproximava.

– *Con-trário!* – disse uma voz doce como um sino de prata. – Já é a terceira vez, seu burro! Não vou dizer de novo. Trate de se lembrar ou puxo seu cabelo!

– *Contrário*, então – respondeu outra voz, num tom profundo mas suave. – E agora me dê um beijo, por ter me esforçado tanto.

– Não. Primeiro leia de novo corretamente, sem cometer nenhum erro.

A voz masculina começou a ler: pertencia a um rapaz bem-vestido, sentado à mesa, com um livro diante de si. Seus traços bonitos estavam iluminados de prazer, e os olhos iam impacientes da página à mão branca no seu ombro, que lhe aplicava um leve tapa no rosto sempre que sua dona notava sinais de desatenção.

A dona da mão estava de pé atrás dele; os cachos louros e reluzentes misturando-se, de quando em quando, aos cabelos castanhos dele, quando ela se inclinava para supervisionar seus estudos. E seu rosto... sorte dele não poder ver seu rosto, ou não conseguiria se aplicar tanto à leitura. Eu sim podia vê-lo, e mordi os lábios de arrependimento por ter jogado fora a chance de fazer algo mais do que contemplar sua sorridente beleza.

A tarefa terminou, não sem mais alguns erros, mas o aluno exigiu uma recompensa e recebeu pelo menos cinco beijos – que retribuiu generosamente. Então os dois vieram até a porta, e de sua conversa deduzi que iam sair para passear na charneca. Imaginei que seria condenado às profundezas do inferno por Hareton Earnshaw, em seu coração se não por meio de palavras, caso mostrasse minha infeliz pessoa então. Assim, sentindo-me muito maldoso e mesquinho, esgueirei-me e fui buscar refúgio na cozinha.

Ali também a porta estava aberta, e junto a ela sentava-se minha velha amiga Nelly Dean, costurando e cantando uma canção, frequentemente

interrompida por palavras duras de escárnio e intolerância, que vinham lá de dentro e nada tinham de musicais.

– Preferia mil vezes ouvir os dois praguejando nos meus ouvidos da manhã até a noite do que ter que escutar você cantando! – reclamou o ocupante da cozinha, em resposta a algo que Nelly dissera. – É uma vergonha eu não poder abrir a Bíblia sagrada sem você começar a cantar esses hinos em honra de Satanás e de tudo o que há de ruim no mundo! Ah, você não vale nada, nem ela, e aquele pobre rapaz vai acabar se perdendo nas mãos de vocês. Pobre rapaz! – acrescentou, com um gemido. – Está enfeitiçado, tenho certeza. Ó, Senhor, julgai-as, pois não há lei nem justiça entre nós!

– Não! Ou já estaríamos em meio às chamas, imagino – retrucou a cantora. – Mas cale-se, velho, e vá ler a sua Bíblia como um bom cristão e me deixe em paz. Esta canção se chama “O casamento da bela Annie”... é muito alegre, e é para dançar.

A sra. Dean ia voltar à canção quando me aproximei. Reconhecendo-me no ato, ela se pôs de pé num salto, exclamando:

– Ora, Deus o abençoe, sr. Lockwood! Como pôde pensar em voltar dessa maneira? Está tudo fechado em Thrushcross Grange. Devia ter mandado avisar!

– Já tomei providências com relação às minhas acomodações por lá – respondi. – Parto amanhã de manhã. Como foi que veio parar aqui, sra. Dean? Diga-me.

– Zillah foi embora, pouco depois que o senhor partiu para Londres, e o sr. Heathcliff quis que eu viesse para cá e ficasse até o seu retorno. Mas entre, por favor! Vem a pé de Gimmerton?

– Venho de Thrushcross Grange – respondi –, e enquanto estão preparando meu quarto por lá, desejo acertar minhas contas com seu patrão, pois não acho que venha a ter outra oportunidade em breve.

– Que contas, senhor? – indagou Nelly, conduzindo-me para a sala. – Ele está fora, no momento, e não deve voltar tão cedo.

– As contas do aluguel – respondi.

– Ah! Então é com a sra. Heathcliff que deve acertá-las – observou ela. – Ou, antes, comigo. Ela ainda não aprendeu a cuidar dos seus negócios, e me ocupo disso em seu lugar. Não há mais ninguém.

Olhei para ela, surpreso.

– Ah! Vejo que não ficou sabendo que Heathcliff morreu – prosseguiu.

– Heathcliff morreu! – exclamei, atônito. – Quanto tempo faz?

– Três meses. Mas sente-se, deixe-me pegar seu chapéu, e já lhe conto tudo. Espere, ainda não comeu, não é mesmo?

– Não quero nada, pedi que me preparassem uma ceia em Grange. Sente-se, a senhora também. Nunca imaginei que ele pudesse ter morrido! Conte-me como foi que aconteceu. Disse que não os espera de volta tão cedo... os dois jovens?

– Não... todas as noites tenho de lhes passar descomposturas por ficarem passeando até tão tarde. Mas não ligam para mim. Beba pelo menos uma caneca da nossa cerveja... vai lhe fazer bem; o senhor parece cansado.

Apressou-se em ir buscar a cerveja antes que eu pudesse recusar, e ouvi Joseph perguntando se “não era um escândalo ela ter amigos na idade dela”, e ainda por cima “roubar cerveja da adega do patrão!”. Ele achava “uma vergonha ver tudo aquilo acontecer e não poder fazer nada”.

A sra. Dean não se demorou ali para uma retaliação. Voltou um minuto depois, trazendo uma caneca de prata, cujo conteúdo enalteci com sinceridade. E em seguida contou-me a sequência da história de Heathcliff. Ele tivera um fim “esquisito”, segundo ela.

FUI CHAMADA a Heights duas semanas depois que o senhor se foi – começou ela –, e obedeci alegremente, por causa de Catherine.

Quando a reencontrei, fiquei aflita e abalada: estava tão diferente da última vez em que a vira. O sr. Heathcliff não explicou seus motivos para mudar de ideia quanto à minha vinda; disse apenas que queria que eu ficasse e que estava cansado de ver Catherine. Eu devia transformar a saleta na minha sala de estar e manter sua nora comigo. Bastava ele ter de vê-la uma ou duas vezes por dia.

Catherine parecia satisfeita com o arranjo. Aos poucos, consegui contrabandear muitos livros e outros artigos que antes eram sua distração em Grange, imaginando que viveríamos num tolerável conforto.

A ilusão não durou. Catherine, contente no início, logo se tornou irritável e inquieta. Para começar, estava proibida de passar do jardim e ficava muito contrariada por ter que se confinar nesses estreitos limites, conforme a primavera se aproximava. Além disso, minhas tarefas na casa me obrigavam a deixá-la com frequência, e ela se queixava da solidão; preferia discutir com Joseph na cozinha a ter que ficar sentada em paz e só.

Eu não me importava com as brigas deles, mas, quando o patrão queria ficar sozinho na sala, Hareton era também muitas vezes obrigado a ir para a cozinha! No começo ela ia embora quando ele se aproximava, ou vinha me ajudar em silêncio nas minhas tarefas, sem se dirigir a ele nem fazer comentários

sobre sua presença. Mas, embora ele estivesse sempre tão taciturno e calado quanto possível, depois de um tempo ela mudou de atitude e se tornou incapaz de deixá-lo quieto. Falava com ele, fazia comentários sobre sua estupidez e ociosidade, expressando seu espanto de que tolerasse a vida que levava... como podia ficar sentado uma noite inteira olhando para o fogo e cochilando?

– Ele é igual a um cachorro, não é, Ellen? – observou ela. – Ou a um burro de carga... Faz seu trabalho, come sua comida e dorme por horas a fio! Que mente vazia e triste deve ter! Alguma vez chega a sonhar, Hareton? E se por acaso sonha, é com o quê? Mas você é incapaz de falar comigo!

Ela voltou-se então para ele, que no entanto não abriu a boca nem retribuiu o olhar.

– Talvez esteja sonhando agora – prosseguiu. – Tremeu o ombro igualzinho Juno faz. Pergunte a ele, Ellen.

– O sr. Hareton vai pedir ao patrão que a mande lá para cima, se não se comportar – falei. Não fora só o ombro que ele tinha mexido: seu punho estava cerrado, como se Hareton estivesse tentado a usá-lo.

– Sei por que Hareton nunca diz nada quando estou na cozinha – exclamou ela, em outra ocasião. – Tem medo de que eu ria dele. Ellen, o que você acha? Ele uma vez começou a aprender sozinho a ler e, como eu ri disso, queimou seus livros e abandonou tudo. Não foi um tolo?

– E a senhorita não foi malvada? – perguntei. – Responda-me.

– Talvez tenha sido – prosseguiu ela –, mas não esperava que ele fosse tão idiota. Hareton, se eu lhe desse um livro agora, você aceitaria? Vou tentar!

Ela pôs na mão dele um volume que estava folheando; ele o atirou longe e murmurou que se ela não o deixasse em paz ia torcer seu pescoço.

– Bem, vou colocá-lo aqui – anunciou ela –, na gaveta da mesa. E vou me deitar.

Então, antes de sair, me pediu num sussurro para que visse se ele ia apanhá-lo. Mas Hareton não chegou perto do livro, que foi o que informei a ela pela manhã, para seu grande desapontamento. Vi que ela lamentava a insistente atitude amuada e indolente do primo. Sua consciência a reprovava por tê-lo levado a desistir de seu progresso – o que fizera de modo bastante eficaz.

Mas agora usava do seu talento para tentar remediar o mal causado. Enquanto eu passava roupas ou me envolvia em qualquer outra tarefa que não tinha como fazer na sala, ela trazia algum livro agradável e lia para mim. Quando Hareton estava por perto, Cathy frequentemente parava numa passagem interessante e deixava o livro ali, aberto. Fez isso repetidas vezes, mas ele era

obstinado feito uma mula, e, em vez de morder a isca, nos dias de chuva fumava com Joseph. Os dois ficavam sentados como autômatos, um de cada lado da lareira, o mais velho felizmente surdo demais para compreender as perversas bobagens, como as teria chamado, que ela dizia e o mais novo fazendo o possível para fingir ignorá-las. Nas noites em que fazia bom tempo, Hareton saía para caçar, e Catherine bocejava, suspirava, me pedia que conversasse com ela e saía correndo até o pátio ou o jardim no momento em que eu começava; como último recurso, chorava e dizia que estava cansada de viver... sua vida era inútil.

O sr. Heathcliff, que cada vez apreciava menos a companhia dos outros, quase banira Earnshaw dos seus aposentos. Devido a um acidente no começo de março, ele passara alguns dias instalado na cozinha. Sua espingarda disparara sozinha, certo dia em que estava lá fora nos morros. Um estilhaço cortara seu braço, e ele perdeu um bocado de sangue até chegar a casa. As consequências foram que se viu forçosamente condenado a ficar junto à lareira e sem se mexer, até ter se recuperado.

Era conveniente para Catherine tê-lo ali; de todo modo, fazia com que detestasse ainda mais a saleta lá em cima, e ela me pedia para procurar afazeres no térreo, para que pudesse me acompanhar.

Na segunda-feira de Páscoa, Joseph foi até a feira de Gimmerton levar algumas cabeças de gado. À tarde, eu estava ocupada passando roupa na cozinha. Earnshaw sentava-se, taciturno como de hábito, no canto da lareira, e minha jovem ama passava o tempo desenhando figuras nas vidraças, cantarolando às vezes qualquer coisa a meia-voz ou sussurrando uma frase ou outra. Lançava rápidos olhares de aborrecimento e impaciência na direção do primo, que continuava a fumar, inabalável, e a fitar o fogo.

Quando eu lhe disse que saísse de uma vez por todas da frente da luz, ela foi para junto da lareira. Não prestei mais atenção no que fazia, até que comecei a ouvi-la dizer:

– Descobri, Hareton, que quero... que ficaria feliz... que gostaria que você fosse meu primo, agora, e não estivesse sempre tão zangado comigo, nem me tratasse de forma tão rude.

Hareton não respondeu.

– Hareton, Hareton, Hareton! Está me ouvindo? – insistiu ela.

– Dê o fora daqui! – grunhiu ele, com inflexível aspereza.

– Deixe-me pegar esse cachimbo – disse ela, estendendo cautelosamente a mão e puxando-o de sua boca.

Antes que ele pudesse apanhá-lo de volta, o cachimbo estava quebrado e no

fogo. Ele praguejou e pegou outro.

– Pare – exclamou Cathy. – Primeiro precisa me ouvir, e não consigo falar com essas nuvens flutuando no meu rosto.

– Vá para o inferno! – bradou ele, feroz. – E me deixe em paz!

– Não – insistiu ela –, não vou deixá-lo em paz. Não sei o que fazer para que fale comigo, e você está determinado a não entender. Quando o chamo de burro, não significa nada... Não quer dizer que o desprezo. Vamos, tem que notar que eu existo, Hareton! É meu primo e não pode fugir disso.

– Não quero nada com você nem com o seu orgulho dos diabos e com essa sua mania de caçar de mim! – respondeu Earnshaw. – Prefiro ir para o inferno a ter que olhar para você de novo. Saia já daqui, agora mesmo!

Catherine franziu a testa e foi para junto da janela, mordendo o lábio e cantarolando uma excêntrica melodia para controlar a vontade crescente de chorar.

– Devia fazer as pazes com sua prima, sr. Hareton – intrometi-me –, já que ela se arrepende de sua impertinência. Isso ia lhe fazer muito bem. O senhor seria outro homem se a tivesse como amiga.

– Amiga? – exclamou ele. – Quando ela me odeia e não me acha digno nem de limpar seus sapatos! Não, mesmo que eu virasse um rei não ia mais tentar ser seu amigo só para ela debochar de mim.

– Não sou eu que o odeia, é você que me odeia! – soluçou Catherine, não mais disfarçando a aflição. – Você me odeia tanto quanto Heathcliff, ou mais.

– Você é uma maldita de uma mentirosa – começou a dizer Earnshaw. – Por que foi que deixei ele furioso, mais de cem vezes, defendendo você? E isso com você caçoando de mim e me desprezando e... Continue me atormentando, que vou dizer a ele que você me chateou tanto que tive que sair da cozinha!

– Não sabia que você me defendia – respondeu ela, enxugando os olhos –, e estava me sentindo infeliz, tratando todo mundo mal. Mas agora lhe agradeço e peço que me desculpe. O que mais posso fazer além disso?

Voltou para junto da lareira e estendeu-lhe a mão, com toda honestidade. Ele fechou a cara e franziu o cenho, como se fosse uma nuvem negra, e manteve os punhos resolutamente cerrados e o olhar fixo no chão.

Catherine, por instinto, deve ter adivinhado que era teimosia e não antipatia o que o levava a essa conduta. Após permanecer indecisa por um instante, abaixou-se e lhe deu um suave beijo no rosto. A menina atrevida achou que eu não tinha visto e, afastando-se, foi se postar de novo junto à janela, toda recatada.

Sacudi a cabeça em ar de desaprovação, ao que ela corou e sussurrou:

– Ora! O que eu devia ter feito, Ellen? Ele não queria me dar a mão, nem olhar para mim. Preciso lhe mostrar de algum modo que gosto dele... que quero que sejamos amigos.

Se o beijo convenceu Hareton, não sei dizer. Durante alguns minutos ele tomou muito cuidado para que não víssemos seu rosto, e quando o ergueu não sabia para onde olhar.

Catherine se pôs a embrulhar em papel branco um de seus livros preferidos e, depois de amarrá-lo com uma fita e endereçá-lo ao “sr. Hareton Earnshaw”, pediu-me que fosse sua embaixadora e entregasse o presente ao destinatário.

– E diga que, se o aceitar, venho lhe ensinar como lê-lo corretamente – acrescentou ela –, mas que se recusar vou lá para cima e nunca mais volto a incomodá-lo.

Levei o livro e transmiti o recado, sob o olhar ansioso da minha patroa. Hareton não abria os punhos, de modo que pus o livro sobre seus joelhos. Mas ele não o tirou dali. Voltei ao meu trabalho. Catherine reclinou a cabeça e os braços sobre a mesa, até ouvi-lo desembulhar o pacote. Levantou-se, então, e sentou-se em silêncio ao lado do primo. Ele tremia, e seu rosto reluzia – toda a sua descortesia e a intratável aspereza haviam desaparecido. Mas Hareton não conseguia reunir coragem, a princípio, para dizer uma única palavra em resposta ao olhar questionador que ela lhe dirigia e ao pedido que lhe sussurrava:

– Diga que me perdoa, Hareton, por favor. Você me faria tão feliz se dissesse essa palavrinha.

Ele murmurou algo inaudível.

– E vai ser meu amigo? – acrescentou Catherine.

– Não, você vai sentir vergonha de mim todos os dias da sua vida – respondeu ele –, e mais vergonha quanto mais me conhecer. Não posso aguentar isso.

– Então não vai ser meu amigo? – questionou ela, com um sorriso doce feito mel, aproximando-se dele.

Não pude mais ouvir a conversa dos dois, mas, ao voltar a olhar para eles, vi dois rostos tão radiantes curvados sobre a página do livro que não tive dúvidas de que o tratado fora ratificado por ambas as partes – e que os inimigos eram, a partir dali, os maiores aliados.

O livro que estudavam era recheado de belas gravuras. Elas e a situação em que se encontravam tinham encantos suficientes para mantê-los ali até Joseph voltar para casa. Ele, pobre homem, ficou completamente estupefato ao ver

Catherine sentada no mesmo banco que Hareton Earnshaw, a mão apoiada em seu ombro – bem como aturdido que seu protegido tolerasse a proximidade dela. Isso afetou-o demais para que conseguisse comentar qualquer coisa sobre o assunto naquela noite. Sua emoção só era revelada pelos longos suspiros que dava, enquanto abria solenemente sua grande Bíblia sobre a mesa, cobrindo-a com notas sujas que tirara da carteira, produto das transações do dia. Por fim, chamou Hareton.

– Leve isto aqui para o patrão, rapaz – disse ele –, e fique por lá. Estou indo para o meu quarto. Este lugar aqui não é decente, nem apropriado para nós. Temos que ir procurar outro.

– Venha, Catherine – chamei –, também temos que ir procurar outro lugar. Já terminei de passar a roupa. Está pronta para subir?

– Ainda não são nem oito horas! – respondeu ela, levantando-se, contrariada. – Hareton, vou deixar este livro aqui em cima da lareira e amanhã trago mais.

– Todos os livros que vocês deixarem aqui vou levar para a sala – disse Joseph –, e acho que não vão mais encontrá-los. Mas podem fazer o que quiserem!

Cathy ameaçou destruir a biblioteca de Joseph se ele destruísse a dela; passou sorrindo por Hareton e subiu a escada cantando – mais alegre, suponho, do que jamais estivera até então sob este teto; exceto talvez durante suas primeiras visitas a Linton.

A intimidade assim iniciada cresceu rapidamente, embora encontrasse interrupções temporárias. Earnshaw não virou um homem civilizado da noite para o dia, e minha jovem ama não era nenhuma filósofa, tampouco um modelo de paciência; mas os dois desejavam a mesma coisa – ela, amar e estimar, ele, amar e ser estimado –, e por fim conseguiram obtê-la.

Como vê, sr. Lockwood, era fácil conquistar o coração da sra. Heathcliff. Mas fico feliz que o senhor não tenha tentado. O meu supremo desejo é a união desses dois. Não hei de invejar ninguém no dia do casamento deles: não haverá uma mulher mais feliz do que eu em toda a Inglaterra!⁸⁶

⁸⁵. Concentrada em cidades como Wakefield e Sheffield, a mineração de carvão foi uma das atividades econômicas mais importantes da região de Yorkshire, sobretudo no séc.XIX.

⁸⁶. O encaminhamento do fim da narrativa de *O morro dos ventos uivantes* revela uma dinâmica similar a *O conto de inverno*, de William Shakespeare. Como a peça de Shakespeare, o romance de Brontë conta com um enredo híbrido, no qual um desenvolvimento sombrio (equivalente aos três primeiros atos da peça do dramaturgo inglês) conhece um desfecho próprio ao gênero cômico, marcado pelo final feliz e (como reza a tradição) pelo enlace amoroso.

CAPÍTULO 33

NO DIA SEGUINTE àquela segunda-feira, como Earnshaw ainda não pudesse se dedicar às suas tarefas costumeiras e tivesse portanto que ficar em casa, logo vi que seria impossível reter minha ama ao meu lado, como antes.

Ela desceu antes de mim e foi para o jardim, onde vira o primo ocupado com algum trabalho leve. Quando lhes disse que viessem tomar o café da manhã, vi que ela o persuadira a limpar uma grande faixa de terra onde antes cresciam pés de groselha, e, juntos, estavam planejando importar plantas de Grange.

Fiquei horrorizada com a devastação feita no breve intervalo de meia hora. Os pés de groselha eram a menina dos olhos de Joseph, e ela resolvera plantar um canteiro de flores bem no meio dos arbustos!

– Pronto! O patrão vai ficar sabendo de tudo isso – exclamei –, no minuto em que for descoberto. E que desculpa vão dar por tomar essas liberdades com o jardim? Vamos ouvir poucas e boas, vão ver só! Sr. Hareton, achei que tinha juízo suficiente para não sair fazendo um estrago desses só porque ela pediu!

– Esqueci que eram de Joseph – respondeu Earnshaw, perplexo –, mas vou dizer que fui eu.

Sempre realizávamos nossas refeições com o sr. Heathcliff. Eu fazia as vezes de dona da casa, preparando o chá e trinchando a carne, de modo que era indispensável à mesa. Catherine em geral se sentava ao meu lado, mas nesse dia foi se acomodar junto de Hareton. Logo vi que não seria mais discreta em sua amizade do que antes em sua hostilidade.

– A senhorita tome cuidado para não conversar muito com seu primo, nem olhar demais para ele – foram as instruções que sussurrei ao entrarmos na sala. – Isso certamente vai aborrecer o sr. Heathcliff, e ele vai ficar furioso com os dois.

– Está bem – respondeu ela.

No minuto seguinte, ela se esgueirava para o lado dele e colocava prímulas no seu prato de mingau.⁸⁷

Hareton não ousava falar com a prima ali. Mal ousava olhar para ela, que ainda assim continuava a provocá-lo, a ponto de por duas vezes ele ficar prestes a cair na risada. Franzi a testa, e ela então olhou de soslaio para o patrão, cujos

pensamentos estavam ocupados com outros assuntos, como a expressão em seu rosto deixava claro. Cathy ficou momentaneamente séria, observando-o com gravidade, depois se virou e recomeçou com as brincadeiras. Hareton, por fim, deixou escapar uma risada abafada.

O sr. Heathcliff se sobressaltou; seu olhar varreu depressa nossos rostos, e Catherine enfrentou-o com a costumeira expressão de nervosismo e desafio que ele abominava.

– Ainda bem que está fora do meu alcance – exclamou o patrão. – Que demônio a possui para me encarar com esses olhos infernais? Abaixе-os! E não volte a me lembrar da sua existência. Achei que a havia curado do hábito de rir.

– Fui eu – murmurou Hareton.

– O que é que está dizendo? – indagou Heathcliff.

Hareton abaixou os olhos para o prato e não repetiu a confissão. O sr. Heathcliff encarou-o durante algum tempo, depois voltou em silêncio à sua refeição e às reflexões interrompidas.

Tínhamos quase terminado, e os dois jovens haviam prudentemente se sentado mais afastados, de modo que eu não esperava mais nenhuma agitação, quando Joseph surgiu à porta, revelando, pelos lábios trêmulos e os olhos furiosos, que o ultraje cometido contra seus preciosos arbustos fora descoberto.

Devia ter visto Cathy e o primo por ali antes de examinar o local, pois, enquanto mexia o queixo feito uma vaca ruminando, o que tornava sua fala difícil de entender, começou a dizer:

– Quero o meu dinheiro e quero ir-me embora! Meu plano *era* morrer aqui, onde trabalhei durante sessenta anos; pensei em levar meus livros para o sótão, e todas as minhas coisas, e eles podiam ficar com a cozinha... assim teria sossego. Ia ser duro deixar meu lugarzinho na lareira, mas achei que *podia* fazer isso! Só que agora ela tirou de mim o meu jardim, e juro por Deus que não posso aguentar isso, patrão! O senhor pode aceitar o jugo se quiser, mas não estou acostumado, e um velho custa a se habituar a novos fardos. Prefiro ir ganhar meu pão trabalhando na estrada!

– Pare com isso, velho idiota! – interrompeu Heathcliff. – Vá direto ao assunto. Qual é o problema? Não vou me meter nos seus problemas com Nelly. Por mim, ela pode jogá-lo no lixo.

– Não é Nelly! – respondeu Joseph. – Não iria querer ir embora por causa da Nelly... por mais imprestável que seja. Graças a Deus! *Ela* não pode roubar a alma de ninguém! Nunca foi bonita, desse tipo que faz os homens ficarem olhando sem piscar. Foi aquela menina desavergonhada que enfeitiçou o rapaz,

com esse seu olhar atrevido e esse seu jeito assanhado, até... Não! Meu coração parece que vai se partir! Ele esqueceu tudo o que fiz por ele e ensinei a ele, e foi lá e arrancou uma fileira inteirinha de pés de groselha, os mais bonitos do jardim! – E irrompeu em novas lamúrias, abatido pelo sentimento de ter sido ultrajado, pela ingratidão de Earnshaw e pelos perigos que o rapaz corria.

– Esse velho tolo está bêbado? – indagou o sr. Heathcliff. – Hareton, o problema é com você?

– Arranquei dois ou três arbustos – respondeu o jovem –, mas vou plantá-los de volta.

– E por que foi que arrancou? – perguntou o patrão.

Catherine sabiamente decidiu interferir.

– Queríamos plantar umas flores ali – explicou. – Sou a única culpada, pois pedi a ele que fizesse isso.

– E quem diabos deu a *você* permissão para tocar num galho seco desta propriedade? – indagou seu sogro, muito surpreso. – E quem deu ordens a *você* para obedecer a ela? – acrescentou, virando-se para Hareton.

O rapaz ficou sem fala, mas a prima respondeu:

– Não devia me negar uns poucos metros de terra para plantar umas flores, quando se apossou de todas as terras que eu tinha!

– Que terras, sua insolente? Você nunca teve terras – revidou Heathcliff.

– E o meu dinheiro – continuou ela, devolvendo-lhe o olhar furioso, e mordendo enquanto isso um pedaço de pão que restara do seu café da manhã.

– Silêncio! – exclamou ele. – Acabe de uma vez e suma daqui!

– E as terras de Hareton, e o dinheiro dele – prosseguiu ela, imprudente. – Hareton e eu somos amigos, agora, e vou contar a ele tudo o que o senhor fez!

O patrão pareceu aturdido por um momento. Empalideceu e se levantou, sem tirar os olhos dela, com uma expressão de ódio mortal.

– Se bater em mim, Hareton vai bater no senhor – desafiou ela –, então é melhor se sentar.

– Se Hareton não a puser para fora da sala, dou cabo dele – trovejou Heathcliff. – Bruxa dos diabos! Ousa tentar colocá-lo contra mim? Fora daqui! Está me ouvindo? Atire-a na cozinha! Vou matá-la, Ellen Dean, se permitir que ela volte a aparecer na minha frente!

Hareton tentou, em voz baixa, persuadi-la a sair.

– Arraste-a para fora daqui! – exclamou ele, fora de si. – Continuam falando? – E se aproximou para executar sua própria ordem.

– Ele não vai lhe obedecer, homem perverso; não mais – prosseguiu Catherine. – Em breve vai odiá-lo tanto quanto eu.

– Pssst! Pssst! – murmurou o jovem, em tom de repreensão. – Não quero ouvi-la falando assim com ele. Já chega.

– Mas não vai deixar que bata em mim, vai? – exclamou ela.

– Por favor... – sussurrou ele, com fervor.

Era tarde demais, Heathcliff já a agarrara.

– Agora, suma daqui *você!* – ordenou a Earnshaw. – Bruxa maldita! Desta vez, me provocou até o limite, e vou fazer com que se arrependa disso para sempre!

Tinha a mão no cabelo dela; Hareton tentou soltar seus cachos, pedindo-lhe que não a machucasse daquela vez. Os olhos negros de Heathcliff flamejavam; ele parecia prestes a fazer Catherine em pedaços, e eu já estava pronta para correr todos os riscos e ir em seu socorro, quando de repente seus dedos relaxaram. Ele soltou-lhe o cabelo e agarrou seu braço, fitando-a intensamente no rosto. Então passou a mão pelos próprios olhos, ficou parado um momento, aparentemente para recobrar a compostura, e virando-se outra vez para Catherine disse, com calma fingida:

– Você tem de aprender a não me provocar, ou um dia desses acabo matando-a mesmo! Vá com a sra. Dean, fique com ela e despeje a sua insolência nos ouvidos dela. Quanto a Hareton Earnshaw, se eu o vir dando atenção a você, vou mandá-lo procurar seu pão onde possa consegui-lo! Seu amor vai fazer dele um pária e um mendigo. Nelly, leve-a daqui; e deixem-me em paz, todos vocês! Deixem-me em paz!

Levei minha jovem ama dali. Estava aliviada demais por ter escapado e não opôs resistência. Hareton nos seguiu, e o sr. Heathcliff teve a sala para si até a hora do almoço.

Eu aconselhara Catherine a comer lá em cima, mas assim que notou seu assento vago ele me mandou chamá-la. Não falou com nenhum de nós, comeu muito pouco e saiu logo em seguida, avisando que só estaria de volta à noite.

Os dois novos amigos se instalaram na sala durante sua ausência. Ouvi Hareton repreender severamente a prima, quando ela se ofereceu para revelar a conduta do sogro dela com o pai dele. Disse que não toleraria que se falasse mal de Heathcliff – se ele era o demônio, não tinha importância. Ficaria do lado dele e preferia que ela o tratasse mal como antes do que ao sr. Heathcliff.

Catherine estava ficando irritada com isso, mas ele deu um jeito de fazê-la se conter, perguntando-lhe se gostaria de ouvi-lo falando mal do pai *dela*. A

moça então compreendeu que Earnshaw zelava pela reputação do patrão e estava ligado a ele por elos mais fortes do que a razão – correntes forjadas pelo hábito –, e seria cruel tentar quebrá-los.

Ela demonstrou compaixão, portanto, evitando queixas e expressões de antipatia por Heathcliff, e me confessou lamentar ter tentado envenenar as relações entre ele e Hareton. De fato, acho que nunca mais pronunciou uma sílaba contra seu opressor na presença dele.

Quando esse breve desentendimento passou, os dois fizeram as pazes e voltaram às suas várias ocupações como aluno e professora. Vim me sentar com eles, depois de terminar meu trabalho, e me senti tão tranquila e apaziguada ao vê-los que nem notei o tempo passando. Sabe, até certo ponto os dois pareciam meus filhos: fazia tempos que tinha orgulho dela, e agora, tinha certeza, ele seria fonte de igual satisfação. Sua natureza honesta, afetuosa e inteligente afastava rapidamente as nuvens da ignorância e da degradação em que fora criado, e os elogios de Catherine eram como um estímulo ao seu empenho. Sua mente cada vez mais brilhante fazia com que seu rosto brilhasse também, e acrescentava alento e nobreza ao seu aspecto. Eu mal podia crer que era o mesmo indivíduo com quem eu me deparara no dia em que descobrira minha jovem ama em Wuthering Heights, após sua expedição a Penistone Crag.

Enquanto eu os admirava e eles trabalhavam, o crepúsculo avançou, e com ele regressou o patrão. Chegou de modo inesperado, entrando pela porta da frente, e se deparou conosco, os três ali, antes que pudéssemos levantar a cabeça e olhar para ele.

Bem, refleti, não poderia haver cena mais agradável ou inofensiva do que esta, e seria uma vergonha repreendê-los. O clarão do fogo iluminava suas belas cabeças e revelava seus rostos animados com o interesse ardente de duas crianças; pois, embora ele tivesse vinte e três anos e ela dezoito, tinham tanta coisa nova para sentir e aprender que nenhum dos dois experimentava ou demonstrava sentimentos de maturidade mais sóbria e desencantada.

Ergueram os olhos ao mesmo tempo, deparando-se com o sr. Heathcliff. Talvez o senhor nunca tenha notado que os olhos dos dois são muito parecidos, e que são os olhos de Catherine Earnshaw. A atual Catherine não tem mais nenhuma semelhança com a mãe, exceto a testa larga e um certo arqueamento do nariz, que a faz parecer bastante ativa, independentemente de sua vontade. Em Hareton, a semelhança é maior, singular, de modo geral, e *naquele momento* era particularmente impressionante – porque seus sentidos estavam alertas, e suas faculdades mentais, despertas, numa atividade a que não estava acostumado.

Creio que foi essa semelhança que desarmou o sr. Heathcliff: ele foi até a

lareira, tomado de evidente agitação, que no entanto logo diminuiu, quando fitou o rapaz; ou, antes, modificou-se, pois ainda estava ali. Tirou o livro de sua mão, olhou para a página aberta e devolveu sem acrescentar qualquer comentário; apenas fez um gesto para que Catherine se fosse. Seu companheiro não se demorou ali, depois disso, e eu também estava prestes a me retirar, mas ele me pediu que ficasse.

– É um desfecho infeliz, não é? – observou, após refletir por algum tempo sobre a cena que acabava de testemunhar. – Uma conclusão absurda para os meus violentos esforços. Movo o céu e a terra para demolir as duas casas, treino para ser capaz de trabalhar como Hércules, e, quando está tudo pronto e nas minhas mãos, descubro que a vontade de tirar uma telha que seja de cada telhado se foi! Meus velhos inimigos não me derrotaram; agora seria o momento exato de me vingar nos seus descendentes. Eu poderia fazer isso, e ninguém iria me deter. Mas de que adianta? Não tenho mais vontade de desferir o golpe, não quero ter o trabalho de levantar a mão! Parece até que me empenhei esse tempo todo só para exibir um belo traço de magnanimidade. Longe disso... perdi a capacidade de me alegrar com a destruição deles, e sou preguiçoso demais para destruir por destruir.

“Nelly, há uma estranha mudança se aproximando; encontro-me em sua sombra, neste momento. Tenho tão pouco interesse em minha vida diária que mal me lembro de comer e beber. Esses dois que acabaram de sair da sala são a única coisa que retém uma aparência material distinta para mim, e essa aparência causa-me uma dor que beira a agonia. Sobre *ela* não vou falar, e nela não desejo pensar; mas sinceramente gostaria que fosse invisível... sua presença só evoca sensações enlouquecedoras. *Ele* me move de outra forma; ainda assim, se eu pudesse fazer isso sem parecer louco, nunca mais voltaria a vê-lo! Se eu tentar lhe descrever as mil associações e ideias que ele desperta ou encarna, você talvez me ache mesmo à beira da loucura”, acrescentou, fazendo um esforço para sorrir. “Mas você não há de querer falar por aí sobre isso, e minha mente está sempre tão fechada em si mesma que é tentador abri-la por fim para alguém.

“Há cinco minutos, Hareton parecia uma personificação da minha juventude, e não um ser humano. Meus sentimentos por ele foram tão variados nesse momento que seria impossível dirigir-me a ele de forma racional.

“Em primeiro lugar, sua impressionante semelhança com Catherine o associou terrivelmente a ela. Isso, porém, que você talvez suponha ser a força maior a dominar minha imaginação, é na verdade a menor: pois o que não está, para mim, associado a ela? E o que não me faz recordá-la? Não posso olhar para este chão, pois seus traços estão impressos nas lajes! Em cada nuvem, em cada

árvore... enchendo o ar à noite, e vislumbrada em cada objeto de dia... Estou cercado pela sua imagem! Os rostos mais comuns de homens e mulheres, meus próprios traços, debocham de mim com alguma semelhança. O mundo inteiro é uma terrível coleção de recordações de que ela existiu, e de que eu a perdi!

“Bem, ver Hareton foi como ver o fantasma do meu amor imortal, de minhas desesperadas tentativas de defender meus direitos, da minha degradação, do meu orgulho, da minha felicidade e da minha agonia...”

“Mas é uma insanidade repetir a você esses pensamentos; só pretendo lhe explicar por que, apesar da minha relutância em estar sempre só, a companhia dele em nada me beneficia. Pelo contrário, ela aumenta o tormento constante que me aflige e contribui em parte para que eu não me importe que ele e a prima agora andem juntos. Não posso mais dar nenhuma atenção a eles.”

– Mas o que o senhor quer dizer com uma *mudança*, sr. Heathcliff? – indaguei, alarmada com sua atitude, embora na minha opinião ele não estivesse correndo o risco nem de perder o juízo, nem de morrer. Estava bastante forte e saudável; e quanto ao seu juízo, desde criança encontrara prazer em meditar sobre coisas sombrias e elaborar ideias estranhas. Talvez tivesse uma ideia fixa em seu ídolo perdido, mas em todos os outros sentidos suas faculdades mentais estavam tão saudáveis quanto as minhas.

– Não hei de saber o que é até que aconteça – disse ele. – Mesmo agora só tenho consciência parcial disso.

– Não está se sentindo doente, está? – perguntei.

– Não, Nelly, não estou – respondeu ele.

– Então não tem medo de morrer? – insisti.

– Medo? Não! – afirmou. – Não tenho nem medo, nem o pressentimento, nem a esperança da morte. Por que haveria de ter? Com minha constituição forte, meu modo sóbrio de vida e minhas ocupações inofensivas, deveria, e provavelmente *vou*, permanecer de pé sobre a terra até não me restar um fio de cabelo preto na cabeça. E contudo não tenho como continuar nestas condições! Tenho que me lembrar de respirar... tenho quase que lembrar meu coração de bater! E é como comprimir uma mola dura: é à força que realizo o menor ato não impelido por um único pensamento, e é à força que noto qualquer coisa, viva ou morta, que não esteja associada a uma ideia universal. Tenho um único desejo, e todo o meu ser e as minhas faculdades anseiam por realizá-lo. Faz tanto tempo que anseiam, e de modo tão inabalável, que estou convencido de que *vai* ser realizado, e *logo*, porque devorou minha existência. Sou tragado pela expectativa de sua realização. Minhas confissões não me trouxeram nenhum alívio, mas

podem explicar algumas alterações de humor, de outro modo inexplicáveis, que demonstro. Ó Deus! É uma luta demorada; gostaria que já tivesse terminado!”

Começou a andar de um lado a outro e a murmurar coisas terríveis para si mesmo, até eu me sentir inclinada a acreditar, como ele dizia que Joseph acreditava, que a consciência tinha transformado seu coração num inferno na terra. Fiquei pensando em como tudo aquilo haveria de acabar.

Embora poucas vezes ele tivesse revelado esse estado de espírito, estava óbvio que era a sua condição habitual, disso eu não tinha dúvidas: ele próprio o afirmara. Mas ninguém teria suspeitado disso, pelo seu comportamento. O senhor não suspeitou quando esteve com ele, sr. Lockwood, e no período de que falo ele era o mesmo de antes... só mais afeito à constante solidão, e talvez ainda mais lacônico quando se tratava da companhia de outras pessoas.

⁸⁷ Segundo Meg Harris Williams (“The Hieroglyphics of Catherine: Emily Brontë and the Musical Matrix”, 2008), a imagem das primulas no mingau de Hareton sinaliza o início de um processo de regeneração e revitalização já inscrito na primeira caracterização do filho de Hindley (“Sem dúvida, boas qualidades perdidas em meio a um emaranhado de ervas daninhas cuja exuberância ultrapassava em muito o crescimento desordenado; prova, contudo, de um solo fértil, que bem poderia produzir colheitas abundantes, sob circunstâncias distintas e mais favoráveis”, ver p.222) e na transformação da postura arrogante de Catherine frente a ele, vazada por sua formação cultural. O papel da cultura como arma e insignia de poder atravessa todo o romance – seja pelos maus-tratos de Hindley a Heathcliff, a quem é negada educação; seja pelo retorno de Heathcliff a Wuthering Heights como cavalheiro, cômico da importância de uma aparência educada para seus planos de vingança; seja pelo tratamento que dá a Hareton, a quem priva de qualquer forma de ilustração, aprisionando-o em sua própria ignorância. No relacionamento entre Catherine e Hareton, percebe-se uma relação cultural diversa, que já se vislumbra na solução que a garota dá à perda de seus livros, “escritos em seu cérebro e impressos em seu coração”: a de trocas férteis e generosas, de todo estranhas ao conflito ideológico que serve de estopim à crise dos Earnshaw.

CAPÍTULO 34

POR ALGUNS DIAS, depois daquela noite, o sr. Heathcliff evitou nos encontrar às refeições; não consentia, porém, em excluir formalmente Hareton e Cathy. Tinha aversão a ceder tão completamente aos seus sentimentos, preferindo se ausentar; comer uma vez a cada vinte e quatro horas parecia lhe dar sustento suficiente.

Uma noite, depois que a família já tinha se deitado, eu o ouvi descer e sair pela porta da frente. Não o ouvi voltar, e pela manhã vi que ainda estava fora. Era o mês de abril, o tempo estava agradável e quente, a grama tão verde quanto as chuvas e o sol conseguiam deixá-la, e as duas macieiras anãs perto do muro ao sul da propriedade estavam em plena floração.

Após o café da manhã, Catherine insistiu que eu trouxesse uma cadeira e me sentasse com a minha costura debaixo dos abetos, na extremidade da casa; e convenceu Hareton, que já tinha se recobrado por completo do acidente, a cavar e a plantar seu pequenino jardim, deslocado para aquele canto devido à influência das queixas de Joseph.

Eu desfrutava confortavelmente da fragrância da primavera, ao redor, e do azul belo e homogêneo, no céu, quando minha jovem ama, que correra até o portão a fim de procurar algumas prímulas para a borda do canteiro, voltou com o cesto pela metade e nos informou que o sr. Heathcliff estava chegando.

– E ele falou comigo – acrescentou, com uma expressão perplexa no rosto.

– O que foi que ele disse? – perguntou Hareton.

– Disse-me que sumisse o mais depressa possível – respondeu ela. – Mas parecia tão diferente do habitual que parei por um instante e fiquei olhando para ele.

– Diferente como? – indagou seu primo.

– Bem, quase contente e bem-disposto. *Quase*, não... *muito* animado, agitado e alegre! – observou.

– Caminhar durante a noite lhe faz bem, então – falei, fingindo uma atitude despreocupada, mas na verdade tão surpresa quanto ela, e ansiosa para confirmar o que contava. Ver o patrão alegre não seria um espetáculo corriqueiro.

Inventei uma desculpa para entrar. Heathcliff estava de pé junto à porta aberta; pálido e trêmulo, embora, sim, decerto houvesse um brilho estranho e alegre em seus olhos que alterava o aspecto de todo o seu rosto.

– Quer comer algo? – perguntei. – Deve estar com fome, depois de ficar andando por aí a noite inteira! – Queria saber onde estivera, mas não me atrevia a perguntar diretamente.

– Não, não estou com fome – respondeu ele, virando a cabeça e falando num tom de desdém, como se adivinhasse que eu estava tentando descobrir a razão do seu bom humor.

Eu estava perplexa. Não sabia se aquela era ou não uma boa oportunidade para repreendê-lo.

– Não acho correto ficar andando fora de casa, em vez de repousar em sua cama – observei. – Não é prudente, pelo menos não nesta estação úmida. O senhor vai acabar pegando um resfriado forte ou uma febre: está diferente do habitual!

– Não é nada que eu não possa suportar – respondeu ele –, o que farei com grande prazer, desde que me deixe em paz. Entre logo e não me aborreça.

Obedeci. Ao passar por ele, notei que respirava depressa, como um gato.

“Sim”, pensei comigo mesma, “aí vem alguma doença. Não posso imaginar o que ele andou fazendo.”

Ao meio-dia, o patrão se sentou para almoçar conosco e recebeu um prato bem servido das minhas mãos, como se quisesse compensar o jejum anterior.

– Não estou resfriado nem febril, Nelly – comentou, numa alusão às minhas palavras pela manhã –, e estou pronto a fazer justiça à comida que me servir.

Pegou a faca e o garfo, e ia começar a comer, quando o apetite pareceu subitamente extinto. Pôs os talheres na mesa, olhou ansioso na direção da janela, levantou-se e saiu. Pudemos vê-lo andar de um lado a outro no jardim, enquanto terminávamos nossa refeição, e Earnshaw disse que ia até lá perguntar por que não queria almoçar. Achava que, de algum modo, o havíamos irritado.

– E então, ele vem? – indagou Catherine, quando o primo voltou.

– Não – respondeu ele –, mas não está com fome. Na verdade parece mesmo estranhamente satisfeito. Só que o deixei impaciente por falar com ele duas vezes, e me mandou vir para junto de você. Disse que não sabia como eu poderia querer a companhia de qualquer outra pessoa.

Deixei o prato dele no fogão, para que não esfriasse, e depois de uma hora ou duas, quando a sala já estava vazia, o sr. Heathcliff voltou, nem um pouco

mais calmo: o mesmo aspecto anormal – era anormal – de alegria sob as sobrancelhas negras; a mesma cor pálida, os dentes visíveis, de quando em quando, numa espécie de sorriso; o corpo tremendo, não como se treme de frio ou de fraqueza, mas como uma corda tensa vibra – sim, uma vibração mais do que um tremor.

“Vou perguntar o que houve”, pensei. “Do contrário, quem haveria de perguntar?” Então, exclamei:

– Recebeu alguma boa-nova, sr. Heathcliff? Está parecendo tão animado!

– De onde eu poderia receber boas-novas? – retrucou ele. – O que está me animando é a fome, mas parece que não vou poder comer.

– Seu almoço está aqui – falei. – Por que não come?

– Não quero, agora – murmurou, apressado. – Vou esperar até a ceia. E, Nelly, de uma vez por todas, peço que avise a Hareton e aos outros que não cheguem perto de mim. Não quero que ninguém me perturbe. Quero a casa toda só para mim.

– Há alguma nova razão para esse banimento? – indaguei. – Diga-me por que está tão esquisito, sr. Heathcliff. Onde esteve ontem à noite? Não pergunto por mera curiosidade, mas sim...

– É por mera curiosidade, sim – interrompeu ele, com uma risada. – Mas vou responder. Ontem à noite, estive às portas do inferno. Hoje, posso vislumbrar o paraíso. Meus olhos estão fixos nele, e nem um metro nos separa! E agora é melhor você ir embora. Não vai ver nem ouvir nada de assustador, se não ficar bisbilhotando.

Após ter varrido o chão e limpado a mesa, saí, mais perplexa do que nunca.

Ele não voltou a deixar a casa naquela tarde, e ninguém interferiu em sua solidão; até que, às oito horas, achei apropriado – embora não tivesse sido chamada – levar-lhe uma vela e a sua ceia.

Ele estava apoiado no peitoril de uma gelosia aberta, mas não olhava lá para fora; seu rosto voltava-se para a escuridão da sala. O fogo se consumira em cinzas; a sala estava tomada pelo ar úmido e brando da noite nublada e tão silenciosa que não apenas o murmúrio do riacho de Gimmerton era audível, mas também suas ondulações e seu gorgolejar sobre os seixos, ou entre as pedras maiores que não conseguia cobrir.

Soltei uma expressão de desgosto ao ver o fogo extinto e comecei a fechar as janelas, uma após a outra, até chegar à dele.

– Quer que feche esta também? – perguntei, para despertá-lo, pois não se mexia.

A luz da vela caiu sobre seu rosto enquanto eu falava. Ah, sr. Lockwood, não posso exprimir o terrível susto que levei com aquela visão momentânea! Aqueles olhos negros e fundos! Aquele sorriso e aquela palidez fantasmagórica! Não me parecia ser o sr. Heathcliff, mas sim um goblin. Aterrorizada, deixei a vela se inclinar sobre a parede e fiquei no escuro.

– Sim, pode fechar – respondeu ele, com sua voz habitual. – Ora, que coisa mais estranha! Por que ficou segurando a vela na horizontal? Rápido, traga outra.

Saí dali tomada pelo pavor e disse a Joseph:

– O patrão quer que você leve para ele uma vela e reacenda o fogo.

Eu própria não ousava entrar de novo ali tão cedo.

Joseph apanhou alguns carvões em brasa com a pá e foi, mas voltou logo em seguida, com a bandeja do jantar na outra mão, explicando que o sr. Heathcliff estava indo se deitar e não queria comer nada até de manhã.

Pudemos ouvi-lo subindo a escada, mas não se dirigiu ao seu quarto habitual: entrou no cômodo onde havia a cama com painéis. Como mencionei antes, a janela ali é suficientemente grande para deixar passar uma pessoa, e me ocorreu que planejasse fazer outra excursão noturna, da qual preferia que não suspeitássemos.

“Será que é *ghoul* ou um vampiro?”,⁸⁸ refleti. Já lera acerca daqueles medonhos demônios encarnados. E fiquei sentada, pensando em como cuidara dele na infância e o vira crescer e o acompanhara durante quase toda a sua vida; em como era absurdo entregar-me àquela sensação de horror. “Mas de onde ele veio, aquele menininho de pele escura, trazido por um bom homem ao seu lar?”, murmurou a superstição, enquanto eu pegava no sono. E comecei, meio em sonho, a imaginar quem poderiam ter sido seus pais. Ecoando as reflexões de quando estava acordada, voltei a passar em revista sua existência, com sombrias variações; por fim, imaginei sua morte e seu enterro – dos quais tudo de que me lembro é ter ficado muito constrangida por ser incumbida de ditar uma inscrição para a sua lápide e consultar o coveiro a respeito; como ele não tinha sobrenome e não sabíamos qual era a sua idade, fomos obrigados a nos contentar com uma única palavra: “Heathcliff”. Isso veio de fato a acontecer. Se for até o cemitério, verá em sua lápide somente isso e a data de sua morte.

O raiar do dia me devolveu a sensatez. Assim que se fez dia claro, levantei-me e fui até o jardim, para ver se havia pegadas debaixo da janela dele. Não havia. “Ficou em casa”, pensei, “e há de se sentir bem hoje.”

Preparei o café da manhã para todos na casa, como era meu costume, mas

disse a Hareton e a Catherine que tomassem o seu antes que o patrão descesse, pois ele ainda estava dormindo. Os dois preferiram ir comer lá fora, sob as árvores, onde instalei uma mesinha para acomodá-los.

Ao voltar, encontrei o sr. Heathcliff no primeiro andar. Conversava com Joseph sobre os negócios da fazenda; dava-lhe ordens claras e minuciosas sobre o assunto em questão, mas falava depressa, virava a cabeça constantemente e tinha a mesma expressão agitada, talvez ainda mais intensa.

Quando Joseph saiu da sala, o patrão foi se sentar em seu lugar habitual, e coloquei à sua frente um bule de café. Ele puxou o bule para perto, depois descansou os braços sobre a mesa e olhou para a parede oposta, observando, ao que me pareceu, um só trecho, para cima e para baixo, os olhos brilhantes e inquietos, e com tamanho interesse que parou de respirar durante meio minuto.

– Vamos – exclamei, metendo-lhe na mão um pedaço de pão –, coma e beba o café enquanto ainda está quente. Faz quase uma hora que preparei.

Não reparou em mim, mas sorriu. Eu preferia vê-lo ranger os dentes do que sorrir daquela maneira.

– Sr. Heathcliff! Patrão! – exclamei. – Pelo amor de Deus, não fique com essa expressão de quem viu algo do outro mundo.

– Pelo amor de Deus, não grite tão alto – replicou ele. – Vire-se e me diga, estamos sós?

– Claro – foi minha resposta. – Claro que sim!

Ainda assim, involuntariamente lhe obedeci, como se não tivesse absoluta certeza. Com um gesto da mão, ele abriu espaço entre as coisas do café da manhã e inclinou o corpo para a frente, a fim de poder olhar mais à vontade.

Percebi, então, que ele não encarava a parede; reparando melhor, parecia que fitava algo a menos de dois metros de distância. E o que quer que fosse aparentemente lhe transmitia prazer e dor em níveis extremos, pelo menos era o que a expressão a um tempo angustiada e extasiada de seu rosto sugeria.

O objeto em questão tampouco estava fixo: seus olhos o perseguiram com incansável diligência e, mesmo ao falar comigo, não se desviavam dele.

Recordei-lhe em vão seu prolongado jejum. Se ele se mexia para pegar qualquer coisa, atendendo às minhas súplicas, se estendia a mão para apanhar um pedaço de pão, seus dedos se fechavam antes de alcançá-lo e ficavam ali, sobre a mesa, esquecidos do seu objetivo.

Fiquei sentada, um modelo de paciência, tentando atrair sua absorta atenção de suas especulações, até que ele se irritou e se levantou, perguntando por que eu não lhe dava o tempo que quisesse para fazer suas refeições. Disse que na

próxima ocasião eu não precisava esperar: podia servir a comida e ir embora.

Após pronunciar essas palavras, saiu de casa, desceu lentamente pela aleia do jardim e desapareceu pelo portão.

As horas se passaram ansiosamente: mais uma noite chegou. Só fui me deitar quando já era bem tarde, e mesmo assim não consegui dormir. Ele voltou depois da meia-noite; em vez de ir para a cama, fechou-se na sala. Fiquei de ouvidos atentos, remexendo-me na cama, até que por fim me vesti e descí. Era penoso demais ficar ali sentada, atormentando meu cérebro com uma centena de pensamentos apreensivos.

Distingui os passos do sr. Heathcliff, caminhando sem parar de um lado a outro, e frequentemente rompendo o silêncio com uma inspiração profunda, mais semelhante a um gemido. Ele também murmurava palavras desconexas; a única que pude compreender foi o nome de Catherine, junto com alguma arrebatada expressão de afeto ou sofrimento, pronunciada como se ele se dirigisse a alguém presente ali – em voz baixa e sincera, saída do fundo de sua alma.

Não tive coragem de entrar na sala, mas queria arrancá-lo daquele delírio, de modo que comecei a atizar o fogo da cozinha e a limpar as cinzas. Isso o atraiu antes do que eu esperava. Ele abriu imediatamente a porta e me chamou:

– Nelly, venha cá... já é de manhã? Venha cá e traga a sua vela.

– São quatro horas – respondi. – Quer uma vela para levar lá para cima? Podia ter acendido uma no fogo.

– Não, não quero ir lá para cima – disse ele. – Entre e acenda *para mim* um fogo e faça tudo o que for preciso fazer na sala.

– Preciso primeiro atizar os carvões, antes de poder levá-los para a sala – respondi, pegando uma cadeira e o fole.

Ele enquanto isso andava de um lado para outro, num estado que se aproximava da desorientação. Seus profundos suspiros sucediam-se um ao outro e eram tantos que mal lhe sobrava espaço para respirar normalmente.

– Quando o dia raiar, vou mandar chamar Green – anunciou. – Preciso lhe fazer algumas consultas jurídicas enquanto ainda consigo pensar nesses assuntos, e enquanto ainda consigo agir com calma. Ainda não fiz meu testamento e não sei como deixar os meus bens. Quem dera pudesse varrê-los da face da terra.

– Eu não falaria assim, sr. Heathcliff – intervim. – Deixe o seu testamento de lado por ora... ainda vai ter tempo de se arrepender de suas muitas injustiças! Nunca imaginei que seus nervos fossem ficar tão alterados; e estão, neste momento, alterados demais, quase que exclusivamente por culpa sua. O modo como passou os últimos três dias teria derrubado um titã.⁸⁹ Coma alguma coisa e

descanse um pouco. É só se olhar no espelho para ver como precisa fazer ambas essas coisas. Suas faces estão encovadas, os olhos, injetados, como uma pessoa quase morta de fome e a ponto de ficar cega por não dormir.

– Não é minha culpa se não consigo comer ou descansar – replicou ele. – Garanto a você que não é intencional. Vou fazer as duas coisas assim que puder. Mas seria o mesmo que pedir a um homem prestes a se afogar que descansasse um pouco, quando está praticamente alcançando a praia! Preciso alcançá-la primeiro, depois descanso. Bem, não precisa chamar o sr. Green. E quanto a me arrepender de minhas injustiças, não cometi nenhuma e não tenho do que me arrepender. Estou feliz demais, e ainda não estou feliz o suficiente. O êxtase da minha alma está matando o meu corpo, mas não se satisfaz.

– Feliz, patrão? – exclamei. – Que estranha felicidade! Se o senhor pudesse me ouvir sem se zangar, poderia lhe dar alguns conselhos para deixá-lo mais feliz.

– Que conselhos? – perguntou. – Diga.

– O senhor sabe, sr. Heathcliff, que desde os treze anos de idade tem levado uma vida egoísta e pouco cristã, e provavelmente mal chegou a ter uma Bíblia nas mãos durante esse período. Deve ter se esquecido do conteúdo do livro e talvez não tenha tempo de voltar a ele agora. Não gostaria de mandar chamar alguém, um ministro de qualquer denominação, não importa qual, para explicá-lo ao senhor e lhe mostrar o quanto se afastou dos preceitos, bem como o quão indigno está de merecer o céu, a menos que alguma mudança se opere antes da sua morte?

– Isso não me deixa zangado, Nelly, e sim grato – replicou ele –, pois você me lembrou da maneira como desejo ser enterrado. Devo ser levado ao cemitério à noite. Você e Hareton podem, se quiserem, me acompanhar. E cuide em especial para que o coveiro cumpra as minhas instruções com relação aos dois caixões! Não é necessária a presença de nenhum ministro, nem que se diga o que quer que seja. Afirmo-lhe que já quase alcancei o *meu* paraíso, e o dos outros não tem nenhum valor para mim.

– E se, supondo-se que o senhor perseverasse no seu obstinado jejum e morresse por causa disso, se recusassem a enterrá-lo nos arredores da igreja?⁹⁰ – argumentei, chocada com sua indiferença religiosa. – O que acharia disso?

– Não farão isso – respondeu ele. – Se fizerem, deve mandar me trasladar secretamente; caso contrário, há de comprovar com sua própria experiência que os mortos ainda não estão de todo aniquilados!

Assim que ouviu os outros membros da família acordando, retirou-se para

os seus aposentos, e pude respirar mais aliviada. À tarde, porém, enquanto Joseph e Hareton estavam fora trabalhando, voltou à cozinha e, com uma expressão selvagem no rosto, pediu-me que viesse me sentar com ele na sala: queria companhia.

Recusei-me, dizendo-lhe francamente que sua estranha atitude e maneira de falar estavam me assustando, e que eu não tinha coragem nem vontade de ficar a sós com ele.

– Acho que você pensa que sou um demônio – disse, com a sua risada sombria –, algo horrível demais para viver sob um teto decente!

Virando-se então para Catherine, que estava ali e que se escondera atrás de mim ante a aproximação dele, acrescentou, sarcástico:

– E você, menina, vem? Não vou lhe fazer mal. Não! Para vocês, eu me transformei em algo pior do que o diabo. Bem, há *uma* pessoa que não foge da minha companhia! Céus, como ela é implacável. Ah, inferno! É demasiado para alguém de carne e osso... até mesmo para alguém como eu.

O patrão não pediu a companhia de mais ninguém. À tardinha, foi para o seu quarto. Durante toda a noite e boa parte da manhã seguinte, pudemos ouvi-lo gemendo e murmurando consigo mesmo. Hareton estava ansioso para entrar, mas pedi-lhe que fosse chamar o dr. Kenneth, para que o visse.

Quando o médico chegou, e pedi licença para entrar, tentando abrir a porta, vi que estava trancada; e Heathcliff mandou-nos ao inferno. Sentia-se melhor e queria que o deixassem em paz, com o que o médico foi embora.

A noite seguinte foi de muita chuva, um aguaceiro até de manhãzinha. Ao dar a minha caminhada matinal ao redor da casa, notei que a janela do patrão estava aberta, e que chovia dentro do quarto.

“Não pode estar na cama”, pensei, “a chuva iria deixá-lo encharcado! Deve ter se levantado ou saído. Mas chega de ficar dando tratos à bola, vou tomar coragem e conferir.”

Tendo conseguido entrar no cômodo por meio de outra chave, corri para abrir os painéis, pois o quarto estava vazio. Empurrando-os depressa para o lado, espiei ali dentro. O sr. Heathcliff estava deitado de costas. Seus olhos me fitaram com tamanho ardor que me sobressaltei; então ele pareceu sorrir.

Não pensei que estivesse morto, mas o rosto e o pescoço estavam molhados de chuva; os lençóis pingavam, e ele estava perfeitamente imóvel. A gelosia, batendo com o vento, arranhara uma de suas mãos, que estava pousada no peitoril. Mas a ferida não sangrava, e, quando pus os dedos ali, não duvidei mais: estava morto!

Tranquei a janela, penteei seus longos cabelos pretos, tirando-os de cima da testa, e tentei fechar-lhe os olhos – para extinguir, se possível, aquela assustadora expressão de júbilo que mais parecia viva, antes que as outras pessoas pudessem vê-lo. Mas os olhos não se fechavam, pareciam zombar das minhas tentativas, e seus lábios entreabertos com os dentes brancos e afiados à mostra também zombavam! Tomada por outro acesso de covardia, chamei Joseph. Ele apareceu e soltou uma exclamação, mas se recusou resolutamente a mexer no corpo.

– O demo carregou com a alma dele – exclamou –, e pode botar a carcaça no trato também, pelo que me diz respeito! Cruzes! Olhe só para essa cara, troçando até da morte! – E o velho pecador abriu um riso de escárnio, imitando-o.

Achei que ia começar a saltitar em volta da cama. Recompondo-se outra vez, porém, caiu de joelhos, ergueu as mãos e deu graças aos céus agora que o verdadeiro patrão recuperava o que lhe era de direito.⁹¹

Eu estava aturdida diante do terrível evento, e minha memória inevitavelmente voltou a tempos passados, com uma espécie de opressiva tristeza. Mas o pobre Hareton, o mais injustiçado, foi o único que realmente sofreu de verdade. Velou o corpo durante toda a noite, chorando lágrimas amargas e sinceras. Apertava-lhe a mão e beijava o rosto sarcástico e cruel que todos os outros evitavam contemplar. Pranteava-o com o intenso pesar que brota naturalmente de um coração generoso, embora duro como aço temperado.

O dr. Kenneth não conseguiu identificar a causa da morte do patrão. Ocultei-lhe o fato de que não comera nada por quatro dias, temendo que isso criasse problemas, mas estou certa de que não jejuou de propósito: aquilo foi a consequência de sua estranha doença, e não a causa.

Foi enterrado, para escândalo de toda a região, conforme desejara. Earnshaw e eu, o coveiro e mais seis homens que carregavam o caixão formamos o cortejo.

Os seis homens foram embora assim que puseram o caixão na cova; nós ficamos para vê-lo coberto. Hareton, com o rosto banhado em lágrimas, arrancou ele próprio tufos de grama verde e plantou sobre o pequeno monte de terra, que agora está tão verdejante quanto os vizinhos – e espero que seu ocupante durma igualmente sossegado. Mas a gente do campo, se lhe perguntar, jura pela Bíblia que o vê *caminhar*. Há os que dizem tê-lo encontrado perto da igreja, e na charneca, e mesmo dentro desta casa. São só histórias, o senhor dirá, e eu também. Mas aquele velho sentado diante do fogo da cozinha afirma que, toda noite chuvosa desde a morte dele, vê os dois olhando pela janela de seu quarto.

E uma coisa estranha me aconteceu há cerca de um mês. Eu estava indo para Grange, certa noite – uma noite escura, ameaçando trovoadas –, e, bem na encruzilhada de Heights, encontrei um menininho com um carneiro e duas ovelhas. Chorava muito, e imaginei que as ovelhas estivessem assustadas e se recusassem a lhe obedecer.

– O que houve, rapazinho? – perguntei.

– Ali, perto daquele morro, estão Heathcliff e uma mulher – soluçou ele –, e não tenho coragem de passar.

Não vi nada, mas nem as ovelhas nem ele queriam seguir, então disse-lhe que pegasse a estrada de baixo. Ele provavelmente acreditara ver os fantasmas de tanto pensar neles, enquanto atravessava a charneca sozinho, por causa das bobagens que ouvira seus pais e amigos repetirem. Ainda assim, já não gosto de sair no escuro, e não gosto de ficar sozinha nesta casa tão sombria. Vai ser um alívio quando eles se forem daqui e se mudarem para Grange.

– VÃO PARA GRANGE, então? – perguntei.

– Sim – respondeu a sra. Dean. – Assim que se casarem, no dia de Ano Novo.

– E quem vai morar aqui, então?

– Bem, Joseph vai ficar cuidando da casa, e talvez um rapaz lhe faça companhia. Vão viver na cozinha, e o restante da casa vai ser fechado.

– Para uso dos fantasmas que quiserem morar aqui? – comentei.

– Não, sr. Lockwood – disse Nelly, meneando a cabeça. – Acredito que os mortos estejam em paz, mas não é correto falar deles levianamente.

Nesse momento, a cancela do jardim se abriu; os dois jovens estavam de volta.

– *Eles* não têm medo de nada – resmunguei, vendo-os se aproximar pela janela. – Juntos, enfrentariam Satanás e todas as suas legiões.

Quando pararam diante da porta e se demoraram um instante para olhar uma última vez para a lua – ou, como seria mais correto dizer, um para o outro à luz da lua –, senti-me irresistivelmente impelido a fugir dali. Sem dar atenção às suas repreensões pela minha falta de cortesia, meti uma lembrança na mão da sra. Dean e desapareci pela porta da cozinha, enquanto eles abriam a porta da frente – o que teria confirmado a opinião de Joseph sobre a indiscrição de sua colega, se ele não tivesse felizmente me reconhecido como um homem respeitável pelo doce tilintar do soberano de ouro que lhe atirei aos pés.

Meu caminho de volta foi alongado por um desvio na direção da igreja. Uma vez ali dentro, percebi que, mesmo em apenas sete meses, o declínio já avançara: várias janelas mostravam buracos negros sem vidraças, e telhas se desalinhavam aqui e ali, no telhado – seriam gradualmente arrancadas, em vindouras tempestades de outono.

Procurei, e logo descobri, as três lápides na encosta próxima à charneca: a do meio, cinzenta e meio enterrada na urze; a de Edgar Linton, com a grama e o musgo subindo-lhe pela base; a de Heathcliff, ainda nua.

Fiquei um bom tempo ali, sob aquele céu afável: observei as mariposas esvoaçando por entre a urze e as campânulas, escutei o vento suave sussurrando em meio à relva, e me perguntei quem poderia imaginar sonos agitados sob aquela terra sossegada.

⁸⁸. Ver nota 56.

⁸⁹. Na mitologia grega, os titãs (ou titânides, no feminino) são seres anteriores às deidades do Olimpo, descendendo diretamente das divindades primeiras. São da geração inaugural de titãs e titânides, que habitava o monte Ôtris, os doze filhos de Gaia (a Terra) e Urano (o Céu): Ceo, Oceano, Crio, Hipérion, Lápeto, Cronos, Febe, Mnemosine, Reia, Témis, Tétis e Teia. Gerações de titãs sucedem a primeira até o nascimento daqueles que seriam os deuses do Olimpo. Estes viriam a dominar o universo das divindades gregas depois da chamada Titanomaquia (Guerra dos Titãs), em que as forças de Zeus vencem Cronos, seu pai, e a reunião de titãs por ele liderada.

⁹⁰. Ver nota 71.

⁹¹. As esperanças de Joseph vão de encontro aos problemas jurídicos deixados por Heathcliff. Detentor de Wuthering Heights (que obtivera de Hindley por meio de hipoteca) e de Thrushcross Grange (graças ao delito de Linton, que assina um testamento em favor de seu pai sem ter idade para fazê-lo), Heathcliff não deixa herdeiro de suas propriedades. Segundo as leis inglesas, em um caso como este os bens teriam como destino a Coroa inglesa, que por reversão de bens receberia os imóveis e por *bona vacantia* (expressão latina que designa bens sem proprietário) seria depositária das posses móveis ou imateriais. Em outras palavras, Heathcliff deixa Hareton e Catherine, a princípio, destituídos de quaisquer posses. Resta a ambos, portanto, o esforço de anulação de tais decisões.

ANEXOS

NOTA BIOGRÁFICA SOBRE ELLIS E ACTON BELL

DURANTE MUITO TEMPO julgou-se que todas as obras publicadas sob os nomes de Currer, Ellis e Acton Bell eram na realidade a produção de uma só pessoa. Esforcei-me para retificar esse erro com algumas palavras de desmentido no prefácio à terceira edição de *Jane Eyre*. Também estas, ao que parece, não conseguiram conquistar o crédito geral, e agora, por ocasião da reimpressão de *O morro dos ventos uivantes* e *Agnes Grey*, recomendam-me firmemente que eu esclareça a verdadeira situação.

De fato, eu mesma sinto que é tempo de pôr fim à obscuridade que envolve esses dois nomes – Ellis e Acton. O pequeno mistério que outrora proporcionou um prazer inofensivo perdeu seu interesse; as circunstâncias mudaram. Torna-se minha obrigação, pois, explicar brevemente a origem e a autoria dos livros escritos por Currer, Ellis e Acton Bell.

Cerca de cinco anos atrás, minhas duas irmãs e eu, após um período de separação um tanto prolongado, nos vimos reunidas e em casa. Residindo num distrito remoto, onde a educação fizera pouco progresso e, em consequência, não havia nenhum incentivo para empenhar-se na busca de relações sociais para além de nosso círculo doméstico, dependíamos inteiramente de nós mesmas e umas das outras, dos livros e do estudo para os prazeres e ocupações da vida. O mais intenso estímulo, bem como o mais vivo prazer que havíamos conhecido desde a infância, residia em tentativas de composição literária; antes costumávamos mostrar uma para a outra o que escrevíamos, mas nos últimos anos esse hábito de comunicação e consulta se interrompera; por isso ignorávamos o progresso que cada uma teria feito.

Um dia, no outono de 1845, deparei por acaso com um volume manuscrito de versos com a letra de minha irmã Emily. Evidentemente não me surpreendi, sabendo que ela podia escrever versos e o fazia: examinei-o, e fui tomada por algo mais que surpresa – uma profunda convicção de que aquelas não eram efusões comuns, nem se assemelhavam em absoluto à poesia que as mulheres em geral escrevem. Pareceram-me condensadas e concisas, vigorosas e genuínas. Ao meu ouvido, tinham também uma música peculiar – melancólica e elevada.

Minha irmã Emily não era uma pessoa de caráter expansivo, nem alguém em cujos recantos da mente e em cujos sentimentos pudessem penetrar sem

licença, impunemente, mesmo aqueles que lhe eram mais próximos e mais queridos; levei horas para fazê-la aceitar a descoberta que eu tinha feito, e dias para convencê-la de que os poemas mereciam publicação. Eu sabia, contudo, que uma mente como a dela não podia estar desprovida de uma centelha latente de honrada ambição, e não me deixei desencorajar nas tentativas de atizar aquela centelha para transformá-la em chama.

Nesse meio-tempo, minha irmã mais nova mostrou-me discretamente algumas de suas próprias composições, sugerindo que, como as de Emily tinham me dado prazer, talvez eu gostasse de ver as dela. Eu não podia senão ser um juiz parcial, mas achei que também aqueles versos tinham um doce e sincero *páthos*.

Desde muito cedo havíamos acalentado o sonho de um dia nos tornarmos escritoras. Esse sonho, nunca abandonado, mesmo quando a distância nos separou e tarefas absorventes passaram a nos ocupar, adquiriu então, subitamente, força e consistência: assumiu o caráter de uma decisão. Concordamos em organizar uma pequena seleção de nossos poemas e, se possível, fazê-los ser impressos. Avessas à publicidade pessoal, ocultamos nossos nomes sob os de Curren, Ellis e Acton Bell; a escolha ambígua foi ditada por uma espécie de escrúpulo consciencioso de assumir prenomes positivamente masculinos, ao mesmo tempo em que não nos agradava nos declararmos mulheres, porque – sem suspeitar na época que nosso modo de escrever e pensar não era o que se denomina “feminino” – tínhamos uma vaga impressão de que as escritoras correm o risco do preconceito; tínhamos notado como os críticos por vezes usam a arma da personalidade para castigá-las, e para recompensá-las, uma bajulação que não é verdadeiro louvor.

A publicação de nosso livrinho foi um trabalho árduo. Como era de esperar, nem nós nem nossos poemas éramos desejados de maneira alguma; mas desde o início estávamos preparadas para isso; embora fôssemos inexperientes, já tínhamos lido sobre a experiência de outras pessoas. O grande enigma residia na dificuldade de obter qualquer tipo de resposta dos editores a quem submetíamos o livro. Atormentada por esse obstáculo, arrisquei-me a solicitar aos srs. Chambers, de Edimburgo, uma palavra de conselho; eles podem ter se esquecido da circunstância, mas eu não o fiz, pois deles recebi uma resposta breve e objetiva, mas cortês e sensata, que pusemos em prática, e assim abrimos caminho.

O livro foi impresso. Ele é pouco conhecido, e nele só o que merece ser reconhecido são os poemas de Ellis Bell. A firme convicção que alimentei e ainda alimento acerca do valor desses poemas não recebeu a confirmação de muitas críticas favoráveis; mas devo conservá-la, apesar disso.

O insucesso falhou em nos aniquilar: o mero esforço para vencer dera um maravilhoso sabor à existência; ele devia prosseguir. Cada uma de nós pôs-se a trabalhar numa história em prosa. Ellis Bell produziu *O morro dos ventos uivantes*, Acton Bell, *Agnes Grey*, e Curren Bell também escreveu uma narrativa em um volume. Esses manuscritos importunaram vários editores pelo espaço de um ano e meio; em geral, seu destino foi uma ignominiosa e cabal recusa.

Finalmente *O morro dos ventos uivantes* e *Agnes Grey* foram aceitos em termos um tanto cansativos para os dois autores; o livro de Curren Bell não encontrou aceitação em lugar algum, nem qualquer reconhecimento de mérito, de modo que algo como o calafrio do desespero começou a invadir seu coração. Com um fio de esperança, ele tentou mais uma casa editora – os srs. Smith, Elder & Co. Não muito tempo depois, num espaço muito mais curto que aquele que a experiência lhe ensinara a calcular, chegou uma carta, que ele abriu na triste expectativa de encontrar duas linhas duras, desesperançadas, de que os srs. Smith, Elder & Co. “não estavam dispostos a publicar o manuscrito”, e em vez disso retirou do envelope uma carta de duas páginas. Leu-a tremendo. De fato recusavam-se a publicar aquela história por razões comerciais, mas discutiam seus méritos e deméritos de maneira tão cortês, tão atenciosa, num espírito tão sensato, com um discernimento tão esclarecido, que essa própria recusa alegrou mais o autor do que uma aceitação vulgarmente expressa o teria feito. Acrescentava-se que uma obra em três volumes seria objeto de cuidadosa atenção.

Naquele momento eu acabava de concluir *Jane Eyre*, em que estivera trabalhando enquanto a história em um volume trilhava seu tedioso circuito em Londres. Em três semanas enviei o livro, mãos amistosas e hábeis o receberam. Isso foi no princípio de setembro de 1847; ele foi publicado antes do fim de outubro seguinte, enquanto *O morro dos ventos uivantes* e *Agnes Grey*, as obras de minhas irmãs, que já estavam no prelo havia meses, ainda se retardavam, sob outra gerência

Finalmente eles foram publicados. Os críticos não lhes fizeram justiça. As capacidades imaturas mas muito reais reveladas em *O morro dos ventos uivantes* mal foram reconhecidas: sua significação e natureza foram mal compreendidas; a identidade de seu autor foi enganosamente descrita; falou-se que aquela era uma tentativa anterior e mais rude da mesma pena que produzira *Jane Eyre*. Erro injusto e deplorável! Rimos dele a princípio, mas agora lamento-o profundamente. Surgiu daí, temo, um preconceito contra o livro. O escritor capaz de tentar impingir uma produção inferior e imatura no rastro de um esforço bem-sucedido deve de fato estar inapropriadamente sequioso do resultado secundário

e sórdido da autoria, e ser desprezivelmente indiferente à sua verdadeira e honrada recompensa. Se os críticos e o público realmente acreditaram nisso, não admira que tenham condenado o embuste.

Não se deve pensar, contudo, que faço dessas coisas objeto de censura ou queixa; não ousa fazê-lo; o respeito pela memória de minha irmã me impede. Qualquer manifestação irritadiça desse tipo seria considerada por ela uma fraqueza indigna e ofensiva.

É meu dever, bem como meu prazer, reconhecer uma exceção à regra geral das críticas. Um escritor,²² dotado da visão arguta e da refinada compreensão do gênio, discerniu a verdadeira natureza de *O morro dos ventos uivantes* e, com igual precisão, percebeu suas belezas e mencionou seus defeitos. Com excessiva frequência os críticos nos lembram a turba de astrólogos, caldeus e adivinhos reunidos diante do “escrito no muro” e incapazes de ler os caracteres ou revelar a interpretação. Temos o direito de nos alegrar quando por fim chega um verdadeiro profeta, um homem com um espírito de excelência, a quem foram dados luz, sabedoria e entendimento; que pode ler com precisão o *Mene, Mene, Tekel, Upharsin*²³ de uma mente original (por mais singular, por mais ineficientemente cultivada e parcialmente expandida que essa mente possa ser); e que pode dizer com confiança: “Esta é a interpretação disto.”

No entanto, mesmo o escritor a que aludo compartilha o erro sobre a autoria, e faz a injustiça de supor que há um equívoco em minha rejeição anterior dessa honra (pois como tal a considero). Posso lhe assegurar que neste e em todos os outros casos eu jamais trabalharia em equívoco; acredito que a linguagem nos foi dada para tornarmos nossa intenção clara, e não para envolvê-la em dúvida desonesta.

A inquilina de Wildfell Hall, de Acton Bell, teve igualmente acolhida desfavorável. Não posso me surpreender com isso. A escolha do tema foi um erro completo. Nada menos congruente com a natureza do escritor poderia ser concebido. Os motivos que ditaram essa escolha eram puros, mas, penso eu, ligeiramente mórbidos. No curso de sua vida ela havia sido chamada a contemplar, muito perto de si e por um longo tempo, os terríveis efeitos de talentos mal-empregados e capacidades usadas erradamente; era dotada de uma natureza sensível, reservada e deprimida; o que viu penetrou muito profundo em sua mente; fez-lhe mal. Ela removeu isso até acreditar ser seu dever reproduzir cada detalhe (claro que com personagens, incidentes e situações fictícios) como uma advertência para os outros. Detestou seu trabalho, mas levou-o adiante. Quando alguém procurava discutir com ela o tema, considerava tais ponderações uma tentação à autocomplacência. Devia ser sincera; não devia embelezar,

suavizar ou esconder. Essa resolução bem-intencionada valeu-lhe uma interpretação errônea e algum insulto, os quais ela suportou, como era costume seu suportar tudo o que era desagradável, com tranqüila e firme paciência. Era uma cristã muito sincera e prática, mas o matiz de melancolia religiosa conferiu uma sombra triste à sua vida breve e irrepreensível.

Nem Ellis nem Acton se permitiram sequer por um momento esmorecer por falta de estímulo; a energia encorajava um, a resistência sustentava o outro. Estavam ambos dispostos a tentar de novo; eu pensaria de bom grado que a esperança e a sensação de poder ainda eram fortes dentro deles. Mas uma grande mudança se aproximava: a aflição chegou sob aquela forma que prever é pavor – e rememorar é dor. No auge do calor e da faina do dia, os trabalhadores esmoreceram sobre seu trabalho.

Minha irmã Emily declinou primeiro. Os detalhes de sua doença estão profundamente gravados em minha memória, mas está além de minhas forças alongar-me sobre eles, seja em pensamento ou em narrativa. Em toda a sua vida ela nunca se demorara a cumprir qualquer tarefa que encontrasse à sua frente, e não se demorou dessa vez. Decaiu rapidamente. Apressou-se em nos deixar. No entanto, embora o físico sucumbisse, mentalmente tornou-se mais forte do que jamais a tínhamos visto. Dia a dia, quando percebia com que atitude ela enfrentava o sofrimento, eu a contemplava com uma angústia de assombro e amor. Nunca vi nada semelhante; de fato, nunca vi quem a ela se assemelhasse em nada. Mais forte que um homem, mais simples que uma criança, sua natureza era única. O terrível era que, embora cheia de piedade pelos outros, não demonstrava nenhuma piedade por si mesma; o espírito era inexorável à carne; exigia da mão trêmula, dos membros combalidos, dos olhos desbotados o mesmo serviço que prestaram na saúde. Estar a postos e testemunhar isso, não ousar protestar, foi uma dor que palavra alguma pode transmitir.

Dois meses cruéis de esperança e medo se passaram dolorosamente, e chegou por fim o dia em que os terrores e as dores da morte se impuseram a esse tesouro, que havia se tornado cada vez mais caro aos nossos corações à medida que se consumia diante de nossos olhos. No final daquele dia, não tínhamos nada de Emily a não ser seus restos mortais tais como deixados pela consumpção. Ela morreu no dia 19 de dezembro de 1848.

Julgamos que isso era o bastante, mas estávamos completa e arrogantemente enganadas. Ela ainda não fora enterrada e Anne já adoecia. Não fazia duas semanas que ela fora entregue ao túmulo, e já recebíamos a clara insinuação de que era preciso preparar nossos espíritos para ver a irmã mais jovem acompanhar a mais velha. Assim, ela seguiu o mesmo caminho, num

passo mais lento e com uma paciência que igualava a força moral da outra. Eu disse que ela era religiosa, e foi apoiando-se nessas doutrinas cristãs em que acreditava firmemente que encontrou sustento ao longo de sua jornada de extrema dor. Testemunhei a eficácia dessas doutrinas em sua última hora e na maior provação, e devo dar meu testemunho do calmo triunfo com que elas lhe permitiram atravessá-las. Ela morreu no dia 28 de maio de 1849.

Que mais devo falar sobre elas? Não posso e não preciso dizer muito mais. No aspecto exterior, foram duas mulheres discretas; uma vida perfeitamente isolada deu-lhes maneiras e hábitos retraídos. Na natureza de Emily pareciam se encontrar os extremos do vigor e da simplicidade. Sob uma cultura sem sofisticação, hábitos não artificiais e uma aparência sem ostentação, residiam um poder e um fogo secretos que poderiam ter conformado o cérebro e inflamado as veias de um herói. Mas ela não tinha nenhuma sabedoria mundana; suas capacidades não se adaptavam às questões práticas da vida; deixaria de defender seus direitos mais manifestos, de sopesar sua mais legítima vantagem. Deveria sempre se interpor um intérprete entre ela e o mundo. Sua vontade não era muito maleável e em geral se opunha a seu interesse. Seu temperamento era magnânimo, mas cáldo e inesperado; seu espírito, completamente inflexível.

O caráter de Anne era mais brando e mais dócil; ela queria a força, o fogo, a originalidade de sua irmã, mas fora bem contemplada com suas próprias virtudes, tranquilas. Paciente, abnegada, reflexiva e inteligente, uma reserva constitucional e a melancolia a situavam e mantinham na sombra, e cobriam sua mente, e em especial seus sentimentos, com um véu que raramente se erguia. Nem Emily nem Anne eram cultas; elas não pensavam em encher suas bilhas na fonte de outras mentes; sempre escreviam movidas pelo impulso da natureza, pelo que ditavam a intuição e as reservas de observação que sua experiência limitada lhes permitira acumular. Posso resumir tudo dizendo que para os estranhos elas não eram nada; mas, para aqueles que as tinham conhecido durante suas vidas inteiras na intimidade de uma relação estreita, eram genuinamente boas e verdadeiramente notáveis.

Esta nota foi escrita porque senti ser meu dever sagrado limpar a poeira de suas lápides e deixar seus queridos nomes livres de terra.

CURRER BELL

19 de setembro de 1850

⁹². Ver *The Palladium*, set 1850.

⁹³. “Deus contou os dias do teu reino e o levou ao fim”, Daniel 5:25. (N.T.)

PREFÁCIO DO ORGANIZADOR À NOVA EDIÇÃO DE *O morro dos ventos uivantes*

A_{CABO DE RELER} *O morro dos ventos uivantes*, e pela primeira vez vislumbrei com clareza o que são os seus supostos (e talvez reais) defeitos; tive uma noção definida da impressão que o livro causa em outras pessoas – estranhos que nada sabem sobre o autor; que desconhecem a localidade onde as cenas da história se situam; para quem os habitantes, os costumes, as características naturais dos morros remotos e dos pequenos povoados do West Riding de Yorkshire são coisas estranhas e alheias.

Para todas essas pessoas, *O morro dos ventos uivantes* deve parecer uma obra rude e estranha. As charnecas agrestes do norte da Inglaterra não podem ter interesse para elas; a língua, as maneiras, as próprias residências e os costumes domésticos dos dispersos habitantes desses distritos devem ser, para esses leitores, em grande medida ininteligíveis, e – quando inteligíveis – repulsivos. Homens e mulheres talvez por natureza muito calmos, de sentimentos moderados e de qualidade pouco marcada, que foram treinados desde o berço a observar a máxima uniformidade de maneiras e circunspecção de linguagem, dificilmente saberão compreender o linguajar rude e forte, as paixões arduamente manifestadas, as aversões desenfreadas e as parcialidades imprudentes de camponeses iletrados e fidalgos incultos das charnecas, que cresceram sem instrução e sem vigilância, exceto por parte de mentores tão rústicos quanto eles próprios. Da mesma maneira, uma grande parcela de leitores se ressentirá enormemente do uso nas páginas deste livro, com todas as suas letras, de palavras que se tornou costume representar apenas pela inicial e a última letra – um traço preenchendo o intervalo. É melhor que eu esclareça desde já que, quanto a isso, está fora de meu alcance formular um pedido de desculpas, pois eu mesmo considero recomendável escrever as palavras por extenso. Embora bem-intencionada, a prática de sugerir por letras isoladas esses expletivos de que as pessoas vulgares e violentas costumam guarnecer sua fala parece-me um procedimento frágil e fútil. Não posso dizer que bem ela faz, que sentimento poupa, que horror esconde.

Com relação à rusticidade de *O morro dos ventos uivantes*, admito a

acusação, pois sinto essa qualidade. Ele é rústico de ponta a ponta. É típico das charnecas, selvagem e nodoso como uma raiz de urze. Nem seria natural que fosse de outra maneira, sendo a autora ela própria nascida e criada nas charnecas. Sem dúvida, tivesse sua sorte sido lançada numa cidade, seus escritos, se é que ela escreveria alguma coisa, teriam outro caráter. Mesmo que o acaso ou o gosto a levassem a escolher tema semelhante, ela o teria tratado de outra maneira. Tivesse Ellis Bell sido uma dama ou um cavalheiro acostumado ao que é chamado de “o mundo”, sua visão de uma região remota e não reivindicada, bem como de seus habitantes, teria sido imensamente diferente da que foi de fato adotada pela moça do campo criada em casa. Sem dúvida teria sido mais ampla, mais abrangente; se teria sido mais original ou mais verdadeira, isso já não é tão certo. No que diz respeito ao cenário e à localidade, dificilmente poderia ser tão empática: Ellis Bell não os descreveu como alguém cujos olhos e gosto encontraram prazer na paisagem; seus morros nativos eram para ela muito mais que um espetáculo; eram o ambiente em que vivia e pelo qual vivia, tanto quanto as aves silvestres, suas inquilinas, ou a urze, seu produto. Suas descrições do cenário natural, portanto, são o que deveriam ser, e tudo o que deveriam ser.

No que tange à delineação do caráter humano, o caso é diferente. Sou obrigado a reconhecer que seu conhecimento prático dos camponeses entre os quais vivia era pouco maior que o de uma freira sobre os aldeões que por vezes transpõem os portões de seu convento. A índole de minha irmã não era naturalmente gregária; as circunstâncias favoreciam e fomentavam sua tendência ao isolamento; ela raramente cruzava a soleira de casa, exceto para ir à igreja ou dar uma caminhada pelos morros. Embora seu sentimento pelas pessoas à sua volta fosse benevolente, jamais procurou se comunicar com elas; tampouco, com raríssimas exceções, chegou a experimentar fazê-lo. No entanto, ela as conhecia: conhecia seus hábitos, sua linguagem, suas histórias de família; podia ouvir falar delas com interesse e falar sobre elas com detalhes minuciosos, pictóricos e precisos; mas *com* elas raramente trocava uma palavra. Decorria disso que o que sua mente recolhera sobre a realidade ligada a elas limitava-se muito exclusivamente aos traços trágicos e terríveis que a memória tende por vezes a registrar ao ouvir os relatos secretos de qualquer vizinhança rude. Sua imaginação, de feição mais sombria que alegre, mais poderosa que jovial, encontrou nesses traços material com que produzir criaturas como Heathcliff, Earnshaw, Catherine. Tendo formado esses seres, ela ignorava o que tinha feito. Se, lida em manuscrito, sua obra fazia o ouvinte estremecer sob a influência opressiva de naturezas tão inflexíveis e implacáveis, de espíritos tão perdidos e decaídos; se havia uma queixa de que ouvir certas cenas vívidas e terríveis tirava

o sono à noite e perturbava a paz mental durante o dia – Ellis Bell não compreendia o que se queria dizer e suspeitava que fosse afetação de quem assim se queixava. Tivesse ela apenas vivido, sua mente teria crescido por si mesma como uma árvore forte, mais altiva, mais direita, mais copada, e seus frutos amadurecidos teriam alcançado um sabor mais doce, uma floração mais luminosa. Contudo, sobre aquela mente só o tempo e a experiência podiam trabalhar; ela não era suscetível à influência de outros intelectos.

Tendo reconhecido que sobre grande parte de *O morro dos ventos uivantes* paira “o horror das trevas”, que em sua atmosfera tempestuosa e elétrica por vezes temos a impressão de respirar relâmpagos, permitam-me indicar aqueles pontos em que a luz de um dia nublado e o sol eclipsado ainda atestam sua existência. Para um espécime de verdadeira benevolência e prosaica fidelidade, vejam a personagem de Nelly Dean; para um exemplo de constância e ternura, observem a de Edgar Linton. (Alguns pensarão que essas qualidades não reluzem tanto encarnadas num homem como o fariam numa mulher, mas Ellis Bell nunca pôde ser levada a compreender essa noção: nada a perturbava mais que qualquer insinuação de que a fidelidade e a clemência, a paciente e amorosa bondade, consideradas virtudes nas filhas de Eva, tornam-se fraquezas nos filhos de Adão. Ela sustentava que misericórdia e perdão são os atributos mais divinos do Grande Ser que fez tanto o homem como a mulher, e que o que reveste a divindade de glória não pode desonrar nenhuma forma de débil humanidade.) Há um humor seco e amargo na delineação do velho Joseph, e alguns lampejos de graça e bom humor animam a Catherine mais jovem. E tampouco a primeira heroína com esse nome é desprovida de certa estranha beleza em sua paixão pervertida e em sua perversidade apaixonada.

Heathcliff, de fato, permanece não redimido; nunca se desvia de seu curso certo rumo à perdição, desde o momento em que “a coisinha morena de cabelo preto, tão escura que mais parece ter vindo do Diabo”, foi desenrolada da trouxa e posta de pé na cozinha da casa até a hora em que Nelly Dean encontrou o cadáver, firme e sinistro, deitado de costas na cama com painéis, com olhos arregalados que pareciam “zombar de sua tentativa de fechá-los, e lábios entreabertos com dentes brancos e afiados que zombavam também”.

Heathcliff revela um único sentimento humano, e *não* é seu amor por Catherine, que é um sentimento arrebatado e desumano: uma paixão que poderia ferver e fulgurar na perversa essência de um gênio mau, um fogo que poderia formar o cerne atormentado, a alma em perpétuo sofrimento de um senhor do mundo infernal; e que, por sua insaciável e incessante devastação, promove a execução da sentença que o condena a carregar o Inferno consigo para onde quer

que vá. Não. O único elo que vincula Heathcliff à humanidade é o afeto que rudemente confessa sentir por Hareton Earnshaw – o jovem a quem arruinou; e sua semi-insinuada estima por Nelly Dean. Se omitimos esses traços isolados, diríamos que ele não era filho nem de um lascar nem de um cigano, mas uma forma de homem animada por uma vida demoníaca – um *ghoul*, um *ifrit*.⁹⁴

Se é certo ou aconselhável criar seres como Heathcliff, não sei: não creio que seja. Mas disso eu sei: o escritor dotado da dádiva criativa possui algo que nem sempre domina – algo que por vezes, estranhamente, deseja e age por si mesmo. Ele pode estabelecer regras e criar princípios, e essa dádiva continuará submetida a regras e princípios talvez durante anos; e então, por acaso e sem qualquer aviso de revolta, chega um momento em que ela não mais consentirá em “escavar os vales ou ficar acorrentado ao arado” – quando ele “ri da multidão na cidade, e não se importa com os gritos do condutor” –,⁹⁵ quando, recusando-se absolutamente a continuar fazendo cordas com areia do mar, ele passa a fazer estátuas, e temos um Plutão ou um Júpiter, uma Tisífone ou uma Psiquê, uma Sereia ou uma Madona, conforme o Destino ou a Inspiração determinem. Seja a obra cruel ou gloriosa, medonha ou divina, a você resta pouca escolha senão a serena aceitação. Quanto a você – o artista nominal –, sua participação nisso foi trabalhar passivamente sob ditados que você nem proferiu, nem poderia questionar – que não seriam pronunciados em suas preces, nem suprimidos ou alterados segundo o seu capricho. Se o resultado for atraente, o mundo o elogiará, a você, que pouco merece elogios; se for repulsivo, o mesmo mundo lhe censurará, a você, que quase tampouco merece censura.

O morro dos ventos uivantes foi talhado numa oficina rústica, com ferramentas simples, a partir de materiais grosseiros. O escultor encontrou um bloco de granito numa charneca solitária; contemplando-o, viu como daquele rochedo seria possível extrair uma cabeça selvagem, morena, sinistra; uma forma moldada com pelo menos um elemento de grandeza – a força. Ele trabalhou com um rude cinzel e sem nenhum modelo, a não ser o que via em suas meditações. Com tempo e trabalho, o rochedo assumiu forma humana; e lá está ele, colossal, sisudo e sombrio, meio estátua, meio rocha: no primeiro sentido, terrível e semelhante a um goblin; no segundo, quase belo, pois seu colorido é de um cinza suave, e o musgo da charneca o reveste; e a urze, com suas campânulas em flor e sua fragrância balsâmica, cresce fielmente próximo ao pé do gigante.

[94](#). Potente ser do mal da mitologia árabe. Para *ghoul*, ver nota 56 do livro. (N.T.)

[95](#). A alusão é a Jó 39:7, 10. (N.T.)

CRONOLOGIA

Vida e obra de Emily Brontë

1818 | 30 jul: Nasce Emily Jane Brontë em Thornton, oeste do condado de Yorkshire, norte da Inglaterra. Filha do reverendo Patrick Brontë e de Maria Branwell, Emily é a quinta criança de uma família de cinco meninas e um menino.

1820 | 17 jan: Nasce Anne, irmã mais nova de Emily e filha caçula do casal Brontë. | **20 abr:** A família muda-se para Haworth, também oeste do condado de Yorkshire, onde Patrick fora nomeado cura perpétuo.

1821 | 15 set: Morre Maria Branwell, vítima de câncer. Elizabeth Branwell, sua irmã, vem morar com a família para ajudar o cunhado a criar os sobrinhos.

1824: As mais velhas das irmãs Brontë, Maria, Elizabeth e Charlotte, são enviadas ao internato para meninas Clergy Daughter, em Cowan Bridge. | **25 nov:** Emily segue para o mesmo internato. Todas as irmãs viverão sob péssimas condições, sofrendo maus-tratos, e enfrentarão uma epidemia de tuberculose (ou febre tifoide, conforme algumas fontes).

1825 | 6 mai: Maria Brontë morre vítima de tuberculose. | **1º jun:** As irmãs Brontë retornam a Haworth. | **15 jun:** Morre Elizabeth Brontë, também por tuberculose.

1825-30: As crianças Brontë passam então a estudar em casa. Charlotte, Emily, Anne e o irmão Patrick dedicam seu tempo aos livros e criam ciclos de histórias que se passam em lugares fictícios: Angria e Gondal.

1835: Charlotte torna-se professora no colégio Roe Head, em Londres. | **29 jul:** Emily ingressa, como estudante, na mesma instituição, mas regressa a Haworth em outubro.

1837 | Set: Emily vai lecionar na escola de Law Hill, em Halifax, mas problemas de saúde a obrigam a retornar a Haworth, em março seguinte.

1842 | 12 fev: Charlotte e Emily vão para Bruxelas, onde frequentam o Pensionato Héger, tendo contato com o respeitado pedagogo Constantin Héger. Nesse período, elas também estudam francês e alemão, com o intuito de montarem uma escola. | **29 out:** Morte da tia, Elizabeth Branwell. | **8 nov:** Charlotte e Emily retornam para casa.

1844: A tentativa das irmãs de montarem uma escola em Haworth fracassa. Emily revê todos os poemas que havia escrito e organiza-os em dois cadernos.

1845: Emily começa a escrever *O morro dos ventos uivantes*. Charlotte descobre os cadernos de poesia e com muito esforço a convence a publicá-los em um volume conjunto das três irmãs.

1846 | Mai: Sob os pseudônimos de Currer, Ellis e Acton Bell – que não identificavam o gênero dos autores e assim garantiam uma avaliação imparcial dos escritos –, as irmãs lançam seus poemas por uma pequena editora; um ano mais tarde, o livro vendera apenas dois exemplares. Emily conclui *O morro dos ventos uivantes*, seu primeiro e único romance, que é contratado pela Thomas Cautley Newby Publisher, de Londres. Charlotte e Anne Brontë também têm romances aceitos para publicação.

1847 | Out: Publicação de *Jane Eyre*, primeiro romance de Charlotte Brontë, por Smith, Elder & Co. | **Dez:** Publicação de *O morro dos ventos uivantes*, em edição conjunta com *Agnes Grey*, de Anne Brontë, ainda sob os pseudônimos de Ellis e Acton Bell. Embora não seja aclamado imediatamente, *O morro dos ventos uivantes* chama a atenção dos críticos da época por sua força narrativa e capacidade de impactar o leitor.

1848 | 24 set: Morre Patrick Branwell, vítima de uma tuberculose disfarçada pelo consumo abusivo de álcool. | **19 dez:** Aos trinta anos apenas, Emily Brontë morre, também em decorrência de tuberculose. É sepultada no mausoléu da família, na igreja de St. Michael and All Angels, em Haworth.

1849 | 28 mai: Como os irmãos, Anne Brontë também sucumbe à tuberculose.

1850: Charlotte Brontë organiza uma nova edição de *O morro dos ventos uivantes* e *Agnes Grey*, incluindo uma nota biográfica em que revela a verdadeira identidade e gênero de Ellis e Acton Bell.

1855 | 31 mar: Morre Charlotte Brontë, mais uma vítima da tuberculose na família. Estava no início de uma gravidez, fruto de seu casamento com Arthur Bell Nicholls no ano anterior.

1861 | 7 jun: Aos 84 anos e após enterrar sua esposa e seus seis filhos, morre o reverendo Patrick Brontë.

CLÁSSICOS ZAHAR
em edição comentada e ilustrada

Persuasão*
Jane Austen

Sherlock Holmes (9 vols.)*
A terra da bruma
Arthur Conan Doyle

As aventuras de Robin Hood*
O conde de Monte Cristo*
A mulher da gargantilha de veludo e outras histórias de terror
Os três mosqueteiros*
Alexandre Dumas

O melhor do teatro grego
Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes

O corcunda de Notre Dame*
Victor Hugo

Os livros da Selva
Rudyard Kipling

O Lobo do Mar*
Jack London

Carmen e outras histórias
Prosper Mérimée

O Ateneu
Raul Pompeia

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda*
Howard Pyle

Os Maias
Eça de Queirós

Drácula
Bram Stoker

Contos de fadas*
Maria Tatar (org.)

20 mil léguas submarinas*
A ilha misteriosa
Viagem ao centro da Terra
Jules Verne

A besta humana
Émile Zola

* Disponível também em edição bolso de luxo
Veja a lista completa da coleção em zahar.com.br/classicoszahar

Copyright da tradução © 2016, Adriana Lisboa

Copyright desta edição © 2016:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial
Produção do arquivo ePub: [Rejane Megale](#)

Edição: junho 2016
ISBN: 978-85-378-1578-6



Viagem ao centro da terra

Verne, Jules

9788537815618

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos maiores clássicos da ficção científica, escrito pelo mesmo autor de 20 mil léguas submarinas e A ilha misteriosa

"Vamos descer, descer, sempre descer! Como sabe, para chegar ao centro do globo temos apenas mais seis mil quilômetros a atravessar!"

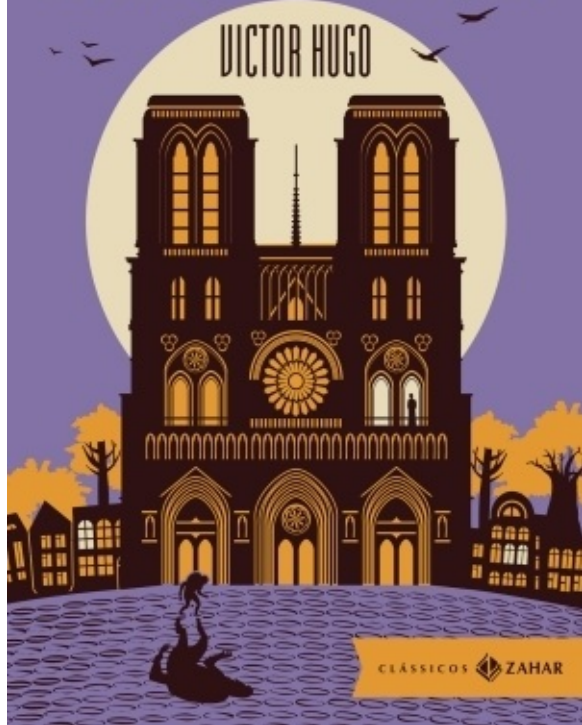
Em 1863 o renomado professor Otto Lidenbrock, geólogo e mineralogista, descobre uma mensagem cifrada descrevendo uma viagem ao centro da Terra. É o quanto basta para o impetuoso cientista se lançar na mesma aventura - levando consigo o sobrinho Axel, colega de profissão mas defensor de diferentes teorias científicas, e o impassível Hans, guia que se mostrará indispensável para a empreitada e seu espantoso desfecho!


Rios de lava, mares subterrâneos, os primórdios da vida no planeta, fauna e flora pré-históricos, múmias de homens primitivos... Fruto da imaginação e do conhecimento de um dos pais da ficção científica, Viagem ao centro da Terra é uma das obras mais originais e ousadas de seu tempo. Essa edição traz texto integral, excelente apresentação, cerca de 30 ilustrações originais, mais de 150 notas e cronologia e obra de Jules Verne - um dos escritores mais traduzidos em toda a história. A versão impressa apresenta ainda capa dura e acabamento de luxo.

[Compre agora e leia](#)

O CORCUNDA DE NOTRE DAME

VICTOR HUGO



CLÁSSICOS  ZAHAR

O corcunda de Notre Dame

Hugo, Victor
9788537813980
624 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um clássico do romantismo francês que vai muito além da história de um amor impossível.

Na Paris do século XV, a cigana Esmeralda dança em frente à catedral de Notre Dame. Diante da sua beleza, curvam-se o poeta Pierre Gringoire, o arquidiácono Claude Frollo, o disforme sineiro Quasímodo e o capitão Phoebus de Châteaupers.

O corcunda de Notre Dame, de Victor Hugo, retrata uma Paris ainda gótica que testemunha o fim de uma época e o início de outra.

Essa edição traz texto integral e cerca de 30 ilustrações da época. Em sua versão impressa apresenta capa dura e acabamento de luxo.

[Compre agora e leia](#)

Inclui posfácio do autor sobre o Brasil

REDES Manuel Castells DE INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA



Movimentos sociais
na era da internet



Redes de indignação e esperança

Castells, Manuel
9788537811153
272 páginas

[Compre agora e leia](#)

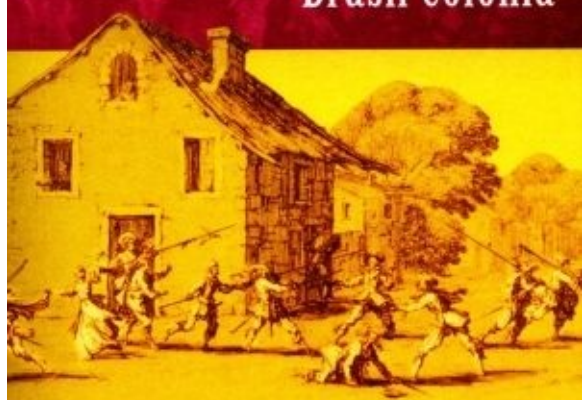
Principal pensador das sociedades conectadas em rede, Manuel Castells examina os movimentos sociais que eclodiram em 2011 - como a Primavera Árabe, os Indignados na Espanha, os movimentos Occupy nos Estados Unidos - e oferece uma análise pioneira de suas características sociais inovadoras: conexão e comunicação horizontais; ocupação do espaço público urbano; criação de tempo e de espaço próprios; ausência de lideranças e de programas; aspecto ao mesmo tempo local e global. Tudo isso, observa o autor, propiciado pelo modelo da internet.

O sociólogo espanhol faz um relato dos eventos-chave dos movimentos e divulga informações importantes sobre o contexto específico das lutas. Mapeando as atividades e práticas das diversas rebeliões, Castells sugere duas questões fundamentais: o que detonou as mobilizações de massa de 2011 pelo mundo? Como compreender essas novas formas de ação e participação política? Para ele, a resposta é simples: os movimentos começaram na internet e se disseminaram por contágio, via comunicação sem fio, mídias móveis e troca viral de imagens e conteúdos. Segundo ele, a internet criou um "espaço de autonomia" para a troca de informações e para a partilha de sentimentos coletivos de indignação e esperança - um novo modelo de participação cidadã.

[Compre agora e leia](#)

JORGE ZAHAR EDITOR

Rebeliões no Brasil Colônia



LUCIANO FIGUEIREDO

Descobrindo o Brasil

Rebeliões no Brasil Colônia

Figueiredo, Luciano

9788537807644

88 páginas

[Compre agora e leia](#)

Inúmeras rebeliões e movimentos armados coletivos sacudiram a América portuguesa nos séculos XVII e XVIII. Esse livro propõe uma revisão das leituras tradicionais sobre o tema, mostrando como as lutas por direitos políticos, sociais e econômicos fizeram emergir uma nova identidade colonial.

[Compre agora e leia](#)



razões da crítica

LUIZ CAMILLO OSORIO

arte.

JORGE ZAHAR EDITOR

Razões da crítica

Osorio, Luiz Camillo

9788537807750

70 páginas

[Compre agora e leia](#)

Entre tudo poder ser arte e qualquer coisa de fato ser arte reside uma diferença fundamental. Esse livro discute o papel e os lugares da crítica na atualidade, bem como sua participação no processo de criação e disseminação de sentido, deslocando-a da posição de juiz para a de testemunha.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Sumário](#)

[Apresentação](#)

[O morro dos ventos uivantes](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Anexos](#)

[Nota biográfica sobre Ellis e Acton Bell](#)

[Prefácio do organizador à nova edição de O morro dos ventos uivantes](#)

[Cronologia](#)

[Copyright](#)